

"Bernard Cornwell é um milagre literário."
– Daily Mail

A man with a beard and a wide-brimmed hat is shown from the chest up. He is holding two pistols, one in each hand, with the barrels pointed upwards. He is looking down at a map that is spread out in front of him. The map is old and has various markings and text on it. The background is dark and textured.

T R A I D O R

*As Crônicas de
Nathaniel Starbuck*

Bernard
Cornwell



FICHA TÉCNICA



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Traidor - As Crónicas de Nathaniel Starbuck* AUTORIA: *Bernard Cornwell* EDITOR: *Luís Corte Real* Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência, Lda.

Título original Copperhead © 1994 Bernard Cornwell.

Publicado originalmente na Grã-Bretanha por HarperCollinsPublishers, 1995

TRADUÇÃO: *Luís Santos* REVISÃO: *Saída de Emergência* DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência* ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência* DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Outubro, 2014*

ISBN: 978-989-637-700-7

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082

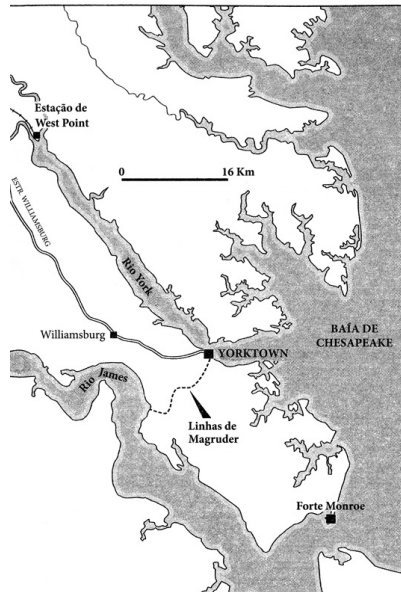
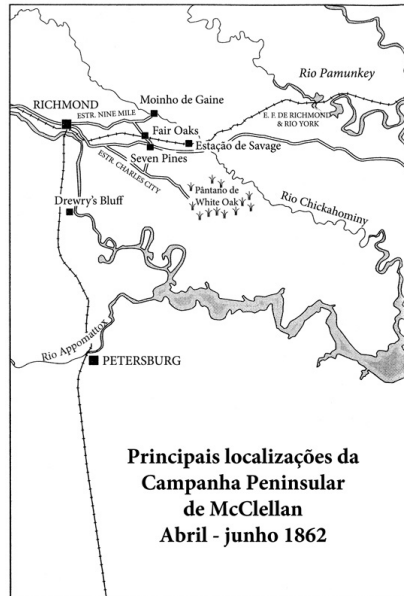
S. Pedro do Estoril, Portugal TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

CITAÇÃO

Traidor é dedicado ao Bill e à Anne Moir

MAPA



PARTE UM

A invasão teve início à meia-noite.

A bem da verdade, não se tratava de uma invasão, mas sim apenas de um ataque forte contra um acampamento rebelde que uma patrulha avistara entre a mata densa que encimava a falésia alta da margem virginiana do rio. Contudo, para os dois mil homens que esperavam para atravessar a agitada massa cinzenta do rio Potomac, a ação daquela noite parecia mais decisiva do que uma mera incursão. Aquele combate do outro lado do rio era a sua oportunidade de provar que os críticos estavam errados. Soldados de infantário, assim lhes chamara um jornal: com uma formação maravilhosa e uma bela recruta, mas demasiado preciosos para se sujarem durante uma batalha. Todavia, naquela noite, os desprezados soldados do infantário iriam lutar. Naquela noite, o Exército do Potomac levaria ferro e fogo a um acampamento rebelde e, se tudo corresse bem, prosseguiriam o seu caminho para ocupar a vila de Leesburg, três quilómetros além do acampamento inimigo. Os soldados expectantes imaginavam os habitantes embaraçados da povoação virginiana ao verem uma vez mais a bandeira da União desfraldada na sua comunidade, e depois imaginaram-se a marchar para sul, ainda mais para baixo, até que a rebelião fosse esmagada e a América voltasse a ficar unida, em paz e fraternidade.

— Seu sacana! — bradou uma voz na margem do rio, onde um grupo de trabalho lançara à água um barco que fora trazido do Canal Chesapeake e Ohio, ali perto. Um dos elementos do grupo escorregara no barro, deixando cair a popa da embarcação em cima do pé de um sargento. — Imprestável de merda, grande sacana! — O sargento afastou-se do barco, a saltitar.

— Desculpe — lamentou-se o homem, nervoso.

— Eu dou-te as desculpas, seu estafermo!

— Silêncio! Toca a calar! — Um oficial, resplandecente com o novo sobretudo debruado, com toda a elegância, a vermelho, desceu a margem íngreme e ajudou a levantar o esquife em direção à água plúmbea do rio, de onde se erguia uma leve névoa que encobria a margem oposta. Labutavam debaixo de uma Lua alta, num céu sem nuvens e com uma extensão de estrelas tão brilhantes e limpas que pareciam um augúrio de êxito. Estava-se em outubro, o mês fragrante em que o ar cheirava a maçãs e a fumo de lenha, quando os dias de calor intenso do verão davam lugar ao tempo fresco com promessa suficiente

a inverno para convencer os soldados a usar os belos sobretudos novos, da mesma cor da neblina vagarosa do rio.

Os primeiros barcos deixaram, atrapalhados, a margem. Os remos soaram com estrépito nos toletes, depois mergulharam na água e agitaram-se enquanto as embarcações penetravam no nevoeiro. Os homens, que momentos antes eram criaturas lentas a praguejar, à medida que desciam a encosta barrenta até aos barcos desajeitados, transformavam-se misteriosamente em silhuetas de guerreiros, de contornos tornados irregulares pelas armas, que deslizavam num silêncio nobre através da noite vaporosa na direção das sombras nebulosas da margem inimiga. O oficial que admoestara o sargento fitou, melancólico, a superfície da água.

— Será — comentou baixinho para os homens à sua volta — que foi assim que Washington se sentiu na noite em que atravessou o Delaware?

— Quer-me parecer que essa noite foi muito mais fria — replicou um segundo oficial, um jovem estudante de Boston.

— Não vai tardar muito a arrefecer por aqui também — lembrou o primeiro oficial, um major. — Só faltam dois meses para o Natal. — Quando o major marchara para a guerra, os jornais prometiam que no outono a rebelião teria chegado ao fim, mas agora o major interrogava-se se estaria em casa com a esposa e os três filhos para os rituais familiares da época festiva. Na Véspera de Natal cantavam cânticos de Natal no parque de Boston, com o rosto das crianças iluminadas por lanternas penduradas em postes, e depois havia ponche quente e fatias de ganso assado na sacristia da igreja. Depois, no dia de Natal, visitavam a fazenda dos pais da esposa em Stoughton, onde aparelhavam os cavalos e as crianças riam-se, deliciadas, enquanto trotavam pelas estradas campestres no meio de uma nuvem de neve e do retinir dos sinos do trenó.

— Também acho que a organização do general Washington era superior à nossa — tornou o estudante transformado em tenente com um tom divertido. Chamava-se Holmes e era esperto o suficiente para espantar os superiores, mas regra geral mostrava inteligência quanto bastasse para não deixar que essa esperteza lhes alienasse a afeição.

— Tenho a certeza que a nossa organização bastará — respondeu o major, talvez um tudo-nada defensivamente a mais.

— Tenho a certeza que terá razão — asseverou o tenente Holmes, embora não tivesse, de todo, a certeza de tal facto. Três regimentos de tropas nortistas estavam à espera para atravessar, e só tinham três pequenos barcos para os levarem desde a margem de Maryland até à ilha próxima da margem oposta do rio, onde os soldados teriam de aguardar antes de voltarem a embarcar em outros dois barcos para a breve travessia final até ao território da Virgínia. Sem dúvida estariam a atravessar o rio no ponto mais próximo do acampamento inimigo, mas o tenente Holmes não compreendia por que motivo não teriam atravessado quilómetro e meio a montante, onde não havia ilha a obstruir o rio. Talvez, imaginou Holmes, aquele fosse um ponto de passagem tão improvável que os rebeldes nem sequer teriam pensado em guardá-lo, algo que parecia a melhor explicação possível.

Claro que se a escolha do ponto de travessia era obscura, pelo menos o objetivo daquela noite era claro. A expedição iria escalar as escarpas da Virgínia para atacar o acampamento rebelde e capturar tantos confederados quanto possível. Alguns rebeldes escapariam, mas esses fugitivos veriam o caminho bloqueado por uma segunda força ianque que atravessava o rio oito quilómetros a jusante. Essa força iria cortar a estrada que ligava Leesburg ao quartel-general rebelde em Centreville, e aprisionar as forças rebeldes derrotadas daria ao Norte uma vitória pequena, mas significativa que serviria para provar que o Exército do Potomac podia fazer mais do que apenas treinar e apresentar paradas impressionantes. A captura de Leesburg seria um bónus agradável, mas o verdadeiro objetivo da noite era provar que o acabado de treinar Exército do Potomac estava pronto e era capaz de fustigar os rebeldes.

Era por isso que os pequenos barcos se aventuravam para um lado e para o outro no meio da neblina. Cada travessia parecia demorar uma eternidade e para os homens impacientes na margem de Maryland, as fileiras que aguardavam pareciam nunca diminuir. O 15º do Massachusetts atravessava primeiro e alguns dos soldados do 20º do Massachusetts receavam que o regimento irmão capturasse o acampamento inimigo muito antes de os barcos concluírem o transporte do 20º pelo rio. Tudo parecia lento e atabalhado. Enquanto os soldados abordavam os barcos a remos, as coronhas das espingardas ressoavam nos talabardões e as bainhas das baionetas prendiam-se na vegetação à borda da água. Às duas da manhã encontrou-se a montante um barco maior, o qual foi

trazido até ao ponto da travessia, onde foi recebido com um viva irónico. Ao tenente Holmes parecia que os homens à espera faziam muito barulho, o suficiente, por certo, para alertar quaisquer rebeldes que pudessem estar de guarda à margem da Virgínia, mas não sou qualquer desafio no meio da neblina, nem tampouco ecoaram disparos na elevada encosta arborizada que se erguia, ominosa, além da ilha.

— Esta ilha tem nome? — perguntou o tenente Holmes ao major que falara, com tanto anelo, sobre o Natal.

— Ilha Harrison, creio eu. Sim, Harrison.

Ao tenente Holmes parecia um nome de todo sonante. Preferiria algo mais nobre a marcar o batismo de fogo do 20º do Massachusetts. Talvez um topónimo com o timbre férreo de Valley Forge, ou a nobreza simples de Yorktown. Algo que ecoasse nos anais da História e que ficasse bem ao ser bordado no estandarte de batalha do regimento. Ilha Harrison soava demasiado prosaico.

— E a colina além? — indagou, esperançoso. — Na outra margem?

— Chama-se Ball's Bluff — respondeu o major, e isso sou ainda menos heroico. A batalha de Ball's Bluff parecia um jogo de póquer e não o acontecimento extraordinário que marcaria o regresso das armas nortistas.

Holmes aguardou junto à sua companhia. Seriam os primeiros do 20º do Massachusetts a atravessar e, logo, a parte do regimento com maior probabilidade de entrar numa escaramuça, caso o 15º não tivesse já capturado o acampamento. Tal possibilidade de batalha deixava os homens nervosos. Nenhum deles entrara ainda em combate, embora todos eles já tivessem ouvido narrativas sobre a batalha travada em Bull Run, três meses antes, e sobre como as fileiras rebeldes de fardas cinzentas tinham conseguido manter-se unidas tempo suficiente para obrigar o exército federal, mais numeroso, a bater uma retirada em pânico. Claro que nenhum dos elementos do 20º do Massachusetts pensava que viessem a sofrer um destino semelhante. Estavam soberbamente equipados, eram bem treinados, tinham a liderança de um soldado profissional e acreditavam serem capazes de derrotar qualquer rebelde. Correriam riscos, como era óbvio — esperavam, e até queriam, algum perigo — mas o trabalho dessa noite seria coroado com uma vitória.

Um dos barcos que regressava da Ilha Harrison trazia a bordo um capitão do 15º do Massachusetts que atravessara com as primeiras tropas e que voltava

agora para fazer o seu relatório aos comandantes dos regimentos à espera. O capitão escorregou ao saltar da proa do barco e teria caído se o tenente Holmes não tivesse estendido a mão para o segurar.

— Está tudo sossegado no Potomac? — perguntou Holmes jocosamente.

— Está tudo sossegado. — O capitão pareceu desapontado. — Tudo demasiado calmo. Lá em cima nem sequer há um acampamento inimigo.

— Não há tendas? — indagou o tenente Holmes, surpreendido. — Deveras? — Esperava que a voz soasse adequadamente desapontada, tal como seria de esperar de um guerreiro que via negada uma oportunidade de combate. Em parte sentia-se mesmo desiludido, pois ansiara pela excitação, mas tinha igualmente noção do alívio embaraçoso de saber que talvez não houvesse qualquer inimigo à espera na falésia distante.

O capitão endireitou a casaca.

— Sabe Deus o que aquela patrulha julgou ter visto ontem à noite, mas nós não encontrámos nada. — Afastou-se com a informação, enquanto o tenente Holmes passava palavra à sua companhia. Não havia inimigos à espera do outro lado do rio, o que significava que, provavelmente, a expedição marcharia agora para ocupar Leesburg. Um sargento quis saber se haveria tropas rebeldes em Leesburg e Holmes viu-se obrigado a admitir a sua ignorância, mas o major, escutando a conversa, adiantou que, quando muito, teriam apenas uma mancha de elementos da Milícia da Virgínia, provavelmente equipados com as mesmas armas com que os avós tinham combatido os britânicos. O major disse ainda que a sua nova missão seria capturar a colheita que acabara de ser depositada nos celeiros e nos armazéns de Leesburg, e que embora tais suprimentos se tratassem de um alvo militar legítimo, a restante propriedade privada deveria ser respeitada.

— Não estamos aqui para combater contra os lares de mulheres e crianças — alertou severamente o major. — Temos de mostrar aos secessionistas que as tropas nortistas são suas amigas.

— Amém — respondeu o sargento. Era um pregador laico que tentava livrar o regimento dos pecados dos jogos de cartas, do álcool e das mulheres.

Os últimos elementos do 15º do Massachusetts chegou à ilha e os soldados de casaca cinzenta de Holmes arrastaram-se margem abaixo para aguardar pela sua vez de entrar nos barcos. Havia uma sensação de desilusão entre os homens.

Tinham antecipado uma caçada movimentada pela mata, mas em vez disso parecia que se limitariam a desarmar uma povoação de velhos dos seus mosquetes.

Nas sombras da margem da Virgínia, uma raposa atacou e um coelho morreu. O grito do animal foi repentino e agudo, tendo cessado quase assim que começou, ficando para trás apenas o cheiro do sangue e o eco da morte no bosque escuro e adormecido.

O capitão Nathaniel Starbuck chegou ao acampamento do regimento às três da madrugada. A noite estava limpa, iluminada pelas estrelas e pela Lua, com um mero vestígio de neblina nos baixios. Caminhara desde Leesburg e sentia-se exausto quando chegou ao prado onde as tendas e os abrigos da Legião se alinhavam, em quatro filas ordeiras. Uma sentinela da Companhia C acenou afavelmente ao jovem oficial de cabelo preto.

— Ouviu o coelho, meu capitão?

— Willis? Chama-se Willis, não é? — perguntou Starbuck.

— Bob Willis.

— Não devia intimar-me, Bob Willis? Não devia apontar a espingarda, exigir a senha e abater-me se não dissesse a correta?

— Sei quem o meu capitão é. — O sorriso rasgado de Willis brilhou ao luar.

— Da maneira que me sinto, se me tivesse dado um tiro, era um favor que me fazia. O que é que o coelho lhe disse?

— Gritou como se estivesse a morrer, meu capitão. Deve ter sido apanhado por uma raposa.

Starbuck arrepiou-se com o prazer na voz da sentinela.

— Boa-noite, Willis, e que os anjos o embalem ao adormecer. — Starbuck prosseguiu caminho entre os restos das fogueiras dessa noite e o punhado de tendas cónicas onde dormiam alguns dos homens da Legião Faulconer. A maioria das tendas do regimento perdera-se no caos do campo da batalha de Manassas, pelo que o grosso dos regimentos dormia ao relento, ou em abrigos feitos com ramos e ervas. Um lume tremeluzia entre os abrigos da Companhia K de Starbuck e um homem ergueu o olhar à aproximação do jovem oficial.

— Sóbrio? — indagou o homem.

— O sargento Truslow está acordado — declarou Starbuck. — O Truslow nunca dorme? Estou perfeitamente sóbrio. Por acaso estou sóbrio como um

pregador.

— Já me cruzei com alguns pregadores bêbados — referiu o sargento Truslow num tom amargo. — Em Rosskill há um batista ranhoso que não é capaz de dizer o Pai-Nosso sem primeiro engolir uma boa dose de uísque. Uma vez quase se afogou, quando estava a tentar batizar um bando de carpideiras no rio atrás da igreja. Elas todas a rezar e ele tão perdido de bêbado que nem se segurava de pé. Então e o que estiveste a fazer? Andaste às gatas?

“Andar às gatas” era a expressão pejorativa do sargento para se referir a alguém que andava atrás de mulheres. Starbuck fingiu ponderar sobre a questão enquanto se instalava ao lado da fogueira, após o que aquiesceu.

— Andei às gatas, sargento.

— Com quem?

— Um cavalheiro não revela essas coisas.

Truslow resmungou. Era um homem baixo e entroncado de expressão dura que comandava a Companhia K com uma disciplina nascida do medo, embora não se tratasse de receio da violência física por parte de Truslow, mas sim do seu desprezo. A sua aprovação era procurada pelos outros homens, talvez por parecer um mestre no seu mundo brutal muito próprio. Em tempos fora agricultor, ladrão de cavalos, soldado, assassino, pai e marido. Agora era viúvo e, pela segunda vez na vida, soldado, alguém que imbuía o seu ofício de um ódio puro e simples pelos Ianques. Isso era algo que fazia com que a amizade que nutria pelo capitão Nathaniel Starbuck fosse ainda mais misteriosa, já que Starbuck era um ianque.

Starbuck vinha de Boston, sendo o segundo filho do reverendo Elial Starbuck, famoso por fustigar o Sul, temível opositor da escravatura e pregador apaixonado, cujos sermões impressos fizera estremecer as consciências culpadas de todo o mundo cristão. Nathaniel Starbuck estava a caminho de ser, ele próprio, ordenado, quando uma mulher o fizera cair em tentação, afastando-o dos estudos no seminário da Universidade de Yale. Essa mulher abandonara-o em Richmond, onde, demasiado assustado para regressar a casa e enfrentar a terrível fúria do pai, Starbuck acabara por se juntar ao exército dos Estados Confederados da América.

— Foi aquela cabra de cabelo amarelo? — quis saber Truslow. — Aquela que conhecestes no encontro de oração, depois do serviço?

— Ela não é uma cabra, sargento — replicou Starbuck com uma dignidade sofrida. Truslow respondeu cuspiendo para o lume e Starbuck abanou a cabeça, com tristeza. — Nunca procurou o conforto de uma companhia feminina, sargento?

— Quando me comportava como um gato selvagem, queres tu dizer? É claro que sim, mas tirei isso do sistema antes de ter barba. — Truslow fez uma pausa, talvez a pensar na esposa, que jazia na sua cova solitária, nas montanhas. — Então e onde é que a cabra amarela tem o marido?

Starbuck bocejou.

— Está com as forças do Magruder, em Yorktown. É major da artilharia.

Foi a vez de Truslow abanar a cabeça.

— Um dia destes vais ser apanhado e arrancam-te as tripas à pancada.

— Isso é café?

— Segundo dizem. — Truslow serviu uma caneca do líquido espesso e doce ao seu capitão. — Dormiste alguma coisa?

— Dormir não era o objetivo do serão.

— És tal e qual todos os filhos de pregadores, não és? Basta dar-te o cheiro a pecado e vais logo chafurdar-te nele, como um porco na lama. — A voz de Truslow deixava transparecer toda a sua desaprovação, não por antipatizar com mulherengos, mas por saber que a sua própria filha contribuíra para a educação de Starbuck. Afastada do pai, Sally Truslow era agora uma prostituta em Richmond. O facto era fonte de grande vergonha para Truslow, e mesmo sentindo-se desconfortável por saber que Starbuck e Sally tinham sido amantes, também via nessa amizade a única hipótese de salvação da filha. A vida, por vezes, parecia bastante complicada, mesmo para um homem tão prosaico como Thomas Truslow. — Então e o que é que aconteceu a todas as leituras que fizeste da Bíblia? — perguntou ao oficial, referindo-se às tentativas pouco empenhadas de regresso a uma vida piedosa que Starbuck ainda encetava de vez em quando.

— Sou um apóstata, sargento — atirou Starbuck prontamente, embora, a bem da verdade, a sua consciência não estivesse tão tranquila como o sugerido pelo tom superficial. Atormentado pelo receio do Inferno, por vezes sentia-se tão encurralado no pecado que imaginava nunca vir a ser capaz de obter o perdão de Deus. Nesses momentos agonizava com os remorsos, mas chegado à noite dava consigo impelido de volta àquilo que o tentava.

Recostou-se contra o tronco de uma macieira e deu um gole de café. Starbuck era alto e magro, endurecido por uma campanha militar, e tinha cabelo comprido que emoldurava o rosto angular e escanhado. Quando a Legião entrava a marchar numa vila, ou numa aldeia novas, Truslow reparava como as raparigas olhavam para Starbuck, sempre para Starbuck. Tal como a sua própria filha se sentira atraída pelo nortista alto, com os seus olhos cinzentos e sorriso fácil. Manter Starbuck afastado do pecado, refletiu o sargento, era como manter um cão afastado do talho.

— A que horas é o despertar? — indagou Starbuck.

— A qualquer momento.

— Santo Deus — gemeu Starbuck.

— Devias ter voltado mais cedo — comentou Truslow. Deitou uma cavaca para a pequena fogueira. — Disseste à cabra de cabelo amarelo que estamos de partida?

— Decidi não lhe contar. A despedida é um tormento tão doce.

— Cobarde — atirou-lhe Truslow.

Starbuck pensou na acusação e depois sorriu.

— Tem razão. Sou um cobarde. Detesto quando elas começam a chorar.

— Então não lhes dê motivos para chorar — sugeriu Truslow, sabendo que era como pedir ao vento que não soprasse. Além do mais, os soldados faziam sempre as suas amadas chorar; era esse o destino dos soldados. Chegavam, conquistavam e depois partiam. Naquela manhã seria a Legião Faulconer a partir de Leesburg. Nos últimos três meses, o regimento fizera parte da brigada acampada perto de Leesburg e guardara uma extensão de trinta quilómetros do rio Potomac, mas o inimigo não mostrara sinais de querer atravessar. Agora, à medida que o outono se aproximava do inverno, cada vez mais se falava de um derradeiro ataque ianque a Richmond, antes que o gelo e a neve imobilizassem os exércitos, pelo que a brigada estava a ser enfraquecida. A Legião dirigir-se-ia a Centreville, onde o grosso do exército confederado defendia a principal estrada entre Washington e a capital rebelde. Fora nessa estrada, três meses antes, em Manassas, que a Legião Faulconer ajudara a cortar as pernas à primeira invasão do Norte. Agora, se os boatos tivessem algum fundamento, a Legião poderia ter de repetir o trabalho.

— Mas não vai ser a mesma coisa. — Truslow apercebera-se do pensamento não proferido. — Ouvi dizer que Centreville já só tem fortificações. Por isso, se os ianques aparecerem, vamos rechaçá-los protegidos por umas belas paredes bem grossas. — Calou-se ao ver que Starbuck adormecera, de boca aberta e café derramado. — Sacana — resmungou Truslow, mas com um tom de afeição, pois Starbuck, mesmo incapaz de resistir a um rabo de saias, revelara-se um oficial espantoso. Graças a uma mistura de recruta incansável e de treinos imaginativos, fizera da Companhia K a melhor da Legião. Fora Starbuck que, ao ver negada a pólvora e as balas necessárias para treinar a pontaria dos seus homens, levava uma patrulha até à outra margem do rio e capturara um vagão de suprimentos da União, na estrada junto a Poolesville. Nessa noite tinham trazido três mil cartuchos, e uma semana depois partira mais uma vez e apoderara-se de dez sacas de saboroso café nortista. Truslow, que conhecia bem o mister de soldado, reconhecia que Starbuck tinha um dom instintivo e natural. Era um guerreiro inteligente, capaz de ler a mente de um inimigo, e os homens da Companhia K, na sua maioria apenas rapazes, pareciam reconhecer essa qualidade. Truslow sabia que Starbuck era bom.

O adejar de asas fez Truslow levantar o olhar, vendo a forma atarracada de uma coruja a passar à frente da Lua. Imaginou que a ave tivesse estado a caçar nos campos junto à povoação, estando agora a regressar ao ninho no arvoredado acima do rio, em Ball's Bluff.

Um corneteiro falhou a nota, respirou fundo e sobressaltou a noite com o toque. Starbuck acordou estremunhado, praguejou por ter a perna das calças ensopada com café e depois gemeu com o cansaço. A noite ainda estava cerrada, mas a Legião tinha de se preparar para deixar a calma vigia do rio e avançar para a guerra.

— Aquilo foi um clarim? — perguntou o tenente Wendell Holmes ao seu sargento religioso.

— Não o sei dizer, meu tenente. — O sargento arfava enquanto subia Ball's Bluff e tinha a nova casaca cinzenta aberta, revelando o elegante forro escarlate. As casacas tinham sido uma oferta do governador do Massachusetts, que estava determinado a que os regimentos de Bay State fossem dos mais bem equipados de todo o exército federal. — Deve ter sido um dos nossos corneteiros —

alvitrou o sargento. — Talvez estivesse a dar ordem de saída aos escaramuceiros?

Holmes imaginou que o sargento estivesse correto. Os dois homens subiam com esforço o carreiro sinuoso e íngreme que dava acesso ao cimo da falésia, onde aguardava o 15º do Massachusetts. A encosta não era inclinada a ponto de obrigar quem subisse a usar as mãos, mas, no escuro, muitos homens escorregaram, parando apenas ao bater dolorosamente num tronco de árvore. O rio lá em baixo continuava oculto pela neblina, no meio da qual se vislumbra a sombra escura da Ilha Harrison. Os soldados enchiam a ilha enquanto esperavam pelos dois pequenos barcos que transportavam as tropas sobre a última extensão de rio. O tenente Holmes ficara surpreendido com a força da corrente do rio, a qual tentara arrastar a embarcação a caminho da distante Washington. Os remadores tinham gemido com o esforço de lutar contra o rio, até que por fim encalharam o pequeno barco na margem lamacenta.

O coronel Lee, comandante do 20º do Massachusetts, chegou junto a Holmes no topo da falésia.

— O Sol está quase a nascer — comentou alegremente. — Está tudo bem, Wendell?

— Está tudo bem, meu coronel, salvo pelo facto de ter tanta fome que era capaz de comer um cavalo.

— Vamos tomar o pequeno-almoço em Leesburg — declarou o coronel com entusiasmo. — Presunto, ovos, broa e café. Manteiga sulista fresca! Um banquete. E de certeza que os habitantes nos vão tentar garantir que não são rebeldes de todo, mas sim cidadãos leais do Tio Sam. — O coronel virou-se abruptamente, sobressaltado com um grito que ecoou de forma ritmada e desagradável entre as árvores no topo da falésia. O barulho tenebroso fizera com que os soldados mais próximos dessem meia-volta, alarmados, com as espingardas em riste. — Tenham calma! — descansou-os o coronel. — É só uma coruja. — Reconhecera o grito de uma coruja-barrada e imaginou que a ave estivesse de volta a casa, depois de uma noite de caça, com o papo cheio de ratos e rãs. — Prossiga, Wendell. — Lee dirigiu-se outra vez a Holmes. — Vá por esse carreiro até encontrar a companhia do flanco esquerdo do 15º. Pare aí e espere por mim.

O tenente Holmes levou a companhia por trás dos elementos agachados do 15º do Massachusetts, parando junto à linha de árvores iluminada pelo luar. À frente deles estava agora um pequeno prado, salpicado com as sombras negras de pequenos arbustos e de alfarrobeiras, além do qual se erguia mais um renque sombrio de árvores. Fora mais ou menos aí, na noite anterior, que a patrulha relatara ter visto um acampamento inimigo, e Holmes imaginou que homens assustados poderiam facilmente ter confundido o padrão do luar e das sombras escuras no bosque distante com a forma de tendas.

— Avançar! — O coronel Devens, do 15º do Massachusetts bradou a ordem e os seus homens entraram no prado branqueado pelo luar. Ninguém disparou contra eles; ninguém os intimou. O Sul dormia enquanto o Norte, desimpedido, ia marchando.

O Sol nasceu, dando uma tonalidade dourada ao rio e lançando raios escarlates por entre as árvores enevoadas. Ouviu-se o cacarejar dos galos nos cercados de Leesburg, onde se enchiam selhas e as vacas apareciam para a primeira ordenha do dia. As oficinas que tinham estado fechadas no dia do Senhor foram destrancadas e as ferramentas recolhidas das bancadas. Nos arredores da povoação, nos acampamentos da brigada confederada que guardava o rio, o fumo das fogueiras vagueava pela fresca manhã de outono.

Os fogos da Legião Faulconer já se tinham apagado, embora a Legião não estivesse com grande pressa para abandonar o acampamento. O dia prometia vir a ser bonito e a marcha até Centreville relativamente curta, pelo que as oito centenas de soldados do regimento demoraram o seu tempo com os preparativos, e o major Thaddeus Bird, comandante do regimento, não tentou apressá-los. Em vez disso perambulou, num gesto de camaradagem, por entre os seus homens, qual vizinho simpático a desfrutar de um passeio matinal.

— Meu Deus, Starbuck. — Bird deteve-se, espantado, ao ver o capitão da Companhia K. — Mas o que te aconteceu?

— Dormi mal, meu major, só isso.

— Pareces um morto-vivo! — Bird riu-se, deliciado, ao pensar no desconforto de Starbuck. — Alguma vez te contei sobre o Mordechai Moore? Era um estucador de Faulconer Court House. Morreu certa quinta-feira, a viúva gastou os olhos de tanto chorar, os filhos berravam como gatos escaldados, o funeral foi realizado no sábado, com metade da vila de luto, cova aberta, o reverendo Moss

pronto para nos aborrecer de morte com as inanidades dele, e depois ouviram raspar na tampa do caixão. Abriram-na e lá estava ele! Um estucador muito confuso! Tão vivo como tu, ou eu. Pelo menos como eu. Mas estava parecido contigo. Muito parecido contigo, Nate. Parecia meio apodrecido.

— Muito obrigado — redarguiu Starbuck.

— Foram todos para casa — prosseguiu Bird com a narrativa. — O doutor Billy fez um exame ao Mordechai. Declarou-o pronto para aguentar mais dez anos, e então não é que ele me morreu outra vez no dia a seguir? Só que desta vez finou-se mesmo e eles tiveram de abrir outra vez a cova. Bom-dia, sargento.

— Major — resmungou Truslow. O sargento não era conhecido pelo tratamento formal dos oficiais por “senhor”, nem sequer para com Bird, comandante do regimento, e de quem Truslow gostava.

— Imagino que se lembre do Mordechai Moore, Truslow.

— Lembro, pois. O sacana era incapaz de estucar uma parede em condições. O meu pai e eu tivemos de refazer metade da casa Cotton. Nunca nos pagaram o serviço.

— Portanto, o ramo da construção civil terá ficado melhor com ele morto — comentou Bird alegremente. Pica-pau Bird era um homem alto e esquelético que trabalhava como mestre-escola na povoação de Faulconer Court House na altura em que o coronel Washington Faulconer, o maior latifundiário de Faulconer County e cunhado de Bird, criara a Legião. Faulconer, que fora ferido em Manassas, encontrava-se agora em Richmond, tendo deixado o regimento às ordens de Bird. O mestre-escola fora, quase garantidamente, o homem com menor pendor militar em Faulconer County, se não mesmo em toda a Virgínia, tendo sido elevado a major apenas para agradar à irmã e para tratar da papelada do coronel. Contudo, indo contra todas as expectativas, o mestre-escola nodoso revelara-se um oficial eficaz e popular. Os homens gostavam dele, talvez por se aperceberem da sua grande compaixão por tudo o que a humanidade tinha de mais falível. Bird tocou no cotovelo de Starbuck. — Uma palavrinha? — sugeriu, afastando o jovem da Companhia K.

Starbuck acompanhou Bird até ao prado marcado com as pálidas formas redondas que indicavam o ponto onde as poucas tendas do regimento tinham sido montadas. Entre os círculos esbranquiçados viam-se porções chamuscadas mais pequenas onde tinham ardido as fogueiras. Além dessas manchas

observavam-se os grandes contornos de erva rasa onde os cavalos dos oficiais tinham pastado até ao limite das cordas que os prendiam. A Legião podia deixar aquele campo, meditou Starbuck, mas durante os dias vindouros, exibiria tais provas da sua existência.

— Já te decidiste, Nate? — perguntou Bird. Gostava de Starbuck e a voz denotava essa afeição. Ofereceu ao jovem um charuto escuro e reles, serviu-se de outro e acendeu um fósforo para incendiar o tabaco.

— Vou ficar com o regimento, meu major — respondeu Starbuck quando o charuto começou a fumar.

— Esperava que assim fosse — admitiu Bird. — Mas mesmo assim... — Deixou o pensamento no ar. Deu um bafo no charuto e olhou na direção de Leesburg. Sobre a povoação tremeluzia um véu ténue de fumo matinal. — O dia vai estar bonito — declarou o major. Ouviu-se o estampido de um disparo longínquo, mas nem Bird nem Starbuck prestaram grande atenção ao som. Era rara a manhã em que os homens não andassem a caçar.

— E não sabemos se o Coronel vai assumir o comando da Legião, não é verdade, meu major? — indagou Starbuck.

— Não sabemos de nada — asseverou Bird. — Os soldados, quais crianças, vivem num estado natural de ignorância voluntariosa. Mas é um risco.

— Está a correr o mesmo risco — afirmou Starbuck, sem rodeios.

— A tua irmã não está casada com o Coronel — retorquiu Bird, com igual clareza —, o que te torna muito mais vulnerável do que eu, Nate. E deixa-me recordar-te, Nate, que prestaste a este mundo o insigne serviço de assassinar o futuro genro do Coronel e, mesmo que todos os anjos do Paraíso se tivessem regozijado com tal ação, duvido que o Faulconer te tenha perdoado.

— É verdade, meu major — replicou Starbuck, num tom átono. Não gostava que o recordassem da morte de Ethan Ridley. Starbuck matara Ridley na confusão da batalha e desde então tentara convencer-se de que fora em defesa própria. Todavia, no seu íntimo sabia que pensava em homicídio quando pressionara o gatilho e também tinha consciência de que não havia racionalização que eliminasse tal pecado do grande registo no Céu onde estavam inscritas todas as suas falhas. De certeza que o Coronel Washington Faulconer nunca perdoaria Starbuck. — Mesmo assim prefiro ficar com o regimento — garantiu Starbuck a Bird. Era um estranho numa terra estranha, um nortista a

lutar contra o Norte, e a Legião Faulconer tornara-se o seu novo lar. A Legião dava-lhe de comer, vestia-o e oferecera-lhe amigos próximos. Fora igualmente o local onde descobrira o que sabia fazer melhor e, com a ansiedade da juventude em descobrir o objetivo último da vida, Starbuck decidira que estava destinado a ser um dos oficiais da Legião. Tinha a sensação de pertença.

— Nesse caso, boa sorte para nós — comentou Bird. Se as suas suspeitas se confirmassem e a ordem para marchar até Centreville fizesse parte da tentativa por parte do Coronel Washington Faulconer de recuperar o controlo da Legião, ambos iam precisar de sorte.

Afinal de contas, Washington Faulconer era o homem que criara a Legião Faulconer, batizara-a com o seu próprio nome, equipara-a com o melhor material que a sua fortuna pessoal fora capaz de comprar e depois liderara-a até à batalha nas margens do Bull Run. Faulconer e o filho, ambos feridos nessa batalha, tinham voltado a Richmond, onde foram recebidos como heróis, embora, a bem da verdade, Washington Faulconer estivesse bem longe da Legião quando esta enfrentara o ataque ianque esmagador. Agora era demasiado tarde para esclarecer o acontecido: a Virgínia, com efeito, todo o Sul superior, olhava para Faulconer como sendo um herói e exigia que ele recebesse o comando de uma brigada. Bird sabia que caso isso acontecesse, o herói esperaria que a sua Legião constituísse o âmago dessa brigada.

— Mas não é garantido que o sacana vá ter uma brigada, pois não? — quis saber Starbuck, tentando em vão reprimir um bocejo profundo.

— Diz-se por aí que em vez disso vai ser proposto a um cargo diplomático — adiantou Bird —, o que seria bastante adequado, já que o meu cunhado tem o dom natural de ser bom a lamber as botas de príncipes e de potentados, e os políticos costumam conceder aquilo que os jornais querem. É mais fácil do que ter ideias próprias, bem vêes.

— Vou correr o risco — asseverou Starbuck. A alternativa seria juntar-se ao estado-maior do general Nathan Evans e ficar no campo perto de Leesburg onde Evans comandava a brigada confederada improvisada que guardava a margem do rio. Starbuck gostava de Evans, mas preferia de longe permanecer com a Legião. Para ele, a Legião era o seu lar e não era capaz de imaginar que as altas esferas confederadas fizessem de Washington Faulconer um general.

Um novo matraquear de espingardas fez-se ouvir vindo da mata cinco quilómetros a noroeste. O som levou Bird a virar-se, de cenho franzido.

— Alguém está com muita energia. — Soava reprovador.

— Uma alteração entre piquetes? — aventou Starbuck. Ao longo dos últimos três meses, as sentinelas tinham-se defrontado em margens opostas, e embora as relações fossem de cordialidade na maior parte do tempo, de vez em quando, um oficial mais acirrado tentava provocar um confronto.

— Talvez sejam só piquetes — concordou Pica-pau Bird, após o que se virou, quando o sargento-mor Proctor veio relatar que o eixo partido de uma carroça, que atrasara a partida da Legião, já estava reparado. — Isso quer dizer que estamos prontos para partir, sargento-mor? — perguntou Bird.

— Tão prontos quanto poderemos estar, creio eu. — Proctor era um homem lúgubre e desconfiado, sempre a recear a iminência de um desastre.

— Então partamos! Partamos! — declarou Bird alegremente e dirigia-se à Legião quando se ouviu mais uma salva de tiros. Desta vez, contudo, os disparos não vinham da mata longínqua, mas sim da estrada a leste. Bird engalfinhou os dedos magros na barba comprida e revolta. — Poderá ser? — questionou, sem se dirigir a ninguém em especial e sem se preocupar em articular claramente a pergunta. — Talvez? — prosseguiu Bird, com um tom de entusiasmo crescente, após o que um novo crepitar de mosquetaria ecoou nas falésias a noroeste, fazendo com que Bird agitasse a cabeça para a frente e para trás, naquele que era o seu gesto habitual de quando estava divertido. — Acho que vamos esperar um pouco, senhor Proctor. Vamos aguardar! — Bird estalou os dedos. — Parece-me — declarou — que hoje Deus e o senhor Lincoln nos enviaram outro trabalho. Vamos aguardar.

As tropas do Massachusetts que avançavam descobriram os rebeldes ao tropeçarem num piquete de quatro homens agachado numa depressão na mata. Os rebeldes sobressaltados foram os primeiros a disparar, obrigando os soldados do Massachusetts a recuar à toa por entre as árvores. O piquete confederado fugiu na direção oposta, em busca do comandante da companhia, o capitão Duff, que começou por enviar uma mensagem ao general Evans e depois liderou os quarenta homens da companhia até ao bosque no cimo da falésia, onde um grupo de escaramuceiros ianques começava a aparecer junto à linha das árvores. Surgiam cada vez mais nortistas, tantos que Duff lhes perdeu a conta.

— Os sacanas são muitos — comentou um dos homens enquanto o capitão Duff alinhava os homens atrás de uma vedação baixa e lhes ordenava que disparassem. Pequenas nuvens de fumo marcaram a linha da vedação enquanto as balas assobiavam encosta acima. Três quilômetros atrás de Duff, a povoação de Leesburg ouviu os disparos e alguém pensou em correr até à igreja e fazer soar o sino para convocar a milícia.

Não que a milícia se pudesse organizar a tempo de ajudar o capitão Duff, que começava a perceber até que ponto os soldados do Mississippi estavam em desvantagem numérica. Foi obrigado a retirar encosta abaixo quando uma companhia de soldados nortistas lhe ameaçou o flanco esquerdo, tendo a fuga sido recebida pela troça dos nortistas e por uma salva de mosquete. Os quarenta homens de Duff continuaram teimosamente a disparar enquanto recuavam. Eram uma companhia basicamente improvisada, fardada com uma mistura aleatória de roupas castanhas e cinzentas, mas tinham uma pontaria bastante melhor do que a dos rivais do Norte, na sua maioria armados com mosquetes de alma lisa. O Massachusetts esforçara-se ao máximo por equipar os seus voluntários, mas não houvera espingardas suficientes para todos, pelo que o regimento do 15º do Massachusetts do coronel Devens combatia com mosquetes setecentistas. Nenhum dos homens de Duff foi atingido, mas as suas balas estavam a abater sistematicamente os escaramuceiros nortistas.

O 20º do Massachusetts chegou em apoio dos camaradas do Bay State. Todos os elementos do 20º tinham espingardas e os seus disparos mais precisos obrigaram Duff a recuar ainda mais para baixo na longa encosta. Os quarenta homens saltaram outra vedação para um campo de restolho, onde medas de aveia estavam dispostas em montes. Não havia mais abrigo ao longo de quase um quilómetro e Duff não pretendia ceder muito terreno aos ianques, pelo que mandou os homens fazerem alto no meio do campo e ordenou-lhes que fizessem estacar os sacanas. Os soldados de Duff eram muito poucos, mas vinham dos condados de Pike e de Chickasaw, pelo que Duff imaginou que isso fizesse deles tão bons soldados como quaisquer outros da América.

— Parece que vamos ter de ensinar uma lição a este bando de pretos imprestáveis — exclamou Duff.

— Não, capitão! São rebeldes! Olhe! — alertou um dos homens com um grito, apontando depois para a linha das árvores, onde surgira uma companhia de

tropas de farda cinzenta. Duff fitou-os, horrorizado. Teria estado a disparar contra os seus camaradas? Os homens que iam avançando usavam sobretudoos cinzentos. O oficial que os liderava tinha o casaco aberto e empunhava uma espada que usava para cortar as ervas enquanto andava, tal como se estivesse a dar um passeio pelo campo.

Duff sentiu as convicções beligerantes a desvanecerem-se. Tinha a boca seca, um azedume na boca do estômago e na coxa, um músculo ia latejando. Os disparos na encosta tinham parado enquanto a companhia de cinzento marchava em direção ao campo de aveia. Duff levantou a mão e gritou aos forasteiros.

— Quem vem lá faz alto!

— Amigos! — respondeu um dos homens de sobretudo cinzento. A companhia tinha sessenta ou setenta homens e as espingardas estavam caladas com baionetas compridas e brilhantes.

— Quem vem lá faz alto! — voltou Duff a tentar.

— Somos amigos! — gritou um homem em resposta. Duff podia ver o nervosismo nas expressões. Um dos homens tinha um músculo a tremer na face, enquanto outro ia olhando de lado para um sargento de bigode que marchava estoicamente no flanco da companhia.

— Quem vem lá faz alto! — repetiu Duff. Um dos seus homens cuspiu para o restolho.

— Somos amigos! — voltaram a gritar os nortistas. O sobretudo aberto do oficial estava forrado a escarlate, mas Duff não conseguia distinguir a cor da farda, pois o sol brilhava pelas costas dos estranhos.

— Não são nossos amigos, capitão! — alertou um dos homens de Duff. Este bem gostava de partilhar dessa certeza. Deus no Seu Céu, e se aqueles homens fossem aliados? Estaria prestes a tornar-se um assassino?

— Ordeno a quem vem lá que faça alto! — vociferou, mas os homens que avançavam não obedeceram, pelo que Duff ordenou aos seus soldados que apontassem.

Quarenta espingardas foram levadas a quarenta ombros.

— Amigos! — tornou uma voz nortista. As duas unidades estavam agora a cinquenta metros uma da outra e Duff ouvia as botas nortistas a quebrar e a agitar o restolho da aveia.

— Eles não são amigos, capitão! — insistiu um dos soldados do Mississippi e nesse momento, o oficial a avançar tropeçou, dando a Duff um vislumbre claro da farda por baixo do sobretudo cinzento forrado a escarlate. A farda era azul.

— Fogo! — bradou Duff, e a salva sulista fez-se ouvir com o estrépito de um incêndio num canavial, fazendo um nortista gritar quando as balas rebeldes acertaram no alvo.

— Fogo! — repetiu um nortista e as balas do Massachusetts rasgaram a nuvem de fumo.

— Continuem a disparar! — vociferou Duff, esvaziando o revólver contra a névoa de fumo de pólvora que já encobria o campo. Os homens tinham-se abrigado atrás dos fardos de aveia e iam recarregando as armas. Os nortistas faziam o mesmo, salvo por um homem que se contorcia e esvaía no chão. Havia outros ianques à direita de Duff, mais acima na encosta, mas não podia preocupar-se com eles. Decidira assumir aquela posição, mesmo no meio do campo, e agora teria de combater o inimigo até que um dos lados não aguentasse mais.

A dez quilómetros dali, em Edwards Ferry, mais nortistas tinham atravessado o Potomac e cortado a estrada que dava acesso a Centreville. Nathan Evans, apanhado entre as duas forças invasoras, recusou-se a mostrar sinais de alarme antecipado.

— Uma delas pode estar a tentar enganar-me, enquanto a outra se prepara para me violentar, não é assim que se faz, Boston? — “Boston” era a alcunha que atribuíra a Starbuck. Tinham-se conhecido em Manassas, onde Evans salvara a Confederação travando o ataque nortista enquanto as linhas rebeldes voltavam a formar-se. — Sacanas mentirosos, beatos, amantes de pretos — exclamou Evans, dirigindo-se, obviamente, a todo o exército do Norte. Cavalgara com ordens para que a Legião Faulconer se mantivesse onde estava, acabando por descobrir que Thaddeus Bird antecipara as indicações e cancelara a partida da Legião. Evans meneou a orelha contra o vento e tentou avaliar qual a incursão inimiga que maior perigo representava através da intensidade dos disparos. O sino da igreja de Leesburg continuava a repicar, convocando a milícia. — Quer dizer que não vai ficar comigo, Boston? — comentou Evans.

— Gosto de ser oficial de companhia, meu general.

Evans resmungou em resposta, embora Starbuck não tivesse a certeza que o diminuto e desbocado oficial da Carolina do Sul tivesse ouvido a sua resposta. Em vez disso, Evans dividia a atenção entre os sons das duas incursões nortistas. Otto, o seu ordenança alemão, cuja principal tarefa era transportar um barril de uísque com que o general se refrescava, também escutava os tiros, pelo que a cabeça dos dois homens agitava-se em uníssonos de um lado para o outro. Evans foi o primeiro a parar e estalou os dedos para que lhe fosse dado uísque. Esvaziou a caneca de estanho e depois olhou para Bird.

— Fique aqui, Pica-pau. Vai ser a minha reserva. Não me parece que os sacanas sejam assim tantos, não fazem barulho suficiente, portanto mais vale esperar para ver se não lhes partimos o nariz. Matar ianques é uma bela maneira de começar a semana, não acham? — Riu-se. — Claro que se estiver errado, ao cair da noite estaremos todos mortos. Vamos embora. Otto! — Evans esporeou o cavalo e regressou a galope ao forte de paredes de terra que constituía o seu quartel-general.

Starbuck trepou para uma carroça carregada com tendas dobradas e dormiu enquanto o sol dissipava a neblina do rio e secava o orvalho dos campos. Ainda mais tropas nortistas cruzavam o rio e subiam a falésia por baixo das árvores. O general Stone, comandante das forças federais que guardavam o Potomac, decidira empregar mais tropas na travessia e ordenou que os invasores deveriam não só ocupar Leesburg, como também fazer o reconhecimento de toda a zona de Loudoun County. Se os rebeldes tivessem desaparecido, as ordens de Stone eram para que os ianques ocupassem a área. Contudo, se o reconhecimento deparasse com uma oposição feroz, as tropas federais tinham a liberdade de retirar para o outro lado do rio, levando com elas todos os alimentos que pudessem confiscar. Stone enviou artilharia para fortalecer as tropas invasoras, mas também deixou bem claro que a decisão de permanecer na Virgínia ficaria nas mãos do indivíduo que estava à frente de toda a operação nortista.

Esse homem era o coronel Ned Baker, um político alto e bem escanhado, de cabelo prateado e loquaz. Baker era um advogado californiano, senador do Oregon e um dos amigos mais chegados do presidente Lincoln, tão próximo que Lincoln batizara o segundo filho em honra do senador. Baker era um homem impetuoso, emotivo e generoso, e a chegada à travessia do rio provocou ondas de entusiasmo pelos homens do 15º do Massachusetts, que ainda aguardavam na

margem de Maryland com o Regimento Tammany de Nova Iorque. O regimento de Baker, o 1º Californiano, juntava-se agora à invasão. O regimento vinha de Nova Iorque, mas fora criado com homens com ligações à Califórnia, e com eles seguia um canhão estriado de catorze libras de Rhode Island e um par de morteiros operados por soldados do Exército dos Estados Unidos.

— Levem tudo para o outro lado! — ordenou Baker, exuberante. — Todos os homens e peças!

— Vamos precisar de mais barcos — alertou o coronel dos Tammanys.

— Então arranjem-nos! Construam-nos! Roubem-nos! Vá buscar madeiras resinosas e faça uma arca, coronel. Encontrem uma mulher bela e deixem que o rosto dela lance um milhar de navios, mas avancemos para a glória, rapazes! — Baker percorreu a margem, de ouvido atento ao crepitar entrecortado da mosquetaria que se ouvia na outra margem do rio. — Os rebeldes estão a morrer, rapazes! Vamos matar mais alguns!

O coronel dos Tammanys tentou perguntar ao senador o que o seu regimento deveria fazer ao certo quando chegasse à margem da Virgínia, mas Baker ignorou a pergunta. Não queria saber se seria um mero ataque ou uma invasão histórica a marcar o início da ocupação da Virgínia. Sabia apenas que tinha três peças de artilharia e quatro regimentos de tropas frescas e de qualidade, o que lhe concedia poder suficiente para oferecer ao presidente Lincoln e ao país a vitória de que tanto precisavam.

— Para Richmond, rapazes! — vociferou Baker ao passar por entre as tropas na margem do rio. — Para Richmond, e que o diabo não tenha misericórdia das almas deles! Em frente pela união, rapazes, em frente pela união! Quero ouvi-los a bradar!

Bradaram com força suficiente para obliterar o som de mosquetaria que surgia da margem oposta do rio onde, além da falésia arborizada, o fumo de pólvora pairava entre a aveia em medas, testemunha do início da longa matança desse dia.

O major Adam Faulconer chegou à Legião Faulconer pouco depois do meio-dia.

— Estão ianques na estrada. Perseguiram-me! — Parecia satisfeito, como se a cavalgada dos últimos minutos tivesse sido uma corrida pelo campo e não a fuga desesperada de um inimigo determinado. O cavalo, um belo garanhão ruano da Coudelaria Faulconer, estava coberto de espuma branca, tinha as orelhas espetadas nervosamente para trás e dava pequenos passos nervosos para o lado, os quais Adam corrigia instintivamente. — Meu tio! — Cumprimentou alegremente o major Bird e virou-se de imediato para Starbuck. Eram amigos há três anos, mas já tinham passado semanas desde o último encontro e o prazer de Adam com a reunião era sincero. — Até parece que estavas a dormir profundamente, Nate.

— Ontem estive num encontro para oração que durou até tarde — ofereceu o sargento Truslow num tom deliberadamente amargo, mas que ninguém, além dele e de Starbuck, percebeu que estava a fazer uma piada. — Rezou até às três da manhã.

— Que bom para ti, Nate — comentou Adam afavelmente, após o que dirigiu a montada a Thaddeus Bird. — Ouviu o que eu disse, tio? Há ianques na estrada!

— Já tínhamos ouvido dizer que aqui estavam — replicou Bird num tom casual, como se os ianques errantes fossem algo tão habitual na paisagem outonal como as aves migratórias.

— Os desgraçados dispararam contra mim. — Adam parecia espantado com tamanha indelicadeza em tempo de guerra. — Mas fomos mais rápidos, não foi, rapaz? — Afagou o pescoço do cavalo transpirado, depois deslizou da sela e entregou as rédeas a Robert Decker, que fazia parte da companhia de Starbuck. — Vai passeá-lo um pouco, sim, Robert?

— Com todo o prazer, senhor Adam.

— E não o deixes beber ainda. Só quando ele arrefecer — indicou Adam a Decker, passando depois a explicar ao tio que saíra de Centreville pela alvorada, na esperança de se cruzar com a Legião na estrada. — Não os encontrei, por isso segui em frente — narrou Adam com prazer na voz. Andava com um leve coxear, resultado de um ferimento de bala na batalha em Manassas, mas a lesão sarara bem e o problema mal se notava. Ao contrário do pai, Washington Faulconer, Adam estivera no centro dos combates em Manassas, mesmo que

durante semanas antes dos confrontos tivesse sido atormentado pela dúvida quanto à moralidade da guerra, chegando mesmo a pôr em causa a sua participação nas hostilidades. Depois da batalha, enquanto convalescia em Richmond, Adam fora promovido a major e tinha-lhe sido atribuído um posto no estado-maior do general Joseph Johnston. O general era um dos muitos confederados erroneamente convencidos de que Washington Faulconer ajudara a rechaçar o ataque-surpresa nortista em Manassas, pelo que a promoção e a nomeação do filho para o estado-maior fora um gesto de gratidão para com o pai.

— Trouxeste-nos ordens? — perguntou Bird a Adam.

— Só a minha pessoa, meu tio. O dia parecia querer ficar demasiado bonito para estar mergulhado na papelada do Johnston, por isso decidi dar um passeio. Claro que não contava deparar-me com isto. — Adam virou-se e ouviu o som dos disparos que vinham da mata distante. Os tiros eram agora basicamente constantes, mas de todo como o estrépito da batalha. Em vez disso criavam um som metódico e regular que sugeria que os dois lados estavam apenas a trocar munições por ser isso que se esperava deles, e não a tentar massacrar o adversário. — O que se passa? — quis saber Adam.

O major Thaddeus Bird explicou que dois grupos de ianques tinham atravessado o rio. Adam já encontrara um dos bandos invasores, enquanto o outro estava no terreno elevado ao largo da Ilha Harrison. Ninguém sabia ao certo qual a intenção dos ianques com a incursão dupla. Ao início parecera que estavam a tentar capturar Leesburg, mas uma única companhia de soldados do Mississippi contivera o avanço federal.

— Um homem chamado Duff — contou Bird a Adam — deteve os tratantes. Alinhou os homens mesmo no meio de um campo e mostrou-se sempre à altura. E raios me partam se não os meteu a correr monte acima como um rebanho de ovelhas assustadas! — A história da coragem de Duff espalhara-se pela brigada de Evans e enchera os soldados de orgulho pela invencibilidade do Sul. O resto do batalhão de Duff estava agora em posição, mantendo os ianques imobilizados entre as árvores no cimo da falésia. — Devias contar ao Johnston sobre o Duff — sugeriu Bird a Adam.

Adam, no entanto, não parecia interessado no heroísmo do oficial do Mississippi.

— E o senhor, meu tio, o que está a fazer? — questionou.

— Estou à espera de ordens, é claro. Imagino que o Evans não deve saber para onde nos enviar, por isso quer ver qual o bando de ianques que será mais perigoso. Assim que isso for determinado, vamos abrir umas quantas cabeças.

Adam sentiu um arrepio ao ouvir o tom do tio. Antes de se ter juntado à Legião e de inesperadamente se ter tornado seu comandante, Thaddeus Bird fora um mestre-escola que exibia um desprezo sardónico tanto pelo mister de soldado como pela guerra. Todavia, uma batalha e alguns meses de comando tinham transformado o tio de Adam num homem mais sombrio. Mantinha o espírito acutilante, mas agora com contornos mais duros, prova, imaginava Adam, de como a guerra mudava tudo para pior, embora por vezes Adam se interrogasse se seria o único a ter consciência de que a guerra endurecia e degradava tudo aquilo em que tocava. Os camaradas ajudantes-de-campo no quartel-general do exército deleitavam-se com o conflito, vendo nele qualquer coisa afim de uma rivalidade desportiva que daria a vitória aos jogadores mais dedicados. Adam escutava tais alarvidades sem as comentar, pois sabia que se revelasse as suas opiniões, seria, no mínimo, ridicularizado, podendo mesmo ser acusado de cobardia. Mas Adam não era, de todo, um cobarde. Acreditava, simplesmente, que a guerra era uma tragédia nascida do orgulho e da estupidez, pelo que cumpria o seu dever, ocultava o que na verdade sentia e ansiava pela paz, embora não soubesse até que ponto seria capaz de manter tanto o simulacro como a duplicidade.

— Espero que hoje não seja preciso abrir a cabeça de ninguém — admitiu ao tio. — O dia está demasiado bonito para mortes. — Virou-se quando os cozinheiros da Companhia K retiraram um caldeirão das chamas. — Aquilo é o almoço?

A refeição do meio-dia era uma iguaria: uma fritada de carne de vaca, toucinho e broa de milho, acompanhada por puré de maçã e de batata. A comida era abundante ali em Loudoun County, onde os terrenos agrícolas eram férteis e as tropas confederadas escassas. Em Centreville e Manassas, disse Adam, os suprimentos eram muito mais difíceis de encontrar.

— No mês passado chegaram a ficar sem café! Pensei que fosse haver um motim. — Depois escutou, com uma falsa diversão, Robert Decker e Amos Tunney a descrever o grande ataque do capitão Starbuck ao café. Tinham

cruzado o rio de noite e marchado oito quilómetros através de mata e terrenos agrícolas para pilhar as reservas de um vivandeiro nos arredores de um acampamento nortista. Oito homens tinham acompanhado Starbuck e os mesmos oito regressaram, tendo o único nortista a detetá-los sido o próprio vivandeiro, um mercador que ganhava a vida a vender artigos de luxo aos soldados. O vivandeiro, que dormia entre os seus bens, gritara o alarme e sacara de um revólver.

— Coitado do homem — lamentou Adam.

— Coitado do homem? — Starbuck criticou a exibição de piedade por parte do amigo. — Ele estava a tentar matar-nos!

— Então e o que fizeste?

— Cortei-lhe o pescoço — respondeu Starbuck. — Não queria que ele alertasse o acampamento com um tiro, bem vês.

Adam arrepiou-se.

— Mataste um homem por alguns grãos de café?

— E por uísque e pêssegos secos — acrescentou Robert Decker com entusiasmo. — Os jornais da zona pensaram que foram simpatizantes dos separatistas. Chamaram-nos salteadores. Salteadores! A nós!

— E no dia seguinte vendemos cinco quilos de café a uns piquetes nortistas do outro lado do rio! — interveio Amos Tunney, cheio de orgulho.

Adam esboçou um sorriso e depois recusou uma caneca de café que lhe ofereceram, dizendo que preferia água. Estava sentado no chão e fez um breve esgar quando mudou o peso para a perna ferida. Tinha as feições largas, a barba loura e os olhos azuis do pai. Starbuck sempre pensara que era um rosto de honestidade simples, mesmo que agora parecesse que Adam perdera o antigo sentido de humor, tendo-o substituído por uma eterna preocupação com os problemas do mundo.

Depois da refeição, os dois amigos caminharam em direção a leste, ao longo da beira do prado. Os abrigos de madeira e terra da Legião continuavam de pé, parecendo pocilgas cobertas de erva. Starbuck, que fingia ouvir as narrativas do amigo sobre a vida no quartel-general, pensava, na verdade, no quanto gostara de viver no seu abrigo coberto de terra. Quando deitado, sentia-se como um animal numa toca: seguro, escondido e secreto. O seu antigo quarto em Boston,

com os painéis de carvalho, o soalho de pinho, a lareira a gás e as estantes solenes, parecia agora um sonho, algo de uma vida diferente.

— É estranho o quanto gosto de estar desconfortável — comentou, levianamente.

— Não ouviste o que eu disse? — quis saber Adam.

— Desculpa, estava a sonhar acordado.

— Estava a falar sobre o McClellan — explicou Adam. — Todos concordam que ele é um génio. Até o Johnston diz que o McClellan era o homem mais inteligente de todo o antigo exército dos Estados Unidos. — Adam falava com entusiasmo, como se McClellan fosse o novo comandante sulista e não o líder do exército nortista do Potomac. Adam olhou para a direita, incomodado com o súbito aumentar do som de mosquetaria que vinha da mata acima do rio distante. Na última hora, os disparos tinham sido espaçados, mas agora assumiam um crepitar contínuo que parecia madeira seca a arder com intensidade. O som fez-se ouvir durante meio minuto, até que voltou a reduzir-se a um murmúrio estável e quase monótono. — Em breve têm de voltar a atravessar para o Maryland! — exclamou Adam, zangado, como se estivesse ofendido com a teimosia dos ianques em manter-se naquele lado do rio.

— Fala-me mais sobre o McClellan — pediu Starbuck.

— É o homem do momento — garantiu Adam, com um tom animado. — É uma coisa que acontece na guerra, sabes? Os mais velhos dão início aos combates e depois são afastados pelos mais jovens, com ideias novas. Dizem que o McClellan é o novo Napoleão, Nate, um defensor da ordem e da disciplina! — Adam fez uma pausa, obviamente preocupado com o facto de parecer demasiado embevecido pelo novo general do inimigo. — Cortaste mesmo o pescoço a um homem por causa de café? — perguntou a medo.

— Não foi tão a sangue-frio como o Decker deu a entender — admitiu Starbuck. — Tentei mantê-lo calado sem o magoar. Não o queria matar. — A bem da verdade, Starbuck quase morrera de medo nesse momento, tremendo e em pânico, mas tinha noção de que a segurança dos seus homens dependia do silêncio do vivandeiro.

Adam fez um trejeito de repulsa.

— Não sou capaz de imaginar matar um homem com uma faca.

— Não é algo que me tivesse imaginado a fazer — confessou Starbuck —, mas o Truslow fez-me treinar com alguns porcos das rações, e não é tão difícil como se pensa.

— Deus do Céu. — Adam suspirou debilmente. — Porcos?

— Só os pequenos — esclareceu Starbuck. — Que mesmo assim são extremamente difíceis de matar. O Truslow faz com que pareça fácil, mas também, ele faz com que tudo pareça fácil.

Adam meditou sobre o conceito de treinar as competências de matador como sendo meros rudimentos de um ofício. Parecia trágico.

— Não podias ter só atordoad o desgraçado? — perguntou.

Starbuck deixou-se rir com a questão.

— Tinha de ter a certeza, não é? É claro que tinha! A vida dos meus homens dependia do silêncio dele e temos de zelar pela segurança dos nossos homens. É a primeira regra do ofício.

— Também foi o Truslow que te ensinou isso? — indagou Adam.

— Não. — Starbuck pareceu surpreendido com a pergunta. — É uma regra óbvia, não achas?

Adam não disse nada. Em vez disso, pensava, já não pela primeira vez, como ele e Starbuck eram diferentes. Tinham-se conhecido em Harvard, onde pareceram reconhecer no outro as qualidades que sabiam estar ausentes de si próprios. Starbuck era impetuoso e temperamental, enquanto Adam era pensativo e meticulado; Starbuck era um escravo dos sentimentos, ao passo que Adam se esforçava desesperadamente por obedecer aos ditames severos de uma consciência rigorosa. Contudo, a partir de todas as dissemelhanças, nascera uma amizade que sobrevivera até à tensão que se seguira à batalha em Manassas. O pai de Adam virara-se contra Starbuck em Manassas e Starbuck puxou esse tema delicado perguntando se Adam pensava que o pai viria a ter o comando de uma brigada.

— O Joe gostava que ele ficasse à frente de uma brigada — adiantou Adam, de forma dúbia. “Joe” era Joseph Johnston, comandante dos exércitos confederados na Virgínia. — Mas o presidente não dá muitos ouvidos ao Joe — prosseguiu Adam. — Prefere a opinião da Avó Lee. — O general Robert Lee começara a guerra com uma reputação inflacionada, mas recebera a alcunha “Avó” depois de uma campanha menor mal sucedida na zona oeste da Virgínia.

— E o Lee não quer que o teu pai seja promovido? — perguntou Starbuck.

— Assim ouvi dizer — confirmou Adam. — É óbvio que o Lee acredita que o meu pai deve ir como comissário para a Inglaterra. — Adam sorriu ao pensar nisso. — Algo que a minha mãe considera uma ideia magnífica. Acho que até as maleitas dela desapareceriam se pudesse tomar chá com a rainha.

— Mas o teu pai quer a brigada dele?

Adam assentiu.

— E quer a Legião de volta — acrescentou, sabendo exatamente o motivo para que o amigo tivesse puxado o assunto. — Se a conseguir, vai exigir o teu afastamento, Nate. Acho que continua convencido de que abateste o Ethan. — Adam referia-se à morte do homem que teria casado com a sua irmã.

— O Ethan foi morto por uma granada — insistiu Starbuck.

— O meu pai não vai acreditar nisso — lamentou-se Adam —, e também não se vai deixar convencer.

— Nesse caso espero mesmo que o teu pai vá para Inglaterra tomar chá com a rainha — comentou Starbuck levianamente.

— Porque vais mesmo ficar na Legião? — indagou Adam, parecendo surpreendido.

— Gosto de aqui estar. Eles gostam de mim — disse Starbuck num tom leve, disfarçando a natureza ardente da sua ligação.

Adam percorreu alguns passos em silêncio enquanto os tiros se faziam ouvir, remotos e distantes como uma escaramuça de uma guerra alheia.

— O teu irmão — exclamou Adam de súbito, após o que se deteve, como se imaginasse que estava a entrar num terreno difícil. — O teu irmão — recomeçou — continua à espera que regresse ao Norte.

— O meu irmão? — Starbuck foi incapaz de ocultar a surpresa. James, o irmão mais velho, fora capturado em Manassas e era agora prisioneiro em Richmond. Starbuck enviara a James ofertas, na forma de livros, mas não pedira uma licença para visitar o irmão. Qualquer confronto com a família seria demasiado difícil. — Estiveste com ele?

— Como parte dos meus deveres, só isso — respondeu Adam e explicou que uma das suas responsabilidades era coligir listas de oficiais capturados a serem trocados entre o Norte e o Sul. — Às vezes visito a prisão de Richmond — continuou Adam — e na semana passada vi o James.

— Como está ele?

— Magro, muito pálido, mas com esperança de ser libertado numa troca.

— Coitado do James. — Starbuck não conseguia imaginar o irmão aborrecido e pedante como soldado. James era muito bom advogado, mas sempre detestara a incerteza e a aventura, as únicas coisas que serviam de paliativo para os arriscados desconfortos da vida de soldado.

— Ele preocupa-se contigo — disse-lhe Adam.

— E eu preocupo-me com ele — retorquiu Starbuck num tom ligeiro, esperando impedir o que desconfiava ser um sermão iminente do amigo.

— De certeza que vai ficar satisfeito por saber que tens frequentado encontros de oração — garantiu Adam, com fervor. — Ele está preocupado com a tua fé. Vais à igreja todas as semanas?

— Sempre que posso — asseverou Starbuck, e decidiu que seria melhor mudar de assunto. — E tu? — perguntou a Adam. — Como estás?

Adam sorriu, mas não respondeu de imediato. Em vez disso corou e depois riu-se. Era óbvio que tinha novidades que o embaraçavam demasiado para as contar, mas que, não obstante, queria que lhe fossem arrancadas.

— Estou muito bem — disse, deixando a questão em aberto.

Starbuck percebeu corretamente o tom.

— Estás apaixonado.

Adam assentiu.

— Acho que devo estar, sim. — Parecia surpreendido consigo próprio. — Sim. Deveras.

A timidez de Adam preencheu Starbuck com uma diversão afetuosa.

— Vais casar-te?

— Acho que sim. Sim, achamos que sim, mas ainda não. Pensámos em esperar pelo final da guerra. — Adam continuava enrubescido, mas de repente riu-se, extremamente satisfeito consigo mesmo, e desabotoou um bolso da túnica, como se fizesse menção de puxar de um retrato da amada. — Ainda nem sequer me perguntaste o nome dela.

— Diz-me como se chama — questionou Starbuck prontamente e depois virou-se, pois o som dos tiros de espingarda voltara a assumir uma intensidade frenética. Podia ver-se agora uma leve névoa de fumo de pólvora acima das

árvores, um estandarte de guerra diáfano que engrossaria até criar um nevoeiro denso, caso as armas mantivessem o ritmo de fogo presente.

— Ela chama-se... — começou Adam a dizer, mas calou-se ao ouvir o estrondo de cascos na terra atrás dele.

— Meu capitão! Senhor Starbuck, meu capitão! — chamou uma voz e Starbuck virou-se, avistando Robert Decker a galopar pelo campo montado no garanhão de Adam. — Meu capitão! — Acenava a Starbuck, excitado. — Temos ordens, meu capitão! Temos ordens! Temos de os ir combater, meu capitão!

— Graças a Deus — exclamou Starbuck, começando a correr de volta à companhia.

— Chama-se Julia — disse Adam para ninguém, franzindo o cenho da direção das costas do amigo. — Ela chama-se Julia.

— Meu major? — disse Robert Decker, confuso. Descera da sela e estava a estender as rédeas do garanhão a Adam.

— Nada, Robert. — Adam pegou nas rédeas. — Absolutamente nada. Vai juntar-te à companhia. — Observou Nate bradar na direção da Companhia K, vendo a excitação dos homens despertados do seu repouso pela antevisão da matança. Depois abotoou o bolso para proteger a fotografia guardada num estojo de pele, antes de se içar para a sela e de cavalgar para se juntar à Legião do pai, a qual estava prestes a travar a sua segunda batalha.

Nas margens calmas do Potomac.

As duas travessias do rio feitas pelos ianques tiveram lugar com um intervalo de oito quilómetros e o general Nathan Evans vinha a tentar decidir qual delas representava o maior risco para a sua brigada. A travessia a oriente cortara a estrada, parecendo a maior ameaça táctica por interromper as comunicações com o quartel-general de Johnston em Centreville, mas os ianques não estavam a reforçar o punhado de homens e de peças de artilharia que aí tinham levado para o outro lado do rio. Ao mesmo tempo, cada vez mais relatórios davam conta de reforços de infantaria a atravessar o rio na Ilha Harrison e depois a escalar a encosta íngreme até ao topo arborizado de Ball's Bluff. Evans decidiu que era aí que o inimigo estava a concentrar a sua ameaça, e foi para aí que enviou o resto dos soldados do Mississippi e os dois regimentos virginianos. Ordenou que o 8º dos Virginianos se dirigisse ao lado mais próximo de Ball's Bluff, mas indicou a Bird que se posicionasse na margem ocidental oposta.

— Atravesse a povoação — disse Evans — e apareça à esquerda dos rapazes do Mississippi. Depois livre-se dos sacanas dos ianques.

— Com todo o prazer, meu general. — Bird deu meia-volta e vociferou as suas ordens. As equipagens e os cobertores enrolados seriam deixados com uma pequena guarda para a bagagem, devendo todos os restantes elementos da Legião marchar para ocidente com uma espingarda, sessenta munições e quaisquer outras armas que decidissem levar. No verão, quando entraram na guerra, os soldados estavam carregados com mochilas e sacos, cantis e caixas de munições, cobertores e esteiras, facas de mato e revólveres, baionetas e espingardas, além de todos os restantes apetrechos que a família lhes tivesse enviado para o manter seguro, quente ou seco. Alguns homens tinham mantas de búfalo, tendo um ou dois chegado a usar placas peitorais metálicas que os protegessem das balas ianques, mas agora eram poucos os que carregavam mais do que uma espingarda e uma baioneta, um cantil, uma mochila e uma esteira e cobertor enrolados em tubo e pendurados atravessados sobre o peito. Tudo o resto era carga excessiva. A maioria abandonara os bonés forrados com cartão, preferindo chapéus moles que lhes protegessem a nuca do sol. As botas rígidas altas tinham sido cortadas como sapatos, as belas filas duplas de botões de latão das casacas compridas tinham sido arrancadas e usadas como pagamento de sumo de maçã e leite doce das fazendas de Loudoun County, e muitas das abas compridas das casacas tinham sido cortadas para servirem de material para remendar calças e cotovelos. Em junho, quando a Legião treinara em Faulconer Court House, o regimento estava tão elegante e bem equipado como quaisquer outros soldados em todo o mundo, mas agora, depois de apenas uma batalha e três meses de serviço de piquete ao longo da fronteira, pareciam maltrapilhos, mas eram todos soldados muito superiores. Estavam magros, bronzeados, em forma e eram muito perigosos. — Continuam com as suas ilusões, bem vês — explicou Thaddeus Bird ao sobrinho. Adam cavalgava o seu belo ruano enquanto o major Bird, como sempre, andava.

— Ilusões?

— Pensamos que somos invencíveis por sermos jovens. Eu não, espero que compreendas, mas os rapazes. Costumava assumir a responsabilidade de educar os jovens para que perdessem as falácias mais idiotas. Agora tento preservar-lhes os disparates. — Bird ergueu a voz para que a companhia mais próxima o

ouvisse. — Vão viver para sempre, seus malandros, conquanto se lembrem de uma coisa! Que é?

Seguiu-se uma pausa, após o que meia dúzia de homens ofereceu uma resposta dissonante.

— Apontar para baixo.

— Mais alto!

— Apontar para baixo! — Desta vez, toda a companhia rugiu a resposta. Depois começaram a rir, com Bird a olhá-los radiante, qual mestre-escola orgulhoso dos progressos dos seus alunos.

A Legião marchou pela rua principal de Leesburg, cheia de pó, onde um pequeno grupo de homens se tinha reunido no exterior do tribunal de Loudoun County e outro, um pouco maior, junto à Taberna Makepeace, no lado oposto da rua.

— Arranjem-nos armas! — gritou um homem. Pareciam ser a milícia do condado e não tinham armas, nem munições, embora um punhado de homens, com equipamento obtido a nível privado, tivesse partido, mesmo assim, para o campo de batalha. Alguns dos homens acompanharam a Legião, esperando vir a encontrar uma arma perdida no campo. — O que se passa, coronel? — perguntaram a Adam, assumindo o debrum escarlate e as estrelas douradas na farda elegante como sendo sinal de que estava ao comando do regimento.

— Não é nada de extraordinário — insistiu Adam. — São só alguns nortistas perdidos.

— Fazem muito barulho, não fazem? — gritou uma mulher. Os ianques estavam realmente muito mais ruidosos agora que o senador Baker conseguira levar as suas três peças de artilharia para o outro lado do rio e encosta escorregadia acima, até ao cimo da falésia, onde os artilheiros limpavam as goelas dos canhões com três disparos de metralha que desfizeram as folhas das árvores.

Ao assumir o comando da batalha, Baker encontrara as suas tropas tristemente dispersas. O 20º do Massachusetts estava posicionado na mata no sopé da colina, enquanto o 15º avançara pelo prado irregular e pelo bosque distante, até chegar às encostas limpas sobranceiras a Leesburg. Baker chamou de volta o 15º, insistindo que formassem uma linha de combate à esquerda do 20º.

— Vamos formar aqui — anunciou —, enquanto Nova Iorque e a Califórnia se juntam a nós! — Desembainhou a espada e brandiu a lâmina gravada para cortar a ponta de uma ortiga. As balas rebeldes passavam-lhes por cima das cabeças, cortando por vezes pedaços de folhas que caíam lentamente no ar quente e fragrante. As balas pareciam assobiar na mata e tal som bizarro retirava-lhes o perigo que representavam. O senador, que combatera como voluntário na Guerra Mexicana, não estava, de todo, apreensivo. Pelo contrário, sentia o entusiasmo de um homem tocado pela hipótese de grandiosidade. Seria o seu dia! Virou-se quando o coronel Milton Cogswell, comandante do Regimento Tammany chegou a arfar ao cimo da falésia. — Um sopro da sua corneta vale um milhar de homens! — Baker saudou o coronel exausto com uma citação jocosa.

— Prefiro o raio parta dos homens, meu coronel, com o perdão da expressão — queixou-se Cogswell, encolhendo-se quando um par de balas fez estremecer as folhas por cima da sua cabeça. — Qual é o nosso objetivo, meu coronel?

— O nosso objetivo, Milton? O nosso objetivo é a vitória, a fama, a glória, a paz, o perdão dos nossos inimigos, a reconciliação, a magnanimidade, a prosperidade, a felicidade e a garantia da recompensa celestial.

— Nesse caso, meu coronel — aventou Cogswell, numa tentativa de acalmar o senador excitado —, poderei sugerir que avancemos e ocupemos aquele renque de árvores? — Apontou para a mata além da extensão de prado. Ao retirar o 20º do Massachusetts dessa mata, Baker cedera literalmente as árvores aos rebeldes e os primeiros infantes de casaca cinzenta estavam já instalados no meio da vegetação rasteira.

— Aqueles desgraçados não nos vão incomodar — menosprezou Baker. — Em breve, os nossos artilheiros vão pô-los a andar. Só vamos ficar aqui por uns momentos, o suficiente para nos agruparmos e depois avançamos. Em frente para a glória!

Uma bala assobiou bem perto por cima dos dois homens, levando Cogswell a praguejar num espanto furioso. Não se zangara com a proximidade do tiro, mas sim por o disparo ter tido origem num cabeço altaneiro na ponta oriental das falésias. Era o ponto mais elevado da zona e dominava as árvores onde as tropas nortistas se reuniam.

— Não estamos a ocupar aquela elevação? — perguntou Cogswell horrorizado.

— Não há necessidade! Não há necessidade! Vamos avançar em breve! Em frente para a vitória! — Baker afastou-se calmamente, satisfeito com a sua autoconfiança. Enfiado na carneira do chapéu, onde em tempos guardara apontamentos antes das idas a tribunal, tinha as ordens que recebera do general Stone. “Coronel,” diziam as ordens num rabisco apressado, “havendo tiroteio forte à frente da Ilha Harrison, deverá avançar o regimento da Califórnia da sua brigada ou retirar os regimentos às ordens dos coronéis Lee e Devem no lado da Virgínia do rio, à sua discrição, assumindo o comando à chegada.” Para Baker, tudo isso de pouco importava, salvo o facto de estar no comando, o dia estar soalheiro, o inimigo estar à sua frente e a fama marcial se encontrar ao seu alcance. — “Um sopro da sua corneta” — o senador ia entoando os versos de *Sir Walter Scott* enquanto marchava por entre as tropas nortistas que se reuniam por baixo das árvores — “valiam um milhar de homens!” Ripostem, rapazes! Os malandros que saibam que estamos aqui! Disparem à vontade, rapazes! Deem-lhes fogo! Eles que saibam que o Norte está aqui para lutar!

O tenente Wendell Holmes despiu o sobretudo cinzento, dobrou-o com todo o cuidado e depositou-o por baixo de uma árvore. Sacou do revólver, confirmou que os fulminantes estavam devidamente instalados sobre os cones e depois disparou contra as distantes formas indistintas dos rebeldes. A voz do senador ecoava ainda pelo bosque, interrompida pelos estampidos do revólver de Holmes.

— “Salve o chefe” — recitou Holmes baixinho o verso do mesmo poema que Baker declamava —, “que triunfante avança.”

O senador Baker puxou de um relógio caro, presente dos colegas e amigos da barra da Califórnia por ocasião da entrada para o Senado dos Estados Unidos. O dia passava a correr, pelo que teria de se apressar, caso pretendesse capturar e consolidar Leesburg antes do anoitecer.

— Vamos em frente! — Baker voltou a empurrar o relógio para dentro do bolso. — Todos vós! Todos vós! Em frente, meus rapazes, em frente! Até Richmond! Até à glória! Tudo pela união, rapazes, tudo pela união!

As cores foram erguidas, as gloriosas Estrelas e Faixas, e a seu lado as cores em seda branca do Massachusetts, com as armas da Commonwealth bordadas num dos flancos e o lema *Fide et Constantia* com letras brilhantes no outro. A

seda adejou à luz do Sol enquanto os homens gritavam, saíam dos seus abrigos e carregavam.

Para morrer.

— Fogo! — Entre as árvores estavam agora dois regimentos completos do Mississippi, e as espingardas dos soldados cuspiam chamas sobre a clareira, na direção do ponto onde os nortistas tinham aparecido de repente. As balas quebraram as alfarrobeiras e desfizeram as folhas amarelas garridas dos bordos. Uma dúzia de nortistas tombou com a salva. Um deles, um homem que nunca praguejara em toda a vida, começou a soltar imprecações. Um marceneiro de Boston fitou, espantado, o sangue que se espalhava pela farda, e depois chamou pela mãe enquanto tentava rastejar para um abrigo.

— Fogo! — O coronel Eps, do 8º da Virgínia, encontrava-se no terreno elevado que dominava o flanco esquerdo dos ianques e os seus atiradores despejaram uma fuzilada avassaladora sobre os nortistas. Foram tantas as balas a gemer e a assobiar ao ressaltarem nos canos de bronze dos morteiros ianques que os artilheiros fugiram pelo precipício da falésia, onde ficaram a salvo do silvo de vespa e das vergastadas sibilantes dos disparos rebeldes.

— Fogo! — Mais soldados do Mississippi abriram fogo. Estavam deitados entre as árvores, ou ajoelhados atrás de troncos e espreitaram através do fumo da pólvora para ver que as salvas tinha rechaçado o ataque nortista. Espalhados entre os soldados do Mississippi, estavam homens de Leesburg e das quintas circundantes, que disparavam armas de caça e caçadeiras contra os ianques vacilantes. Um sargento de Nova Iorque maldisse os seus homens em gaélico, mas as imprecações de nada valeram e uma bala desfez-lhe o cotovelo. Os nortistas recuavam para o meio das árvores, em busca de abrigo atrás de troncos e de ramos caídos, onde recarregaram os mosquetes e as espingardas. Duas das companhias do Massachusetts tinham sido recrutadas entre imigrantes alemães e os seus oficiais gritavam nessa língua, exortando-os a mostrar ao mundo a forma como os alemães lutavam. Outros oficiais nortistas fingiam-se indiferentes à chuva de balas que varria a cumeada da falésia. Andavam por entre as árvores, sabendo que a exibição de uma coragem despreocupada era a qualidade necessária à patente. Pagaram-na com sangue. Muitos dos elementos do 20º do Massachusetts tinham pendurado em ramos os belos sobretudos novos forrados a escarlata e as roupas estremeciam à medida que as balas perfuravam e

rasgavam o rico tecido cinzento. O som da batalha era agora constante, soando a algodão a rasgar, ou a um canavial a arder, mas sob o estrépito troante, ouviam-se os gemidos dos feridos, os gritos dos magoados e os estertores dos moribundos.

O senador Baker bradou aos oficiais de estado-maior que operassem um dos morteiros abandonados, mas nenhum deles sabia como escorvar um ouvido e a chuva de balas virginianas empurrou os oficiais de volta às sombras. Ao recuarem, atrapalhados, da peça, deixaram um major morto e um tenente a tossir sangue. Uma bala fez saltar uma lasca de madeira do raio de uma das rodas do canhão, outra acertou em cheio no cano e uma terceira furou o balde de água.

Um grupo de homens do Mississippi, furiosos por o seu coronel ter sido alvejado, tentou carregar pela extensão de prado irregular, mas assim que se mostraram além da linha de árvores, os nortistas frustrados dispararam contra eles. Foi a vez de os rebeldes recuarem, deixando três mortos e dois feridos. O canhão de catorze libras no flanco direito da linha do Massachusetts continuava a fazer fogo, mas os artilheiros de Rhode Island tinham acabado a pequena reserva de metralha e agora nada mais tinham para disparar senão dardos de ferro sólido. As latas de metralha, que se desfaziam na boca do cano e espalhavam uma chuva mortífera de bolas de mosquete sobre as linhas inimigas, eram ideais para uma matança à queima-roupa, mas os dardos sólidos destinavam-se a um fogo mais preciso de longo alcance, não servindo para expulsar infantaria do mato. Os dardos, que eram bolas de canhão de ferro sobre o comprido, gemiam sobre a clareira e desapareciam à distância, ou então arrancavam novas lascas dos troncos das árvores. O fumo do canhão espalhava a sua nuvem imunda vinte metros à frente do cano, criando um véu que ocultava as companhias do 20º do Massachusetts no flanco direito.

— Vamos embora, Harvard! — bradou um oficial. Pelo menos dois terços dos oficiais do regimento tinham vindo de Harvard, bem como seis sargentos e dezenas de soldados. — Vamos embora, Harvard! — repetiu o oficial e deu um passo em frente, para servir de exemplo aos homens, mas uma bala acertou-lhe no queixo e fez-lhe a cabeça saltar com força para trás. O sangue envolvia-lhe o rosto quando tombou lentamente ao chão.

De boca seca, Wendell Holmes observou o oficial ferido a ajoelhar-se e depois a cair para a frente. Holmes correu a ajudá-lo, mas outros dois soldados estavam

mais perto e arrastaram o corpo de volta às árvores. O oficial estava inconsciente, com a cabeça ensanguentada a estremecer, e depois produziu um som áspero quando o sangue lhe começou a borbulhar na garganta.

— Está morto — informou um dos homens que tinham puxado o corpo para o abrigo das árvores. Holmes fitou o cadáver e sentiu uma ânsia de vômito a assomar-lhe a garganta. Com grande esforço, conseguiu dominar o impulso, dando meia-volta e obrigando-se a caminhar com uma calma aparente por entre a companhia. A bem da verdade, queria deitar-se, mas sabia que tinha de mostrar aos soldados que não estava com medo, pelo que andou entre eles, de espada desembainhada, ajudando onde podia.

— Apontem para baixo. Apontem com cuidado! Não desperdicem munições. Vá, procurem-nos! — Os seus homens morderam os cartuchos, enchendo a boca com o sabor salgado da pólvora. Tinham o rosto escurecido pela pólvora e os olhos raiados de sangue. Fazendo uma pausa num breve lago de sol, Holmes ouviu de repente o som de vozes rebeldes que gritavam o mesmo conselho.

— Apontem para baixo! — bradava um oficial confederado. — Apontem para os oficiais! — Holmes apressou-se a seguir caminho, resistindo à tentação de se deixar ficar atrás dos troncos marcados pelas balas.

— Wendell! — chamou o coronel Lee.

O tenente Holmes virou-se para o comandante.

— Meu coronel?

— Olhe para a nossa direita, Wendell! Talvez possamos contornar estes rebeldes. — Lee apontou para a mata além da peça de artilharia. — Descubra até onde chega a linha confederada. Despache-se!

Tendo permissão para abandonar a sua pose de uma descontração forçada, Holmes correu por entre as árvores na direção do flanco direito aberto da linha nortista. À sua direita, lá em baixo por entre as árvores, avistou a surpresa brilhante e fresca que era o rio e a visão da água pareceu-lhe estranhamente reconfortante. Passou pelo sobretudo cinzento tão bem dobrado junto às raízes do bordo, correu por trás dos soldados de Rhode Island que operavam o canhão e dirigiu-se ao flanco, onde, no momento em que saiu do fumo e viu que o bosque distante estava deveras livre de soldados inimigos, o que permitiria ao coronel Lee contornar o flanco esquerdo confederado, foi atingido no peito por uma bala.

Estremeceu, com o corpo abalado pelo impacto violento da bala. Ficou sem fôlego, sentindo-se momentaneamente incapaz de respirar, mas mesmo assim estava calmo e desligado a ponto de ser capaz de se aperceber daquilo por que estava a passar. A bala, pois tinha a certeza que fora uma bala, acertara-lhe com um impacto que julgava ser semelhante ao de um coice de cavalo. Deixara-o aparentemente paralisado, mas, quando tentou inspirar, percebeu, aliviado, que os pulmões ainda funcionavam e teve noção de que não se encontrava, na verdade, paralisado, sofrendo apenas de uma interrupção do controlo da mente sobre o movimento físico. Também se apercebeu de que o pai, professor de Medicina em Harvard, gostaria de saber daquelas percepções, pelo que levou a mão ao bolso onde guardava o bloco de apontamentos e o lápis, mas então, incapaz de se controlar, começou a tombar para a frente. Tentou chamar ajuda, mas não conseguiu produzir qualquer som. Tentou então levantar as mãos para amparar a queda, mas os braços pareceram-lhe subitamente fracos. A espada, que empunhava desembainhada, caiu ao chão e Holmes viu uma gota de sangue a manchar a lâmina espelhada. Tombou a todo o comprimento sobre o aço e sentiu uma dor terrível dentro do peito, o que o levou a gritar de lástima e agonia. Teve uma visão da família em Boston e sentiu vontade de chorar.

— O tenente Holmes foi atingido! — gritou alguém.

— Vão buscá-lo já! Levem-no de volta! — ordenou o coronel Lee, após o que foi confirmar a gravidade dos ferimentos de Holmes. Foi atrasado durante alguns segundos pelos artilheiros de Rhode Island, que gritaram à infantaria para abrir espaço enquanto disparavam. Os canhões recuaram sobre os sulcos, cuspidos fumo e chamas bem longe até à clareira iluminada pelo sol. Sempre que a peça disparava, recuava um pouco, deixando como rasto um sulco grosseiro na terra coberta de folhas. Os artilheiros estavam demasiado ocupados para voltar a empurrar o canhão em frente, pelo que cada tiro era disparado alguns metros mais atrás do que o anterior.

O coronel Lee chegou a Holmes no momento em que o tenente estava a ser depositado numa maca.

— Lamento, meu coronel — conseguiu Holmes dizer.

— Esteja calado, Wendell.

— Lamento — repetiu Holmes. Lee deteve-se para apanhar a espada do tenente e interrogou-se por que julgavam tantos homens que ser ferido era culpa

deles.

— Agiu bem, Wendell — declarou Lee com entusiasmo. Depois, uma ovação rebelde súbita fê-lo virar-se e viu novas tropas confederadas a chegarem à mata oposta, percebendo que já não tinha hipótese de contornar o flanco aberto do inimigo. Com efeito, parecia que talvez fosse o inimigo a contornar o seu. Praguejou entre dentes e depois pousou a espada de Holmes ao lado do tenente ferido. — Levem-no com cuidado — indicou Lee, após o que se encolheu, quando um cabo começou a gritar devido a uma bala que lhe violara as entranhas. Outro homem cambaleou com um olho cheio de sangue e Lee interrogou-se por que diabos Baker não ordenara a retirada. Tinham de voltar a cruzar o rio antes que morressem todos.

No outro lado da clareira, os rebeldes tinham começado a entoar o som demoníaco que os veteranos nortistas de Bull Run garantiam ser o presságio do desastre iminente. Era um som estranho, ululante e inumano que lançava arrepios de terror puro pela coluna do coronel Lee. Um bramido prolongado, qual grito de triunfo de uma besta, e o som, assim receava Lee, da derrota nortista. Estremeceu, agarrou a espada com um pouco mais de força e foi à procura do senador.

A Legião Faulconer subiu a longa encosta a caminha da batalha. Marchar através da povoação e encontrar o caminho certo para o rio demorara mais do que o esperado, pelo que agora se estava no início da tarde e alguns dos homens mais confiantes queixavam-se de que os ianques estariam todos mortos e saqueados antes que a Legião Faulconer pudesse chegar à sua parte dos despojos, ao passo que os tímidos lembravam que a batalha ainda estrondeava sem tréguas. A Legião chegara perto o suficiente para cheirar o fedor amargo da pólvora, levado pela brisa norte que soprava o fumo através das folhas verdes, qual nevoeiro de inverno a deslocar-se por entre os ramos. Em casa, pensou Starbuck, as folhas já teriam todas mudado de cor, transformando as colinas em torno de Boston numa surpresa gloriosa de dourado, roxo, amarelo vivo e um castanho rico, mas ali, no extremo norte da Confederação sulista, apenas os bordos tinham assumido o ouro, com as outras árvores ainda carregadas de folhas verdes, mesmo com essa verdura a ser arrancada e agitada pela chuva de balas que estavam a ser disparadas algures nas profundezas da mata.

A Legião marchou pelos restos leprosos de vegetação chamuscada que mostravam onde a companhia de Duff, de homens de Pike e Chickasaw County, tinha travado o avanço dos ianques. Os invólucros em chamas das espingardas, cuspidos a par das balas, tinham ateado os pequenos fogos que ardiam e se apagavam, deixando cicatrizes escuras no campo. Também se viam algumas manchas de sangue, mas a Legião estava demasiado interessada nos combates no cimo da colina para se preocupar com esses sinais de uma batalha anterior.

No limite da mata encontravam-se mais detritos da batalha. Uma dúzia de cavalos de oficiais estava aí presa, e uma vintena de feridos recebia a atenção dos médicos. Uma mula carregada com munições frescas era levada para o meio das árvores, enquanto outra, de cestos vazios, era trazida. Um escravo, levado para a batalha como criado do dono, correu colina acima com os cantis que reabastecera na nascente da fazenda mais próxima. Pelo menos duas dezenas de crianças tinham vindo de Leesburg para observar a batalha e um sargento do Mississippi tentava afastá-las do alcance das balas nortistas. Um menino tinha trazido a enorme caçadeira do pai para o campo e suplicava que o deixassem matar um ianque antes da hora de se deitar. O pequeno nem sequer estremeceu quando um dardo sólido de uma peça de catorze libras foi cuspidor por entre as árvores e passou quase rente às cabeças. A bala pareceu voar até meio caminho da montanha Catoctin, antes de cair com estardalhaço num ribeiro pouco além da Estrada de Licksville. A Legião encontrava-se agora a sessenta metros das árvores e os oficiais ainda a cavalo desmontaram e espetaram na terra pinos de ferro para prender os cavalos, enquanto o capitão Hinton, o segundo comandante da Legião, avançava para averiguar ao certo onde se encontrava o flanco esquerdo dos rapazes do Mississippi.

A maior parte dos homens de Starbuck estava entusiasmada. Nas longas semanas de guarda ao Potomac, o alívio por ter sobrevivido a Manassas transformara-se em enfado. Esse tempo nem parecera guerra, sendo, isso sim, um idílio veranil junto a água fresca. De vez em quando, um homem de uma ou outra margem era abatido, e durante um dia ou dois, os piquetes refugiavam-se nas sombras, mas, regra geral, os dois lados tinham ido à sua vida. Os homens nadavam sob a mira dos inimigos, lavavam as roupas e davam de beber aos cavalos, e, inevitavelmente, travavam conhecimentos com as sentinelas do outro lado, descobrindo baixios para se encontrarem a meio do rio e trocarem jornais,

ou tabaco sulista por café nortista. Agora, contudo, na ânsia de se revelarem os melhores soldados do mundo, a Legião esquecera a simpatia do verão e, em vez disso, jurava que ia ensinar os ianques mentirosos, ladrões e sacanas a não atravessarem o rio antes de pedirem autorização aos rebeldes.

O capitão Hinton voltou a surgir no limite das árvores e colocou as mãos em concha.

— Companhia A, a mim!

— Formar à esquerda da Companhia A! — gritou Bird à restante Legião. — Grupo das cores, a mim!

Um dos projéteis de canhão rasgou por entre as árvores, banhando os homens que avançavam com folhas e lascas de madeira. Starbuck viu o ponto onde um disparo anterior tinha arrancado o ramo de uma árvore, deixando uma cicatriz chocante de madeira fresca. Sentiu um nó repentino na garganta, uma pontada de receio que se assemelhava ao entusiasmo

— Grupo das cores, a mim! — repetiu Bird, e os porta-estandartes ergueram as bandeiras ao Sol e correram a juntar-se ao major. As cores da Legião baseavam-se no brasão da família Faulconer, mostrando três crescentes vermelhos num campo de seda branca, sobre o lema da família, “Sempre Ardente.” O segundo estandarte era a bandeira nacional da Confederação, duas faixas horizontais vermelhas com outra branca ao centro, enquanto o quadrante superior ao lado da haste mostrava um campo azul onde fora bordado um círculo de sete estrelas brancas. Depois de Manassas, tinham sido apontadas queixas, que diziam que a bandeira era demasiado semelhante à do Norte, e que as tropas tinham disparado contra unidades aliadas julgando que se tratavam de ianques. Dizia-se que em Richmond se procedia à criação de um novo desenho, mas, naquele dia, a Legião iria combater sob a seda furada pelas balas das antigas cores confederadas.

— Meu Senhor Jesus Cristo, salvai-me, meu Senhor Jesus Cristo, salvai-me — rezava, ofegante, Joseph May, um dos homens de Starbuck, enquanto corria atrás do sargento Truslow. — Salvai-me, meu Deus, salvai-me.

— Poupa o fôlego, May! — rosnou Truslow.

A Legião avançara em colunas de companhias e agora desviava-se para a esquerda enquanto se transformava, de coluna de marcha em linha de batalha. A

Companhia A foi a primeira a entrar nas árvores e a Companhia K de Starbuck seria a última. Adam Faulconer acompanhava Starbuck.

— Desce do cavalo, Adam! — gritou Starbuck ao amigo. — Ainda te matas! — Tinha de gritar para se fazer ouvir acima do estrépito da mosquetaria, mas o som enchia Starbuck com uma estranha exaltação. Sabia tão bem quanto Adam que a guerra era errada. Era como o pecado, terrível, mas tal como o pecado, tinha um horrível poder de atração. *Se sobrevive a isto*, pensava Starbuck, *um homem é capaz de aguentar tudo o que o mundo lhe possa atirar*. Era um jogo com apostas inimaginavelmente elevadas, mas também era um jogo onde os privilégios não garantiam vantagens, salvo a hipótese de evitar por completo o jogo, e quem se servia dos privilégios para evitar tal jogo não era de todo um homem, mas um cobarde imundo. Ali, onde o ar estava empestado de fumo e a morte surgia por entre o verde das folhas, a existência simplificava-se ao ponto do absurdo. De repente, Starbuck gritou, prenhe do prazer puro do momento. Atrás dele, de espingardas carregadas, a Companhia K espalhava-se por entre as folhas viçosas. Ouviram o brado de alegria do capitão e o grito rebelde oriundo das tropas à direita, e por isso começaram a produzir o ulular demoníaco que falava dos direitos do Sul, do orgulho do Sul e dos rapazes do Sul que ali estavam para a matança.

— Façam-lhes a vida negra, rapazes! — vociferou Bird. — Façam-lhes a vida negra!

E a Legião obedeceu.

Baker morreu.

O senador tentava estabilizar os homens, cujos nervos estavam a ser taxados pelos vingativos demónios sulistas ululantes. Baker procedera a três tentativas para sair da mata, mas cada avanço nortista fora rechaçado violentamente, deixando nova marca de homens abatidos no pequeno prado que agora parecia um matadouro repleto de fumo entre as duas forças. Alguns dos soldados de Baker abandonavam os combates, escondendo-se na falésia íngreme que descia até à margem do rio, ou abrigando-se às cegas atrás de troncos de árvores e de formações rochosas no cimo do monte. Baker e os seus ajudantes-de-campo iam buscar esses elementos mais tímidos aos seus refúgios e devolviam-nos aos pontos onde os corajosos ainda tentavam manter os rebeldes à distância, mas os

menos bravos regressavam às escondidas aos seus abrigos assim que os oficiais dali saíam.

O senador ficara privado de ideias. Toda a sua esperteza, a oratória e a paixão tinham sido condenadas ao limbo da impotência alimentada pelo pânico. Não que ele mostrasse medo. Continuava a andar à frente dos homens, de espada em riste, ordenando-lhes que apontassem para baixo e que mantivessem o moral elevado.

— Estão a chegar reforços! — garantiu aos homens manchados de pólvora da 15^a do Massachusetts. — Já não falta muito, rapazes! — encorajou os seus soldados da 1^a da Califórnia. — Agora está a ser difícil, rapazes, mas eles vão cansar-se primeiro! — prometeu aos elementos dos Tammanys de Nova Iorque. — Se pelo menos tivesse mais um regimento como o vosso — confidenciou aos Harvards —, esta noite teríamos um festim em Richmond!

O coronel Lee tentou convencer o senador a recuar para o outro lado do rio, mas Baker pareceu não ouvir o pedido e quando Lee o gritou, insistindo para ser ouvido, Baker limitou-se a oferecer um sorriso triste ao coronel.

— Não sei se dispomos de barcos suficientes para uma retirada, William. Creio que temos de nos manter firmes e vencer aqui, não acha? — Uma bala assobiou a centímetros da cabeça do senador, mas este não se mexeu. — Não passam de um bando de rebeldes. Não seremos derrotados por tais miseráveis. O mundo está a ver-nos e temos de mostrar a nossa superioridade!

O que talvez fosse algo que um antepassado de Baker tivesse dito em Yorktown, refletiu Lee, mas tendo o bom senso de não o dizer em voz alta. O senador podia ter nascido em Inglaterra, mas não havia americano mais patriota.

— Está a mandar retirar os feridos? — perguntou, em vez disso, Lee ao senador.

— De certeza que sim! — garantiu Baker com firmeza, embora não estivesse certo de nada, mas agora não podia preocupar-se com os feridos. Precisava, isso sim, de encher os seus homens de um fervor justificado pela adorada união. Um ajudante-de-campo trouxe-lhe a informação de que o 19^o do Massachusetts tinha chegado à outra margem do rio e Baker pensou que se pudesse fazer com que esse regimento fresco atravessasse o Potomac, teria homens suficientes para lançar um ataque contra o barranco a partir de onde os rebeldes dizimavam o seu flanco esquerdo e impediam que os morteiros realizassem a sua chacina. A ideia

deu ao senador uma esperança renovada e um novo entusiasmo. — É isso que vamos fazer! — bradou a um dos ajudantes.

— Vamos fazer o quê, senador?

— Venha daí! Temos trabalho! — O senador precisava de regressar ao flanco esquerdo e o caminho mais rápido ficava em terreno aberto, onde o fumo das armas garantia um banco de nevoeiro onde se poderiam ocultar. — Venha — repetiu, após o que se apressou a correr à frente da linha, gritando aos atiradores que sustivessem o fogo até que ele passasse. — Vamos ter reforços, rapazes — gritou. — Já não falta muito! A vitória está a chegar. Aguentem-se aí, aguentem-se!

Um grupo de rebeldes viu o senador e os seus ajudantes-de-campo a correrem através do fumo ondulante e mesmo não sabendo que Baker era o comandante nortista, sabiam que só um oficial superior empunharia uma espada guarnecida de borlas e usaria uma farda tão carregada de trancelins e dourados. Uma corrente dourada de relógio saía do bolso da casaca do senador e refletiu o sol.

— Lá está o chefe deles! O chefe deles! — alertou um ruivo nodoso alto do Mississippi, apontando para a figura que marchava com tanta confiança pela frente de batalha. — É meu! — gritou o homem alto, correndo em frente. Foi seguido por uma dúzia de camaradas, ansiosos por pilhar os corpos dos ricos comandantes nortistas.

— Senador! — alertou um dos ajudantes-de-campo de Baker.

O senador virou-se, erguendo a espada. Devia ter retirado para as árvores, mas não atravessara um rio para fugir de uma quadrilha de secessionistas.

— Anda lá então, rebelde de uma figa! — bradou, estendendo a lâmina, como se estivesse pronto a travar um duelo.

Mas o ruivo serviu-se de um revólver, com as quatro balas a baterem no peito do senador como se fossem golpes de machado em madeira macia. O senador foi atirado para trás, a tossir e agarrado ao peito. Deixara cair a espada e o chapéu ao tentar manter-se de pé. Outra bala rasgou-lhe o pescoço e o sangue espalhou-se num jorro vermelho pela túnica de botões de bronze da casaca traçada, amontoando-se na corrente de ouro do relógio. Baker tentava respirar e abanava a cabeça, como se não acreditasse no que lhe estava a acontecer. Olhou para o assassino esgalgado com uma expressão de perplexidade, após o que tombou na erva. O rebelde ruivo apressou-se a reclamar o corpo.

Um tiro de espingarda fez o ruivo rodopiar, com outra bala a abater o indivíduo. Uma salva rechaçou os restantes homens do Mississippi, enquanto dois dos ajudantes-de-campo do senador arrastavam o comandante morto de volta às árvores. Um dos homens recuperou o chapéu do senador e tirou a mensagem dobrada e suada que enviara aquela loucura desde o outro lado do rio.

O Sol brilhava baixo a ocidente. As folhas podiam ainda não ter mudado de cor, mas as noites cresciam e o Sol desapareceria às cinco e meia, mas a escuridão já não podia salvar os ianques. Precisavam de barcos, mas só dispunham de cinco pequenas embarcações e alguns dos feridos já se tinham afogado ao tentar nadar de volta à Ilha Harrison. Outros feridos desciam, atrapalhados, a falésia até à pequena área de terreno plano entre a base da colina íngreme e a margem do rio, já cheia pelas baixas nortistas. Dois ajudantes-de-campo transportaram o corpo do senador por entre o amontoado de homens gementes até um dos barcos, ordenando que se abrisse espaço para o cadáver. O caro relógio do senador caiu-lhe do bolso quando a carcaça foi carregada até à margem. O relógio ficou pendurado pela corrente ensanguentada, começando por ser arrastado pela lama e depois batendo com força na madeira da embarcação. A pancada estilhaçou o cristal do relógio e espalhou pequenos fragmentos aguçados na água imunda no fundo. Os restos mortais cobertos de sangue do senador foram rolados sobre o vidro.

— Levem-no de volta! — ordenou um ajudante-de-campo.

— Vamos morrer todos! — gritou um soldado no cimo da colina, com um sargento do Massachusetts a mandá-lo parar com o maldito barulho e morrer como um homem. Um grupo de rebeldes tentou atravessar a clareira e foi rechaçado por um crescendo de fogo de mosquete que os fez dar meia-volta e arrancou lascas de madeira das árvores atrás deles. Um porta-estandartes do Massachusetts foi atingido e a sua enorme e bela bandeira de seda esburacada pelas balas adejou a caminho da terra, mas outro homem agarrou na franja borlada e voltou a erguer as estrelas em direção ao Sol antes que as faixas chegassem ao chão.

— Aquilo que vamos fazer — indagou o coronel Cogswell, que finalmente percebera ser o oficial de patente mais elevada sobrevivente, assumindo assim o comando dos quatro regimentos ianques encurralados na margem da Virgínia — é lutar rio abaixo até ao *ferry*. — Pretendia retirar os homens das sombras

assassinados e levá-los para os campos abertos, onde os inimigos já não poderiam esconder-se atrás das árvores. — Vamos marchar em passo acelerado. Isso significa que teremos de abandonar as armas e os feridos.

Ninguém gostou da decisão, mas não havia ideia melhor, pelo que a ordem foi transmitida até ao 20º do Massachusetts, que se encontrava no flanco direito da linha ianque. O canhão *James* de catorze libras teria mesmo de ser abandonado, já que recuara tanto que acabara por cair da falésia. Ao disparar o último tiro, um artilheiro gritara a dar o alarme e depois o enorme canhão tombara escarpa abaixo, rebolando com estrépito pela encosta íngreme até se deter contra uma árvore. Os artilheiros tinham desistido das tentativas de voltar a içar a peça até ao topo, escutando, em vez disso, o coronel Lee a explicar aquilo que o regimento estava prestes a fazer. Deveriam deixar os feridos à mercê dos rebeldes e reunir-se no flanco esquerdo da linha nortista. Aí carregariam em massa por entre as forças rebeldes até aos prados que davam acesso ao local onde a segunda força ianque atravessara o rio para cortar a estrada. Essa segunda força tinha a cobertura da artilharia na margem de Maryland do rio.

— Não podemos atravessar aí para o Maryland — admitiu Lee aos oficiais —, pois não temos barcos suficientes, pelo que teremos de marchar os oito quilómetros para jusante e afastar os rebeldes pelo caminho. — Olhou para o relógio. — Avançamos daqui a cinco minutos.

Lee sabia que demoraria esse tempo até que as ordens chegassem a todas as companhias e para que as baixas fossem reunidas sob uma bandeira de tréguas. Detestava ser obrigado a deixar os feridos, mas sabia que nenhum elemento do seu regimento chegaria ao Maryland naquela noite se não abandonassem as baixas.

— Despachem-se — disse aos oficiais, tentando soar confiante, mas a tensão era por demais evidente e a aparência otimista começava a esvaír-se sob o castigo constante das balas rebeldes. — Depressa! — insistiu. Foi então que ouviu o barulho terrível de gritos vindo do flanco direito aberto e virou-se, alarmado, percebendo de repente que já não havia pressa que lhe valesse.

Parecia que os Harvards teriam de lutar onde se encontravam. Lee desembainhou a espada, humedeceu os lábios, e depois entregou a alma a Deus e o seu adorador regimento ao fim desesperado que os aguardava.

— Estamos muito chegados à esquerda — resmungara Truslow a Starbuck assim que a Companhia K chegara à linha de batalha. — Os sacanas estão daquele lado. — Truslow apontou para o outro lado da clareira, onde um véu de fumo pairava à frente das árvores. O fumo ficava bastante à direita da Companhia K, enquanto mesmo à frente dos homens de Starbuck não havia qualquer fumo, apenas árvores vazias e sombras compridas e escuras, entre as quais os bordos pareciam anormalmente brilhantes. Alguns dos elementos da Companhia K tinham começado a disparar contra essas árvores, mas Truslow rosnara-lhes que parassem de desperdiçar pólvora.

A companhia aguardou, expectante, pelas ordens de Starbuck e depois virou-se quando outro oficial chegou a correr pelo meio da vegetação. Era o tenente Moxey, que se considerava um herói desde que sofrera um ferimento ligeiro na mão esquerda, em Manassas.

— O major diz que têm de se chegar ao centro. — Moxey mostrava-se repleto de entusiasmo. Acenou com o revólver na direção do som da mosquetaria. — Diz que têm de reforçar a companhia do Murphy.

— Companhia! — bradou Truslow aos homens, antecipando a ordem de Starbuck para avançarem.

— Não! Espere! — Starbuck continuava a olhar diretamente sobre a clareira, para as árvores calmas. Voltou a olhar para a direita, reparando como o fogo ianque esmorecera momentaneamente. Durante alguns segundos, interrogou-se se aquela quebra no fogo significaria que as forças nortistas estavam a bater em retirada, mas, depois, uma investida súbita por parte de um grupo de rebeldes aos gritos desencadeou uma salva furiosa de disparos nortistas. Por alguns segundos, os tiros fizeram-se ouvir num matraquear alucinado, mas assim que os rebeldes retiraram, a fuzilada desvaneceu-se. Starbuck apercebeu-se de que os nortistas estavam a conter o fogo até conseguirem avistar os alvos, enquanto os sulistas mantinham uma fuzilada constante. O que implicava, decidiu Starbuck, que os ianques se preocupavam com as munições.

— O major diz que têm de avançar imediatamente — insistiu Moxey. Era um jovem magro de tez pálida, que se ressentia do facto de Starbuck ter sido promovido a capitão, enquanto ele permanecia tenente. Era também um dos poucos homens da Legião que não gostava da presença de Starbuck, acreditando que um regimento da Virgínia não precisava de um bostoniano renegado, mas

era uma opinião que mantinha reservada, pois Moxey conhecia bem o mau feitio de Starbuck e sabia que o nortista não tinha quaisquer problemas em usar os punhos. — Ouviu o que eu disse, Starbuck? — exigia agora.

— Eu ouvi — respondeu Starbuck, continuando sem se mexer. Pensava que os ianques tinham passado quase todo o dia a combater naquelas matas e seria de esperar que tivessem usado praticamente todas as munições nas bolsas, o que significava que agora dependiam das pequenas quantidades que pudessem ser levadas pelo rio. Pensava também que as tropas que se preocupavam com a quantidade de cartuchos disponíveis eram tropas que entravam rapidamente em pânico. Assistira a pânico em Manassas e imaginava que isso pudesse garantir ali uma vitória igualmente rápida e completa.

— Starbuck! — Moxey insistia em ser ouvido. — O major diz que tem de reforçar o capitão Murphy.

— Já o ouvi, Mox — repetiu Starbuck, mas nada mais.

Moxey fez um grande espalhafato, dando a entender que julgava que Starbuck tinha de ser particularmente idiota. Bateu no braço de Starbuck e apontou para as árvores à direita.

— Por ali, Starbuck.

— Vá-se embora, Mox — disse Starbuck, olhando para o outro lado da clareira. — E de caminho diga ao major que vamos atravessar aqui e empurrar os nortistas pela esquerda. A nossa esquerda, percebeu?

— Vai fazer o quê? — Moxey fitou Starbuck de boca aberta e depois olhou para Adam, que estava a cavalo, alguns passos atrás de Starbuck. — Diga-lhe, Adam — apelou Moxey à autoridade superior. — Diga-lhe para obedecer às ordens!

— Vamos atravessar o campo, Moxey — explicou Starbuck numa voz gentil e lenta, como se estivesse a dirigir-se a uma criança particularmente lenta —, e vamos atacar os mauzões dos ianques por entre aquelas árvores. Agora, vá lá dizer isso ao Pica-pau!

A manobra parecia o mais óbvio a fazer. Os dois lados estavam naquele momento a alvejar-se mutuamente dos dois lados da clareira, e embora os rebeldes detivessem uma vantagem clara, nenhum dos lados parecia capaz de avançar diretamente contra o fogo concentrado do outro. Atravessando a clareira

naquele flanco aberto, Starbuck poderia levar os seus homens em segurança até às árvores dos nortistas e depois carregar sobre a ala sem defesas.

— Confirmem que estão carregados! — bradou Starbuck aos seus homens.

— Não pode fazer isto, Starbuck — apelou Moxey. Starbuck não lhe prestou atenção. — Quer que diga ao major que vai desobedecer às ordens? — perguntou Moxey a Starbuck, num tom petulante.

— Sim — respondeu Starbuck. — É exatamente isso que eu quero que lhe diga. E que vamos atacar o flanco do inimigo. Agora, vá-se lá embora!

Ainda a cavalo, Adam franziu o sobrolho ao amigo.

— Sabes o que estás a fazer, Nate?

— Sei, Adam. Por acaso sei — replicou Starbuck. A bem da verdade, a oportunidade de contornar o flanco dos ianques era tão evidente que o mais lento dos tolos a teria aproveitado, embora um sábio talvez começasse por obter autorização para a manobra. Mas Starbuck estava tão seguro de si e tão confiante que o seu ataque pelo flanco iria acabar com a defesa ianque que imaginou que procurar a autorização seria uma perda de tempo. — Sargento! — chamou ele por Truslow.

Mais uma vez, Truslow antecipou a ordem de Starbuck.

— Calar baionetas! — bradou à companhia. — Confirmem que as fixam bem! Lembrem-se de girar quando as enfiarem! — A voz de Truslow era calma, como se aquele não passasse de mais um dia de treino. — Demora o tempo que for preciso, rapaz! Não te atrapalhes! — Dirigia-se a um homem que no seu entusiasmo deixara cair a baioneta e depois confirmou que a lâmina de outro soldado estava bem encaixada no cano da espingarda. Hutton e Mallory, os outros dois sargentos da companhia, confirmavam igualmente os seus esquadrões.

— Capitão! — chamou um dos homens de Hutton. Era o cabo Peter Waggoner, cujo irmão gémeo também era cabo na companhia. — Fica ou vai, capitão? — Peter Waggoner era um homem grande e lento, de piedade profunda e fé feroz.

— Vou para ali — indicou Starbuck, apontando para o outro lado da clareira e ignorando propositadamente a verdadeira questão.

— O meu capitão sabe o que eu quero dizer — esclareceu Waggoner, e a maioria dos outros homens da companhia também sabia, pois fitaram

apreensivamente o seu capitão. Sabiam que Nathan Evans lhe oferecera um cargo e muitos receavam que tal nomeação fosse atraente para um jovem ianque como Starbuck.

— Ainda acredita que as pessoas que bebem uísque vão parar ao Inferno, Peter? — perguntou Starbuck ao cabo.

— É a verdade, não é? — indagou Waggoner, com severidade. — É a verdade de Deus, senhor Starbuck. Temos a certeza que os nossos pecados nos apanham.

— Decidi ficar aqui até que o Peter e o seu irmão se embriaguem comigo — retorquiu Starbuck. Fez-se um instante de silêncio enquanto os homens compreendiam o que ele queria dizer com tais palavras, após o que se ouviu uma ovação.

— Silêncio! — ordenou Truslow, bruscamente.

Starbuck voltou a olhar para o lado inimigo da clareira. Não sabia por que motivo os homens gostavam dele, mas sentia-se profundamente comovido por essa afeição, a tal ponto que virara costas para não trair as emoções. Quando fora elevado a capitão, sabia que tinha sido aceite pelos homens devido à aprovação de Truslow, mas, desde então, os soldados tinham percebido que o seu oficial ianque era um homem inteligente, destemido e combativo. Nem sempre era afável, ao contrário de alguns dos oficiais, que se comportavam tal como os homens que comandavam, mas a Companhia K aceitava o feitio reservado e tranquilo de Starbuck como sendo característico de um nortista. Todos sabiam que os Ianques eram pessoas frias, e nenhum mais estranho ou distante do que os Bostonianos, mas tinham também percebido que Starbuck protegia aguerridamente os seus homens e estava pronto a desafiar qualquer autoridade confederada para livrar de apuros um dos seus. Sentiam igualmente que ele era um solitário, o que os levava a pensar que seria afortunado e, como todos os soldados, preferiam ter um líder sortudo a qualquer outro tipo de comandante.

— Vai mesmo ficar, meu capitão? — perguntou Robert Decker.

— Vou mesmo ficar, Robert. Agora, vá preparar-se.

— Eu estou pronto — garantiu Decker, com um sorriso de prazer. Era o mais jovem dos cinquenta e sete homens da companhia, quase todos eles vindos de Faulconer County, onde tinham tido aulas com Thaddeus Bird, sido assistidos pelo major Danson, ouvido os sermões do reverendo Moss e sido empregados, na maioria dos casos, por Washington Faulconer. Um punhado estava na casa dos

quarenta anos, alguns na casa dos vinte e dos trinta, mas a maior parte tinha apenas dezassete, dezoito ou dezanove anos de idade. Eram irmãos, primos, cunhados, amigos e inimigos, nenhum deles um estranho fosse para quem fosse, e todos familiarizados com as casas, as irmãs, as mães, os cães, os sonhos e as fraquezas uns dos outros. Para um forasteiro pareciam tão ferozes e desalinhados como uma matilha de sabujos depois de uma corrida à chuva, mas Starbuck sabia bem o que ali tinha. Alguns, como os gémeos Waggoner, eram rapazes profundamente pios que oravam todas as noites com os outros soldados e que rezavam pela alma do seu capitão, enquanto outros, como Edward Hunt e Abram Statham, eram individualistas em quem não se podia confiar de todo. Robert Decker, oriundo, tal como o sargento Truslow, do mesmo vale das montanhas azuis, era uma alma gentil, trabalhadora e dedicada, ao passo que outros, como os gémeos Cobb, eram mais preguiçosos do que gatos.

— Tem de reforçar a companhia do Murphy! — O tenente Moxey continuava atrás de Starbuck.

Starbuck virou-se para ele.

— Vá levar a minha mensagem ao Pica-pau! Pelo amor de Deus, Mox, se vai ser um mensageiro, então porte-se bem. Despache-se! — Moxey recuou e Starbuck ergueu o olhar para Adam. — Fazes o favor de dizer ao Pica-pau o que estamos a fazer? Não confio no Moxey.

Adam afastou-se a cavalgar e Starbuck dirigiu-se aos seus homens. Levantou a voz para se fazer ouvir acima do estrépito da mosquetaria e disse à companhia o que esperava deles. Teriam de atravessar a clareira em passo acelerado e, assim que chegassem ao outro lado, deveriam virar-se para a direita e formar uma linha que varresse a mata como uma vassoura, a caminho do extremo aberto da linha ianque.

— Não disparem a menos que a isso sejam obrigados — alertou Starbuck. — Basta que gritem tão alto quanto possam e mostrem-lhes as baionetas. Garanto que eles vão fugir! — Sabia instintivamente que a aparição súbita de um bando de rebeldes aos gritos seria quanto bastasse para pôr os ianques em fuga. Os homens sorriram nervosamente. Um deles, Joseph May, que rezava enquanto subiam a colina, espreitou a baioneta para garantir que estava bem firme. Starbuck viu o rapaz a semicerrar os olhos. — Onde estão os seus óculos, Joe?

— Perdi-os, meu capitão. — May fungou, infeliz. — Partiram-se — acabou por admitir.

— Se algum de vós encontrar um ianque morto com óculos tragam-nos ao Joseph! — ordenou Starbuck aos seus homens, após o que calou a sua própria baioneta na espingarda. Em Manassas, devido à insistência de Washington Faulconer, os oficiais da Legião tinham entrado em combate com espadas, mas os sobreviventes tinham aprendido que os atiradores inimigos adoravam um alvo que brandisse uma espada, pelo que os oficiais tinham trocado as lâminas elegantes por espingardas e as mangas recheadas de trancelim por tecido sem qualquer decoração. Starbuck também tinha consigo um revólver de cinco tiros que obtivera como saque no campo de batalha de Manassas, mas por enquanto deixaria a cara arma de fabrico inglês no seu coldre e dependeria da robusta espingarda do Mississippi com a sua comprida baioneta em espigão. — Estão prontos? — voltou Starbuck a perguntar.

— Prontos! — respondeu a companhia, querendo chegar ao fim da batalha.

— Nada de ovações quando atravessarmos! — alertou-os Starbuck. — Não queremos que os ianques saibam que estamos a caminho. Andem depressa e em silêncio! — Olhou para os rostos e viu a mistura de entusiasmo e de antecipação nervosa. Relanceou Truslow, que acenou brevemente com a cabeça, como se desse o seu aval à decisão de Starbuck. — Então vamos lá! — ordenou Starbuck, abrindo caminho até à luz de um verde-dourado que brilhava de viés pela clareira e tremeluzia através do fumo de um tom pérola que pairava entre as árvores como um véu de neblina. A tarde assumia um agradável tom outonal e Starbuck sentiu um receio súbito e terrível de poder vir a morrer naquela luz suave, e correu mais depressa, temendo uma salva de metralha de um canhão, ou o coice doentio provocado pelo impacto de uma bala, mas nenhum dos nortistas disparou contra a companhia enquanto esta corria até ao renque de árvores.

Abriram caminho pela vegetação rasteira do lado ianque da clareira. Assim que chegou à segurança das árvores, Starbuck viu o reflexo da água onde o rio se afastava da falésia, e além dessa curva suave avistou os compridos campos verdes do entardecer no Maryland. O panorama deixou-o momentaneamente angustiado, após o que ordenou aos homens que se deslocassem para a direita e formassem uma linha. Depois moveu o braço esquerdo, mostrando-lhes como pretendia que formassem a nova linha de batalha, mas os homens não ficaram à

espera de ordens; em vez disso, corriam já por entre as árvores, em direção ao inimigo. Starbuck pretendia que avançassem sobre os ianques numa linha uniforme, mas os soldados decidiram correr em frente em pequenos grupos excitados, e esse entusiasmo mais do que compensou a irregularidade com que se dispuseram. Starbuck acompanhou-os na corrida, alheio ao facto de ter começado a gritar como uma alma penada. Thomas Truslow estava à sua esquerda, levando consigo a faca de mato de cinquenta centímetros de lâmina. A maior parte dos homens da Legião tinham começado por andar com tais catanas, mas o peso dessas facas imponentes tinha levado quase todos os soldados a abandoná-las. Por teimosia, Truslow continuara com a sua e usava-a agora como arma de eleição. Era o único na companhia que não fazia qualquer barulho, como se o trabalho entre mãos fosse demasiado sério para gritos.

Starbuck viu os primeiros ianques. Dois homens serviam-se de uma árvore tombada como ponto de tiro. Um recarregava, empurrando a longa vareta ao longo do interior da espingarda, enquanto o companheiro apontava sobre o tronco. O homem disparou e Starbuck viu o coice da arma no ombro do indivíduo e a bola de fumo iluminado pelas faúlhas criadas pela explosão do fulminante. Atrás dos dois homens, a mata pareceu subitamente apinhada de fardas azuis e, estranhamente, de casacas cinzentas penduradas em árvores, que se agitavam à medida que as balas rebeldes lhes acertavam.

— Matem-nos! — gritou Starbuck, e os dois homens na árvore caída viraram-se e fitaram, horrorizados, a carga rebelde. O soldado que recarregara a arma apontou-a a Starbuck e premiu o gatilho, mas no seu pânico esquecera-se de escorvar a espingarda. O cão bateu com um clique no aço despido. O indivíduo pôs-se de pé à pressa e passou a correr por um oficial de espada em riste e uma expressão de espanto no rosto de suíças. Ao ver o ar do oficial, Starbuck percebeu que tinha tomado a decisão correta. — Matem-nos! — vociferou, sem noção de que proferia algo tão sanguinário. Limitava-se a sentir a exaltação de um homem que iludira o inimigo, impondo assim a sua vontade no campo de batalha. Era uma sensação inebriante, que o enchia de um júbilo maníaco. — Matem-nos! — bradou mais uma vez e agora as palavras pareciam levar à desintegração de todo o flanco ianque.

Os nortistas fugiram. Alguns lançaram-se sobre a beira da falésia e deslizaram encosta abaixo, mas a maioria correu ao longo do cimo, sendo

seguidos por ainda mais soldados, tendo a retirada ficado ainda mais numerosa e caótica. Starbuck tropeçou num ferido que gritava imprecções e depois correu para a zona da clareira onde o canhão de Rhode Island fora abrindo os sulcos irregulares até tombar pela beira da escarpa. Saltou por cima de uma caixa de munições, sempre a gritar o seu desafio aos homens que iam correndo à sua frente.

Nem todos os nortistas fugiram. Muitos dos oficiais decidiram que o dever era mais importante do que a segurança e, com uma bravura afim do suicídio, ali ficaram para combater o ataque de flanqueamento dos rebeldes. Um tenente apontou calmamente o revólver, disparou uma vez e depois foi derrubado por duas baionetas. Enquanto morria, ainda tentou disparar a arma, após o que um terceiro rebelde lhe enfiou uma bala na cabeça, com uma chuva de sangue a saltar quando a bala lhe acertou. O tenente morreu, embora os homens continuassem a atacar o cadáver com as baionetas com a ferocidade de cães de caça a desfazer um veado caído. Com um grito, Starbuck ordenou aos homens que deixassem o morto em paz e seguissem em frente. Não queria dar aos ianques tempo para recuperar.

Adam Faulconer cavalgava pela clareira iluminada pelo sol, gritando ao resto da Legião que atravessasse e apoiasse a companhia de Starbuck. O major Bird liderou o grupo das cores até à mata sombria, viva com os sons dos ataques rebeldes, dos tiros e dos oficiais nortistas que vociferavam ordens que nunca seriam acatadas no meio do pânico. Truslow ordenou a um nortista que largasse a espingarda, o homem não ouviu, ou então preferiu desafiar a ordem, e a faca de mato foi usada num golpe com uma horrível economia de esforço. Ao ver a sua retirada bloqueada, um grupo de ianques deu meia-volta e correu às cegas na direção dos atacantes. A maioria deteve-se ao perceber o erro, levantando as mãos em rendição, mas um deles, um oficial, desferiu um golpe tremendo na direção do rosto de Starbuck. Este recuou, deixou que a lâmina se afastasse dele com um silvo, e depois investiu com a baioneta para a frente e para baixo. Sentiu o aço a acertar nas costelas do ianque e maldisse-se por ter desferido o golpe para baixo e não para cima.

— Nate! — arquejou o oficial ianque. — Por favor, não!

— Cristo! — A blasfémia foi arrancada aos lábios de Starbuck. O homem que ele estava a atacar era membro da igreja do seu pai, um velho conhecido com

quem Starbuck suportara uma eternidade de aulas de catequese. A última notícia que Starbuck tivera de William Lewis fora que se tornara aluno de Harvard, mas agora ele arquejava, com a baioneta de Starbuck trespassada entre as costelas.

— Nate? — perguntou Lewis. — És tu?

— Larga a espada, Will!

William Lewis abanou a cabeça, não por uma recusa obstinada, mas pelo espanto de ver o velho amigo a aparecer-lhe como rebelde. Depois, ao ver o ar de fúria no rosto de Starbuck, largou a espada.

— Eu rendo-me, Nate!

Starbuck deixou-o sobre a espada caída e correu para alcançar os seus homens. O encontro com um velho amigo perturbara-o. Estaria a combater um batalhão de Boston? Se assim fosse, quantos mais elementos daquele inimigo derrotado o reconheceriam? Que lares familiares as suas ações naquela colina da Virgínia iriam deixar de luto? Depois, ao ver um gigante barbado a berrar aos rebeldes, olvidou os escrúpulos. O homem, em mangas de camisa e suspensórios, servia-se de uma mão para usar como maça uma vareta de artilharia, enquanto na outra empunhava uma espada curta, estilo gládio romano, arma essa que era a norma entre os artilheiros. A retirada fora-lhe impedida, mas negava-se a render-se, preferindo morrer como herói a ceder como um cobarde. Já tinha derrubado um dos homens de Starbuck, desafiando agora os outros a enfrentá-lo. O sargento Mallory, cunhado de Truslow, disparou contra o matulão, mas a bala falhou o alvo e o artilheiro barbado virou-se, qual fúria, contra o esgalgado Mallory.

— Ele é meu! — bradou Starbuck, e empurrou Mallory para o lado, investiu e depois recuou quando o matulão fez rodopiar a vareta. Aquilo, decidiu Starbuck, era o seu dever enquanto oficial. A companhia tinha de ver que era ele quem tinha menos medo, quem estava mais disposto a combater. Além disso, naquele dia sentia-se invencível. O grito de batalha ecoava-lhe nas veias como um jorro de fogo. Riu-se quando investiu com a baioneta, mas a lâmina foi afastada com força pela espada curta.

— Sacana! — cuspiu o artilheiro contra Starbuck, e depois movimentou o gládio em varrimentos fortes, tentando manter a atenção de Starbuck na lâmina, enquanto ele manobrava a vareta. Pensou ter enganado o oficial rebelde e bradou com uma espécie de prazer ao antecipar a ponta de madeira a esmagar o crânio

do inimigo, mas Starbuck baixou-se de repente, pelo que a vareta lhe passou sobre o chapéu, tendo o movimento do violento golpe sido o suficiente para desequilibrar o calmeirão. Depois foi a vez de Starbuck gritar em triunfo ao empurrar a baioneta com força para cima, pressionando a incrível resistência da pele e da carne. Ainda gritava quando o homem imponente se contorceu e caiu, aos espasmos na comprida lâmina como um peixe a morrer na ponta de um arpão.

Starbuck estava ofegante ao tentar libertar a baioneta, mas a carne do artilheiro comprimira o aço e a lâmina não se mexia. O homem largara as suas armas e tentava debilmente agarrar a espingarda que tinha enfiada na barriga. Starbuck também tentou girar o aço para o libertar, mas a sucção da carne prendia-o como uma pedra. Premiu o gatilho da espingarda, na esperança de soltar a baioneta com o impacto, mas mesmo assim ela não se mexeu. O artilheiro arquejou horivelmente quando a bala lhe acertou, após o que Starbuck abandonou a arma e deixou o homem a morrer no solo da floresta. Puxou então do belo revólver com punho de marfim e correu atrás dos seus homens, acabando por descobrir que a Companhia K já não se encontrava na mata, sendo apenas parte de uma onda cinzenta e creme que esmagava os defensores nortistas e empurrava os sobreviventes numa corrida alucinada para fora do cimo da falésia, encosta abaixo até à estreita faixa lamacenta ao lado do rio. Um sargento de Nova Iorque gritou ao perder o equilíbrio precário e rebolou pela encosta, fraturando a perna numa rocha.

— Nate! — Adam levava o garanhão por entre as árvores. — Chama-os de volta!

Sem perceber, Starbuck deixou-se fitar o amigo.

— Acabou! Venceste! — disse Adam, gesticulando para a massa de rebeldes que começara a disparar pela encosta íngreme da falésia, contra os ianques encurralados mais abaixo. — Detém-nos! — disse Adam, como se culpasse Starbuck por aquela exibição de vitória satisfeita e vingativa, após o que deu meia-volta brusca ao cavalo, em busca de alguém com autoridade para impedir a matança.

Mas ninguém queria acabar com a chacina. Os nortistas estavam encurralados no fundo da falésia e os sulistas despejaram o seu fogo inclemente sobre a massa que se contorcia, arrastava e sangrava lá em baixo. Um grupo de ianques tentou

fugir ao massacre pisoteando os feridos até à segurança de um barco recém-chegado, mas o peso dos fugitivos virou a pequena embarcação. Um homem gritou por ajuda enquanto a corrente o arrastava. Outros tentaram nadar pelo canal, mas a água estava revolta e era trespassada pelo impacto das balas. Sangue tingia o rio e era levado para o mar. Homens afogavam-se, homens morriam, homens sangravam e o abate cruel e infundável continuava, enquanto os rebeldes carregavam e disparavam, carregavam e disparavam, carregavam e disparavam, sempre a trocar do inimigo derrotado e desfeito.

Starbuck chegou à beira da colina e observou a cena infernal. A base da escarpa parecia uma massa sensível a contorcer-se; um animal enorme a morrer ao lusco-fusco, embora a besta ainda mordesse, pois os tiros continuavam a soar vindos do fundo da encosta. Starbuck enfiou o revólver no cinto e juntou as mãos em concha, gritando aos ianques no fundo que se rendessem.

— Vocês são prisioneiros! — bradou, mas a única resposta foi o tremeluzir de chamas de espingardas nas sombras e o assobio de uma saraivada a passar-lhe sobre a cabeça. Starbuck voltou a puxar do revólver e esvaziou as câmaras colina abaixo. Truslow estava a seu lado, a aceitar espingardas carregadas dos homens atrás de si e a disparar contra as cabeças dos homens que tentavam nadar para um lugar seguro. Do rio quase só se via espuma, como se um cardume de peixes se agitasse num frenesim para escapar a um baixio de maré. Corpos flutuavam para jusante, outros ficavam presos em ramos, ou encalhados em bancos de lama. O Potomac transformara-se num rio de morte, vermelho de sangue, fustigado por balas e repleto de corpos. O major Bird fez um esgar ao contemplar a cena, mas não tentou impedir os homens de disparar.

— Tio! — protestou Adam. — Detenha-os!

Contudo, em vez de parar com o massacre, Bird fitou-o como um explorador acabado de se deparar com um qualquer fenómeno natural. Segundo a opinião de Bird, a guerra implicava chacina, e praticar a guerra ao mesmo tempo que se protestava contra a chacina era contraditório. Além do mais, os ianques não se rendiam, estando ainda a responder ao fogo rebelde, pelo que Bird respondeu ao apelo de Adam apontando o revólver e disparando contra a agitação.

— Tio! — queixou-se Adam com um grito.

— O nosso trabalho é matar ianques — disse Bird e observou o sobrinho afastar-se a galope. — E o trabalho deles é matar-nos a nós — prosseguiu Bird,

mesmo tendo-se Adam afastado há muito do alcance das palavras —, e se os deixarmos vivos hoje, amanhã poderá chegar a vez deles. — Voltou-se mais uma vez para o horror e esvaziou inofensivamente o revólver contra o rio. À sua volta, os homens franziam os cenhos enquanto disparavam e Bird observou-os, vendo a sede de sangue a ter rédea livre, mas à medida que as sombras se foram alongando e o fogo inimigo esmoreceu até nada restar, e o medo e a emoção trazidos pelo auge daquele longo dia se desvaneceram, também os soldados deixaram de disparar e viraram costas ao rio revoltado e tinto de sangue.

Bird encontrou Starbuck a tirar um par de óculos do rosto de um morto. As lentes estavam cobertas de sangue coagulado que o jovem capitão limpou com a bainha da casaca.

— Andas a perder a visão, Nate? — indagou Bird.

— O Joe May perdeu os óculos. Estamos a tentar encontrar-lhe um par adequado.

— Quem me dera que lhe encontrasses um cérebro novo. É uma das criaturas mais lentas que já tive a infelicidade de ensinar — comentou Bird, guardando o revólver no coldre. — Tenho de te agradecer por me teres desobedecido. Bom trabalho. — Starbuck exibiu um sorriso rasgado ante o elogio e Bird, vendo o prazer feroz no rosto do nortista, interrogou-se se uma batalha poderia garantir tamanha alegria a um homem. Bird imaginava que havia quem nascesse para ser soldado, enquanto outros nasciam para ser médicos, professores ou agricultores, e Starbuck, assim cria Bird, era um soldado nascido para aquele mister sombrio. — O Moxey queixou-se de ti — contou Bird a Starbuck —, portanto, o que fazemos quanto ao Moxey?

— Entregue o desgraçado aos ianques — aventou Starbuck, após o que se afastou com Bird do cimo da falésia, de regresso às árvores, onde uma companhia do Mississippi reunia prisioneiros. Starbuck evitou os nortistas carrancudos, não querendo ser reconhecido por um eventual camarada bostoniano. Um soldado do Mississippi pegara num estandarte branco caído, o qual exibia pelo crepúsculo, e Starbuck viu o elegante brasão da Comunidade do Massachusetts bordado na seda manchada de sangue. Interrogou-se se Will Lewis continuaria no cimo da colina ou se, durante o caos da derrota, o tenente se teria esgueirado encosta abaixo até ao rio e tentado chegar à outra margem. E o que diriam em Boston, pensou Starbuck, quando soubessem que o filho do

reverendo Elial pregava o grito rebelde, envergava o cinzento áspero do Sul e disparava contra os homens que rezavam na igreja do reverendo? Para o inferno com o que diriam. Era um rebelde, estando agora o seu destino ligado ao Sul desafiador e não àqueles soldados nortistas elegantes e bem equipados, que pareciam de uma raça totalmente diferente dos sulistas sorridentes e desgrenhados.

Deixou Bird com as cores da Legião e prosseguiu com a sua busca pela mata, à procura de óculos, ou de qualquer outro saque útil que os cadáveres poderiam albergar. Alguns dos mortos pareciam pacíficos, estando a maioria com um ar espantado. Jaziam com as cabeças inclinadas para trás, as bocas abertas e as mãos estendidas contraídas em garras. As moscas atarefavam-se nas narinas e nos olhos inertes. Por cima dos mortos, as casacas cinzentas dos nortistas, deixadas para trás e furadas pelas balas, continuavam suspensas nos ramos, parecendo enforcados na luz que se desvanecia. Starbuck encontrou um dos sobretudos de forro roxo dobrado com todo o cuidado e depositado no tronco de uma árvore, e pensando que poderia vir a ser útil no inverno que se avizinhava, pegou-lhe e abriu-o, para confirmar se por acaso estaria ileso, intocado quer por balas, quer por baionetas. No colarinho do casaco tinha sido cosido um nome e Starbuck leu as letras cuidadosamente escritas a tinta na pequena tira branca. “Oliver Wendell Holmes Jr.,” dizia a etiqueta, “20º Mass.” O nome invocou a recordação súbita e intensa de uma inteligente família de Boston e do estúdio do professor Oliver Wendell Holmes, com os frascos de espécimes nas prateleiras altas. Starbuck lembrava-se que um desses frascos contivera um cérebro humano pálido e engelhado, enquanto outros tinham estranhos homúnculos de grandes cabeças, suspensos em líquido leitoso. A família não rezava na igreja de Starbuck, mas o reverendo Elial aprovava o professor Holmes, pelo que Starbuck pudera passar algum tempo na casa do médico, onde travara amizade com Oliver Wendell Júnior, um jovem intenso, magro e afável, com respostas prontas e uma natureza generosa. Starbuck esperava que o seu velho amigo tivesse sobrevivido aos combates. Depois, passando o casaco pesado de Holmes sobre os ombros, foi à procura da espingarda e de informações sobre o fado dos seus homens na batalha.

Adam Faulconer vomitou no escuro.

Ajoelhou-se nas folhas apodrecidas macias por baixo de um bordo e vomitou até ficar com a barriga seca e a garganta dorida, após o que fechou os olhos e rezou como se o futuro da humanidade dependesse da intensidade da sua petição.

Adam sabia que lhe tinham mentido e, o que era ainda pior, que tinha acreditado de livre vontade nessas falsidades. Acreditara que uma batalha feroz seria sangria quanto bastasse para lancetar a doença que afligia os Estados Unidos, mas, em vez disso, essa batalha única servira apenas para agravar a febre e naquele dia assistira a homens a matar como bestas furiosas. Vira o seu melhor amigo, os vizinhos e o irmão da mãe a matarem como animais. Vira homens a descer aos infernos e testemunhara as vítimas a morrerem como vermes.

Já anoitecera, mas ainda se ouviam muitos gemidos vindos da base da escarpa, onde jaziam dezenas de nortistas, a sangrar e a morrer. Adam tentara descer para oferecer a sua ajuda, mas uma voz gritara-lhe que se afastasse dali e uma espingarda disparara às cegas encosta acima, na sua direção. Esse disparo isolado fora o suficiente para provocar mais uma fuzilada rebelde do cimo da falésia. Mais homens tinham gritado no escuro e começado a chorar na noite.

À volta de Adam ardiam vários lumes e em torno dessas fogueiras estavam sentados os rebeldes vitoriosos, com expressões demoníacas sorridentes. Tinham pilhado os mortos e revistado os bolsos dos prisioneiros. O coronel Lee, do 20º do Massachusetts, fora obrigado a entregar a sua bela casaca engalanada com trancelim a um tropeiro do Mississippi, o qual estava agora instalado à frente do lume e limpava a gordura das mãos às abas do casaco. Sentia-se o cheiro acre do uísque no ar noturno, o fedor amargo do sangue e o odor adocicado e enjoativo dos cadáveres em decomposição. Um punhado de baixas sulistas tinha sido enterrado no prado inclinado virado para sul, na direção da montanha Catocin, mas os corpos nortistas continuavam a céu aberto. A maior parte tinha sido recolhida e empilhada como lenha, mas alguns cadáveres estavam ainda ocultos na vegetação. Pela manhã seria trazido um grupo de escravos das quintas vizinhas para escavar uma vala grande o suficiente para albergar os mortos ianques. Perto da pilha de cadáveres ensanguentados, um homem tocava violino ao lado de uma fogueira e alguns dos homens cantavam baixinho a acompanhar a melodia lamentosa.

Adam decidiu que Deus tinha abandonado aqueles homens, tal como eles O tinham abandonado. Naquele dia, nas margens de um rio, tinham-se arrogado da decisão divina sobre a vida e a morte. Tinha-se entregado ao mal, decidiu Adam na sua excitação. Não importava que alguns dos rebeldes vitoriosos tivessem rezado ao anoitecer e que tivessem tentado ajudar o inimigo destroçado; para Adam, todos eles tinham sido bafejados pelo hálito do demónio.

Pois o diabo apoderara-se da América e arrastava o mais belo país da terra para o seu covil imundo e Adam, que se deixara convencer de que o Sul precisava daquele momento único de glória marcial, sabia que tinha chegado a um ponto de viragem. Sabia que tinha de tomar uma decisão e que esta acarretava o risco de se vir a separar da família, dos vizinhos, dos amigos e até da rapariga que amava, mas era preferível, dizia para consigo ajoelhado ao ar empestado a morte e a vômito do cimo da falésia, perder a sua Julia do que perder a sua alma.

A guerra tinha de chegar ao fim. Era essa a decisão de Adam. Tentara evitar o conflito ainda antes do início dos combates. Trabalhara com a Comissão Cristã para a Paz e vira esse grupo de notáveis pios a serem sobrepujados pelos ardentes defensores da guerra, pelo que agora iria servir-se da guerra para acabar com a guerra. Trairia o Sul, pois só com essa traição poderia salvar o país. O Norte teria de receber toda a ajuda que lhe pudesse prestar e enquanto adido do comandante geral do Sul, Adam sabia que podia garantir ao Norte maiores préstimos do que a maior parte dos outros homens.

Rezou na escuridão e a sua oração pareceu ser respondida quando uma grande paz desceu sobre ele. Essa paz disse a Adam que a sua decisão era boa. Tornar-se-ia traidor e entregaria o seu país ao inimigo em nome de Deus e pela América.

Nas trevas, os corpos flutuavam para jusante, levados em direção à baía de Chesapeake e ao oceano distante. Alguns dos cadáveres ficariam presos nos açudes de Great Falls, onde o rio virava para sul, a caminho de Washington, mas a maioria seria levada pelos rápidos e flutuaria durante a noite até ficar encurralada nos pilares da Long Bridge, a ponte que suportava a estrada para sul, desde Washington até à Virgínia. O rio lavaria os cadáveres, pelo que de manhã, quando caminhassem ao longo das águas e olhassem para os bancos de lodo nas

suas margens, os cidadãos de Washington veriam os seus filhos limpos e brancos, com a pele morta a cintilar, embora os corpos estivessem agora tão inchados com gás que forçavam os botões e esticavam as bainhas das elegantes fardas novas.

E na Casa Branca, um presidente choraria pela morte do senador Baker, seu querido amigo, enquanto o Sul rebelde, vendo a mão de Deus nessa vitória à beira da água, daria graças ao Senhor.

As folhas mudaram de cor e caíram, acrescentando tons dourados e vermelhos às novas campas em Ball's Bluff. Em novembro, as tropas rebeldes afastaram-se do rio, mudando-se para o aquartelamento de inverno mais perto de Richmond, onde os jornais alertavam para o crescimento das fileiras nortistas. Dizia-se que o major-general McClellan, o *Jovem Napoleão*, estava a treinar o seu exército florescente para que atingisse o auge da perfeição militar. A pequena refrega em Ball's Bluff podia ter enchido as igrejas nortistas de luto, mas o Norte consolava-se ao pensar que a vingança estava nas mãos do magnificamente equipado exército de McClellan, forças essas que, na primavera, cairiam sobre o Sul como um relâmpago justo.

A marinha do Norte não esperou pela primavera. Na Carolina do Sul, ao largo de Hilton Head, os navios de guerra abriram caminho a tiros de canhão até Port Royal Sound, e forças desembarcadas invadiram os fortes que guardavam Beaufort Harbor. As forças navais nortistas bloqueavam e dominavam a costa sul e embora os jornais do Norte tentassem minimizar a derrota em Port Royal, as notícias evocavam ovações e cânticos nos alojamentos dos escravos da Confederação. Houve mais festejos quando Charleston foi quase destruída pelo fogo — uma visita de um anjo de vingança, segundo diziam os pregadores nortistas — e esses mesmos pregadores regozijaram-se quando souberam que um navio de guerra ianque, desafiando as leis do mar, detivera um navio postal britânico e dele removera os dois comissários confederados enviados a partir de Richmond para negociar tratados com as potências europeias. Alguns sulistas também celebraram tal notícia, declarando que a humilhação perante a Grã-Bretanha por certo levaria a marinha britânica à costa americana, e, em dezembro, os jubilosos jornais de Richmond relatavam que batalhões de casacas vermelhas estavam a desembarcar no Canadá para reforçar a guarnição

permanente, para o caso de os Estados Unidos decidirem combater a Grã-Bretanha, em vez de devolver os dois comissários raptados.

A neve caiu nas montanhas Blue Ridge, cobrindo o túmulo da esposa de Truslow e cortando as estradas de acesso à zona oeste da Virgínia, que tinha desafiado Richmond separando-se do Estado e juntando-se à União. Washington celebrou a deserção, declarando que se tratava do início da dissolução da Confederação. Mais tropas marcharam ao longo de Pennsylvania Avenue e em direção aos campos de treino no Norte ocupado da Virgínia, onde o Jovem Napoleão lhes aprimorava as capacidades. Todos os dias chegavam novas peças de artilharia em comboios vindos das fundições nortistas, sendo esses canhões dispostos em carreiras gigantescas nos campos junto ao Edifício do Capitólio, que cintilava branco ao sol de inverno, por baixo dos andaimes na cúpula em construção. Bastava um empurrão forte, alegavam os jornais nortistas, e a Confederação seria derrubada, qual árvore morta e apodrecida.

A capital rebelde não sentia a mesma confiança. O inverno nada trouxera, além de más notícias e tempo ainda pior. A neve chegara cedo, o frio era cortante e o torno ianque parecia estar cada vez mais apertado. A perspectiva de uma iminente vitória nortista serviu, pelo menos, para alegrar Adam Faulconer, que duas semanas antes do Natal cavalgou desde a cidade até ao molhe de pedra em Rockett's Landing. O vento agitava o rio cinzento, criando ondas curtas e fortes, e assobiava no cordame alcatroado do navio de tréguas que saía uma vez por semana da capital confederada. O barco navegava rio James abaixo, passando sob as peças elevadas do forte rebelde em Drewry's Bluff e atravessando os meandros ladeados por marinhas até à confluência do rio com o Appomattox, e a partir daí para leste, ao longo de um curso largo e baixo até que, a cento e dez quilómetros de Richmond, chegava a Hampton Roads e dirigia-se para norte, até ao cais do Forte Monroe. Embora situado em solo virginiano, o forte estava nas mãos das forças da União desde antes do início da guerra e aí, sob a bandeira das tréguas, o navio descarregava nortistas capturados que eram trocados por prisioneiros sulistas libertados pelo Norte.

O frio vento de inverno fustigava Rockett's Landing com pancadas de chuva fina e empestava o desembarcadouro com o cheiro das fundições que arrotavam o seu fumo sulfuroso de carvão ao longo da margem do rio. A chuva e o fumo deixavam tudo gorduroso: as pedras do molhe, os pegões de metal, os cabos que

prendiam o barco e até as fardas finas e largas dos trinta homens que aguardavam ao lado da prancha de embarque. Os indivíduos à espera eram oficiais nortistas que tinham sido capturados em Manassas e que, depois de quase cinco meses de cativeiro, estavam a ser trocados por oficiais rebeldes capturados na campanha do general McClellan no Estado atualmente denominado de Virgínia Ocidental. O rosto dos prisioneiros estava pálido na sequência da sua prisão em Castle Lightning, um edifício fabril que se situava em Cary Street, junto aos dois grandes tanques de armazenamento que continham o suprimento de gás para a iluminação de rua da cidade. As roupas dos prisioneiros libertados estavam largas, marca do peso perdido durante a reclusão na fábrica ocupada pelos militares.

Os homens tremiam enquanto aguardavam pela autorização para embarcar no navio de tréguas. A maioria tinha consigo pequenos sacos com as poucas posses que tinham conseguido manter durante o aprisionamento: um pente, algumas moedas, uma Bíblia, cartas de casa. Tinham frio, mas pensar na sua libertação iminente alegrava-os e provocavam-se mutuamente quanto à receção no Forte Monroe, inventando refeições cada vez mais sumptuosas que seriam servidas na messe dos oficiais. Sonhavam com lagostas e bifés, com sopa de tartaruga e ostras, com gelados e doce de maçã, com bife de veado com mirtilos, com pato com molho de laranja, com copos de Madeira e garrafas de vinho, mas acima de tudo sonhavam com café, com um bom e forte café verdadeiro.

Um dos prisioneiros não sonhava com nada disso, andando, em vez disso, com Adam Faulconer ao longo do desembarcadouro. O major James Starbuck era um homem alto, com um rosto que chegara a ser carnudo, mas que agora parecia descaído. Ainda era jovem, mas a sua pose, o contínuo franzir de cenho e o cabelo ralo davam-lhe um aspeto bem mais velho do que a idade real. Em tempos ostentara uma barba elegante, embora até isso tivesse perdido o brilho no interior húmido de Castle Lightning. Antes da guerra, James fora um advogado bostoniano em ascensão e depois tornara-se um dos ajudantes-de-campo de maior confiança de Irvin McDowell, o general que perdera a batalha em Manassas. Agora, aquando do seu regresso ao Norte, James não sabia o que viria a ser dele.

A missão de Adam naquele dia era garantir que só os prisioneiros cujos nomes tinham sido acordados entre os dois exércitos seriam libertados, mas esse

dever fora pura e simplesmente ignorado, trocado por uma chamada e pela contagem das cabeças. Assim que a tarefa foi cumprida, Adam procurara a companhia de James e pedira para falar a sós com o oficial. Naturalmente, James imaginara que Adam pretendia falar acerca do irmão.

— Julga que haverá a hipótese de o Nate vir a mudar de lado? — perguntou James a Adam, esperançoso.

Adam não queria responder diretamente. A bem da verdade, sentia-se profundamente desapontado com o amigo Nathaniel Starbuck, o qual, segundo acreditava, abraçara a guerra como se de uma amante se tratasse. Para Adam, Nate abandonara Deus e o melhor por que podia esperar era que Deus não tivesse igualmente abandonado Nate Starbuck. Claro que Adam não queria apresentar tão duro julgamento, pelo que tentou encontrar alguma réstia de uma bondade redentora que recuperasse a esperança depositada por James no seu irmão mais novo.

— Ele disse-me que participa regularmente em grupos de oração — respondeu, sem grande convicção.

— Isso é bom! Isso é muito bom! — James pareceu invulgarmente animado, após o que franziu o sobrolho enquanto coçava a barriga. À semelhança de todos os outros prisioneiros mantidos em Castle Lightning, ele apanhara piolhos. Ao início, a infestação fora algo terrivelmente vergonhoso, mas o tempo levava-o a habituar-se aos parasitas.

— Mas o que fará Nate no futuro? — indagou Adam, tendo de imediato respondido à sua pergunta abanando a cabeça. — Não sei. Se o meu pai retomar o comando da Legião, creio que o Nate será obrigado a procurar outro trabalho. Bem vê, o meu pai não gosta do Nate.

James deu um salto, alarmado com o súbito assobio do vapor de uma locomotiva na Linha do Rio York, ali perto. A máquina soprou mais uma enorme golfada de vapor, e depois as suas enormes rodas motrizes soltaram um gemido agudo quando tentaram encontrar tração nos carris de aço molhado e brilhante. Um supervisor bradou ordens a um par de escravos que correram em frente para espalhar mancheias de areia sob as rodas que giravam. A locomotiva conseguiu por fim encontrar tração e avançou com um sacão, fazendo estremecer e ressoar um longo comboio de vagões cobertos. Um jorro de fumo sufocante e acre

flutuou até Adam e James. A locomotiva tinha como combustível pinho resinoso que deixava uma gosma espessa na borda da chaminé.

— Tinha um motivo específico para querer falar consigo — disse Adam, embaraçado, quando o barulho da locomotiva se desvaneceu.

— Para se despedir? — aventou James, equivocado. Uma das solas dos sapatos soltara-se e agitava-se enquanto andava, fazendo-o tropeçar ocasionalmente.

— Tenho de ser franco — disse Adam, nervosamente, e depois ficou em silêncio quando os dois homens contornaram um monte enferrujado de corrente de âncora. — A guerra — acabou finalmente Adam por se explicar — tem de chegar ao fim.

— Ah, é verdade — concordou James, com fervor. — Sim, com efeito. É a minha maior esperança.

— Não tenho como lhe descrever — disse Adam, com igual fervor — a tribulação que a guerra já trouxe ao Sul. Tremo só de pensar em tais iniquidades a serem impostas ao Norte.

— Amém — exclamou James, embora não fizesse ideia do que Adam pretendia dizer. Na prisão, por vezes parecia que a Confederação estava a vencer a guerra, impressão que aumentara aquando da chegada dos desconsolados prisioneiros de Ball's Bluff.

— Se a guerra continuar — disse Adam —, isso vai degradar-nos a todos. Seremos motivo de troça na Europa. Perderemos qualquer autoridade moral que possamos possuir no mundo. — Abanou a cabeça, como se não se tivesse conseguido expressar devidamente. Além do molhe, o comboio ganhava velocidade, com as rodas dos vagões a passarem com estrépito por cima das uniões dos carris e o fumo da locomotiva a recortar-se branco contra as nuvens cinzentas. Um guarda saltou para a plataforma do vagão-freio e entrou para fugir ao vento frio. — A guerra é errada! — acabou Adam por debitar. — Vai contra o objetivo divino. Tenho vindo a rezar por este assunto e suplico que me compreenda.

— Mas eu compreendo-o — replicou James, mas foi incapaz de dizer mais, pois não queria ofender o novo amigo dizendo que a única forma de cumprir o objetivo de Deus seria com a derrota da Confederação, e embora Adam pudesse estar a dar voz a sentimentos afins do coração de James, ele não deixava de usar

uma farda do cinzento dos rebeldes. Era tudo muito confuso, pensou James. Alguns dos prisioneiros nortistas em Castle Lightning tinham-se gabado abertamente do seu adultério, eram blasfemos e trocistas. Gostavam de bebida e de jogo, violadores do domingo e libertinos; homens que James considerara do mais vulgar caráter e do mais grosseiro molde, mas não deixavam de ser soldados que lutavam pelo Norte, ao passo que Adam, aquele homem atormentado e devoto, era um rebelde.

Depois, para espanto de James, Adam provou que essa suposição estava errada.

— Aquilo que é necessário — disse Adam —, e rogo a sua discrição quanto a este assunto, é que o Norte consiga uma vitória rápida e esmagadora. Só assim poderá esta guerra chegar ao fim. Acredita em mim?

— Acredito. Acredito. É claro. — James sentia-se sobrepujado pelos sentimentos de Adam. Parou e baixou o olhar para o rosto do homem mais jovem, alheio a um sino que começara a soar, para que os prisioneiros se dirigissem para bordo do navio de tréguas. — E junto as minhas preces às suas — ofereceu, com um ar santarrão.

— Neste momento, as preces não chegam — replicou Adam, e tirou do bolso uma Bíblia que entregou a James. — Peço-lhe que leve isto para o Norte. Escondida atrás das guardas está a lista completa das unidades do nosso exército, a sua força até esta semana e as posições atuais na Virgínia. — Adam estava a ser modesto. No arquivo improvisado criado pela capa de pele da Bíblia, guardara todos os pormenores relativos às defesas confederadas no Norte da Virgínia. Elencara as provisões de cada brigada do exército rebelde e analisara a possibilidade de recrutamento obrigatório a ser adotado pelo governo de Richmond na primavera. O seu cargo no estado-maior permitira a Adam revelar o total semanal de peças de artilharia novas que chegavam ao exército vindas das fundições de Richmond e trair a quantidade de canhões falsos apontados aos piquetes nortistas a partir dos redutos rebeldes em torno de Centreville e Manassas. Esquemmatizara as defesas de Richmond, alertando para o facto de o anel de fortes e de trincheiras estar ainda a ser construído e que cada mês que passasse faria com que os obstáculos fossem mais formidáveis. Contou ao Norte sobre o novo couraçado que estava a ser construído em segredo na doca de Norfolk e sobre os fortes que protegiam as vias fluviais para Richmond.

Adam incluía tudo o que lhe fora possível, descrevendo as forças e as fraquezas do Sul, mas recordando sempre o Norte de que um ataque forte por certo derrubaria a secessão como um castelo de cartas.

Adam esperava sinceramente que aquela traição abrangente fosse suficiente para acabar com a guerra, mas tinha consciência de que quem recebesse aquela carta poderia exigir mais informações. Agora, enquanto andava pelo molhe gorduroso, Adam explicava a James como poderia receber uma mensagem vinda do Norte. Adam dedicara bastante esforço àquele esquema, tentando prever qualquer situação que pudesse revelar a sua identidade às autoridades sulistas, e sabia que o maior risco se encontrava nas mensagens nortistas que chegassem ao Sul.

— Razão por que prefiro que nunca entre em contacto comigo — alertou Adam —, mas se o tiver de fazer, suplico-lhe que nunca use o meu nome nas cartas.

— É claro. — James fechou as mãos frias em torno da capa de pele da Bíblia, consciente de uma sensação de felicidade culpada. Era correto que ficasse satisfeito por Adam abraçar a causa nortista, mas parecia-lhe vergonhoso que nessa mostra visse uma vantagem para si próprio, já que sabia que a missiva oculta na Bíblia poderia ajudar a impulsionar a sua carreira militar. Em vez de regressar ao Norte na pele de um ajudante-de-campo humilhado de um general fracassado, de repente passara a ser o portador da vitória nortista. As suas orações tinham sido atendidas, e com juro.

— Se for necessário, poderei enviar-lhe mais informações — prosseguiu Adam —, mas apenas a si. A mais ninguém. Não posso confiar em mais ninguém. — Ambos os lados estavam pejados de informantes que trairiam fosse quem fosse pelo preço de uma garrafa de uísque, mas Adam estava certo de poder confiar naquele advogado de Boston, um homem tão devoto e religioso como qualquer um de ambos os exércitos. — Dá-me a sua palavra enquanto cristão de que vai manter segredo quanto à minha identidade?

— É claro — garantiu James, ainda estupefacto com o seu golpe de sorte.

— Terá de manter segredo de todos — insistiu Adam. — Se revelar a minha identidade ao general McClellan, não tenho a certeza de que ele não a conte a mais alguém, e esse alguém poderá ser a minha ruína. Prometa-me. Ninguém, além de nós os dois, poderá saber.

James assentiu mais uma vez.

— Prometo. — Virou-se quando o sino do navio voltou a fazer-se ouvir. Os camaradas prisioneiros subiam a prancha, mas James continuava sem fazer menção de se juntar a eles. Em vez disso levou a mão a um bolso interior da casaca suja e puída, de onde tirou um embrulho envolvido com oleado. O material estava solto e James afastou-o, revelando uma pequena Bíblia de bolso, bastante usada, de capa gasta. — Pode entregar isto ao Nate? Pede-lhe que a leia?

— Com todo o prazer. — Adam aceitou a Bíblia grossa e observou James enrolar as novas Escrituras com o pedaço de oleado.

— E diga-lhe — acrescentou James com a voz embargada — que se ele regressar ao Norte, farei o possível por reconciliá-lo com os nossos pais.

— É claro — asseverou Adam, embora não imaginasse que Starbuck aceitasse a generosidade do irmão.

— Quer ficar aqui, ó senhor? — gritou um marinheiro a James, desde o barco.

— Lembre-se da sua promessa — recordou Adam. — Não diga a ninguém quem lhe entregou essa carta.

— Pode confiar em mim — descansou-o James. — Não o direi a ninguém.

— Deus o abençoe. — Adam sentiu um carinho súbito e profundo por aquele homem bondoso e desajeitado, obviamente um irmão em Cristo. — E Deus abençoe os Estados Unidos.

— Amém a isso — replicou James, após o que estendeu a mão. — Estará nas minhas orações.

— Obrigado — agradeceu Adam, que apertou a mão de James antes de acompanhar o nortista ao barco que o aguardava.

A prancha foi puxada para bordo e as sirgas lançadas. James ficou junto à amurada, com a nova Bíblia bem segura nas mãos. Quando a última sirga foi largada e o barco se deslocou visivelmente para a corrente do rio, os prisioneiros libertados soltaram uma ovação. As pás laterais começaram a rodar, deixando a água suja branca com a rotação. O movimento das rodas provocou uma nova saudação por parte dos recém-libertados, à exceção de James, que se manteve silencioso e afastado. Uma pluma de fumo imundo saía da alta chaminé do navio, descendo para cobrir o rio.

Adam observou a embarcação passar pelo molhe da marinha, com a progressão a ter a ajuda da corrente fria e agitada pelo vento. Acenou uma derradeira vez a James, depois olhou para a Bíblia de bolso e viu que esta tinha as margens preenchidas com apontamentos feitos numa letra miúda e apertada. Era a Bíblia de um homem que se debatia com a vontade de Deus, a Bíblia de um bom homem. Adam fechou e apertou o livro, como se fosse capaz de retirar forças da palavra divina. Depois deu meia-volta e coxeou de volta ao cavalo preso que o aguardava. O vento soprava frio, mas Adam sentia uma calma profunda, pois tinha feito o mais acertado. Escolhera o caminho da paz e, ao fazê-lo, traria apenas graças ao seu país. Voltaria a ser um país único, Norte e Sul, unidos segundo o objetivo de Deus.

Adam cavalgou em direção à cidade. Atrás dele, o barco de tréguas chapinhava e fumegava em torno da curva do rio, a caminho do Sul com a sua carga de traição e de paz.

PARTE DOIS

E scolheu-se o aniversário de George Washington para o investimento formal de Jefferson Davis como presidente dos Estados Confederados da América. Já antes tomara posse, em Montgomery, no Alabama, mas essa cerimónia apenas fizera de Davis presidente de um governo provisório. Agora, sancionado pela eleição e devidamente instalado na nova capital da Confederação, Davis seria investido uma segunda vez. A escolha da data do aniversário de nascimento de Washington para a segunda cerimónia tinha como objetivo dotar a ocasião de uma dignidade simbólica. Contudo, o dia auspicioso nada trouxe, além de chuvas miseráveis e incessantes que levaram a que a enorme multidão reunida na praça do Capitólio de Richmond se abrigasse debaixo de uma vastidão de guarda-chuvas. A massa era tão compacta que parecia que os oradores falavam para um aglomerado de altos pretos cintilantes. O matraquear da chuva nos tetos das carruagens e nos tecidos esticados dos guarda-chuvas era tão alto que ninguém, salvo o grupo no palanque, conseguiu ouvir os discursos, as orações, ou sequer o juramento solene feito pelo novo presidente. Depois de pronunciar o juramento, o presidente Davis invocou a ajuda de Deus para a causa justa do Sul, sendo a sua oração pontuada pelos espirros e pelas tossidelas dos dignitários que o rodeavam. As nuvens plúmbeas de fevereiro arrastavam-se baixas sobre a cidade, escurecendo tudo menos os novos estandartes de batalha do exército oriental da Confederação. A bandeira, hasteada em varões atrás do palanque e em todos os telhados ao alcance da vista a partir da praça do Capitólio, era uma flâmula vermelha, dividida por uma cruz de S. André azul, onde se tinham cosido treze bandeiras que representavam os onze Estados rebeldes, a par do Kansas e do Missouri, cuja lealdade era reclamada por ambos os lados. Os sulistas que procuravam bons augúrios ficaram satisfeitos por serem treze Estados a marcar a fundação daquele novo país, tal como tinham sido treze os Estados que tinham criado um país diferente, havia oitenta e seis anos. Claro que certos elementos na mole humana viam o número como sendo aziago, tal como aceitavam a chuva torrencial como um mau presságio para o presidente recém-empossado.

Depois da cerimónia, uma procissão de notáveis enlameados apressou-se a percorrer a Twelfth Street, a caminho de uma receção em Brockenborough House, sita em Clay Street, arrendada pelo governo para fazer as vezes de mansão presidencial. O edifício em breve ficou apinhado de pessoas a escorrer

água que penduravam os casacos molhados nas estátuas gémeas da Comédia e da Tragédia que adornavam o átrio, após o que se deslocavam de divisão em divisão para apreciar e criticar o gosto do novo presidente em mobiliário e quadros. Os escravos do presidente tinham disposto coberturas protetoras sobre os dispendiosos tapetes das divisões onde teria lugar a receção, mas as visitas queriam inspecionar os padrões, pelo que afastaram os lençóis de algodão. Rapidamente os belos tapetes ficaram imundos, pisoteados pelas botas enlameadas, enquanto os dois arranjos de penas de pavão na prateleira da lareira do salão das senhoras foram atacados por quem queria ficar com uma recordação daquele dia. O presidente colocou-se, de expressão carregada, à frente da lareira de mármore branco na sala de jantar de estado e garantiu a todos os que lhe ofereceram os seus parabéns que vira a cerimónia daquele dia como tendo sido uma ocasião deveras solene, e a sua presidência como um fardo extremamente pesado. Alguns músicos do exército tinham sido chamados para entreter os convidados, mas a multidão era tão compacta que o violinista nem sequer tinha espaço para empunhar o arco, pelo que os soldados se retiraram para a cozinha, onde as cozinheiras os regalaram com um belo vinho da Madeira e tarte fria de frango.

Resplandecente numa elegante farda confederada, tornada ainda mais vistosa graças à faixa preta que lhe apoiava o braço direito, o coronel Washington Faulconer deu os parabéns ao presidente, atrapalhando-se um pouco por não ser capaz de apertar a mão com o braço direito ferido, oferecendo, em vez disso, o esquerdo.

O presidente Davis acabou por ter um aperto de mão frouxo e desajeitado, após o que resmungou que se sentia honrado pela presença de Faulconer em tão solene ocasião, que abria caminho a deveres graves.

— Os deveres graves exigem homens grandes, senhor Presidente — replicou Washington Faulconer —, o que significa que somos afortunados por tê-lo.

A boca fina de Davis contorceu-se em reconhecimento do elogio. Tinha uma dor de cabeça lancinante que o deixava ainda mais distante e frio do que o habitual.

— Lamento — disse, rigidamente — que não se sentisse capaz de aceitar o cargo de comissário.

— Claro que me parece que com isso me poupei a uma certa dose de inconveniência, senhor Presidente — respondeu Faulconer com ligeireza, antes de se aperceber de que, na guerra, todos os homens deviam acolher a inconveniência, mesmo que isso implicasse ser raptado pela Marinha dos Estados Unidos dos camarotes agradáveis de um navio-correio britânico. Os dois comissários já tinham sido libertados, salvando o Norte de uma guerra com os Britânicos, além da que já tinham com a Confederação, mas a chegada dos dignitários à Europa não trouxera boas notícias. A França não apoiaria o Sul, a menos que os Britânicos dessem o primeiro passo, e estes não interviriam até que o Sul mostrasse inequivocamente ser capaz de vencer a guerra sem ajuda exterior, o que acabava por ser um disparate. Refletindo sobre o fracasso diplomático, o presidente concluía que tinham sido escolhidos os homens errados para o papel de comissários. Slidell e Mason eram indivíduos grosseiros e diretos, habituados à textura familiar da política americana, mas de todo astutos para as jogadas de uma Europa desconfiada. O presidente acreditava agora que um comissário mais elegante poderia ter alcançado um maior êxito.

E Washington Faulconer era, deveras, um homem impressionante. De cabelo louro, tinha um rosto franco e honesto que quase brilhava de tão atraente. Apresentava ombros largos, uma cintura estreita e uma das maiores fortunas de toda a Virgínia; uma fortuna tão grande que recrutara um regimento com o seu dinheiro, equipando-o ao nível do que havia de melhor em qualquer exército. Dizia-se à boca cheia que poderia ter repetido tal generosidade uma dúzia de vezes sem com isso se sentir afetado. Era, segundo todos os padrões, um homem afortunado e marcante, e o presidente Davis voltou a sentir-se irritado por Faulconer ter recusado um cargo diplomático para perseguir o sonho de liderar uma brigada em combate.

— Lamento que ainda não se encontre recuperado, Faulconer. — O presidente indicou a faixa preta.

— Implica uma certa perda de destreza, senhor Presidente, mas nada que me impeça de brandir uma espada em defesa do meu país — replicou modestamente Faulconer, embora, a bem da verdade, o braço estivesse totalmente recuperado, usando a faixa apenas para transmitir uma aparência de heroísmo. A faixa preta inspirava, acima de tudo, as mulheres, efeito ainda mais conveniente devido à ausência de Richmond da esposa de Faulconer, que tinha a existência de uma

inválida na propriedade da família. — E imagino que a espada venha a ser empunhada em breve — acrescentou Faulconer, deixando bem claro que pretendia o apoio do presidente na sua promoção a brigadeiro.

— Quer-me parecer que não tardaremos a estar embrenhados nos nossos variados deveres — replicou vagamente o presidente cadavérico. Quem lhe dera ter ali a esposa, a ajudá-lo a lidar com todas aquelas pessoas ansiosas, que pretendiam mais entusiasmo do que ele se sentia capaz de mostrar. Varina era excelente com conversas fiadas, ao passo que o presidente sentia as palavras a enrolarem-se na língua. Seria Lincoln igualmente afligido pelos pretendentes a cargos?, interrogou-se Davis. Ou teria o seu homólogo mais facilidade a lidar com estranhos importunos? Um rosto familiar apareceu de repente ao lado de Faulconer, um homem que sorriu e acenou com a cabeça ao presidente, numa exigência de reconhecimento. Davis esquadrinhou a mente em busca do nome do indivíduo, o qual, afortunadamente, lhe surgiu no último segundo. — Senhor Delaney — cumprimentou o presidente, sem qualquer entusiasmo. Belvedere Delaney era um advogado e alcoviteiro que Davis não se lembrava de ter convidado para a receção, mas que, como era seu hábito, não deixara de comparecer.

— Senhor Presidente. — Delaney inclinou a cabeça, em deferência para com o cargo elevado de Jefferson. O advogado de Richmond era um homem baixo, um indivíduo rotundo e sorridente cujo exterior insípido ocultava uma mente tão aguçada como a presa de uma serpente. — Permita-me que lhe apresente as minhas mais sinceras felicitações pela sua investidura.

— Uma ocasião solene, Delaney, que abre caminho a deveres pesados.

— Tal como o tempo parece adivinhar, senhor Presidente — retorquiu Delaney, parecendo denotar uma satisfação ímpia com o aspeto sombrio do dia. — E agora, com a sua licença, venho em busca da atenção do coronel Faulconer. O senhor não pode monopolizar a companhia dos nossos heróis confederados.

Davis assentou com gratidão, permitindo que Delaney levasse Faulconer com ele, embora isso só o tivesse libertado para receber os parabéns entusiásticos de um congressista anafado, compatriota mississipiano, pela tomada de posse como primeiro presidente da Confederação.

— É um dever grave e uma responsabilidade solene — resmungou o presidente.

O congressista do Mississippi deu uma palmada poderosa no ombro de Jefferson Davis.

— Pois que se dane o dever grave, Jeff — bradou o congressista ao ouvido do seu presidente. — Manda mas é os nossos rapazes para norte, para eles cortarem os tintins ao velho Abe Lincoln.

— Tenho de deixar a estratégia nas mãos dos generais. — O presidente tentou afastar o congressista para aceitar os votos mais puros de um sacerdote episcopal.

— Diacho, Jeff, sabes tanto sobre a guerra como qualquer um dos nossos soldados. — O congressista cuspiu um escarro repleto de tabaco na direção de um escarrador. O jorro de saliva castanha falhou o alvo, espalhando-se, em vez disso, na saia de balão ensopada pela chuva da esposa do clérigo. — Já é altura de darmos uma lição definitiva àqueles cobardolas dos Ianques — opinou alegremente o congressista, após o que ofereceu ao novo presidente um gole do seu copo. — O melhor uísque caseiro deste lado do rio Tennessee, Jeff. Um só gole cura-te de tudo o que te atormentar!

— Estás a exigir a minha companhia, Delaney? — Faulconer ficara irritado por o advogado baixo e dissimulado o ter afastado do presidente.

— Não sou eu que te quero, Faulconer, mas o Daniels, e quando o Daniels chama, o melhor que temos a fazer é responder — explicou Delaney.

— O Daniels! — exclamou Faulconer, pois John Daniels era um dos homens mais poderosos e reservados de Richmond. Era também afamadamente feio e desbocado, mas ao mesmo tempo importante, pois era Daniels quem decidia quais as causas e os homens que o poderoso *Examiner* de Richmond apoiava. Vivia sozinho com dois cães bravos que gostava de pôr a lutar enquanto se ria, instalado confortavelmente numa cadeira alta de barbeiro. Ele próprio não era mau lutador; por duas vezes enfrentara os inimigos no campo de duelos de Richmond, em Bloody Run, e sobrevivera a ambos os confrontos com a sua reputação malévola acentuada. Era também considerado por muitos sulistas como sendo um teórico político de primeira água, e o seu panfleto “A Questão dos Pretos” era bastante apreciado por todos quantos não viam necessidade de modificar a instituição que era a escravatura. Agora, ao que parecia, o formidável John Daniels aguardava Faulconer no alpendre elevado das traseiras

da nova Mansão Executiva, onde, de pingalim na mão, observava, carrancudo, a chuva a cair.

Olhou de esguelha para Faulconer e depois apontou o pingalim para a água que escorria das árvores despidas.

— Será que este tempo é um augúrio para o nosso novo presidente, Faulconer? — indagou Daniels na sua voz dura e áspera, ignorando qualquer cumprimento mais formal.

— Espero bem que não, Daniels. Imagino que estejas bem?

— E o que pensas do nosso novo presidente, Faulconer? — continuou Daniels, ignorando a cortesia de Faulconer.

— Julgo que somos afortunados por ter tal homem.

— Pareces um colunista do *Sentinel*. Afortunados! Cristo, Faulconer, o antigo Congresso dos Estados Unidos estava cheio de pacóvios como o Davis. Já vi homens melhores a caírem do traseiro de um porco. Ficaste impressionado com a gravidade dele, foi? Ah, sim, ele é grave, um caso grave, garanto-te, porque dentro dele não há nada vivo, além de conceitos de dignidade, honra e arte governativa. O problema é que não precisamos de conceitos, Faulconer, mas sim de ações. Precisamos de homens que vão matar ianques. Temos de ensopar o Norte com sangue ianque e não de discursos bonitos debitados em palanques altaneiros. Se os discursos ganhassem batalhas, já estávamos a marchar pelo Maine, a caminho da conquista do Canadá. Sabias que o Joe Johnston esteve em Richmond há dois dias?

— Não, não sabia.

— Sabes o que o Johnston te chama, Faulconer? — indagou Daniels na sua voz desagradável. Não lhe interessava que Faulconer fosse um dos homens mais ricos do Sul, tão abastado que poderia comprar o *Examiner* uma dúzia de vezes; Daniels tinha perfeita noção do seu próprio poder, que era a capacidade de moldar a opinião pública no Sul. Era esse mesmo poder que lhe garantia o direito de se sentar na cadeira de baloiço de vime do presidente, com as botas andrajosas apoiadas na balaustrada traseira, enquanto Faulconer, na sua farda elegante de coronel, permanecia de pé a seu lado, qual suplicante. — Chama-te o herói de Manassas — ofereceu Daniels, num tom amargo. — O que me dizes disso?

— Fico muito grato — replicou Faulconer. A bem da verdade, o epíteto era um erro, pois o general Johnston nunca chegara a descobrir que não fora Faulconer a liderar a Legião contra o ataque-surpresa por parte do Norte em Manassas, mas sim o anônimo Thaddeus Bird, tal como o general também não sabia que Bird tomara a decisão por si, desobedecendo deliberadamente às ordens de Faulconer. Em vez disso, à semelhança de muitos outros confederados, Johnston estava convencido de que o Sul tinha em Washington Faulconer um herói brilhante e bem necessário.

Essa crença fora cuidadosamente alimentada pelo próprio Washington Faulconer. O Coronel passara os meses desde Manassas a apresentar palestras sobre a batalha em salões e teatros, desde Fredericksburg a Charleston. Contava ao seu público uma narrativa sobre um desastre evitado e uma vitória arrancada às garras da derrota certa. As suas palavras ganhavam drama e cor graças a um pequeno grupo de músicos feridos que tocavam canções patrióticas e, nos momentos mais dramáticos da narrativa, tocavam imitações de chamamentos de clarim que davam à audiência a sensação de que exércitos fantasmagóricos estavam em manobras do outro lado das janelas escuras dos salões. Depois, quando a história atingia o seu auge e o destino de toda a Confederação ficava em suspenso, Faulconer fazia uma pausa, um tambor rufava uma sugestão de mosquetaria, um bombo reproduzia o ribombar dos canhões distantes e Faulconer dava então conta do heroísmo que salvara o dia. Depois, os aplausos abafavam os disparos simulados dos tamborileiros. A coragem sulista derrotara o poderio lento dos Ianques e Faulconer oferecia um sorriso modesto enquanto era envolvido pelas ovações.

Não que Faulconer alguma vez tivesse chamado a si os louros da vitória em Manassas, mas o relato que apresentava dos combates não negavam especificamente tais honras. Se lhe perguntavam o que fizera pessoalmente, Faulconer recusava-se a responder, argumentando que a modéstia era uma qualidade dos guerreiros, mas depois tocava no braço direito, apoiado na faixa preta, e via os homens a endireitarem as costas num gesto de respeito e as mulheres a olharem-no com uma consideração comovente. Habitara-se à adulação; com efeito, havia tanto tempo que apresentava tais discursos que começara a acreditar no seu próprio heroísmo, crença essa que tornava difícil de aceitar ter sido rejeitado pela Legião na noite de Manassas.

— Foste um herói? — perguntou Daniels a Faulconer sem rodeios.

— Todos os homens presentes em Manassas foram heróis — sentenciou Faulconer.

Daniels riu-se da resposta de Faulconer.

— Ele devia ter sido advogado como tu, não achas, Delaney? Sabe como fazer com que as palavras não valham nada!

Belvedere Delaney estivera ocupado a limpar as unhas, mas oferecia agora um sorriso breve e desprovido de humor ao editor. Delaney era um indivíduo miudinho, espirituoso e inteligente em quem Faulconer não confiava totalmente. Naquele momento, o advogado vestia uma farda confederada, embora Faulconer nem imaginasse qual poderia ser o cargo marcial do homem. Dizia-se igualmente que Delaney era o proprietário do famoso bordel da senhora Richardson, em Marshall Street, e do ainda mais exclusivo prostíbulo de Franklin Street. A ser verdade, os mexericos combinados dos dois bordéis garantiriam a Delaney um conhecimento lesivo acerca de grande parte dos líderes confederados, não havendo dúvida de que o advogado matreiro transmitiria todas as conversas de cama ao sarnoso Daniels.

— Precisamos de heróis, Faulconer — declarava agora Daniels. Fitou com azedume os carreiros alagados e os canteiros enlameados do jardim ensopado. Um fio de fumo saía em volutas do fumeiro presidencial, onde uma dúzia de presuntos virginianos estavam a ser curados. — Soubeste do Henry e do Donelson?

— Com efeito — asseverou Faulconer. No Tennessee, os Fortes Donelson e Henry tinham sido capturados, e parecia agora que Nashville deveria cair, enquanto a oriente, a marinha ianque atacara mais uma vez a partir do mar, capturando desta vez Roanoke Island, na Carolina do Norte.

— E o que dirias, Faulconer — Daniels lançou um olhar gelado ao elegante virginiano —, se te contasse que o Johnston está prestes a abandonar Centreville e Manassas?

— Não pode ser! — Faulconer mostrou-se genuinamente abalado com a notícia. Já havia demasiados hectares de terreno do Norte da Virgínia ocupados pelo inimigo, e ceder ainda mais do território sagrado do Estado sem luta deixava Faulconer consternado.

— Mas vai fazê-lo. — Daniels fez uma pausa para acender um comprido charuto preto. Cuspiu a ponta sobre a balaustrada e depois soprou fumo para a chuva. — Está decidido a recuar para cá do Rappahannock. Diz que poderemos defender-nos melhor aqui do que em Centreville. Ainda ninguém anunciou a decisão. Para todos os efeitos ainda é segredo, o que significa que o Johnston sabe, o Davis sabe, tu e eu sabemos, e provavelmente metade dos malfadados ianques também já sabe. E imaginas o que o Davis pretende fazer quanto a isso, Faulconer?

— Acredito que ele se vá opor à decisão — aventou Faulconer.

— Opor-se? — Daniels disse a palavra com desprezo. — O Jeff Davis não faz ideia do significado do termo. Ele só dá ouvidos à Avó Lee. Cuidado! Cuidado! Cuidado! Em vez de lutar, o Davis propõe que de amanhã a uma semana tiremos um dia para rezar e jejuar. Acreditas nisto? Vamos passar fome para que Deus Todo-Poderoso repare no nosso apuro. Pois bem, o Jeff Davis pode apertar o cinto, mas raios me partam se eu o vou fazer. Nesse dia faço um banquete. Juntas-te a mim, Delaney?

— Com todo o prazer, John — garantiu Delaney, após o que olhou para trás, quando a porta da varanda se abriu. Um menino, talvez com quatro ou cinco anos de idade e com um aro na mão, apareceu no alpendre. O rapazito sorriu aos estranhos.

— A ama diz que posso brincar aqui — explicou-se o rapaz, que Washington Faulconer imaginou ser o filho mais velho do presidente. Daniels lançou um olhar cruel à criança.

— Queres levar uma palmada, rapazelho? Se não queres, desaparece já daqui para fora!

O menino fugiu, lavado em lágrimas, e o editor voltou a dirigir a atenção a Faulconer.

— Não só vamos retirar de Centreville, Faulconer, como por não haver tempo para remover os suprimentos do exército do terminal ferroviário de Manassas, vamos queimá-los! Acreditas nisto? Passamos meses a fornecer alimentos e munições ao exército, e com o primeiro fôlego da primavera decidimos queimar tudo o que temos e depois fugir como mulheres assustadas para o outro lado do rio mais próximo. Aquilo de que nós precisamos, Faulconer, é de generais que os tenham no sítio. Generais com instinto. Generais que não tenham medo de

lutar. Lê isto. — Tirou uma folha dobrada do bolso do colete e atirou-a a Faulconer. O coronel teve de se baixar para o piso coberto de junco do alpendre para apanhar a folha, que se revelou a prova de granel de um possível editorial do *Examiner* de Richmond.

O editorial foi um bálsamo para a alma de Faulconer. Declarava que chegara o momento de passar à ação. A primavera traria, sem sombra de dúvida, uma investida inimiga de uma severidade sem paralelo, e a confederação só sobreviveria caso enfrentasse essa investida com coragem e imaginação. O Sul nunca prevaleceria com timidez, e de todo se escavasse as trincheiras com que o General Robert Lee parecia querer cercar Richmond. A Confederação, declarava o editorial, seria criada por homens audazes e com visão, não pelos esforços de engenheiros de esgotos. O autor concedia, a contragosto, que os atuais líderes confederados eram homens bem-intencionados, mas as suas ideias eram limitadas, pelo que chegara a altura de elevar novos oficiais aos cargos mais altos. Um desses homens era o coronel Washington Faulconer, inativo desde Manassas. Se um homem assim fosse libertado no Norte, concluía o artigo, a guerra estaria terminada no verão. Faulconer leu o artigo uma segunda vez e interrogou-se se deveria dirigir-se ao Shaffers naquela mesma tarde e encomendar mais trancelim para as mangas e as grinaldas douradas para contornar as estrelas na gola da casaca. Brigadeiro-General Faulconer! Decidiu que a patente lhe assentava como uma luva.

Daniels aceitou o editorial de volta.

— A questão, Faulconer, é se devemos publicar isto.

— A decisão é tua, Daniels, não é minha — declinou Faulconer a responsabilidade, com falsa modéstia, ocultando o júbilo enquanto protegia um charuto do vento e acendia um fósforo. Interrogou-se se a publicação ofenderia demasiados oficiais de patente elevada e depois apercebeu-se de que não se atrevia a expressar tão tímida reserva a Daniels, caso contrário, o editorial seria alterado para que recomendasse que qualquer outro homem recebesse uma brigada.

— Mas serás o nosso homem? — resmungou Daniels.

— Se estás a perguntar se atacaria e continuaria a atacar, sim. Se perguntas se abandonaria Manassas? Não. Se queres saber se empregaria homens válidos a abrir valas à volta de Richmond? Nunca!

Depois da declaração sonante de Faulconer, Daniels ficou em silêncio. Com efeito, ficou calado durante tanto tempo, que Washington Faulconer começou a sentir-se tolo, mas, depois, o diminuto editor de barba preta voltou a falar.

— Sabes qual a dimensão do exército de McClellan? — Fez a pergunta sem se virar para olhar para Faulconer.

— Ao certo, não.

— Nós sabemos, mas não publicamos o número de homens no jornal, pois se o fizéssemos, levávamos o povo ao desespero. — Daniels revirou o chicote comprido, enquanto a voz se fez ouvir um pouco acima da chuva incessante. — O Jovem Napoleão, Faulconer, tem mais de cento e cinquenta mil homens. Tem quinze mil cavalos e mais de duzentas e cinquenta peças de artilharia. Canhões grandes, Faulconer, canhões assassinos, os melhores canhões que as fundições nortistas são capazes de fabricar, e estão alinhados lado a lado para desfazer os nossos desgraçados. E quantos desgraçados é que temos? Setenta mil? Oitenta? E quando é que a comissão chega ao fim? Em junho? Julho? — A maior parte do exército sulista oferecera-se como voluntária por apenas um ano de serviço, e quando esse tempo chegasse ao fim, os sobreviventes esperavam regressar a casa. — Teremos de passar à recruta obrigatória, Faulconer — prosseguiu Daniels —, a menos que sejamos capazes de derrotar esse suposto génio que é o McClellan na primavera.

— A nação nunca vai aceitar o serviço obrigatório — contrapôs Faulconer, com severidade.

— A nação, Coronel, vai aceitar o que for preciso para chegarmos à vitória — retorquiu Daniels com brusquidão —, mas será que vais liderar esses homens, Faulconer? Neste momento, é essa a questão importante. És o meu homem? O *Examiner* deve apoiar-te? Afinal de contas, não és um oficial com muita experiência, pois não?

— Posso trazer ideias novas — aventou Faulconer modestamente. — Sangue novo.

— Mas um brigadeiro novo e inexperiente vai precisar de um segundo comandante que seja bom e experiente. Não é verdade, Coronel? — Daniels olhou com maldade para Faulconer enquanto falava.

Faulconer sorriu alegremente.

— Imagino que o meu filho Adam vá servir comigo. Neste momento pertence ao estado-maior do Johnston, por isso tem experiência, e não há homem mais capaz ou honesto em toda a Virgínia. — A súbita sinceridade e afeto de Faulconer eram palpáveis. Amava profundamente o filho, não só com o amor de pai, mas também devido ao orgulho grato que sentia pelas virtudes incontestáveis de Adam. Verdade fosse dita, por vezes Faulconer sentia que Adam era o seu único êxito indubitável, o feito que lhe coroava e justificava o resto da vida. Com um sorriso, dirigiu-se ao advogado. — Podes atestar o caráter do Adam, não podes, Delaney?

Belvedere Delaney, no entanto, não respondeu. Limitou-se a fitar o jardim alagado.

Daniels inspirou com um silvo de dúvida e depois abanou a cabeça feia, num gesto que transmitia um alerta.

— Não gosto disso, Faulconer. Não gosto mesmo nada disso. Isso para mim tresanda a favoritismo. A nepotismo! É esse o termo, Delaney?

— É o termo exato, Daniels — confirmou Delaney, sem olhar para Faulconer, cujo rosto assumia a expressão de um menino agredido com violência.

— O *Examiner* nunca apoiaria o nepotismo, Faulconer — declarou Daniels com a sua voz de grossa, após o que fez um gesto brusco na direção de Delaney. Este abriu obedientemente a porta central da varanda para deixar sair uma criatura escanzelada de aspeto maltrapilho que envergava uma farda molhada e puída que fez com que o recém-chegado se arrepiasse com o gelo do dia. Era um homem de meia-idade, com a aparência de alguém para quem a vida fora madrasta. Tinha uma barba preta hirsuta polvilhada de grisalho, olhos encovados e um tique na face cicatrizada. Era óbvio que estaria resfriado, pois esfregou o nariz que lhe escorria e depois limpou a manga à barba encrustada com flocos de suco seco de tabaco.

— Johnny! — cumprimentou a criatura repugnante num tom familiar.

— Faulconer? — Daniels levantou o olhar para o Coronel. — Este é o major Griffin Swynyrd. — O major acenou brevemente com a cabeça num cumprimento a Faulconer e estendeu a mão esquerda, à qual faltavam os três dedos centrais, apercebeu-se Faulconer. Os dois homens apertaram desajeitadamente as mãos. O espasmo na face direita de Swynyrd dava-lhe ao rosto um aspeto curiosamente indignado. — Aqui o Swynyrd — explicou

Daniels a Faulconer — serviu no antigo exército dos Estados Unidos. Formou-se em West Point... quando?

— Turma de vinte e nove, Johnny. — Swynyard bateu os calcanhares.

— Depois serviu nas Guerras Mexicana e Seminole. Está correto?

— Tirei mais escalpos do que qualquer homem ainda vivo, Coronel — explicou Swynyard, oferecendo a Faulconer um sorriso rasgado que exibiu uma boca cheia de dentes amarelos e podres. — Só num dia arranquei trinta e oito topetes! — gabou-se Swynyard. — E só com estas mãos, Coronel. Mulheres, crianças, guerreiros! Tinha sangue até aos cotovelos! Até salpiquei os sovacos! Alguma vez teve o prazer de arrancar um escalpo, Coronel? — perguntou Swynyard com uma intensidade feroz.

— Não — conseguiu responder Faulconer. — Não, nunca arranquei. — Estava a recuperar do choque provocado pela recusa de Daniels em sancionar a nomeação de Adam e começava a aperceber-se de que a sua promoção acarretaria um preço.

— A coisa tem manha — prosseguiu Swynyard. — É preciso ter jeito, como em qualquer outra competência! Os soldados jovens tentam sempre cortá-los e é claro que nunca corre bem. Acabam com uma coisa que mais parece um rato morto. — Para Swynyard, essa imagem teria bastante piada, pois abriu a boca de dentição irregular e inspirou uma gargalhada sibilante. — Cortar um escalpo não resulta, Coronel. Não, é preciso arrancar o escalpo, como se fosse a casca de uma laranja! — Falava com um tom apaixonado, exemplificando o gesto com a mão ferida que lembrava uma garra. — Se alguma vez for a Tidewater, eu mostro-lhe a minha coleção. Tenho três arcas cheias de escalpos de primeira qualidade, todos curados e curtidos como deve ser. — Tornava-se evidente que Swynyard julgava ter causado uma boa impressão a Faulconer, pois sorriu com gosto enquanto o tique na face tremia rapidamente. — Se calhar o Coronel gostava que eu lhe mostrasse um escalpo agora? — indagou Swynyard de repente, levando os dedos ao botão do bolso enquanto falava. — Ando sempre com um na minha pessoa. Como amuleto, está a ver? Este é de uma mulher Seminole. E a cabra era barulhenta, oh lá, se era. As selvagens sabem guinchar, acredite, guinchar e bem!

— Não, obrigado. — Faulconer conseguiu impedir que o troféu fosse exibido. — Quer dizer que é um nativo da Virgínia, major? — perguntou, mudando de

assunto e disfarçando a repugnância que sentia pelo horrível major Swynyard. — De Tidewater, diz-me o senhor?

— Dos Swynyards de Charles City Court House — completou Swynyard com notório orgulho. — O nome em tempos foi famoso! Não é verdade, Johnny?

— Swynyard e Filhos — explicou o editor, fitando a chuva —, vendedores de escravos da pequena nobreza virginiana.

— Mas o meu pai perdeu o negócio ao jogo, Coronel — confidenciou Swynyard. — Houve uma altura em que o nome Swynyard era sinónimo de comércio negreiro, mas o pai perdeu o negócio com o pecado do jogo. Desde então que somos pobres! — As palavras denotavam um tom de orgulho, mas a jactância sugeria a Washington Faulconer o teor exato da proposta que lhe estava a ser feita.

O editor deu um bafo no charuto.

— O Swynyard é meu primo, Faulconer. É família.

— E veio pedir-lhe emprego? — alvitrou Faulconer, judiciosamente.

— Mas não como jornalista! — interveio o major Swynyard. — Não tenho jeito para as palavras, Coronel. Deixo essas coisas para os homens inteligentes, aqui como o primo Johnny. Não, eu cá sou um soldado nato. Deram-me de mamar pelo cano de uma arma, por assim dizer. Sou um lutador, Coronel, e tenho três arcas cheias de cabelo de pagãos que o provam.

— Mas de momento estás desempregado? — incitou Daniels o primo.

— É verdade que ando à procura do melhor sítio para o meu talento em combate — confirmou Swynyard a Faulconer.

Seguiu-se uma pausa. Daniels tirou o editorial do bolso e fingiu proceder a uma leitura crítica dos parágrafos. Faulconer percebeu a deixa.

— Se eu encontrar colocação para mim próprio, major — apressou-se a dizer a Swynyard —, seria uma honra e um privilégio se por acaso se dignasse a ser o meu braço-direito.

— Queres dizer teu segundo comandante, não é verdade? — interveio John Daniels da cadeira de baloiço do presidente.

— Isso, o meu segundo comandante — confirmou Faulconer sem demora. Swynyard bateu os tacões das botas.

— Não o vou deixar ficar mal, Coronel. Pode faltar-me a educação, mas Deus sabe que não me falta a coragem! Não sou mole, Deus sabe que não. Acredito

que se deve conduzir os soldados como se conduzem os pretos! Depressa e com dureza! Com sangue e brutalidade, não há outra maneira, não é verdade, Johnny?

— É a mais pura das verdades, Griffin. — Daniels dobrou o editorial, mas não o devolveu ainda ao bolso do colete. — Infelizmente, Faulconer — prosseguiu Daniels —, o meu primo ficou empobrecido ao serviço do seu país. Do seu antigo país, bem entendido, os nossos novos inimigos. Isso também quer dizer que chegou ao nosso novo país com uma grande quantidade de dívidas. Não é verdade, Griffin?

— Ando nas últimas, Coronel — admitiu Swynyard rudemente. Surgiu-lhe uma lágrima no canto do olho e o tique na face estremeceu. — Dei-me todo ao antigo exército. Até os meus dedos! Mas fiquei sem nada, Coronel, nada. Mas não peço muito, só uma hipótese de servir e de lutar, e uma campa na boa terra confederada quando o meu tempo chegar ao fim.

— Mas também estás a pedir que te paguem as dívidas — lembrou John Daniels —, especialmente aquelas que me são devidas.

— Terei todo o prazer em saldar-lhe as contas — declarou Faulconer, interrogando-se quanta dor lhe custaria esse prazer.

— O senhor é um cavalheiro, Coronel — disse Swynyard —, um cristão e um cavalheiro. Salta logo à vista, Coronel, ah pois é. Fico muito comovido. Toca-me lá no fundo, bem no fundo. — Swynyard limpou a lágrima do olho e depois endireitou as costas em sinal de respeito para com o salvador. — Não o vou deixar ficar mal. Não sou desses, Coronel. A desilusão não faz parte da natureza dos Swynyards. — Faulconer duvidava da sinceridade dessa afirmação, mas imaginou que a ajuda de Daniels seria essencial para poder ser chamado de general. Se o preço de Daniels era Swynyard, pois que assim fosse.

— Quer dizer que estamos combinados, major — concluiu Faulconer, oferecendo a mão esquerda.

— Estamos combinados, sim senhor, combinados. — Swynyard apertou a mão estendida de Faulconer. — Vai ficar bem servido, pois vai, e eu também. — Ofereceu o sorriso apodrecido.

— Esplêndido! — declarou Daniels em voz alta, após o que delicada e morosamente devolveu o editorial dobrado ao bolso do colete. — Agora, se os cavalheiros quiserem conhecer-se melhor, o senhor Delaney e eu temos assuntos a tratar.

Assim dispensados, Faulconer e Swynyrd regressaram à multidão que ainda enchia a casa do presidente, deixando Daniels a vergastar a chuva com o pingalim.

— Tens a certeza que o Faulconer é o nosso homem?

— Ouviste o Johnston — recordou Delaney, alegremente. — O Faulconer foi o herói de Manassas!

Daniels franziu o cenho.

— Ouvi foi dizer que o Faulconer foi apanhado de calças na mão. Que nem sequer estava com a Legião quando se deu o combate.

— Invejas, meu caro Daniels, meras invejas. — Delaney, bastante à-vontade com o poderoso editor, deu um bafo num charuto. A sua reserva de preciosos cigarros franceses já se exaurira e talvez essa falta fosse o motivo mais premente para que ele quisesse um fim célere para a guerra. Assim sendo, Delaney, à semelhança de Adam Faulconer, apoiava secretamente o Norte e trabalhava em prol da vitória causando estragos na capital do Sul. O feito daquele dia, pensou, era um belo estrago. Acabara de convencer o mais importante editor do Sul a usar a impressionante influência da sua publicação para apoiar um dos mais afetados e ineficazes soldados da Confederação. Segundo a opinião cáustica de Delaney, Faulconer nunca crescera devidamente e sem as suas riquezas não passaria de um tolo de cabeça oca. — Ele é o nosso homem, John, tenho a certeza.

— Nesse caso, porque tem ele estado desocupado desde Manassas? — quis saber Daniels.

— O ferimento no braço demorou muito tempo a sarar — foi a explicação vaga de Delaney. Imaginava que a verdade fosse que o orgulho desmesurado de Faulconer o impedisse de servir às ordens do desbocado Nathan Evans, de origens humildes, mas Daniels não precisava de o saber.

— E não libertou os pretos dele? — perguntou Daniels, num tom de ameaça.

— É verdade, John, mas houve motivos atenuantes para isso.

— O único motivo atenuante para libertar um preto é quando a criatura morre — declarou Daniels.

— Julgo que o Faulconer libertou os escravos para cumprir o último desejo do pai moribundo — mentiu Delaney. A verdade era que Faulconer emancipara os

seus escravos por causa de uma mulher nortista, abolicionista fervorosa, cuja beleza momentaneamente enfeitiçara o proprietário da Virgínia.

— Bem, pelo menos tirou-me o Swynyard das mãos — concedeu Daniels, a contragosto, após o que fez uma pausa, quando do interior da casa se ouviu o som de ovações. Era óbvio que alguém estaria a fazer um discurso e a multidão pontuava a oração com gargalhadas e aplausos. Daniels lançou um olhar carrancudo à chuva que ainda caía com intensidade. — Não precisamos de palavras, Delaney, precisamos de um maldito milagre.

A Confederação precisava de um milagre, pois o Jovem Napoleão estava finalmente pronto, e o exército que liderava superava as tropas sulistas na Virgínia numa relação de dois para um. Além disso, a primavera estava a chegar, o que significava que as estradas voltariam a poder acomodar a passagem de peças de artilharia e o Norte andava a garantir ao seu povo que Richmond seria tomada e a rebelião eliminada. Os campos da Virgínia seriam adubados com os cadáveres virginianos. Só um milagre poderia salvar o Sul de uma derrota humilhante e esmagadora. No seu lugar, refletiu Delaney, a Confederação tinha recebido Faulconer. Era quanto bastava para fazer rir um cão sarnento, decidiu.

Pois o Sul estava condenado.

Pouco depois da alvorada, a cavalaria regressou a galope através dos campos, com os cascos a fazerem saltar espirros prateados de água da erva ensopada.

— Os ianques estão em Centreville! Despachem-se! — Os cavaleiros voaram ao longo do muro de terra pontuado por canhoelras, só que em vez de peças de artilharia, nas aberturas só havia canhões simulados, que não passavam de troncos de árvore pintados de preto e depois alinhados de maneira a criar a aparência de bocas-de-fogo.

A Legião Faulconer seria o derradeiro regimento de infantaria a deixar as posições de Manassas e, em princípio, o último a entrar nas novas fortificações que estavam a ser abertas além do rio Rappahannock. A retirada implicava a cedência de ainda mais território virginiano aos Nortistas, e, durante dias, as estradas que atravessavam em direção a sul ficaram apinhadas de refugiados a caminho de Richmond.

As únicas defesas deixadas em Manassas e Centreville seriam os canhões simulados, as mesmas armas falsas que se tinham espalhado pela paisagem durante todo o inverno para manter as patrulhas ianques afastadas do exército de

Johnston. Essa força fora prodigiosamente fornecida com alimentos transportados de comboio durante o inverno com muita dificuldade até ao depósito de Manassas, mas agora não havia tempo para proceder a evacuações, pelo que os preciosos suprimentos iriam ser queimados. O céu de março estava já negro com o fumo e denso com o cheiro de carne salgada a ser cozinhada quando a companhia de Starbuck incendiou os derradeiros vagões de carga estacionados no entroncamento. Os carros tinham já sido preparados com montes de lenha, pez e pólvora, pelo que quando os archotes foram atirados às piras, as chamas crepitaram e saltaram com força na direção do firmamento. Fardas, bridas, munições, arreios e tendas foram consumidos, e depois foi a vez de os vagões pegarem fogo, com as chamas a saltar com o vento e a cuspir fumo preto para os céus. Incendiou-se um celeiro repleto de feno, depois um armazém de tijolo com farinha, porco salgado e biscoitos secos. As ratazanas fugiram dos depósitos em chamas e foram caçadas pelos cães excitados da Legião. Cada companhia adotara pelo menos meia dúzia de rafeiros que eram acarinhados pelos soldados. Agora, os cães agarravam nas ratazanas pelo pescoço e matavam-nas com fortes abanões, espalhando sangue um pouco por todo o lado. Os donos incitavam-nos.

Os vagões de carga iriam arder até nada restar deles além de um par de rodas escurecidas, cercadas por brasas e cinzas. O sargento Truslow ordenou a um grupo que arrancasse carris e os empilhasse em montes de dormentes embebidos em pez. As fogueiras geravam um calor tão intenso que os carris de aço iam ficando vergados, o que os deixava inutilizados. O regimento ficou rodeado por piras à medida que a retaguarda ia destruindo dois meses de alimentos e um inverno interior de equipamento armazenado.

— Vamos embora, Nate! — O major Bird percorreu o depósito chamuscado, saltando, alarmado, quando uma caixa de munições pegou fogo num dos vagões de carga. Os cartuchos crepitaram como bombinhas de fogo de artifício, intensificando o braseiro num dos cantos do carro em chamas. — Para sul! — gritou Bird num tom dramático, enquanto apontava nessa direção. — Ouviste as novidades, Nate?

— Novidades, meu major?

— O nosso colosso deparou-se com o leviatão deles. A ciência enfrentou a ciência, e imagino que tenham combatido até ficarem num impasse. Uma pena.

— Bird parou de repente e franziu o cenho. — Deveras lamentável.

— Os Ianques também têm um navio de metal, meu major? — perguntou Starbuck.

— Chegou no dia após a vitória do *Virginia*, Nate. A nossa repentina superioridade naval não valeu de nada. Sargento! Deixe esses carris. Está na hora de sairmos daqui, a menos que esta noite deseje ser convidado dos Ianques!

— Perdemos o nosso navio? — indagou Starbuck, incrédulo.

— Os relatos do jornal dizem que ainda flutua, mas a monstruosa embarcação metálica deles também. A nossa rainha já tem monarca à altura, por isso chegámos a um impasse. Depressa, tenente! — A ordem foi dirigida a Moxey, que se servia de uma faca romba para cortar a corda de cânhamo do balde de um poço.

Starbuck sentiu-se desanimado. Já era mau que o exército fosse entregar o Entroncamento de Manassas aos Ianques, mas todos tinham ficado animados com a novidade inesperada de que uma arma secreta sulista, um navio de costados de ferro invulnerável aos canhões, tinha entrado em Hampton Roads e dizimado a esquadra nortista de navios de guerra de madeira. As embarcações da Marinha dos Estados Unidos tinham dado meia-volta e fugido, com algumas a fundear, outras a afundar-se e o resto, pura e simplesmente, a partir a todo o vapor desesperado para tentar fugir ao barulhento e vagaroso *Virginia*, o navio de ferro sujo e vingativo criado a partir da carcaça do *Merrimack*, um navio de guerra abandonado pela Marinha dos Estados Unidos. A vitória parecia servir de consolo ao abandono de Manassas e prometia destruir o estrangulamento provocado pelo bloqueio ianque, mas agora parecia que o Norte dispunha de um monstro semelhante, o qual conseguira equiparar-se em combate ao CSS *Virginia*.

— Não importa, Nate. Teremos apenas de vencer a guerra em terra firme — disse Bird, e depois bateu as palmas para encorajar os últimos homens a sair do largo ferroviário e a formar na estrada em direção a sul.

— Mas como é que eles souberam que tínhamos um navio de ferro? — interrogou-se Starbuck.

— Porque têm espões, é claro. Centenas, talvez. Julgas que, de repente, todos a sul de Washington mudaram a sua tendência patriótica da noite para o dia? — lançou Bird. — É claro que não. E de certeza que muitas pessoas acreditam que

qualquer compromisso com os Ianques é melhor do que esta desgraça. — Fez um gesto na direção de outro grupo de refugiados miseráveis e de repente foi assaltado pela imagem da sua querida esposa a ser obrigada a fugir de casa pelos invasores nortistas. Não seria um destino provável, pois Faulconer County ficava situada nas profundezas do centro da Virgínia, mas, mesmo assim, Bird levou a mão ao bolso onde o retrato de Priscilla estava cuidadosamente protegido contra a chuva e a humidade. Tentou imaginar a sua pequena casa, com as pilhas irregulares de pautas e os amontoados de violinos e flautas, a ser incendiada por tropas de ianques escarnecedores.

— O senhor está bem? — Starbuck notara o esgar que surgira repentinamente no rosto de Bird.

— Cavalo inimigo! Toca a mexer! — bradou o sargento Truslow à companhia, mas pretendia igualmente arrancar o major Bird à sua letargia. — Ianques, major. — Truslow apontou para norte, onde a silhueta de um grupo de cavaleiros se recortava contra os troncos pálidos da mata distante.

— Vamos a marchar! — gritou Bird para a frente da coluna da Legião, e depois virou-se para Starbuck. — Estava a pensar na Priscilla.

— Como está ela? — quis saber Starbuck.

— Ela diz que está muito bem, mas não ia dizer outra coisa, pois não? A querida menina não me quer preocupar com queixas. — Bird casara-se com uma jovem com metade da sua idade e, qual solteirão inveterado que por fim cede ao inimigo, pensava na sua noiva com uma adoração que raiava a veneração. — Diz que plantou cebolas. Será muito cedo para plantar cebolas? Ou talvez quisesse dizer que as plantou no ano passado? Não sei, mas fico impressionado por aquela alma doce saber alguma coisa acerca de cebolas. Eu não sei. Sabe Deus quando a volto a ver. — Fungou e depois olhou para os cavaleiros distantes que pareciam cautelosos quanto ao exuberante panorama de bocas-de-fogo de madeira que lhes ameaçava o caminho. — Em frente, Nate, ou melhor, para trás. Deixemos este campo de cinzas ao inimigo.

A Legião marchou ao longo dos armazéns em chamas e depois através da pequena povoação. Algumas das casas estavam vazias, mas a maior parte dos habitantes ia permanecer ali.

— Esconde essa bandeira, homem! — gritou Bird a um carpinteiro que desfraldara o novo estandarte de batalha da Confederação sobre a sua oficina,

num gesto de desafio. — Dobra-a! Esconde-a! Nós havemos de regressar!

— Vem alguém atrás de vocês, coronel? — Inadvertidamente, o carpinteiro promovera Bird.

— Só alguma cavalaria. Depois disso são só ianques!

— Pois vão lá fazer-lhes a vida negra, coronel! — disse o carpinteiro, enquanto puxava a bandeira.

— Faremos o possível. Boa sorte por aqui!

A Legião deixou para trás a pequena vila e marchou estoicamente pela estrada ensopada e enlameada que fora esventrada pela passagem das carroças dos refugiados. A estrada dirigia-se a Fredericksburg, onde a Legião iria atravessar o rio e depois destruir a ponte, antes de se juntar ao grosso do exército sulista. A maior parte desse exército retirava por uma estrada mais a ocidente que seguia diretamente para Culpeper Court House, onde o general Johnston sedeara o seu novo quartel-general. Johnston partia do princípio de que os ianques fariam um desvio, na tentativa de inverter a sua posição em relação ao rio, e que, por isso mesmo, seria necessário travar uma grande batalha em Culpeper County; seria um confronto, tal como Bird observou a Starbuck, que faria com que os combates em Manassas parecessem uma mera escaramuça.

A retirada da Legião levou-os a atravessar esse já antigo campo de batalha. À sua direita ficava a longa encosta por onde tinham fugido depois de terem interrompido o ataque-surpresa dos ianques, e à esquerda tinham a colina mais íngreme onde Stonewall Jackson por fim tinha parado, dado meia-volta e repellido o exército nortista. A batalha tinha tido lugar havia oito meses, mas a encosta inclinada mostrava ainda as cicatrizes dos tiros de artilharia. Perto da estrada ficava uma casa de pedra onde Starbuck observara os cirurgiões a retalhar e a suturar a carne ferida. No pátio da casa tinha sido aberta uma vala rasa comum onde, devido à chuva invernal, tinham ficado à mostra as pontas nodosas de ossos brancos, protuberantes da terra avermelhada. Nesse pátio havia um poço, com o qual Starbuck se recordava de ter saciado a sede durante o terrível calor do dia, intensificado pela pólvora. Um grupo de retardatários de expressões carrancudas e desafiadoras estava agora agachado ao lado do poço.

Esses soldados, todos de regimentos que marchavam à frente da Legião, incomodaram Truslow.

— Deviam ser homens, não é? Não mulheres. — A Legião foi-se cruzando com cada vez mais situações idênticas. Alguns estavam doentes, e nada podiam fazer, mas a maioria estava simplesmente cansada, ou sofria com as bolhas nos pés. Truslow praticamente rosnou-lhes, mas nem o desprezo furioso de Truslow convencia os retardatários a ignorar o sangue que lhes enchia as botas e a prosseguir com a marcha. Em breve, alguns dos homens das primeiras companhias da Legião começaram também a ficar para trás. — Isto não pode ser — queixou-se Truslow a Starbuck. — Se continuarmos assim, vamos perder metade do exército. — Viu três soldados da Companhia A da Legião e acercou-se deles, tempestuoso, vociferando aos sacanas cobardes que continuassem a andar. Os três homens ignoraram-no e Truslow esmurrou o mais alto do trio, deitando-o ao chão. — Levanta-te, seu filho da mãe! — bradou Truslow. O indivíduo abanou a cabeça e depois contorceu-se na lama, quando Truslow lhe pontapeou a barriga. — Levanta-te, sacana caguinchas! Levanta-te!

— Não consigo!

— Pare com isso! — Foi Starbuck que gritou a ordem a Truslow, que se virou, espantado por receber uma reprimenda direta do seu superior.

— Não vou deixar que estes cabrões percam a guerra por serem uns fracos — protestou Truslow.

— Também não pretendo deixar que isso aconteça — replicou Starbuck. Aproximou-se do homem da Companhia A, observado por uma vintena de outros retardatários, curiosos para saber até que ponto o oficial alto de cabelo escuro seria capaz de superar o fracasso do sargento atarracado e feroz.

Truslow cuspiu para a lama à aproximação de Starbuck.

— Estás a pensar meter juízo na cabeça do sacana?

— Sim — respondeu Starbuck —, por acaso, estou. — Parou ao lado do homem caído, tendo como público a Companhia K, que se detivera para apreciar o confronto. — Como se chama? — perguntou Starbuck ao retardatário.

— Ives — disse o homem, num tom cauteloso.

— E não consegue acompanhar-nos, Ives?

— Pois parece que não.

— Sempre foi um cabrão inútil — cuspiu Truslow. — Tal como o pai dele. Acredita, se a família Ives fossem mulas, tínhamos de os abater a todos à nascença.

— Já chega, sargento — censurou Starbuck, após o que baixou o olhar para o molhado e lamentável Ives. — Sabe quem vem atrás de nós? — perguntou.

— Alguns dos nossos cavaleiros — respondeu Ives.

— E atrás da cavalaria? — questionou Starbuck, num tom gentil.

— Ianques.

— Vê mas é se bates nesse malandro imprestável — resmungou Truslow.

— Deixe-me em paz! — gritou Ives ao sargento. Ives sentira-se encorajado com os modos gentis e atenciosos de Starbuck, e com o apoio dos outros retardatários, que murmuravam entre si o ressentimento pela brutalidade de Truslow e o agrado com o tom razoável de Starbuck.

— E sabe o que os ianques lhe vão fazer? — perguntou Starbuck a Ives.

— Pois não deve ser pior do que isto, capitão — respondeu Ives.

Starbuck aquiesceu.

— Portanto, não consegue prosseguir a marcha?

— Parece que não.

Os outros retardatários murmuraram o seu assentimento. Estavam todos demasiado cansados, demasiado doridos, molhados, desesperados e infelizes para sequer pensarem em continuar com a marcha. Só queriam deitar-se ao lado da estrada, sem quaisquer outras preocupações ou receios além dessa ideia de repouso imediato.

— Então pode ficar aqui — indicou Starbuck a Ives. Truslow resmungou um protesto. Os outros retardatários sorriram de prazer quando Ives, aparente vencedor daquela batalha, se esforçou para se levantar.

— Só mais uma coisa — acrescentou Starbuck, num tom amável.

— Sim, meu capitão? — Ives estava agora ansioso por ser prestável.

— Pode ficar aqui, Ives, mas não lhe posso deixar qualquer equipamento que pertença ao governo. Não seria justo, pois não? Não queremos dar aos Ianques as nossas preciosas armas e fardas, pois não? — Sorriu.

Ives ficou subitamente de pé atrás. Abanou cautelosamente a cabeça, mas era óbvio que não entendia o que Starbuck estava a querer dizer.

Starbuck dirigiu-se à companhia.

— Amos, Ward, Decker, venham cá! — Os três homens correram até Starbuck, que acenou com a cabeça na direção de Ives. — Dispam o cobarde merdoso.

— Não pode... — começou Ives a dizer, mas Starbuck avançou um passo e deu-lhe um murro na barriga, após o que ergueu a outra mão para lhe empurrar a cabeça com força para trás. Ives voltou a cair na lama.

— Dispam-nos! — ordenou Starbuck. — Arranquem-lhe as roupas.

— Cristo — blasfemou outro dos retardatários, incrédulo, enquanto os homens de Starbuck rasgavam e arrancavam as roupas de Ives. Truslow, que agora ostentava um sorriso rasgado, pegara na espingarda e nas munições do soldado. Ives gritava a sua pretensão de permanecer com a Legião, mas Starbuck sabia que tinha de criar um exemplo, e Ives tivera o infortúnio de ser esse exemplo. Ives debateu-se, mas não tinha como se defender dos homens de Starbuck, que lhe tiraram as botas, a mochila e o rolo do cobertor, puxaram as calças para baixo e cortaram a casaca e a camisa. Ives ficou sem nada, além de um par imundo de cuecas puídas. Pôs-se de pé com esforço, com o sangue a escorrer do golpe com que Starbuck lhe acertara no nariz.

— Eu continuo, capitão! — suplicou Ives. — A sério!

— Despe as cuecas — ordenou Starbuck bruscamente.

— Não pode! — Ives recuou, mas Robert Decker passou-lhe uma rasteira, depois baixou-se e rasgou-lhe a roupa interior, deixando Ives nu na lama e à chuva.

Starbuck olhou para os outros retardatários.

— Se mais alguém quiser ficar para trás e travar conhecimento com os ianques, pode começar já a despir-se! Caso contrário, toca a andar.

Todos retomaram a marcha. Houve quem exagerasse o coxeio para mostrar que tinham um motivo genuíno para serem retardatários, mas Starbuck gritou que era capaz de despir um aleijado mais depressa do que de arrancar as roupas de um homem completo, e esse encorajamento fez com que os retardatários andassem mais depressa. Alguns chegaram quase a correr na sua pressa de se afastarem de Starbuck e de Truslow, passando a informação de que não haveria qualquer misericórdia na retaguarda da coluna da Legião.

Ives suplicou pelas roupas e Starbuck sacou da pistola.

— Desaparece daqui!

— Não pode fazer isto!

Starbuck disparou, com a bala a salpicar lama para as canelas pálidas como ventre de peixe.

— Corre! — bradou Starbuck. — Vai ter com os Ianques, seu grande sacana!

— Eu mato-te! — gritou Ives. Já corria, chapinhando em pelota pela estrada em direção a Manassas. — Eu mato-te, ianque de um cabrão!

Starbuck voltou a guardar o revólver e sorriu para Truslow.

— Está a ver, sargento? A razão funciona sempre.

— És um malandro esperto, não és?

— É verdade, sargento, pois sou. Está a avançar! — bradou Starbuck para a companhia, que deu início à marcha, a sorrir, enquanto Truslow distribuía as munições de Ives. O número de retardatários baixou para uma mancheia, e esse punhado parecia composto por homens genuinamente aleijados. Starbuck ordenou aos seus homens que lhes recolhessem as armas e as munições, mas de resto deixou-os em paz. Não houve mais fingimentos.

Ao início da tarde, a Legião arrastava-se junto à que em tempos fora a maior fábrica de cura de carne da Confederação, mas que agora não passava de um inferno de chamas amarelas e azuis. A gordura chiava e crepitava, fazendo escorrer rios ferventes por entre os casebres onde viviam os escravos das instalações. Os negros observaram a passagem dos soldados, sem trair uma centelha de emoção. Sabiam que em breve chegariam os nortistas, mas não se atreviam a mostrar qualquer prazer com essa perspectiva. As crianças agarravam-se aos aventais das mães e os homens olhavam das sombras, enquanto, atrás deles, a carne a arder ia assando e fritando, o que libertava um aroma torturante a bifes e bacon que percorria uma vasta área de terreno húmido.

O cheiro a bacon acompanhou a Legião até meio da tarde, altura em que a retaguarda composta pela cavalaria alcançou por fim a infantaria em retirada. Os cavaleiros desmontaram e conduziram os animais exaustos e suados pelas rédeas. Alguns dos cavaleiros não tinham selas e usavam, no seu lugar, quadrados dobrados de tecido grosso, enquanto outros tinham bridas feitas com cordas atadas. Os homens perscrutavam a beira da estrada enquanto andavam para sul, em busca de algo útil entre o equipamento descartado pelos batalhões de infantaria mais à frente. Havia casacas, tendas, cobertores e armas, tudo retirado dos armazéns abandonados em Manassas, mas depois considerado demasiado pesado para transportar, tendo sido deitado fora. Os cães da Legião empanturravam-se com a comida que fora trazida dos depósitos em chamas, mas que agora era abandonada, à medida que o cansaço dos homens aumentava.

— Mais parece uma derrota do que uma retirada — resmungou Starbuck para Thaddeus Bird.

— Creio que os manuais o descrevem como sendo uma retirada tática — comentou Bird, com gosto. Estava a apreciar o dia. A visão de tanto material a ser queimado era prova da idiotice básica da humanidade e, acima de tudo, da parte dos homens que se encontrava em posições de autoridade, e Bird sempre gostara de tais provas de uma estupidez generalizada. Com efeito, tinha tanto prazer nisso que por vezes se sentia culpado. — Embora julgue que nunca te devas sentir culpado, pois não, Starbuck?

— Eu? — Starbuck deixou-se sobressaltar com a questão. — Sempre.

— Por gostares da guerra?

— Por ser um pecador.

— Ah! — Bird apreciava tal confissão. — Referes-te à esposa do ferreiro em Manassas? Mas que tolo tu és! Sentes-te culpado por fazeres o que é natural? Será que a árvore se sente culpada por crescer? Ou o pássaro por voar? A tua culpa não é a prática dos pecados, Starbuck, mas sim o teu receio da solidão.

O comentário aproximava-se muito da verdade, a tal ponto que Starbuck ignorou por completo as palavras.

— A sua consciência nunca lhe pesa? — acabou por perguntar a Bird.

— Nunca permiti que a minha consciência ficasse confundida com os balidos dos ministros de Deus — declarou Bird. — Nunca fiquei a ouvir tempo suficiente, sabes? Cristo, Starbuck, se não fosse por esta guerra, talvez já tivesses sido ordenado como homem de Deus! Estarias a casar pessoas, em vez de as andares a matar! — Bird riu-se, atirando a cabeça para trás e para a frente, após o que se virou de repente, ao ouvir um disparo algures à distância, pela retaguarda da Legião. Uma bala trespassou as árvores e os cavaleiros rebeldes desmontados prepararam-se imediatamente para enfrentar a ameaça. Uma tropa de cavaleiros ianques aparecera à distância. A chuva dificultava a visão, embora de vez em quando uma baforada de fumo branco traísse o ponto onde se disparava uma carabina. O som da arma fazia-se ouvir segundos depois, abafado, logo depois de a bala acertar na estrada molhada, ou de se perder entre as agulhas dos pinheiros. A cavalaria nortista disparava de muito longe, confiando na sorte e não na pontaria.

— Isto é um trabalho para os nossos homens, Nate — declarou o major Bird com um prazer ímpio. Bird acreditava profundamente na mosquetaria. Gostava de sustar as salvas regimentais até ao último momento e defendia que as suas companhias de escaramuceiros deviam ser compostas por atiradores especiais, e a insistência de Starbuck no treino constante transformara os escaramuceiros da Companhia K nos mais letais da Legião. Alguns dos homens, como Esau Washbrook e William Tolby, eram bons atiradores por natureza, mas até os elementos mais desajeitados tinham melhorado com os meses de treino. Joseph May era um dos soldados menos capazes, embora, no caso dele, a melhoria da pontaria se devesse ao par de óculos de aros dourados que tinham sido retirados do cadáver de um capitão nortista em Ball's Bluff.

O major Bird olhava agora ao longo da comprida estrada que se estendia entre as árvores escuras.

— Uma salva bem apontada, Nate. Os patifes não se vão arriscar a chegar mais perto, e assim que souberem que sabemos disparar, vão afastar-se ainda mais, portanto, o nosso senhor Deus Todo-Poderoso só nos vai dar uma oportunidade de lhes mandar as almas miseráveis para o inferno. — Esfregou as mãos magras. — Ficas ofendido se for eu a dar as ordens, Nate?

Divertido com o entusiasmo sanguinário de Bird, Starbuck garantiu ao comandante que não se sentiria melindrado e depois ordenou à sua companhia que encontrassem pontos a partir de onde disparar e carregassem as armas. Via-se cerca de uma dúzia de cavaleiros ianques, mas devia haver mais escondidos pelas ruínas da taberna de madeira que se erguiam no cotovelo da estrada de onde o inimigo surgira. Os nortistas disparavam as carabinas a partir das selas, julgando, obviamente, que estavam demasiado longe da retaguarda sulista para correrem algum risco real. O seu fogo não era verdadeiramente uma ameaça, mas acima de tudo um logro, um fogo de troça como despedida aos rebeldes que batiam em retirada. A cavalaria confederada respondia ao fogo, mas a coleção heterogénea sulista de revólveres, armas de caça e carabinas capturadas revelava-se ainda menos precisa do que os disparos nortistas.

— Quatrocentos metros! — gritou Truslow. Era muito longe para as espingardas da Legião. Por regra, Starbuck acreditava que disparos a mais de duzentos metros seriam provavelmente um desperdício a menos que fosse realizado por um dos melhores atiradores da companhia, mas quatrocentos

metros não era uma distância impossível. Carregou a sua própria espingarda, começando por arrancar à dentada a bala do topo do cartucho de papel e depois despejando a pólvora cano abaixo. Enfiou o papel vazio no cano como bucha e depois cuspiu a bala lá para dentro. O sabor amargo e salgado da pólvora demorou-se-lhe na boca enquanto puxava a vareta de aço da espingarda. Empurrou com força a bala cônica contra a bucha e a pólvora, e depois devolveu a vareta ao seu lugar. Por fim pegou numa pequena espoleta fulminante de cobre que colocou sobre a escorva em cone da espingarda. A espoleta estava cheia com uma pitada de fulminato de mercúrio, um químico suficientemente instável para explodir com um impacto forte. Quando batesse na espoleta, o cão da espingarda faria com que o fulminato explodisse, lançando assim uma agulha de fogo através do cone perfurado até à pólvora que pressionara no interior da culatra da arma.

Uma bala inimiga acertou numa poça a trinta metros da companhia e fez saltar um repuxo de água suja. Ned Hunt, sempre o palhaço da companhia, fez pouco da cavalaria distante até que Truslow o mandou dobrar a maldita língua. Starbuck ajoelhou-se ao lado de uma árvore na qual se pudesse apoiar. Ajustou a alça de mira para quatrocentos metros e depois, como as espingardas frias limitavam o tiro, acrescentou mais cem, por via das dúvidas.

— Deem-nos espaço, rapazes! — alertou o major Bird a cavalaria rebelde, e os homens de casacas cinzentas e cabelo comprido fizeram recuar as montadas para trás da companhia de Starbuck.

— Não vão acertar em nada, rapazes! — gritou um dos cavaleiros, bem-disposto. — Mais valia atirarem-lhes pedras.

Havia agora mais ianques visíveis no cotovelo da estrada, talvez uma vintena ao todo. Alguns tinham desmontado, ajoelhando-se ao lado da taberna, enquanto outros continuavam a apontar a partir das selas.

— Vamos disparar contra o grupo da direita! — indicou Bird. — Lembrem-se de compensar o vento e esperem pela minha ordem!

Starbuck desviou o cano para a esquerda, compensando assim o vento que soprava de leste. A chuva salpicou o cano da espingarda quando centrou a mira num cavaleiro no centro do grupo ianque.

— Vou contar até três e depois dou a ordem — anunciou o major Bird. Estava de pé no meio da estrada e fitava o inimigo através de meio par de binóculos de

campanha que recuperara de um cadáver em Manassas. — Um — cantarolou, e Starbuck tentou controlar o tremor no cano da espingarda. — Dois! — gritou o major Bird, e a chuva fustigou os olhos de Starbuck, fazendo pestanejar ao erguer a coronha, para que a alça da mira ficasse centrada com a mira frontal. — Três — bradou Bird, e a companhia susteve um fôlego coletivo e tentou imobilizar os músculos. Starbuck tinha a mira exatamente sobre a figura esbatida de um homem montado a quatrocentos metros, e manteve-a aí até que, por fim, Bird gritou a ordem. — Fogo!

Cinquenta espingardas soaram quase em uníssono, cuspidando uma nuvem irregular de fumo branco sobre a estrada molhada. A coronha da espingarda de Starbuck foi-lhe bater no ombro, enquanto um jorro de fulminato incendiado lhe queimava o nariz. O major Bird afastou-se a correr do fumo branco e apontou os binóculos partidos ao cotovelo distante da estrada. Um cavalo galopava à solta, um homem estava caído na estrada, um segundo indivíduo coxeava na direção da mata e um terceiro rastejava na lama. Um outro cavalo tinha tombado, esperneando e debatendo-se, enquanto além do animal moribundo, uma vintena de ianques fugia.

— Muito bem! — gritou Bird. — Agora, toca a formar e a marchar!

— Como nos saímos? — quis saber Starbuck.

— Três homens e um cavalo — indicou Bird. — Talvez um dos três tenha morrido?

— Em cinquenta tiros? — surpreendeu-se Starbuck.

— Li algures — disse Bird, alegremente — que nas guerras de Napoleão eram precisos duzentos tiros de mosquete para obter uma baixa, por isso três homens e um cavalo com cinquenta balas não me parece um resultado muito mau. — Soltou uma gargalhada brusca, abanando a cabeça para a frente e para trás no maneirismo que lhe granjeara a sua alcunha. Explicou a boa disposição enquanto guardava os binóculos partidos. — Nem há seis meses, Nate, eu tinha muitos escrúpulos quanto a matar. Agora, vejam só, pareço guiar-me pelas mortes como forma de avaliar o êxito. O Adam tem razão, a guerra muda-nos mesmo.

— Ele também teve essa conversa consigo?

— Deixou que a consciência transbordasse, se é isso a que te referes. Não foi de todo uma conversa, já que considerou irrelevantes todas as minhas

contribuições. Limitou-se a gemer e depois pediu-me que rezasse com ele. — Bird abanou a cabeça. — Coitado do Adam, não devia ter vestido a farda.

— Nem o pai dele — acrescentou Starbuck num tom severo.

— É verdade. — Bird caminhou alguns passos em silêncio. Uma pequena quinta tinha sido criada entre as árvores ao lado da estrada, e o proprietário, um homem de barba branca com um chapéu alto puído e cabelo que lhe caía abaixo dos ombros, estava à porta a ver os soldados a passar. — Tenho o receio constante de que o Faulconer volte a aparecer entre nós — confessou Bird —, todo ele fanfarronice e dignidade. Mas com cada dia que passa sem que ele seja destacado ou, Deus nos livre e guarde, colocado à frente de uma brigada, deixa-me espantado com o facto de talvez, afinal de contas, existir algum bom senso entre as nossas altas patentes.

— Mas nenhum nos jornais? — observou Starbuck.

— Nem me lembres, por favor. — Bird arrepiou-se ao pensar no editorial do *Examiner* de Richmond que pedira a promoção de Washington Faulconer. Bird interrogava-se até que ponto os jornais eram capazes de ver as coisas tão mal, e depois pensou em quantos dos seus preconceitos e ideias tinham sido moldados por jornalismo igualmente equivocado. Mas, pelo menos, ninguém em Richmond parecia ter ligado ao editorial. — Tenho andado a pensar — disse Bird daí a pouco, após o que voltou imediatamente a silenciar-se.

— E? — incitou Starbuck o major.

— Tenho vindo a interrogar-me quanto ao motivo para nos chamarmos Legião Faulconer — ofereceu Bird. — Afinal de contas, já não fazemos parte da lista de ordenados de sua senhoria. Pertencemos à Comunidade da Virgínia e creio que devíamos encontrar outro nome.

— O 45º? O 60º? O 121º? — aventou Starbuck, num tom amargo. Os regimentos estatais recebiam designações segundo a sua senioridade, mas ser o 50º da Virgínia, ou o 101º da Virgínia não era a mesma coisa que ser a Legião.

— Os Atiradores da Virgínia — sugeriu Bird orgulhosamente.

Starbuck pensou no nome e, quanto mais pensava, mais gostava dele.

— E quanto às cores? — perguntou. — Quer que os Atiradores da Virgínia entrem em combate com o brasão Faulconer?

— Um novo estandarte, penso eu — adiantou Bird. — Qualquer coisa audaz, sanguinária e decidida. Talvez com o lema do Estado? *Sic semper tyrannis!* —

Bird declamou as palavras com grande dramatismo e depois riu-se. Starbuck imitou-o. O lema significava que quem tentasse oprimir a Comunidade da Virgínia sofreria a mesma derrota humilhante do rei Jorge III, mas a ameaça poderia igualmente referir-se ao Coronel que abandonara a sua Legião quando esta marchara contra o inimigo em Manassas.

— Gosto muito da ideia — declarou Starbuck.

A companhia ultrapassou uma pequena elevação na estrada e foi brindada com o fumo de um bivaque que se erguia numa cumeada a menos de um quilómetro. A chuva e as nuvens obscureciam o Sol que se punha, garantindo um lusco-fusco antecipado que destacava as fogueiras no monte. Seria nessa elevação que a divisão de retaguarda passaria a noite, protegida por um ribeiro e por duas baterias de artilharia cuja silhueta se recortava contra o horizonte distante. O grosso da Legião já tinha chegado ao acampamento, muito antes da companhia de Starbuck, que fora retardada devido ao encontro com os retardatários e à refrega com a cavalaria ianque.

— Confortos do lar à vista — declarou Bird, alegremente.

— Graças a Deus — exclamou Starbuck. A alça da espingarda friccionava-lhe a farda ensopada, as botas patinhavam com um ruído irritante à chuva, e a perspectiva de descansar junto ao lume parecia uma antevisão do paraíso.

— Aquele é o Murphy? — Bird semicerrou os olhos para conseguir ver por entre a chuva o cavaleiro que galopava pela estrada vinda da cumeada. — Imagino que esteja à minha procura — aventou Bird, e acenou para chamar a atenção do irlandês. Murphy, um excelente cavaleiro, cruzou um vau raso, galopou até à Companhia K, e depois deu meia-volta ao cavalo para se juntar a Bird, por entre uma agitação de cascos e de lama.

— Está um homem à sua espera no acampamento, Pica-pau. Está a exigir que se apresse para se encontrar com ele.

— A patente dele faz com que essa exigência tenha alguma importância?

— Quer-me parecer que sim, Pica-pau. — Murphy refreou o cavalo excitado. Os cascos do animal fizeram saltar lama que salpicou as calças de Bird. — Chama-se Swynyrd. Coronel Griffin Swynyrd.

— Nunca ouvi falar nele — replicou Bird, alegremente. — A menos que seja um Swynyrd da antiga família escravagista. Eram um bando muito pouco

agradável. O meu pai dizia sempre que devíamos ficar a favor do vento quando estivéssemos com um Swynyard. Esse indivíduo cheira mal, Murphy?

— Não cheira pior do que eu, ou do que você, Pica-pau — esclareceu Murphy. — Mas ele quer afastá-lo, segundo diz.

— Talvez lhe possa dizer para esfriar a cabeça? — sugeriu Bird alegremente.

— Parece-me que não, Pica-pau — lamentou-se Murphy. — Parece-me bem que não. É que ele trouxe-nos ordens novas, sabe? Vamos mudar de brigadas.

— Por Deus, não — exclamou Bird, percebendo a terrível verdade. — O Faulconer?

Murphy anuiu.

— Receio bem que sim, Pica-pau. O Faulconer não está presente em pessoa, mas o Swynyard é o seu novo segundo comandante. — Murphy fez uma pausa, após o que olhou para Starbuck. — Também o quer ver, Nate.

Starbuck praguejou, mas as imprecações não serviriam de nada. Washington Faulconer conseguira uma brigada, e com isso recuperara a sua Legião.

De repente, o dia pareceu deveres uma pesada derrota.

Um grupo de homens, alguns de roupas civis e outros de farda, caminhou lentamente ao longo da linha de fortificações abandonadas a norte do depósito ferroviário de Manassas. O dia chegava rapidamente ao fim, roubando à terra molhada a pouca luz acinzentada que lhe iluminara a miséria. A chuva ajudava a reduzir os incêndios, deflagrados pelos confederados em retirada, a montes húmidos e fumegantes de cinzas malcheirosas, que as recém-chegadas tropas nortistas vasculhavam em busca de recordações. Os habitantes fitavam com rancor os ianques invasores, os primeiros nortistas livres vistos em Manassas desde o início da guerra. Alguns negros libertados ofereceram uma receção mais calorosa às tropas federais, trazendo pratos de broas de vários formatos, embora tal generosidade fosse apresentada com alguma cautela, já que os simpatizantes nortistas da povoação não sabiam se os ventos da batalha poderiam virar-se mais uma vez para sul, fazendo regressar o exército confederado.

Contudo, por enquanto era o exército nortista que controlava o entroncamento e o comandante dessas forças inspecionava as fortificações abandonadas pelos confederados em retirada. O major-general George Brinton McClellan era um homem baixo e de constituição robusta, com um rosto ameninado redondo e fresco. Tinha apenas trinta e cinco anos de idade, mas compensava a juventude

com uma dignidade rígida e com uma expressão eternamente carregada que ajudava a ultrapassar a estatura diminuta. Mantinha também um pequeno bigode que erroneamente julgava dar mais alguma autoridade à sua expressão, mas que só servia para tornar mais evidente a sua juventude. Agora, no ar carregado de fumo do entroncamento ferroviário, detinha-se para examinar um dos troncos pintados de preto que saíam como uma boca-de-fogo da canhoneira molhada.

Uma dúzia de oficiais de estado-maior fez uma pausa atrás do major-general e observou com ele o tronco preto que pingava. Ninguém falou até que um civil anafado quebrou o silêncio portentoso.

— É um barrote, general — disse o civil, num tom de profundo sarcasmo. — Lá no Ilinóis chamamos-lhe um tronco de árvore.

O major-general George Brinton McClellan não se dignou a responder ao comentário. Em vez disso, com o cuidado fastidioso de evitar assentar as botas engraxadas nas poças mais fundas, dirigiu-se à canhoneira seguinte, onde dedicou mais uma análise minuciosa a um tronco quase idêntico. Um rebelde escrevera a giz duas pequenas palavras na boca da peça falsa: “Ho Ho.”

— Ho ho — disse o homem do Ilinóis. Era um indivíduo de meia-idade de rosto avermelhado, um congressista conhecido por ser próximo do presidente Lincoln. Tal relação inibiria a maior parte dos oficiais quanto a ofender o político, mas McClellan desprezava o congressista por ser um dos inúteis republicanos que passara o inverno a zombar do Exército do Potomac pela sua inatividade. — Tudo calmo no Potomac — cantarolavam os trocistas, exigindo saber por que motivo o mais caro exército da História americana aguardara letargicamente durante todo o inverno antes de avançar contra o inimigo. Eram homens como aquele congressista que importunavam o presidente para que encontrasse um soldado mais aguerrido para liderar os exércitos nortistas, e McClellan estava farto das suas críticas. Mostrou o desprezo que sentia virando propositadamente as costas ao congressista e dirigindo-se, em vez disso, a um dos oficiais do seu estado-maior.

— Julga que os canhões simulados foram instalados esta manhã?

O oficial, um coronel de engenharia, examinara os canhões falsos e pelo estado apodrecido das extremidades deduzira que os troncos estariam instalados, pelo menos, desde o verão anterior, o que significava que o Exército Federal dos Estados Unidos, a maior força alguma vez reunida na América, passara os

últimos meses assustado com um monte de árvores besuntadas com pez. No entanto, o coronel sabia que não devia confirmar tal teoria ao general McClellan.

— Talvez tenham sido instalados ontem, meu general — disse, com todo o tato.

— Mas a semana passada havia canhões verdadeiros? — exigiu saber McClellan, num tom feroz.

— Ah, sem dúvida — mentiu o coronel.

— De certeza — acrescentou outro oficial, acenando a cabeça num gesto de conhecedor.

— Nós vimo-los! — asseverou um terceiro oficial nortista, embora, a bem da verdade, se interrogasse se a patrulha de cavalaria teria sido enganada por aqueles troncos pintados, os quais, à distância, se pareciam bastante com peças de artilharia reais.

— Estes troncos de árvore — o congressista do Ilinóis dotou as palavras de um tom irónico — parecem-me muito bem instalados. — Escalou a canhoneira enlameada, sujando as roupas de terra, e depois deixou-se escorregar pesadamente para junto do canhão simulado. Em tempos deveria ter havido peças reais nas canhoneiras, pois as armas falsas estavam apoiadas em rampas de terra com uma inclinação ligeira, elevações essas forradas com tábuas por onde um canhão teria recuado ao disparar, voltando depois tranquilamente para a posição original. O congressista quase caiu ao assentar o pé nas velhas tábuas, escorregadias com uma película de bolor húmido. Manteve o equilíbrio segurando-se ao cano do canhão falso e depois bateu com o pé direito. O salto do sapato atravessou as tábuas apodrecidas na plataforma, perturbando uma colónia de bichos-de-conta que fugiram desesperadamente para longe da luz do Sol. O congressista tirou uma ponta molhada e mastigada de charuto da boca. — Não me parece que um canhão verdadeiro aqui pudesse ter estado há meses, general. Quer-me parecer que tem andado a borrar as calças por causa de um monte de troncos cortados.

— Aquilo que aqui está a observar, congressista — McClellan dirigiu-se ferozmente ao político —, é uma vitória! Possivelmente uma vitória sem paralelo nos anais do nosso país! Uma vitória magnífica. O triunfo conseguido graças a armas estrategicamente dispostas! — O general lançou a mão num

gesto dramático na direção das piras fumegantes, dos pares espalhados de rodas escuras de vagões e das altas chaminés de tijolo que tinham ficado sozinhas entre as brasas vivas. — Convido-o a contemplar — declarou McClellan, apontando para a paisagem desolada — um exército derrotado. Um exército que retirou perante o nosso avanço vitorioso como o feno cede sob a gadanha.

O congressista perscrutou obedientemente a cena.

— Um número misericordiosamente baixo de corpos, general.

— Uma guerra vencida através de manobras, cavalheiro, é uma guerra misericordiosa. Devia cair de joelhos e agradecer a Deus Nosso Senhor por isso. — Foi a deixa de McClellan para a sua partida, afastando-se rapidamente em direção à vila.

O congressista abanou a cabeça, mas não disse nada. Em vez disso, limitou-se a observar um indivíduo magro, de farda de cavalaria francesa coçada e baça, a trepar à canhoneira para olhar para o canhão falso. O francês tinha uma espada monstruosa ao lado do corpo, uma pala a disfarçar a falta de um olho e ostentava uma pose alegre. Chamava-se coronel Lassan e era um observador militar francês ligado ao exército nortista desde antes da batalha do último verão em Bull Run. Batia com a biqueira da bota nas tábuas da plataforma. As esporas tilintaram e a madeira podre partiu-se com o pontapé leve.

— E então, Lassan? — quis saber o congressista. — O que pensa disso?

— Não passo de um convidado no vosso país — adiantou Lassan com bastante tato —, um estrangeiro e um observador, pelo que a minha opinião, congressista, de nada importa.

— Tem olhos, não tem? Bem, pelo menos um — apressou-se o congressista a acrescentar. — Não é preciso ser americano para decidir se este bocado de madeira só foi instalado ontem. — Lassan sorriu. Tinha o rosto profundamente cicatrizado, mas a expressão denotava qualquer coisa de indómito e de matreiro. Era um indivíduo sociável que falava um inglês perfeito com sotaque britânico.

— Sabe uma coisa que aprendi sobre o seu maravilhoso país? — disse ao congressista. — Nós, meros europeus, fazemos melhor em guardar as críticas para nós.

— Sacana do *franciú* condescendente — exclamou o congressista. Gostava do francês, mesmo tendo o sacana ficado com dois meses de salário do político no

jogo de póquer da véspera. — Então diga-me lá, Lassan. Estes troncos foram aqui postos ontem?

— Creio que os troncos já aqui se encontram há um pouco mais de tempo do que o general McClellan imagina — concedeu Lassan, com bastante tato.

O congressista olhou, irritado, para o grupo do general, que se encontrava agora a cem passos dali.

— Acho que ele não quer sujar o exército limpinho dele numa escaramuça com aqueles rapazes sulistas, tão mal-educados. É isso que pensa, Lassan?

Lassan pensava que a guerra poderia terminar no espaço de um mês se o exército nortista marchasse em frente, provocasse algumas baixas e continuasse a marchar, mas o gaulês era demasiado diplomata para tomar partidos nas discussões ferozes que tinham lugar nos gabinetes de Washington e nos jantares sumptuosos de toda a capital. Por isso, Lassan limitou-se a ignorar a questão, acabando por ser salvo de novos interrogatórios graças à chegada de um desenhador de jornal que começou a reproduzir as tábuas podres e o tronco em decomposição.

— Está a olhar para uma vitória, filho — disse o congressista num tom carregado de sarcasmo, enquanto arrancava as partes mais húmidas do charuto, antes de o devolver à boca.

— Pois uma derrota não é, congressista — afirmou patrioticamente o artista.

— Isto parece-lhe uma vitória? Filho, nós não expulsámos os rebeldes, eles é que se foram embora quando quiseram! Neste momento devem estar a preparar canhões de madeira noutro lado qualquer. Só vamos ter uma vitória a sério quando pendurarmos o Jeff Davis pelos tornozelos. Ouça o que lhe digo, filho, estes canhões estão aqui a apodrecer desde o ano passado. Parece-me que o nosso Jovem Napoleão voltou a ser enganado. Canhões de madeira para quem tem serradura na cabeça. — O congressista cuspiu para a lama. — Faça um bom desenho desses canhões de madeira, filho, e não se esqueça de mostrar as marcas deixadas pelas rodas quando as peças foram removidas.

O artista franziu o cenho ao olhar para a lama à frente das rampas de tiro apodrecidas.

— Não há marcas nenhuma.

— Exatamente, filho. E isso significa que está muitos passos à frente do nosso Jovem Napoleão. — O congressista afastou-se, acompanhado pelo observador

francês.

A uma centena de passos dali, outro homem de roupas civis olhava, consternado, para outro dos canhões simulados. O homem tinha um rosto duro e largo, com uma barba cerrada de onde saía, protuberante, um cachimbo escurecido numa atitude beligerante. Envergava um casaco de montar puído, botas altas e um chapéu redondo de aba curta. Tinha consigo um pequeno pingalim com que de repente vergastou a boca falsa de um dos canhões de madeira. Depois deu meia-volta e bradou a um assistente que lhe trouxesse o cavalo.

Mais tarde, nessa noite, o indivíduo barbado recebeu uma visita no gabinete da casa onde se situavam os seus aposentos. As casas eram um bem escasso em Manassas, a tal ponto que a maioria dos homens abaixo da patente de tenente se viam obrigados a viver em tendas, pelo que o facto de aquele civil ter uma casa inteira para seu uso pessoal era prova quanto bastasse da sua grande importância. A inscrição a giz na porta da casa dizia “Major E. J. Allen,” embora o homem não fosse soldado, nem tivesse Allen como apelido, sendo, isso sim, um civil que gostava de se fazer valer de pseudónimos e de disfarces. O seu nome verdadeiro era Allen Pinkerton, e fora detetive da polícia de Chicago antes de o general McClellan o ter nomeado chefe do Gabinete dos Serviços Secretos do Exército do Potomac. Agora, à luz tremeluzente das velas, Pinkerton olhava para o nervoso oficial alto que fora mandado chamar à sua presença, vindo da retaguarda do exército.

— O senhor é o major James Starbuck?

— Sou, sim senhor — respondeu James Starbuck com os modos cautelosos de um homem que espera que qualquer convocatória seja presságio de problemas. Nos dias que corriam, James tinha um ar desconsolado. De oficial de estado-maior, confidente dos segredos do comandante do exército, fora relegado para um cargo no departamento do intendente do 1º Corpo. Os seus novos deveres prendiam-se com o fornecimento de legumes secos, farinha, carne curada, porco salgado, biscoitos de ração e grãos de café, tarefas que realizava diligentemente, mas por mais alimentos que conseguisse fornecer, nunca era o suficiente, pelo que os oficiais de todos os regimentos, baterias e tropas sentiam-se à vontade para o insultar, como sendo um filho de uma cabra pia inútil. James sabia que

devia ignorar tais palavras, mas elas acabavam sempre por o esmagar e humilhar. Raras vezes se sentira tão miserável.

Agora, para seu grande espanto, James via que o homem chamado Allen estudava a longa carta de Adam, que no ano anterior James enviara para o quartel-general do major-general McClellan. Tanto quanto James sabia, a carta fora absolutamente ignorada pelas altas patentes do exército, e como a James faltava tanto a autoridade como o caráter para convencer fosse quem fosse da importância da missiva, partira do princípio de que a carta fora esquecida havia muito. Contudo, aquele desagradável major Allen acabara finalmente por se aperceber do seu valor.

— Então, quem é que lhe deu esta carta, major? — exigiu saber Pinkerton.

— Prometi que não o revelaria, meu major. — James interrogou-se porque estaria a tratar aquele homenzinho desprezível com tamanha deferência. Allen não tinha uma patente mais elevada do que James, mas havia qualquer coisa na pose belicosa daquele homem que acentuava a subserviência natural de James, embora ao mesmo tempo também lhe tivesse despertado uma certa teimosia, já que decidiu que não voltaria a servir-se daquela forma de se lhe dirigir.

Pinkerton compactou o tabaco no cachimbo com um dedo calejado, depois aproximou o forninho da chama de uma vela e sugou até o acender.

— Não tem um irmão com os rebeldes?

James enrubesceu, o que não era motivo de espanto, já que a traição de Nate era causa de profunda vergonha para a família Starbuck.

— Tenho, me... tenho sim, major, infelizmente.

— Foi ele quem escreveu esta carta?

— Não, me... Não, major. Não foi ele que a escreveu. Quem me dera que tivesse sido.

O cachimbo de Pinkerton borbulhou quando ele sugou o tubo curto. O vento soprava à janela e uivava na pequena chaminé, empurrando uma nuvem de fumo denso para a divisão.

— Se lhe garantir que sou uma pessoa de confiança, major — disse Pinkerton, com uma voz que mantinha o leve arrastar da sua Escócia nativa —, e se jurar pela minha saúde, e se jurar pela minha querida falecida mãe e pela alma da mãe dela e por todas as Bíblias de toda a América do Norte, e se ainda por cima lhe

garantir que nunca, jamais, revelarei o nome do seu informante a quem quer que seja, diz-me o nome dele?

James sentiu-se tentado. Talvez, se indicasse o nome de Adam, ele fosse dispensado do seu cargo de intendente, mas dera a sua palavra e não a iria quebrar, pelo que se limitou a abanar a cabeça.

— Não, major, não lhe digo. Confiaria na sua palavra, mas não vou faltar à minha.

— Ainda bem para si, Starbuck. Que bom para si. — Pinkerton ocultou o desapontamento que sentia e voltou a franzir o cenho na direção da carta de Adam. — O seu homem tinha razão — prosseguiu — e todos os outros estavam errados. O seu homem disse-nos a verdade, ou pelo menos esteve lá perto. Enganou-se nos números da força de Johnston, pois sabemos que o exército rebelde tem pelo menos o dobro do tamanho que ele lhe disse, mas tudo o resto está correto, é uma informação valiosíssima! — O que impressionara Pinkerton fora a descrição feita por Adam dos canhões falsos de madeira. Fornecera o seu número e localização exatos, e Pinkerton, ao deparar-se com as peças naquele lusco-fusco molhado, lembrara-se do relatório ignorado e ordenara que o fossem desenterrar ao seu arquivo. Havia centenas de relatórios do género, muitos deles obras de patriotas cheios de imaginação, outros meras suposições baseadas em artigos de jornal, tendo outros ainda claramente sido enviados por sulistas, numa tentativa de enganar o Norte. Era tanta a informação a chegar ao Norte que Pinkerton se via obrigado a deitar grande parte dela fora, mas agora apercebia-se de que rejeitara algum ouro a par da escória.

— O seu homem enviou-lhe mais cartas?

— Não, major.

Pinkerton recostou-se na cadeira, fazendo com que as pernas do móvel ranguessem de forma ominosa.

— Acha que ele estaria disposto a fornecer-nos mais informações?

— Acredito que sim. — O sobretudo de James escorria para o soalho do gabinete. Tremia de frio, apesar do lume que crepitava furiosamente, mas pouco calor transmitia à divisão austera. Uma mancha vazia no estuque acima da lareira traía o ponto de onde um quadro fora apressadamente retirado antes da chegada do exército nortista; talvez um retrato de Jeff Davis, ou então de Beauregard, a figura vitoriosa de Manassas e o general preferido do Sul.

Pinkerton voltou a olhar com atenção para a carta, interrogando-se porque não a teria levado a sério antes. Reparou que o papel usado era de boa qualidade, obviamente de uma reserva de antes da guerra e com um fabrico muito superior ao material descorado, fibroso e reles que o Sul fazia agora. O redator servira-se de letras maiúsculas, disfarçando assim a caligrafia, mas a gramática e o vocabulário denunciavam-no como sendo um homem formado, e a informação colocava-o como sendo alguém no centro do exército rebelde. Pinkerton sabia que cometera um erro quando inicialmente ignorara aquela carta, mas consolava-se ao pensar que certas preciosidades acabavam por se perder no meio do caos.

— Relembre-me lá como é que o seu homem lhe fez chegar esta carta, sim? — exigiu Pinkerton. James explicara as circunstâncias numa carta que acompanhara a longa missiva de Adam, mas, aparentemente, essa explicação desaparecera havia muito.

— Entregou-ma em Richmond, major, no dia em que fui trocado.

— E como entraria em contacto com ele agora?

— Disse que as cartas deveriam ser deixadas no vestíbulo da Igreja de S. Paulo, em Richmond. Nesse vestíbulo está um quadro, coberto com fita adesiva cruzada, e se alguém deixar aí uma carta endereçada ao Secretário Honorário da Sociedade Bíblica do Exército Confederado, ele recolhe-a. Não me parece que exista tal sociedade — indicou James, após o que fez uma pausa. — E confesso que não faço ideia de como fazer chegar uma carta a Richmond. — James admitiu-o com um tom humilde.

— Não tem nada que saber, meu caro. Fazemos isso quase todos os dias — garantiu Pinkerton alegremente, depois abriu uma pasta de cabedal e tirou um estojo de escrita de viagem. — Nas próximas semanas vamos precisar da ajuda do seu amigo, major. — Tirou uma folha de papel do estojo, juntou-lhe um tinteiro e uma caneta, e depois empurrou tudo sobre a mesa. — Sente-se.

— Quer que lhe escreva agora, major? — perguntou James, espantado.

— Não há como o momento presente, Starbuck! Não se pode malhar quando o ferro já está frio, não é mais ou menos isso que dizem? Despache-se! Diga ao seu amigo que as informações que ele nos forneceu foram de grande valor e que foram apreciadas nas mais elevadas instâncias do exército federal. — Pinkerton descobrira que os elogios ajudavam bastante com os agentes secretos. Fez uma

pausa enquanto James puxava uma vela para junto do papel e começava a escrever com uma letra rápida e eficiente. A caneta tinha o aparo largo, o que fazia salpicar gotas de tinta ao raspar rapidamente pelo papel. — Escreva qualquer coisa pessoal — sugeriu Pinkerton —, para que ele saiba de quem se trata.

— Já o fiz — disse James. Indicara a esperança de que Adam tivesse tido oportunidade de entregar a Bíblia a Nate.

— Agora diga que ficaríamos muito agradecidos se o seu amigo nos pudesse ajudar com o pedido anexo.

— Pedido anexo? — repetiu James, confuso.

— Não me diz quem ele é — explicou Pinkerton —, por isso nem pense que lhe digo o que queremos dele.

James pousou a caneta na borda da mesa. Franziu o sobrolho.

— Ele vai correr riscos, meu major?

— Riscos? É claro que vai correr riscos! Está a decorrer uma guerra! O ar que respiramos é arriscado! — Pinkerton carregou o semblante e voltou a sugar o tabaco junto à chama da vela. — O seu homem está a fazer isto por dinheiro?

James retesou-se ao ouvir a sugestão.

— Ele é um patriota, major. E um cristão.

— Nesse caso, a recompensa do Paraíso será motivo mais do que suficiente para correr riscos, não acha? — indagou Pinkerton. — Mas julga que eu quero perder esse seu homem? É claro que não! Garanto-lhe que não lhe vou pedir que faça nada que não esperasse que o meu próprio filho fizesse, acredite, major. Mas deixe-me que lhe diga outra coisa. — Como se pretendesse mostrar quão importante seriam as palavras seguintes, Pinkerton retirou o cachimbo da boca e limpou a saliva dos lábios. — Aquilo que vou pedir ao seu homem poderá levar-nos à vitória nesta guerra. É importante a esse ponto, major.

James pegou prontamente na caneta.

— Quer apenas que lhe peça que satisfaça o pedido anexo.

— Exatamente, major, é isso que eu quero. Depois vou pedir-lhe que enderece o envelope por mim. — Pinkerton recostou-se e sugou o cachimbo. Iria pedir a Adam informações quanto às defesas rebeldes a oriente de Richmond, seria nessa paisagem húmida e vazia que, a qualquer momento, o general McClellan pretendia levar a cabo o seu ataque-surpresa contra a capital rebelde. O presente

avanço lento até às ruínas de Manassas destinara-se apenas a manter o exército confederado retido a norte da sua capital, enquanto McClellan lançava em segredo a maior frota da História, que transportaria a verdadeira força de ataque para que contornassem o flanco oriental dos rebeldes. Richmond em maio, dizia Pinkerton para consigo, paz em julho, e os frutos da vitória para o resto da vida.

Aceitou a carta e o envelope de James. O envelope era feito de papel pardo grumoso que um dos agentes de Pinkerton trouxera aquando de uma viagem secreta à Confederação e James endereçara-o ao Secretário Honorário da Sociedade Bíblica do Exército Confederado, ao cuidado da Igreja de S. Paulo, Grace Street, Richmond. Pinkerton procurou um selo de aspeto reles de cinco cêntimos com o rosto encovado de Jefferson Davis e colou-o ao envelope.

— Imagino que esse informante só confie em si — aventou Pinkerton.

— Com efeito — confirmou James.

Pinkerton anuiu. Se esse estranho espião só confiaria em James, Pinkerton teria de garantir que James estaria sempre por perto.

— E antes da guerra, major — quis saber —, qual era o seu ofício?

— Era uma profissão — corrigiu-o James com severidade. — Era advogado em Boston.

— Advogado, ein? — Pinkerton levantou-se e aproximou-se do lume débil. — A minha querida mãe desejava que eu fosse um advogado, aquilo que na Escócia chamam de redator do sinete, mas, infelizmente, nunca tivemos dinheiro para a instrução. Mas gosto de pensar que teria sido um excelente advogado, caso tivesse tido essa oportunidade.

— Acredito que sim — adiantou James, sem ter qualquer certeza.

— E enquanto advogado, major, está habituado a peneirar provas? A discernir a verdade da falsidade?

— Com efeito — respondeu James.

— Pergunto-lho — explicou Pinkerton — porque nos últimos tempos este gabinete tem carecido de ordem. Andamos demasiado ocupados para manter os arquivos organizados como eu gostaria, e preciso de um chefe de gabinete, major, alguém que consiga fazer avaliações e ordenar provas. Garanto-lhe que o general McClellan autorizará de imediato o seu destacamento, pelo que não vai haver problemas com o seu atual comandante. Será presunção da minha parte oferecer-lhe tal cargo?

— É muito generoso, meu major, muito generoso — asseverou James, completamente esquecido da decisão de não voltar a tratar aquele homem com tal deferência. — Seria uma honra juntar-me a si — prosseguiu apressadamente, sem acreditar que estaria prestes a ser salvo dos barracões húmidos e vastos do departamento de suprimentos.

— Nesse caso, bem-vindo a bordo, major. — Pinkerton ofereceu a mão num gesto de acolhimento. — Aqui não temos cerimónias — indicou, depois de ter dado à mão de James um aperto forte e vigoroso —, por isso, a partir de agora, pode tratar-me por *Bulldog*.

— Bulldog? — James titubeou a palavra.

— É apenas uma alcunha, major — garantiu Pinkerton.

— Muito bem — hesitou James —, Bulldog. E será uma honra se me tratar simplesmente por James.

— É o que pretendo fazer, Jimmy, é o que pretendo fazer! Começamos a trabalhar pela manhã. Talvez queira ir buscar as suas coisas esta noite? Pode dormir na copa, isso se não tiver problemas com uma ratazana ou duas.

— Habituei-me a ratazanas quando estive na prisão — disse James —, e a coisas piores.

— Então vá-se lá embora, major! Temos de começar a trabalhar bem cedo — indicou Pinkerton. Depois, após a saída de James, o chefe dos Serviços Secretos sentou-se e escreveu uma breve carta que seguiria para sul, a par da carta de James. A missiva solicitava informações pormenorizadas sobre as defesas rebeldes a leste de Richmond, especificamente o número de tropas que equipavam essas defesas. Pinkerton pedia depois que essa informação fosse entregue a um tal senhor Timothy Webster, ao cuidado do Ballard House Hotel, na Franklin Street de Richmond.

Timothy Webster era o mais brilhante espião de Pinkerton, um homem que já empreendera três incursões ao interior da Confederação, e que se encontrava naquele momento a meio da quarta. Desta vez, Webster apresentara-se como um mercador fura-bloqueios que procurava negócios em Richmond, embora na verdade estivesse a servir-se dos fundos dos Serviços Secretos para travar amizades com oficiais e políticos rebeldes indiscretos. A missão de Webster seria identificar e trair as defesas de Richmond, uma tarefa que envolvia riscos terríveis, mas, agora, o surgimento do informante de James Starbuck deixava

Pinkerton certo do êxito de Webster. Selou as duas folhas de papel no interior do envelope, desrolhou uma garrafa do seu precioso uísque escocês, e serviu-se de um brinde. À vitória.

O coronel Griffin Swynyrd comia sofregamente um prato de couve frita e batatas quando Bird e Starbuck chegaram à tenda dele. Começara a chover e as nuvens tinham trazido consigo um lusco-fusco prematuro, o que obrigara a acender dois candeeiros para iluminar a tenda do coronel, que estavam pendurados na barra de sustentação. O coronel recém-promovido estava sentado por baixo dos candeeiros gémeos e envergava uma volumosa túnica de lã cinzenta sobre as calças da farda e uma camisa suja. Estremecia sempre que uma dentada lhe provocava uma pontada de agonia num dos dentes amarelos e cariados. O criado, um negro assustadiço, anunciara o major Bird e o capitão Starbuck, e depois voltara para a noite, onde as fogueiras da retaguarda lutavam contra o vento.

— Com que então é você o Bird — disse Swynyrd, ignorando propositadamente Starbuck.

— E você é o Swynyrd — replicou Bird com uma brusquidão a condizer.

— Coronel Swynyrd. West Point, turma de vinte e nove, anteriormente do Exército dos Estados Unidos, 4ª de Infantaria. — À luz dos candeeiros, os olhos raiados de sangue de Swynyrd tinham um brilho amarelado. Mastigou uma colherada do jantar, que empurrou com uma golada de uísque. — Presentemente segundo comandante da Brigada Faulconer. — Apontou a colher a Bird. — O que faz de mim seu oficial superior.

Bird reconheceu a relação com um aceno breve de cabeça, mas recusou-se a tratar Swynyrd com a deferência de um “meu coronel”, provavelmente aquilo que o oficial esperava. Swynyrd não insistiu; em vez disso raspou o prato da refeição com uma faca afiada, após o que levou à boca mais uma colherada da mistura pouco apetitosa. A tenda tinha um soalho de pinho acabado de cortar, uma mesa desdobrável, uma cadeira, uma cama de campanha e um cavalete de serrador que estava a ser usado como suporte para a sela. Toda a mobília, à semelhança da sela e da tenda, eram novas. Seria algo dispendioso antes da guerra, mas no período de escassez que se vivia, Bird nem sequer imaginava o quanto tudo aquilo teria custado. No exterior da tenda estava estacionada uma carroça que Bird supôs estar a ser usada para transportar os confortos de Swynyrd, mais uma prova do dinheiro que fora empregue nos aprestos do coronel.

Swynyrd engoliu a boca cheia de comida e depois bebeu mais um trago do seu uísque. A chuva tamborilava na lona esticada da tenda enquanto, no escuro, um cavalo relinchava e um cão uivava.

— Agora pertencem à Brigada Faulconer — anunciou formalmente Swynyrd —, a qual consiste desta Legião, do Batalhão de Voluntários de Izard County, do Arkansas, do 12º e do 13º Regimentos da Florida, e do 65º da Virgínia. Estão todos sob o comando do brigadeiro-general Washington Faulconer, Deus o abençoe, que aguarda a nossa chegada ao Rappahannock amanhã. Dúvidas?

— Como está o meu cunhado? — indagou Bird educadamente.

— Questões militares, Bird. Militares.

— O ferimento do meu cunhado já sarou o suficiente para lhe permitir finalmente assumir as suas obrigações militares? — perguntou docemente Bird.

Swynyrd ignorou a questão trocista. Na face direita tremia-lhe um tique e usou a mão esquerda estropiada para coçar a barba com laivos de grisalho onde se tinham alojado restos de couve. O coronel depositara um naco húmido de tabaco de mascar a um lado do prato. Devolveu-o à boca e sugou-o com força enquanto se levantava e dirigia ao cavalete que lhe sustentava a sela.

— Alguma vez arrancou um escalpo? — indagou, dirigindo-se a Bird.

— Não, que me lembre, não. — Bird conseguiu ocultar a surpresa e repugnância pela questão súbita.

— É preciso um certo jeito! É como qualquer outra competência, Bird, é preciso um certo jeito! O problema com os soldados novos é que tentam sempre cortá-los fora, e isso não pode ser. Não pode ser assim. Não, é preciso arrancá-los como se fossem uma casca, arrancá-los! Se for preciso, ajuda-se com uma faca, mas só para aparar as bordas, e assim ficamos com uma coisa bonita e macia! Uma coisa assim! — Swynyrd retirara do bolso da túnica uma madeixa de cabelo preto, a qual abanava agora à frente do rosto de Bird. — Tirei mais cabelos de selvagens do que qualquer outro branco vivo — prosseguiu Swynyrd —, e tenho muito orgulho disso, muito orgulho. Servi bem o meu país, Bird, ninguém o serviu melhor do que eu, acredite, e a minha recompensa foi ver aquele chimpanzé do Lincoln a ser eleito, por isso agora temos de lutar por um país novo. — Swynyrd debitou o discurso num tom emocionado, chegando-se à frente de tal maneira que Bird pôde cheirar a mistura de couve, tabaco e uísque

no hálito do homem. — Vamos dar-nos bem, Bird, você e eu. De homem para homem, hã? Como está este regimento, diga-me lá.

— Eles estão bem — respondeu Bird com brevidade.

— Esperemos que esteja bem, Bird. Mesmo bem! O general não tem a certeza se deve ter um major a comandá-lo, está a perceber? — Swynyard aproximou o rosto do de Bird enquanto falava. — Por isso, major, se quiser a minha ajuda para mudar a opinião do general, é melhor que você e eu nos comecemos a dar bem.

— O que está a sugerir? — perguntou Bird calmamente.

— Eu não faço sugestões, major. Não sou esperto o suficiente para fazer sugestões. Não passo de um soldado bruto a quem deram de mamar no cano preto de uma arma. — Swynyard soltou uma gargalhada rouca na direção de Bird e depois aconchegou a túnica de lã sobre o peito magro, antes de cambalear de volta à cadeira. — Tudo o que me interessa — prosseguiu Swynyard depois de se ter sentado — é que a Legião esteja pronta a combater e saiba ao certo aquilo por que luta. Os homens têm noção disso, Bird?

— Acredito que sim — asseverou Bird.

— Não parece muito convencido, Bird. Não parece nada convencido. — Swynyard fez uma pausa para beber mais uísque. — Os soldados são pessoas simples — prosseguiu. — Ser soldado não tem nada de complicado, Bird. Aponte a direção certa, dê-lhe um pontapé no rabo, diga-lhe para matar e um soldado não precisa de mais nada, Bird! Os soldados não passam de pretos brancos, pelo menos é o que dizem, mas até um preto se sai melhor se souber porque é que está a fazer as coisas. É por isso que hoje vai distribuir estes panfletos aos homens. Quero que eles percebam a nobreza da causa. — Swynyard tentou erguer uma caixa de madeira cheia de panfletos para cima da mesa, mas o peso era demasiado, pelo que resolveu usar o pé para empurrar o caixote na direção de Bird.

Bird baixou-se para pegar num dos livrinhos e depois leu o título em voz alta.

— “A Questão dos Pretos,” por John Daniels. — A voz de Bird denunciava a sua repugnância pelas opiniões virulentas de John Daniels. — Quer mesmo que dê isto aos homens? — indagou.

— Tem de dar! — declarou Swynyard. — O Johnny é meu primo, sabe, e ele vendeu os panfletos ao general Faulconer para que os homens os lessem.

— Que generoso é o meu cunhado — comentou Bird, num tom cáustico.

— E como vão ser úteis, esses panfletos. — Starbuck falava pela primeira vez desde que entrara na tenda.

Swynyard fitou Starbuck, desconfiado.

— Úteis? — indagou, num tom perigoso, depois de um longo silêncio.

— É extremamente difícil atear um incêndio com este tempo húmido — retorquiu Starbuck, sem expressão.

O tique na face de Swynyard começou a tremer. Não disse nada durante bastante tempo, limitando-se a revirar a faca de cabo de osso enquanto contemplava o jovem oficial.

— O Daniels é seu primo? — Bird quebrou repentinamente o silêncio.

— Sim. — Swynyard desviou o olhar de Starbuck e voltou a pousar a faca em cima da mesa.

— E imagino que tenha sido o seu primo — disse lentamente Bird, quando se lhe fez luz — a escrever o editorial que encorajava o exército a promover Washington Faulconer?

— E depois? — perguntou Swynyard.

— Nada, nada — replicou Bird, embora mal fosse capaz de ocultar quão divertido se sentia ao perceber o preço que o cunhado fora obrigado a pagar pelo apoio de Daniels.

— Está a achar piada a alguma coisa? — exigiu saber Swynyard, com maldade na voz.

Bird suspirou.

— Coronel — começou a dizer —, hoje marchámos uma grande distância, e não tenho nem energia, nem vontade de aqui ficar a explicar o que me diverte. Deseja mais alguma coisa da minha parte? Ou será que o capitão Starbuck e eu podemos ir dormir um pouco?

Swynyard fitou Bird durante alguns segundos e depois apontou com a mão estropiada para as abas da tenda.

— Vá-se embora, major. Mande alguém vir buscar os panfletos. Você fique aqui. — As últimas três palavras foram dirigidas a Starbuck.

Bird não se mexeu.

— Se tem assuntos a tratar com um dos meus oficiais, coronel — disse a Swynyard —, nesse caso tem assuntos a tratar comigo. Vou permanecer.

Swynyard encolheu os ombros, como se dissesse que não se importava com a decisão de Bird, e depois voltou a olhar para Starbuck.

— Como está o seu pai, Starbuck? — perguntou Swynyard de súbito. — Continua a pregar o amor fraternal para com os pretos? Continua à espera que casemos as nossas filhas com os filhos de África? — Fez uma pausa, à espera da resposta de Starbuck. Um dos candeeiros tremeluziu de repente e depois a chama voltou a acalmar-se. Da escuridão chuvosa chegou o som dos homens a cantar. — E então, Starbuck? — exigiu Swynyard. — O seu pai continua a querer que entreguemos as nossas filhas aos pretos?

— O meu pai nunca pregou o casamento entre as raças — respondeu Starbuck calmamente. Não amava o pai, mas sentiu-se obrigado a defender o reverendo Elial perante a troça de Swynyard. O tique na face de Swynyard estremeceu e depois o coronel apontou a mão esquerda ferida para as duas estrelas que lhe decoravam o colarinho da casaca nova da farda, pendurada num prego num dos postes da tenda. — O que significa aquela insígnia, Starbuck?

— Creio que significa que a casaca pertence a um tenente-coronel — respondeu Starbuck.

— Pertence-me a mim! — esclareceu Swynyard, com um tom ascendente. Starbuck encolheu os ombros, como se a posse da casaca fosse de somenos importância. — E sou seu superior! — Swynyard gritou as palavras, cuspidando uma chuva de saliva e de tabaco sobre os restos da couve com batatas. — Por isso vai tratar-me por “meu coronel”! Não vai?

Starbuck continuou sem dizer nada. O coronel olhou-o furiosamente, com a mão aleijada a raspar na borda da mesa. O silêncio prolongou-se. As canções nas trevas tinham parado quando os homens ouviram o coronel a gritar a Starbuck e o major Bird imaginou que metade da Legião estivesse agora a ouvir o confronto que tinha lugar na tenda iluminada por um fulgor amarelado.

O coronel mostrou-se alheio aos espetadores silenciosos e invisíveis. Estava a perder a paciência, provocado pela expressão divertida no rosto atraente de Starbuck. De repente, o coronel pegou num pingalim curto que tinha em cima da cama de campanha e estendeu a correia de couro entrançado na direção do bostoniano.

— Você é um cabrão de um nortista, Starbuck, um monte de esterco republicano amigo dos pretos, e nesta brigada não há lugar para si. — O coronel

pôs-se de pé e voltou a fazer estalar o couro, desta vez com a ponta a meros centímetros da face de Starbuck. — A partir deste momento está dispensado do regimento, para sempre, percebeu? Aquelas são as ordens do brigadeiro-general, assinadas, seladas e entregues ao meu cuidado. — Swynyard serviu-se da mão esquerda para revirar os papéis que tinha em cima da mesa desdobrável, mas a ordem de destituição teimava em não aparecer, pelo que desistiu da busca. — Vai retirar-se imediatamente! — Swynyard fez estalar o pingalim uma terceira vez na direção de Starbuck. — Saia!

Starbuck agarrou o chicote. Não pretendia fazer nada, além de amparar o golpe, mas quando a correia se enrolou à volta da mão dele, pensou numa ação mais diabólica. Esboçou um sorriso e depois puxou, desequilibrando Swynyard. O coronel levou a mão à mesa em busca de apoio, depois Starbuck puxou com mais força e a peça desdobrável cedeu sob o peso de Swynyard. O coronel ficou esparramado no chão, no meio de uma confusão de madeira partida e couve espalhada.

— Guarda! — bradou Swynyard ao cair. — Guarda!

Um divertido sargento Tolliver, da Companhia A, espreitou pelas abas da tenda.

— Meu coronel? — Fitou o coronel, tombado entre os destroços da mesa de campanha arruinada, e depois lançou um olhar desesperado a Bird. — O que é que eu faço, meu major? — perguntou Tolliver a Bird.

Swynyard pôs-se de pé com dificuldade.

— Vai prender este monte de esterco nortista — gritou o coronel a Tolliver —, vai entregá-lo ao chefe da polícia e ordenar que o enviem para Richmond, onde será detido como inimigo do Estado. Está a perceber?

Tolliver hesitou.

— Está a perceber? — gritou Swynyard ao infeliz sargento.

— Ele percebeu — interveio o major Bird.

— Está dispensado do exército — gritou Swynyard a Starbuck. — A sua comissão terminou, está acabado, está dispensado! — Gotas de saliva foram aterrar no rosto de Starbuck. O autocontrolo do coronel desaparecera completamente, destruído pelo álcool e pela provocação discreta de Starbuck. Deu um passo na direção do jovem, levando de repente as mãos à alça do coldre,

pendurado juntamente com a casaca no poste da tenda. — Está preso! — disse Swynyard com um soluço, enquanto ia tentando libertar o revólver.

Bird agarrou no cotovelo de Starbuck e levou-o da tenda antes que tivesse lugar um homicídio.

— Acho que ele está maluco — comentou Bird ao arrastar Starbuck para longe da tenda de Swynyard. — Absolutamente perdido da cabeça. Desorientado. Demente. Aluado. — Bird deteve-se a uma distância segura da tenda e olhou para trás, como se estivesse incrédulo quanto ao que acabara de ter lugar. — E ainda por cima está bêbado, é claro. Mas perdeu o juízo muito antes de ter afogado as amígdalas em álcool. Por Deus, Nate, e é isto o nosso novo segundo comandante?

— Meu major? — O sargento Tolliver seguira os dois oficiais para o exterior da tenda do coronel. — Devo prender o senhor Starbuck, meu major?

— Não seja ridículo, Dan. Eu encarrego-me do Starbuck. O sargento esqueça isto tudo. — Bird abanou a cabeça. — Alucinado! — concluiu Bird, espantado. Já não havia movimentos na tenda do coronel, apenas o brilho da lona iluminada que se deixava ver através da chuva. — Sinto muito, Nate — lamentou-se Bird. Segurava ainda o panfleto de Daniels, o qual começou a rasgar em pedaços.

Starbuck praguejou amargamente. Esperara uma vingança por parte de Faulconer, mas mesmo assim acalentava a esperança de poder continuar com a Companhia K. Aquele era agora o seu lar, o sítio onde encontrara amigos e um objetivo de vida. Sem a Companhia K era uma alma perdida.

— Devia ter ficado com o Pernas — disse Starbuck. O “Pernas” era Nathan Evans, cuja brigada devastada há muito partira para sul.

Bird ofereceu um charuto a Starbuck e pegou numa acha de uma fogueira próxima para acender o tabaco.

— Temos de te tirar daqui, Nate, antes que aquele lunático decida prender-te segundo os trâmites corretos.

— Preso porquê? — indagou Starbuck, com amargura.

— Por seres um inimigo do Estado — respondeu calmamente Bird. — Ouviste o que disse aquele idiota confuso. Imagino que tenha sido o Faulconer a pôr-lhe essas ideias na cabeça.

Starbuck fitou a tenda do coronel.

— Mas onde é que o Faulconer desencantou aquele filho da mãe?

— Com o John Daniels, é claro — atestou Bird. — O meu cunhado acabou de comprar uma brigada, e o preço foi aquilo que o Daniels tiver exigido. Pelos vistos incluía um trabalho para aquele maníaco alcoólico.

— Sinto muito, Pica-pau — lamentou-se Starbuck, embaraçado com a sua autocomiseração. — O sacana também o ameaçou.

— Eu sobrevivo — garantiu Bird, com toda a confiança. Sabia perfeitamente que Washington Faulconer o desprezava e que gostaria de o despromover, mas Thaddeus Bird também sabia que conquistara o respeito e o afeto da Legião, e que o cunhado teria bastante dificuldade em combater essa ligação. Starbuck era um alvo muito mais fácil para Faulconer. — Agora, Nate — prosseguiu Bird —, é mais importante tirar-te daqui em segurança. O que queres fazer?

— Fazer? — ecoou Starbuck. — O que posso eu fazer?

— Queres regressar ao Norte?

— Cristo, é claro que não. — Voltar ao Norte implicaria ter de enfrentar a fúria do pai. Significaria trair os seus amigos na Legião. Seria rastejar para casa, qual penitente fracassado, algo que o orgulho não lhe permitia fazer

— Nesse caso, vai para Richmond — sugeriu Bird —, encontra o Adam. Ele ajuda-te.

— O pai não o vai deixar ajudar-me. — Starbuck voltara a soar amargurado. Passara o inverno sem notícias de Adam e imaginava que o antigo companheiro o tivesse abandonado.

— O Adam sabe pensar pela cabeça dele — garantiu Bird. — Vai-te embora esta noite, Nate. O Murphy leva-te a Fredericksburg e podes apanhar um comboio a partir daí. Passo-te uma licença que te permita chegar a Richmond. — Ninguém podia viajar no seio da Confederação sem um passaporte emitido pelas autoridades, mas aos soldados era-lhes permitido deslocar-se com uma declaração de licença assinada pelos regimentos.

A notícia da destituição de Starbuck espalhara-se como fumo por toda a Legião. A Companhia K queria protestar, mas Bird convenceu-os de que tal discussão não poderia ser vencida apelando ao sentido de justiça de Swynyard. Ned Hunt, que se considerava o bobo da companhia, queria serrar os travões da carroça de Swynyard, ou então incendiar a tenda do coronel, mas Bird não admitiu tais disparates, chegando ao ponto de destacar um guarda para a tenda

do coronel, para impedir alguma ação. O importante, defendia Bird, era afastar Starbuck em segurança da malícia de Swynyard.

— Então, o que é que vais fazer? — perguntou Truslow a Starbuck enquanto o capitão Murphy aprestava dois cavalos.

— Ver se o Adam me pode ajudar.

— Em Richmond? Quer dizer que vais estar com a minha Sally? — quis saber Truslow.

— Espero que sim. — Apesar dos desastres da noite, Starbuck sentiu uma breve pontada de antecipação.

— Diz-lhe que penso nela — pediu-lhe Truslow, num tom rouco. Era o mais parecido com uma admissão de amor e de perdão que alguma vez seria capaz de fazer. — Se ela precisar de alguma coisa — prosseguiu Truslow, após o que encolheu os ombros, pois duvidava que a filha pudesse ter falta de dinheiro. — Gostava... — recomeçou Truslow a dizer, mas acabou por se refugiar mais uma vez no silêncio e Starbuck imaginou que o sargento estivesse a querer dizer que desejava que a única filha não estivesse a ganhar a vida como prostituta, mas Truslow conseguiu surpreendê-lo. — Tu e ela — explicou-se —, gostava de ver isso.

Starbuck corou na escuridão.

— A sua Sally precisa de alguém com melhores perspectivas de vida do que eu — admitiu.

— Podia sair-se muito pior — asseverou Truslow, com lealdade.

— Não vejo como. — Starbuck permitiu que a autocomiseração voltasse a acumular-se no seu íntimo. — Estou desalojado, na penúria, sem trabalho.

— Mas não por muito tempo — garantiu Truslow. — Não vais deixar que aquele filho da mãe do Faulconer te derrube.

— Não — disse Starbuck, embora, a bem da verdade, imaginasse que já tivesse sido derrubado. Era um estranho numa terra estranha e os seus inimigos eram abastados, influentes e implacáveis.

— Quer dizer que vais voltar — declarou Truslow. — Até lá vou manter a companhia em boa forma.

— Não precisa de mim para fazer isso — lembrou Starbuck. — Nunca precisou de mim para o fazer.

— És um tolo, rapaz — resmungou Truslow. — Não tenho a tua inteligência e se não percebes isso, és um tolo. — Ouviu-se o retinir de um freio quando o capitão Murphy se aproximou através da chuva com dois cavalos selados. — Vai despedir-te — ordenou Truslow — e promete aos rapazes que voltas. Eles precisam dessa garantia.

Starbuck despediu-se. Os homens da companhia nada tinham além do que conseguiam transportar, mas mesmo assim tentaram oferecer-lhe presentes. George Finney retirara uma medalha da sociedade Fi Beta Kapa da corrente de relógio de um oficial morto e quis que Starbuck a aceitasse. Starbuck recusou, tal como não aceitou uma oferta pecuniária do esquadrão do sargento Hutton. Foi apenas buscar o documento com a licença e depois prendeu o cobertor à sela emprestada. Pôs o sobretudo forrado a escarlata de Oliver Wendell Holmes aos ombros e içou-se para o cavalo.

— Encontramo-nos em breve — garantiu, como se acreditasse, e depois bateu com os calcanhares no lombo da montada, para que nenhum dos elementos da Legião visse quão perto se encontrava do desespero.

Starbuck e Murphy cavalgaram para a escuridão, passando pela tenda escurecida do coronel Swynyard. Não havia qualquer movimento no seu interior. Os três escravos do coronel estavam acorados por baixo da carroça e observaram os cavaleiros a desaparecer na chuva negra. O som dos cascos desvaneceu-se nas trevas.

Ainda chovia quando amanheceu. Bird dormira mal e sentia-se envelhecido quando rastejou para fora do seu abrigo coberto de terra, e tentou aquecer os ossos ao lado de uma fogueira débil. Apercebeu-se de que a tenda do coronel Swynyard já tinha sido desmontada e que os três escravos estavam a atar a carga na carroça do coronel, preparando-se para a viagem do dia até Fredericksburg. Oitocentos metros a norte, na cumeada distante, dois cavaleiros ianques observavam o acampamento rebelde à chuva. Hiram Ketley, o ajudante lento, mas esforçado de Bird levou ao major uma caneca de café adulterado com batata-doce seca e depois tentou atizar o lume. Um punhado de oficiais tremia à volta da fogueira miserável e só quando esses homens fizeram uma expressão alarmada sobre o ombro de Bird é que este se apercebeu de alguém que se aproximava. Virou-se e viu a barba desgrenhada e os olhos raiados de sangue do

coronel Swynyard que, por incrível que parecesse, ofereceu um sorriso amarelo e estendeu a mão, para que Bird a apertasse.

— Bom-dia! É o Bird, não é verdade? — perguntou Swynyard com um tom enérgico.

Bird anuiu cautelosamente, mas não aceitou a mão que lhe era oferecida.

— Swynyard. — O coronel pareceu não reconhecer Bird. — Queria ter falado consigo ontem à noite. Sinto muito, mas estava indisposto. — Recuou a mão, atrapalhado.

— Mas nós falámos — lembrou Bird.

— Falámos? — Swynyard franziu o sobrolho.

— Ontem à noite, na sua tenda.

— Malária, é esse o problema — explicou-se Swynyard. O tique estremecia-lhe a face, fazendo com que o olho direito parecesse estar sempre a piscar. A barba do coronel estava húmida por ter sido lavada, a farda tinha sido escovada e o cabelo fora puxado para trás com óleo. Recuperara o pingalim, que segurava na mão estropiada. — A febre aparece e desaparece, Bird — explicou —, mas regra geral ataca-me à noite. Derruba-me completamente, está a ver? Portanto, se falámos mesmo ontem à noite, não vou lembrar-me de nada. É a febre, sabe?

— Encontrava-se febril, sim — replicou vagamente Bird.

— Mas agora já estou bem. Nada como um pouco de sono para afastar a febre. Sou o segundo comandante de Washington Faulconer.

— Eu sei — reconheceu Bird.

— E agora, o major pertence à brigada dele — prosseguiu Swynyard, alegremente. — São vocês, uns maltrapilhos do Arcansas, o 12º e o 13º Regimentos da Florida, e o 65º da Virgínia. O general Faulconer enviou-me para que me apresentasse e lhe transmitisse as novas ordens. Não vão ocupar-se das defesas de Fredericksburg, mas sim juntar-se ao resto da brigada mais a oeste. Está tudo registado por escrito. — Entregou a Bird uma folha dobrada de papel, que fora selada com o sinete de Washington Faulconer.

Bird abriu o papel e viu que se tratava de uma simples ordem de movimentação, que ordenava à Legião que marchasse de Fredericksburg em direção a Locust Grove.

— Vamos ficar aí de reserva — explicou Swynyard. — Com um pouco de sorte, teremos alguns dias para nos pormos em forma, mas primeiro temos de

tratar de um assunto delicado. — Pegou no cotovelo de Bird e afastou o major sobressaltado para longe dos ouvidos curiosos dos restantes oficiais. — É um assunto muito delicado — reiterou Swynyard.

— O Starbuck? — aventou Bird.

— Como adivinhou? — Swynyard parecia espantado, mas também impressionado com a perspicácia de Bird. — É mesmo o Starbuck, Bird. É um assunto complicado. Odeio ter de desiludir um homem, Bird, é uma coisa que não faz o meu estilo. Nós, Swynyards, sempre fomos diretos, por vezes até demasiado, mas é um traço que já está muito entranhado para se mudar. É exatamente o Starbuck. O general não o suporta, sabe, e temos de nos livrar dele. Prometi-lhe que iria tratar do assunto com muito tato, e pensei que o major soubesse a melhor maneira de o fazer.

— Já foi feito — esclareceu Bird, num tom amargo. — Foi-se embora ontem à noite.

— A sério? — Swynyard pestanejou na direção de Bird. — Foi-se embora? Ótimo! Primeira baixa! Foi obra sua, imagino. Muito bem! Nesse caso, está tudo dito, certo? Foi um prazer conhecê-lo, Bird. — Ergueu o pingalim num gesto de despedida e depois voltou a virar-se bruscamente. — Havia mais um assunto, Bird.

— Sim, coronel?

— Tenho material de leitura para os seus homens. Algo que os vai animar. — Swynyard ofereceu um sorriso amarelo a Bird. — Parecem um bocado carrancudos, como se precisassem de qualquer coisa que os arrebitasse. Mande alguém recolher as brochuras, sim? E ordene a todos os homens que não saibam ler que peçam a outro que o leia em voz alta. Ótimo! Muito bem! Continue!

Bird observou o coronel a afastar-se, depois fechou os olhos e abanou a cabeça, como se quisesse certificar-se de que aquela manhã húmida não era apenas um pesadelo. Parecia que não era, e que, em vez disso, o mundo enlouquecera de vez, irremediavelmente.

— Pode ser — disse, para ninguém em especial — que os Ianques tenham um igual a ele. Esperemos que sim.

Acima do vale, os piquetes ianques montados deram meia-volta e desapareceram nas matas encharcadas. A artilharia sulista engatou as peças e

seguiu a carroça do coronel Swynyard em direção a sul, deixando a Legião a extinguir as fogueiras e a calçar as botas húmidas.

A retirada prosseguia e tinha o sabor da derrota.

A grande mole que era o Exército do Potomac não avançou além de Manassas. Em vez disso, numa manobra que tinha como objetivo desequilibrar as forças rebeldes, as tropas regressaram, a Alexandria, na outra margem do rio, à frente de Washington, onde uma frota aguardava para os levar Potomac abaixo, até à baía de Chesapeake, e a partir daí para sul, para o baluarte da União do Forte Monroe. As embarcações tinham sido fretadas pelo governo dos Estados Unidos e os mastros dos navios em espera criavam uma floresta acima do rio. Havia vapores de pás laterais vindos de tão a norte como Boston, *ferryboats* do Delaware, escunas de uma série de portos na costa atlântica, e até navios de passageiros transatlânticos com proas afiladas e belas volutas douradas em torno da popa. O vapor de uma centena de motores silvava no ar, enquanto os gritos de outros tantos apitos assustavam os cavalos que aguardavam a ordem de embarque para as entranhas das embarcações. Gruas a vapor erguiam redes de carga para bordo, enquanto linhas de soldados subiam as pranchas de embarque inclinadas. Peças de artilharia e caixotes de munições, armões e forjas portáteis eram amarrados no convés dos vapores. O estado-maior de McClellan imaginava que seriam necessários pelo menos vinte dias para que a expedição fosse transportada, todos os cento e vinte e um mil soldados, com os seus trezentos canhões e mil e cem carroças, e quinze mil cavalos, dez mil cabeças de gado e a aparentemente infindável quantidade de fardos de forragem, pontes flutuantes, bobines de fio de telégrafo e barris de pólvora, equipagem essa que teria de ser escoltada durante a viagem pelos navios de guerra, fragatas e canhoneiras da Marinha dos Estados Unidos. A frota do Exército do Potomac era a maior alguma vez reunida, prova da vontade da União de acabar com a rebelião com um único golpe decisivo. Os idiotas que se tinham queixado da natureza apática de McClellan veriam agora que o Jovem Napoleão sabia lutar! Levaria o seu exército até à faixa de terra desprotegida que se estendia cento e dez quilómetros a sudeste de Richmond e, com a força de um relâmpago, atacaria por oeste para capturar a capital dos rebeldes e derrubá-los.

“Retive-os aqui para que possam desferir o golpe final contra a rebelião que perturbou este nosso país até então feliz,” explicava a declaração escrita de

McClellan às tropas, prometendo depois que o seu general cuidaria dos soldados “como um pai cuida dos filhos; e sabem bem que o vosso general vos ama do fundo do coração.” A proclamação alertava as tropas para o facto de vir a haver combates desesperados, mas ao mesmo tempo garantia-lhes que ao regressarem a casa com a vitória nas mãos, veriam a sua comissão no Exército do Potomac como sendo a maior honra de toda a sua vida.

— Que belas palavras — comentou James Starbuck ao ler a proclamação que fora impressa na gráfica que acompanhava o quartel-general do exército, e não era o único a admirar as nobres palavras e sentimentos. Os jornais nortistas poderiam chamar Jovem Napoleão a McClellan, mas os soldados do Exército do Potomac conheciam o seu general como *Little Mac* e asseveravam que não existia melhor soldado em todo o mundo. Se havia alguém que pudesse conseguir uma vitória rápida, esse homem era Little Mac, que convencera o Exército do Potomac de que eram os soldados mais bem equipados, treinados e formados da história da República, se não mesmo da história do mundo, e embora os inimigos políticos do pequeno grande general pudessem queixar-se da sua cautela excessiva e trauteassem com sarcasmo que tudo estava calmo no Potomac, os soldados sabiam que o seu comandante apenas esperara pelo momento perfeito para atacar. Esse momento chegara, e centenas de rodas e hélices agitaram as águas do Potomac, ao mesmo tempo que centenas de chaminés cuspiram fumo de carvão para o azul do céu primaveril. Os primeiros barcos começaram a descer o rio, com bandas a tocar e os pavilhões a fazer a saudação enquanto passavam em frente à casa de George Washington, em Mount Vernon.

— Vão precisar de mais do que sentimentos — comentou sombriamente Allen Pinkerton para James. O Gabinete dos Serviços Secretos do general McClellan instalara-se numa casa civil requisitada perto dos molhes de Alexandria, onde aguardava que o general estivesse pronto para zarpar. Nessa manhã, enquanto James e o seu chefe observavam a azáfama no cais, Pinkerton esperava a chegada de visitas. O resto do departamento estava a coligir as mais recentes informações vindas do Sul. Cada novo dia trazia uma massa indigesta de informações de desertores, ou de escravos foragidos, ou cartas de simpatizantes do Norte que eram levadas às escondidas pelo Rappahannock, mas Pinkerton não confiava em nada do que recebia. Queria notícias do seu melhor

agente, Timothy Webster, e, através deste, do amigo misterioso de James, mas há semanas que imperava um silêncio ominoso em Richmond. A boa notícia no meio desse silêncio era a ausência de referências a detenções nos jornais de Richmond e a falta de boatos chegados ao Norte sobre oficiais sulistas acusados de traição. Contudo, o silêncio de Webster preocupava Pinkerton. — Temos de fornecer ao general a melhor informação possível — dizia repetidamente a James. Pinkerton nunca se referia ao general McClellan como Little Mac, nem sequer como o Jovem Napoleão, chamando-o sempre de General.

— Por certo poderemos garantir ao General que a península está pouco defendida? — comentou James. Estava a trabalhar numa pequena mesa de campanha que instalara na varanda.

— Ah! Mas é exatamente isso que os Sulistas querem que julguemos — exclamou Pinkerton, que se virou, entusiasmado, para confirmar se um estrépito de cascos seria o anúncio da chegada das suas visitas. Um cavaleiro passou por ali e Pinkerton acalmou-se. — Mas até saber novidades do seu amigo, não acredito em nada!

Adam já enviara uma resposta através de Timothy Webster, e essa única missiva contivera pormenores espantosos. Salvo no que dizia respeito a peças de artilharia, escrevera Adam, as defesas viradas para o Forte Monroe eram muito fracas. O major-general Magruder rodeava o forte com quatro brigadas fracas, compostas por apenas vinte batalhões debilitados. Segundo as últimas contagens, esses batalhões continham apenas dez mil soldados de infantaria, a maioria dos quais Magruder concentrara em fortes de terra em Mulberry Island, na zona sul da península, e em fortificações semelhantes em Yorktown, no lado norte. Algumas das defesas de Yorktown, acrescentara Adam num tom pedante, eram relíquias da defesa britânica fracassada de 1783. Os vinte e dois quilómetros entre Yorktown e Mulberry Island eram vigiados por meros quatro milhares de homens e um punhado de fortes de terra. A fraqueza de Magruder no que dizia respeito à força numérica era em parte compensada por uma concentração de peças de artilharia, tendo Adam relatado ominosamente que as defesas rebeldes continham pelo menos oitenta e cinco peças de artilharia pesada e cinquenta e cinco armas de menor calibre. Não obstante, frisava Adam, nem mesmo esse grande número de bocas-de-fogo poderia cobrir todos os caminhos e carreiros da península.

Dezasseis quilômetros além da linha de Yorktown, relatara Adam, perto da pequena vila universitária de Williamsburg, Magruder mandara erigir mais fortes de terra, os quais se encontravam, de momento, desocupados. À parte isso, dizia Adam, não havia quaisquer defesas entre o Forte Monroe e as novas trincheiras e redutos que estavam a ser abertos à volta de Richmond pelo general Robert E. Lee. Adam acrescentara apologeticamente que essa informação estaria pelo menos uma semana desatualizada e sabia que novos reforços seriam em breve enviados ao general Magruder, e prometia enviar pormenores acerca de tais forças assim que delas tivesse conhecimento.

Esses novos pormenores não tinham chegado; com efeito, nem de Adam nem de Timothy Webster tinham chegado notícias. O silêncio repentino era preocupante, embora James não acreditasse que o silêncio tivesse qualquer relevância militar, já que todos os relatórios saídos da Virgínia rebelde confirmavam a precisão do primeiro relato pormenorizado de Adam sobre as defesas da península. O consenso dos relatos sugeria que as linhas de Magruder eram bastante fracas e que a última coisa que os rebeldes esperavam era um ataque em força vindo do mar, pelo que James não entendia por que motivo Pinkerton não ficara descansado com tais informações. Agora, à espera no alpendre da casa de Alexandria, James rogava ao seu chefe que confiasse nas notícias chegadas do outro lado das linhas rebeldes.

— Mesmo com esses reforços, o Magruder não terá mais de catorze mil homens — disse James, num tom firme. Lera cada linha chegada do Sul e só um punhado de relatos contradizia os números de Adam, e James desconfiava que esses poucos seriam relatórios forjados pelo Sul para induzir em erro as altas esferas de comando federais. Os instintos diziam a James que o Jovem Napoleão afastaria o inimigo com uma facilidade desdenhosa. Os cento e dez mil homens expedidos a partir dos cais de Alexandria defrontariam apenas catorze ou quinze mil rebeldes, e James não conseguia entender a apreensão de Pinkerton.

— Eles só querem que pensemos que são fracos, Jimmy! — Pinkerton explicou o que o atormentava. — Querem atrair-nos antes de nos atingirem! — Desferiu um soco, como se fosse um pugilista. — Pense nos seus valores!

Há duas semanas que James em pouco mais pensava, mas mesmo assim fez a vontade ao escocês atarracado.

— Sabe alguma coisa que eu não sei, major?

— Na guerra, James, nem todos os homens lutam. — Pinkerton estivera a folhear jornais noutra mesa da varanda, mas agora, depois de ter protegido os jornais com um peso contra a brisa do dia, começara a percorrer o estrado de madeira. No rio, sob o Sol débil, um grande vapor transatlântico preparava-se para atracar no desembarcadouro onde aguardavam três regimentos de Nova Jérsia. As imensas rodas com pás do navio faziam ferver a água e um pequeno rebocador cuspiu baforadas intensas de fumo negro enquanto empurrava a proa elegante do vapor. Uma das bandas regimentais tocava “Rally Round the Flag, Boys!” e Pinkerton acompanhava o ritmo da música enquanto andava pelo alpendre. — Na guerra, Jimmy, só uma mancha de homens é que levam espingardas e baionetas até ao inimigo, embora muitos outros milhares também sirvam, e muito bem, o seu país! Nós os dois estamos a lutar pela União, mas não marchamos na lama como os soldados rasos. Imagino que me dê razão nisto?

— É claro — concedeu James, à cautela. Não conseguia obrigar-se a chamar “Bulldog” a Pinkerton, embora outros elementos do departamento usassem de bom grado a alcunha do escocês baixo.

— Muito bem! — Pinkerton deu meia-volta no final da varanda. — Nesse caso estamos de acordo que nem todos os homens são contados nas fileiras, só aqueles que andam com uma arma, está a perceber onde quero chegar? Mas por trás dos heróis que empunham as armas, Jimmy, está uma hoste de cozinheiros e secretários, de sinaleiros e condutores, de membros do estado-maior e de generais, de músicos e de médicos, de maqueiros e de polícias militares, de engenheiros e comissários. — Pinkerton acompanhou o catálogo de posições com gestos largos que invocavam uma hoste imaginária dos ares. — O que eu quero dizer, Jimmy, é que por trás dos combatentes existem milhares de outras almas que os alimentam e fornecem, que os apoiam e dirigem, com todos eles a garantir que a luta é possível. Está a perceber onde quero chegar?

— Em parte, sim — admitiu James cautelosamente, com um tom que sugeria que mesmo tendo entendido aquilo a que o chefe se referia, continuava sem estar convencido.

— Até o seu amigo disse que iam enviar reforços para as linhas de Magruder — lembrou Pinkerton. — Quantos homens? Não sabemos! Onde estão eles? Não sabemos! E quantos não entram para as contas? Não sabemos! — Pinkerton

deteve-se ao lado da mesa de James, e pegou num lápis e numa folha de papel. — Não sabemos, James, mas façamos uma estimativa. Imagina que o Magruder terá catorze mil homens? Muito bem, comecemos por esse valor. — Rabiscou o número no topo da folha. — É claro que esses são apenas os homens presentes no ativo, por isso teremos de acrescentar os que estão de baixa e os de licença, soldados que de certeza se vão juntar à volta daquele estandarte imundo assim que os combates forem iniciados. Quantos serão? Seis mil? Sete? Digamos que são sete mil. — Escrevinhou o novo valor por baixo do primeiro. — Portanto, já deduzimos que o general Magruder terá, pelo menos, vinte e um mil homens; esses soldados têm de ser alimentados e apetrechados, devendo representar pelo menos mais dez mil homens, e não nos podemos esquecer dos músicos, do pessoal médico e de todos os auxiliares que permitem o funcionamento de um exército, que de certeza andarão à volta de mais uns dez mil homens. — Pinkerton juntou o valor à coluna. — A par disso temos de partir do princípio que o inimigo estará, quase de certeza, a tentar enganar-nos com valores por baixo, pelo que um homem prudente acrescentaria cinquenta por cento ao valor final, para compensar as mentiras. Com o que é que ficamos? — Dedicou alguns segundos aos cálculos. — Ora aí está! Sessenta e um mil e quinhentos homens! Alguns dos espiões avançaram um número próximo desse valor, não foi? — Pinkerton folheou os montes de papel, em busca de alguns dos relatórios que James descartara como sendo demasiado imaginativos. — Ora aqui está! — Apresentou uma dessas cartas com um floreado. — E isto é só em Yorktown, James! Quem sabe quantos estarão aquartelados nas povoações além de Yorktown?

James acreditava que o número andasse perto do zero, mas não queria contrariar o diminuto escocês, que demonstrava a sua certeza de forma tão enérgica.

— O meu relatório ao General — declarou Pinkerton — dirá que ele pode contar com pelo menos sessenta mil homens nas trincheiras de Yorktown. Onde, se me permite recordá-lo, até o grande general Washington decidiu matar os inimigos à fome, em vez de os atacar, mesmo tendo uma superioridade numérica de dois para um. E nós vamos enfrentar no mínimo a mesma desproporção, Jimmy, e sabe-se lá quantos mais rebeldes vão sair debaixo das pedras de Richmond para apoiar as linhas do Magruder. É uma missão desesperada,

desesperada! Percebe agora porque precisamos de outro relatório do seu amigo? — Pinkerton continuava sem saber a identidade de Adam e abandonara as tentativas de arrancar o nome a James. Não que a reticência de James desiludisse de alguma forma Pinkerton, que via a nomeação de James como sendo um grande êxito, pois o advogado trouxera ao Gabinete dos Serviços Secretos uma organização desesperadamente necessária.

James deixou-se ficar à sua mesa, infeliz. Não ficara convencido com as contas de Pinkerton e sabia que se estivesse num tribunal de Massachusetts e Pinkerton fosse uma testemunha hostil, teria adorado desmontar aquele acumulado de presunções dúbias e contas improváveis, mas naquele momento obrigou-se a suprimir as dúvidas que tinha. A guerra modificava tudo e, afinal de contas, Pinkerton fora a escolha pessoal do major-general McClellan para chefe dos Serviços Secretos, pelo que compreendia tais assuntos de uma forma que James não tinha como apreender. James ainda se sentia um militar amador, pelo que reprimiu as dúvidas com todo o patriotismo.

Pinkerton virou-se no momento em que um landau cruzou com estrépito as linhas ferroviárias entre a casa e os desembarcadouros de Alexandria. Os cavalos do carro arrebitaram as orelhas e exibiram o branco dos olhos no momento em que uma locomotiva cuspiu um súbito jorro de vapor, mas o condutor acalmou os animais ao puxar as rédeas. Pinkerton reconheceu o cocheiro e o passageiro do landau e acenou a cumprimentá-los.

— Está na altura — disse a James, num tom misterioso — de tomarmos medidas desesperadas.

Os dois homens desceram do carro. Eram jovens, ambos escanhoados e com roupas civis, mas, em tudo o mais, eram diferentes como o dia e a noite. Um era alto, com cabelo louro escorrido que lhe caía sobre o rosto magro e de expressão melancólica, enquanto o outro era baixo e rubicundo, de cabelo preto encrespado e uma expressão alegre.

— Buldogue! — exclamou o indivíduo mais baixo ao correr pelos degraus do alpendre. — Mas que maravilha voltar a ver-te, ah pois é!

— Senhor Scully! — Pinkerton mostrava-se igualmente satisfeito por receber as visitas. Abraçou Scully e depois apertou a mão do outro homem, antes de apresentar o par a James. — Tenha o prazer de conhecer John Scully, major, e Price Lewis. Este é o major Starbuck, o meu chefe de gabinete.

— É um grande dia, major! — disse John Scully. Tinha sotaque irlandês e um sorriso fácil. O companheiro, bastante mais reservado, ofereceu a James um aperto de mão mole e um aceno reservado, quase desconfiado, com a cabeça.

— O senhor Scully e o senhor Lewis — declarou Pinkerton com um orgulho palpável — ofereceram-se para viajar até ao Sul.

— Até Richmond! — acrescentou Scully, bem-disposto. — Ouvi dizer que é uma bela cidadezinha.

— Cheira a tabaco — ofereceu James, em grande medida por falta de qualquer outra coisa para dizer.

— Como eu, não é, Buldogue? — Scully riu-se. — Só fedo a tabaco, ah pois é, major. A última mulher que levei para a cama disse que nem sabia se havia de fazer amor comigo ou fumar-me! — Scully soltou uma gargalhada com a sua própria piada, Price Lewis pareceu enfadado, Pinkerton estava radiante e James fez um esforço por não deixar transparecer a sua reprovação chocada. Afinal de contas, aqueles homens estavam prestes a empreender um feito deveras corajoso, pelo que achou que deveria aguentar a grosseria.

— O major Starbuck é um clérigo temente a Deus. — Pinkerton apercebera-se do embaraço de James e adiantou a explicação a John Scully.

— Tal como eu, major — apressou-se Scully a garantir, acompanhando as palavras com o sinal da cruz. — E se me confessasse, de certeza que seria admoestado por me portar muito mal, mas que raios! De vez em quando é preciso rir um bocado, senão ficamos com uma cara tão miserável como este inglês que aqui temos. — Ofereceu um sorriso bem-disposto a Price Lewis, que ignorou propositadamente a brincadeira e observou os soldados de Nova Jérnia a entrarem para o vapor transatlântico.

— Os Europeus — explicou Pinkerton a James — viajam com mais facilidade pela Confederação do que os Ianques. O senhor Lewis e o senhor Scully vão fazer-se passar por fura-bloqueios à procura de negócios.

— E desde que ninguém nos reconheça, vai correr tudo bem — disse Scully alegremente.

— E isso seria possível? — indagou James, preocupado.

— Há uma probabilidade mínima, mas nada com que nos devamos preocupar — garantiu Scully. — O Price e eu passámos algum tempo a descobrir simpatizantes sulistas em Washington e a atirar os malandros para o outro lado

da fronteira, mas temos a certeza praticamente absoluta de que nenhum desses sacanas se encontra em Richmond. Não é verdade, Price?

Price curvou a cabeça num reconhecimento grave.

— Parece que vão correr um grande risco — ofereceu James, num tributo fervoroso aos dois homens.

— O Buldogue paga-nos para corrermos riscos, não sabia? — disse Scully, com um sorriso. — E ouvi dizer que as mulheres de Richmond são tão bonitas como desesperadas por dinheiro ianque a sério. E, Deus nos abençoe, aqui o Price e eu adoramos fazer a vontade às senhoras, não é verdade, Price?

— Se o dizes, John, se o dizes — comentou Lewis vagamente, ainda a olhar, distraído, para a atividade no molhe.

— Mal posso esperar por deitar as mãos a uma dessas raparigas sulistas — atirou lascivamente Scully. — É só ares e poses, não? Só folhos e ornamentos. Demasiado boas para escumalha como nós, até que lhes mostramos umas belas moedas nortistas, e depois é só ver as saias a levantar, não é, Price?

— Se o dizes, John, se o dizes — replicou Price Lewis, após o que levou a mão à boca, como se disfarçasse um bocejo.

Pinkerton acabou com a conversa fiada, explicando a James que Lewis e Scully iriam viajar para sul para descobrir o que acontecera a Timothy Webster.

— Ele nunca foi perfeitamente saudável — adiantou Pinkerton — e há sempre o risco de ele poder estar acamado, ou pior, e nesse caso o senhor Lewis e o senhor Scully terão de obter a informação diretamente do seu amigo. O que significa, Jimmy, que eles precisam de uma carta onde diga que são de confiança.

— O que é uma grande verdade, major — asseverou John Scully alegremente. — Exceto com as senhoras, não é verdade, Price?

— Se o dizes, John, se o dizes.

James sentou-se à mesa e redigiu a missiva necessária. Garantiram-lhe que apenas seria utilizada se Timothy Webster tivesse desaparecido. Caso contrário, a epístola ficaria oculta, em segurança, no interior da roupa de John Scully. James, escrevendo o que Pinkerton ditava, garantia a Adam que a necessidade de informação acerca das defesas na península além do Forte Monroe era tão urgente como sempre, e que deveria confiar nas instruções que acompanhassem a presente carta, que seguia com os melhores votos do seu irmão em Jesus

Cristo, James Starbuck. Depois endereçou o envelope ao Secretário Honorário da Sociedade Bíblica do Exército Confederado, e Pinkerton selou-o com um selo gomado comum, antes de a entregar a Scully com um floreado.

— Há um quadro de mensagens no vestibulo da Igreja de S. Paulo, e é aí que a devem afixar.

— Ora, S. Paulo será uma igreja destacada? — quis saber Scully.

— Mesmo no centro da cidade — garantiu-lhe Pinkerton.

Scully beijou o envelope e depois guardou-o num bolso.

— Terás as tuas notícias ainda esta semana, Buldogue!

— Vão atravessar esta noite?

— E porque não? — O irlandês ofereceu um sorriso rasgado. — O tempo está bom e há um ventinho mesmo agradável.

James já sabia que o método de eleição de Pinkerton para infiltrar agentes na Confederação era ter os homens a cruzar a vasta foz do Potomac durante a noite, partindo de uma das enseadas solitárias na costa de Maryland e navegando em silêncio até à costa da Virgínia. Lá chegados, algures em King George County, um simpatizante nortista entregava cavalos e documentos aos agentes.

— Permitam-me que lhes deseje felicidades — disse James, num tom bastante formal.

— Basta que reze para que as mulheres fiquem satisfeitas por nos ver, major! — contrapôs Scully, divertido.

— E enviem-nos notícias assim que possível! — acrescentou Pinkerton severamente. — Precisamos de números, John, de números! Quantos milhares de soldados estão estacionados na península? Quantas peças? Quantas tropas em Richmond estão prontas a apoiar o Magruder?

— Não te preocupes, major, vais ter os teus números — respondeu John Scully alegremente enquanto os dois agentes regressavam ao landau que os aguardava. — Dois dias até Richmond! — gritou John Scully, bem-disposto. — Talvez esperemos por ti lá, Buldogue! Celebramos a vitória na adega do Jeff Davis, que tal? — Scully riu-se. Price Lewis levantou a mão num gesto de despedida solene e depois estalou a língua para o cavalo. O landau afastou-se com estrépito sobre os carris.

— São homens corajosos — asseverou Pinkerton, com uma fungadela discreta. — Homens muito corajosos, Jimmy.

— Sim, com efeito — concordou James.

Nos desembarcadouros, as gruas a vapor erguiam caixotes e fardos de munições de artilharia: bolas e dardos de canhão, caixas de metralha e granadas. Outro grande navio virava no rio, com as pás a deixarem a água branca enquanto lutava contra a corrente forte do Potomac. Mais homens chegaram ao cais, saindo aos magotes de um comboio recém-chegado e formando em alas, para depois esperarem pela sua vez de seguirem para o rio. A banda regimental começou a tocar, enquanto as bandeiras dos Estados Unidos, hasteadas numa dúzia de mastros, estalavam como chicotes ao vento fresco da primavera. O exército do Norte, o maior exército de toda a História americana, estava em movimento.

A caminho de onde apenas dez mil rebeldes guardavam uma península.

Belvedere Delaney conseguiu que Nate Starbuck trabalhasse no Departamento Confederado de Passaportes. A primeira reação de Starbuck foi de descontentamento.

— Sou um soldado — disse ao advogado —, não sou um burocrata.

— É um pobre — respondera Delaney, num tom gelado —, e as pessoas estão dispostas a pagar subornos bastante avultados por um passaporte.

Os passaportes eram necessários não só para viajar além de Richmond, mas até para percorrer as ruas da cidade após o anoitecer. Tanto civis como soldados tinham de requerer os passaportes no gabinete imundo e atulhado de gente na esquina da Ninth com a Broad Street. Starbuck, chegado com o mecenato de Delaney, ficou com um gabinete só para ele no segundo andar, mas a sua presença era tão supérflua como entediante. O trabalho era feito por um tal de sargento Crow, o que deixava Starbuck a olhar pela janela, ou então a ler um romance de Anthony Trollope que um anterior ocupante da sala poeirenta usara para amparar a perna quebrada da mesa. Também escreveu cartas a Adam Faulconer, estacionado no quartel-general do exército em Culpeper Court House, onde suplicava ao amigo que se servisse da sua influência para o fazer regressar à Companhia K da Legião Faulconer. Starbuck sabia que Washington Faulconer nunca fora capaz de resistir aos pedidos do filho, pelo que durante alguns dias permitiu-se acalentar alguma esperança. Contudo, não obteve resposta de Adam e depois de outros dois rogos importunos, Starbuck abandonou as tentativas.

Passaram-se três semanas até que Starbuck se apercebesse de que ninguém esperava que ele se encontrasse no gabinete e, conquanto fosse cumprimentar o sargento Crow uma ou duas vezes por semana, poderia aproveitar todos os prazeres oferecidos por Richmond. Tais prazeres ficaram envoltos por uma aura de risco devido à contínua chegada de tropas nortistas ao Forte Monroe. A cidade fora varrida por uma breve onda de pânico aquando da notícia dos desembarques, mas como os ianques não procuraram quebrar as fileiras, a opinião geral passou a ser de que os nortistas estavam meramente a fazer uma pausa na sua viagem para reforçar a guarnição federal em Roanoke. Belvedere Delaney, com quem Starbuck almoçava com frequência, não partilhava de todo dessa opinião.

— Para quê desembarcá-los no Forte Monroe? — indagou Delaney durante uma dessas refeições. — Não, meu caro Starbuck, em breve vão marchar sobre Richmond. Uma batalha e fica resolvida a questão. Seremos todos prisioneiros! — Parecia bastante satisfeito com essa perspectiva. — Pelo menos a comida não pode ser pior. Estou a começar a descobrir que a pior consequência da guerra é o efeito que tem sobre os luxos. Metade das coisas que dão gozo à vida não se consegue obter e a outra metade é ruinosamente cara. Não acha que esta vaca é horrível?

— Sabe melhor do que porco salgado.

— Esqueço-me sempre que serviu no campo. Talvez eu devesse ouvir o silvo de uma bala pelo menos uma vez antes de a guerra acabar? Faria com que as minhas memórias de guerra fossem muito mais convincentes, não acha? — Delaney sorriu, exibindo os dentes. Era um homem vaidoso e orgulhava-se dos dentes, todos próprios, inteiros e limpos, com um aspeto quase artificial na sua brancura. Starbuck conhecera Delaney no ano anterior, quando fora parar pela primeira vez a Richmond, e o par desenvolvera uma amizade cautelosa. Delaney achava piada ao facto de o filho pródigo do reverendo Elial Starbuck se encontrar em Richmond, embora a afeição sentida por Starbuck fosse mais profunda do que a mera curiosidade, enquanto os sentimentos de Starbuck por Delaney existiam em parte por o advogado ser tão prestável, e em parte por Starbuck precisar da amizade de homens como Delaney e Bird, que não julgavam as suas ações segundo os padrões da fé inclemente do pai. Tais homens, pensava Starbuck, tinham percorrido um caminho mental que ele

próprio queria seguir, embora por vezes, quando na companhia de Delaney, se interrogasse se teria inteligência suficiente para se libertar da culpa. Starbuck sabia que Delaney, pesasse embora todo o exterior minuciosamente cultivado de afabilidade refinada, era a um tempo esperto e implacável, qualidades essas que o advogado presentemente empregava para acumular uma fortuna com a venda daquilo que Delaney gostava de descrever como sendo as necessidades básicas dos guerreiros: mulheres e armas. O advogado tirava agora os óculos para limpar as lentes ao guardanapo. — As pessoas dizem que as balas assobiam. É verdade?

— Sim.

— Em que tom?

— Nunca reparei.

— Talvez balas diferentes tenham notas diferentes? Um bom atirador talvez seja capaz de tocar uma melodia — aventou Delaney, após o que trauteou alegremente o primeiro verso de uma canção popular em Richmond durante todo o inverno. — “What are you waiting for, Tardy George?”, embora ele já não esteja à espera, pois não? Acredita que o auge da guerra possa ser atingido na península?

— Se for — declarou Starbuck —, eu quero lá estar.

— O Nate é um tolo sanguinário. — Delaney fez um esgar de repulsa e depois apresentou um pedaço de cartilagem para que Starbuck o visse. — Acha que isto é comida? Ou é qualquer coisa que morreu na cozinha? Não importa, como qualquer coisa em casa. — Afastou o prato para o lado. Estavam a almoçar no Spotswood House Hotel, e quando terminou a sua refeição, Starbuck puxou de um molho de passaportes em branco que empurrou sobre a mesa. — Muito bem — exclamou Delaney, guardando os documentos no bolso. — Devo-lhe quatrocentos dólares.

— Quanto? — Starbuck estava chocado.

— Os passaportes são valiosos, meu caro Starbuck! — explicou o diminuto, mas esperto advogado com prazer. — Os espões nortistas pagam uma fortuna por estes pedaços de papel. — Delaney riu-se, para mostrar que o provocava. — E é justo que partilhe dos meus lucros ilícitos. Acredite que os vendo por uma pequena fortuna. Imagino que queira o seu pagamento em moeda nortista.

— Pouco importa.

— Importa, acredite que importa. Um dólar nortista vale pelo menos três dos nossos dólares sulistas. — Delaney, sem querer saber dos olhares dos restantes comensais, contou o valor de um maço das novas notas de dólar que substituíam grande parte das moedas do Norte. O dinheiro sulista deveria ter um valor igual, mas todo o sistema de cotação e preços parecia ter enlouquecido. Em Richmond, a manteiga custava um dólar o quilo, a lenha três dólares o metro cúbico, o café era impossível de encontrar a quase qualquer preço, e até o algodão, aquilo que supostamente seria a base da prosperidade sulista, tinha duplicado de preço. Um quarto que ainda nem há um ano nem cinquenta cêntimos por semana custaria a arrendar situava-se agora nos dez dólares por semana.

Não que Starbuck se importasse. Tinha um quarto na zona dos estábulos da enorme casa de Franklin Street onde Sally Truslow e as duas companheiras viviam com as criadas, cozinheiras e costureira. A casa era uma das melhores residências da cidade e pertencera a um comerciante de tabaco cuja fortuna fora bastante afetada pelo bloqueio nortista. O indivíduo vira-se obrigado a vender e Belvedere Delaney transformara então o edifício no mais exclusivo e dispendioso bordel de Richmond. A mobília, os quadros e os ornamentos, mesmo não sendo da mais elevada qualidade, eram bons o suficiente para passarem numa inspeção à luz das velas, enquanto a comida, a bebida e o entretenimento eram tão faustosos e elegantes quanto as privações da guerra permitiam. As senhoras organizavam receções ao serão e durante o dia recebiam visitas, embora só quem tivesse feito uma marcação prévia pudesse ir além do pilar entalhado ao fundo da escadaria. Havia dinheiro a mudar de mãos, mas de forma tão discreta que o reitor de S. Tiago visitara a casa por três vezes antes de descobrir a natureza dos negócios ali transacionados. Depois disso nunca mais regressou, embora tal conhecimento não tivesse dissuadido três dos seus companheiros clérigos. A regra de Delaney ditava que não seria admitido qualquer oficial abaixo da patente de major, nem qualquer civil cujas roupas denotassem gostos vulgares. Por isso mesmo, a clientela era abastada e, de um modo geral, civilizada, embora a necessária admissão de membros do Congresso Confederado tivesse mantido a sofisticação da casa bastante abaixo da esperança extravagante de Delaney.

Starbuck tinha um pequeno quarto húmido junto ao estábulo, no extremo de um jardim frio e abandonado. Em vez de pagar uma renda, entregava

documentos em branco a Delaney, enquanto, para as mulheres, a sua presença servia de dissuasor dos crimes que assolavam Richmond. Os roubos a casas eram tão comuns que quase passavam despercebidos, enquanto os assaltos na rua eram flagrantes e frequentes. Isso fazia com que Starbuck fosse ainda mais bem-vindo como hóspede na casa, pois estava sempre disposto a acompanhar qualquer das mulheres ao Ducquesne's, o salão de cabeleireiro parisiense na Main Street, ou então a uma das lojas de vestidos que conseguiam encontrar material suficiente para continuar a produzir bens de luxo.

Certa manhã estava à porta do Ducquesne's, à espera de Sally e a ler uma das habituais exigências do *Examiner* para que a Confederação abandonasse a sua política passiva e acabasse com a guerra invadindo o Norte. Era uma manhã soalheira, a primeira em quase três semanas, e o sabor do tempo ameno da primavera concedera um ar alegre à cidade. Os dois veteranos de Bull Run que guardavam o salão Ducquesne's troçavam com Starbuck devido ao estado da farda.

— O capitão não devia usar esses trapos com uma rapariga daquelas — comentou um dos dois.

— Quem precisa de roupas com uma rapariga daquelas? — indagou Starbuck.

Os homens riram-se. Um perdera uma perna e o outro um braço; agora montavam guarda a um salão de cabeleireiro com um par de caçadeiras.

— Veio alguma coisa no jornal sobre o Jovem Napoleão? — perguntou o maneta.

— Absolutamente nada, Jimmy.

— Quer dizer que ele não está no Forte Monroe?

— Se estiver, o *Examiner* ainda não sabe — replicou Starbuck.

Jimmy cuspiu um longo jorro de suco de tabaco para a sarjeta.

— Se não estiverem lá, não vêm para cá, e sabemos que estão para chegar quando estiverem lá. — O tom era sombrio. Os jornais virginianos poderiam fazer pouco das pretensões de McClellan, mas, não obstante, pairava a sensação de que o Norte encontrara o seu génio militar e que o Sul não dispunha de ninguém que se revelasse à altura. No início da guerra, o nome de Robert Lee enchera a Virgínia de otimismo, mas a excelente reputação de Lee ficara maculada nos primeiros combates na zona ocidental da Virgínia e ele agora passava o tempo a abrir um sem-fim de trincheiras em torno de Richmond, o que

lhe granjeara a alcunha “Rei de Espadas¹”. Ainda assim continuava a ter defensores, acima de tudo Sally Truslow, que considerava Lee o maior general desde Alexandre, mas tal opinião baseava-se unicamente no facto de o cortês Lee certa vez cumprimentar Sally na rua.

Starbuck entregou o jornal a Jimmy e depois olhou para o relógio numa mostra para avaliar quanto mais tempo Sally perderia com o cabelo. Imaginou que ainda demoraria pelo menos mais um quarto de hora, por isso inclinou o chapéu para trás, acendeu um charuto e encostou-se a um dos pilares dourados que ladeavam a entrada do Ducquesne’s. Foi então que a voz o chamou.

— Nate! — O grito vinha do outro lado da rua e, por um instante, Starbuck não conseguiu ver quem o chamara devido a uma carroça que passou com uma carga de lenha, seguida por um landau elegante com rodas pintadas e coxins franjados. Starbuck viu então que se tratava de Adam, que corria agora por entre o trânsito de mão estendida. — Nate! Desculpa, devia ter escrito. Como estás?

Starbuck vinha a sentir-se frio quanto ao amigo, mas havia tanta afeição e remorso na voz de Adam, que a amargura se desvaneceu de imediato.

— Estou bem — respondeu, sem grande convicção. — E tu?

— Atarefado, terrivelmente atarefado. Passo metade do tempo aqui e a outra metade no quartel-general do exército. Ando a servir de ligação com o governo e isso não é fácil. O Johnston não gosta muito do presidente e o Davis não nutre a maior das admirações pelo general, pelo que costumo ser a vítima no fogo cruzado.

— Ao passo que eu só fui vítima do teu pai — replicou Starbuck, sentindo alguma da amargura a regressar.

Adam franziu o cenho.

— Lamento, Nate, a sério. — Fez uma pausa, claramente embaraçado, após o que abanou a cabeça. — Não te posso ajudar, Nate. Gostava de poder fazer alguma coisa, mas o meu pai está determinado a vingar-se de ti e não me dá ouvidos.

— Falaste com ele? — quis saber Starbuck.

Adam fez nova pausa e depois a sua honestidade inata sobrepôs-se à tentação de prevaricar.

— Não, não falei. Há um mês que não o vejo e sei que não vai adiantar nada escrever-lhe. Talvez ele amoleça se falar com ele diretamente? Cara a cara?

Podes esperar até lá?

Starbuck encolheu os ombros.

— Eu espero — resignou-se, sabendo que pouca alternativa teria. Se Adam não conseguisse fazer com que o pai mudasse de ideias, ninguém o conseguiria. — Estás com bom aspeto — disse a Adam, mudando de assunto. A última vez que Starbuck vira o amigo fora em Ball's Bluff, onde Adam ficara devastado com os horrores da batalha, mas o jovem recuperara agora a elegância e o entusiasmo. Tinha a farda limpa, a bainha do sabre cintilava ao sol e as botas com esporas brilhavam.

— Estou bem — asseverou Adam, energicamente. — Estou com a Julia.

— A noiva? — indagou Starbuck, provocando-o.

— Noiva officiosa — corrigiu Adam. — Quem me dera que fosse oficial. — Ofereceu um sorriso tímido. — Mas todos concordamos que será melhor esperar até ao final das hostilidades. A guerra não é boa altura para um casamento. — Gesticulou na direção do outro lado da rua. — Vens conhecê-la? Está com a mãe dela no Sewell's.

— O Sewell's? — Starbuck julgava conhecer todas as lojas de vestidos e de chapéus de Richmond, mas nunca ouvira falar no Sewell's.

— A loja das Escrituras, Nate! — admoestou Adam o amigo, explicando depois que a mãe de Julia, a senhora Gordon, criara uma aula de Bíblia para os negros livres que vinham em busca de trabalho na economia de guerra de Richmond. — Estão à procura de testamentos simplificados — acrescentou Adam —, talvez uma versão infantil do Evangelho de Lucas. Por falar nisso, tenho uma Bíblia para ti.

— Uma Bíblia?

— O teu irmão deixou-a cá ficar para ti. Há meses que pretendo enviar-ta. Agora vem conhecer a senhora Gordon e a Julia.

Starbuck deixou-se ficar para trás.

— Estou com uma amiga — justificou-se, apontando para a montra do Ducquesne's, com a sua exposição de loções, pentes de casca de tartaruga e perucas com fitas, e no momento em que fez o gesto, a porta abriu-se e Sally saiu. Ofereceu o braço a Starbuck e um sorriso simpático a Adam. Conhecia o jovem de Faulconer County, mas era óbvio que Adam não reconhecera Sally. A última vez que a vira, ela era uma menina de camisa esfarrapada de algodão que

transportava água e apascentava animais na propriedade do pai dela, ao passo que agora vestia uma saia rodada de seda e usava o cabelo encaracolado por baixo de um chapéu enfeitado.

— Minha senhora — cumprimentou-a Adam com uma vénia.

— Adam, sabes... — começou Starbuck a dizer.

Sally interrompeu-o.

— Chamo-me Victoria Royall, cavalheiro. — Era o seu nome profissional, usado por Sally no bordel de Marshall Street.

— Menina Royall — disse Adam.

— O major Adam Faulconer — completou Starbuck as apresentações. Via o prazer que Sally retirava da ignorância de Adam e resignou-se a acompanhar a travessura da jovem. — O major Faulconer é um amigo de longa data — disse a Sally, como se esta não o soubesse.

— O senhor Starbuck já mencionou o seu nome, major Faulconer — comentou Sally, numa pose absolutamente recatada. Tinha igualmente um aspeto modesto, pois o vestido era de um cinzento muito escuro, e as fitas vermelhas, brancas e azuis no chapéu eram acima de tudo um gesto patriótico, e não uma exibição de luxo. Com tão alta criminalidade, ninguém ostentava joias ou outros artigos de qualidade nas ruas de Richmond.

— E a menina Royall, é de Richmond? — perguntou Adam, mas antes que Sally pudesse responder, Adam viu Julia e a mãe saírem da loja de Bíblias no outro lado da rua e insistiu para que Starbuck e Sally fossem apresentados.

Sally tinha o braço dado a Starbuck. Riu-se enquanto seguiam Adam a atravessar a estrada.

— Ele não me reconheceu! — sussurrou.

— Como poderia reconhecer? Agora, pelo amor de Deus, tem cuidado. São pessoas da Igreja. — Starbuck terminou o alerta e depois envergou uma expressão de respeitabilidade severa. Ajudou Sally a subir o passeio, ao mesmo tempo que educadamente deitava fora o que lhe restava do charuto, e depois encarou a senhora Gordon e a sua filha.

Adam fez as apresentações e Starbuck tocou ao de leve os dedos enluvados das mãos estendidas das senhoras. A senhora Gordon revelou-se uma mulher magra e rabugenta, de nariz macilento e olhos frios como um falcão esfomeado, mas a filha foi uma grande surpresa. Starbuck esperara um ratinho de igreja,

tímida e pia, mas Julia Gordon tinha um ar decidido que lhe arrasou de imediato a ideia preconcebida. Tinha cabelo preto e olhos escuros, e um rosto que denotava uma força quase provocadora. Não era bela, pensou Starbuck, mas era com certeza atraente. Transbordava caráter, força e inteligência, e ao cruzar o olhar com o dela, Starbuck sentiu um ciúme estranho de Adam.

Sally foi apresentada, mas a senhora Gordon voltou de imediato a dirigir-se a Starbuck, querendo saber se ele tinha algo a ver com o famoso reverendo Elial Starbuck, de Boston. Starbuck confessou que o famoso abolicionista era seu pai.

— Nós conhecemo-lo — indicou a senhora Gordon, com um tom de reprovação.

— A sério, minha senhora? — perguntou Starbuck, segurando o chapéu mal-amanhado na mão.

— O Gordon — a senhora Gordon referia-se ao marido — é missionário da SAPEP.

— Deveras, minha senhora — replicou Starbuck, com todo o respeito. O pai de Starbuck era um dos curadores da Sociedade Americana para a Propagação do Evangelho aos Pobres, uma missão que levava a salvação aos cantos mais obscuros das cidades americanas.

A senhora Gordon relanceou a farda miserável de Starbuck.

— De certeza que o seu pai não estará satisfeito por estar a usar uma farda confederada, senhor Starbuck.

— Acredito que não esteja, minha senhora — admitiu Starbuck.

— A mãe julgou-o antes de estar na posse dos factos — interveio Julia com uma leveza que fez Starbuck sorrir —, mas decerto terá a oportunidade de testemunhar antes que a sentença seja lida.

— É uma história muito comprida, minha senhora — admitiu Starbuck respeitosamente, sabendo que não se atreveria a descrever como se apaixonara perdida e miseravelmente por uma atriz, por quem abandonara o Norte, a família, os estudos e a respeitabilidade.

— Demasiado comprida para ser ouvida agora, receio — atalhou a senhora Gordon num tom tornado brusco por anos a arrancar alguma semelhança de entusiasmo a crentes relutantes. — Não obstante, fico satisfeita por o ver a defender os direitos dos Estados, senhor Starbuck. A nossa causa é nobre e justa. E a menina Royall — dirigiu-se a Sally —, é de Richmond?

— Sou de Greenbrier County, minha senhora — mentiu Sally, indicando uma zona no extremo ocidental do Estado. — O meu pai não queria que eu lá ficasse com a guerra a decorrer, por isso enviou-me para casa de uma familiar que aqui temos. — Esforçava-se por disfarçar a dureza rural do seu discurso, mas ainda assim permanecia um certo eco. — Uma tia — explicou —, em Franklin Street.

— Talvez a conheçamos? — A senhora Gordon avaliava a finura do vestido de Sally, o aparente custo do para-sol e a delicadeza da gola de renda que tão grande contraste estabelecia com as roupas simples e remendadas que mãe e filha usavam. A senhora Gordon também deverá ter reparado que Sally usava pó de arroz e pinturas, coisas que nunca seriam permitidas na casa da senhora Gordon, mas a inocência transmitida pela juventude de Sally terá suavizado a reprovação da senhora.

— Ela está muito doente. — Sally tentava evitar mais perguntas sobre a tia fictícia.

— Nesse caso, de certeza que ela gostaria de uma visita. — A senhora Gordon reagiu à menção de um leito de doença como um velho cavalo de guerra vigoroso ao ouvir uma trombeta. — E onde é que a sua tia reza, menina Royall?

Starbuck sentiu que Sally esgotara as invenções.

— Fui apresentado à menina Royall na Igreja Batista de Grace Street — respondeu ele, referindo propositadamente uma das congregações menos conhecidas da cidade. Starbuck estava consciente do olhar grave de Julia Gordon, e também tinha noção de que tentava causar boa impressão à jovem.

— Então acredito que devemos conhecer a sua tia — insistiu a senhora Gordon com Sally. — Julgo que o Gordon e eu estamos familiarizados com todas as famílias evangélicas de Richmond. Não é verdade, Julia?

— De certeza que assim é, mãe — respondeu Julia.

— O nome da sua tia, menina Royall? — A senhora Gordon insistia em ter uma resposta.

— Menina Ginny Richardson, minha senhora — indicou Sally, servindo-se do nome da *madame* do bordel de Marshall Street.

— Não me parece que conheça qualquer Virginia Richardson. — A senhora Gordon franziu o sobrolho enquanto tentava situar o nome. — Dos Batistas de Grace Street, foi o que disse? Não que sejamos batistas, menina Royall. — A senhora Gordon esclareceu o credo com o mesmo tom que poderia usar para

garantir a Sally que não era canibal, ou papista. — Mas é claro que conhecemos a igreja. Talvez um dia destes gostasse de ouvir o meu marido a pregar? — O convite foi dirigido tanto a Starbuck como a Sally.

— Eu gostava muito — respondeu Sally com um entusiasmo surgido do alívio por não ter de inventar mais pormenores acerca da tia imaginária.

— Poderia tomar chá connosco? — sugeriu a senhora Gordon a Sally. — Venha numa sexta-feira. Às sextas levamos o serviço divino aos feridos no Hospital de Chimborazo. — A instituição era o maior hospital militar de Richmond.

— Gostaria muito — asseverou Sally, num tom doce e ansioso, como se o convite da senhora Gordon lhe fosse animar os serões enfadonhos.

— O senhor Starbuck também — acrescentou a senhora Gordon. — Precisamos sempre de mãos saudáveis que nos ajudem nas alas. Alguns dos homens não são capazes de segurar nas Escrituras.

— É claro, minha senhora. Seria um privilégio.

— O Adam trata disso. Sem crinolinas, menina Royall, pois não há espaço suficiente entre as camas para esses folhos. Agora vamos, Julia. — Tendo conseguido lançar uma farpa contra o traje de Sally, a senhora Gordon ofereceu um sorriso à jovem e um aceno de cabeça a Starbuck, e depois começou rapidamente a descer a rua. Adam prometeu apressadamente que deixaria uma carta para Starbuck no Departamento de Passaportes e depois, tendo levado os dedos ao chapéu à laia de despedida de Sally, correu a juntar-se às Gordons.

Sally riu-se.

— Estava a ver-te, Nate Starbuck. Gostas daquela rapariga da Bíblia, não gostas?

— Que disparate — retorquiu Starbuck, mas a bem da verdade, ele interrogava-se quanto ao que o poderia ter atraído na discreta Julia Gordon. Perguntava-se se teria sido o facto de a filha do missionário representar um mundo de piedade, inteligência e inocência que ele perdera para sempre com a sua queda no pecado.

— Parece-me um bocadinho professora primária — comentou Sally, passando a mão pelo braço de Starbuck.

— Provavelmente é disso que o Adam precisa — disse Starbuck.

— Nem pensar. Ela é demasiado forte — argumentou Sally mordazmente. — O Adam sempre foi um indeciso. Nunca se decidiu a fazer fosse o que fosse. Mas não me reconheceu, pois não?

Starbuck sorriu com o prazer que a voz de Sally deixava transparecer.

— Não, não reconheceu.

— Estava a olhar para mim de uma maneira estranha, como se pensasse que me conhecia, mas sem saber de onde! — Sally estava encantada. — Achas que elas nos vão convidar para tomar chá?

— É provável, mas nós não vamos.

— E porque não? — quis saber Sally ao começarem a encaminhar-se para Franklin Street.

— Porque passei a minha vida toda em casas evangélicas respeitáveis e estou a tentar fugir delas.

Sally riu-se.

— Não eras capaz de ir pela tua menina da Bíblia? — provocou Sally. — Mas eu gostava de ir.

— É claro que não ias gostar.

— Ia, pois. Gosto de ver como as pessoas vivem e como é que se fazem as coisas como deve ser. Nunca me convidaram para uma casa respeitável. Ou será que tens vergonha de mim?

— É claro que não tenho!

Sally parou e fez Starbuck virar-se para a encarar. A jovem tinha lágrimas nos olhos.

— Nate Starbuck! Tens vergonha de me levar a uma casa decente?

— Não!

— É por eu ganhar a vida deitada? É por isso?

Starbuck pegou-lhe na mão e beijou-a.

— Não tenho vergonha de ti, Sally Truslow. Só acho que te vais aborrecer. É um mundo chato. Um mundo sem crinolinas.

— Quero ver isso. Quero ver como ser respeitável. — A jovem falava com uma teimosia patética.

Starbuck imaginou que tão perversa ambição de Sally acabaria por passar, pelo que decidiu que não valia a pena contrariá-la.

— Está bem — disse-lhe —, se nos convidarem, nós vamos. Prometo.

— Ninguém me convida para nada — lamentou-se Sally, ainda à beira das lágrimas enquanto prosseguiam caminho. — Quero ser convidada para algum sítio. Posso tirar uma noite de folga.

— Então nós vamos — tranquilizou-a Starbuck, e interrogou-se quanto ao que aconteceria se o missionário descobrisse que a esposa convidara uma prostituta para tomar chá, o que o fez soltar uma gargalhada. — De certeza que vamos — prometeu. — De certeza que vamos.

Julia provocou Adam em relação a Sally.

— Não te pareceu muito berrante?

— Decididamente. Mesmo.

— Mas estavas fascinado com ela.

Adam era demasiado embotado para identificar a provocação de Julia. Em vez disso, enrubesceu.

— Garanto-te que...

— Adam! — interrompeu-o Julia. — Acho que a menina Royall é dona de uma beleza espantosa! Só um homem feito de granito ficaria indiferente.

— Não foi isso — garantiu Adam com sinceridade. — Fiquei com a sensação de que já a tinha visto. — Estava de pé, na sala de estar da pequena casa do reverendo senhor Gordon, em Baker Street. Era uma divisão escura, densa com o cheiro a cera de mobília. As estantes com portas de vidro continham comentários à Bíblia e narrativas sobre a vida das missões nos países pagãos, e a única janela dava para as lápides pias do Cemitério de Shockoe. A casa situava-se numa zona muito humilde de Richmond, tendo sido construída perto de um hospício, de um hospital beneficente, da casa dos pobres da cidade e do cemitério. Além do mais, o reverendo senhor Gordon também não tinha como adquirir uma casa melhor, já que era regra da Sociedade Americana para a Propagação do Evangelho aos Pobres que os seus missionários vivessem entre o seu rebanho, e para garantir que a regra era seguida, os curadores da sociedade mantinham os salários dos missionários num nível miseravelmente baixo. Esses curadores eram todos nortistas e a sua parcimónia explicava a dedicação profunda da senhora Gordon à causa sulista. — Tenho a certeza que conheço a menina Royall. — Adam franziu o cenho. — Mas não sou capaz de a situar! — Estava irritado consigo próprio.

— Qualquer homem que se esqueça de uma beleza como a da menina Royall tem de ter uma pedra no lugar do coração — comentou Julia, rindo-se depois da óbvia confusão de Adam. — Querido Adam, eu sei que não tens uma pedra no lugar do coração. Fala-me sobre o teu amigo Starbuck. Ele parece interessante.

— Interessante a ponto de precisar das nossas orações — disse Adam, e esforçou-se por explicar como Starbuck estivera a estudar para o sacerdócio, mas fora afastado pela tentação. Adam não descreveu a natureza dessa tentação e Julia teve o bom senso de não perguntar. — Refugiou-se aqui no Sul — adiantou Adam — e receio que não tenha sido só a sua filiação política a mudar.

— Queres dizer que ele é um pecador? — perguntou Julia, com gravidade.

— Receio bem que sim.

— Nesse caso, teremos mesmo de rezar por ele — asseverou Julia. — Pecou a ponto de não o devermos convidar para tomar chá?

— Espero bem que não — disse Adam, franzindo o sobrolho.

— E então, convidamo-lo ou não?

Adam não tinha a certeza, depois lembrou-se de que o amigo frequentara encontros de oração em Leesburg e decidiu que Starbuck deveria manter respeitabilidade quanto bastasse para merecer um convite da família do missionário.

— Acho que o podes convidar — declarou Adam, com solenidade

— Então vais escrever a convidá-los aos dois para esta sexta-feira. Acho que aquela menina Royall precisa de uma amiga. Agora, ficas para almoçar? Receio que seja apenas uma sopa de pobres, mas és bem-vindo. O pai ia gostar que ficassem.

— Tenho assuntos a tratar. Mas obrigado.

Adam regressou à cidade. A identidade da menina Royall continuava a importuná-lo, mas quanto mais pensava no assunto, mais a identificação fugia. Ao subir os degraus do Departamento de Guerra, conseguiu, por fim, afastar o enigma da mente.

Os seus afazeres levavam Adam a passar um ou dois dias por semana em Richmond, a partir de onde mantinha o general Johnston informado das opiniões políticas e dos boatos profissionais. Servia também de ligação entre Johnston e o quartel-general do Departamento do Intendente Confederado, o qual requisitava suprimentos e os distribuía.

Era essa incumbência que garantia a Adam o conhecimento profundo da posição das brigadas e dos batalhões do exército, conhecimento esse que tivera o cuidado de transmitir a Timothy Webster. Adam partia do princípio que as suas duas cartas recentes tinham sido encaminhadas para o quartel-general de McClellan e interrogava-se com frequência quanto ao motivo para as tropas nortistas estarem a demorar tanto para se aproveitarem das defesas débeis da península. O Norte ia levando cada vez mais homens para o Forte Monroe, mas só um punhado de rebeldes se opunha a eles e, mesmo assim, o Norte continuava sem fazer nada para destruir essa mancheia. Por vezes, Adam questionava-se se Webster teria encaminhado as cartas, depois sofria um ataque de pânico profundo ao pensar que Webster poderia ter sido detido em segredo e Adam só recuperava quando se recordava de que Webster não sabia, nem tinha como descobrir a identidade do correspondente misterioso.

Adam instalou-se no seu gabinete e escreveu o despacho diário para Johnston. Tratava-se de um documento enfadonho que enumerava os homens que tinham recebido alta dos hospitais de Richmond e descrevia quais os suprimentos disponíveis nos depósitos e nos armazéns da capital. Concluiu com um resumo das mais recentes informações, que relatavam que o major-general McClellan continuava em Alexandria e que as forças no Forte Monroe não evidenciavam quaisquer sinais de agressão. Depois reuniu as últimas edições dos jornais para fazer um embrulho grande que um cavaleiro levaria até Culpeper Court House. Enviou a encomenda para baixo e depois abriu a carta do pai que o aguardava na secretária. Tal como Adam esperava, a carta rogava mais uma vez que o jovem deixasse o estado-maior de Johnston e se juntasse à Brigada Faulconer. “Acho que deves assumir o comando da Legião, destituindo o Pica-pau,” escrevera Washington Faulconer, “ou, se preferires, podes ser o meu chefe de estado-maior. O Swynyrd é um indivíduo difícil, não tenho dúvida de que vai exhibir as suas melhores qualidades em batalha, mas até lá mostra-se demasiado apaixonado pela garrafa. Preciso da tua ajuda.” Adam amachucou a carta, depois acercou-se da janela e fitou colina acima, até onde os belos pilares brancos do nobre Edifício do Capitólio eram tocados pelo sol do entardecer. Virou-se quando a porta do gabinete se abriu de repente.

— É capaz de ter de acrescentar umas notícias a esse seu despacho, Faulconer — disse um oficial em mangas de camisa a Adam.

Adam teve de ocultar o entusiasmo repentino.

— Estão a sair do Forte Monroe? — perguntou.

— Ó, Cristo, não. Os malditos dos ianques já lá ganharam raízes. Talvez o plano seja nunca mais de lá sair! Quer café? É do verdadeiro, chegado de Liverpool num fura-bloqueios.

— Por favor.

O oficial, um capitão chamado Meredith do Departamento de Mensagens, gritou ao adjunto que trouxesse café e depois entrou no gabinete.

— Os Ianques são uns idiotas, Faulconer. Loucos! Uns tolos!

— O que fizeram eles?

— São burros! Broncos, palermas! — Meredith sentou-se na cadeira giratória de Adam e apoiou as botas sujas de lama na secretária de tampo de pele. Acendeu um charuto e atirou o fósforo para um escarrador. — São imbecis, néscios, cretinos miseráveis. Resumindo, são Nortistas. Sabe quem é o Allen Pinkerton?

— É claro que sei.

— Então venha ouvir o que tenho para lhe contar. Aqui! — A indicação foi dada ao adido, que entrara no gabinete com as duas canecas de café. Meredith esperou até que o homem saísse, após o que retomou a narrativa. — Parece que o Pinkerton queria enviar agentes secretos para nos espiarem. Mandaram-nos para cá para descobrirem os nossos desejos mais sombrios e os segredos mais profundos, e quem é que veio? Será que enviou um indivíduo discreto, arrebanhado da obscuridade? Não, ele manda dois palermas que nem há seis meses andavam a expulsar simpatizantes sulistas de Washington! E vejam só, um dos homens que eles expulsaram cruza-se com eles na Broad Street. “Olá,” diz ele, “eu conheço-os, meus malandros. Vocês são o Scully e o Lewis!” Os nossos heróis negam-no, mas os tolos trazem documentos com os nomes verdadeiros. Price Lewis e John Scully, bem visível! Será que é possível ser-se mais parvo? Portanto, agora, os dois melhores espões do Norte estão atrás das grades na Prisão Henrico. Não é uma maravilha?

— É verdade que foi uma tolice — concordou Adam. O medo que o percorreu deixou-lhe subitamente o coração aos saltos. Scully e Lewis? Poderia Webster estar a usar um desses nomes como disfarce? Será que estariam a arrancar a verdade a esses dois homens naquele preciso momento? Corriam boatos

terríveis sobre os castigos infligidos aos traidores nas celas secretas das prisões confederadas, e Adam quase gemeu ao sentir mais uma pontada de terror a rasgar-lhe as entranhas. Obrigou-se a manter-se calmo e a beber um gole do café quente, enquanto ia pensando que não tinha assinado os dois longos documentos que enviara a Webster e que se esforçara por disfarçar a letra em ambos os relatos pormenorizados. Mesmo assim, a sombra do cadafalso pareceu subitamente muito próxima. — Imagino que venham a ser enforcados? — indagou, num tom casual.

— Os sacanas bem o merecem, mas o Lewis é inglês e o desgraçado do Scully é irlandês, e precisamos mais da boa vontade de Londres do que precisamos de ver dois súbditos de sua majestade pendurados num par de cordas. — Meredith parecia contrariado pela clemência. — Se o governo britânico se opuser, nem sequer vão tocar nos patifes. E eles sabem disso, razão pela qual os tratantes não admitem nada.

— Talvez não tenham nada a admitir? — aventou Adam, vagamente.

— É claro que têm. Eu cá fazia aquelas aventesmas guinchar — disse Meredith, num tom sombrio.

— Não vou incomodar Johnston com a notícia — indicou Adam. — Vou esperar até que eles tenham alguma coisa a dizer.

— Pensei que gostasse de saber — adiantou Meredith. Era óbvio que sentia que a reação de Adam fora bastante branda, mas o major Faulconer tinha a reputação de ser uma criatura estranha no quartel-general. — Serei capaz de o convencer a vir a Screamersville esta noite? — perguntou Meredith. Screamersville era a zona negra de Richmond, onde se situavam os piores bordéis, casas de jogo e antros de álcool da cidade. O álcool fora oficialmente banido de Richmond, numa tentativa de reduzir o crime, mas não havia patrulha de polícia militar que se atrevesse a entrar em Screamersville para fazer cumprir a lei, tal como não tentariam confiscar o champanhe nas dispendiosas *maisons d'assignation* da cidade.

— Já tenho um compromisso para esta noite — declinou Adam rigidamente.

— Outro encontro de oração? — indagou Meredith, num tom trocista.

— Com efeito.

— Diga uma por mim, Faulconer. Depois de hoje à noite, devo precisar de uma oração ou duas. — Meredith retirou as botas de cima da secretária. —

Esteja à vontade com o café. Deixe só a caneca no nosso gabinete quando acabar.

— Com certeza. Obrigado.

Adam bebeu o café e observou as sombras a alongarem-se sobre a praça do Capitólio. Funcionários apressavam-se na direção do Edifício do Capitólio com molhos de documentos dos gabinetes do governo, enquanto uma patrulha de polícias militares, de baionetas caladas, percorria lentamente a Ninth Street, passando pela Torre do Sino, que soava o alarme em caso de incêndio, ou outras emergências na cidade. Duas crianças pequenas subiam a colina de mãos dadas com um dos escravos da família, a caminho da estátua de George Washington. Há dois anos, pensou Adam, aquela cidade parecera tão calma e atraente como Seven Springs, a propriedade da sua família em Faulconer County, mas agora fedia a risco e a intrigas. Adam sentiu um arrepio ao pensar no alçapão a abrir-se por baixo dos pés, no vazio a engoli-lo, na aspereza de uma corda à volta do pescoço e do sacão quando ela se retesasse, mas depois disse para consigo que não tinha nada com que se preocupar, pois James Starbuck dera a sua palavra em como nunca revelaria o nome de Adam, e James era cristão e um cavalheiro, pelo que seria impossível que Adam fosse traído. A detenção de Scully e Lewis, fossem lá quem fossem, nada tinha a ver com Adam. Reconfortado, instalou-se à secretária, puxou uma folha de papel para si, e redigiu um convite endereçado ao capitão Nathaniel Starbuck e à menina Victoria Royall para um chá, na casa do reverendo senhor Gordon, na sexta-feira seguinte.

1 “King of Spades,” no original, que à letra significa “Rei das Pás.” (NT)

John Scully e Price Lewis não admitiram nada, nem mesmo quando, ocultos no forro da roupa, encontraram documentos que teriam incriminado um santo. Lewis, o inglês, estava na posse de um mapa de Richmond onde tinham sido esboçadas as novas defesas abertas pelo general Lee, com sombreados que sugeriam os pontos onde apenas se deduzia a existência de redutos e de fortificações em estrela. Um memorando anexado ao mapa esboçado exigia a confirmação das hipóteses e uma avaliação à artilharia contida nos novos baluartes. John Scully, o irlandês diminuto, trazia consigo uma carta por selar dirigida ao Secretário Honorário da Sociedade Bíblica do Exército Confederado, assinada por um tal de major James Starbuck, do Exército dos Estados Unidos, que se descrevia como sendo “irmão em Cristo” do destinatário anônimo da missiva. A carta dizia que as instruções anexas eram de confiança, instruções essas que rogavam a enumeração pormenorizada e atualizada das tropas confederadas às ordens do general Magruder, com especial atenção ao relato do número total de soldados disponíveis nas povoações, guarnições e fortificações entre Richmond e Yorktown.

Confrontado com a carta que fora encontrada cosida à lapela do casaco, John Scully jurou que comprara a roupa a um vivandeiro nos arredores da cidade e que não fazia ideia do significado das palavras. Sorriu ao major que levava a cabo o interrogatório.

— Sinto muito, major, pode crer. Se pudesse, ajudava-o.

— Para os diabos com a sua ajuda. — O major Alexander era um homem alto e anafado, com suíças farfalhudas e uma expressão de eterna indignação. — Se não falar — ameaçou ele Scully —, vamos enforcá-lo.

— Isso é que não vai, major — lembrou Scully —, já que sou um cidadão da Grã-Bretanha.

— Para os diabos com a Grã-Bretanha.

— Normalmente concordaria consigo, pode crer, mas neste momento, caro major, aqui este irlandês punha-se de joelhos e agradecia a Deus Nosso Senhor por tê-lo feito britânico. — Scully ofereceu o sorriso de um querubim.

— O facto de ser britânico não o vai proteger. Vai para a força! — ameaçou Alexander, mas Scully continuou sem abrir a boca.

No dia seguinte chegou a informação de que os ianques tinham por fim quebrado as linhas no Forte Monroe. O general McClellan chegara à península e

toda a Virgínia sabia agora onde o relâmpago iria acertar. Um exército poderoso avançava contra as débeis defesas dispostas entre Yorktown e Mulberry Island.

— Mais um mês — garantiu Price Lewis a John Scully — e seremos salvos. Vamos ser heróis.

— Se não nos enforcarem primeiro — argumentou John Scully, benzendo-se.

— Não enforcam. Não se atrevem.

— Não tenho assim tanta certeza. — A confiança de Scully ia enfraquecendo.

— Não enforcam! — insistiu Price Lewis. Contudo, no dia seguinte foi convocado um tribunal militar à prisão, sendo-lhe apresentado o mapa das defesas de Richmond e a carta endereçada ao Secretário Honorário da Sociedade Bíblica do Exército Confederado. As provas sobrepuseram-se a quaisquer pejos que o tribunal poderia ter sentido pela nacionalidade dos prisioneiros, e menos de uma hora depois de a sessão ter sido convocada, o presidente condenou os dois detidos à morte. Scully tremeu de medo, mas o inglês alto limitou-se a desdenhar da decisão dos juízes. — Não se atrevem.

— Levem-nos! — O tenente-coronel que presidira à sessão bateu com a mão na mesa. — Vão ser pendurados pelo pescoço, seus cães!

De repente, Scully sentiu as asas do anjo da morte a aproximarem-se.

— Quero um padre! — suplicou ao major Alexander. — Pelo amor de Deus, tragam-me um padre!

— Cala a boca, Scully! — ordenou Price Lewis.

O inglês foi arrastado pelo corredor até à cela, enquanto John Scully foi levado para uma sala diferente, para onde o major Alexander lhe levou uma garrafa de uísque de centeio.

— É ilegal, John. Mas pensei que pudesse ajudar a passar as suas últimas horas na terra.

— Não se atrevem! Não nos podem enforcar!

— Ouça! — disse Alexander, e no silêncio que se seguiu, Scully pôde ouvir martelar. — Estão a montar o cadafalso para amanhã, John — explicou Alexander, num tom gentil.

— Não, major, por favor.

— O nome dele é Lynch — disse Alexander. — Talvez fique satisfeito, John.

— Ficar satisfeito? — indagou Scully, estupefacto.

— Não fica satisfeito por ser enforcado por outro irlandês? Mas olhe que o velho Lynch não é um artista. Fez asneira com os últimos dois. Um deles era um preto que demorou vinte minutos a morrer, e acredite que não foi bonito de se ver, ah pois não. Não parou de se contorcer, e de se mijar, e a respiração arrastava-se-lhe na garganta como se fosse lixa. Terrível. — Alexander abanou a cabeça.

John Scully benzeu-se, depois fechou os olhos e rezou por coragem. Seria forte; não iria trair a confiança de Pinkerton.

— Só quero um padre — insistiu.

— Se o John falar, não o enforcam pela manhã — tentou-o Alexander.

— Não tenho nada a dizer, major, exceto a um padre — insistiu Scully, corajosamente.

Nessa noite, um padre visitou a nova cela de John Scully. O sacerdote era um homem bastante idoso, embora ainda mantivesse uma bela cabeleira branca que lhe chegava bem abaixo da gola da sotaina. O rosto era castanho-escuro, como se tivesse passado uma vida inteira em missões nos trópicos. Era um rosto ascético e gentil, com um toque de intelectualismo que sugeria que os seus pensamentos já se encontravam num mundo melhor e mais altaneiro. Sentou-se na cama de Scully e tirou um velho escapulário puído da mala. Beijou o tecido bordado e colocou-o à volta do pescoço magro, após o que fez o sinal da cruz na direção do prisioneiro.

— Sou o padre Mulroney — apresentou-se — e vim de Galway. Disseram-me que te queres confessar, meu filho.

Scully ajoelhou-se.

— Perdoe-me, padre, porque eu pequei. — Benzeu-se.

— Continua, meu filho. — A voz do padre Mulroney era grave e bonita, a voz de um homem que pregara temas tristes em grandes assembleias. — Continua — repetiu Mulroney, com a sua voz maravilhosa num tom baixo e reconfortante.

— A minha última confissão deve ter sido há uns dez anos — começou Scully por dizer, após o que debitou toda uma lista de transgressões. O padre Mulroney fechou os olhos enquanto ouvia, sendo o único sinal de vigília o leve tamborilar de um dedo magro e comprido num delicado crucifixo de marfim pendurado numa corrente simples que trazia ao pescoço. Assentiu uma ou duas vezes, enquanto Scully elencava os seus pecados patéticos: as prostitutas enganadas, as

juras feitas, as bagatelas roubadas, as mentiras ditas, os deveres religiosos ignorados. — A minha mãe sempre me disse que eu não teria bom fim, ah pois é. — O pequeno irlandês acabou de falar quase em lágrimas.

— Fica em paz, meu filho, em paz. — A voz do sacerdote tinha um tom seco e sussurrante, mas garantiu algum conforto. — Arrependes-te destes pecados, meu filho?

— Sim, padre, por Deus, como me arrependo. — Scully começara a chorar. Tombara para a frente, ficando com a cabeça apoiada nas mãos, as quais, por sua vez, repousavam nos joelhos do idoso. O rosto do padre Mulroney não exibiu qualquer reação ao terror e ao remorso de Scully; em vez disso, afagou ao de leve a cabeça do irlandês com os dedos compridos e olhou à sua volta, para a cela de paredes brancas com a sua lanterna e janela de grades lúgubres. As lágrimas escorreram pelas faces de Scully e humedeceram a sotaina desbotada e puída de Mulroney. — Eu não mereço morrer, padre — lamentou-se Scully.

— Então porque é que te vão enforcar, meu filho? — perguntou Mulroney, continuando a afagar o cabelo preto curto de Scully. — O que fizeste que tenha sido tão mau? — quis saber o sacerdote na sua voz melancólica e gentil, e Scully contou como Allen Pinkerton pedira a Lewis e a Scully que se dirigissem ao Sul em busca do agente desaparecido, o melhor indivíduo de que o Norte dispunha, e como Pinkerton lhes garantira que, enquanto súbditos britânicos, estariam a salvo de uma eventual incriminação rebelde, mas que agora, mesmo com essa garantia, tinham sido condenados à morte pelo tribunal marcial.

— É claro que não mereces morrer, meu filho — asseverou Mulroney, num tom indignado —, pois só tentaste ajudar o teu semelhante. Não é essa a verdade? — Os dedos continuavam a apaziguar o medo de Scully. — E chegaste a encontrar esse teu homem? — O sotaque irlandês do padre Mulroney parecia ter ficado mais carregado durante a confissão.

— Encontrámos, padre, e ele tinha desaparecido por estar doente. Está doente como um cachorro, ah pois está. Tem febre reumática. Devia estar no Ballard House Hotel, mas foi mudado, e precisámos de mais um dia ou dois para o encontrar, mas o coitado agora está no Hotel Monumental, e tem lá uma das senhoras do Pinkerton a cuidar dele.

Mulroney acalmou Scully, que despejava as palavras numa torrente desesperada.

— Coitado do homem — exclamou Mulroney. — Dizes que está doente?

— Mal se consegue mexer. Está muito doente, ah pois está.

— Diz-me o nome dele, meu filho, para eu poder rezar por ele — pediu Mulroney tranquilamente, após o que o sacerdote sentiu a hesitação de Scully, pelo que bateu com os dedos num gesto de reprovação muito suave. — Estás a confessar-te, meu filho, e os segredos do confessional são enterrados com o sacerdote. Aquilo que aqui disseres, meu filho, é um segredo que fica entre nós os dois e Deus Todo-Poderoso. Por isso diz-me o nome, para que eu possa rezar pelo pobre coitado.

— Webster, padre, Timothy Webster. E ele é que era o verdadeiro espião, não éramos nós. O Price e eu estávamos só a fazer um favor ao Pinkerton quando viemos à procura do homem! O Webster é que é o verdadeiro espião. É o melhor que há!

— Vou rezar por ele — garantiu Mulroney. — E a mulher que está a cuidar do coitado, como se chama ela, meu filho?

— Hattie, padre, Hattie Lawton.

— Também vou rezar por ela — prometeu Mulroney. — Mas o major desta prisão, como é que ele se chama? Alexander? Ele disse que trazias uma carta?

— Só devíamos entregar a carta se não encontrássemos o Webster, padre — explicou Scully, passando a descrever o quadro de informações no vestíbulo de S. Paulo, onde a carta seria colocada, por baixo da fita cruzada. — Qual é o mal de deixar uma carta numa igreja, padre?

— Nenhum, meu filho, não tem mal nenhum — asseverou Mulroney, garantindo depois ao irlandês apavorado que tinha sido uma boa confissão. Ergueu gentilmente a cabeça de Scully e disse ao irlandês que teria de fazer uma boa contrição e rezar quatro Ave Marias, depois absolveu-o num latim solene, e finalmente prometeu-lhe rogar a clemência das autoridades confederadas. — Mas sabes bem, meu filho, como eles quase não nos dão ouvidos, a nós católicos. Ou até aos irlandeses. Estes Sulistas são tão maus como os Ingleses, ah pois são. Não nutrem grande simpatia por nós.

— Mas vai tentar? — Scully fitou desesperadamente os olhos gentis do sacerdote.

— Vou tentar, meu filho — garantiu Mulroney, depois abençoou-o e fez o sinal da cruz sobre a cabeça de Scully.

O padre Mulroney regressou lentamente ao escritório central da prisão, onde o major Alexander o aguardava a par de um tenente magro de óculos. Nenhum dos oficiais falou enquanto o padre Mulroney retirava o escapulário e depois despiu a sotaina passando-a sobre a cabeça, revelando um fato preto antigo, mas de corte elegante. Em cima da mesa estava uma taça de água e o velho começou a lavar as mãos, como se quisesse livrar os dedos da sensação de toque no cabelo de Scully.

— O indivíduo que vocês procuram — anunciou o homem que dissera chamar-se Mulroney, com um sotaque que nada tinha da Irlanda, sendo apenas a boa pronúncia virginiana — é um tal de Timothy Webster. Vão encontrá-lo no Hotel Monumental. Está doente, pelo que não vos deve levantar problemas. Está com uma assistente chamada Hattie Lawton. Faz parte da escumalha, por isso prendam-na também. — O velho puxou de uma cigarreira de prata do bolso, de onde retirou um charuto fino e odorante. O tenente de óculos saltou para a frente, pegou numa vela de cima da mesa e levou-a ao charuto. O velho sugou a chama e depois ofereceu um olhar desconfiado ao tenente. — Você é o Gillespie?

— Sou sim, senhor.

— O que tem no saco, Gillespie? — O velho acenou com a cabeça na direção de um saco de cabedal pendurado ao ombro do tenente. Gillespie abriu o saco, revelando um funil de latão e um frasco hexagonal, de vidro azul-escuro.

— O óleo do meu pai — explicou Gillespie orgulhosamente.

A boca do velho contorceu-se num esgar.

— Estava a pensar administrar o óleo aos prisioneiros?

— Faz maravilhas com os lunáticos — defendeu-se Gillespie.

— Não quero saber dos seus malditos lunáticos — retorquiu o velho com brusquidão. — Pode experimentá-lo com outro prisioneiro, alguém que não interesse, mas o Lewis e o Scully têm de ser poupados. — O rosto magro e ascético contorceu-se com um espasmo de repulsa. Depois o homem ajeitou o comprido cabelo branco sobre o colarinho e olhou para Alexander. — Receio que as questões políticas obriguem a que a escumalha tenha de sobreviver, para o caso de as suas mortes afastarem a ajuda britânica. Mas nem os Britânicos esperam que os mantenhamos confortáveis. Levem-nos para a secção dos pretos, eles que partam pedras durante alguns meses. — Deu um bafo no charuto,

franzindo o cenho, e depois ordenou que a carta endereçada ao Secretário Honorário da Sociedade Bíblica do Exército Confederado fosse deixada no vestíbulo de S. Paulo, onde seria vigiada noite e dia, para o caso de o espião a ir recolher. — Mas primeiro detenham o Webster.

— É claro — disse Alexander.

O velho tirou um anel de ouro do bolso. Estava gravado com um vetusto brasão, testemunho da longa linhagem do homem.

— Ainda está a chover? — perguntou, enquanto enfiava o anel.

— Está, sim, senhor — confirmou Alexander.

— Isso vai obstruir a progressão dos ianques, não é verdade? — comentou sombriamente o velho. O avanço dos nortistas sobre Yorktown estava a ser atrasado pela lama e pela chuva, mas, mesmo assim, o velho tinha perfeita noção do risco terrível que pairava sobre a Confederação. Dispunham de tão pouco tempo, mas pelo menos o trabalho daquela noite revelara mais um espião e talvez servisse para identificar o traidor oculto atrás do disfarce de Secretário Honorário da Sociedade Bíblica do Exército Confederado. O velho estava ansioso por encontrar esse homem e vê-lo pendurado na ponta de uma corda. Tirou uma pistola do bolso do casaco e confirmou se estava carregada, depois pegou no capote e no chapéu. — Regresso pela manhã para ver esse Webster com os meus próprios olhos. Continuação de um bom dia, cavalheiros. — Enfiou o chapéu sobre o cabelo comprido e depois saiu, a caminho de uma carruagem antiga com painéis envernizados e cubos dourados, que aguardava à chuva. Um escravo abriu a porta e desdobrou os degraus do carro.

Alexander deixou escapar o fôlego assim que o velho saiu, quase como se sentisse que uma presença sinistra tinha acabado de deixar a prisão. Depois sacou do revólver e confirmou que os fulminantes estavam bem instalados.

— Ao trabalho — disse a Gillespie. — Ao trabalho! Vamos buscar o senhor Webster! Ao trabalho!

A chuva transformou as estradas que partiam do Forte Monroe em faixas de terra amarela escorregadia. Os carreiros pareciam firmes, mas assim que um cavalo assentava um casco na superfície, a crosta arenosa quebrava-se e expunha um pântano de lama vermelha gelatinosa.

Um grupo de cavaleiros nortistas abandonou a estrada e cavalgou para sul sob o céu carregado e plúmbeo, e uma chuva forte. Estava-se em abril, com as

árvores em flor e os prados de um verde adorável, mas o vento era frio, o que obrigava os cavaleiros a erguer os colarinhos e a puxar os chapéus bem para baixo. O seu comandante, um capitão, olhava à sua volta por entre a chuva, para o caso de a cavalaria inimiga poder aparecer de repente, quais demónios cinzentos a saltar das sombras, mas, para seu alívio, os terrenos pareciam vazios.

Meia hora depois de ter abandonado a estrada, a patrulha deixou o abrigo garantido por alguns pinheiros desolados e avistou as marcas vermelhas da terra revolvida que assinalava a linha de fortificações rebeldes que se estendiam entre Yorktown e Mulberry Island. Os baluartes não eram contínuos, consistindo, isso sim, de fortes de terra com peças pesadas que cobriam as extensões intermédias de prado alagado. O capitão levou a patrulha em direção a sul, parando a espaços de centenas de metros para examinar as construções inimigas com um pequeno telescópio. O coronel fora bem claro ao exigir que todas as patrulhas de cavalaria tentassem determinar se as peças inimigas eram reais ou feitas de madeira, e agora o capitão interrogava-se amargamente como poderia levar a cabo tal investigação.

— Quer subir àquele talude e dar uns toques naquelas bocas-de-fogo, sargento? — perguntou o capitão ao homem que cavalgava a seu lado.

O sargento riu-se e depois desapareceu debaixo do sobretudo para acender um charuto.

— Os canhões parecem-me bem reais, capitão! — gritou um dos homens.

— As peças de Manassas também — replicou o capitão, após o que saltou, sobressaltado, quando um dos canhões distantes disparou. O fumo da boca-de-fogo chegou a trinta metros da canhoneira, envolvendo a língua de fogo no centro da nuvem. O projétil, nitidamente uma bola sólida, ou um dardo de ferro maciço, caiu nas árvores cheias de rebentos verdes logo atrás da patrulha.

— Sacanas — praguejou o sargento, esporeando o cavalo. Nenhum dos patrulheiros ficara ferido, mas a aceleração súbita arrancou uma ovação aos artilheiros rebeldes distantes.

Oitocentos metros mais à frente, o capitão chegou a um pequeno cabeço que se erguia alguns metros acima da paisagem plana e repleta de poças. Liderou os homens até ao cimo da elevação, onde desmontaram e onde o capitão encontrou uma árvore com uma bifurcação bastante conveniente para nela apoiar o tubo do

telescópio. A partir daí tinha um panorama entre dois dos redutos rebeldes, que lhe deixava ver uma extensão de terreno pantanoso onde cresciam jacintos garridos e a retaguarda rebelde, onde descortinou uma estrada por entre alguns pinheiros nas sombras. Viu tropas a marchar pela estrada, ou pelo menos a arrastarem-se com esforço ao longo das bermas do caminho enlameado. Contou-as, companhia a companhia, e apercebeu-se de que observava todo um batalhão rebelde em direção a sul.

— Escute, meu capitão. — O sargento acercara-se do capitão. — Consegue ouvir? — O capitão baixou o colarinho e esforçou-se por distinguir o som de clarins distantes, trazido pelo vento frio. O som era débil e longínquo. Um clarim soava, outro respondia ao chamamento, e agora que o capitão prestava atenção àqueles sons élficos, parecia que toda a paisagem húmida estava repleta de toques. — São muitos, os sacanas — comentou o sargento, com um arrepio, como se o som fantasmagórico pressagiasse um inimigo misterioso.

— Só vimos um batalhão — lembrou o capitão, mas, depois, outra coluna de tropas vestidas de cinzento deixou-se ver na estrada distante. Olhou pelo telescópio e contou mais oito companhias. — Dois batalhões — corrigiu, e ainda mal tinha acabado de falar quando um terceiro regimento fez a sua aparição.

A cavalaria ficou duas horas na elevação e, durante esse tempo, o capitão viu oito regimentos rebeldes em marcha para sul. Um boato esperançoso dizia que os rebeldes só dispunham de vinte batalhões para guardar todas as defesas de Yorktown, mas ali, oito quilómetros a sul da famosa povoação, o oficial nortista vira regimento após regimento a passar à sua frente. A força do inimigo era claramente maior do que o esperado pelos otimistas.

A cavalaria voltou a montar a meio da tarde. O capitão foi o último a deixar o cabeço. Virou-se no último momento e avistou ainda mais um regimento a surgir das árvores longínquas. Não ficou para fazer uma contagem de cabeças, tendo, em vez disso, levado a informação para leste, através dos prados alagados cheios de trevos e passando por entre casas sombrias, onde os habitantes sisudos assistiam à passagem do inimigo.

Todas as patrulhas montadas nortistas regressaram com narrativas idênticas de grandes movimentos de tropas atrás das linhas rebeldes, de unidades escondidas que trocavam sinais com clarins, e de peças de artilharia verdadeiras

em fortificações acabadas de edificar. McClellan ouviu os relatos e sentiu um arrepio.

— Tinha razão — admitiu a Pinkerton. — Vamos enfrentar pelo menos setenta mil homens, talvez cem mil! — O general instalara-se nos aposentos confortáveis do comandante no Forte Monroe, a partir de onde podia observar a mole de navios que trouxera o seu exército para sul, desde Alexandria. Esse exército já estava pronto para entrar em ação e McClellan esperara usá-lo numa incursão repentina em direção a Richmond, uma manobra que quebraria as defesas frágeis instaladas em Yorktown, mas os reconhecimentos do dia feitos pela cavalaria teriam como resultado a ausência de tal avanço. A captura de Yorktown e de Richmond teria de ser feita à moda antiga, de forma esforçada, com armas de cerco e paciência. Os seus cento e vinte e um mil soldados teriam de aguardar enquanto os redutos de cerco eram construídos e as enormes peças de cerco eram arrastadas desde o Forte Monroe ao longo das estradas terríveis. O atraso era uma pena, mas Pinkerton alertara-o para o facto de as defesas rebeldes terem uma ocupação muito mais forte do que todos suporiam, e agora o general dava graças ao chefe do Gabinete de Serviços Secretos pela informação oportuna e correta.

Entretanto, atrás das fortificações rebeldes, o único batalhão de tropas da Geórgia que marchara nove vezes pelo mesmo troço de estrada enlameada, e que regressara nove vezes por entre as árvores antes de voltar a atacar o caminho, tremia ao lusco-fusco e resmungava que tinha desperdiçado tempo. Tinham-se alistado no exército para esmagar os Ianques e não para marchar em círculos enquanto corneteiros espalhados faziam serenatas às árvores vazias. Agora, na mata desolada, acendiam fogueiras e interrogavam-se se a chuva alguma vez iria parar. Sentiam-se solitários, o que não era de admirar, pois num raio de cinco quilómetros não havia qualquer outro batalhão de infantaria. Com efeito, havia apenas treze mil homens espalhados por toda a península encharcada, e eram esses treze mil soldados que teriam de deter o maior exército alguma vez reunido na América. Não surpreendia que os homens da Geórgia tremessem e resmungassem por terem andado o dia inteiro à chuva, a fazer papel de tolos.

Ao crepúsculo, as árvores enchiam-se com os gritos dos pássaros. O som era um tudo-nada diferente do chamamento do mesmo pássaro na Geórgia, mas os

homens que tinham passado o dia a marchar em círculos eram rapazes do campo e sabiam perfeitamente que ave fazia tal estrépito nas árvores do entardecer.

O general Magruder também sabia, e pelo menos ele sorriu ao ouvi-lo, pois passara os últimos dias a tentar enganar os ianques, levando-os a pensar que enfrentavam uma hoste, quando, na verdade, a linha defensiva poucos homens tinha. Magruder passara o dia a marchar com os seus homens, exibindo um espetáculo de força, e agora, à chuva do início da noite, rezava para que o canto daquele pássaro fosse para McClellan e não para ele.

Porque ao lusco-fusco, era o mimo que cantava.

Parecia que nunca mais iria parar de chover. A água escorria pelas sarjetas de Richmond até onde o rio espumava com os resíduos cuspidos pelas fundições, pelas fábricas de tabaco, pelos curtumes e pelos matadouros. As poucas pessoas nas ruas apressavam-se debaixo de guarda-chuvas pretos sombrios. Mesmo sendo meio-dia, os candeeiros estavam acesos na câmara onde o congresso confederado debatia uma medida que deveria encorajar o desenvolvimento de um tipo de salitre sintético para o fabrico de pólvora. As vozes na câmara tinham de se elevar para se sobreporem ao barulho da chuva lá fora. Alguns congressistas escutavam, outros dormiam, e outros ainda beberricavam uísque vendido pelas drogarias como remédio, estando assim isento da proibição imposta pela cidade ao álcool. Um ou dois congressistas receavam que a aproximação do exército ianque de Yorktown tornasse fúteis todas as discussões, mas ninguém se atrevia a dar voz a tais pensamentos. Havia muito derrotismo no ar nos últimos tempos, e os motivos para tal eram mais que muitos; demasiado fortes costeiros capturados pela Marinha dos Estados Unidos e demasiados indícios de que a Confederação estava cercada por um inimigo implacável.

Sally Truslow, de braço dado com Nate Starbuck, não estava preocupada com os ianques a cento e setenta quilómetros dali, nem com a chuva. Sally estava extasiada com a ideia de tomar chá numa casa respeitável, e por isso mesmo aperaltara-se com um vestido preto de colarinho alto, mangas compridas e com uma saia tufada com meras duas combinações. Abdicara de quaisquer cosméticos, salvo uma pincelada de pó de arroz e um toque de preto nos olhos.

Sally e Starbuck percorreram Franklin Street, meio protegidos pelo guarda-chuva que Starbuck empunhava, e depois abrigaram-se na entrada de uma

padaria na esquina com a Second Street, até que o transporte público puxado por cavalos se deixou ver. Subiram e pagaram o bilhete até ao Cemitério de Shockoe.

— Será que vão ao hospital com este tempo? — interrogou-se Sally. Apertou-se contra Starbuck no carro húmido e apinhado, espreitando a chuva através do vidro imundo.

— O mau tempo não impede as boas ações — comentou Starbuck friamente. Não estava particularmente satisfeito com a tarde, nem com o serão, pois nem a companhia animada de Sally o poderia fazer ver outra vez com bons olhos o mundo que julgara ter deixado ficar em Boston. No entanto, não era capaz de negar aquela felicidade a Sally, pelo que decidira suportar qualquer desconforto trazido pelo dia, mesmo sem entender por que motivo a jovem ficara tão satisfeita quando o convite de Adam lhe chegara.

Sally também não o sabia, embora compreendesse que os Gordons eram uma família e se apercebesse vagamente de que em toda a vida nunca fizera parte de uma família, pelo menos de uma que fosse vulgar, simples e banal. Fora a filha de um ladrão de cavalos e sua mulher, dois fugitivos que cultivavam um terreno agreste nas montanhas. Agora era uma prostituta e arguta a ponto de saber que poderia chegar tão alto quanto qualquer ambição, caso compreendesse o verdadeiro valor dos serviços que prestava. Contudo, sabia também que nunca poderia ter a satisfação de pertencer a alguém que fosse simples, vulgar e direto. Sally, ao contrário de Starbuck, defendia o conceito sentimental de que o banal era a recompensa do êxito. Ela crescera marginal e ansiava a respeitabilidade, enquanto Starbuck crescera respeitável e se regozijava por ser um rebelde.

Julia e a senhora Gordon receberam-nos no estreito corredor onde mal havia espaço para despir o capote e o casaco molhados e pendurá-los no bengaleiro com espelho em torno do qual Sally e Starbuck tiveram de passar para entrar na sala. O dia primaveril estava frio o suficiente para justificar o fogo na pequena lareira de ferro fundido, embora o monte de brasas incandescentes fosse tão pequeno que mal ultrapassava o guarda-fogo de ferro. O soalho encontrava-se coberto com tiras de lona de algodão, que fazia as vezes de carpete dos pobres, mas tudo estava imaculadamente limpo, cheirando a lixívia e a polidor, dando a entender a Starbuck o motivo por que Adam se sentiria atraído por uma filha daquela casa que sugeria uma pobreza honesta e valores simples. Adam estava

ao lado de um piano, um segundo jovem estava de pé junto à janela, e o reverendo John Gordon, o missionário, aquecia-se à frente do pequeno lume de carvão fumegante.

— Menina Royall! — cumprimentou ele Sally, embora tivesse a boca cheia de bolo. — Queira desculpar-me, minha querida. — Limpou uma mão às abas da sobrecasaca, pousou a chávena e o pires na prateleira, e por fim ofereceu a mão, num gesto de boas-vindas. — É um prazer conhecê-la.

— Reverendo — disse Sally, fazendo uma vénia desajeitada em vez de apertar a mão estendida. Na sua casa sabia como cumprimentar generais e senadores, podia provocar os mais destacados médicos da cidade e desprezar os chistes dos advogados, mas ali, confrontada com a respeitabilidade, perdia toda e qualquer segurança.

— É um prazer conhecê-la — repetiu o reverendo John Gordon com o que parecia uma afabilidade genuína. — Julgo que já conhece o major Faulconer? Permita-me então que lhe apresente o senhor Caleb Samworth. Esta é a menina Victoria Royall. — Sally sorriu, fez nova vénia e depois afastou-se para abrir espaço para Starbuck, a senhora Gordon e Julia. Procedeu-se a mais apresentações, e depois uma criada pálida e tímida trouxe outra bandeja de chávenas, começando a senhora Gordon a atarefar-se com o bule e o coador. Todos concordaram que o tempo estava horrível, a pior primavera de que havia memória em Richmond, e ninguém referiu o exército nortista que se encontrava algures no flanco oriental da cidade.

O reverendo John Gordon era um homem baixo e magro, com um rosto muito rosado e o couro cabeludo orlado com cabelo branco fino. Tinha um queixo frágil, que outro homem poderia ter disfarçado com barba, mas o missionário estava escanhado, o que sugeria que a esposa não gostava de barbas. Com efeito, o missionário parecia pequeno e indefeso, ao passo que a senhora Gordon aparentava ser uma mulher formidável, pelo que Starbuck concluiu que seria ela, e não ele, a governar aquele galinheiro deliberadamente apertado. A senhora Gordon distribuiu o chá e perguntou pela saúde da tia da menina Royall. Sally respondeu que a tia não estava nem melhor nem pior, e o assunto da enfermidade da tia ficou por aí, para grande alívio da jovem.

A senhora Gordon explicou a presença de Caleb Samworth, revelando que o senhor era o dono de uma carroça em que todos se deslocariam até ao Hospital

de Chimborazo. Samworth sorriu à referência do seu nome e depois fitou Sally como um homem sedento poderia olhar para um ribeiro distante, mas inalcançável, de água fresca. A carruagem, titubeou ele, pertencia ao pai.

— Talvez já tenha ouvido falar de nós? Samworth e Filho, Embalsamadores e Cangalheiros?

— Infelizmente, não — respondeu Starbuck.

Adam e o fraco Samworth convidaram Sally a sentar-se com eles à janela. Adam desviou um grande monte de sacos de tecido vazios que as senhoras da casa, à semelhança de quase todas as senhoras de Richmond, cosiam com quaisquer restos de materiais que pudessem dispensar. Os sacos estavam a ser levados para as novas fortificações da Avó Lee, onde seriam cheios com areia, embora ninguém soubesse até que ponto tais muralhas poderiam vir a ser úteis contra a horda nortista que avançava desde o Forte Monroe.

— Sente-se aqui, senhor Starbuck — indicou o reverendo John Gordon, puxando uma cadeira para junto da sua, após o que deu início a um longo lamento sobre os problemas trazidos pela secessão à Sociedade Americana para a Propagação do Evangelho aos Pobres. — Bem vê, a nossa sede fica em Boston.

— O senhor Starbuck sabe muito bem onde fica a sede da Sociedade, Gordon — interveio a senhora Gordon a partir do seu trono, atrás da bandeja do chá. — Ele é bostoniano. Ainda por cima, o pai dele é um dos curadores da Sociedade, não é verdade, senhor Starbuck?

— Com efeito — confirmou Starbuck.

— Um dos curadores — acrescentou enfaticamente a senhora Gordon — que reduziu os honorários dos missionários ao longo de muitos anos.

— Mãe — admoestou timidamente o reverendo John Gordon.

— Não, Gordon! — A senhora Gordon não se deixaria silenciar. — Enquanto Deus me der língua para falar, é isso que farei. Uma das bênçãos da secessão do Sul foi a nossa libertação dos curadores nortistas! Deus assim o quis, claramente.

— Há nove meses que não temos notícias da sede! — explicou o reverendo John Gordon a Starbuck, num tom preocupado. — Felizmente, as despesas da missão são cobertas a nível local, louvado seja Deus, mas é preocupante, senhor Starbuck, deveras preocupante. Há contas em falta, relatórios por concluir e visitas por fazer. É muito irregular!

— É uma grande providência, Gordon — corrigiu a senhora Gordon o marido.

— Rezemos para que seja, mãe, rezemos para que seja. — O reverendo John Gordon suspirou e deu uma dentada na fatia do bolo seco e farinhento. — Quer dizer que o seu pai é o reverendo Elial Starbuck?

— É, sim, senhor. — Starbuck deu um gole de chá e conseguiu impedir-se de fazer uma careta ao sentir o sabor amargo.

— Um excelente homem de Deus — comentou Gordon num tom sorumbático. — Muito forte no Senhor.

— Mas cego às necessidades dos missionários da Sociedade! — observou causticamente a senhora Gordon.

— Vai perdoar-me, mas parece-me estranho que o senhor Starbuck esteja a usar uma farda sulista — adiantou timidamente o reverendo John Gordon.

— Tenho a certeza que o senhor Starbuck está a fazer o trabalho do Senhor, Gordon. — A senhora Gordon, que considerara a lealdade de Starbuck igualmente inexplicável quando o conhecera à porta da loja de Bíblias, decidira agora defender o convidado da curiosidade mais calma do marido.

— Claro, claro — apressou-se o missionário a concordar. — Mesmo assim, é trágico.

— O que será trágico, reverendo? — quis saber Starbuck.

O reverendo John Gordon agitou a mão num gesto impotente.

— Famílias divididas, uma nação dividida. É tão triste.

— Não seria triste se o Norte se limitasse a retirar as tropas e nos permitisse viver em paz — opinou a senhora Gordon. — Não concorda, menina Royall?

Sally sorriu e aquiesceu.

— Sim, minha senhora.

— Eles não vão retirar — asseverou Adam, sombriamente.

— Nesse caso teremos de dar cabo deles — adiantou Sally, irrefletidamente.

— Estava a pensar — Julia tocou uma nota estridente no piano para dissipar a surpresa repentina que preencheu a sala na sequência das palavras de Sally — que talvez esta noite não devêssemos usar hinos tão lamentosos, pai.

— É verdade, minha querida, é verdade — disse o pai da jovem. Explicou a Sally e a Starbuck que iniciava os serviços no hospital com uma seleção de hinos e uma oração, e depois um dos elementos do grupo fazia uma leitura da

palavra de Deus. — Talvez a menina Royall gostasse de ler as Escrituras? — sugeriu.

— Oh, não, reverendo. — Sally, consciente de que já cometera uma gafe, corou ao recusar a oferta. Estava a aprender a ler e no último ano fizera tais progressos que já abria um livro por prazer, mas não acreditava na sua competência para ler em voz alta.

— Já foi salva, menina Royall? — perguntou a senhora Gordon, desconfiada, enquanto mirava a convidada.

— Salva, minha senhora?

— Foi lavada no sangue do Cordeiro? Aceitou Jesus no seu coração? Imagino que a sua tia a tenha apresentado ao nosso Salvador?

— Sim, minha senhora — respondeu Sally timidamente, sem fazer ideia daquilo a que a senhora Gordon se referia.

— Terei todo o prazer em ler para si — interveio Starbuck, dirigindo-se ao reverendo John Gordon.

— O senhor Samworth lê muito bem as Escrituras — disse a senhora Gordon.

— Talvez nos possas ler a palavra de Deus, Caleb — pediu o reverendo John Gordon —, e depois disso — voltou a dirigir-se aos convidados para explicar o formato do serviço — teremos um momento de oração e testemunho. Encorajo os homens a testemunhar o poder da graça salvadora de Deus nas suas vidas, após o que cantamos mais um hino e teço alguns comentários, antes de concluirmos com um derradeiro hino e uma bênção. Depois concedemos algum tempo aos pacientes para uma conversa privada, ou para uma oração. Às vezes precisam que lhes escrevamos cartas. Acredito que a vossa ajuda — sorriu, primeiro a Sally e depois a Starbuck — será bastante apreciada.

— E vamos precisar de ajuda a distribuir os hinários — acrescentou a senhora Gordon.

— Será um prazer — garantiu Sally, num tom afável. Para surpresa de Starbuck, ela parecia mesmo estar a divertir-se, pois quando a conversa voltou a entrar em campos mais gerais, as gargalhadas da jovem encheram por várias vezes a pequena sala. A senhora Gordon franziu o cenho ao som, mas Julia estava claramente a apreciar a companhia de Sally.

Às cinco horas, a criada lívida recolheu as bandejas do chá e, depois, o reverendo John Gordon fez uma oração em que suplicava a Deus Todo-Poderoso

que abençoasse a veneração daquela tarde. Caleb Samworth foi então buscar a carruagem, que estava estacionada num pátio ali perto, em Charity Street. O carro estava pintado de preto e tinha uma cobertura de lona preta sustentada por arcos. Dois bancos a todo o comprimento da carroça ladeavam um par de carris de aço brilhantes, fixos ao centro.

— É ali que põem o caixão? — perguntou Sally quando Caleb a ajudou a subir os degraus incorporados no espaldar aberto.

— É verdade, menina Royall — confirmou.

Sally e Julia partilharam um banco com Adam, Starbuck sentou-se com o reverendo e com a senhora Gordon, enquanto Caleb Samworth se empoleirava na boleia, embrulhado numa capa de oleado. O carro funerário precisou de vinte minutos para chegar à colina onde os recentes barracões do hospital se distribuíam sobre a relva do Parque de Chimborazo. Estava a anoitecer e a débil luz amarelada dos candeeiros podia ver-se em dezenas de janelas minúsculas. Uma leve nuvem de fumo de carvão pairava à chuva sobre os telhados alcatroados dos barracões. O grupo de missionários desceu à porta da ala escolhida para o serviço daquela noite, após o que Caleb e Adam levaram a carroça para ir buscar o harmónio do hospital, enquanto Julia e Sally distribuíam exemplares do hinário da missão.

Starbuck acompanhou Adam.

— Preciso de te dar uma palavrinha em particular — confidenciou ao amigo enquanto o carro do cangalheiro saltava pelo terreno molhado. — Falaste com o teu pai?

— Não tive oportunidade — respondeu Adam. Não olhou para Starbuck, fitando antes a noite húmida.

— Só quero voltar à minha companhia! — implorou Starbuck.

— Eu sei.

— Adam!

— Vou tentar! Mas é difícil. Tenho de escolher o momento correto. Sabes bem que o meu pai fica melindrado com facilidade. — Adam abanou a cabeça. — Porque é que tens tanta vontade de combater? Porque é que não esperas aqui que a guerra termine?

— Porque sou um soldado.

— És um tolo, queres tu dizer — corrigiu Adam, com um toque de exasperação. A carroça deu então um solavanco e parou, marcando a altura de levar o harmónio para a ala.

Havia sessenta enfermos no barracão de madeira. Vinte catres estavam dispostos contra cada longa parede, enquanto outros vinte ocupavam o centro da cabana, em duas filas. Um fogão bojudo tinha uma posição central, com a chapa quente repleta de cafeteiras. A mesa da enfermeira foi chegada para o lado para dar espaço ao harmónio. Julia deu aos pedais atapetados e depois tocou alguns acordes esganiçados, como se estivesse a limpar as teias de aranha do instrumento.

O reverendo e a senhora Gordon percorreram as camas apertando mãos e distribuindo palavras reconfortantes. Sally imitou-os e Starbuck reparou que a presença da jovem animava os feridos. O seu riso encheu o barracão de alegria e Starbuck pensou que nunca vira Sally tão feliz. Havia baldes de água espalhados pela ala para que os pensos dos pacientes fossem mantidos humedecidos e Sally encontrou uma esponja com a qual humedeceu gentilmente as gazes cobertas de manchas escuras. A ala fedia a carne em decomposição e a dejetos humanos. Mesmo com o fogão, o espaço estava frio e húmido, e a meia dúzia de candeeiros pendurados nas vigas de madeira tosca pouco ajudava a dissipar a escuridão. Alguns dos homens estavam inconscientes, a maioria encontrava-se febril, poucos mostravam ferimentos de guerra.

— Só quando os combates a sério recomeçarem — disse a Starbuck um sargento que perdera um braço —, é que vamos ver os feridos a chegar. — O sargento viera assistir ao serviço com uma vintena de outros pacientes de barracões vizinhos, trazendo com eles cadeiras e mais candeeiros. O sargento ficara ferido durante um acidente ferroviário. — Caí nos carris — contou a Starbuck — quando estava bêbado. A culpa foi minha. — Olhou para Sally com um ar de aprovação. — Ali está uma jovem de beleza rara, capitão, uma rapariga que faz com que a vida de um homem valha a pena.

O som dos hinos atraiu ainda mais pacientes àquela ala, a par de alguns oficiais ilesos que estavam de visita a amigos e que agora enchiam o fundo do barracão. Alguns dos feridos eram ianques, mas todas as vozes acompanharam a melodia, enchendo o espaço com uma camaradagem sentimental que fez com que Starbuck anelasse subitamente pela companhia dos seus soldados. Só um

homem parecia intocado pelos cânticos; uma criatura barbada, pálida e escanzelada que estivera a dormir, mas que subitamente acordou e começou a gritar de terror. As vozes calaram-se. Sally acercou-se do homem, puxou-lhe a cabeça para os seus braços e afagou-lhe a face, e Starbuck viu as mãos agitadas do homem acalmarem-se sobre o cobertor cinzento puído que lhe tapava o catre.

O homem escanzelado manteve-se em silêncio enquanto as vozes continuaram a cantar. Starbuck observou Julia ao harmónio e depois, de repente, sentiu a sua antiga fé a arrebatá-lo. Talvez fosse a luz amarelada, ou o rosto dos feridos, com uma expressão de patética satisfação por lhes terem levado a palavra de Deus, ou talvez fosse a beleza discreta de Julia, mas, de súbito, Starbuck sentiu-se assolado pela culpa do pecador ao ouvir o reverendo John Gordon a rezar para que a bênção de Deus estivesse com aquelas almas feridas. O missionário relevou modos gentis e eficazes, que pareceram mais adequados do que a divagação poderosa de que o pai de Starbuck se teria servido. A Escritura era o capítulo doze de Eclesiastes, que Samworth leu com uma voz aguda e nervosa. Starbuck seguiu a passagem na Bíblia do irmão, que Adam lhe enviara a par do convite para o chá.

As palavras da Escritura penetraram a alma de Starbuck. “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua juventude,” começava a passagem e, à margem, James escrevera na sua letra minúscula: “Será mais fácil ser cristão mais à frente na vida? Os anos trazem sabedoria? Reza pela graça agora,” e Starbuck sabia que caíra em desgraça, que era um pecador, que os portões do Inferno estavam tão escancarados como as mandíbulas flamejantes das fornalhas junto ao rio de Richmond. Sentiu o terror de um pecador cara a cara com Deus. — “Então, o homem encaminha-se para a sua casa da eternidade” — leu Samworth — “e as carpideiras percorrem as ruas. Antes que se rompa o cordão de prata e se quebre a bacia de ouro; antes que se parta a bilha na fonte, e se desenrole a roldana sobre a cisterna” — e as palavras encheram Starbuck com a súbita premonição de que teria uma morte prematura: esquartejado por um tiro ianque, esventrado por uma granada vingativa e justa, um pecador atirado para a sua casa flamejante da eternidade.

Não ouviu grande parte do sermão, nem muitos dos testemunhos em que os feridos louvavam o Senhor pela bênção que Deus dera às suas vidas. Em vez disso, Starbuck deixou-se afundar no poço do remorso. Decidiu que depois do

serviço iria falar com o reverendo John Gordon. Apresentaria os seus pecados perante Deus e, com a ajuda do missionário, tentaria fazer regressar a alma ao seu devido lugar. Mas como poderia regressar ao seu devido lugar? Tivera uma altercação com Ethan Ridley por causa de Sally, e matara Ethan Ridley como consequência da altercação, e esse único gesto seria mais do que suficiente para lhe condenar a alma a uma eternidade de fogo. Dissera para consigo que a morte fora em defesa própria, mas a consciência sabia que fora um homicídio. Starbuck reprimiu as lágrimas. Tudo era vaidade, mas de que valeria a vaidade face à condenação eterna?

Já passava das oito da noite quando o reverendo John Gordon deu a sua bênção aos pacientes e depois o missionário foi de cama em cama, rezando e oferecendo palavras de encorajamento. Os feridos aparentavam ser tão jovens que até para Starbuck pareciam meros rapazes.

Um dos principais cirurgiões do hospital chegou, ainda de avental ensanguentado, para agradecer ao reverendo John Gordon. Estava acompanhado por um clérigo, o reverendo doutor Peterkin, capelão honorário do hospital, bem como um dos ministros mais conhecidos da cidade. O sacerdote reconheceu Adam e foi falar com ele, enquanto Julia, depois de guardar as pautas, se dirigiu a Starbuck.

— O que achou do nosso modesto serviço, senhor Starbuck?

— Fiquei comovida, menina Gordon.

— O pai é bom, não é? A sinceridade dele brilha. — Ficou preocupada com a expressão de Starbuck, confundindo a culpa que ele sentia enquanto pecador com uma possível repulsa pelos horrores da ala. — Isto fá-lo pensar duas vezes em ser soldado? — indagou Julia.

— Não sei. Não tinha pensado nisso. — Olhou para Sally, que se ocupava agora do homem esfarrapado e assustado que lhe agarrava as mãos, como se apenas ela o pudesse manter vivo. — Os soldados nunca pensam que podem vir a acabar num sítio destes.

— Ou pior — acrescentou Julia, num tom seco. — Temos aqui alas para os moribundos, para os homens que já não podem ser ajudados. Mas eu gostava de os ajudar. — As palavras saíram-lhe melancólicas.

— Acredito que sim — asseverou Starbuck, galante.

— Não me refiro às visitas e aos hinos, senhor Starbuck, falo de me ocupar como enfermeira. Mas a mãe nem quer ouvir falar nisso. Diz que vou acabar por apanhar uma febre, ou pior. E o Adam também não o permitiria. Quer proteger-me da guerra. Sabe que ele não concorda com a guerra?

— Eu sei — respondeu Starbuck, após o que olhou para Julia. — E a menina Gordon?

— Não há aqui nada que mereça ser apoiado — adiantou Julia. — Mas confesso que sou demasiado orgulhosa para querer que o Norte triunfe. Por isso talvez seja uma agitadora. É isso que leva os homens a lutar? Mero orgulho?

— Mero orgulho — admitiu Starbuck. — No campo de batalha queremos provas de que somos melhores do que o outro lado. — Recordou o prazer de investir contra o flanco aberto dos ianques em Ball's Bluff, o pânico nas fileiras azuis, os gritos quando o inimigo caía cumeada abaixo até ao rio ensanguentado e fustigado pelas balas. Depois sentiu-se culpado pelo prazer que a memória lhe provocava. Tinha a certeza que os portões do Inferno se iriam escancarar bastante para ele.

— Senhor Starbuck? — chamou Julia, preocupada com o horror que a sua expressão exibia, mas antes que ele pudesse responder, e antes que Julia pudesse dizer mais alguma coisa, Sally cruzou apressadamente a ala e agarrou-se ao cotovelo de Starbuck.

— Leva-me daqui, por favor. — Falava com uma voz baixa e cheia de urgência.

— Sal... — Starbuck calou-se, recordando que Julia conhecia Sally como sendo Victoria. — O que foi?

— Aquele homem — limitou-se a murmurar Sally, sem se dar ao trabalho de indicar a pessoa a quem se referia — reconheceu-me. Por favor, Nate. Leva-me daqui.

— Tenho a certeza que isso não importa — garantiu Starbuck baixinho.

— Por favor! — sibilou Sally. — Tira-me daqui!

— Posso ajudar? — perguntou Julia, intrigada.

— Acho que é melhor irmos embora — indicou Starbuck, embora tivessem como problema o facto de o capote de Sally e o casaco de Starbuck estarem ao fundo do barracão onde se encontrava o cirurgião de avental ensanguentado. Fora ele que reconhecera Sally e falara com o reverendo doutor Peterkin que,

por sua vez, se dirigia agora à senhora Gordon. — Vamos — disse Starbuck, puxando pela mão de Sally. Estava disposto a abandonar a roupa, mesmo que lamentasse ficar sem o belo sobretudo cinzento que pertencera a Oliver Wendell Holmes. — Com a sua licença — dirigiu-se a Julia, ao passar pela jovem.

— Senhor Starbuck! — chamou autoritariamente a senhora Gordon. — Menina Royall!

— Ignora-a — aconselhou Starbuck.

— Menina Royall! Venha cá! — voltou a chamar a senhora Gordon, e Sally, ferida pelo tom, voltou-se para a mulher. Adam apressou-se a percorrer a ala, para ver o que se passava, enquanto o reverendo John Gordon levantava o olhar do sítio onde estava, ajoelhado ao lado do catre de um soldado febril.

— Falo consigo lá fora — declarou a senhora Gordon, e encaminhou-se para o pequeno alpendre onde, quando o tempo o permitia, os pacientes podiam apanhar ar, abrigados pelo telhado inclinado.

Sally agarrou no capote. O cirurgião ostentou um sorriso pretensioso e fez-lhe uma vénia.

— Filho da mãe — silvou-lhe Sally. Starbuck apoderou-se do sobretudo e saiu para o alpendre.

— Nem tenho palavras — atirou a senhora Gordon ao juntar-se a Sally e a Starbuck nas trevas chuvosas.

— Queria falar comigo? — confrontou-a Sally.

— Nem acredito nisto vindo de si, senhor Starbuck. — A senhora Gordon ignorou o desafio de Sally, olhando antes para Starbuck. — Como pôde o senhor, criado numa casa temente a Deus, ter o desprazer de trazer uma mulher como esta para dentro da minha casa.

— Uma mulher como o quê? — exigiu Sally. O reverendo John Gordon também saíra para o alpendre e, obedecendo a uma ordem brusca da esposa, fechou a porta, mas só depois de Adam e Julia se terem juntado ao grupo no pequeno alpendre.

— Vais lá para dentro, Julia — insistiu a mãe.

— Deixe-a ficar! — contrapôs Sally. — Uma mulher como o quê?

— Julia! — A senhora Gordon lançou um olhar furioso à filha.

— Mãe, querida — disse o reverendo John Gordon —, terias a gentileza de nos explicar o que se passa?

— O doutor Peterkin — disse a senhora Gordon, num tom indignado — acabou de me informar que esta, esta, mulher é uma... — Fez uma pausa, incapaz de pensar numa palavra decente que pudesse usar à frente da filha. — Julia! Já lá para dentro!

— Minha querida! — tentou acalmá-la o reverendo John Gordon. — O que é que ela é?

— Uma Madalena! — A senhora Gordon gritou a palavra.

— Ela quer dizer que sou uma puta, reverendo — traduziu Sally, com amargura.

— E o senhor trouxe-a para a minha casa! — guinchou a senhora Gordon na direção de Starbuck.

— Senhora — começou Starbuck a dizer, mas não foi capaz de interromper a tirada que agora lhe era cuspidada, com a mesma força com que a chuva tamborilava no telhado de pano alcatroado do alpendre. A senhora Gordon interrogava-se se o reverendo Elial Starbuck teria noção da iniquidade em que o filho mergulhara, e da distância a que se encontrava da graça de Deus, e do pecado em que viviam os companheiros por ele escolhidos. — Ela é uma mulher desgraçada! — gritou a senhora Gordon. — E o senhor trouxe-a para a minha casa!

— Nosso Senhor conviveu com pecadores — lembrou debilmente o reverendo John Gordon.

— Mas não lhes serviu chá! — A senhora Gordon não estava ao alcance de qualquer argumentação. Dirigiu-se a Adam. — E quanto a si, senhor Faulconer, fico chocada com as suas amizades. Não há outro termo. Estou chocada.

Adam olhou para Starbuck, cheio de remorsos.

— É verdade?

— A Sally é minha amiga — ofereceu Starbuck. — Uma boa amiga. Orgulhe-me de a conhecer.

— Sally Truslow! — exclamou Adam, quando a identidade da menina Royall finalmente lhe assomou à memória.

— Está a querer dizer que conhece esta mulher? — indagou a senhora Gordon.

— Ele não me conhece — disse Sally, fatigada.

— Sou obrigada a pôr em causa a sua adequação enquanto companheiro para a minha filha, senhor Faulconer. — A senhora Gordon insistiu na sua vantagem sobre Adam. — Esta noite foi uma bênção de Deus. Talvez a sua verdadeira natureza se tenha revelado!

— Eu disse que ele não me conhece! — reiterou Sally.

— Conhece-la? — perguntou a Adam o reverendo John Gordon.

Adam encolheu os ombros.

— O pai dela chegou a ser rendeiro da minha família. Há muito tempo. Tirando isso, não a conheço.

— Mas conhece o senhor Starbuck. — A senhora Gordon ainda não conseguira arrancar remorsos a Adam. — Está a dizer-me que aprova a companhia que ele mantém?

Adam olhou para o amigo.

— Tenho a certeza que o Nate não tinha conhecimento da verdadeira natureza da menina Truslow.

— Tinha, sim — admitiu Starbuck — e, tal como já disse, ela é minha amiga. — Passou o braço sobre o ombro de Sally.

— E aprova a escolha de companhias do seu amigo? — quis saber a senhora Gordon. — E então, senhor Faulconer? Pois eu não posso deixar que a minha filha se una, mesmo que respeitavelmente, a um homem que tenha associações com amigos de mulheres da vida.

— Não — respondeu Adam —, não aprovo.

— És tal e qual o teu pai — acusou-o Sally. — Podre até ao fundo. Se os Faulconers não tivessem dinheiro, seriam mais reles do que os cães. — Libertou-se do braço de Starbuck e correu para a chuva.

Starbuck virou-se para seguir Sally, mas foi interrompido pela senhora Gordon.

— Está a fazer a sua escolha! — alertou-o. — Nesta noite vai decidir entre Deus e o Diabo, senhor Starbuck!

— Nate! — Adam juntou a sua voz ao aviso da senhora Gordon. — Deixa-a ir.

— Porquê? Por ela ser uma prostituta? — Starbuck sentiu a fúria a crescer no seu âmago, uma onda imunda de ódio por aqueles pedantes hipócritas. — Já te disse, Adam, ela é minha amiga, e nós não abandonamos os amigos. Raios os partam a todos. — Correu atrás de Sally, alcançando-a no extremo dos

barracões, onde a encosta enlameada do Parque de Chimborazo descia abruptamente até ao Bloody Run, onde se situava o campo de duelos da cidade, ao lado de um ribeiro. — Sinto muito — lamentou-se a Sally, voltando a dar-lhe o braço.

A jovem fungou. A chuva deixara-lhe o cabelo molhado e desgrenhado. Estava a chorar e Starbuck puxou-a para junto do seu corpo, tapando-a com o forro escarlata do sobretudo. A chuva fustigava-lhe o rosto.

— Tinhas razão — admitiu Sally, com a voz abafada. — Não devíamos ter vindo.

— Eles não se deviam ter comportado daquela maneira — admoestou Starbuck.

Sally chorava baixinho.

— Às vezes só queria ser normal. — Conseguiu falar por entre as lágrimas. — Só quero uma casa, e bebés, e um tapete no chão e uma macieira. Não quero viver como o meu pai, nem quero ser aquilo que sou agora. Para sempre, não. Só quero ser normal. Sabes o que eu quero dizer, Nate? — Sally olhou-o, com o rosto iluminado pelos fogos das fundições que ardiam noite e dia ao lado do rio, no outro lado do regato.

Ele afagou-lhe o rosto molhado.

— Sei sim — asseverou.

— Não queres ser vulgar? — perguntou Sally.

— Às vezes, sim.

— Cristo — blasfemou Sally. Separou-se de Starbuck, esfregou o nariz e afastou o cabelo molhado da testa. — Pensei que ao acabar a guerra teria dinheiro suficiente para comprar uma loja pequena. Nada de especial, Nate. De tecidos, se calhar? Estou a juntar dinheiro, sabes, para ser vulgar. Ninguém em especial. Deixar de ser Royall, passar a ser comum. Mas o meu pai tem razão — admitiu ela, sem qualquer vestígio de rancor —, há dois tipos de pessoas neste mundo. Há cordeiros e lobos, Nate, cordeiros e lobos, e não podemos mudar a nossa natureza. — Apontou o polegar com desprezo na direção dos barracões do hospital. — Incluindo o teu amigo. É tal e qual o pai. Tem medo de mulheres. — Era uma crítica fulminante.

Starbuck voltou a abraçá-la com força e olhou por entre as sombras do Bloody Run, onde os fogos das fundições lançavam os seus reflexos tremeluzentes no

rio trespassado pela chuva. Até àquele momento ainda não compreendera quão sozinho se encontrava no mundo, um marginal, um lobo que corria sozinho. Sally era como ele, rejeitada pela sociedade polida, pois no seu desespero para fugir e obter a independência, ela quebrara as regras, algo pelo qual nunca a perdoariam, tal como Starbuck nunca teria perdão. O que significava que teria de prosseguir sozinho, iria cuspir em todas aquelas pessoas por o rejeitarem, e faria isso tornando-se o melhor soldado possível. Sempre soubera que a sua salvação no Sul residia no exército, pois aí ninguém o julgava, conquanto se revelasse um guerreiro.

— Sabes que mais, Nate? — comentou Sally. — Cheguei a pensar que aqui talvez tivesse uma oportunidade. Uma oportunidade a sério, sabes? Talvez pudesse ser boa. — Proferiu a última palavra com fervor. — Mas não me querem no mundo deles, pois não?

— Não precisas da aprovação deles para seres uma boa pessoa, Sally.

— Já não me importo. Um dia hei de ter as pessoas como eles a suplicarem-me para pisar os meus tapetes, tu vais ver.

Starbuck sorriu na escuridão. Eram uma prostituta e um soldado fracassado a declarar guerra ao mundo. Parou e beijou a face molhada de Sally.

— Tenho de te levar para casa — indicou.

— Para o teu quarto — esclareceu Sally. — Não me apetece trabalhar.

Abaixo deles, um comboio deixava a cidade, com a luz da fornalha a lançar um brilho lúgubre ao longo da erva húmida que ladeava o regato. A locomotiva puxava vagões de munições com destino à península onde uma fina linha de rebeldes representavam para manter uma horda afastada.

Starbuck acompanhou Sally a casa e depois levou-a para a sua cama. Ele era um pecador e, afinal de contas, aquela não era uma noite para contrições.

Sally deixou Starbuck pouco depois da uma da manhã, pelo que o jovem estava sozinho quando os soldados chegaram. Dormia profundamente e o primeiro sinal que teve da incursão foi o estrondo da porta exterior do estábulo a ser arrombada. Não havia luz no quarto. Procurou o revólver às apalpadelas enquanto nas escadas os passos iam ressoando, e tinha acabado de sacar a arma de punho de marfim do coldre quando a porta se escancarou e o pequeno quarto húmido foi inundado pelo brilho intenso da luz de uma lanterna.

— Larga a arma, rapaz! Larga-a! — Os homens estavam todos fardados e empunhavam espingardas com baionetas caladas. Em Richmond, uma baioneta calada era a marca dos “desordeiros”, um destacamento da polícia marcial do general Winder, e Starbuck, sensatamente, deixou cair o revólver de volta ao chão. — Chamas-te Starbuck? — perguntava agora o mesmo homem que lhe ordenara que largasse a arma.

— Quem é você? — Starbuck protegeu os olhos com a mão. No quarto encontravam-se agora três lanternas e o que parecia um pelotão inteiro de soldados.

— Responde à pergunta! — bradou a voz. — Chamas-te Starbuck?

— Sim.

— Levem-no! Depressa!

— Pelo amor de Deus, pelo menos deixem-me vestir!

— Depressa, rapazes!

Dois homens agarraram Starbuck, arrastaram-no nu da cama e empurraram-no com violência contra a parede de estuque a escamar.

— Envolvam-no com um cobertor, rapazes. Não queremos assustar os cavalos. Algeme-o primeiro, cabo! — Os olhos de Starbuck já se tinham adaptado à luz e pôde ver que o comandante era um capitão de peito largo e barba castanha.

— Mas que raios... — começou Starbuck a protestar quando o cabo se aproximou com correntes e argolas para os pulsos, mas o soldado que prendia Starbuck empurrou-o ainda com mais força contra a parede.

— Silêncio! — vociferou o capitão. — Levem tudo, rapazes, tudo! Fico com essa garrafa como prova, Perkins, obrigado. Quero que guardem todos os papéis como deve ser; fica à sua responsabilidade, sargento. E essa garrafa também, Perkins, dê-ma cá. — O capitão guardou as garrafas de uísque nos bolsos largos da farda e depois abriu caminho escadas abaixo. Starbuck, de pulsos manietados e corpo enrolado num cobertor cinzento áspero, cambaleou atrás do capitão pela cocheira vazia, saindo para a Sixth Street, onde uma carruagem preta puxada por quatro cavalos esperava, à luz dos candeeiros públicos. Continuava a chover e a respiração dos cavalos fumegava à luz dada pelo gás. Um relógio de igreja bateu as quatro da madrugada e ouviu-se o estrépito de uma das janelas das traseiras da casa principal a ser aberta.

— O que se passa? — gritou uma voz de mulher. Starbuck pensou que pudesse tratar-se de Sally, mas não tinha a certeza.

— Nada, ‘nha senhora! Volte para a cama! — respondeu o capitão, após o que empurrou Starbuck pelos degraus da carruagem. O jovem foi seguido pelo capitão e por três soldados. O resto do grupo continuava a revistar os aposentos de Starbuck.

— Para onde vamos? — quis saber Starbuck quando a carruagem se afastou do passeio.

— És prisioneiro da Guarda Militar — respondeu o capitão com toda a formalidade. — Só falas quando falarem contigo.

— Neste momento está a falar comigo — lembrou Starbuck —, por isso, para onde me levam?

Estava escuro na carruagem, pelo que Starbuck não viu o punho que de repente lhe bateu sobre os olhos e lhe empurrou a cabeça contra o espaldar do carro.

— Cala-me essa boca, ianque de um raio — ordenou uma voz e Starbuck, de olhos a lacrimejar involuntariamente devido à pancada, acatou a sugestão.

A viagem foi breve, menos de um quilómetro, e então as rodas de aros de ferro gemeram o seu protesto quando a carruagem dobrou de repente uma esquina, antes de parar com um solavanco. A porta foi escancarada e Starbuck viu os portões iluminados por archotes da Prisão de Lumpkin, conhecida agora como Castle Godwin.

— Toca a mexer! — gritou o cabo e Starbuck foi empurrado degraus abaixo e por uma porta aberta nos portões maiores de Castle Godwin.

— Número catorze! — anunciou um chaveiro quando o grupo atravessou o portão. Um guarda fardado abriu caminho por um arco de tijolo e ao longo de um corredor de lajes de pedra iluminado por dois candeeiros de petróleo, até que chegaram a uma porta robusta de madeira marcada com um “14” estampado. Abriu a porta com uma chave pesada de aço reluzente. O cabo soltou as grilhetas dos pulsos de Starbuck.

— Lá para dentro, preto — ordenou o guarda, e Starbuck foi empurrado para o interior da cela. Viu uma cama de madeira, um balde metálico e uma poça larga. O espaço fedia a esgoto. — Cagas no balde e dormes na cama, ou então fazes ao contrário, preto. — O guarda riu-se e depois a porta fechou-se com um estrondo

ressonante, ficando a cela mergulhada nas trevas. Exausto, Starbuck deitou-se na cama de madeira e começou a tremer.

Deram-lhe um par de calças cinzentas grosseiras, sapatos de cabedal pesados e uma camisa onde ainda se viam as manchas do sangue do último dono. O pequeno-almoço consistiu numa caneca de água e uma ponta de pão duro. Os relógios da cidade batiam as nove quando chegaram dois guardas que lhe ordenaram que se sentasse na cama e lhes estendesse os pés. Prenderam-lhe um par de grilhetas à volta dos tornozelos.

— Ficas com isso até te libertarem — indicou um dos guardas —, ou até te enforcarem. — Pôs a língua de fora e contorceu o rosto, imitando o esgar grotesco de um enforcado.

— De pé! — ordenou o segundo guarda. — Toca a andar!

Starbuck foi empurrado para o corredor. As correntes nos pés obrigavam-no a avançar com um passo arrastado, mas era óbvio que os guardas estavam habituados a um ritmo lento, pois não tentaram apressá-lo. Pelo contrário, incentivaram-no a demorar-se quando atravessaram um pátio que lembrou Starbuck das narrativas macabras que ouvira sobre as câmaras de tortura medievais. Havia correntes penduradas nas paredes, enquanto no centro do pátio se via um cavalo de madeira que consistia numa tábua de lado em cima de um par de cavaletes. Nesse castigo, o prisioneiro era sentado na beira da tábua com pesos nos pés, o que fazia com que a madeira se cravasse entre as virilhas.

— Isto não é para ti, preto — indicou um dos dois guardas. — Vão experimentar uma coisa nova. Continua a andar.

Starbuck foi levado para um espaço com paredes de tijolo, soalho de laje com um ralo ao centro, uma mesa e uma cadeira. Uma janela gradeada dava para leste, para o esgoto a céu aberto de Shockoe Creek, que percorria a cidade. Uma das pequenas vidraças estava aberta e o cheiro do ribeiro empestava a sala. Os guardas, que agora Starbuck conseguia observar com atenção, encostaram os mosquetes à parede. Eram ambos homens robustos, tão altos como Starbuck, com rostos pálidos, grosseiros e escanhoados, e a expressão vazia de quem pouco pedia ou recebia da vida. Um deles cuspiu um jorro viscoso de suco de tabaco na direção do ralo aberto. O cuspo descorado acertou em cheio no centro.

— Boa, Abe — elogiou o outro guarda.

A porta abriu-se e por ela entrou um homem magro e pálido. Tinha uma sacola de cabedal pendurada ao ombro e uma barba loura rala que só lhe cobria o queixo. As faces e o lábio superior brilhavam depois do escanhoamento matinal e a farda de tenente estava imaculada, escovada na perfeição e engomada.

— Bom-dia — disse, com um tom hesitante.

— Responde ao oficial, escumalha ianque — ordenou o guarda chamado Abe.

— Bom-dia — repetiu Starbuck.

O tenente sacudiu o assento da cadeira, sentou-se, tirou um par de óculos de um bolso e prendeu-os às orelhas. Tinha um rosto muito magro e relativamente sincero, como se fosse um ministro novo que chegasse a uma congregação secular.

— Starbuck, não é verdade?

— Sim.

— Trata o oficial com respeito, escumalha!

— Calma, Harding, calma. — O tenente franziu o cenho, obviamente desagradado com a grosseria de Harding. Pousara o saco de cabedal em cima da mesa e tirou lá de dentro uma pasta. Desatou as fitas verdes, abriu a capa e observou os papéis no seu interior. — Nathaniel Joseph Starbuck, está correto?

— Sim.

— De momento a residir na Franklin Street, na antiga casa Burrell, sim?

— Não sei quem lá viveu.

— Josiah Burrell, um comerciante de tabaco. A família passou por uma situação difícil, como tantas outras nos tempos que correm. Ora muito bem. — O tenente recostou-se, fazendo a cadeira soltar um gemido ominoso, depois tirou os óculos e esfregou os olhos com um gesto fatigado. — Vou fazer-lhe umas perguntas, Starbuck, e o seu papel, tal como deve imaginar, será apresentar respostas. É claro que, em situações normais, estes procedimentos estão sujeitos à lei, mas está a decorrer uma guerra, e receio que a necessidade de apurar a verdade não se possa adiar com a algaraviada dos advogados. Compreende?

— Nem por isso. Gostava de saber que raio estou aqui a fazer.

Os guardas atrás de Starbuck resmungaram um aviso contra a impertinência do jovem, mas o tenente ergueu a mão em sinal de calma.

— Já vai descobrir, Starbuck, garanto-lhe. — Voltou a pôr os óculos. — Esqueci-me de me apresentar. Que falha da minha parte. Sou o tenente Gillespie,

tenente Walton Gillespie. — Proferiu o nome como se esperasse que Starbuck o reconhecesse, mas o jovem limitou-se a encolher os ombros. Gillespie tirou um lápis do bolso da farda. — Vamos começar? Onde nasceu? — perguntou Gillespie.

— Em Boston — respondeu Starbuck.

— Concretamente onde, se não se importa?

— Em Milk Street.

— Na casa dos seus pais, correto?

— Dos meus avós. A família da minha mãe.

Gillespie tomou um apontamento.

— E onde vivem agora os seus pais?

— Em Walnut Street.

— A sério? Mas que bom para eles! Estive em Boston há dois anos e tive o privilégio de ouvir o seu pai a comentar o Evangelho. — Gillespie sorriu, retirando um prazer evidente da recordação. — Prossigamos — disse e fez uma série de perguntas a Starbuck acerca da sua formação, da Faculdade de Teologia de Yale, de como acabara no Sul quando a guerra começara e do tipo de serviço que vira na Legião Faulconer. — Até agora, tudo bem — declarou Gillespie quando acabou de ouvir a narrativa sobre Ball's Bluff. Virou a página e franziu o sobrolho com o que lá tinha escrito. — Onde conheceu John Scully?

— Nunca ouvi falar dele.

— Price Lewis?

Starbuck abanou a cabeça.

— Timothy Webster? — Starbuck limitou-se a encolher os ombros para mostrar a sua ignorância. — Estou a ver — disse Gillespie, num tom que dava a entender que as negativas de Starbuck eram particularmente enigmáticas. Ainda de cenho franzido, fez uma marca com o lápis, depois tirou os óculos e perdeu alguns momentos a massajar a cana do nariz. — Como se chama o seu irmão?

— Tenho três irmãos. James, Frederick e Sam.

— As idades deles?

Starbuck teve de pensar.

— Vinte e seis ou sete, dezassete e treze.

— O mais velho. Como se chama?

— James.

— James. — Gillespie repetiu o nome como se nunca o tivesse ouvido. No pátio, um homem gritou de repente e Starbuck apercebeu-se do som nítido de um chicote a estalar e depois da ponta a acertar no alvo. — Eu fechei a porta, Harding? — perguntou Gillespie.

— Bem fechada, meu tenente.

— Tão barulhento, tão barulhento. Diga-me, Starbuck, quando foi a última vez que viu o James?

Starbuck abanou a cabeça.

— De certeza que foi muito tempo antes da guerra.

— Antes da guerra — repetiu Gillespie enquanto o anotava. — E quando foi a última vez que recebeu uma carta dele?

— Mais uma vez, antes da guerra.

— Antes da guerra — repetiu novamente Gillespie num tom lento e depois tirou um pequeno canivete do bolso. Abriu a lâmina e afiou a ponta do lápis, juntando as aparas de madeira e de chumbo num pequeno monte na beira da mesa. — O que lhe diz a Sociedade Bíblica do Exército Confederado?

— Nada.

— Estou a ver. — Gillespie pousou o lápis e recostou-se na cadeira frágil. — E que informação enviou ao seu irmão acerca da disposição das nossas forças?

— Nenhuma! — protestou Starbuck, começando finalmente a perceber o que se passava.

Mais uma vez, Gillespie tirou os óculos e esfregou-os na manga.

— Senhor Starbuck, há pouco disse-lhe que, lamentavelmente, somos obrigados a servir-nos de medidas extremas na nossa tentativa de apurar a verdade. Regra geral, tal como lhe expliquei, teríamos recorrido a um processo legal, mas períodos extremos exigem medidas extremas. Compreende?

— Não.

— Então deixe-me voltar a perguntar-lhe. Conhece John Scully e Lewis Price?

— Não.

— Tem vindo a comunicar com o seu irmão?

— Não.

— Recebeu cartas ao cuidado da Sociedade Bíblica do Exército Confederado?

— Não.

— E deixou uma carta ao cuidado do senhor Timothy Webster no Hotel Monumental?

— Não — protestou Starbuck.

Gillespie abanou tristemente a cabeça. Quando o major Alexander detivera Timothy Webster e Hattie Lawton, encontrara também uma carta redigida em maiúsculas que descrevia ao pormenor a disposição das forças de defesa de Richmond. A carta estava endereçada ao major James Starbuck, o mesmo nome que surgia na comunicação apreendida a John Scully. Essa missiva teria provocado um desastre na causa do Sul, pois chegava mesmo ao ponto de descrever a representação com que o general Magruder tentara enganar as patrulhas montadas de McClellan. A única coisa que impedira Webster de entregar a carta fora uma terrível crise de febre reumática que o deixara acamado durante semanas.

Ao ser mais uma vez interrogado sobre a carta em questão, Starbuck abanou a cabeça.

— Nunca ouvi falar de nenhum Timothy Webster.

Gillespie fez um esgar.

— E insiste nessas respostas?

— São a verdade!

— Que pena — exclamou Gillespie. Abriu o saco de cabedal, de onde tirou um funil de latão brilhante e um frasco de vidro azul. Destapou o frasco, libertando um cheiro acre no espaço. — À semelhança do seu pai, Starbuck, o meu também é um homem de algum destaque. É o supervisor clínico do Asilo Chesterfield para Lunáticos. Já ouviu falar?

— Não. — Starbuck fitou o frasco com um olhar apreensivo.

— São duas as escolas de pensamento que gerem o tratamento do lunatismo — explicou Gillespie. — Uma das teorias argumenta que a loucura pode ser curada nos pacientes com ar puro, boa comida e gentileza, mas a segunda opinião, a seguida pelo meu pai, insiste que o lunatismo pode ser arrancado do sistema do doente através de um choque. — Gillespie mirou o prisioneiro com uns olhos estranhamente brilhantes. — Temos de castigar o lunático pelo seu comportamento aberrante para o trazer para a companhia dos homens civilizados. Esta — ergueu o frasco de vidro azul — foi declarada a melhor substância coerciva conhecida pela ciência. Fale-me sobre o Timothy Webster.

— Não há nada a dizer!

Gillespie fez uma pausa, após o que fez sinal aos dois guardas. Starbuck virou-se para oferecer resistência ao indivíduo mais próximo, mas foi demasiado lento. Foi agredido pelas costas e atirado ao chão, e antes de se poder voltar, estava imobilizado sobre a pedra. As correntes à volta dos tornozelos tilintaram quando lhe prenderam as mãos atrás das costas. Cuspiu imprecações aos dois guardas, mas eram homens corpulentos, habituados a dominar prisioneiros, pelo que ignoraram as pragas, virando-o sobre as costas. Um deles pegou no funil de latão e enfiou-o na boca de Starbuck. Quando o jovem resistiu cerrando os dentes, o guarda ameaçou baixar o funil à força, partindo-lhe os dentes, e Starbuck, consciente de que fora derrotado, abriu a boca.

Gillespie ajoelhou-se ao lado dele com o frasco azul.

— Isto é óleo de cróton — disse a Starbuck —, já ouviu falar?

Starbuck não conseguia falar, por isso abanou a cabeça.

— O óleo de cróton é extraído das sementes da planta *Croton tiglium*. É um purgante, senhor Starbuck, e muito violento. O meu pai emprega-o sempre que um paciente exhibe um comportamento ofensivo. Bem vê, não há louco que possa ser violento ou perverso quando os intestinos começam a funcionar a cada dez minutos. — Gillespie sorriu. — O que sabe acerca de Timothy Webster?

Starbuck abanou a cabeça e tentou soltar-se dos guardas contorcendo-se, mas os dois homens eram demasiado fortes para ele. Um deles empurrou a cabeça de Starbuck com força para trás, até bater nas lajes, enquanto Gillespie segurava o frasco por cima do funil.

— No passado, os tratamentos do lunatismo dependiam de simples castigos físicos — explicou Gillespie —, mas a contribuição do meu pai para a medicina foi a descoberta de que uma aplicação deste catártico é bastante mais eficiente do que qualquer sessão de chicotadas. Creio que podemos começar com uma pequena amostra. — Despejou um fio de óleo para o funil. Tinha um sabor gorduroso e rançoso. Starbuck engasgou-se com o líquido espesso, mas um dos guardas tapou-lhe a boca com a mão e o jovem não teve outro remédio senão engolir o óleo. Deixou-lhe uma sensação de ardor na boca.

Gillespie afastou o frasco e fez sinal aos guardas para que libertassem Starbuck, que arquejou para recuperar o fôlego. Tinha a boca a arder e sentia a

garganta em ferida. Apercebeu-se do óleo espesso a chegar-lhe ao estômago enquanto se esforçava por se ajoelhar.

E, então, o purgante fez efeito. Dobrou-se sobre si próprio, cuspiendo vômito para o chão. O espasmo deixou-o ofegante, mas antes de conseguir recuperar, um novo espasmo percorreu-lhe a barriga, depois as entranhas cederam, descontroladas, e o espaço encheu-se com o fedor horrível. Não conseguia conter-se. Gemeu e rebolou no chão, e depois contorceu-se quando um novo espasmo de vômito lhe percorreu o corpo.

Os guardas riram-se e afastaram-se dele. Gillespie, sem ligar ao cheiro terrível, observou avidamente através dos óculos e foi fazendo anotações ocasionais num pequeno caderno. Os espasmos continuaram a atormentar Starbuck. Mesmo sem nada no estômago e nos intestinos, o jovem continuou a contorcer-se e a arquejar, à medida que o horrendo óleo lhe percorria as entranhas.

— Vamos falar outra vez — sugeriu Gillespie passados alguns minutos, quando Starbuck ficou mais calmo.

— Sacana — exclamou Starbuck. Estava imundo, deitado em cima de imundície, com as roupas sujas com a imundície; sentia-se humilhado, impotente e degradado pela imundície.

— Conhece um senhor John Scully ou um senhor Lewis Price? — perguntou Gillespie com a sua voz clara.

— Não. E vá para o inferno.

— Manteve alguma comunicação com o seu irmão?

— Não. Maldito seja.

— Recebeu alguma carta ao cuidado da Sociedade Bíblica do Exército Confederado?

— Não!

— E transmitiu informações a Timothy Webster, no Hotel Monumental?

— Eu digo-lhe o que fiz, seu filho de uma puta! — Starbuck levantou o rosto e cuspiu restos de vômito na direção de Gillespie. — Peguei numa arma em combate por este país, que é mais do que você alguma vez fez, seu monte de esterco de um cabrão!

Gillespie abanou a cabeça como se Starbuck estivesse a ser peculiarmente obstinado.

— Outra vez — indicou aos guardas e pegou no frasco que estava em cima da mesa.

— Não! — implorou Starbuck, mas um dos guardas derrubou-o e ambos o prenderam ao chão. Gillespie aproximou o óleo de cróton.

— Estou curioso para descobrir quanto óleo será uma pessoa capaz de aguentar — disse Gillespie. — Tragam-no para aqui, não me quero ajoelhar nas fezes dele.

— Não! — gemeu Starbuck, mas o funil voltou a ser-lhe enfiado na boca e Gillespie, com o esboço de um sorriso, despejou mais líquido viscoso amarelado para a goela de latão.

Os espasmos voltaram a fazer-se sentir. Desta vez a dor foi muito mais forte, uma agonia terrível que ardeu na barriga de Starbuck e se espalhou a partir daí, enquanto ele se contorcia nos seus próprios dejetos. Gillespie despejou-lhe purgante pela garganta mais duas vezes, mas o líquido adicional não arrancou mais informações. Starbuck continuava a insistir que não conhecia ninguém chamado Scully, Lewis ou Webster.

Ao meio-dia, os guardas despejaram baldes de água fria por cima de Starbuck. Gillespie ficou a observar o corpo inerte e malcheiroso do nortista a ser arrastado para fora da sala, para ser despejado na sua cela. Depois, irritado consigo próprio por estar atrasado, apressou-se a dirigir-se à aula bíblica que frequentava à hora de almoço na igreja universalista ali perto.

Starbuck, esse, jazia a gemer.

Com relutância, como um animal a despertar depois de um longo sono, o exército rebelde afastou-se das posições assumidas em torno de Culpeper Court House. O avanço era lento e cauteloso, pois o general Johnston ainda não tinha a certeza que o Norte não fosse tentar levar a cabo um enorme embuste. E se a bastante anunciada viagem dos grandes navios entre Alexandria e o Forte Monroe não passasse de uma charada elaborada para o obrigar a deslocar as tropas para o ponto cego que era aquela zona de Richmond? Tal artimanha deixaria abertas as estradas do Norte da Virgínia a um verdadeiro ataque federal e, receando tal jogo, Johnston enviou patrulhas montadas até às profundezas dos condados de Fauquier e Prince William, e depois ainda mais longe, até Loudoun County. Os elementos das brigadas de tropas irregulares, os cavaleiros maltrapilhos cuja missão era ficar para trás e importunar quaisquer invasores

nortistas, atravessou o Potomac até ao Maryland, mas todas as patrulhas regressaram com as mesmas notícias. Os ianques tinham desaparecido. As defesas em torno de Washington estavam totalmente operacionais e os fortes que guardavam o enclave nortista em Fairfax County, na Virgínia, tinham uma guarnição poderosa, mas o exército regular do Norte desaparecera. O Jovem Napoleão ia atacar na península.

A Brigada Faulconer foi das primeiras a ser enviada para os arredores de Richmond. Washington Faulconer convocou o major Bird para receber as ordens.

— O Swynyard não devia ser o teu moço de recados? — indagou Bird.

— Ele está a descansar.

— Queres dizer que está bêbado.

— Que disparate, Pica-pau. — Washington Faulconer usava a nova casaca da farda com as estrelas de brigadeiro-general na gola. — Está aborrecido. Mal pode esperar pela ação. O homem é um guerreiro.

— O homem é um lunático dipsomaniaco — corrigiu Bird. — Ontem tentou prender o Tony Murphy por não lhe fazer continência.

— O capitão Murphy tem uma veia rebelde — comentou Faulconer.

— Pensava que todos nós devíamos ter uma veia rebelde — observou Bird. — Acredita, Faulconer, aquele homem é um ébrio. Foste enganado.

Claro que Washington Faulconer não estava disposto a admitir o erro. Sabia perfeitamente que Griffin Swynyard era um desastre alcoólico, mas o problema teria de ser suportado até que a Brigada Faulconer ganhasse reputação em combate e assim desse ao seu comandante a liberdade de desafiar o poder do *Examiner* de Richmond. Esse jornal estava naquele momento aberto em cima da mesa de campanha de Faulconer.

— Sabes das notícias acerca do Starbuck? — Bird nem sequer vira o jornal, quanto mais saber alguma notícia de Starbuck. — Ele foi preso. Julga-se que terá fornecido informações ao inimigo. Ah! — Faulconer apresentou a explicação com uma satisfação óbvia. — Ele nunca prestou para nada, Pica-pau. Sabe Deus porque é que o defendes.

Bird sabia que o cunhado procurava uma discussão, por isso recusou-se a conceder-lhe tal satisfação.

— Mais alguma coisa, Faulconer? — perguntou friamente.

— Sim, há mais uma coisa, Pica-pau. — Faulconer, de casaca abotoada e cinto fechado, desembainhou o sabre recurvado e desferiu um golpe pelo ar, num movimento deliberadamente casual. — As eleições — disse vagamente Faulconer, como se tivesse acabado de pensar no assunto.

— Já tratei das coisas.

— Não quero disparates, Pica-pau. — Faulconer apontou a ponta do sabre a Bird. — Nada de disparates, ouviste?

Dali a duas semanas, a Legião teria de levar a cabo eleições para os oficiais da companhia. Tal necessidade fora imposta pelo governo confederado, que acabara de introduzir a recruta obrigatória e, ao mesmo tempo, prolongara o tempo de serviço dos homens que se tinham voluntariado originalmente para uma comissão de um ano. A partir daquele momento, os voluntários por um ano teriam de servir até que a morte, a incapacidade física ou a paz os dispensasse do exército. Contudo, sabendo que a nova obrigação precisava de alguma atenuante, o governo também decretara que os regimentos anuais deveriam ter uma nova oportunidade para escolher os seus próprios oficiais.

— Mas que disparate é que pode haver? — perguntou Thaddeus Bird, com toda a inocência.

— Tu bem sabes, Pica-pau, tu bem sabes — alertou Faulconer.

— Não faço a mais pequena ideia daquilo a que te referes — insistiu Bird.

A ponta do sabre agitou-se, parando a poucos centímetros da barba desgrenhada de Bird.

— Não quero o nome do Starbuck nos boletins.

— Nesse caso vou garantir que o nome dele não aparece — reiterou Bird, mais uma vez num tom inocente.

— E não quero que os homens acrescentem o nome dele.

— Isso, Faulconer, já não está nas minhas mãos. É uma coisa que se chama democracia. Se bem me lembro, os nossos avós lutaram para a garantir.

— Disparates, Pica-pau. — Faulconer sentiu a habitual frustração que surgia sempre que lidava com o cunhado, e lamentou, como sempre, que Adam se recusasse obstinadamente a deixar Johnston para assumir o comando da Legião. Faulconer não se lembrava de mais ninguém que a Legião pudesse aceitar como substituto de Pica-pau, e até mesmo Adam, concedia, iria passar um mau bocado a ocupar o lugar do tio. Isso significava, admitia Faulconer para consigo, que

Bird provavelmente teria de ser promovido a coronel do regimento. Assim sendo, porque não seria ele capaz de mostrar nem que fosse um pinga de gratidão, ou de colaboração?

Washington Faulconer tinha-se como sendo um homem de instintos caridosos e gentis, e em troca só queria que também gostassem dele, embora muitas vezes só parecesse gerar ressentimentos.

— De certeza que os homens não se vão sentir tentados a votar no Starbuck se tiverem um bom oficial à frente da Companhia K — aventava agora Faulconer.

— Pois diz-me, quem?

— O Moxey.

Bird revirou os olhos.

— O Truslow comia-o vivo.

— Então castiga o Truslow!

— Com que justificação? Ele é o melhor soldado da Legião.

— Disparates — atirou Faulconer, mas não tinha mais nenhum candidato a sugerir. Embainhou o sabre, com a lâmina a silvar ao raspar na boca de madeira da bainha. — Diz aos homens que o Starbuck é um traidor. Isso deve refrear-lhes o entusiasmo. Diz-lhes que vai ser enforcado antes do fim do ano, e diz-lhes que é exatamente isso que o filho da mãe merece. E merece mesmo! Sabes muito bem que ele assassinou o coitado do Ethan.

Na opinião de Bird, a morte de Ethan Ridley fora o melhor que Starbuck já fizera, mas guardou a opinião para si.

— Mais alguma ordem, Faulconer? — perguntou, em vez disso.

— Estejam prontos a partir daqui a uma hora. Quero que os homens estejam bem arranjados. Lembra-te de que vamos atravessar Richmond, por isso temos de dar um bom espetáculo!

Bird saiu da tenda e acendeu um charuto. Desgraçado do Starbuck, pensou. Não acreditava de todo na culpa de Starbuck, mas não havia nada que Bird pudesse fazer quanto a isso, e o mestre-escola transformado em soldado há muito decidira que não deixaria que aquilo com que não podia interferir, não interferiria com ele. Mesmo assim, pensou, a situação de Starbuck era uma pena.

Sim, refletiu Bird, não havia dúvida de que a tragédia de Starbuck seria engolida pelo maior desastre que a invasão de McClellan augurava. Quando Richmond caísse, a Confederação iria arrastar-se durante mais alguns meses,

numa atitude de desafio, mas desprovida da sua capital, e sem poder contar com a Fundação Tredegar, a maior e mais eficiente de todo o Sul, poucas seriam as esperanças de que a rebelião sobrevivesse. Era engraçado, pensou Bird enquanto percorria as fileiras do acampamento da brigada, mas estava praticamente a fazer um ano que a rebelião tivera início, com as peças a disparar no Forte Sumter. Um ano e agora o Norte começava a sufocar Richmond, como se fosse um grande punho de ferro prestes a fechar-se com força.

O rufar dos tambores e as ordens bradadas pelos sargentos ecoaram pelo acampamento húmido, à medida que a brigada se preparava para marchar. O Sol deixou-se ver pela primeira vez em semanas aquando da partida da Legião Faulconer, que marchava para sul e leste, a caminho do ponto onde o destino da América seria decidido em combate.

O tenente Walton Gillespie só conseguiu levar Starbuck a admitir um erro e, ao descobrir essa fraqueza, Gillespie aproveitou-a com um entusiasmo desesperado. Starbuck confessara ter vendido passaportes para ter lucro e Gillespie massacrrou a admissão.

— Admite que assinou passaportes sem confirmar a sua validade?

— Todos o fazemos.

— Porquê?

— Por dinheiro, é claro.

Gillespie, já por si pálido, pareceu assumir o tom da cal perante a confissão de indignidade moral.

— Está a dizer que aceitou subornos?

— É claro que sim — confessou Starbuck. Sentia-se fraco como um recém-nascido, com a garganta e a barriga como se estivessem em carne viva, enquanto o rosto rompia em pústulas purulentas onde o óleo de cróton lhe caíra na pele. O tempo estava a aquecer, mas Starbuck não conseguia deixar de tremer e receava estar a ganhar febre. Fora interrogado dias seguidos, e sempre a ingerir o óleo repulsivo, até chegar ao ponto de já não saber há quantos dias estava na prisão. As perguntas pareciam intermináveis, enquanto os vômitos e a disenteria o assolavam de noite e de dia. Sofria ao beber água, sofria ao respirar, sofria por estar vivo.

— Quem o subornou? — quis saber Gillespie, que fez um ar de repulsa quando Starbuck cuspiu uma bola de muco ensanguentado para o chão. Starbuck

estava enrolado numa cadeira, pois sentia-se demasiado fraco para estar de pé, e Gillespie não gostava de interrogar homens deitados no chão. Os dois guardas estavam encostados à parede. Sentiam-se enfadados. Na sua opinião pessoal, que tinham noção não servir de nada, aquele maldito nortista estava inocente, mas Gillespie não largava a sua presa. — Quem? — insistiu Gillespie.

— Muita gente. — Starbuck sentia-se exausto, desgastado. — Uma vez, o major Bridgford apareceu com um molho de impressos, e também o...

— Que disparate — cuspiu Gillespie. — O Bridgford não faria tal coisa.

Starbuck encolheu os ombros, como se não se preocupasse se acreditavam nele. Bridgford era o Chefe da Polícia Militar, e levava mesmo um molho de passaportes em branco para que Starbuck os assinasse, e depois deixara uma garrafa de uísque de centeio em cima da secretária, à laia de pagamento. Uma vintena de outros oficiais superiores e pelo menos uma dúzia de congressistas tinham feito o mesmo, regra geral pagando mais do que uma garrafa de álcool ilegal, e Starbuck, a mando de Gillespie, referiu-os a todos. O único homem que não nomeou foi Belvedere Delaney. O advogado era seu amigo e benfeitor, e o mínimo que Starbuck poderia fazer por ele era protegê-lo.

— O que fez com o dinheiro? — perguntou Gillespie.

— Perdi-o no Johnny Worsham — respondeu Starbuck. O Johnny Worsham era o maior antro de jogo da cidade, um lugar agitado de mulheres e música, guardado por dois negros tão altos e possantes que nem sequer os polícias militares armados se atreviam a confrontá-los. Starbuck perdera aí algum do dinheiro, mas a maior parte estava guardado no quarto de Sally. Não se atreveu a revelar esse esconderijo, pois receava que Gillespie fosse atrás de Sally. — Joguei póquer — acrescentou. — Sou péssimo ao póquer. — Sentiu uma ânsia seca e depois gemeu ao tentar recuperar o fôlego. Nos últimos dias, Gillespie desistira do óleo de cróton, mas Starbuck continuava meio dobrado devido às dores que sentia na barriga.

No dia seguinte, Gillespie apresentou o seu relatório ao major Alexander, que ostentou uma expressão consternada ao saber o pouco que fora descoberto com Starbuck.

— Talvez ele esteja inocente? — aventou Alexander.

— É um ianque — contrapôs Gillespie.

— É verdade que disso é culpado, mas será culpado de escrever ao Webster?

— Quem mais poderia ser? — indagou Gillespie.

— Isso, tenente, é o que temos de averiguar. Pensei que os métodos científicos do seu pai fossem infalíveis. E se forem infalíveis, nesse caso o Starbuck tem de ser inocente.

— Ele aceita subornos.

Alexander suspirou.

— Por esse crime, tenente, bem podíamos prender metade do Congresso. — Folheou os relatórios do interrogatório de Gillespie, vendo com repulsa as enormes quantidades de óleo que tinham sido despejadas pela garganta do prisioneiro. — Quer-me parecer que estamos a desperdiçar o nosso tempo — concluiu Alexander.

— Mais alguns dias, meu major! — pediu Gillespie, num tom urgente. — De certeza que está quase a ceder. Sinto que sim!

— Já disse isso na semana passada.

— Nestes últimos dias poupei-o ao óleo — declarou Gillespie, entusiasmado. — Estou a dar-lhe a oportunidade de recuperar e depois tenciono duplicar a dose.

Alexander fechou a pasta sobre Starbuck.

— Se ele tivesse alguma coisa a dizer-nos, tenente, já o teria confessado. Ele não é o nosso homem.

Gillespie sentiu-se ofendido com a sugestão de que o interrogatório que levava a cabo fracassara.

— O meu major sabe — perguntou a Alexander — que o Starbuck tinha aposentos num bordel?

— Seria capaz de condenar um homem por ter sorte? — indagou Alexander.

Gillespie corou.

— Uma das mulheres tem andado a perguntar por ele, meu major. Já visitou a prisão por duas vezes.

— É a putinha bonita? Aquela que se chama Royall?

O rubor de Gillespie acentuou-se. A bem da verdade, Victoria Royall era mais bela do que os seus sonhos, mas não se atrevia a admitir tal coisa a Alexander.

— É verdade que se chamava Royall. E era realmente insolente. Não me disse qual o interesse que tinha pelo prisioneiro, e acho que ela devia ser interrogada.

Alexander abanou a cabeça, num gesto derrotado.

— O interesse dela pelo prisioneiro, tenente, prende-se com o facto de o pai dela ter servido na companhia de infantaria do capitão Starbuck e provavelmente por ela própria ter servido na cama dele. Falei com a jovem e ela não sabe nada, pelo que não há necessidade de novos interrogatórios. A menos que tivesse em mente outro tipo de entretenimento.

— É claro que não, meu major. — Gillespie ficou incomodado com a sugestão, embora, verdade fosse dita, ele esperasse que o major Alexander o encarregasse do interrogatório da menina Victoria Royall.

— Porque se tinha outra coisa em mente — prosseguiu Alexander —, acho bem que saiba que as *nymphs du monde* daquela casa são as mais caras de toda a Confederação. Talvez as damas à frente do YMCA sejam mais ao gosto do seu bolso.

— Meu major! Tenho de manifestar...

— Cale-se, tenente — atalhou Alexander, num tom exausto. — E se por acaso estiver a pensar em fazer uma visita privada à menina Royall, lembre-se da quantidade de oficiais superiores que são clientes dela. É bastante provável que ela lhe arranje mais problemas a si do que o tenente a ela. — Alguns desses clientes já tinham começado a protestar contra a detenção de Starbuck, situação que o próprio Alexander já tinha dificuldade em justificar. Santo Deus, pensou o major, como se estava a tornar difícil aquele caso. Starbuck parecera o candidato óbvio, mas não admitia nada. Timothy Webster, acamado na sua cela, não fornecera quaisquer informações durante os interrogatórios, enquanto o homem que fora destacado para vigiar o quadro de mensagens em S. Paulo estava claramente a desperdiçar o seu tempo. Tinha sido deixada uma carta falsa por baixo da fita do quadro no vestíbulo da igreja, mas ninguém a fora recolher.

— Se pelo menos me deixasse administrar o purgante do meu pai ao Webster — sugeriu Gillespie, ansiosamente.

Alexander ignorou a sugestão.

— Temos outros planos para o senhor Webster. — Alexander também duvidava que o debilitado Webster conhecesse a identidade do homem que escrevera ao major James Starbuck. Talvez James Starbuck fosse o único a sabê-lo.

— À mulher detida a par do Webster? — aventou Gillespie.

— Não vamos ter os jornais nortistas a dizer que purgamos mulheres — proibiu Alexander. — Ela será enviada ilesa de volta ao Norte. — O som de uma banda militar levou Alexander a dirigir-se à janela do gabinete e a observar um batalhão de infantaria que marchava pela Franklin Street, em direção a leste. O exército de Johnston, por fim arrancado às suas posições em torno de Culpeper Court House, estava a chegar para defender a capital da Confederação. Os primeiros regimentos já tinham ido engrossar as defesas de Magruder em Yorktown, enquanto as mais recentes adições estabeleciam agora os seus acampamentos a leste e a norte de Richmond.

A banda da infantaria tocava a melodia de “Dixie.” Crianças com paus a fazer as vezes de mosquetes andavam ao lado dos soldados, todos com narcisos nos chapéus. Mesmo no segundo andar, Alexander viu como os soldados estavam rotos e mal fardados, mas marchavam com bastante firmeza e o moral parecia elevado. Atiravam narcisos às raparigas mais bonitas. Uma mulata entre os espetadores no passeio distante tinha uma braçada de flores e ria-se, enquanto os soldados lhe iam oferecendo cada vez mais botões. A infantaria estava a ser deliberadamente canalizada através da cidade para que os habitantes soubessem que tinha chegado um exército em sua defesa, embora também os soldados precisassem de ser defendidos da cidade, ou melhor, das suas prostitutas doentes, pelo que a coluna em movimento era escoltada por linhas de polícias militares com baionetas caladas, que garantiam que não havia homens a fugir por entre as multidões.

— Não podemos pura e simplesmente libertar o Starbuck — queixou-se Gillespie, que se dirigira à segunda janela.

— Acho que o podemos acusar de corrupção — concedeu Alexander —, mas não o podemos levar a um tribunal marcial com a aparência de quem está no leito de morte. Limpem-no, deixem-no recuperar e depois decidimos se o julgamos por aceitar subornos.

— E como encontramos o nosso verdadeiro traidor? — quis saber Gillespie.

Alexander pensou num velho de cabelo branco comprido e arrepiou-se involuntariamente.

— Parece que vamos ter de ser muito cuidadosos, Gillespie. — Alexander desviou-se da janela e fitou demoradamente um mapa da Virgínia que estava pendurado na parede do gabinete. Além de Yorktown, pensou, não havia mais

nada que detivesse os Ianques. Irromperiam contra as defesas de Richmond como uma maré de primavera empurrada pelo vento. Cercariam a cidade, depois iriam estrangulá-la, e depois o que aconteceria à Confederação? Apesar de os jornais sulistas tentarem pintar uma vitória, a oeste Beauregard retirara depois de sofrer baixas pesadas num sítio chamado Shiloh. O Norte estava a reclamar essa vitória e Alexander receava que essas pretensões se revelassem verdadeiras. Quanto tempo passaria até que o Norte também reclamasse uma vitória ali na Virgínia? — Alguma vez pensou — dirigiu-se ele a Gillespie — que talvez tudo isto seja em vão?

— Como poderá ser? — Gillespie ficara confuso com a questão. — Temos o direito moral. Deus não nos vai abandonar.

— Estava a esquecer-me de Deus — comentou Alexander. Depois enfiou o chapéu e foi à procura do diabo.

Dois soldados foram buscar Starbuck à cela. Acordaram-no na escuridão, fazendo-o gritar de medo, quando subitamente lhe puxaram o cobertor de cima do catre. Ainda não estava completamente desperto quando o levaram para o corredor. Esperando mais um interrogatório, Starbuck virou-se instintivamente para a direita, mas um dos soldados empurrou-o na outra direção. A prisão estava adormecida, com os corredores cheios de fumo das pequenas chamas das velas de sebo que ardiam a espaços de poucos passos. Starbuck tremia, apesar do calor que se sentia no ar primaveril. Já tinham passado dias desde que Gillespie lhe administrara pela última vez o óleo de cróton, mas ele continuava lívido e cadavérico. Já não tinha ânsias e chegara mesmo a conseguir engolir alguma papa da prisão sem que o estômago rejeitasse de imediato a comida reles, mas sentia-se fraco como um recém-nascido e sujo como um porco. Contudo, pelo menos o final das sessões de interrogatório dava-lhe uma réstia de esperança.

Starbuck foi levado para a casa dos guardas, onde ordenaram a um escravo que lhe arrancasse as grilhetas dos pés. Em cima da mesa estava um calendário perpétuo feito com cartões numa moldura de madeira. Os cartões diziam que era segunda-feira, 29 de abril de 1862.

— Como te sentes, rapaz? — quis saber o sargento à mesa. Tinha uma caneca de lata aninhada entre as mãozorras. — Como está a tua barriga?

— Vazia, em carne viva — respondeu Starbuck.

— É o melhor para hoje. — O sargento riu-se e deu um gole, fazendo depois uma careta. — Café de amendoim torrado. Sabe a merda ianque.

Os soldados ordenaram que Starbuck saísse para o pátio da prisão. A falta de correntes nas pernas fez com que levantasse os pés anormalmente alto, o que dava aos seus passos um ar grotesco e atrapalhado. Um carro-prisão pintado de preto aguardava no pátio com a porta traseira única aberta e um cavalo com antolhos e dorso curvo nos varais. Starbuck foi empurrado para o interior do veículo.

— Onde é que me levam? — perguntou.

Não teve resposta. Em vez disso fecharam-lhe a porta da carruagem com estrondo. No interior não havia maçaneta, e o carro não dispunha de janelas. Não passava de uma caixa de madeira sobre rodas, com um banco de ripas onde se sentou e gemeu. Ouviu os guardas a subirem para o degrau traseiro do veículo e o condutor a fazer estalar o chicote.

A carruagem deu um solavanco em frente. Starbuck ouviu os portões da prisão a gemerem ao abrir e depois o veículo saltou por cima da valeta e chegou à rua. Starbuck tremia no escuro solitário, interrogando-se quanto às novas indecências que lhe iriam ser causadas.

Passou meia hora até que a carruagem parou e a porta foi aberta.

— Toca a sair, preto — ordenou um dos guardas, e Starbuck desceu para a alvorada crepuscular e viu que tinha sido levado para Camp Lee, o antigo Recinto da Feira de Richmond, que ficava a oeste da cidade. O terreno era agora o maior centro de tropas na capital. — Por ali — disse o guarda, apontando para as traseiras do carro.

Starbuck virou-se e, por um segundo ou dois, foi incapaz de se mexer. Primeiro foi a incompreensão que o deixou imóvel e depois, quando se apercebeu daquilo para que estava a olhar naquela madrugada, sentiu uma onda de terror a percorrê-lo.

À sua frente, na luz fantasmagórica, erguia-se um cadafalso.

A forca tinha sido acabada de construir com madeira tosca. Era uma coisa monstruosa, de aspeto lúgubre nos restos acinzentados da noite, com uma plataforma três metros e meio acima do chão. Dois postes sobre a plataforma suportavam uma viga ainda mais alta três metros. Da viga estava pendurada uma corda, com a ponta com o laço provavelmente presa no alçapão. Uma escada subia da erva até à plataforma, onde aguardava um homem barbado de camisa preta, calças pretas e casaco branco manchado. Fumava cachimbo encostado a um dos postes.

Uma pequena multidão de homens fardados esperava na base do cadafalso. Fumavam charutos e faziam conversa de ocasião, mas quando Starbuck apareceu, todos se silenciaram e, um a um, viraram-se para o fitar. Alguns deles franziram o nariz, o que não surpreendia, pois Starbuck vestia uma camisa imunda, calças sujas esfarrapadas seguras com um pedaço de cordel esfiapado, e calçava sapatos de cabedal largos que mais lembravam caixas de manteiga. Tinha os tornozelos com crostas ensanguentadas por causa das grilhetas, o cabelo estava colado e imundo, e a barba recente estava suja. A juntar a tudo isso, ele fedia.

— É o Starbuck? — bradou-lhe um major de bigode.

— Sim.

— Vá esperar ali — ordenou o major, apontando para um espaço afastado do pequeno grupo. Starbuck obedeceu e depois virou-se, alarmado, quando a carruagem que o trouxera da cidade se afastou de repente. Iria sair dali no caixão de pinho que aguardava ao lado da escada? O major apercebeu-se do terror no rosto de Starbuck e franziu o cenho. — Não é para si, seu tolo. — Starbuck sentiu-se percorrido por uma onda de alívio. Sentiu-se abalado, quase à beira das lágrimas.

Chegou uma segunda carruagem no momento em que o carro-prisão começava a afastar-se. O carro acabado de chegar era um veículo elegante e antiquado, com painéis escuros envernizados, cubos dos eixos dourados, e quatro cavalos iguais. O condutor negro da carruagem parou no lado oposto do cadafalso, puxou o travão e depois desceu para abrir a porta do carro. Apareceu um idoso. Era alto e magro, com uma grande juba de cabelo branco que rodeava um rosto queimado pelo sol e bastante enrugado. Não estava fardado, vestindo, em vez disso, um fato preto de bom corte. A luz da alvorada refletia-se na corrente do relógio e nas suas medalhas, e no topo de prata da bengala. Também lhe fez cintilar os olhos, que pareciam fitar Starbuck, com um olhar fito estranhamente perturbador. Starbuck retribuiu o olhar, combatendo o desconforto provocado pela inspeção do velho, e quando já parecia que estaria embrenhado numa competição infantil para descobrir quem seria o primeiro a desviar a atenção, uma agitação atrás de Starbuck anunciou a chegada da vítima da força.

O comandante de Camp Lee liderava a pequena procissão e atrás dele vinha o capelão episcopal que leu em voz alta o Salmo Vinte e Três. Seguiu-se o prisioneiro, ajudado por dois soldados.

O prisioneiro era um homem robusto, de bom aspeto, com um bigode farfalhado, queixo escanhado e cabelo escuro grosso. Vestia camisa, calças e sapatos. Tinha as mãos manietadas à frente do corpo e as pernas não exibiam correntes nem cordas, mas mesmo assim parecia ter dificuldade em andar. Coxeava e cada passo era para ele uma óbvia agonia. A multidão voltou a silenciar-se.

O embaraço e a dor de observar um aleijado a dirigir-se para a morte piorou quando o prisioneiro tentou subir a escada. Mesmo estando bem, as mãos atadas fariam com que a subida fosse difícil, mas a dor que sentia nas pernas tornou a

escalada quase impossível. Os dois soldados esforçaram-se por ajudá-lo e o carrasco de casaco branco bateu as faúlhas do cachimbo, após o que se baixou para ajudar o prisioneiro nos últimos degraus. O condenado soltara breves sons agonizantes com cada passo. Coxeava agora em frente a caminho do alçapão e Starbuck viu o executor acocorar-se para prender os pés da vítima.

O capelão e o comandante tinham seguido o prisioneiro até à plataforma. Os primeiros raios de Sol tocavam a trave mestra do cadafalso com uma luz dourada brilhante quando o comandante desdobrou a ordem de execução.

— “De acordo com a sentença estabelecida pelo Tribunal Marcial aqui reunida em Richmond no dia dezasseis de abril...” — começou o comandante do campo a ler.

— Não há lei que lhes permita fazer isto — interrompeu o prisioneiro. — Sou um cidadão americano, um patriota, um servo do governo legal deste país! — O protesto do condenado foi apresentado numa voz rouca que, mesmo assim, conseguiu debitar um poder imenso.

— “O senhor, Timothy Webster, foi condenado à morte pelo crime de espionagem, levada a cabo ilegalmente dentro das fronteiras soberanas dos Estados Confederados da América...”

— Sou um cidadão dos Estados Unidos! — bradou Webster o seu desafio. — O único país com verdadeira autoridade!

— “Sentença essa que será agora levada a cabo segundo a lei.” — O comandante terminou apressadamente e afastou-se do alçapão. — Tem alguma coisa a dizer?

— Deus abençoe os Estados Unidos da América! — bradou Timothy Webster na sua voz rouca e grave. Alguns dos oficiais na assistência tinham tirado o chapéu, outros desviaram o olhar. O carrasco teve de se pôr em bicos de pés para enfiar o capuz preto na cabeça de Webster e para passar o laço à volta do seu pescoço. A voz do capelão não passava de um murmúrio quando voltou a recitar o Salmo. A luz do Sol arrastou-se pelos postes a caminho do capuz do condenado.

— Que Deus proteja os Estados Unidos da América! — vociferou Webster, com a voz abafada pelo capuz, e depois o carrasco deu um pontapé no ferrolho que mantinha o alçapão no lugar. Ouviu-se um arquejo dos espetadores quando a plataforma de pinho se soltou e o prisioneiro caiu.

Tudo aconteceu tão depressa que Starbuck só recordou os pormenores muito depois, e, mesmo então, não teve a certeza de a mente não ter embelezado os acontecimentos. A corda pareceu retesar-se, o prisioneiro chegou mesmo a parar por um instante, mas depois o laço pareceu passar-lhe sobre o rosto encapuzado. De repente, com as mãos e os pés atados como um porco, Webster caiu ao chão e deixou a corda a balançar com o capuz preto preso no laço vazio. Webster gritou de dor quando aterrou sobre os frágeis tornozelos reumáticos. Starbuck arrepiou-se ao ouvir a dor do indivíduo, enquanto o velho de cabelo branco com a bengala de topo de prata se limitava a fitar Starbuck.

Um dos oficiais a assistir virou-se, de mão na boca. Outro teve de se encostar a uma árvore. Dois ou três puxaram de garrafas. Um homem benzeu-se. O carrasco limitou-se a olhar pelo alçapão aberto.

— Outra vez! Façam-no outra vez! — ordenou o comandante. — Depressa. Levantem-no! Deixe-o estar, doutor. — Um homem, obviamente médico, ajoelhou-se ao lado de Webster, mas agora recuava, inseguro, enquanto dois soldados corriam a levantar o homem caído. Webster soluçava, não de medo, mas devido à dor excruciante nas articulações.

— Depressa! — repetiu o comandante. Um dos oficiais vomitou.

— Vão matar-me duas vezes! — protestou Webster, a voz trémula devido à agonia.

— Depressa! — O comandante parecia à beira do pânico.

Os soldados puxaram Webster até à escada. Foram obrigados a soltar-lhe os pés e a pousá-los um a um nos degraus. Webster lá foi subindo, sempre a soluçar com a dor, enquanto o executor puxava o laço. Um dos espetadores estendeu a espada desembainhada para voltar a fechar o alçapão.

O capuz tinha caído do laço e o carrasco queixava-se de que não podia fazer o seu trabalho sem o saco preto.

— Não interessa! — disse o comandante com brusquidão. — Pelo amor de Deus, despache-se!

O capelão tremia com tal violência que não conseguia segurar na Bíblia. O executor voltou a atar os pés do prisioneiro, passou-lhe mais uma vez o laço à volta do pescoço, e depois soltou um ronco ao apertar o nó por baixo da orelha esquerda da vítima. O capelão começou a rezar o Pai-Nosso, precipitando as palavras, como se receasse esquecê-las se proferisse a oração muito devagar.

— Deus abençoe os Estados Unidos! — bradou Webster alto e bom som, embora com uma voz que mais soava a um soluço de sofrimento. Estava dobrado com a dor, mas depois, totalmente iluminado pela luz do Sol matinal, fez o esforço supremo de ultrapassar a agonia e mostrar aos seus assassinos que era mais forte do que eles. Pouco a pouco, obrigou o corpo magoado e aleijado a erguer-se, até ficar completamente hirtos. — Deus abençoe os Estados...

— Faça-o! — gritou o comandante.

O carrasco voltou a bater no ferrolho e, mais uma vez, o alçapão escancarou-se e o prisioneiro caiu, mas agora a corda retesara-se e o corpo dançou por um segundo, enquanto o pescoço se esticava e estalava. Um dos oficiais no público arquejou, chocado, quando o corpo ressaltou na ponta da corda. Desta vez, Webster morrera instantaneamente, com o pescoço partido de forma a que o rosto inclinado parecesse estar a fitar o alçapão que rangia à primeira luz do dia. Da plataforma chovia uma nuvem de poeira. A língua do morto apareceu-lhe entre os lábios e depois começou a escorrer-lhe líquido do sapato direito.

— Baixem-no! — bradou o comandante.

Os oficiais viraram-se todos, à exceção de um médico que correu para baixo da plataforma, para confirmar o óbito do espião. Starbuck, interrogando-se porque teria sido trazido pela cidade para assistir à bárbara execução, virou-se e fitou o Sol nascente. Há muito tempo que não via o céu aberto. O ar parecia-lhe limpo e fresco. Um galispo gritou no campo, num contraponto ao som dos martelos e dos pregos usados pelos soldados para fechar o cadáver retorcido do espião.

Uma mão ossuda pousou com força sobre o ombro de Starbuck.

— Venha comigo, Starbuck, venha comigo. — Fora o velho de cabelo branco quem falara e que agora levava Starbuck para a sua carruagem. — Agora que nos abrimos o apetite — disse alegremente o velho —, vamos tomar o pequeno-almoço.

A poucos metros do cadafalso tinha sido aberta uma cova. A carruagem passou com estrépito ao lado do buraco vazio, e depois lançou-se para sul pelo terreno de parada e dirigiu-se à cidade. Agarrado à bengala de prata, o velho passou a viagem a sorrir. Pelo menos o dia dele começara bem.

Hyde House, onde o velho morava, ocupava um lote triangular no ponto onde Brook Avenue cortava na diagonal a rede de ruas de Richmond. O terreno estava

cercado por um alto muro de tijolo encimado por pedra branca, acima da qual se avistava uma profusão de árvores e de botões de flor. Nas profundezas das árvores pouco cuidadas, e onde se chegava depois de atravessar um portão de metal de topo em bicos, encontrava-se uma casa de dois andares. Em tempos grandiosa, era cercada por varandas em todos os pisos e tinha na frontaria um alpendre ornamentado para carruagens. Não estava a chover, mas, no ar matutino, tudo parecia húmido. Até as trepadeiras em flor que caíam sobre os varandins pingavam, desconsoladas, enquanto as varandas apresentavam tinta a escamar e balaustradas partidas. Os degraus de madeira para onde o velho encaminhou Starbuck pareciam esverdeados e apodrecidos. Uma escrava abriu a porta envernizada da frente um mero instante antes de o velho esbarrar com os painéis pesados.

— Este é o capitão Starbuck — rosnou o velho à jovem bonita que abrira a porta. — Leva-o ao quarto dele. Já lhe prepararam o banho?

— Sim, *massa*.

O velho puxou do relógio.

— Pequeno-almoço daqui a quarenta e cinco minutos. A Martha mostra-lhe onde é. Vá lá!

— Senhor? — dirigiu-se Martha a Starbuck, fazendo-lhe sinal para que se encaminhasse na direção das escadas.

Starbuck não proferira uma única palavra durante a viagem, mas agora, rodeado pelos luxos súbitos e envelhecidos daquela mansão antiga, sentiu a confiança a desvanecer-se.

— Cavalheiro? — disse para as costas do velho.

— Pequeno-almoço daqui a quarenta e cinco minutos! — insistiu o velho num tom irado, após o que desapareceu por uma porta.

— Senhor? — repetiu Martha, e Starbuck deixou que a rapariga o guiasse escadas acima, até um quarto grande e sumptuoso. A divisão fora elegante em tempos, mas agora o papel de parede fino estava manchado pela humidade, e a carpete fora comida pelas traças e estava desbotada. A cama tinha como cobertura tapeçarias puídas, sobre as quais estava a farda confederada de Starbuck, disposta com tanto cuidado como se fosse um conjunto das mais finas roupas de gala. A casaca fora lavada e cerzida, o cinturão fora polido e as botas, eretas com paus aos pés da cama, tinham sido reparadas e engraxadas. Até lá estava o

sobretudo de Oliver Wendell Holmes. A escrava abriu uma porta que dava acesso a um pequeno quarto de vestir, onde um banho de assento fumegava à frente de um lume de carvão. — Quer que eu fique, *massa*? — perguntou Martha timidamente.

— Não. Não. — Starbuck nem acreditava no que lhe estava a acontecer. Entrou no quarto de vestir e levou a mão à cautela à água. Estava tão quente que mal aguentava tocar-lhe. Em cima de uma cadeira de verga estava um monte de toalhas brancas, enquanto num lavatório aguardavam uma lâmina de barbear, sabão e um pincel de barba, ao lado de uma bacia de porcelana branca.

— Se deixar as suas roupas velhas à porta... — começou Martha a dizer, mas não concluiu a frase.

— Vais queimá-las? — aventou Starbuck.

— Venho buscá-lo daqui a quarenta minutos, *massa* — indicou ela e fez uma vénia, antes de sair às arrecuas e fechar a porta.

Uma hora depois, Starbuck estava barbeado, lavado, vestido e cheio com ovos, presunto e pão branco. Até o café fora verdadeiro e o charuto que fumou depois da refeição era aromático e suave. A comida pesada ameaçara provocar uma nova série de náuseas, mas Starbuck começara lentamente, comendo depois com sofreguidão ao ver que o estômago não se rebelava. O velho mal falara durante o pequeno-almoço, salvo para troçar e desprezar alguns parágrafos nos jornais matutinos. Aos olhos curiosos de Starbuck, era uma criatura que tinha tanto de extraordinário como de malévolo. Era óbvio que os escravos de casa o receavam. A refeição foi servida por duas raparigas, ambas tão atraentes e de pele tão clara como Martha. Starbuck interrogou-se se por acaso se encontraria num estado em que considerava todas as mulheres desejáveis, mas o velho viu-o a olhar para uma das escravas e confirmou a avaliação.

— Não tolero coisas feias pela casa, Starbuck. Se um homem tem de ser dono de mulheres, mais vale que sejam as mais bonitas, e eu tenho como as comprar. Vendo-as quando fazem vinte e cinco anos de idade. Se ficamos muito tempo com uma mulher, ela começa a pensar que nos conhece melhor do que nós próprios. Comprá-las jovens, mantê-las dóceis, vendê-las no auge. Esse é o segredo da felicidade. Vamos até à biblioteca.

O velho abriu caminho através de portas duplas até uma sala absolutamente magnífica, embora essa magnificência tivesse sido deixada decair de forma

horrível. Estantes com entalhes belíssimos preenchiam as paredes desde o soalho de madeira ao teto de estuque decorado, três metros e meio acima, mas o estuque esboroava-se, a folha dourada das estantes já se gastara e os livros encadernados a pele tinham lombadas soltas. Mesas antigas estavam atulhadas de livros carregados de bolor e toda a divisão melancólica tresandava a humidade.

— O meu nome é death — anunciou o velho na sua voz sedutora.

— Death²? — Starbuck não foi capaz de ocultar a sua surpresa.

— D pequeno, E, apóstrofo, A, T, H. É de origem francesa: de' Ath. O meu pai veio para cá com Lafayette e nunca mais voltou a casa. Não havia nada para onde regressar. Era um bastardo, Starbuck, nascido do lado errado do cobertor de uma puta aristocrática. A família teve toda o que merecia durante o terror francês. As cabeças cortadas pelo magnífico aparelho do doutor Guillotine. Ah! — De' Ath instalou-se à maior das mesas, coberta por uma confusão de livros, papéis, tinteiro e canetas. — A excelente máquina do doutor Guillotine fez-me marquês de uma coisa qualquer, mas segundo as leis do nosso anterior país, não podemos usar títulos. Acredita naquele disparate jeffersoniano de que todos os homens nascem iguais, Starbuck?

— Educaram-me para acreditar nisso, senhor de' Ath.

— Não me interessam os disparates que lhe enfiaram na sua cabeça infantil, mas sim os disparates que aí possam ter ficado alojados. Acredita que todos os homens nascem iguais?

— Sim, senhor.

— Então é um tolo. Torna-se óbvio ao mais vil dos intelectos que alguns homens nascem mais sábios do que outros, alguns são mais fortes e uns poucos afortunados são mais impiedosos do que os restantes, pelo que se torna fácil de deduzir que o nosso Criador pretendia que vivêssemos dentro dos limites confortáveis de uma hierarquia. Se tornarmos todos os homens iguais, Starbuck, elevamos a tolice a sabedoria e perdemos a capacidade de as distinguir. Disse isso mesmo muitas vezes ao Jefferson, mas ele nunca dava ouvidos à lógica dos outros. Sente-se. Pode deitar a cinza para o chão. Quando eu morrer, apodreço tudo. — Acenou com a mão magra para mostrar que se referia à casa e a todo o seu conteúdo glorioso, mas em acentuada decadência. — Não acredito em

fortunas herdadas. Se um homem não for capaz de ganhar o seu dinheiro, não deve ter direito à fortuna de outra pessoa. Foi maltratado.

— Sim, é verdade.

— Teve a infelicidade de ser considerado um confederado. Quando capturamos um nortista e julgamos que ele é um espião, não o espancamos, para o caso de eles espancarem os nossos espiões. Não temos problemas em enforcá-los, mas não os espancamos. Os estrangeiros são tratados segundo aquilo que desejamos desses países, mas os nossos conterrâneos? Esses, nós tratamos de forma miserável. O major Alexander é um tolo.

— Alexander?

— É claro que nunca chegou a conhecer o Alexander. Quem o interrogou?

— Um sacanita chamado Gillespie.

De'Ath soltou um ronco.

— Uma coisinha lívida que aprendeu as técnicas que usa com os lunáticos do pai. Ele continua a acreditar que você é culpado.

— De aceitar subornos? — perguntou Starbuck desdenhosamente.

— Espero bem que tenha aceitado subornos. De que outra maneira se pode conseguir seja o que for numa república de iguais? Não, o Gillespie julga que é um espião.

— É um idiota.

— Nisso concordo consigo. Gostou do enforcamento? Eu gostei. Fizeram asneira, não foi? É o que acontece quando se confia a responsabilidade a cretinos. Devemos considerá-los nossos iguais, mas nem sequer sabem enforcar um homem como deve ser! Será assim tão difícil? Imagino que você ou eu faríamos tudo bem à primeira, Starbuck, mas o Criador dotou-nos de cérebro e não de um crânio cheio de papa bolorenta. O Webster sofria de febre reumática. O pior castigo seria deixá-lo viver num sítio húmido, mas fomos misericordiosos e enforcámo-lo. Dizia-se que seria o melhor e o mais inteligente espião do Norte, mas não devia ser muito esperto para o conseguirmos apanhar e o matarmos com asneiras, não acha? Agora temos de apanhar outro para lhe fazermos o mesmo. — De'Ath pôs-se de pé e dirigiu-se a uma janela imunda através da qual observou a vegetação húmida que rodeava a casa. — O presidente Davis nomeou-me, *ex officio*, como seu general caçador de bruxas, ou

melhor, o homem que nos vai livrar o país de traidores. Julga que será uma tarefa exequível?

— Não faço ideia, senhor de'Ath.

— É claro que não é possível. Não se pode traçar uma linha no mapa e dizer que, a partir de agora, todos os que se encontram deste lado da linha serão leais a um novo país! Devemos ter centenas de pessoas que desejam em segredo que o Norte vença. Centenas de milhares, se contarmos com os pretos. A maior parte dos brancos são mulheres e pregadores, esse tipo de tolos inofensivos, mas alguns são perigosos. O meu trabalho é identificar os perigosos e usar os outros para enviar mensagens falsas até Washington. Leia isto. — De'Ath cruzou a biblioteca e atirou um pedaço de papel para o colo de Starbuck.

O papel era muito fino e estava coberto com maiúsculas muito pequenas, mas que denotavam um enorme desejo de trair. Até Starbuck, que nada sabia acerca da disposição do exército, se apercebeu de que a mensagem seria de grande utilidade caso chegasse ao quartel-general de McClellan. Deu voz a essa sensação.

— Sim, se o McClellan acreditar — concedeu de'Ath —, mas o nosso dever é garantir que ele não tem essa oportunidade. Está a ver a quem se dirige a missiva?

Starbuck virou a folha e leu o nome do irmão. Fitou a inscrição durante alguns segundos sem conseguir acreditar, e depois praguejou em voz baixa, quando finalmente compreendeu porque passara as últimas semanas na cadeira.

— O Gillespie acredita que tinha sido eu a escrever isto?

— Ele quer acreditar, mas é um tolo — disse de'Ath. — O seu irmão esteve preso aqui em Richmond, não é verdade?

— Sim.

— Chegou a encontrar-se com ele?

— Não — respondeu Starbuck, mas estava a pensar que talvez Adam tivesse visitado James durante o período de cativo. Voltou a erguer a carta e olhou com atenção para a letra. Estava disfarçada, mas mesmo assim receou que se tratasse da caligrafia do amigo.

— Em que está a pensar? — De'Ath pressentira alguma coisa nos modos de Starbuck.

— Estava a pensar que o James não tem a personalidade certa para este tipo de enganos e artimanhas, senhor de'Ath — mentiu Starbuck tranquilamente. Na verdade, pensava se Adam ainda seria seu amigo. Por certo Adam poderia tê-lo visitado na cadeia, talvez mesmo impedido as torturas de Gillespie, mas, segundo sabia, Adam não tentara fazer nada disso. Teria Adam ficado assim tão horrorizado quando Starbuck introduziu Sally numa casa respeitável, a ponto de cortar relações? Depois Starbuck imaginou Adam a ser empurrado pela escada do cadafalso e pôr-se em cima do alçapão, enquanto o carrasco lhe atava os tornozelos e lhe enfiava o capuz. Por mais tensa que estivesse a relação entre eles, Starbuck sabia que não era capaz de suportar essa ideia. Disse para consigo que mesmo que Adam tivesse falado com James, isso não fazia dele um traidor. De certeza que muitos oficiais confederados teriam visitado prisioneiros em Castle Lightning.

— Quem é que o seu irmão conhece aqui em Richmond? — A voz de de'Ath continuava num tom de desconfiança.

— Não sei, senhor de'Ath. Antes da guerra, o James era um advogado destacado em Boston, por isso deve ter conhecido muitos advogados sulistas. — Starbuck manteve a voz inocente e especulativa. Não se atreveu a revelar o nome de Adam, para que o amigo não fosse levado para as celas húmidas de Castle Godwin e atulhado com o óleo de cróton de Gillespie.

De'Ath fitou Starbuck em silêncio por alguns segundos e depois acendeu um charuto, atirando a torcida para os restos que já enchiam a grelha.

— Deixe-me contar-lhe o que está prestes a acontecer, Starbuck. Vou dar-lhe as tristes notícias da guerra. O McClellan despeja homens e canhões nas fortificações de cerco em Yorktown. Daqui a um dia ou dois vamos retirar. Não temos escolha. Isso significa que o exército nortista poderá avançar livremente sobre Richmond. Johnston acredita que os pode deter no rio Chickahominy. Veremos. — De'Ath parecia ter dúvidas. — Daqui a uma semana — de'Ath soprou uma pluma de fumo na direção de um quadro a óleo com um verniz tão escuro que Starbuck mal conseguia distinguir a imagem por baixo —, Richmond poderá ser abandonada.

Isso fez Starbuck endireitar-se.

— Abandonada!

— Julga que estamos a vencer esta guerra? Não me diga que acreditou nas histórias sobre uma vitória em Shiloh? Perdemos essa batalha. Morreram milhares de soldados. Nova Orleães rendeu-se, o Forte Macon foi tomado, Savannah está ameaçada. — De'Ath resmungou a lista de revezes confederados, o que espantou e desanimou Starbuck. — O Norte até já fechou os gabinetes de recrutas, Starbuck, e enviou os recrutadores de volta aos seus batalhões. Sabe porquê? Porque já sabem que a guerra está ganha. A rebelião acabou. O Norte já só tem de tomar Richmond e recolher os bocados. É o que eles pensam e se calhar têm razão. Quanto tempo julga que o Sul vai sobreviver sem as fábricas de Richmond?

Starbuck não respondeu. Não havia nada a dizer. Nunca imaginara que a Confederação estivesse tão periclitante. Na prisão ouvira boatos sobre derrotas nas extremidades sul e oeste dos Estados confederados, mas nunca supusera que o Norte estivesse de tal modo perto da vitória que encerrara os gabinetes de recrutas, devolvendo os oficiais aos respetivos regimentos. Agora, o Norte só precisava de capturar o labirinto de fornalhas e metal derretido, de alojamentos de escravos e depósitos de carvão, de apitos agudos e martelos pneumáticos ribombantes, e a rebelião passaria à história.

— Mas talvez ainda possamos vencer. — De'Ath interrompeu os pensamentos sombrios de Starbuck. — Claro que isso não vai acontecer se continuarmos a ter espiões como esse sacana a trair-nos. — Apontou para a carta no colo de Starbuck. — Encontrámos essa carta escondida no quarto de hotel do Webster. Não teve a oportunidade de a enviar para norte, mas mais cedo ou mais tarde há outro homem que vai conseguir levar as informações para o outro lado.

— Então e o que pretende de mim? — quis saber Starbuck. Um nome não, rezou, tudo menos um nome.

— Porque está a combater? — perguntou subitamente de'Ath.

Starbuck, surpreendido com a pergunta, limitou-se a encolher os ombros.

— Acredita na escravidão enquanto instituição? — indagou de'Ath.

Era uma questão em que Starbuck nunca pensara seriamente, pois ao crescer na casa do reverendo Elial Starbuck, nunca precisara de a ter em consideração. A escravatura era um mal evidente e a questão ficava-se por aí, e essa atitude estava tão enraizada em Starbuck que mesmo depois de um ano na Confederação, ainda se sentia desconfortável na companhia de escravos.

Faziam-no sentir-se culpado. Por outro lado, tinha igualmente a certeza de que a verdadeira questão não se centrava na dúvida sobre se a escravatura era positiva ou negativa, já que a maior parte das pessoas sabia que era errada. O grande problema era saber o que se poderia fazer quanto a isso, um dilema que atormentava as mais brilhantes e benignas mentes da América desde há anos. Era uma questão demasiado profunda para uma resposta superficial e rápida, e, mais uma vez, Starbuck limitou-se a encolher os ombros.

— Estava descontente com o governo dos Estados Unidos?

Antes da guerra, Starbuck nunca pensara no governo dos Estados Unidos.

— Não exatamente — respondeu.

— Acredita que estão em jogo princípios constitucionais essenciais?

— Não.

— Então porque combate?

Mais uma vez, Starbuck só encolheu os ombros. Não acontecia que não tivesse uma resposta, mas a sua resposta parecia bastante inadequada. Começara a lutar pelo Sul como gesto de independência de um pai avassalador, mas, com o tempo, isso tornara-se algo mais do que uma mera rebelião. O pária encontrara um lar, e isso fora quanto bastava para Starbuck.

— Lutei suficientemente bem — respondeu, num tom beligerante — para não precisar de explicar porque luto.

— E continua a querer combater pelo Sul? — perguntou de'Ath num tom cético. — Mesmo depois daquilo que o Gillespie lhe fez?

— Luto pela Companhia K, a Legião Faulconer.

— Talvez não venha a ter essa oportunidade. Talvez já seja demasiado tarde. — De'Ath deu um bafo no charuto. Um borrão de cinza caiu-lhe da ponta e sujou-lhe o casaco. — Talvez esta guerra tenha chegado ao fim, Starbuck, mas se por acaso tivermos hipótese de afastar estes miseráveis das nossas terras, vai ajudar-nos?

Starbuck assentiu à cautela.

De'Ath soprou fumo pela biblioteca.

— Os jornais de amanhã vão anunciar que as acusações contra si foram retiradas e que foi libertado da prisão. Precisamos que isso seja impresso, para que o seu irmão acredite na história.

— O meu irmão? — Starbuck estava confuso.

— Pense nisto, Starbuck. — De'Ath sentou-se numa cadeira de porteiro que se encontrava ao lado da lareira. As costas bastante altas da cadeira envolveram-lhe o rosto em sombras. — Existe um espião, um espião bastante competente, que tem estado em contacto com o seu irmão. Ele tem vindo a enviar informações por Webster, mas a doença deste interrompeu o fluxo de informação, pelo que o Norte envia dois idiotas chamados Lewis e Scully para restaurar o fluxo. O Lewis e o Scully foram capturados, o Webster foi morto, mesmo com asneiras, e o Norte deve estar a pensar em como voltar a entrar em contacto com o homem deles. Depois, de repente, o Starbuck aparece nas linhas deles com a mensagem do espião. Ou melhor, aparece com uma mensagem falsa que eu vou desenvolver. Vai dizer ao seu irmão que ficou desiludido com o Sul, que as experiências por que passou na prisão lhe destruíram quaisquer conceitos românticos que pudesse ter tido sobre o apoio da rebelião. Vai dizer-lhe que permitiu que essa desilusão fosse conhecida em Richmond, motivo pelo qual um desconhecido lhe entregou uma carta, na esperança de que a pudesse entregar ao seu irmão. Depois vai oferecer-se para regressar a Richmond, para servir de mensageiro a quaisquer outras comunicações. Vai convencer o seu irmão de que a sua paixão renovada pelo Norte o levou a assumir o lugar do Webster. Creio que o seu irmão vai acreditar em si e vai dizer-lhe como entrar em contacto com o tal espião, e o Starbuck, se for sincero quando diz que serve a Confederação e não o seu Norte nativo, vai transmitir-me essa informação. Desta forma vamos montar uma armadilha, senhor Starbuck, e aproveitar o maravilhoso prazer de ver um tolo a fazer asneiras até matar outro espião.

Starbuck pensou em Adam enforcado, a cabeça dourada inclinada com o ângulo forte da corda, a língua inchada entre os dentes entreabertos, a urina a escorrer-lhe pelas botas a balançar.

— E se o meu irmão não confiar em mim? — indagou Starbuck.

— Nesse caso terá passado informações falsas que vão ajudar a nossa causa e poderá voltar ao Sul a seu tempo. Ou então poderá trair-nos, é claro, convencendo os superiores do seu irmão de que somos uma força derrotada, reduzida a truques para conseguir sobreviver. Tenho de confessar, senhor Starbuck, que o Norte ultrapassa-nos tanto em número neste momento que provavelmente não iremos sobreviver, mas gostaria de pensar que seremos capazes de dar cartas até ao fim. — De'Ath fez uma pausa, dando um bafo no

charuto e deixando a ponta a brilhar nas sombras das costas da cadeira. — Se vamos ser derrotados — prosseguiu em voz baixa —, pelo menos tentemos reagir de maneira a deixar os sacanas com pesadelos nos anos vindouros.

— Como atravesso as linhas?

— Há homens chamados pilotos que escoltam os viajantes através das linhas. Vou dar-lhe um dos melhores e o Starbuck só terá de entregar ao seu irmão uma carta que irei escrever. Será na mesma letra disfarçada que a carta que o Webster tinha com ele, com a diferença de que esta missiva será constituída por mentiras. Vamos tecer fantasias de regimentos imaginários, de cavalaria nascida da terra, quais dentes de dragão, de um sem-fim de canhões. Vamos convencer o McClellan de que enfrenta uma horda vingativa de milhares incontáveis. Resumidamente, vamos tentar proceder a um embuste. Será o meu mensageiro, senhor Starbuck? — Os olhos de De'Ath cintilaram no escuro das costas da cadeira enquanto aguardava pela resposta de Starbuck.

— Quando quer que eu parta? — indagou Starbuck.

— Esta noite. — De'Ath ofereceu a Starbuck o esboço de um sorriso. — Até lá poderá desfrutar dos confortos desta casa.

— Esta noite! — Starbuck imaginara que disporia de alguns dias para se preparar.

— Esta noite — insistiu de'Ath. — Serão precisos dois ou três dias para o fazer atravessar as linhas em segurança, por isso, quanto mais depressa partir, melhor.

— Primeiro quero uma coisa — indicou Starbuck.

— De mim? — O tom de de'Ath era perigoso, como vindo de um homem pouco habituado a negociar acordos. — O Gillespie? É isso? Quer vingar-se daquela criatura patética?

— Vingo-me dele a seu tempo — disse Starbuck. — Não, tenho de fazer umas visitas na cidade.

— A quem? — exigiu saber de'Ath.

Starbuck ofereceu o esboço de um sorriso.

— Mulheres.

De'Ath fez um esgar.

— Não gosta da Martha? — Fez um gesto irritado na direção das traseiras da casa, onde estariam alojados os escravos. Starbuck não respondeu e de'Ath

franziu o cenho. — E se o deixar fazer essas visitas, leva a minha mensagem ao seu irmão?

— Levo sim, senhor de' Ath.

— Nesse caso, hoje à noite pode ir ter com as suas rameiras — concedeu de' Ath amargamente — e depois segue para leste. Combinado?

— Combinado — concordou Starbuck, embora, a bem da verdade, ele pretendesse avançar para um jogo muito mais complicado, um jogo que pretendia não deixar acabar com um amigo a estrebuchar na ponta de uma corda. — Combinado — voltou a mentir, após o que esperou pela noite.

As tropas nortistas tinham precisado de quatro semanas para organizar a estratégia de cerco necessária para destruir as fortificações rebeldes em Yorktown. O major-general McClellan era engenheiro de formação e um entusiasta de cercos por vocação, e planeara servir-se do cerco para demonstrar a eficácia implacável do seu país. Tinha os olhos do mundo postos na sua campanha; jornalistas da Europa e da América acompanhavam o exército, enquanto observadores militares das grandes potências seguiam com o seu quartel-general. Em Yorktown, onde os Estados Unidos tinham originalmente conquistado a sua independência, o mundo iria testemunhar o florescimento das capacidades militares de um continente. Testemunharia um cerco de uma ferocidade impiedosa, desenvolvido pelo novo Napoleão do mundo.

Para começar, as estradas ensopadas entre o Forte Monroe e Yorktown tiveram de ser fortalecidas para que o vasto comboio de carruagens do exército chegasse ao terreno de cerco à frente das defesas de Yorktown. Centenas de homens derrubaram e limpavam milhares de árvores à força de machados. Depois, pares de cavalos arrastaram os troncos desde as matas, para que fossem dispostos sobre o comprido nas traiçoeiras estradas enlameadas. Uma segunda camada de troncos foi depois colocada atravessada para formar a estrada em si. Em alguns pontos, as novas estradas de troncos continuavam a afundar-se na lama vermelha gelatinosa, havendo a necessidade de acrescentar mais troncos até que as derradeiras peças de artilharia e munições pudessem avançar.

Foram construídas quinze baterias de artilharia. A primeira parte do trabalho foi realizada durante a noite, altura em que os trabalhadores se encontravam a salvo dos atiradores rebeldes. Em cada um dos quinze pontos, os homens

ergueram uma barreira de terra com um metro e oitenta de altura e depois revestiram as laterais íngremes com uma camada de madeira entrelaçada que impediria que a terra deslizesse com a chuva incessante. As paredes de cada bateria tinham quatro metros de espessura, o necessário para deter e abafar a explosão de uma granada rebelde. A proteger a frente de cada bateria estava uma vala de onde fora retirado o material necessário para erguer a parede massiva, e à frente de cada vala, os engenheiros dispuseram abatisses de ramos entrelaçados. Qualquer ataque rebelde teria primeiro de abrir caminho pelo emaranhado de silvas à altura do peito, depois vadear a vala alagada, antes de por fim escalar a face escorregadia da parede, até uma linha de sacos de areia que criava um parapeito, sempre debaixo de fogo das peças da bateria e sob os tiros de enfiada dos canhões a norte e a sul.

Assim que se completaram as muralhas, as valas e os abatisses, prepararam-se as baterias para receber as bocas-de-fogo. As peças mais pequenas, os canhões de doze libras e as peças de quatro polegadas, precisavam apenas de uma rampa forrada com madeira por onde pudessem recuar na sequência de cada disparo, mas as armas maiores, os grandes canhões que iriam desfazer as defesas rebeldes, obrigavam a um trabalho muito mais minucioso. Escavaram-se fundações por baixo das canhoneiras, as quais depois foram cheias com cascalho trazido do Forte Monroe em carros pesados. Os engenheiros dispuseram então uma mistura de pedra, areia e cimento que foi nivelada para criar uma plataforma dura como rocha, embora, antes que o betão secasse, lhe tivesse sido cravada na superfície uma grande curva de carris metálicos. Os carris descreviam um semicírculo, com o seu lado aberto de frente para o inimigo. No interior da canhoneira enterrou-se um poste de metal na plataforma, pelo que os carris curvos descreviam um arco, como a linha feita por um compasso, em torno da extremidade protuberante do poste.

A extremidade do poste e os carris curvos estavam agora prontos a receber uma estrutura de canhão. A base dessa estrutura era composta simplesmente por um par de vigas de ferro fundido recurvadas. Por baixo da retaguarda das vigas gêmeas estava um par de rodas metálicas que se encaixavam nos carris curvos, enquanto à frente ficava a abertura onde se encaixava a ponta oleada do poste, pelo que, agora, toda a estrutura da peça podia dar a volta ligada ao poste. Montada em cima das vigas, estava a estrutura da arma em si, a qual, quando a

peça era disparada, deslizava sobre os carris. A fricção das toneladas de metal que deslizavam sobre as vigas gémeas era suficiente para abrandar o recuo massivo. Por fim, as enormes bocas-de-fogo foram levadas até às baterias. As peças maiores eram demasiado pesadas para as estradas forradas a troncos e tiveram de ser transportadas desde o Forte Monroe em barcaças de fundo chato que percorreram os ribeiros da península. Os canhões foram transferidos das barcas para carretas que consistiam de pouco mais do que um par de rodas tão imensas que os pesados canos das peças conseguiam ficar suspensos nos eixos. Os veículos bizarros rolaram até às baterias e os poderosos canhões foram içados cuidadosamente até que os moentes se encaixassem nos suportes das estruturas. O trabalho tinha de ser levado a cabo durante a noite, mas mesmo assim os rebeldes detetaram a atividade, disparando granada atrás de granada sobre o terreno alagado, num esforço para frustrar o avanço ianque.

Os maiores canhões eram monstros com mais de quatro metros de comprimento e oitenta toneladas de peso. Disparavam uma granada de oito polegadas de diâmetro e cem quilos de peso. Outra dúzia de canhões disparavam granadas com cinquenta quilos de peso, e mesmo essas peças mais pequenas eram maiores do que quaisquer canhões ocultos atrás das canhoneiras rebeldes. Mesmo assim, McClellan não estava satisfeito e declarou que o bombardeio do cerco não poderia começar até que se trouxessem os maiores morteiros do Norte, tendo o maior um peso superior a dez toneladas. Os morteiros eram peças de cano curto, armas de bocas largas que pareciam atarracadas nas suas largas bases de madeira, e que podiam cuspir granadas com cento e dez quilos numa trajetória elevada que fazia cair os projéteis quase na vertical atrás das linhas confederadas. As peças grandes nas suas estruturas móveis tinham sido concebidas para derrubar as fortificações rebeldes com um fogo direto, enquanto as bombas dos morteiros rebentavam atrás das muralhas em queda, devastando os bastiões rebeldes com explosões mortíferas. McClellan pretendia manter o bombardeamento durante doze horas terríveis, e só quando as enormes peças concluíssem o seu trabalho horrendo, é que se ordenaria à infantaria nortista que cruzasse a erva primaveril que crescia entre as linhas.

As peças foram por fim dispostas. Cada bateria fora equipada com câmaras subterrâneas revestidas a pedra, e, a cada dia, esses depósitos foram sendo carregados com seiscentos carregamentos de munições trazidas dos navios do

Forte Monroe. Outros engenheiros avançaram com valas para escavar uma trincheira paralela à frente das quinze baterias, que serviria de ponto de partida para o ataque da infantaria. Nada foi conseguido sem perdas. Os atiradores rebeldes disparavam a partir das suas linhas, por vezes caía fogo de morteiro entre os trabalhadores, os tiros de canhão arrancavam o fino escudo de verga que protegia um grupo de trabalho da vista do inimigo, mas, palmo a palmo, e metro a metro, as linhas de cerco federais foram ganhando forma. Foram escavados abrigos à prova de bomba para que os artilheiros sobrevivessem ao fogo de resposta confederado, avaliaram-se ao pormenor os alcances e as armas pesadas foram dispostas com uma exatidão matemática. Se todas as armas disparassem ao mesmo tempo, e McClellan pretendia que assim fosse, cada salva nortista cuspiria mais de três toneladas de granadas explosivas contra as linhas rebeldes.

— Vamos manter esse ritmo de fogo durante doze horas, cavalheiros — informou McClellan os ansiosos observadores estrangeiros na noite anterior ao bombardeamento. McClellan imaginava que seria capaz de fustigar as linhas rebeldes com mais de duas mil toneladas de metal escaldante, e que no final do massacre vindo dos céus, os defensores rebeldes estariam abalados, sendo alvos fáceis para a infantaria nortista. — Daremos meio dia de tratamento ao secessionistas, cavalheiros — gabou-se McClellan — e depois veremos o desafio que vão continuar a mostrar. Amanhã à tarde estarão derrotados!

Nessa noite, quase como se soubessem o destino que lhes estava a ser traçado, as armas rebeldes abriram fogo sobre as linhas nortistas completas. Disparo após disparo rasgou a escuridão chuvosa, com as mechas inflamadas a criarem linhas vermelhas de fogo contra a noite. A maior parte das granadas explodiu inofensivamente no terreno alagado, mas algumas acertaram nos seus alvos. Uma parelha de mulas presas gritou de dor, uma tenda nas linhas do 20º do Massachusetts foi acertada e dois dos seus ocupantes foram mortos, sendo os primeiros homens do batalhão a morrer em ação desde o desastroso batismo de fogo em Ball's Bluff. As granadas rebeldes continuaram a rasgar a noite até que, tão subitamente como se iniciara, o bombardeamento parou e as peças silenciaram-se, deixando as trevas aos latidos dos cães, ao relinchar dos cavalos e aos gritos dos mimos.

O dia seguinte amanheceu limpo. Havia nuvens ao norte, e os agricultores locais garantiam que a chuva voltaria em breve, mas os primeiros raios de Sol

brilharam com força. O fumo de dez mil fogueiras subia a partir dos acampamentos da infantaria nortista. Os homens estavam animados, antecipando uma vitória fácil. Os artilheiros iriam devastar as defesas inimigas e depois a infantaria percorreria o terreno intermédio para arrancar os sobreviventes dos escombros fumegantes. Seria o típico assalto dos livros, prova de que um general americano e um exército americano seriam capazes de conseguir em doze horas aquilo que os europeus haviam alcançado numa dúzia de semanas na Crimeia. McClellan estivera como observador nos cercos da Crimeia e tinha a certeza que os oficiais franceses e britânicos que acompanhavam o seu exército aprenderiam nesse dia uma lição muda, mas inconfundível.

Nas profundezas dos ninhos de armas recém-construídos, os artilheiros ianques faziam os últimos preparativos. Os grandes canhões foram carregados, introduziram-se fulminantes de fricção nos ouvidos, e os oficiais artilheiros observaram os alvos através dos telescópios. Mais de uma centena de armas pesadas aguardavam o sinal para lançar a sua terrível destruição sobre as defesas confederadas. Tinha sido investido um mês de trabalho duro para aquele momento, e para muitos nortistas que aguardavam nos seus bastiões, era como se o mundo estivesse a suster o fôlego. No rio York, as canhoneiras aproximaram-se da costa, prontas a juntar os seus canhões ao peso devastador do bombardeio do exército. Uma brisa leve agitava os pavilhões dos barcos e soprava o vento dos motores a vapor sobre a água, em direção a leste.

Oitocentos metros além das plataformas da artilharia ianque, oculta por um renque de pinheiros que tinham conseguido escapar aos machados dos trabalhadores das estradas, um bizarro objeto amarelo ganhou uma forma monstruosa. Alguns homens atarefaram-se a despejar garrafões de ácido sulfúrico para dentro de tinas meio cheias de aparas de ferro, enquanto outros operavam as bombas gigantes que sopravam o hidrogénio formado nas tinas através de mangueiras de tela revestida por borracha que estavam ligadas ao grande balão de tecido amarelo, que lentamente foi inchando até ganhar a sua forma bolbosa completa acima das árvores. O enchimento do balão tivera início no escuro, para que estivesse pronto logo depois do nascer do Sol, e, pela alvorada, o aparelho enorme precisava de uma equipa de trinta homens para o manter aterrado. Dois homens subiram para o cesto de verga do balão. Um deles

era o professor Lowe, o famoso aeronauta cuja competência tornara o veículo possível, e o outro era o general Heintzelman, que seria erguido nos céus para que, com a sua experiência militar, pudesse avaliar a destruição provocada pelas armas. Heintzelman estava ansioso pela experiência. Veria as peças em ação, e depois telegrafaria a McClellan quando assistisse à quebra das linhas rebeldes e à fuga em pânico para ocidente. O professor Lowe testou o equipamento de telegrafia e depois gritou à equipa para que soltassem o veículo.

Lentamente, como uma lua amarela a subir com graciosidade entre as árvores, o balão ergueu-se. Cento e cinquenta metros de cabo prendiam o veículo a um guincho imenso que se foi desenrolando vagarosamente enquanto os aeronautas subiam cada vez mais alto numa extensão de céu limpo. Em situações normais, a subida do balão provocaria uma saraivada de fogo de longo alcance por parte dos canhões rebeldes, mas naquela manhã só havia silêncio.

— Estarão a fazer as suas orações? — aventou alegremente o professor Lowe.

— Bem precisam — respondeu o general Heintzelman. Tamborilou com os dedos na beira do cesto do balão. Apostara com o seu chefe de estado-maior em como os defensores rebeldes seriam quebrados em seis horas, e não doze. O cesto abanava e rangia, mas Heintzelman decidiu que não se tratava de uma sensação desagradável. Era melhor do que a maioria das viagens de barco, isso era garantido. Quando o balão ultrapassou os duzentos e cinquenta metros, o general apontou o telescópio ao horizonte ocidental, onde podia ver a escura mancha fumegante que era a capital rebelde. Até via as marcas na terra onde se tinham escavado defesas novas, nas colinas em torno da cidade. — O covil da serpente, professor! — declarou Heintzelman.

— É verdade, general, e em breve vamos expulsar as víboras!

Heintzelman abandonou as vistas e dedicou-se à observação das linhas inimigas que se estendiam, bem definidas, por baixo de si. Com aquele panorama divino sobre os segredos dos inimigos, sentia-se poderoso. Podia ver as baterias e as trincheiras que partiam dos seus abrigos à prova de bomba, a par das tendas escondidas atrás das paredes de terra. A guerra nunca mais voltaria a ser a mesma, pensou Heintzelman, agora que já não havia onde se esconder. Fixou o telescópio numa das maiores baterias inimigas. Nenhum dos canhões ianques abria fogo até que Heintzelman estivesse preparado para relatar os efeitos do fogo, e esse momento, decidiu então, chegara.

— Creio que estamos prontos para comunicar, professor — disse o general.

— Não há muitas fogueiras, general — comentou Lowe, acenando com a cabeça na direção dos acampamentos rebeldes, onde um punhado de tendas esfarrapadas se deixava ver entre os abrigos toscos cobertos de terra. Nas linhas fumegavam alguns fogos, mas muito poucos e não havia qualquer fumo a sair das chaminés de lata que se esticavam, protuberantes, dos abrigos de terra junto às baterias.

Heintzelman fitou as defesas. Uma bandeira rebelde ondulava no seu poste, mas não se viam artilheiros. Estariam à espera do bombardeio e ter-se-iam já abrigado? Ergueu o telescópio para perscrutar o acampamento. Via onde os cavalos tinham sido amarrados e onde os armões tinham deixado as marcas das rodas na erva, mas não avistava vivalma.

— O que lhes dizemos? — quis saber Lowe. A mão do professor pairava sobre a máquina de telégrafo do balão, a qual comunicava com o terreno através de um fio que acompanhava o cabo que os prendia. Uma segunda máquina aguardava na estação fixa do balão no terreno, pronta para retransmitir as informações dos aeronautas para o quartel-general de McClellan. O general ficara na cama, deixando os artilheiros fazer o trabalho sem a sua presença.

Um ajudante-de-campo acordou o Jovem Napoleão duas horas depois do nascer do Sol.

— Meu general, recebemos um relatório do balão.

— E depois? — O general não gostara de ser acordado.

— O inimigo, meu general, eles desapareceram.

McClellan olhou para o relógio em cima da mesa de cabeceira, depois esticou-se e puxou uma persiana. Cerrou os olhos com a luz brilhante e voltou a dirigir-se ao ajudante-de-campo.

— O que é que disse?

— As linhas inimigas estão desertas, meu general. — O ajudante-de-campo era Louis Philippe Albert d'Orléans, o Conde de Paris, estabelecido na América segundo o espírito de Lafayette para ajudar a restaurar a unidade da América, e por um instante interrogou-se se o seu inglês não teria sido o correto. — Os rebeldes retiraram, meu general — disse, tão claramente quanto possível. — As linhas estão vazias.

— Diz quem? — quis saber McClellan, irritado.

— O general Heintzelman está na barquinha do balão, meu general, acompanhado do professor Lowe.

— Eles estão a sonhar. A sonhar! — O general não aceitava tamanha estupidez. Como poderiam os rebeldes ter retirado? Ainda na véspera tinham iluminado o céu noturno com o seu bombardeamento! Os clarões das peças tinham tremeluzido como trovoadas estivais no horizonte ocidental, as mechas tinham rasgado o céu com linhas de fogo aéreo, e as explosões tinham ecoado sobre os campos alagados. O general bateu a persiana para se proteger da luz e dispensou o ajudante-de-campo aristocrático com um aceno na direção da porta. Lá em baixo, a máquina de telégrafo matraqueava com mais informações dos aeronautas, mas o general não queria saber. Queria mais uma hora de sono. — Acorde-me às oito — ordenou. — E as armas que abram fogo!

— Sim, meu general, é claro, meu general. — O conde de Paris saiu em silêncio do quarto e depois permitiu-se um suspiro de incredulidade com a lentidão de entendimento do general.

Os artilheiros esperaram. Atrás deles, lá no alto, no céu, o balão amarelo retesava o cabo que o fixava. O Sol escondeu-se atrás das nuvens e as primeiras gotas de chuva foram bater na pele revestida a borracha do balão. Uma dúzia de adidos militares estrangeiros e uma vintena de jornalistas aguardavam pela ordem de fogo na maior parte das baterias federais, mas embora as peças estivessem dispostas e carregadas, com as espoletas prontas, não chegou qualquer ordem vinda do balão.

Em vez disso, um reduzido piquete de cavalaria avançou desde as linhas federais. A dúzia de cavaleiros estavam afastados numa longa linha de escaramuça para o caso de uma peça inimiga carregada com metralha ser disparada contra eles. Avançaram à cautela, parando a cada poucos metros enquanto o oficial observava as fortificações inimigas através do telescópio. Os cavalos baixavam as cabeças para pastar a erva alta que crescera sem perturbações no espaço entre os dois exércitos.

A cavalaria voltou a avançar. Aqui e ali via-se uma sentinela nos redutos inimigos, mas nenhuma se mexeu, nem mesmo quando atingida pelas balas dos atiradores nortistas. Essas sentinelas eram espantalhos que guardavam fortificações abandonadas, pois, durante a noite, o general Johnston ordenara aos defensores de Magruder que retirassem na direção de Richmond. Os rebeldes

tinham partido em silêncio, abandonando os canhões, as tendas, as espingardas e as fogueiras, deixando ficar tudo o que não pudesse ser transportado às costas.

O general McClellan, finalmente desperto para a verdade do que se passava, ordenou uma perseguição, mas ninguém no exército nortista estava preparado para uma ação repentina. As montadas da cavalaria pastavam, enquanto os cavaleiros jogavam às cartas e escutavam a chuva a tamborilar nas tendas. Os únicos soldados prontos para a acção eram os artilheiros, cujos alvos se tinham dissipado durante a noite.

A chuva caía com mais força quando a infantaria nortista se apoderou das linhas abandonadas. A cavalaria montou por fim, mas faltavam ordens concretas para a perseguição, pelo que os cavaleiros não avançaram. Entretanto, McClellan compunha o seu despacho para a capital nortista. Yorktown, dizia o general a Washington, caíra ante uma exibição brilhante de capacidade militar nortista. Disse que cem mil rebeldes, com cinco centenas de peças tinham sido despejados das suas linhas, permitindo que a marcha sobre a capital inimiga fosse retomada. Seguir-se-iam mais batalhas desesperadas, alertava, mas pelo menos, naquele dia, Deus sorrira ao Norte.

Os homens de Magruder, sem perseguição ou qualquer outro incómodo, marchavam para oeste enquanto o Jovem Napoleão se sentava para um almoço tardio.

— Conseguimos uma vitória — disse aos ajudantes-de-campo. — Graças a Deus Nosso Senhor, conseguimos uma vitória.

De'Ath deu as últimas ordens a Starbuck no corredor da casa decadente de Richmond. A chuva escorria pelas caleiras partidas e caía em cascata do telhado do alpendre; pingava da folhagem espessa do jardim e juntava-se em poças no acesso arenoso onde aguardava a velha carruagem de de'Ath. Os cubos dourados dos eixos do carro refletiam a luz débil dos candeeiros tremeluzentes do alpendre.

— A carruagem vai levá-lo às suas senhoras — indicou de'Ath, dando um tom amargo à última palavra —, mas não vai deixar o cocheiro à espera para lá da meia-noite. A essa hora ele leva-o ao encontro de um homem chamado Tyler. Tyler é o piloto que o vai levar pelas linhas. Este é o passe para sair da cidade. — De'Ath entregou a Starbuck um dos passaportes familiares de papel castanho. — Também é o Tyler que o vai trazer de volta. Se regressar.

— Eu regresso, senhor de'Ath.

— Se houver alguma coisa para onde voltar. Escute! — O velho apontou para a estrada que ficava do outro lado do muro alto, encimado por pedra, do jardim, e Starbuck ouviu o som de rodas e de cascos. O tráfego era denso desde que a notícia do abandono de Yorktown chegara à cidade e levava Richmond a entrar numa fuga em pânico. Quem tinha posses para isso alugara carroças ou carruagens, enchera-as de bagagem e partira para os condados mais a sul no Estado, enquanto quem não tinha como transportar os seus tesouros os enterrava nos quintais. Os corredores dos departamentos governamentais estavam atulhados de caixas com documentos oficiais dirigidos a Columbia, na Carolina do Sul, que passaria a ser a nova capital da Confederação, caso Richmond caísse, enquanto na Estação de Byrd Street do Caminho-de-ferro de Richmond e Petersburg, uma locomotiva aguardava com o vapor pronto e toda uma composição de vagões blindados, preparados para levar as reservas de ouro da Confederação. Até a esposa do presidente, segundo se dizia, se preparava para afastar os filhos dos ianques que avançavam. — Imaginei que o fizesse — comentara de'Ath amargamente quando essa notícia chegou a Hyde House. — Essa mulher tem a educação de uma peixeira.

Agora, nas trevas molhadas, de'Ath confirmava que Starbuck estava na posse da carta falsa que o velho redigira nessa tarde. A missiva, numa letra que imitava as maiúsculas do documento encontrado no quarto de hotel de Webster, relatava uma concentração massiva de tropas rebeldes em Richmond. A carta fora cosida no forro de uma bolsa de oleado à prova de água que estava oculta na bainha das calças de Starbuck.

— Tenho-a comigo, senhor de'Ath — garantiu Starbuck.

— Nesse caso, que Deus o acompanhe — disse de'Ath abruptamente, após o que se virou.

Starbuck imaginou que não fosse obter outra despedida além daquela breve bênção, pelo que pôs o sobretudo de Oliver Wendell Holmes aos ombros, enfiou o chapéu e correu pela chuva até à carruagem que o aguardava. Não estava armado. Deixara de usar espada depois da primeira batalha, deixara a espingarda com o sargento Truslow e o belo revólver de punho de marfim que retirara do cadáver de Ethan Ridley em Manassas fora roubado durante a sua estadia na prisão. Starbuck gostaria de ter uma pistola, mas de'Ath aconselhara o contrário.

— O seu objetivo é atravessar as linhas e não ser confundido com um infiltrador. Vá desarmado, levante bem as mãos e minta como um bom advogado.

— Como mente um advogado?

— Com paixão, senhor Starbuck, e com a crença pessoal, mesmo que temporária, de que os factos que está a debitar são a mais pura verdade de Deus. É preciso acreditar numa mentira e a maneira de o fazer é convencermos-nos de que a mentira é um atalho para o bem. Se dizer a verdade não vai ajudar o cliente, nesse caso não dizemos a verdade. O bem é a sobrevivência do cliente, a mentira serve o bem. As suas mentiras são servos da sobrevivência da Confederação, e peço a Deus que deseje tanto essa sobrevivência como eu.

O condutor negro de de'Ath estava na boleia da carruagem, enrolado numa série de casacos e com a cabeça coberta por um capuz de lona.

— Para onde, *massa*? — perguntou o homem.

— Desce a Marshall. Eu digo quando for para parar — indicou Starbuck, e depois subiu para o interior do veículo, no momento em que este deu um solavanco em frente. Os bancos da carruagem eram de pele estalada e começavam a perder crina. Starbuck acendeu um charuto no candeeiro protegido que iluminava debilmente o interior do carro e depois puxou uma das persianas de cabedal. A carruagem avançou lentamente, pois nem a chegada da noite ajudara a diminuir o tráfego da evacuação. Starbuck esperou até passarem pela Thirteenth Street. Depois abriu a janela e gritou ao condutor que parasse junto à Faculdade de Medicina da Virgínia. Parara propositadamente a alguma distância do destino para que o condutor não revelasse a de'Ath a casa que ele visitara.

— Espera aqui — ordenou, depois saltou para a estrada e desceu dois quarteirões da Marshall antes de subir a Twelfth Street. A casa que procurava ficava no extremo de Clay Street. Era um edifício grande, um dos mais sumptuosos de Richmond, e Starbuck abrandou quando se aproximou da casa, pois não sabia ao certo a melhor forma de abordar o assunto que o levava ali.

Compreendia perfeitamente a armadilha que de'Ath estava a preparar, mas não estava disposto a deixar que Adam caísse nesse ardil. Isso, se o traidor fosse mesmo Adam. Starbuck não tinha provas, apenas desconfiava que a repulsa do até então amigo pela guerra poderia facilmente transformar-se em traição, e que

a amizade entre Adam e James poderia garantir uma forma de levar a cabo essa traição.

Isso, é claro, se “traição” fosse o termo correto. Pois se o espião fosse Adam, estaria apenas a ser leal ao país onde nascera, tal como Starbuck estava agora a ser leal para com uma amizade. Essa amizade poderia ter sido posta à prova, poderia até ter chegado ao fim, mas, mesmo assim, Starbuck não podia deixar friamente que a armadilha fosse concretizada. Iria alertar Adam.

Atravessou então a rua e subiu os degraus da casa Faulconer. Puxou a grande argola de bronze e ouviu a campainha a tocar nos aposentos dos criados. Starbuck já vivera naquela casa, na altura em que chegara a Richmond, e quando Washington Faulconer fora seu aliado e não seu inimigo.

A porta abriu-se. Polly, uma das criadas, olhou de boca aberta para a figura ensopada no patamar.

— Senhor Starbuck?

— Olá, Polly. Esperava que o jovem senhor Faulconer estivesse em casa.

— Ele não está cá, *massa* — disse Polly, e depois, quando Starbuck fez menção de sair da chuva, ela levantou uma mão assustada para o deter.

— Não há problema, Polly — tentou Starbuck acalmá-la. — Só quero escrever uma mensagem e deixá-la ao senhor Adam.

— Não, *massa*. — Polly abanou obstinadamente a cabeça. — Não pode entrar. Ordens do senhor Adam.

— O Adam disse isso? — Starbuck teria acreditado se a proibição viesse de Washington Faulconer, mas não de Adam.

— Se aparecesse, é para ser mandado embora. Foi o senhor Adam que disse — insistiu Polly. — Desculpe.

— Não faz mal, Polly — garantiu Starbuck. Espreitou para trás dela e viu que os quadros que tinham enfeitado a famosa escadaria curva tinham sido retirados. Estivera um belo retrato de Anna, a irmã de Adam, na parede em frente à porta, mas agora só se via um quadrado de papel de parede mais claro. — Sabes dizer-me onde está o senhor Adam, Polly? Só quero falar com ele. Mais nada.

— Ele não está aqui, *massa*. — Polly tentou fechar a porta, mas então ouviu-se outra voz atrás dela.

— O Adam foi chamado de volta ao exército — disse a voz. Era uma voz feminina e Starbuck espreitou para os recônditos escuros do corredor, vendo

uma figura alta e escura cuja silhueta se recortava na porta da sala térrea.

— Agradeço-lhe, minha senhora — retribuiu Starbuck. — Ele está com as tropas do pai? Ou com o general Johnston?

— Com o general Johnston. — A oradora saiu das sombras e Starbuck pôde ver que se tratava de Julia Gordon. Tirou o chapéu. — Segundo parece — continuou Julia —, desde que Yorktown foi abandonada, andam a chamar todos os homens ao convés. Acha que vamos ser dominados por nortistas vingativos, senhor Starbuck?

— Garanto-lhe que não sei, menina Gordon. — A chuva fustigou-lhe a cabeça e escorreu-lhe pelas faces.

— Nem eu. E o Adam não me escreve a contar, por isso é tudo um grande mistério. Porque é que não sai da chuva?

— Porque fui proibido de entrar nesta casa, menina Gordon.

— Oh, mas que disparate. Deixa-o entrar, Polly. Se não contares a ninguém, eu também não conto.

Polly hesitou, depois sorriu e abriu o resto da porta. Starbuck atravessou a soleira, pingando água sobre o tapete simples que protegia o soalho de madeira junto à porta de entrada. Deixou que Polly lhe ficasse com o sobretudo e com o chapéu, que pousou num escadote que fora usado para retirar os quadros. Quase tudo desaparecera do hall: a bela mobília europeia, os quadros, os tapetes turcos, até o magnífico lustre dourado que estivera pendurado no vão da escada com quinze metros de corrente.

— Foi tudo enviado para Faulconer Court House — explicou Julia, ao ver Starbuck a mirar o espaço. — O general Faulconer acredita que os seus pertences estão mais seguros no campo. As coisas devem estar mesmo desesperadas, não acha?

— O Norte deixou de recrutar soldados — adiantou Starbuck —, caso isso sirva de indicador.

— Por certo indica que perdemos?

Starbuck sorriu.

— Talvez ainda nem tenhamos começado a lutar?

Julia gostou da tirada e fez sinal na direção da sala iluminada.

— Venha até à sala, para que a Polly não morra de medo de alguém que o veja e a vá denunciar ao general. — Julia levou-o até à sala do piso térreo, que estava

iluminada por dois candeeiros a gás. O grosso da mobília desaparecera, embora as estantes ainda estivessem repletas de volumes e uma mesa simples de cozinha estivesse ao lado de alguns caixotes abertos. Quando Starbuck entrou na divisão familiar, pensou em como era estranho ouvir Washington Faulconer ser descrito como general, mas assim era, e por isso mesmo tornara-se um inimigo ainda mais poderoso. — Estou a separar os livros da família — disse Julia. — O general não queria enviar todos os volumes para o campo, só os mais valiosos, e encarregou-me de decidir quais são.

— Não são todos valiosos?

Julia encolheu os ombros.

— Têm encadernações bonitas, mas a maior parte dos livros são bastante comuns. — Tirou um ao acaso. — *A ascensão da república holandesa*, de Motley? Não é de todo um volume raro, senhor Starbuck. Não, estou a separar as melhores encadernações, os livros com imagens especialmente boas e uma mancheia de outros.

— Percebe de livros? — perguntou Starbuck.

— Percebo mais de livros do que o general Faulconer — comentou Julia, num tom divertido. Envergava um vestido de algodão azul-escuro com colarinho alto e anquinhas na cintura. Os braços do vestido estavam protegidos com um par de mangas de linho branco. O cabelo preto estava apanhado no topo da cabeça, embora algumas madeixas se tivessem soltado, caindo-lhe sobre a testa. Parecia estranhamente atraente, pensou Starbuck, e sentiu-se culpado por essa ideia. Tratava-se da noiva de Adam.

— Não vai procurar um lugar seguro, menina Gordon? — perguntou-lhe Starbuck.

— Para onde iríamos? A família da minha mãe vive em Petersburg, mas se Richmond cair, Petersburg não vai demorar muito. O general resmungou um convite para que nos deslocássemos para Faulconer Court House, mas não tomou providências quanto à nossa mobília, e os carros funerários do coitado do senhor Samworth foram confiscados para uso do exército, o que significa que os nossos pertences vão ter de aqui ficar. E onde estiver a mobília da mãe, é onde ela também estará, por isso parece que na ausência de transporte, vamos ter de ficar em Richmond e aguentar a invasão ianque. Se vier a acontecer. — Olhou para um relógio simples de caixa de estanho que parecia ter sido trazido dos

alojamentos dos criados. — Não tenho muito tempo, senhor Starbuck, e daqui a pouco o meu pai vai chegar para me acompanhar a casa, mas queria pedir-lhe desculpas.

— A mim? — indagou Starbuck, surpreendido.

Julia ofereceu-lhe um olhar solene.

— Quanto à outra noite, no hospital — explicou ela.

— Duvido que tenha alguma coisa por que pedir desculpa — disse Starbuck.

— Acho que temos — insistiu Julia. — Talvez fosse de esperar que uma missão aos pobres estivesse acostumada a lidar com raparigas como a sua amiga.

Starbuck sorriu.

— A Sally não é muito pobre.

Julia gostou do comentário e retribuiu o sorriso.

— Mas é sua amiga, não é?

— É, sim.

Julia voltou-se para a mesa e começou a seleccionar os livros enquanto falava.

— Não é verdade que devemos imitar Cristo em todas as coisas? Mas naquela noite creio que o nosso Salvador teria ficado mais satisfeito com o seu comportamento do que com o nosso.

— Ah, não — escusou-se Starbuck, atrapalhado.

— Eu acho que assim é. O Adam proibiu-me de voltar a referir aquela noite. Proibiu-me, senhor Starbuck! — Era óbvio que ficara melindrada com a ordem. — O Adam está muito embaraçado com o que se passou. Receia ofender a minha mãe, sabe? Receia mais isso, creio eu, do que ofender-me a mim. — Limpou o pó da lombada de um livro. — Os *Ensaio*s de Macauley? Não me parece. A sua amiga ficou muito magoada?

— Por pouco tempo.

— A *Vida Cristã* de Baynes. Duvido que nos tivesse servido de grande coisa nessa noite. Olhe, as páginas nem foram cortadas, mas, mesmo assim, não tem qualquer valor. Salvo pelos conselhos espirituais, mas duvido que o general me agradecesse por isso. — Atirou o livro de volta à mesa. — A sua amiga ficaria ofendida se eu a visitasse?

A pergunta sobressaltou Starbuck, mas este conseguiu ocultar a surpresa.

— Acho que ficaria satisfeita.

— Aventurei essa hipótese ao Adam, mas ele não ficou de todo satisfeito com a ideia. Informou-se de que o carvão enfarrusca e fiquei muito grata pela informação, mas não pude deixar de pensar que é muito mais provável que um homem saia enfarruscado com tal carvão do que uma mulher. Não concorda?

— Acredito que assim seja, menina Gordon — replicou Starbuck, com uma expressão séria.

— Se a mãe soubesse que eu estava a ponderar fazer tal visita, ela não o aprovaria, e essa reprovação eu compreendo. Mas porque haveria o Adam de se importar tanto?

— A mulher de César não devia estar acima de qualquer suspeita?

Julia riu-se. Tinha uma gargalhada muito viva, que lhe animava o rosto e trespassava o coração de Starbuck.

— Julga que o Adam é um César? — indagou, num tom trocista.

— Julgo que ele quer o que é melhor para si — respondeu Starbuck, com muito tato.

— Acha que ele o sabe? — perguntou Julia, com veemência. — Garanto-lhe que eu não sei o que é melhor para mim. Gostava de ser enfermeira, mas a mãe diz que não é uma ocupação adequada e o Adam concorda com ela. — Atirou um livro para cima da mesa e depois pareceu arrepender-se da violência do gesto. — Não tenho a certeza que o Adam saiba sequer o que é melhor para ele — acrescentou Julia, quase para consigo, e depois pegou num livro fino encadernado com pele vermelha-escura. — *Eirenarcha*, de Lambarde. Mais de dois séculos e merece ser guardado. Acredita que o Adam saiba o que será melhor para mim, senhor Starbuck?

Starbuck teve uma noção repentina das águas profundas e sombrias que seria melhor que fossem deixadas em paz.

— Se vão casar-se, espero bem que o saiba.

— Vamos casar? — Os olhos escuros brilharam com uma nota de desafio. — O Adam quer esperar.

— Até ao final da guerra?

Julia riu-se, quebrando a bizarra intimidade que surgira durante alguns segundos.

— É o que ele diz, e de certeza que terá razão. — Soprou o pó de um livro, espreitou o título e atirou-o para um dos caixotes abertos. As luzes a gás

baixaram de repente e depois voltaram a animar-se. Julia franziu uma sobrancelha. — Estão sempre a fazer isto. Será sinal do fim da civilização? Ouvi-o dizer à Polly que queria falar com o Adam?

— Sim. Com alguma urgência.

— Quem me dera poder ajudá-lo. O general Johnston exigiu a presença dele e o Adam correu a obedecer-lhe. Mas o paradeiro do general Johnston, isso não sei dizer, embora imagine que se seguir o som dos canhões, o vá encontrar. Poderei entregar-lhe alguma mensagem? De certeza que voltará em breve à cidade, e se não for esse o caso, sempre posso escrever-lhe uma carta.

Starbuck pensou por alguns instantes. Não poderia simplesmente dirigir-se ao exército em busca de Adam. O passe que tinha em seu poder só servia para uma viagem para fora da cidade, e os polícias militares nunca o deixariam passear pela retaguarda do exército em busca de um ajudante-de-campo do quartel-general. Planeara deixar uma mensagem a Adam, mas depois decidiu que a tal missiva poderia perfeitamente ser entregue por Julia.

— Mas não uma carta — rogou-lhe.

— Não? — Julia ficou intrigada.

Starbuck sabia que as cartas podiam ser abertas e lidas, e a presente mensagem, com a sua implicação de correspondência traidora, não poderia ser lida por homens como Gillespie.

— Quando o voltar a ver — pediu a Julia —, poderá dizer-lhe que seria assisado suspender a correspondência com a minha família? — Quase disse “com o meu irmão”, mas decidiu que não teria de ser específico. — E se por acaso ele considerar misterioso tal conselho, explicá-lo-ei assim que possível.

Julia fitou Starbuck gravemente durante alguns segundos.

— Eu considero-o misterioso — admitiu Julia passados alguns momentos.

— Receio que tenha de permanecer um mistério.

Julia pegou num livro e olhou para a lombada.

— O Adam disse que o senhor estava na prisão.

— Fui libertado hoje.

— Um inocente.

— Como um recém-nascido.

— A sério? — Julia riu-se, evidentemente incapaz de ficar séria durante muito tempo. — O jornal dizia que aceitou subornos. Ainda bem que não o fez.

— Mas por acaso aceitei. Todos o fazem.

Julia pousou o livro e lançou uma olhadela especulativa a Starbuck.

— Pelo menos é honesto quanto à sua desonestidade. Mas não quanto às suas amizades. O Adam diz-nos que não devemos falar consigo nem com a sua amiga, e o senhor diz que ele não deve falar com a sua família? Devemos todos fazer votos de silêncio? Bem, seja como for, irei falar com a sua amiga, a menina Royall. Qual a melhor altura para uma visita?

— Ao final da manhã, creio eu.

— E que nome prefere ela?

— Imagino que seja melhor perguntar pela menina Royall, embora o nome dela seja Sally Truslow.

— Truslow. Com um W? — Julia anotou-o e depois copiou a morada de Franklin Street. Voltou a olhar para o relógio. — Tenho de o acompanhar à saída antes que o meu pai chegue e fique preocupado por eu estar a ficar enfarruscada com o carvão. Talvez um dia tenhamos o prazer de nos voltarmos a encontrar?

— Gostaria muito, menina Gordon.

No corredor, Starbuck vestiu o sobretudo.

— Fixou a mensagem, menina Gordon? — perguntou.

— O Adam não deverá corresponder-se com a sua família.

— E por favor, não fale com mais ninguém. Só com o Adam. E não o faça por carta, por favor.

— Desde muito pequena que não preciso que me digam tudo duas vezes, senhor Starbuck.

Starbuck sorriu com a admoestação.

— As minhas desculpas, menina Gordon. Estou habituado a lidar com homens e não com mulheres. — Deixou-a a sorrir com essas palavras e ele próprio sorria quando saiu para a chuva. Levou consigo uma memória tão forte do seu rosto que quase se meteu no caminho de uma carroça que levava a mobília de mais um fugitivo para leste. O negro que conduzia o carro gritou um protesto e depois fez estalar o chicote sobre a cabeça dos cavalos assustadiços. A carroça estava empilhada com mobília mal protegida da chuva por um oleado de todo adequado.

Starbuck caminhou de candeeiro em candeeiro, assolado por uma sensação de perda súbita. Mostrara-se desafiador perante Julia, argumentando que o Sul

ainda tinha de começar a lutar, mas a verdade seria outra. A guerra chegara ao fim, a rebelião perdera, o Norte saíra triunfante e Starbuck, atrelado a uma estrela moribunda, sabia que tinha de dar a volta à vida e começar de novo. Parou para olhar para a casa Faulconer. Era um momento de despedida, pensou. Uma parte da sua vida que começara com uma amizade em Yale terminava numa noite pontuada pelo pânico da derrota, mas pelo menos, ao acabar, Starbuck podia garantir a si próprio uma sensação de nobreza abnegada. O amigo rejeitara-o, mas ele mantivera-se fiel a esse seu amigo. Entregara o aviso a Adam, afastando assim o amigo da força de Camp Lee. Adam sobreviveria, iria casar-se, sem dúvida seria próspero.

Starbuck virou costas à casa e dirigiu-se à carruagem de de'Ath, que o aguardava. As ruas ecoavam com as rodas forradas a ferro e com os gritos dos condutores. As luzes mantiveram-se até tarde. No vale, um comboio manobrava com estrépito, com o apito do vapor a fazer-se ouvir, lamentoso, à chuva. Escravos e criados empilhavam malões e sacos em carruagens; crianças choravam. Algures a leste, oculto pela noite, um exército vingativo vinha reclamar uma cidade e Starbuck saía para se salvar.

Entrou pela porta das traseiras, passando pela cozinha onde Grace e Charity assavam veado no fogão preto. As duas escravas gritaram quando Starbuck assomou à porta e depois cumprimentaram-no com um coro de perguntas sobre de onde tinha vindo e com exclamações quanto ao estado das suas roupas e saúde.

— Emagreceu tanto! — exclamou Grace. — Olhe só para si!

— Tive saudades da vossa comida — disse Starbuck, e depois conseguiu transmitir-lhes que precisava de falar com a menina Truslow. — Ela está ocupada?

— Ocupada? Está ocupada com os mortos! — respondeu Grace ominosamente, mas não explicou mais nada. Em vez disso tirou o avental, ajeitou o cabelo o melhor possível e depois subiu as escadas. Regressou cinco minutos depois e disse a Starbuck para se servir das escadas das traseiras para chegar ao quarto de Sally.

O quarto ficava no segundo andar e dava para o jardim molhado e desalinhado que chegava aos estábulos, onde a janela do seu antigo quarto se deixava ver como um retângulo preto. As paredes do quarto estavam forradas com um papel

elegante de listas verdes-claras e a cama tinha um dossel de tecido verde. Uma jarra dourada estava em cima da prateleira da lareira com flores seca e nas paredes havia paisagens em molduras lacadas. O quarto era iluminado por dois candeeiros a gás, mas em cima de uma mesa havia velas, para o caso de o fornecimento de gás da cidade falhar. A mobília estava encerada e polida, os cortinados limpos, os tapetes bem sacudidos e arejados. Era um quarto que sugeria uma sólida virtude americana, limpa e próspera, um quarto do qual a mãe de Starbuck se orgulharia.

A porta abriu-se e Sally apressou-se a entrar.

— Nate! — Correu pelo quarto e lançou os braços à volta do pescoço dele. — Ó, meu Deus! Estava tão preocupada contigo! — Beijou-o e depois enroscou-se. — Tentei encontrar-te. Fui à prisão da cidade, depois a Lumpkin, e pedi ajuda a pessoas, mas não valeu de nada! Não conseguia chegar até ti. Eu bem queria, mas...

— Já passou. Estou bem — garantiu-lhe. — Estou mesmo bem.

— Estás magro.

— Eu volto a engordar — replicou ele, com um sorriso, e depois meneou a cabeça na direção da porta aberta, por onde chegava o som de gargalhadas vindas do piso térreo.

— Estão a invocar os mortos — explicou Sally, enfadada. Tirou o puxo do cabelo e dispô-lo com cuidado em cima do toucador. Sem os caracóis falsos parecia mais nova. — Estão a fazer uma sessão espírita falsa — explicou. — Estão todos bêbados que nem cachos e a tentar obter conselhos do general Washington. É porque os ianques estão a chegar, por isso estão todos carregados com uísque.

— Mas tu não?

— Querido, se queres fazer dinheiro neste tipo de vida, tens de ficar sempre sóbria. — Cruzou o quarto e estava prestes a fechar a porta, quando fez uma pausa. — Ou querias ir até lá abaixo? Juntar-te a eles?

— Não. Vou-me embora.

Sally sentiu o mau presságio na voz dele.

— Para onde?

Mostrou-lhe o livre-trânsito.

— Vou atravessar as linhas. De volta aos Ianques.

Sally franziu o cenho.

— Vais lutar por eles, Nate?

— Não. Em breve vai deixar de haver combates. Vai acabar, Sally. Os sacanas venceram. São tão convencidos que até fecharam os departamentos de recrutas. Imagina o que isso significa!

— Significa que estão confiantes — comentou Sally, desdenhosa, após o que bateu com a porta. — E depois? Alguma vez conhecestes um ianque que não fosse confiante? Que raios, é por isso que são Ianques. É só garganta e pose, Nate, para o mundo ver, mas ainda não anda aí nenhum a marchar por Franklin Street. É como diz o meu pai. Só acaba quando o porco deixa de guinchar. — Dirigiu-se a uma mesa e tirou dois charutos de um humidificador. Acendeu-os aos dois num candeeiro a gás e levou um a Starbuck, após o que se foi aninhar à frente dele, no tapete da lareira. As saias em balão sussurraram quando ela se baixou. Usava um vestido de seda branca elaborado, de saias largas e cintura estreita, com os ombros nus por baixo de um xaile de renda cravejada de pérolas. Tinha mais pérolas no pescoço e nas orelhas. — Vieste despedir-te? — perguntou-lhe.

— Não.

— Então o que vieste fazer? Vieste por aquilo? — Acenou com a cabeça na direção da cama.

— Não. — Starbuck fez uma pausa. O som de uma garrafa a partir-se fez-se ouvir lá de baixo, seguido por uma ovação irónica. — Mas que bela sessão — comentou, com um sorriso. O espiritualismo pululava em Richmond, sendo condenado pelos púlpitos da cidade, mas defendido pelas famílias dos homens mortos em combate, que queriam a garantia de que os filhos e os maridos estavam em segurança do outro lado da morte.

— Não é uma sessão espírita a sério. Estão só sentados à volta da mesa, a dar pontapés às pernas dela. — Sally fez uma pausa e ofereceu um sorriso cauteloso a Starbuck. — Então o que foi, Nate?

Decidiu arriscar. Adam estava seguro, agora era a vez dele.

— Lembras-te daquela noite no hospital? — perguntou-lhe. — Quando me disseste que querias ser banal? Ser uma pessoa normal. Talvez abrir uma loja? Então vem comigo. Este passaporte vai levar-nos os dois a atravessar as linhas. — Não tinha a certeza absoluta disso, mas estava certo de que não prosseguiria

sem Sally, caso ela concordasse em acompanhá-lo. — Tenho autorização para passar — explicou-lhe —, porque vou fazer uma coisa pelo governo.

Sally franziu o sobrolho.

— Pelo nosso governo?

— Tenho de entregar uma carta — disse Starbuck, e percebeu que ela ainda receava que ele fosse lutar pelo Norte, pelo que se explicou melhor. — Há um espião aqui em Richmond — contou-lhe —, um espião perigoso, e eles querem que o encurrale, percebes? Para o fazer, tenho de levar esta carta aos Ianques.

— E não esperam que regresstes? — perguntou Sally.

— Eles querem que regresse — admitiu Starbuck, mas não quis adiantar mais. Já tinha revelado tanto quanto se atrevia e não sabia como lhe contar o resto, que acreditava que Adam era o espião e que regressando a Richmond, estaria a comprometer o amigo. Em vez disso planeava levar a carta falsa e deixar que isso remediasse os danos que Adam já causara, após o que partiria com Sally e deixaria os exércitos a resolver o final da guerra. Imaginava que, quando muito, restaria um ou dois meses de combatividade à Confederação, pelo que era preferível escapar dos escombros agora a ser destruído na catástrofe final. — Traz o teu dinheiro — incitou ele — e vamos para norte. Para o Canadá, talvez, ou para o Maine? Abrimos a tua loja de tecidos. Talvez possamos ir para oeste? — Franziu o sobrolho, pois tinha noção de que se estava a expressar mal. — Estou a dizer que podes começar de novo. Estou a dizer para vires comigo. Eu cuido de ti.

— Com o meu dinheiro? — Sally sorriu.

— Tenho algum dinheiro meu. Sei que não é muito, mas entre os dois conseguimos safar-nos. Que raios, Sally, podemos instalar-nos onde quisermos! Só tu e eu.

Sally deu um bafo no charuto enquanto o observava.

— Estás a oferecer-te para te casares comigo, Nate Starbuck? — perguntou Sally daí a pouco.

— É claro! — Será que ela não o tinha percebido?

— Oh, Nate. — A jovem voltou a sorrir. — És tão bom a fugir.

— Não é isso que estou a fazer — defendeu-se, incomodado com a acusação.

Sally não se apercebeu da mágoa de Starbuck.

— Às vezes quero casar-me, Nate, e às vezes não. E quando quero, ó, querido, Deus sabe que me casava contigo antes de qualquer outro. — Ofereceu-lhe um sorriso triste. — Mas cansavas-te de mim.

— Não!

— Chiu! — Levou-lhe o dedo aos lábios. — Vi-te a olhar para aquela rapariga da Bíblia, lá no hospital. Ias ficar sempre na dúvida, como seria casares-te com alguém do teu ambiente.

— Isso não é justo — protestou Starbuck.

— Mas é verdade, meu querido. — Deu novo bafo no charuto. — Tu e eu somos amigos, mas íamos ser um casal terrível.

— Sally! — voltou Starbuck a protestar.

Sally voltou a silenciá-lo.

— Vou ficar com esta guerra até ao fim, Nate. Se os ianques chegarem, cuspo-lhes em cima e depois faço dinheiro com os filhos da mãe. Não sei o que vou fazer mais, mas uma coisa eu sei, não vou fugir.

— Eu não estou a fugir — continuou Starbuck a protestar, mas sem grande veemência.

Sally pensou por um instante.

— Não tiveste dificuldades na vida, Nate. Conheço muitos rapazes como tu. Gostas dos teus confortos. — Desta vez percebeu que o magoara, por isso estendeu a mão e afagou-lhe a face. — Talvez eu esteja errada. Estou sempre a esquecer-me que este país não é o teu, mas é o meu. — Silenciou-se por um instante, a pensar, e depois ofereceu-lhe um sorriso. — Chega uma altura em que temos de nos erguer sozinhos, sem estarmos às cavalitas do nosso pai. Foi o que o meu pai me ensinou. Eu não sou de desistir, Nate.

— Eu não estou...

— Chiu! — Voltou a tocar-lhe nos lábios. — O que eu sei é que os Ianques ainda não ganharam, e tu próprio me disseste que são precisos cinco deles para derrotarem um dos nossos rapazes.

— Estava a gabar-me.

— Tal qual um homem faz. — Sorriu. — Mas o porco ainda guincha, querido. Ainda não fomos derrotados.

Starbuck deu um bafo no charuto. Convencera-se de que Sally o acompanharia. Nunca imaginara que ela preferisse ficar e arriscar a vitória

ianque. Pensara que iriam fugir juntos e criar um pequeno refúgio, longe dos problemas do mundo. A recusa da jovem deixou-o confuso.

— Nate? — perguntou Sally. — O que é que tu queres?

Starbuck pensou na questão.

— No inverno passado sentia-me feliz — disse. — Quando estava com a companhia. Gosto de ser soldado.

— Então, se queres alguma coisa, querido, vai à procura dela. É como diz o meu pai, o mundo não te deve a ponta de um corno, por isso somos nós que temos de o cultivar, fazer, comprar ou roubar. — Ofereceu-lhe novo sorriso. — Estás a falar a sério desta coisa do espião?

Starbuck olhou-a.

— Estou. Juro.

— Vai apanhar o sacana, querido. Prometeste que entregavas a carta, portanto vai lá entregá-la. E se depois quiseses fugir, isso é lá contigo, mas fazes isso com os teus pés, não com os meus. — Chegou-se à frente e beijou-o. — Mas se por acaso voltares, querido, eu ainda cá vou estar. Ainda te devo muito. — Fora por Sally que Starbuck assassinara Ethan Ridley, e a gratidão de Sally por esse gesto era profundamente sentido. Atirou o que lhe restava do charuto para a lareira. — Queres que te dê o teu dinheiro?

Starbuck abanou a cabeça.

— Não. — A certeza voltava a abandoná-lo, deixando-o outra vez confuso. — Fazes uma coisa por mim? — perguntou a Sally.

— Se puder, é claro que sim.

— Escreve ao teu pai.

— Ao meu pai! — Pareceu alarmada. — Ele não quer uma carta minha!

— Acho que quer.

— Mas eu não sei escrever bem! — Enrubesceu, de súbito envergonhada pela falta de formação.

— Ele também não lê muito bem — replicou Starbuck. — Escreve-lhe e diz-lhe que eu volto. Diz-lhe que estou com a companhia antes do fim da primavera. Promete-lhe isso.

— Pensava que o sacana do Faulconer não te queria na Legião?

— Eu posso tratar do Faulconer.

Sally riu-se.

— Nate, ainda nem há um minuto só querias fugir e esconder-te no Canadá, e agora queres enfrentar o general Faulconer? Está bem, eu escrevo ao meu pai. Tens a certeza em relação ao dinheiro?

— Guarda-o por mim.

— Quer dizer que vais mesmo voltar?

Starbuck sorriu.

— O porco ainda está a guinchar, querida.

Sally beijou-o, depois levantou-se e dirigiu-se ao toucador, onde fixou com todo o cuidado o puxo ao cabelo penteado para trás. Confirmou que os caracóis caíam de forma natural e depois ofereceu-lhe um sorriso.

— Até à vista, Nate.

— E vais ver. — Observou-a a dirigir-se à porta. — A rapariga da Bíblia — lembrou-se de repente.

— O que tem ela? — Sally fez uma pausa com a mão na borda da porta.

— Ela quer vir falar contigo.

— Comigo? — Sally ostentou um sorriso rasgado. — Sobre o quê? Jesus?

— Talvez. Importas-te?

— Se Jesus não se importa, porque é que eu havia de me importar?

— Ela sente-se mal pela outra noite.

— Já me tinha esquecido — disse Sally, e depois encolheu os ombros. — Não, não me esqueci. Estava à espera de me esquecer. Mas talvez lhe possa ensinar uma coisa ou duas.

— Como por exemplo?

— O que é um homem a sério, querido. — Sorriu-lhe.

— Não a perturbes — pediu Starbuck, e ficou surpreendido com o súbito impulso de proteção em relação a Julia, mas Sally não o ouvira. Já tinha saído. Starbuck acabou o charuto. Parecia não haver maneira airosa de fugir às obrigações, o que significava que tinha uma promessa a cumprir e um espião a trair. Algures na noite, um relógio bateu as horas e Starbuck saiu para a escuridão.

[2](#) Que em português significa “morte”, daí o pasmo de Starbuck. (NT)

— O que é isto? — Belvedere Delaney segurava uma nota entre o indicador e o polegar, como se o pedaço de papel amarrotado estivesse contaminado. — “Freguesia de Point Coupee” — leu em voz alta a inscrição na nota —, “dois dólares.” Minha querida Sally, espero que não seja esta a quantia que cobras pelos teus serviços.

— Tens muita piada, não tens? — disse Sally, depois tirou a nota da mão do advogado e juntou-a a um dos montes em cima da mesa de cerejeira. — Ganhos ao jogo — explicou.

— Mas o que vou eu fazer com isso? — indagou Delaney, com desdém, voltando a pegar na nota ofensiva. — Vou até ao Luisiana e exijo que a Freguesia de Point Coupee me pague dois dólares?

— Sabes muito bem que o trocam no Banco de Câmbio — lembrou Sally com brusquidão, voltando a pegar na nota e a juntá-la aos lucros da semana. — São quatrocentos e noventa e dois dólares vindos lá de baixo. — O “lá de baixo” referia-se às mesas onde se jogava póquer e *euchre*, e onde a casa ficava com uma percentagem direta daquilo que se ganhava. A política do estabelecimento ditava que os jogadores poderiam usar a moeda que mais lhes conviesse nas mesas, mas lá em cima apenas se aceitavam notas de dólar nortistas, moedas de ouro e prata, e notas do Tesouro da Virgínia.

— E quanto desses quatrocentos e noventa e dois dólares é que é dinheiro útil? — quis saber Delaney.

— Metade — admitiu Sally. O restante compunha-se de notas emitidas por uma variedade de bancos, comerciantes e governos municipais sulistas que se serviam das suas imprensas para compensar a escassez de moeda nortista.

— Banco de Chattanooga — disse Delaney, trocista, ao passar as notas. — E, por Jeová, que raio é isto? — Ergueu um pedaço de papel descorado. — Uma nota de vinte e cinco centimos da Comarca de Butts County, Jackson, Geórgia? Meu Deus, Sally, estamos ricos! Um quarto de dólar inteiro! — Atirou a nota para cima da mesa. — E se imprimíssemos nós algumas notas?

— E porque não? — aventou Sally. — Era muito mais fácil do que o trabalho que faço lá em cima.

— Podíamos inventar freguesias inteiras! Comarcas inteiras! Podíamos criar os nossos próprios bancos! — Delaney ficou entusiasmado com a ideia. Tudo o que ajudasse a sabotar a Confederação parecia atraente a Belvedere Delaney, e a

destruição da moeda apressaria, com toda a certeza, a morte da rebelião. Não que o sistema monetário do Sul precisasse de grande rebaixamento; os preços subiam todos os dias e todo o sistema financeiro se baseava em promessas que dependiam da vitória confederada para serem cumpridas. Até mesmo as notas oficiais do governo o admitiam, garantindo o pagamento ao portador do valor da nota, mas apenas seis meses depois de a paz ter sido declarada entre os dois lados. — Podíamos instalar uma gráfica na cocheira — sugeriu Delaney. — Quem é que ficava a saber?

— O impressor? — aventou Sally, com acrimónia. — São precisas demasiadas pessoas, Delaney, e era mais que certo que eles acabavam por te chantagear. Além disso, tenho uma ideia melhor para a cocheira.

— Diz lá.

— Escurece-a, põe-lhe umas carpetes, uma mesa e uma dúzia de cadeiras e garanto-te mais lucro do que alguma vez serias capaz de tirar do meu quarto.

Delaney abanou a cabeça, sem compreender.

— Vais servir refeições?

— Cristo, não. Sessões espíritas. Estabelece-me como a maior médium de Richmond, informa-me dos mexericos, cobra cinco dólares por uma sessão geral e cinquenta por uma consulta privada. — A ideia surgira-lhe na noite anterior, quando os clientes da casa tinham levado a cabo a sua sessão falsa na sala escurecida. Fora uma brincadeira, mas Sally apercebera-se de que, mesmo assim, alguns dos participantes esperavam uma intervenção sobrenatural, e ela imaginava que tal superstição poderia ser usada para ter lucros. — Preciso de um ajudante para bater nas paredes e para agitar a gaze — explicou ao fascinado Delaney —, e vamos ter de desenvolver mais alguns truques.

Delaney gostava da ideia. Acenou vagamente na direção dos pisos superiores.

— E deixavas o negócio do quarto?

— Enquanto fizer mais dinheiro, podes crer que sim. Mas primeiro tens de investir algum. Não podemos enganar a cidade com um espaço reles. Tem de ser feito como deve ser.

— És brilhante, Sally. Deveras genial. — O elogio de Delaney era genuíno. Gostava dos seus encontros semanais com Sally, cuja perspicácia para o negócio o impressionava e cujo bom senso o divertia. Era Sally quem geria o lado financeiro da casa, fazendo-o com uma eficiência enérgica e uma honestidade a

toda a prova. O prostíbulo, com os seus luxos e ar de exclusividade, era uma mina para o advogado, mas era igualmente um lugar onde ele ficava a saber acerca dos políticos e dos comandantes militares sulistas, e todos esses mexericos eram transmitidos ao contacto de Delaney em Washington. Delaney nem sempre sabia quanta dessa informação era verdadeira, ou útil, mas isso também não lhe interessava particularmente. Bastava que estivesse do lado do Norte, antecipando assim os potenciais lucros dessa aliança quando acontecesse aquela que lhe parecia ser a vitória nortista inevitável. Ainda a matutar na proposta de Sally de transformar as traseiras da casa num santuário espiritualista, Delaney pegou na sua parte do dinheiro da semana. — Então e conta-me lá as novidades.

Sally apontou para a janela, na direção das carroças e das carruagens dos fugitivos, engarrafadas na rua.

— Queres mais novidades? Depressa vamos ficar sem clientes.

— Ou será que vamos ter novos a chegar? — sugeriu Delaney, delicadamente.

— E cobramos-lhes a dobrar — fungou Sally, perguntando depois se era verdade que os postos de recruta nortistas tinham sido encerrados.

— Ainda não tinha ouvido dizer nada — indicou Delaney, tendo o cuidado de não mostrar como se sentia satisfeito com tais notícias.

— Os Ianques devem andar radiantes — comentou Sally, de cenho franzido.

E tinham bons motivos para isso, pensou Delaney, pois naquele momento, o exército nortista encontrava-se apenas a um dia de marcha da cidade.

— Qual foi o cliente que te falou dos postos de recruta? — quis Delaney saber.

— Não foi um cliente — respondeu Sally. — Foi o Nate.

— O Starbuck? — perguntou Delaney, surpreendido. — Ele esteve aqui?

— Ontem à noite. Acabaram de o soltar da prisão.

— Eu vi que ele tinha sido libertado — comentou Delaney. A notícia fora publicada tanto no *Examiner* como no *Sentinel*. — Ele está no antigo quarto dele? Devia ir cumprimentá-lo.

— O palerma está a ser um tolo. — Sally acendeu um charuto. — Só Deus sabe onde é que ele está.

— E isso quer dizer o quê? — perguntou Delaney. Sally tentara disfarçar a ansiedade na voz, mas Delaney era demasiado perspicaz para não se aperceber

do tom, e sabia o quanto ela gostava de Starbuck.

— Ele vai arriscar a vida miserável dele — respondeu Sally —, é o que isso quer dizer. Vai levar uma carta para o outro lado das linhas e queria que eu fosse com ele.

Delaney pressentiu algo de muito interessante, mas não se atrevia a ir com demasiada sede à fonte de informações, para não levantar as suspeitas de Sally.

— Ele queria levar-te para os Ianques? Mas que estranho.

— Queria que eu me casasse com ele — corrigiu Sally o empregador.

Delaney sorriu-lhe.

— Que gosto tão sofisticado tem o nosso amigo Starbuck — comentou, galante. — E mesmo assim recusaste-o? — Provocou-a muito ao de leve com a pergunta.

Sally franziu o cenho.

— Disse que podíamos abrir uma loja de tecidos no Maine.

Delaney riu-se.

— Minha querida Sally, seria um desperdício tão grande da tua pessoa! Além disso, ias detestar o Maine. Eles moram em frigoríficos, chupam peixe salgado como meio de subsistência e cantam Salmos para se divertirem. — Delaney abanou a cabeça, lamentoso. — Coitado do Nate. Vou ter saudades dele.

— Ele diz que volta — indicou Sally. — Não queria voltar, pelo menos se eu fugisse com ele, mas como eu não vou, ele diz que entrega a carta e depois regressa.

Delaney fingiu tapar um bocejo.

— Que tipo de carta? — perguntou, num tom inocente.

— Não chegou a dizer. Só sei que é uma carta do governo local. — Sally fez uma pausa, mas, depois, a preocupação que sentia por Starbuck levou-a a aprofundar as explicações, sem nunca desconfiar que isso poderia deixar Starbuck em risco. Sally confiava em absoluto em Delaney. O advogado era um amigo, um oficial confederado fardado e um homem bondoso. Outras prostitutas tinham de suportar espancamentos e desprezo, mas Belvedere Delaney mostrava sempre consideração e cortesia para com as mulheres que empregava; com efeito, ele parecia tão preocupado com a felicidade e com a saúde dos seus funcionários como com os lucros que eles lhe conseguiam, pelo que Sally se sentia à vontade para lhe apresentar as suas preocupações. — O Nate acha que

há um espião — começou ela —, um mesmo perigoso, que anda a contar aos Ianques tudo o que o nosso exército pretende fazer, e se ele conseguir entregar a carta, isso acaba com a espionagem. Não me contou mais nada, mas é suficiente. É um tolo. Ele não devia misturar-se nestas confusões, Delaney. Vai acabar enforcado, como aquele homem que penduraram em Camp Lee. — A morte de Webster garantira uma excelente história para os jornais, que tinham apresentado o enforcamento como sendo o fim merecido de um espião.

— Não queremos que o coitado do Nate acabe enforcado — declarou Delaney com gravidade, e viu que tinha a mão direita a tremer ao de leve, o suficiente para que o fumo do charuto estremecesse ao subir em direção ao teto moldado. A primeira coisa em que pensou foi que Starbuck estaria numa missão para o encurralar, após o que descartou tal receio como sendo um disparate egocêntrico. Richmond estava repleta de espiões, que iam desde os sinceros e excêntricos, como a rica e louca Betty Van Lew, que percorria a cidade a resmungar contra traições e a levar presentes aos prisioneiros nortistas, aos discretos e cuidadosos como o próprio Delaney. Claro que ele tinha acesso a um número mínimo de segredos militares, e as palavras de Sally sugeriam que o espião que Starbuck perseguia seria um militar, alguém com acesso a todos os segredos da Confederação. — Então e o que pretendes que eu faça? — perguntou Delaney a Sally.

A jovem encolheu os ombros.

— Acho que o Nate só vai ser feliz se puder voltar à Legião. Ele gosta de lá estar. Não podes fazer nada? Se ele voltar dos Ianques, é claro.

— E se ainda houver Confederação — acrescentou Delaney, num tom duvidoso.

— É claro que vai haver Confederação. Ainda não fomos derrotados. E então, não podes falar com o general Faulconer?

— Eu! — Delaney arrepiou-se. — O Faulconer não gosta de mim, minha querida, e odeia o Nate. Garanto-te desde já que o Faulconer não vai deixar o Nate regressar à sua preciosa Legião.

— Então será que consegues meter o Nate noutra regimento? Ele gosta de ser soldado.

Ainda mais tolo se revelava, pensou Delaney, mas guardou a opinião para si próprio.

— Posso tentar — asseverou, e depois olhou para o relógio de ouropel que enfeitava a prateleira da lareira. — Parece que tenho de me ir embora, minha querida.

— Não ficas para o pequeno-almoço? — Sally parecia surpreendida.

Delaney levantou-se.

— De vez em quando, até os advogados têm de trabalhar, minha querida — disse. Delaney era conselheiro legal do Departamento de Guerra, nomeação que o obrigava a menos de uma hora de trabalho por mês, mas que lhe garantia um rendimento anual de \$1560, embora, verdade fosse dita, esses dólares fossem sulistas. Endireitou o casaco. — Vou fazer o que puder pelo Nate, prometo.

Sally sorriu.

— És um bom homem.

— É uma grande verdade, não é? — Delaney beijou a mão de Sally com a educação habitual, guardou o dinheiro numa pasta de cabedal e saiu para a rua. Voltara a chover; a água trouxe consigo um vento anormalmente frio para a época.

Delaney apressou-se a percorrer o quarteirão até ao seu apartamento em Grace Street, onde destrancou a secretária. Havia alturas em que o advogado imaginava que as centenas de informantes de Richmond competiam pelas melhores informações, e que o vencedor dessa competição secreta teria lucros imensos quando o Norte dominasse a cidade. A caneta raspou apressadamente pelo bloco e Delaney refletiu que aquela pequena pepita de informação traria ganhos tremendos quando a vitória chegasse. Apontou tudo o que Sally lhe dissera. Escreveu rapidamente, alertando o Norte para o facto de que Nathaniel Starbuck era um traidor, e depois selou a carta no interior de um envelope que endereçou ao tenente-coronel Thorne, no Departamento do Inspetor-Geral em Washington, D.C. Selou esse envelope dentro de outro que endereçou ao reverendo Ashley M. Winslow, de Canal Street, Richmond, entregando por fim a missiva e três dólares nortistas ao escravo doméstico.

— Isto é urgente, George. É para os nossos amigos mútuos.

George sabia da lealdade do seu patrão e partilhava-a. Levou a carta até Canal Street, onde a entregou a um homem chamado Ashley, cujo dono era supervisor do Caminho-de-Ferro da Virgínia Central. George deu dois dólares a Ashley. Ao cair da noite, um comboio levou a carta e uma das duas moedas de dólar até à

Estação de Catlett, no Norte da Virgínia, onde um negro livre que tinha uma oficina de remendão se encarregou do envelope.

Entretanto, em Richmond, o êxodo prosseguia. A esposa do presidente levou os filhos para longe da cidade. O preço dos transportes triplicou. Quando o vento vinha de leste, por vezes ouvia-se uma estranha percussão abafada no ar, que mal se detetava, mas que estava presente, não obstante. Era o som de artilharia. Belvedere Delaney ouviu os disparos distantes e deixou uma bandeira nortista na sala, pronta a pendurar à janela, à laia de boas-vindas aos ianques vitoriosos. Interrogava-se se a carta chegaria a Washington a tempo, ou se a guerra chegaria ao fim antes de a traição de Starbuck ser revelada. Até certo ponto, esperava que o jovem nortista sobrevivesse, pois Starbuck era um patife atraente, embora não deixasse de ser um patife, o que provavelmente queria dizer que estaria condenado à forca. Seria uma morte que Delaney lamentaria, mas em tais tempos de mortandade, mais um cadáver não faria grande diferença. Seria uma pena, mas nada mais do que isso. O advogado continuou a ouvir o som das peças distantes e rezou para que isso significasse a derrota da rebelião.

Os primeiros ianques a repararem em Starbuck eram soldados do 5º da Infantaria do New Hampshire, que o confundiram com um retardatário rebelde e o levaram, debaixo de baionetas, à presença do seu oficial, um capitão escanzelado de barba revolta e óculos de lentes grossas, que estava montado num cavalo pigarço e que olhou através da chuva para o prisioneiro mal-amanhado.

— Revistaram o miserável? — perguntou o capitão.

— Não tem nada — respondeu um dos captores de Starbuck. — É pobre como um advogado honesto.

— Levem-no à brigada — ordenou o capitão. — Ou então, se isso der muito trabalho, abatam o desgraçado quando ninguém estiver a olhar. É o que os desertores merecem, uma bala. — Ofereceu um sorriso de esguelha a Starbuck, como se o incitasse a opor-se ao veredito.

— Não sou desertor — afirmou Starbuck.

— Não pensava que fosses, rebelde. Imaginei que não passasses de um desgraçado de pés feridos que não conseguiu acompanhar o exército. Se calhar, se te matasse, estava a fazer um favor aos secessionistas, e por isso é que talvez

te deixe viver. — O capitão agarrou nas rédeas e acenou com a cabeça, num gesto de desprezo. — Levem o filho da mãe.

— Trago uma mensagem — disse Starbuck, desesperado. — Não sou desertor, nem retardatário. Trago uma mensagem para o major James Starbuck, dos Serviços Secretos. Trouxe-a de Richmond há duas noites!

O capitão atirou a Starbuck um demorado olhar desconfiado.

— Filho — acabou por dizer —, estou exausto, esfomeado e ensopado, e só quero voltar a casa, em Manchester, por isso, se me estiveres a fazer perder tempo, pode ser que fique tão farto de ti que te enterre essa carcaça miserável sem primeiro desperdiçar uma bala. Portanto, convence-me lá.

— Preciso que me emprestem uma faca.

O capitão olhou para os dois homens corpulentos que tinham capturado Starbuck e riu-se como se julgasse que o prisioneiro os estava a tentar combater.

— Sentes-te heroico, ou só com sorte, ó rebelde?

— Uma faca pequena — emendou Starbuck, num tom cansado.

O capitão procurou por entre as várias camadas de roupa molhada. Atrás dele, a infantaria do New Hampshire arrastava-se pela estrada enlameada, com a chuva a escorrer dos sobretudos que eram usados como capas sobre as mochilas. Alguns lançaram a Starbuck um olhar curioso, tentando discernir no casaco e nas calças largas cinzentas esfarrapadas do rebelde capturado os lineamentos da maldade descrita pelos pregadores nortistas.

O capitão apresentou um pequeno canivete de que Starbuck se serviu para cortar os pontos do cóis das calças. Tirou a bolsa de oleado, a qual entregou ao cavaleiro.

— Era melhor que não se molhasse, meu capitão — aconselhou Starbuck.

O capitão desdobrou a bolsa e depois abriu-a, revelando as folhas de papel. Praguejou quando uma gota de chuva caiu sobre a primeira página, apagando de imediato uma das palavras, e curvou-se para proteger as folhas da intempérie. Puxou os óculos molhados para a cana do nariz e espreitou sobre os aros para ler a caligrafia cerrada. Aquilo que leu convenceu-o plenamente da verdade das palavras de Starbuck, pois voltou a guardar cuidadosamente os papéis dobrados no interior da bolsa, que devolveu a Starbuck.

— Estás a meter-me numa carga de trabalhos, filho, mas acho que o Tio Sam vai gostar que eu me esforce. Precisas de alguma coisa?

— De um charuto.

— Dá um charuto ao homem, Jenks, e tira-lhe a baioneta das costelas. Parece que, afinal de contas, ele está do nosso lado.

Encontraram-se cavalos para criar uma escolta com dois tenentes que agradeceram a possibilidade de viajar até Williamsburg. Ninguém sabia ao certo onde estava o quartel-general do Exército do Potomac, mas Williamsburg parecia um lugar óbvio. Além disso, na véspera, um dos tenentes tinha visto uma rapariga que ele jurava ser a coisa mais bonita que já vira nesta terra, por isso lá cavalgaram para Williamsburg. O tenente quis saber se as jovens de Richmond eram igualmente bonitas, e Starbuck garantiu-lhe que assim era.

— Mal posso esperar por lá chegar — disse o tenente, mas o companheiro, um indivíduo muito menos otimista, perguntou a Starbuck quão formidáveis eram as defesas em torno da cidade.

— Bastante formidáveis — replicou Starbuck.

— Bem, imagino que os nossos rapazes devem estar ansiosos por dar cabo deles. Ainda por cima depois de os secessionistas terem fugido de Yorktown sem primeiro esperarem para ser mortos.

Os tenentes partiram do princípio de que Starbuck, que não os desiludiu, se tratava de um patriota nortista que arriscara a vida pelo país, pelo que se sentiam naturalmente curiosos quanto a ele. Queriam saber de onde vinha, e quando Starbuck lhes disse que era bostoniano, os oficiais disseram que tinham passado por Boston a caminho da guerra, e que era uma bela cidade, melhor do que Washington, já que a capital estava cheia de avenidas ventosas, prédios por acabar e vigaristas que só queriam ganhar algum dinheiro com os honestos soldados do campo. Aí tinham conhecido o presidente Lincoln, que era um homem de boa índole, simples e direto, mas quanto ao resto da cidade, não havia palavras más o suficiente para a descrever. Os tenentes não estavam com grande pressa e pararam numa taberna, onde pediram cerveja. O taberneiro, um homem carrancudo, disse que lhe tinham bebido a cerveja toda, pelo que lhes ofereceu, em vez disso, uma garrafa de vinho de pêssego. Era doce e espesso, e enjoativo. Starbuck, sentado no alpendre traseiro da taberna, viu o ódio do taberneiro pelos invasores. Os dois tenentes, por seu lado, troçaram do taberneiro como sendo um ignorante de cabelo comprido desesperado por esclarecimento nortista.

— O país até não é feio! — O mais bem-disposto dos dois tenentes fez um gesto a abarcar o cenário. — Se fosse drenado devidamente e se se usasse a ciência para o cultivar, até se podia fazer dinheiro por aqui.

A bem da verdade, a paisagem molhada parecia desesperadamente agreste. A taberna tinha sido construída numa clareira entre as árvores, a norte dos pântanos que ladeavam o rio Chickahominy. O curso de água em si não era mais largo do que a avenida principal de Richmond, mas era limitado por faixas amplas de pauis que libertavam um cheiro denso e desagradável.

— A mim parece-me um sítio doentio — observou o tenente mais pessimista. — Este tipo de pântanos promove doenças. Não é terra para brancos.

Os tenentes, desiludidos com o vinho doce e enjoativo, decidiram prosseguir viagem. O percurso dos três cavaleiros levou-os contra uma onda de infantaria e Starbuck reparou na qualidade do equipamento dos soldados nortistas. Nenhum dos homens tinha solas de sapatos atadas às gáspeas com cordel, nenhum usava cintos de corda esfiapada, nenhum trazia mosquetes de pederneira de alma lisa como os usados pelos homens de George Washington, que tinham marchado por aquela mesma estrada para reter os britânicos junto ao mar, em Yorktown. Aquelas tropas não vestiam fardas remendadas com folhas de noqueira, nem tinham de moer amendoins e maçãs fumadas para fazer um substituto de café. Aqueles nortistas pareciam bem alimentados, alegres e confiantes, um exército treinado, equipado e determinado a acabar rapidamente com um assunto triste.

A dois ou três quilómetros do destino, passaram por um parque de artilharia onde Starbuck fez uma pausa para observar com espanto. Nunca imaginara que existissem tantos canhões no mundo, quanto mais num pequeno campo virginiano. As peças estavam alinhadas roda com roda, todas com armões acabados de envernizar, todos polidos, e além delas viam-se linhas de carroças cobertas novas, com os suprimentos dos artilheiros e com munições adicionais. Tentou contar os canhões, mas estava a anoitecer e Starbuck não conseguia ver claramente para sequer tentar uma aproximação. Havia filas de *Napoleões* de doze libras, linhas de canhões *Parrott* com as suas culatras bolbosas, hectares de peças de três polegadas com os seus canos estreitos. Algumas das armas tinham as suas bocas escurecidas, lembretes de que os rebeldes tinham levado a cabo uma ação de retardamento sangrenta em Williamsburg, para abrandar o avanço federal. Grupos de artilheiros estavam reunidos à volta de fogueiras entre as

peças ali estacionadas, e o cheiro a carne a assar fez com que os três cavaleiros incitassem as montadas a cavalgar em direção aos confortos de uma povoação vizinha.

Quando entraram em Williamsburg, com a sua dispersão de antigos edifícios universitários, as primeiras luzes dos candeeiros começavam a aparecer. Aproximaram-se da universidade por uma rua de casas de ripas. Algumas das casas estavam impecáveis, enquanto outras, presumivelmente as abandonadas pelos donos, tinham sido alvejadas pelos ianques. Cortinados rasgados pairavam nas janelas partidas e fragmentos de porcelana enchiam os pátios. Uma boneca jazia na lama de um quintal e um colchão rasgado cobria os restos lascados de uma cerejeira. Uma casa tinha sido incinerada, pelo que dela só restavam duas chaminés estreitas e chamuscadas, e algumas armações de cama meio derretidas. Havia soldados aboletados em todas as casas.

A Universidade de Guilherme e Maria tinha sofrido tanto quanto o resto da cidade. Os tenentes amarraram os cavalos a um poste no pátio central e exploraram o edifício Wren, em busca da sede dos Serviços Secretos. Uma sentinela ao portão garantiu-lhes que o gabinete se encontrava no edifício universitário, mas não tinha a certeza onde, pelo que os três homens vaguearam pelos corredores iluminados por candeeiros, espaços atulhados de livros destruídos e papéis rasgados. A Starbuck parecia que uma horda bárbara ali tinha passado para destruir a educação. Todas as estantes tinham sido esvaziadas e os livros amontoados, queimados, ou simplesmente descartados. Os quadros haviam sido estraçalhados e documentos antigos foram retirados de arcas partidas para servirem de lenha. Numa das salas, os painéis com relevos tinham sido arrancados com baionetas das paredes estucadas e desfeitos de tal forma que agora só restavam cinzas numa grelha larga. Os corredores fediam a urina. Uma efígie grosseira de Jefferson Davis, com cornos e cauda pontiaguda de demónio, tinha sido pintada com cal na parede de um anfiteatro. As tropas estavam instaladas nas salas de tetos altos. Alguns soldados tinham encontrado as túnicas dos professores penduradas num armário e agora pavoneavam-se pelos corredores com as vestes de seda preta.

— Estão à procura do quartel-general? — Um capitão nova-iorquino, cujo hálito tresandava a uísque, apontou aos três homens um grupo de casas a pouca distância na escuridão. — Casas dos professores — soluçou, e depois riu-se,

quando se ouviu uma gargalhada feminina na sala atrás dele. Alguém escrevera a giz “Sala de Cruzamento” sobre a porta do espaço. — Confiscámos o álcool da faculdade e estamos neste momento a cruzar as escravas da cozinha libertadas — anunciou o capitão. — Venham, juntem-se a nós.

Um sargento de Nova Iorque ofereceu-se para acompanhar Starbuck até à casa onde julgava que os Serviços Secretos tinham a sua sede, enquanto os dois tenentes do New Hampshire, agora dispensados dos seus serviços, se foram juntar às celebrações dos nova-iorquinos. O sargento estava zangado.

— Não têm qualquer sentido de dever — comentou, referindo-se aos oficiais. — Estamos numa cruzada honrada e não num deboche ébrio! Não passam de criadas de cozinha, mal acabadas de sair da infância! O que é que queremos que aqueles pobres negros pensem? Que não somos melhores do que os Sulistas?

Starbuck, no entanto, não conseguia sentir-se compassivo pela infelicidade do sargento. Estava demasiado apreensivo enquanto percorria o carreiro cheio de poças, a caminho da fila de casas elegantes, iluminadas a candeeiro. Estava a segundos de se encontrar com o irmão e descobrir se o seu antigo amigo era um traidor. Starbuck teria igualmente de se servir da ilusão, e não tinha a certeza de ser capaz de prosseguir com esse jogo. E se, ao ver o rosto de James, perdesse a decisão que o incitava? Talvez todo aquele embuste fosse a maneira de Deus o devolver ao caminho dos justos. Sentia o coração a saltar-lhe com força no peito; doía-lhe a barriga, ainda sensível devido ao tratamento de Gillespie. *Sê fiel a ti próprio*, disse para consigo, mas isso apenas servia para invocar a questão de Pilatos. Seria verdade? Queria Deus que ele traísse o Sul? Praticamente qualquer coisa o teria feito dar meia-volta e fugir do confronto que se avizinhava, mas, em vez disso, o sargento apontou para uma casa iluminada por velas e guardada por duas sentinelas de casaca azul que se abrigavam do vento contra a parede de tijolo.

— É esta a casa — indicou o sargento, após o que chamou as duas sentinelas. — Ele tem um assunto a tratar aí dentro.

A porta da casa estava marcada a giz. “Major E.J. Allen e Estado-Maior, ENTRADA PROIBIDA.” Starbuck quase esperava que as sentinelas lhe barrassem a entrada, mas, em vez disso, deixaram-no entrar, sem fazerem perguntas, para o hall decorado com desenhos de catedrais europeias. Um bengaleiro feito de hastes de veado estava coberto de casacas azuis e de cinturões de espadas. De

uma sala à esquerda de Starbuck chegava o som de vozes de homens e de talheres a raspar em porcelana.

— Está aí alguém? — gritou uma voz da sala de jantar.

— Estou à procura... — começou Starbuck a dizer, mas a voz fraquejou-lhe e teve de recomeçar. — Estou à procura do major Starbuck — completou então.

— E quem é que és tu? — Um homem baixo e barbado de voz dura apareceu à porta. Tinha um guardanapo enfiado no colarinho e um pedaço de frango espetado no garfo que segurava na mão direita. Lançou um olhar de desprezo à farda coçada de Starbuck. — És um miserável de um rebelde? Eh? É isso que tu és? Vieste suplicar uma refeição decente, agora que a tua rebelião miserável foi esmagada? Então? Responde, seu idiota.

— Sou o irmão do major Starbuck — explicou Starbuck — e trago uma carta de Richmond para ele.

O indivíduo belicoso fitou-o durante alguns segundos.

— Santo Cristo crucificado — blasfemou ele, espantado. — És o irmão de Richmond?

— Sim.

— Então entra, entra! — Gesticulou com o naco de frango empalado. — Entra!

Starbuck entrou numa sala onde uma dúzia de homens estavam a uma mesa bem recheada. Ardiam velas em três candelabros dispostos sobre o tampo polido, uma série de pratos continham pão fresco, legumes verdes e carne assada, enquanto à luz das velas cintilavam vinho tinto e talheres pesados. Mesmo esfomeado, Starbuck não reparou em nada disso; viu apenas o homem barbado no extremo da mesa que começara a levantar-se, mas que agora parecia ter-se imobilizado a meio caminho da cadeira. Fitou Starbuck, os olhos incrédulos.

— Jimmy! — disse o homem que abordara Starbuck no corredor. — Ele diz que é seu irmão.

— Nate — murmurou James, ainda praticamente inclinado, suspenso sobre a cadeira.

— James. — De repente, Starbuck sentiu uma onda de afeição pelo irmão.

— Oh, graças a Deus — exclamou James, deixando-se recostar na cadeira, como se a emoção do momento fosse demasiada para ele. — Oh, graças a Deus

— repetiu, levando um guardanapo aos olhos fechados enquanto rezava o seu agradecimento pelo regresso do irmão. Os outros homens à volta da mesa fitaram Starbuck num silêncio imóvel.

— Trouxe-te uma mensagem — interrompeu Starbuck a oração silenciosa do irmão.

— De...? — disse James com um tom ansioso de esperança, quase acrescentando o nome, mas recordando-se a tempo da promessa de manter a identidade de Adam em segredo. Interrompeu a questão e chegou mesmo a levar um dedo aos lábios, como se alertasse o irmão para não pronunciar o nome.

Foi então que Starbuck teve a certeza. O movimento de alerta do irmão deu a entender que ele saberia a identidade do espião, o que significava que o traidor era Adam. Nunca pudera ser mais ninguém, embora tal inevitabilidade não impedisse Starbuck de rezar que o espião se revelasse um qualquer estranho. De repente sentiu uma tristeza profunda por Adam, a par do desespero de saber que teria agora de se servir dessa nova certeza. James continuava à espera de uma resposta e Starbuck anuiu.

— Sim — confirmou —, dele.

— Graças a Deus também por isso — exclamou James. — Receava que ele pudesse ter sido capturado.

— O Jimmy voltou às rezas dele — interrompeu o homem baixo e barbado a conversa entre os irmãos —, por isso é melhor sentar-se e comer alguma coisa, senhor Starbuck. Parece esfomeado. Tem a mensagem consigo?

— Este é o senhor Pinkerton — apresentou James o indivíduo baixo. — Chefe do Departamento de Serviços Secretos.

— É uma honra conhecê-lo — asseverou Pinkerton, estendendo a mão.

Starbuck apertou-a e depois entregou a Pinkerton o quadrado de oleado.

— Creio que o senhor tem estado à espera disto — indicou.

Pinkerton desdobrou as folhas e olhou para a letra cuidadosamente disfarçada.

— É verdadeiro, Jimmy! Do seu amigo! Não nos deixou ficar mal! Sabia que não deixava! — Bateu com o pé no tapete em sinal de felicidade. — Sente-se, senhor Starbuck! Sente-se! Coma! Abram espaço! Ao lado do seu irmão, sim?

James levantou-se quando Nate se aproximou. Nate estava tão feliz por voltar a ver o irmão que por um segundo se sentiu tentado a oferecer um abraço, mas a

família nunca fora de grandes demonstrações de afeto, pelo que os irmãos se limitaram a apertar a mão.

— Senta-te — convidou James. — Vou pedir ao tenente Bentley um pouco de frango, se não se importa? Obrigado. E açorda. Sempre gostaste de açorda, Nate. Batata-doce? Senta-te, senta-te. Queres limonada?

— Vinho, por favor — indicou Starbuck.

James pareceu horrorizado.

— Tomas bebidas espirituosas? — Depois, incapaz de estragar aquele momento com a sua reprovação devota, ofereceu um sorriso. — Que seja vinho, então. A bem do teu estômago, de certeza, e porque não? Senta-te, Nate, senta-te!

Starbuck assim fez e foi assolado por questões. Parecia que todos os homens àquela mesa sabiam quem ele era, e todos tinham lido a notícia nos jornais de Richmond que davam conta da sua libertação. Esses jornais tinham feito a viagem até Williamsburg muito mais depressa do que Starbuck, que assegurava agora aos camaradas de James que a sua detenção não passara de um erro.

— Foste acusado de aceitar subornos? — desprezou James a sugestão. — Mas que disparate!

— Uma acusação forjada — disse Starbuck com a boca cheia de frango e açorda —, e uma desculpa para me reterem enquanto tentavam fazer-me confessar espionagem. — Houve alguém que lhe serviu mais vinho e quis saber ao certo como fugira de Richmond, por isso Starbuck falou de uma viagem para norte até Mechanicsville, e daí para leste, pelo emaranhado de pequenas estradas a norte do Chickahominy. Deu a entender que fizera a viagem sozinho, embora, a bem da verdade, ele não tivesse conseguido chegar às linhas nortistas sem o piloto de de'Ath, que o guiara em segurança através de veredas calmas e de florestas fantasmagóricas. Tinham viajado de noite, primeiro até Mechanicsville, depois até uma quinta a leste de Cold Harbor e, na última noite, através da linha de piquetes rebeldes junto ao Caminho-de-Ferro de York e Richmond, e por um pinhal perto da Igreja de S. Pedro, onde George Washington se casara. Fora aí que o taciturno Tyler deixara Starbuck.

— A partir daqui vai a pé — dissera Tyler.

— Onde estão os ianques?

— Passámos por eles há três quilómetros. Mas a partir daqui, rapaz, eles estão por todo o lado.

— Como regresso?

— Vá até Barker's Mill e pergunte pelo Tom Woody. O Tom sabe como me encontrar e se ele não estiver lá, fica por sua conta. Agora, vá-se embora.

Starbuck passara a maior parte da manhã abrigado pelos pinheiros e depois caminhara para sul, até chegar à estrada onde o regimento do New Hampshire o capturara. Agora, saciado com aquela refeição, mais faustosa do que tudo o que comera nos últimos meses, afastou a cadeira da mesa e aceitou o charuto que lhe ofereceram. O irmão franziu o cenho quando o viu a suar tabaco, por isso Starbuck garantiu a James que era apenas para aliviar um problema dos brônquios apanhado nos calabouços rebeldes. Passou então a descrever o tratamento a que fora sujeito na prisão e horrorizou a companhia com a descrição bastante gráfica do enforcamento de Webster. Não tinha notícias de Scully ou Lewis, nem da mulher, Hattie Lawton, que tinha sido capturada a par de Webster.

Pinkerton, entretido a encher um cachimbo com tabaco *James River* confiscado ao mesmo tempo que a casa onde estavam aquartelados, franziu uma sobrancelha a Starbuck.

— Porque é que o deixaram assistir à morte do desgraçado do Webster?

— Deviam estar à espera que me traísse ao reconhecê-lo, senhor Pinkerton — aventou Starbuck.

— Devem julgar que somos tontos! — exclamou Pinkerton, abanando a cabeça ante a prova da imbecilidade sulista. Acendeu o cachimbo e depois bateu com o dedo nas folhas de papel em que a mensagem falsa de de'Ath estava redigida. — Devo imaginar que conhece o homem que escreveu isto?

— Com efeito, senhor Pinkerton.

— Um amigo de família, não é? — Pinkerton olhou do magro Starbuck para James, mais cheio, voltando depois a Starbuck. — E imagino, senhor Starbuck, que se esse amigo lhe pediu que entregasse a carta, devia ter conhecimento das suas afinidades nortistas.

Starbuck partiu do princípio de que a questão seria um teste grosseiro à sua lealdade, e por um segundo foi mesmo, pois compreendeu que seria naquele momento que teria de começar a mentir. Ou isso, ou confessar a verdade e ver os

seus amigos na Companhia K e em Richmond a serem esmagados pelo exército nortista. Por um breve instante sentiu a tentação da sinceridade, nem que fosse pelo bem da sua alma, mas, depois, pensar em Sally fê-lo sorrir ao expectante Pinkerton.

— Ele tem conhecimento da minha lealdade, senhor Pinkerton. Já há algum tempo que o ajudo a recolher a informação que lhe envia.

A mentira saiu-lhe sem esforço. Conseguiu até soar modesto, e por um segundo ou dois ficou consciente da admiração silenciosa dos presentes, após o que Pinkerton bateu na mesa, em sinal de aprovação.

— Portanto, sempre mereceu a prisão, senhor Starbuck! — Riu-se para mostrar que se tratava de uma piada e voltou a bater na mesa. — É um homem corajoso, senhor Starbuck, disse não há dúvida. — Pinkerton falava com sinceridade, e os homens à volta da mesa murmuraram o seu assentimento em relação aos sentimentos do chefe.

James tocou no braço de Starbuck.

— Sempre soube que estavas do lado certo. Muito bem, Nate!

— O Norte está em dívida para consigo — disse Pinkerton — e farei tudo para que seja paga. Agora, se já terminou a sua refeição, talvez possamos falar em privado? E consigo também, Jimmy, claro. Vamos. Traga o seu vinho, senhor Starbuck.

Pinkerton levou-os para uma pequena sala com mobília elegante. Livros de teologia forravam as prateleiras, enquanto em cima de uma mesa de noqueira se via uma máquina de costura ainda com uma camisa meio acabada presa debaixo do pedal. Retratos de família em molduras de prata estavam alinhados numa mesinha lateral. Um deles, um daguerreótipo de uma criança pequena, tinha na moldura uma tira de crepe, que indicava que ela morrera recentemente. Outro mostrava um jovem de farda da artilharia confederada.

— É uma pena que aquela não tenha preto, não acha, Jimmy? — comentou Pinkerton quando se sentou. — Muito bem, senhor Starbuck, como é que o tratam? Nathaniel? Nate?

— Nate, senhor Pinkerton.

— Pode tratar-me por Buldogue. Todos me tratam assim. Todos, exceto aqui o Jimmy, pois ele é demasiado filho de Boston para usar alcunhas, não é verdade, Jimmy?

— Exatamente, chefe — assentiu James, indicando a Starbuck que se sentasse à frente de Pinkerton, junto à lareira vazia. O vento entrava pela chaminé e levava a chuva a fustigar as janelas.

Pinkerton tirou a mensagem falsificada de de'Ath do bolso do colete.

— As notícias são más, Jimmy — informou o detetive num tom lúgubre. — É tal como eu receava. Neste momento devemos ter cento e cinquenta mil rebeldes à nossa espera. Veja por si. — James fixou um par de óculos de leitura na cana do nariz e segurou a carta por baixo de um candeeiro a petróleo. Starbuck interrogava-se se o irmão identificaria a caligrafia forjada, mas James limitou-se a abanar a cabeça, obviamente solidário com o pessimismo do chefe em relação às notícias.

— É mau, major, muito mau.

— E vão enviar reforços ao Jackson, no Shenandoah, está a ver? — Pinkerton sugou o cachimbo. — É essa a quantidade de homens que eles têm! Podem dar-se ao luxo de retirar tropas das defesas de Richmond. É o que eu receava, Jimmy! Já há meses que os patifes andam a tentar convencer-nos de que o exército deles é pequeno. Queriam atrair-nos, está a ver? Montar-nos uma armadilha. E depois caíam-nos em cima com tudo! — Simulou um par de socos. — Por Deus, se não fosse esta mensagem, Jimmy, poderia ter resultado. O general vai ficar muito grato. Por minha fé, vai ficar mesmo muito grato. Vou visitá-lo daqui a pouco. — Pinkerton aparentava uma satisfação macabra com as más notícias, quase como se lhe tivessem dado energia renovada. — Mas antes de ir, Nate, diga-me o que se passa em Richmond. Não esteja com meias-palavras, meu caro. Diga-nos tudo, não nos poupe nada.

Assim incentivado, Starbuck descreveu uma capital rebelde apinhada de soldados vindos de todos os cantos da Confederação. Relatou que a Fundição Tredegar produzia canhões noite e dia desde o início da guerra e que essas peças saíam agora aos portões da fábrica, a caminho das defesas recém-abertas que rodeavam Richmond. Pinkerton chegou-se à frente, como se ansioso por beber cada palavra e franzia o cenho a cada nova revelação sobre o poderio rebelde. James, sentado a um lado, tirava apontamentos num pequeno caderno. Nenhum dos homens pôs em causa as invenções de Starbuck, engolindo em absoluto tudo o que ele lhes dizia.

Starbuck concluiu dizendo que vira entrar em Richmond comboios vindos de Petersburg, carregados com os caixotes de espingardas britânicas, contrabandeadas através do bloqueio da Marinha dos Estados Unidos.

— Segundo estimam, meu major, cada soldado rebelde tem agora uma espingarda moderna e munições suficientes para uma dúzia de batalhas — disse Starbuck.

James franziu o sobrolho.

— Metade dos prisioneiros que fizemos na semana passada estava armada com mosquetes de alma lisa antiquados.

— Isso acontece porque não deixam que as armas mais recentes saiam de Richmond — mentiu Starbuck tranquilamente. De repente começava a divertir-se.

— Está a ver, Jimmy? Estão a querer atrair-nos para uma armadilha! — Pinkerton abanou a cabeça ao ser confrontado com tal prova da perfídia rebelde. — Vão deixar-nos entrar e depois massacram-nos. Meu Deus, mas que maquiavélicos. — Sugou o cachimbo, mergulhado em pensamentos. Um relógio tiquetaqueava na prateleira da lareira, enquanto da escuridão molhada chegavam as vozes dos homens a cantar. Pinkerton recostou-se por fim na cadeira, como se tivesse sido incapaz de ver uma saída da floresta de inimigos que o começavam a cercar. — Esse seu amigo, o indivíduo que escreve estas cartas — disse Pinkerton, apontando o cachimbo a Starbuck —, como é que tenciona enviar-nos mais cartas?

Starbuck deu um bafo no charuto.

— Ele sugeriu que eu regressasse a Richmond e que me usasse tal como usou o Webster. O Ad... — impediu-se de proferir o nome de Adam no último momento. — É verdade que poderei não ser o ideal, mas talvez as coisas possam ser feitas assim. Ninguém em Richmond sabe que cruzei as linhas.

Pinkerton fitou Starbuck.

— Qual o seu estatuto entre os rebeldes, Nate? Libertaram-no da prisão, é certo, mas serão tolos a ponto de esperar que regressasse ao exército?

— Pedi uma licença, meu major, e eles concederam-ma, mas querem-me de volta ao Departamento de Passaportes até ao final do mês. Bem vê, era aí que trabalhava quando fui detido.

— Por minha fé, o Nate pode ser de grande utilidade nesse departamento! Por minha fé, como será útil! — Pinkerton levantou-se e percorreu, entusiasmado, a pequena sala. — Mas vai correr um risco enorme ao regressar. Está mesmo disposto a fazê-lo?

— Sim, meu major, se tal for necessário. Quero dizer, se não acabarem com a guerra primeiro.

— É um homem muito corajoso, Nate, muito corajoso — declarou Pinkerton, continuando a andar enquanto Starbuck voltava a acender o charuto e inspirava profundamente o fumo. De'Ath ficaria orgulhoso, pensou. Pinkerton parou de andar e apontou o tubo do cachimbo a Starbuck.

— É possível que o general queira falar consigo. Pode esperar pela minha indicação?

Starbuck ocultou o alarme que sentiu ao pensar em encarar o comandante nortista.

— É claro, meu major.

— Certo! — Pinkerton pegou na carta falsa que estava em cima da mesa à frente de James. — Vou encontrar-me com sua senhoria. Deixo-os à vontade para falarem. — Saiu da sala, gritando a um oficial de dia que lhe trouxessem o casaco e o chapéu.

James, subitamente embaraçado, instalou-se na cadeira deixada vaga por Pinkerton. Cruzou timidamente o olhar com o do irmão e depois sorriu.

— Eu sabia que no fundo não eras um cabeça-de-cobre.

— Um quê?

— Um cabeça-de-cobre — repetiu James. — É um termo pejorativo para referir os nortistas que simpatizam com o Sul. Os jornalistas costumam servir-se da palavra.

— São umas cobras terríveis, as cabeças-de-cobre — comentou Starbuck com ligeireza. Um dos seus homens quase fora mordido por uma cobra-de-cabeça-de-cobre no ano anterior, e lembrava-se de Truslow a bradar uma ordem e depois a cortar a cabeça da serpente castanha com a faca de mato. A cobra cheirava a madressilva, se bem se recordava.

— Como está o Adam? — quis saber James.

— Zeloso. E apaixonado, também. Pela filha do reverendo John Gordon.

— Da SAPEP? Nunca o conheci, mas já ouvi falar muito bem do senhor. — James tirou os óculos de leitura do nariz e limpou-os à aba do casaco. — Estás magro. Deram-te mesmo purgantes?

— Sim, é verdade.

— Terrível, terrível. — James franziu o sobrolho e depois ofereceu ao irmão um sorriso compassivo. — Agora já estivemos os dois na prisão, Nate. Quem diria? Confesso que quando estava detido em Richmond, os Atos dos Apóstolos me deram bastante conforto. Acreditava que se o Senhor libertara Paulo e Silas das masmorras, também a mim me libertaria. E assim foi!

— Eu também — asseverou Starbuck, contorcendo-se com o embaraço. Enganar Pinkerton dava-lhe um certo prazer, mas ludibriar James não era a mesma coisa.

James sorriu.

— O Adam encorajou-me a acreditar que talvez pudesses voltar à nossa causa.

— A sério? — indagou Starbuck, sem ser capaz de ocultar a surpresa sentida por o seu antigo amigo o ter compreendido tão erroneamente.

— Disse-me que frequentavas encontros de oração — adiantou James —, por isso sabia que estarias a confessar-te ao Senhor, e agradei a Deus por isso. O Adam entregou-te a Bíblia?

— Sim, obrigado. Está aqui — indicou Starbuck, batendo no bolso do peito. A Bíblia estava à sua espera em casa de de'Ath, a par da farda. — Quere-la de volta?

— Não! Não. Gostava que a aceitasses como um presente. — James bafejou sobre os óculos e voltou a esfregar as lentes. — Pedi ao Adam que te convencesse a voltar para casa. Assim que fiquei a par dos verdadeiros sentimentos dele em relação à guerra, claro.

— Ele encorajou-me, sim — mentiu Starbuck.

James abanou a cabeça.

— Quer dizer que existem mesmo tantos soldados rebeldes? Confesso que tinha as minhas dúvidas. Julgava que o Pinkerton e o McClellan estivessem a ver riscos onde eles não existiam, mas estava enganado! Bem, com a ajuda de Deus, iremos conseguir, mas admito que os combates serão difíceis. Mas pelo menos cumpriste o teu dever, Nate, e garanto que o pai vai ficar a saber disso.

Starbuck esboçou um sorriso embaraçado.

— Não imagino o pai a perdoar-me.

— Ele não é dado ao perdão — admitiu James —, mas se eu lhe disser como os teus serviços foram valiosos, quem sabe? Talvez se esforce por restaurar a afeição? — Voltou mais uma vez a ocupar-se com a limpeza dos óculos. — Confesso que ele continua zangado.

— Por causa da rapariga? — perguntou Starbuck brutalmente, referindo-se à altura em que fugira tanto de Yale como da fúria do pai. — E por causa do dinheiro que roubei?

— Sim. — James corou e depois sorriu. — Mas nem mesmo o pai é capaz de negar a parábola do filho pródigo, não é verdade? E vou dizer-lhe que chegou a altura de te perdoar. — Fez uma pausa, encurralado entre o desejo de confessar uma emoção e a educação que o ensinara a ocultar tais sentimentos. O desejo levou a melhor. — Só quando desapareceste é que percebi as saudades que tinha. Sempre foste o rebelde, não é? Quer-me parecer que precisava mais da tua malícia do que imaginava. Depois de te ires embora, decidi que devíamos ter sido mais amigos, e agora podemos ser.

— É muito gentil da tua parte — admitiu Starbuck, profundamente embaraçado.

— Vem! — James deslizou repentinamente da cadeira e ajoelhou-se no tapete. — Vamos rezar?

— Sim, é claro — concedeu Starbuck, e ajoelhou-se, pela primeira vez em meses. O irmão rezou em voz alta, agradecendo ao Senhor pelo regresso do irmão pródigo e suplicando a bênção de Deus por Nate, pelo futuro de Nate e pela causa justa do Norte. — Talvez — concluiu James — queiras acrescentar alguma coisa à oração, Nate?

— Só amém — disse Starbuck, interrogando-se quanto às traições que teria de cometer nos dias que se seguiriam, caso pretendesse manter a promessa que fizera ao pai de Sally. — Só amém.

— Nesse caso, amém e amém — terminou James. Sorriu, cheio de felicidade, pois a probidade triunfara, um pecador regressara a casa e a desgraça de uma família poderia finalmente ser reparada.

O CSS *Virginia*, o couraçado construído sobre o casco do antigo USS *Merrimack*, foi encalhado e incendiado quando Norfolk, a sua base, foi abandonada. A perda do couraçado rebelde abriu o rio James à marinha nortista, e uma flotilha de

navios de guerra foi subindo o curso de água a caminho de Richmond. As baterias rebeldes nas margens do rio foram dominadas pelo fogo naval, com os enormes projéteis dos canhões *Dahlgren* a despedaçar os taludes ensopados e as granadas gementes de cem libras dos canhões *Parrott* a desfazer as plataformas apodrecidas e a estilhaçar as estruturas dos canhões. Quilómetro a quilómetro, o esquadrão nortista, composto por três couraçados de ferro e duas canhoneiras de madeira, subiram o rio, confiantes de que não restariam no James navios secessionistas capazes de os desafiar e sem se depararem com baterias nas margens com força suficiente para deter o seu avanço inexorável.

Nove quilómetros a sul de Richmond, onde o rumo da esquadra descrevia um ângulo reto para se dirigir a norte através do centro da cidade, restava um derradeiro forte rebelde. Erguia-se em Drewry's Bluff, uma colina altaneira na margem sul do James, e as suas armas pesadas apontavam para leste, na direção da embocadura do rio. A norte de Drewry's Bluff, onde o rio corria de forma convidativa a caminho do centro da rebelião, tinha sido afundada uma barricada de barcas cheias de pedras contra grandes estacas. A água saltava a barricada e fluía com a sua espuma branca por cima dos diques, enquanto um emaranhado de madeiras e árvores flutuantes a montante dava ao obstáculo um aspeto ainda mais formidável.

A esquadra nortista chegou ao último forte e à sua barricada depois de uma alvorada. Os cinco navios de guerra tinham passado a noite ancorados a meio do rio, fustigados pelas espingardas inimigas nas margens, mas agora, com o Sol nascente atrás deles, as embarcações desimpediam as torres e os conveses para a batalha decisiva. Primeiro teriam de subjugar o forte e depois abrir passagem na barricada.

— Richmond ao cair da noite, rapazes! — gritou à tripulação um oficial do couraçado-almirante. Avistou pelo telescópio a cidade distante à luz do novo dia. Podia ver o Sol a brilhar em pináculos brancos, num templo e nos telhados que subiam as sete colinas da cidade. Via as desgraçadas bandeiras rebeldes desfraldadas e jurou que, antes do final do dia, o seu navio desembarcaria um grupo de ataque que tomaria um daqueles trapos das hastes de Richmond. Primeiro destruiriam aquele derradeiro obstáculo, depois subiriam o rio até ao centro da cidade e bombardeariam os cidadãos até que se submetessem. O exército ficaria assim livre da necessidade de um cerco. Vitória ao cair da noite.

Os cinco navios carregaram as armas, içaram as âncoras da lama do rio e avançaram para a batalha com os pavilhões brilhantes ao Sol nascente. Os rebeldes foram os primeiros a abrir fogo, disparando rio abaixo quando o navio-almirante se encontrava a meros seiscentos metros. As granadas rebeldes gemeram na sua viagem desde a cumeada da colina, cada projétil deixando atrás de si um rasto fino de fumo. Os primeiros disparos caíram no rio, fazendo saltar grandes jorros de água que foi levada para o interior da névoa. Depois houve os primeiros impactos e os artilheiros rebeldes aplaudiram.

— Poupem o fôlego! Recarregar! Toca a mexer! — gritou um capitão.

O couraçado USS *Galena* liderava o ataque, suportando o canhoneio enquanto manobrava para assumir uma posição de tiro. Começou por lançar uma âncora de popa e depois, com a hélice parada, deixou que a corrente o virasse, para que todo o costado ficasse de frente para o pequeno forte no seu promontório altaneiro. O capitão do *Galena* pretendia deter o impulso da corrente baixando uma âncora de proa quando estivesse de lado para as peças rebeldes, mas assim que o couraçado improvisado começou a virar, as granadas rebeldes deram início à destruição dos flancos blindados. As placas de ferro aparafusadas ao casco de madeira do *Galena* não estavam à altura dos grandes canhões do forte. A blindagem cedeu e caiu, e depois as bombas inimigas atravessaram a madeira desprotegida, transformando o convés num matadouro de fogo e aço incandescente. Fizeram-se ouvir gritos, o fumo saía em novelos pelas escotilhas, e fogo era cuspidor pelas canhoneiras. O navio de guerra cortou o cabo da âncora e, com sangue a escorrer pelos embornais, deixou-se arrastar para jusante, em busca de segurança.

O *Monitor*, um couraçado construído de raiz com convés e torre de metal sólido, avançou até ao ponto de risco com a hélice de um metro e oitenta de diâmetro a deixar o rio castanho com a lama do leito. Os artilheiros do forte fizeram uma pausa para deixar que o fumo das suas oito peças se dissipasse, depois viraram as palmetas e nivelaram as estruturas dos canhões para aprimorar a pontaria. O *Monitor* representava um alvo bastante mais difícil, pois pouco mais era do que um convés metálico plano, quase ao mesmo nível do rio, onde se erguia uma torre circular com seis metros de largura. Aos homens no forte lembrava uma forma de bolo a flutuar num tabuleiro metálico cheio de água, após o que se viu uma baforada de fumo, quando o motor a vapor auxiliar

ativou a engrenagem que faria girar a torre do navio para apontar os dois canhões monstruosos.

— Fogo! — bradaram os comandantes artilheiros rebeldes e saltaram chamas dos canhões, que foram empurrados para trás nas suas barbetas. As granadas e a metralha caíram sobre o couraçado. Algumas fizeram saltar grandes jorros de água do rio, outras acertaram em cheio no alvo, mas ressaltaram no convés blindado, voando a gemer sobre as margens.

Os marinheiros do *Monitor* abriram as canhoneiras. Toda a embarcação estremeceu quando um disparo inimigo acertou no convés e outra vez ainda quando mais uma granada fez com que a torre reverberasse como um tambor gigante.

— Fogo! — O oficial da torre bradou a sua ordem.

— Não sobem o suficiente! — respondeu um capitão artilheiro. — As peças! Não se elevam mais! — Uma nova granada inimiga embateu na torre, fazendo saltar poeira de cada rebite e junta da blindagem interior. Saltou água à frente dos canhões com um tiro falhado, e depois outra granada ressoou na blindagem.

O oficial semicerrou os olhos ao espreitar pelas miras e viu que o cano da arma estava apontado à encosta abaixo do forte.

— Não sobem mais! — gritou o capitão artilheiro sobre o terrível estrépito da munição sólida que embatia nas oito camadas de blindagem de uma polegada da torre. O motor principal do couraçado trabalhava nas entranhas do navio, mantendo-o firme contra a corrente, enquanto, a espaços, um retinir dava conta do impacto da bala de um atirador, disparada dos esconderijos espalhados pela margem do rio.

— Disparem à mesma! — vociferou o oficial.

O *Monitor* disparou, mas as enormes granadas duplas limitaram-se a enterrar-se na encosta húmida e a provocar uma breve avalanche de terra molhada que se soltou da rocha. As granadas inimigas embatiam e ressaltavam na blindagem do convés e entupiram os respiradouros dos motores com os salpicos de água. O timoneiro do couraçado, que lutava contra a força lateral da hélice monstruosa, espreitou através das fendas nos blocos de ferro sólido da cabina e não viu nada, além de água e de fumo. O couraçado voltou a disparar, com toda a popa da embarcação a baixar momentaneamente um palmo na água com o recuo das

duas grandes peças, mas, mais uma vez, os projéteis caíram aquém do forte de muralhas de terra erigido tão acima do rio.

— À ré! — bradou o capitão do navio ao timoneiro. O *Monitor*, com as suas armas incapazes de prejudicar as baterias inimigas, flutuou rio abaixo, seguindo o derrotado *Galena*, e o timoneiro ouviu as troças da infantaria rebelde presente nas margens.

O terceiro couraçado, o USS *Naugatuck*, passou ao lado do frustrado *Monitor*, para assumir a liderança no rio estreito. A primeira salva foi demasiado baixa, a seguinte assobiou por cima do forte, indo despedaçar as árvores mais além, e depois os artilheiros decidiram que tinham ajustado a elevação correta e enfiaram uma granada de cinquenta quilos no cano de três metros e meio do grande canhão *Parrott*. Recuaram, o artilheiro puxou a fita para raspar o fulminante e disparar a arma, mas, em vez disso, todo o cano, mais de quatro toneladas de ferro, explodiu com um estalo ofuscante. Marinheiros foram chicoteados, dispersando jorros de sangue quando os fragmentos metálicos assobiaram pelo ar. O fogo lambeu o convés, fazendo explodir uma carga preparada para a peça seguinte. Essa explosão mais pequena abriu as costelas de um marinheiro como se tivesse sido cortado por uma faca e espalhou-lhe os intestinos, quais entranhas extraídas por um talhante, sobre um guincho de munições. Uma granada inimiga veio somar-se ao horror, entrando pela canhoneira aberta e matando dois homens que puxavam uma mangueira para combater o fogo. As chamas rugiam pelo convés, empurrando os artilheiros até à popa, onde eram alvos fáceis para os atiradores nas margens. As bombas do navio controlaram o incêndio, mas só depois de o *Naugatuck*, à semelhança do *Galena* e do *Monitor*, ter sido levado pela corrente para fora do alcance das armas inimigas. As duas canhoneiras mais pequenas disparavam a longa distância, mas nenhuma delas se atreveu a aproximar o frágil casco de madeira dos canhões ilesos em Drewry's Bluff, e, pouco a pouco, como se reticentes em admitir a derrota, a flotilha devastada deixou-se levar pela corrente rio abaixo.

Em Richmond, as armas soavam a uma trovoadas de verão, fazendo estremecer os caixilhos das janelas e ondular a água colorida que enchia os frascos de gargalo comprido nas janelas do salão de cabeleireira de *Monsieur* Ducquesne. Os mil e duzentos escravos que trabalhavam nos dois hectares da infernal Fundação Tredegar ovacionaram em silêncio os atacantes invisíveis, enquanto os

supervisores olhavam nervosamente pelas janelas sujas, como se esperassem ver uma frota monstruosa de couraçados ianques a contornar o cotovelo do rio em Rockett's Landing, com as chaminés a escurecer o céu e os grandes canhões preparados para desfazer o centro da capital secessionista. Mas nada se movia na curva do rio, salvo a água agitada pelo vento. As armas continuaram a troar, com o seu som abafado na manhã quente.

O som trouxe nova urgência a um encontro dos cidadãos livres que fora convocado na base dos degraus imponentes da Casa Estatal. No topo dos degraus, enquadrados pelas enormes colunas da arquitetura jeffersoniana que lhes concedia uma nobreza acrescentada, o presidente da Câmara de Richmond e o governador da Virgínia garantiram que a cidade nunca se renderia enquanto houvesse fôlego nos seus corpos e orgulho nos seus corações. Juraram lutar de rua em rua, de casa em casa, e prometeram que o James ficaria tingido de vermelho com sangue ianque antes de a cidade virginiana se submeter à tirania nortista. A multidão, carregada de armas, aplaudiu tais sentimentos.

Julia Gordon, que regressava a casa com um par de coelhos esfolados que conseguira no mercado de Union Street, trocando uma bela toalha de mesa de damasco que fizera parte do enxoval da mãe pelos bichos, fez uma pausa perto da multidão e ouviu os oradores. Nas pausas entre ovações notou que o som dos canhões parecia crescer, baixar, desvanecer-se e ecoar como uma trovoadas distante. Um famoso congressista confederado começara a discursar, tendo como texto um exemplar do *Herald* de Nova Iorque, que dizia como os habitantes de Albany, capital do Estado de Nova Iorque, celebravam a vitória iminente do Norte sobre a secessão. Dançava-se nas ruas nortistas, dizia o congressista, porque os presumidos dos Ianques julgavam que a guerra estava ganha. E porque pensavam assim?, indagou o orador. Porque o grande McClellan estava a marchar sobre Richmond.

— E será que o McClellan vai vencer? — O orador bradou a questão.

— Não! — rugiu a multidão a sua resposta.

O Jovem Napoleão, dizia o orador, teria o seu Waterloo e as danças nas ruas de Albany iriam transformar-se no arrastar de pés do luto. As bandas dariam lugar a tambores abafados e os arlequins a viúvas a carpir. Por cada herói enterrado no cemitério de Hollywood, em Richmond, prometeu o orador, seriam enterrados vinte cadáveres no Norte, e por cada lágrima derramada por uma

viúva sulista, seria despejado um balde na odiosa União. Richmond nunca se renderia, o Sul não cederia, a guerra não estava perdida. A multidão aplaudiu e os canhões distantes ribombaram.

Julia prosseguiu lentamente o seu caminho, com as duas carcaças ensanguentadas a pingarem-lhe da mão. Contornou o ajuntamento e seguiu o caminho que se dirigia à Bell Tower. Pedintes aleijados estavam sentados junto à vedação que limitava a torre, todos eles feridos na batalha de Manassas. Além da torre, parado junto a S. Paulo, na Ninth Street, esperava um carro funerário com uma parelha de cavalos com grandes plumas de penas pretas. Os postilhões negros usavam luvas brancas e sobrecasacas pretas. Atrás do carro, uma pequena banda militar com braçadeiras de luto esperava que o caixão fosse trazido da igreja.

Julia atravessou a estrada à frente dos cavalos emplumados, subiu os degraus até ao Departamento de Guerra e perguntou ao funcionário no gabinete do hall se o major Adam Faulconer, do estado-maior do general Johnston, se encontrava no edifício. O indivíduo nem precisou de confirmar os registos.

— O estado-maior do general está todo fora da cidade, menina. Há já um mês que não vemos o major Faulconer.

— Ele ter-me-á enviado alguma carta? — quis saber Julia. Por vezes, os oficiais do estado-maior contornavam os serviços postais, usando os mensageiros do exército para lhes transportar o correio pessoal até à cidade. — Para a menina Gordon? — completou Julia.

O secretário procurou entre as cartas que tinha em cima da mesa, mas não havia nada para Julia. A jovem agradeceu-lhe e subiu lentamente a colina, virando para Franklin Street e tentando decidir se estaria desiludida com o silêncio de Adam ou se, estranhamente, era um alívio. Julia escrevera a informar Adam de que tinha uma mensagem para ele, mas não tivera resposta e começava a desconfiar que o silêncio de Adam talvez fosse sintomático de uma mudança de sentimentos.

Julia ficara surpreendida quando Adam a começara a cortejar, mas também se sentira lisonjeada, pois ele era um homem extremamente bem-apesoado e conhecido como honrado e honesto. Adam era também — e Julia não era desonesta a ponto de fingir ser cega a tal vantagem — o único herdeiro de uma das maiores fortunas da Virgínia, e embora Julia dissesse constantemente para

consigo que a afeição que sentia por Adam não era influenciada por essa circunstância, sabia também que esta teria um efeito tão marcado e constante como a atração invisível exercida pelo Sol sobre as marés da Terra. A mãe de Julia vivia num constante estado de vergonha por causa da pobreza, vergonha essa que fazia com que a vida do marido fosse miserável, pelo que Julia sabia que ao casar-se e entrar para a família Faulconer, poderia mitigar a infelicidade dos pais.

No entanto, começou Julia a divagar enquanto percorria lentamente a cidade, havia qualquer coisa que não soava bem em relação aos sentimentos que nutria por Adam. A palavra “amor” era tão imprecisa, pensou. Amava Adam? Não tinha a certeza e antecipava um casamento repleto de obras boas e caridosas que se estenderiam no futuro, talvez mesmo até ao século seguinte, e sempre que pensava nessa vida boa e útil, via-se extremamente ocupada, mas nunca absolutamente feliz. Não seria infeliz, certamente, mas também não seria feliz, e depois admoestava-se pelo egoísmo pouco cristão de querer sequestrar a felicidade. A felicidade, dizia para consigo, não era o resultado de buscas pelo prazer, mas sim um efeito provocado pela realização de um sem-fim de obras caridosas.

Contudo, às vezes, nas noites em que acordava com o som do vento a suspirar pelos telhados e da chuva a borbulhar nas sarjetas, sentia-se melancólica, pois notava uma falta de alegria. Adam alguma vez se preocuparia com a alegria?, interrogava-se. Ele parecia tão sombrio, tão cheio de ideais elevados e de consternações profundas. Dizia que era a guerra que lhe oprimia a alma, mas Julia não era cega a outros jovens cujo amor e felicidade ultrapassavam os combates.

Julia apercebeu-se de que se dirigia para oeste em Franklin Street, o que queria dizer que em breve passaria pela casa onde vivia Sally Truslow. Julia ainda não reunira a coragem necessária para fazer a visita e sentia-se envergonhada por esse fracasso. Passou pela casa no outro lado da estrada e sentiu-se intimidado pela grandiosidade. O Sol encoberto fazia espelhar as janelas, mas não ocultava completamente os lustres pendurados nas divisões mais além. A porta de entrada cintilava à luz pouco familiar do Sol. Sentiu uma vontade repentina de atravessar a estrada e puxar a corrente de bronze polido da sineta, mas decidiu que levar um par de coelhos ensanguentados para dentro de

uma casa, mesmo sendo esta de má fama, não seria de todo a melhor maneira de salvar uma alma. E era por isso, dizia para consigo, que pretendia visitar Sally.

Prosseguiu no seu caminho para casa, passando por casas trancadas, cujos habitantes tinham fugido do avanço dos ianques. A cidade encontrava-se mais segura graças à evacuação, pois o exército aumentara as patrulhas de polícia militar, num esforço para defender as propriedades abandonadas. Outras patrulhas tinham vasculhado os bairros mais pobres da cidade, em busca de desertores, ao mesmo tempo que os jornais também declaravam que as autoridades andavam à caça de espiões nortistas que pretendiam trair a Confederação. A cidade estava cheia de boatos e de medo, e agora tremia com o som dos disparos. O inimigo estava aos portões.

Julia chegou à casa dos pais. Ali ficou por um instante, a ouvir a precursão abafada das armas pesadas que disparavam no rio, fechou os olhos e rezou para que todos os jovens regressassem a casa a salvo. Sem que a invocasse, surgiu-lhe uma imagem de Starbuck e ficou tão surpreendida com essa intrusão que soltou uma gargalhada. Depois levou os coelhos para dentro de casa e fechou a porta contra os sons da guerra.

A carta de Belvedere Delaney para o tenente-coronel Thorne ficou escondida uma semana inteira na oficina do remendão na Estação de Catlett. Todos os dias, o remendão acrescentava mais cartas ao esconderijo até que, por fim, juntou suficientes para que a viagem valesse a pena. Depois, com dezasseis cartas para o coronel Wilde guardadas dentro de um envelope grande, trancou a oficina e disse aos amigos que ia entregar sapatos remendados a clientes distantes. Transportando uma saca pesada de sapatos consertados, com a correspondência clandestina escondida no forro, começou a andar para norte. Uma vez fora da sua zona, passou a viajar só à noite, tendo o cuidado de evitar as patrulhas a cavalo de tropas irregulares, que se sabia já terem enforcado negros livres na árvore mais próxima, com ou sem salvo-conduto.

Precisou de duas noites para chegar às linhas federais a sul do Potomac, onde se limitou a entrar num acampamento de infantaria da Pensilvânia.

— Andas à procura de trabalho, Sambo? — deteve-o um sargento.

— Só do responsável pelo correio, senhor. — O remendão tirou o chapéu e baixou a cabeça em sinal de respeito.

— Há um carro de correio ao pé do barracão do vivandeiro, mas vou ficar de olho em ti! Se roubas alguma coisa, preto safado, mando os meus homens praticarem tiro ao alvo na tua pele.

— Sim, senhor! Eu porto-me bem, senhor! Obrigado, senhor!

O responsável pelo serviço postal pegou no envelope grande, franqueou-o, depois empurrou o troco sobre o balcão e disse ao remendão para dar às de vila-diogo. No dia seguinte, as dezasseis cartas foram deixadas na secretária do tenente-coronel Wilde, no Departamento do Inspetor-Geral em Washington, D.C., onde se juntaram a mais uma centena de outras cartas que solicitavam a atenção do coronel. O gabinete do coronel estava bastante depauperado, pois com a rápida expansão do Exército dos Estados Unidos, o Departamento do Inspetor-Geral tornara-se o melhor sítio onde delegar tarefas que nenhum outro departamento tinha a competência ou a disposição para levar a cabo. Entre essas tarefas contava-se a análise das informações recebidas da Confederação, trabalho que seria mais adequadamente realizado pelo Gabinete de Serviços Secretos, mas nem todos os elementos do governo dos Estados Unidos partilhavam a fé do general McClellan no detetive Pinkerton, pelo que em Washington surgira um serviço de espionagem separado, o qual, à semelhança de qualquer outra responsabilidade órfã, fora parar ao Departamento do Inspetor-Geral.

Fora essa fortuita delegação de responsabilidade que originalmente levava a proposta de ajuda por parte de Belvedere Delaney até à secretária do tenente-coronel Thorne. Desde então, Delaney, à semelhança de mais uma série de outros simpatizantes nortistas na Confederação, enviava o seu material a Thorne, que juntava essa correspondência ao grande fluxo de informação que ameaçava assoberbar um gabinete já por si sobrecarregado com tarefas alheias. Assim, quando a mais recente carta de Delaney chegou ao gabinete do coronel, Thorne nem sequer estava perto de Washington, mas sim no Massachusetts, onde levava a cabo uma viagem de inspeção pelos fortes da costa norte, viagem essa que se esperava durasse grande parte do mês de maio, pelo que a carta de Delaney esperou em Washington, enquanto o coronel Thorne enumerava os baldes de incêndio e as latrinas do Forte Warren. Não fora para isso que se alistara no exército, dizia Thorne para com os seus botões, mas ainda tinha esperança de um dia cavalgar por um campo devastado e salvar o seu país do

desastre. O coronel Thorne, pesasse embora as costas hirtas, o rosto endurecido e o olhar fixo, ainda tinha sonhos como um soldado e rezava como um soldado, e nessa oração pedia que travasse pelo menos uma batalha pelo seu país, antes que o Jovem Napoleão trouxesse à América uma paz duradoura.

E a carta foi ganhando pó.

O torpedo terrestre fora deixado ficar para que o comandante do Exército do Potomac pudesse ver com os seus próprios olhos as profundezas abjetas a que as forças rebeldes tinham chegado.

— Foi só graças a Deus Nosso Senhor que encontrámos este antes que explodisse, embora só Deus saiba quantos mais rebentaram sem aviso. — Quem falava era um major do Corpo de Engenharia, baixo e brusco, que se encontrava em mangas de camisa e suspensórios, e tinha um ar de eficiência competente que lembrava Starbuck de Thomas Truslow.

O major-general McClellan desceu do cavalo e caminhou com passo ligeiro para examinar o torpedo terrestre que fora escondido dentro de um barril marcado com a indicação errónea “Ostras Secas, Srs. Moore e Carline, Mt Folly, Va.” McClellan, imaculado na sobrecasaca azul com uma fila dupla de botões de bronze e um belo cinturão dourado, aproximou-se cautelosamente do barril.

— Já é seguro, meu general, tal como poderá ver. — O major ter-se-ia apercebido do nervosismo do general. — Mas, por minha fé, meu general, era um dispositivo diabólico.

— Uma desgraça — disse McClellan, mantendo a distância do barril de ostras. — Uma grande desgraça.

— Encontrámo-lo ali naquela casa. — O major apontou para uma pequena casa rural que se encontrava abandonada a uma centena de metros da estrada. — Trouxemo-lo para que o meu general o visse.

— E fez muito bem, para que todo o mundo o veja! — McClellan estava hirtos, com uma mão enfiada numa abertura desabotoada da casaca e uma expressão consternada no rosto. Esse franzir de cenho, segundo se apercebera Starbuck, parecia ser a expressão perpétua do jovem general. — Eu não teria acreditado — disse McClellan num tom alto e demorado, para que os cavaleiros reunidos junto à estrada pudessem ouvir cada palavra — que homens nascidos e criados nos Estados Unidos da América, mesmo sendo indivíduos afetados pela inveja do secessionismo, pudessem empregar estratégias tão baixas e aparelhos tão

maléficos. — Muitos dos oficiais montados acenaram gravemente, enquanto Pinkerton e James, que acompanhavam Starbuck na viagem para oeste com o general, manifestaram sonoramente o seu desagrado. Os jornalistas estrangeiros, a quem McClellan realmente dirigia os comentários, rabiscaram nos blocos. O único homem que não parecia surpreendido e chocado com o barril armadilhado era um observador francês, cego de um olho e com cicatrizes visíveis, que, segundo Starbuck se apercebera, parecia profundamente divertido com muito do que via, até mesmo com aquele dispositivo terrível.

O barril de ostras estava meio cheio com areia, onde se erguia um projétil de três polegadas e meia. A espoleta de cobre tinha sido desatarraxada da ponta da granada, deixando um tubo fino que chegava às entranhas explosivas do projétil. Esse tubo fora cheio com pólvora depois de se ter soldado uma pederneira antiquada à ponta da granada. O major mostrou como um fio ligado à parte debaixo da tampa do barril teria acionado a pederneira, a qual lançaria uma faúlha que incendiaria a pólvora, fazendo explodir a carga principal enterrada no centro do projétil.

— Matava um homem com facilidade — declarou o major, com toda a solenidade. — Dois ou três, se estivessem perto.

Os confederados em retirada tinham deixado para trás dezenas de torpedos terrestres semelhantes. Alguns estavam enterrados nas estradas, outros junto a poços, outros ainda em casas desertas; tantos, que os ianques em marcha se tinham habituado a procurar fios esticados e outros mecanismos de espoleta, mas todos os dias havia novas vítimas desses dispositivos, e cada baixa fazia aumentar a raiva sentida pelos Nortistas.

— São táticas — anunciou McClellan aos jornalistas que acompanhavam o estado-maior do seu quartel-general — que até os selvagens pagãos teriam pejo em utilizar. Imagino que seria de esperar que com tal vantagem de números desfrutada pelos rebeldes, eles não precisassem de tais medidas desesperadas. Mas, pelos vistos, estes dispositivos são prova da sua degradação espiritual e moral.

Ouviram-se murmúrios de assentimento quando o general voltou a montar e se afastou do barril mortífero. Os outros cavaleiros assumiram o seu lugar atrás do diminuto comandante do exército, esforçando-se por captar a atenção do

grande homem, mas McClellan, em busca de um companheiro para o troço seguinte da viagem, fez sinal a Pinkerton.

— Traga o seu homem, Pinkerton! — chamou McClellan, e Pinkerton incitou Starbuck em frente. Tinham esperado dias por este encontro com o general, encontro pelo qual Starbuck não sentia qualquer entusiasmo, mas que Pinkerton insistia ter de ser feito. — Com que então é este o seu mensageiro, Pinkerton? — indagou McClellan, num tom abrupto.

— É sim, meu general, um homem muito corajoso.

McClellan olhou para Starbuck, com uma expressão neutra. Percorriam um terreno plano, passando por campos devastados, lamaçais escuros e pinheiros a escorrer. Nas margens dos pequenos ribeiros rebentavam jacintos, mas pouco mais naquele cenário parecia atraente, ou alegre.

— O seu nome? — cuspiu McClellan a Starbuck.

— Starbuck, meu general.

— O irmão dele, meu general, é um dos meus homens mais valiosos. — Allen Pinkerton gesticulou na direção de James com o tubo do cachimbo. — Está atrás de nós se o quiser cumprimentar, meu general.

— Muito bem, ótimo — disse McClellan vagamente, após o que voltou a silenciar-se. Starbuck olhou discretamente para o comandante ianque, vendo um homem baixo e robusto, com cabelo castanho-claro, olhos azuis e compleição limpa. O general mascava tabaco e de vez em quando cuspiam um jorro de suco para a estrada, tendo o cuidado de se inclinar bem na sela, para que nenhum do cuspo lhe sujasse a farda, ou lhe salpicasse as botas extremamente polidas. — Sabia o conteúdo da mensagem que entregou? — perguntou subitamente McClellan a Starbuck.

— Sim, meu general.

— E? E? E então? Está de acordo?

— É claro, meu general.

— É muito triste — disse McClellan —, muito triste. — Voltou a silenciar-se e Starbuck notou que o sardónico oficial francês se aproximara a ponto de conseguir ouvir a conversa. McClellan também viu o francês. — Está a ver aquilo que estamos a combater, coronel Lassen? — O general virou-se na sela para confrontar o francês.

— Ao certo o que é isso, *mon général*?

— Um inimigo esmagador, é isso que é! Um inimigo que nos vai enfrentar dois soldados para um, e o que é que Washington faz? Sabe o que é que eles fazem? Impedem que as tropas de McDowell nos reforcem. Alguma vez ouviu falar de uma traição desse calibre nos anais da guerra, coronel, em toda a história militar? E porquê? Porquê? Para preservar Washington, que não está sujeita a qualquer ataque, nada! São uns idiotas! Cobardes! Traidores! Primatas!

— A paixão súbita espantou Starbuck, embora não tivesse ficado muito surpreendido. A maior parte do exército sabia da fúria do major-general McClellan por o presidente Lincoln ter impedido que o 1º Corpo partisse a reforçar os homens na península. McClellan, segundo dizia o presidente, teria de se servir dos cento e vinte mil homens de que já dispunha, mas McClellan declarava que os trinta e cinco mil em falta eram a chave para a vitória nortista.

— Se pelo menos tivesse esses soldados, poderia conseguir alguma coisa. Agora, nada mais nos pode salvar, a não ser um milagre.

— Com efeito, *mon général* — disse o coronel Lassan, embora, para Starbuck, com um tom que manifestava uma grande falta de convicção.

McClellan voltou a dirigir-se a Starbuck e quis saber que unidades ele vira a marchar pelas ruas de Richmond, e Nate, por essa altura já habituado a contar mentiras fenomenais, descreveu ao pormenor unidades que nunca vira, nem sequer ouvira falar. Inventou toda uma brigada da Florida, criou um regimento de cavalaria do Luisiana e descreveu baterias de artilharia pesada que fabricou a partir do nada. Para seu espanto e diversão, McClellan escutou com tanta ansiedade como Pinkerton, aceitando a palavra de Starbuck como prova de que tinham mesmo um inimigo poderoso à espera para os emboscar nos arredores de Richmond.

— É o que receávamos, Pinkerton! — disse McClellan quando a invenção de Starbuck chegou ao fim. — O Johnston deve ter cento e cinquenta mil homens!

— Pelo menos, meu general.

— Teremos de ser cautelosos. Se perder este exército, a guerra chega ao fim — declarou McClellan. — Temos de saber ao certo a forma como estão dispostas estas novas brigadas rebeldes. — Esta exigência foi dirigida a Pinkerton, que garantiu ao general que Starbuck estaria disposto a regressar a Richmond assim que recebesse a lista de questões que McClellan queria ver esclarecidas pelo espião valioso e misterioso que parecia encontrar-se no

coração das altas esferas de comando da Confederação. — Vai ter as suas questões — garantiu McClellan a Starbuck, após o que ergueu a mão para responder a um grupo de negros que o ovacionavam na berma da estrada. Uma mulher de vestido remendado e avental rasgado correu em frente com um ramo de jacintos que ofereceu ao general. McClellan hesitou, claramente à espera que um dos seus ajudantes-de-campo aceitasse as flores por ele, mas a mulher atirou os botões para as mãos do general, que os aceitou com um sorriso forçado. — Coitadas das pessoas — disse, quando deixaram de poder ouvir as suas palavras. — Acreditam que as viemos libertar.

— E não vieram para isso? — Starbuck foi incapaz de resistir à pergunta.

— Esta guerra não pretende privar os cidadãos dos Estados Unidos da propriedade que é sua por direito, nem mesmo quando se trata de loucos que empreenderam uma rebelião armada contra o governo. — O general parecia irritado por ter de se explicar. — Este conflito tem como objetivo preservar a união, e se acreditasse que estávamos a arriscar o sangue de brancos para libertar escravos, apresentaria a minha demissão. Não é assim, Marcy? — Atirou o pedido de confirmação sobre o ombro, e Marcy, um oficial do estado-maior de aspeto melancólico, confirmou que era essa a opinião do general. De repente, McClellan lançou um olhar carregado aos jacintos que tinha na mão e atirou-os para a berma da estrada, onde as flores se espalharam numa poça. Starbuck virou-se na sela e viu que os negros ainda observavam os cavaleiros. Sentiu-se tentado a desmontar e a recolher as flores, mas no momento em que torceu as rédeas, o cavalo de Pinkerton enterrou os botões na lama.

A visão dos negros levou o coronel Lassan, que falava um inglês perfeito, a contar sobre uma jovem escrava que conhecera em Williamsburg.

—Tinha só dezanove anos e era muito bonita. Já tinha quatro filhos e cada um de um branco diferente. Ela imaginava que isso fazia com que os filhos fossem mais valiosos. Orgulhava-se disso. Dizia que um bom bebé mestiço podia ser vendido por quinhentos dólares.

— Uma mestiça bonita conseguiria muito mais — adiantou Pinkerton.

— E algumas são praticamente brancas — observou um oficial do estado-maior. — Eu mal as consigo distinguir.

— Compre uma branca, Lassan, e leve-a para casa — sugeriu Pinkerton.

— Porquê só uma? — indagou o francês com uma inocência fingida. — Se fossem todas bonitas o suficiente, era capaz de tratar de um carregamento inteiro.

— É verdade — interrompeu McClellan, num tom que sugeria que não aprovava conversas tão fúteis e lascivas —, é verdade — repetiu, fitando Starbuck — que o Robert Lee foi elevado a segundo comandante do Johnston?

— Não o tinha ouvido — respondeu Starbuck sinceramente.

— Espero que seja verdade — comentou McClellan, franzindo o cenho, pensativo. — O Lee sempre foi demasiado cauteloso. É fraco. Não gosta de responsabilidades. Falta-lhe firmeza moral, e esse tipo de homens acaba por se revelar tímido debaixo de fogo. Já reparei nisso. Como é que chama ao Lee no Sul? — perguntou a Starbuck.

— Avó, meu general.

McClellan soltou uma gargalhada breve.

— Imagino que um jovem Napoleão seja capaz de tratar de uma avó, eh, Lassan?

— Com efeito, *mon général*.

— Mas será que ele consegue lidar com cento e cinquenta mil rebeldes? — indagou McClellan, após o que ficou em silêncio, enquanto ponderava a questão. Cavalgavam por uma zona onde a infantaria estava acampada e ao descobrirem que o seu general se encontrava na vizinhança, as tropas nortistas correram para a estrada e começaram a aplaudir. Starbuck, deixando-se ficar para trás em relação a McClellan, apercebeu-se de como o diminuto general se sentiu imediatamente encorajado pela adulação das tropas, e como essa adulação era genuína. Os homens sentiam-se animados pela presença de McClellan, tal como o general ficava mais alerta graças às ovações. Aplaudiram ainda com mais força quando ele deteve o cavalo e pediu a um soldado que lhe emprestasse o cachimbo para acender um charuto. Esse toque informal pareceu especialmente comovedor aos infantas, que se juntaram para tocar no grande baio do general.

— Diga-nos quando vamos derrotar os rebeldes, general! — gritou alguém.

— A seu tempo! Tudo a seu tempo! Sabem que não vou arriscar as vossas vidas sem necessidade! Tudo a seu tempo! — Um dos homens ofereceu ao general um pedaço de biscoito de campanha, e McClellan obteve uma grande

ovação quando perguntou, dissimuladamente, se aquilo era para comer, ou para servir de telha.

— É um homem maravilhoso — confidenciou James ao irmão.

— É, não é? — concedeu Starbuck. Descobrira nos últimos dias que a melhor forma de lidar com James seria concordar docilmente com tudo o que o irmão dissesse. No entanto, até mesmo esse pequeno gesto era por vezes difícil. O alívio e o prazer sentidos por James com o regresso do pródigo eram sinceros, e como recompensa pela mudança de lealdade, queria fazer Starbuck feliz, mas a atenção por ele dedicada conseguia ser incômoda. À semelhança do pai, James podia defender que o tabaco era a erva do Diabo, mas se Starbuck queria fumar, James não se importava de comprar charutos aos vivandeiros do exército, cujos carros serviam de entrepostos comerciais sempre que um regimento acampava. James chegou mesmo a fingir acreditar que Starbuck precisava de vinho e de uísque para acalmar o seu estômago dispéptico e serviu-se do seu dinheiro para lhe comprar o suposto remédio.

A terna prestabilidade de James só serviu para aumentar a culpa sentida por Starbuck, uma culpa que se agravou quando percebeu o quanto o irmão apreciava a sua companhia. James orgulhava-se do irmão, chegava mesmo a invejá-lo, e sentia prazer ao espalhar a história de que o irmão, de todo um cabeça-de-cobre durante o último ano, tinha, na verdade, sido um agente do Norte desde os primeiros tiros. Starbuck não negou a história, mas o prazer sentido por James só levava a que a consciência do irmão mais novo ficasse mais pesada ao contemplar a traição dessa confiança. Claro que, perversamente, a perspectiva de tal traição se tornava cada vez mais bem-vinda, já que implicava o regresso a Richmond e a fuga às atenções de James. A única coisa que estava a atrasar o regresso de Starbuck era a lista de questões que teria de entregar a Adam. Essas questões estavam a ser elaboradas por McClellan e Pinkerton, mas como cada dia trazia rumores novos quanto aos reforços rebeldes, cada dia trazia mais questões e alterações às que já estavam na lista.

O general foi rodeado por outro grupo de soldados ansiosos, tantos que James e Starbuck ficaram separados pela mole de corpos. O cavalo de Starbuck chegou-se para o lado e começou a pastar a erva que crescia entre os sulcos lamacentos abertos na berma da estrada. O general McClellan fez o discurso habitual sobre levar os seus preciosos rapazes à vitória, mas só quando fosse

altura e as circunstâncias se propiciassem. Os homens aplaudiram as palavras enquanto o general cavalgava para oeste.

— Vão segui-lo para qualquer lado — disse calmamente uma voz sardónica atrás de Starbuck. — Infelizmente, ele nunca quer levá-los para lado nenhum.

Starbuck virou-se e viu que se tratava do adido militar francês de aspeto selvagem, o coronel Lassan, cujo olho arruinado estava coberto por uma pala bolorenta. A farda do gaulês ostentava uma glória desvanecida, com o bordado metálico da túnica deslustrado e as dragonas esfiapadas. Usava uma enorme espada de punho de aço e lâmina direita, e tinha dois revólveres num coldre na sela. Acendeu um charuto, que ofereceu a Starbuck. O gesto fez com que os restantes oficiais avançassem, efeito obviamente desejado pelo francês.

— Cento e cinquenta mil homens? — indagou Lassan, num tom cético.

— Talvez mais. — Starbuck aceitara o charuto. — Obrigado.

— Setenta mil? — O francês acendeu o seu próprio charuto e depois estalou a língua, para fazer avançar o cavalo.

— Meu coronel?

— Estou a pensar, *monsieur*, que o general Johnston terá setenta mil homens. Quando muito, e que a sua missão é enganar o general McClellan. — Ofereceu um sorriso a Starbuck.

— Essa sugestão é ofensiva, meu coronel — protestou Starbuck, irritado.

— É claro que é ofensiva — admitiu Lassan, num tom divertido —, mas não deixa de ser verdade, sim? — À frente deles, indistinta à chuva que fustigava o grupo de cavaleiros, a forma amarela bolbosa de um dos balões do professor Lowe agitava-se no céu plúmbeo. — Permita-me que lhe explique a minha posição, senhor Starbuck — prosseguiu Lassan cortesmente. — Sou um observador, enviado pelo meu governo para acompanhar a guerra e relatar a Paris as técnicas e as armas que poderão ser úteis ao nosso exército. Não estou aqui para tomar partidos. Não sou como o conde de Paris, ou o príncipe de Joinville — gesticulou na direção dos elegantes oficiais de estado-maior franceses que seguiam logo atrás do general —, que vieram lutar pelo Norte. Sinceramente, não me interessa qual o lado que vai sair vencedor. O meu dever não é preocupar-me, apenas observar e escrever relatórios, e quer-me parecer que talvez tenha chegado a altura de observar os combates a partir do lado sulista.

Starbuck encolheu-se, como se quisesse sugerir que as decisões de Lissan não lhe diziam respeito.

— Isso porque gostaria muito de ver como é que setenta mil homens tencionam levar de vencida cento e vinte mil — concluiu Lissan.

— Os cento e cinquenta mil homens dos rebeldes — insistiu Starbuck obstinadamente — vão entrincheirar-se e expulsar os nortistas a tiros de canhão.

— Não me parece — contrapôs Lissan. — Não se podem dar ao luxo de ter tantos ianques à vossa porta, nem se podem equiparar ao McClellan no que diz respeito à guerra de cerco. O homem pode ser um exagerado, mas sabe bem do ofício de engenharia. Não, vós rebeldes têm de o ultrapassar em estratégias e então a batalha será fascinante. É claro que o meu problema é não ter autorização para cruzar as linhas. As minhas opções são navegar até às Bermudas e pagar a um fura-bloqueios para me levar às escondidas até um dos portos da Confederação, ou então seguir para oeste e regressar por terra através do Missouri. Seja como for, iria perder os combates da primavera. Isso, é claro, a menos que se disponha a consentir que o acompanhe quando voltar ao lado dos rebeldes.

— Se eu voltar ao lado rebelde — garantiu Starbuck com tanta altivez quanto possível —, fá-lo-ei como filho dos Estados Unidos.

— Disparates! — retorquiu Lissan calmamente. — É um aventureiro, senhor Starbuck, e os aventureiros reconhecem-se sempre uns aos outros. Além disso, é um excelente mentiroso. A 2ª Brigada da Florida! Muito bem, senhor Starbuck, muito bem. Mas de certeza que não existem brancos suficientes na Florida para se fazer uma brigada, quanto mais duas! Sabe porque é que o general McClellan acredita em si?

— Porque estou a dizer a verdade.

— Porque quer acreditar em si. Ele precisa desesperadamente de estar em desvantagem. Bem vê, assim a derrota dele não estará associada a um fracasso. Então e quando é que regressa?

— Não lho sei dizer.

— Então avise-me quando souber — pediu Lissan. Algures à frente dos cavaleiros ouvia-se o estrondear de fogo de artilharia, estando o som abafado pelo ar húmido. Parecia vir da esquerda da estrada, algures além de um renque

distante de árvores. — Veja bem — indicou Lassan a Starbuck. — A qualquer momento vamos interromper a nossa marcha. Verá se não estou certo.

As armas voltaram a fazer-se ouvir e, de repente, o general McClellan levantou a mão.

— Talvez pudéssemos fazer aqui uma pausa — anunciou o general — só para descansar os cavalos.

Lassan ofereceu um ar divertido a Starbuck.

— Gosta de apostas?

— Já joguei póquer — admitiu Starbuck.

— Portanto, julga que o par de duques dos rebeldes vai vencer o *royal flush* do Jovem Napoleão?

— Nada pode vencer um *royal flush* — disse Starbuck.

— Depende de quem o tem, senhor Starbuck, e do facto de se atreverem ou não a jogá-lo. Talvez o general não queria sujar as cartinhas novas? — O francês sorriu. — O que dizem em Richmond? Que a guerra está perdida?

— Há quem o diga — admitiu Starbuck, sentindo-se a corar. Ele próprio o dissera e tentara convencer Sally disso.

— Não está — negou Lassan —, pelo menos enquanto o Jovem Napoleão for o inimigo do Sul. Ele tem medo da própria sombra, senhor Starbuck, e desconfio que o seu dever seja fazê-lo ver sombras onde elas não existem. O senhor é um dos motivos por setenta mil homens poderem vir perfeitamente a derrotar cento e vinte.

— Sou apenas um nortista que ganhou juízo — retorquiu Starbuck.

— E eu, *monsieur*, sou o rei de Tombuctu — gracejou Lassan. — Diga-me quando quiser voltar a casa. — Levou a mão ao chapéu e seguiu caminho. Starbuck, ao observar o francês a avançar na direção do som das armas, percebeu de súbito que ele estava errado e Sally tinha razão. O porco ainda guinchava e a guerra não estava perdida.

— Achas que a guerra está perdida, seu cabrão? — O sargento Truslow agarrou na orelha de Izard Cobb, ignorando as queixas de dor do homem. — Quando eu te digo para te despachares, seu monte de esterco com dois olhos, tu despachaste. Agora, despacha-te! — Deu um pontapé no traseiro de Cobb. Uma bala assobiou por cima deles, fazendo com que Cobb se agachasse. — E despacha-te direito! — vociferou Truslow. — Seu filho de uma puta grávida!

Uma nuvem de fumo deixou-se ver quando um canhão disparou na linha de árvores distante. O fumo da granada desenhou uma tênue lista cinzenta no ar, visível apenas aos homens quase na linha direta da trajetória do projétil. Ao ver este a aproximar-se, o sargento Truslow percebeu que não havia tempo para se abrigar, pelo que fingiu indiferença. O projétil embateu no talude do caminho-de-ferro atrás dele uma fração de segundo antes de o estrondo do canhão ribombar sobre o rio e os pauis.

— Cabo Bailey! — bradou Truslow quase assim que a terra levantada pelo impacto da granada voltou a cair.

— Meu sargento!

— Vá cavar aquela granada cá para fora! — A bomba não explodira, o que significava que poderia estar um projétil perfeitamente utilizável enterrado no solo macio do talude. Se houvesse uma bateria de artilharia confederada nas redondezas, Truslow teria oferecido aos artilheiros a granada recuperada para que fosse devolvida à proveniência, mas sem artilheiros que apreciassem a oferta, imaginava que sempre poderia artilhá-la como torpedo terrestre.

A Legião encontrava-se na margem sul do rio Chickahominy, perto da estrutura da ponte da linha de Richmond e York. A derradeira locomotiva confederada a atravessar a ponte passara três horas antes, puxando todos os carros do entroncamento de White House e dos desvios da Estação de Tunstall. Os sapadores tinham disposto cargas na ponte, acendido os rastilhos e observado quando nada aconteceu. A Legião Faulconer, a unidade de infantaria mais próxima da ponte, recebera então ordens para reter os escaramuceiros inimigos enquanto os sapadores determinavam o que tinha acontecido aos explosivos.

A ponte não era uma grande obra de engenharia. Não tinha de cobrir um desfiladeiro vertiginoso, nem de levar carris entre duas colinas imponentes; pelo contrário, pouco mais era do que um pontão baixo que cruzava o terreno pantanoso, ultrapassava o rio e depois prosseguia estoicamente mais meio quilómetro molhado até que os carris voltassem a encontrar terreno firme, na margem oposta do Chickahominy. Fora nesse terreno seco que os ianques tinham instalado dois canhões, ao lado de um renque cerrado de árvores cobertas de musgo. Agora, o fogo da artilharia nortista ribombava sobre o lodaçal cheio de ervas, poças estagnadas, arbustos mirrados e bancos de juncos. Alguns cavaleiros desmontados nortistas também se encontravam na outra margem,

juntando o fogo das suas carabinas ao bombardeio, enquanto outro grupo de cavaleiros a pé avançava ao longo da ponte, com o objetivo de afugentar os engenheiros sulistas.

— Sargento Hutton! — bradou Truslow. — Traga o seu esquadrão! Despache-se!

Carter Hutton ordenou aos seus homens que se aproximassem do talude, onde Truslow os formou em duas alas. Durante alguns segundos criaram um alvo bastante tentador para os artilheiros, mas Truslow estivera a avaliar o fogo de canhão e sabia que tinha meio minuto até que os artilheiros recarregassem.

— Apontem àqueles animais! Ao longo dos carris! Miras a trezentos metros. — Olhou para os cavaleiros que não tinham percebido o risco e continuavam a avançar pelos carris secos, em vez de caminharem pelo terreno pantanoso de ambos os lados da estrutura. — Fogo! — bradou Truslow. — Agora desçam, saiam dos carris, depressa!

Cinco segundos depois, uma granada assobiou por cima do lugar onde as duas filas de Truslow tinham estado e explodiu inofensivamente nas árvores atrás da posição da Legião. O fumo da salva de Truslow dissipou-se e deixou ver que os cavaleiros se tinham espalhado pelas poças cheias de água da chuva de ambos os lados da ponte. — Obriguem-nos a ficar em baixo! — ordenou Truslow, após o que se virou quando Andrew Bailey apareceu com a granada recuperada aninhada nos braços. Era um projétil de dez libras, com pouco menos de três polegadas de diâmetro, com uma espoleta de zinco na ponta. Truslow depositou a granada sobre um dormente da linha férrea e serviu-se da lâmina da faca de mato para desenroscar a espoleta. Dois homens agachados ali perto afastaram-se, receosos, o que lhes garantiu um olhar de desprezo por parte de Truslow.

A espoleta de zinco selava o tubo enfiado na granada. Dentro dele estava um percutor deslizante encimado por um fulminante de que seria atirado para a frente com o impacto da granada e explodiria na parte debaixo da espoleta. O percutor estava seguro por duas saliências metálicas que impediam que o detonador escorregasse e rebentasse quando o projétil estivesse a ser transportado, ou manuseado. Só o impacto violento da queda de uma granada teria força suficiente para quebrar as saliências de metal, mas ao aterrar na terra macia do talude, a bomba permanecera intacta.

Truslow serviu-se da lâmina da faca para quebrar as saliências gêmeas e depois virou a granada ao contrário para libertar o percutor. Este, com a sua ponta de fulminante, tinha um orifício estreito no centro, cheio com explosivo. Essa pólvora deveria levar o fogo até à carga principal, protegida da humidade por um diafragma de papel. Truslow usou um galho para rasgar o papel e depois encheu até meio o tubo com pólvora retirada de cartuchos de espingarda. Por fim, voltou a instalar o percutor no tubo, mas agora, em vez de chegar ao fundo do tubo, o percutor saía dois dedos acima do cone do bico da granada. Se alguém accionasse o percutor exposto, o fogo seria lançado para o interior da granada, fazendo explodir a pólvora que Truslow deitara no tubo e detonando a carga principal.

Agora tinha de instalar a granada. Depois de o último comboio ter passado, os engenheiros tinham removido os carris de aço, que foram carregados nos vagões da composição para serem levados para Richmond, mas tinham deixado os dormentes de madeira molhada enterrados no terreno. Truslow mandou dois homens desenterrar um dos dormentes e depois escavarem um buraco no espaço em forma de caixão que o dormente deixara na terra. Depositou a granada no buraco, com a ponta para cima, depois colocou uma pedra ao lado e equilibrou cuidadosamente o dormente em cima da pedra. Embalou muito ao de leve o dormente, fazendo-o subir e descer um dedo, e depois recuou para admirar o seu trabalho. O dormente parecia estar um dedo acima da posição correta, mas com um pouco de sorte, os ianques não iriam reparar nesse pormenor e um homem haveria de pisar o dormente, pressionado a madeira contra o fulminante.

— Está a divertir-se, sargento? — O major Bird avançara desde a linha de árvores onde o grosso da Legião aguardava.

— É uma pena desperdiçar uma boa granada — comentou Truslow, detetando um leve toque de reprovação na pergunta aparentemente inocente de Bird.

Bird não tinha a certeza de que os torpedos terrestres fossem um método absolutamente leal de travar uma guerra, mas também sabia que uma guerra leal era um conceito ridículo, o tipo de conceito que o cunhado gostaria de seguir. A guerra tinha a ver com mortes e não com a obediência a uma série de regras arcanas sobre cavalheirismo.

— Chegou uma carta para si — informou ele Truslow.

— Para mim? — exclamou Truslow, surpreendido.

— Tome. — Bird tirou a carta do bolso e entregou-a, servindo-se depois dos meios binóculos para avaliar o progresso dos engenheiros. — Porque é que estão a demorar tanto tempo?

— Rastilhos húmidos — explicou Truslow, e depois esfregou as mãos na casaca antes de abrir o delicado envelope cor-de-rosa e de retirar a folha rosa única que deveria ter tido origem numa reserva pré-guerra de papel decorado. Truslow começou por olhar para a assinatura. — É da minha Sally! — Parecia surpreendido. Uma bala assobiou-lhe ao lado do ouvido e uma granada voou por cima deles, com um gemido fantasmagórico ao passar.

— Ah, muito bem — disse o major Bird, não em resposta à notícia de Truslow, mas porque os engenheiros estavam finalmente a afastar-se em direcção à margem sul.

— Cubram-nos! — bradou Truslow, e as espingardas dos escaramuceiros cuspiram furiosamente sobre o rio. — Nem sequer sabia que a minha Sally era capaz de escrever.

A julgar pelo envelope, pensou Bird, não era. O facto de a carta ter chegado de todo era um milagre, mas o exército era muito bom a realizar esse tipo de milagre. Pouco incentivava mais o moral do que uma carta recebida de casa.

— O que é que diz? — quis saber Bird.

— Não sei ao certo — resmungou Truslow.

Bird lançou um olhar de esguelha ao sargento. Não havia dúvida de que Truslow era o mais duro dos homens da Legião, seria, porventura, o homem mais duro que Bird alguma vez encontrara, mas, naquele momento, os olhos de Truslow denotavam uma expressão de vergonha embaraçada.

— Posso ajudar? — perguntou Bird, num tom casual.

— É a letra da rapariga — disse Truslow. — Consigo ler-lhe o nome, mais ou menos, mas pouco mais.

— Permita-me — ofereceu-se Bird, que sabia perfeitamente que Truslow não era grande leitor. Pegou na carta e depois ergueu o olhar quando os engenheiros passaram a correr por ele. — Recuar! — gritou Bird aos homens da Companhia K, após o que voltou a dirigir a atenção à carta. — Meu Deus — exclamou Bird. A letra era deveras terrível.

— Ela está bem? — perguntou imediatamente Truslow, com um tom carregado de ansiedade.

— É só a letra dela, sargento, mais nada. Ora deixe-me ver. Diz ela que vai ficar surpreso por ter notícias, mas está bem e acha que já devia ter escrito há muito tempo, mas diz que é tão teimosa como o sargento, e por isso é que não escreveu — parafraseou Bird. Sozinhos no talude, ele e Truslow tornaram-se de súbito o alvo de uma saraivada de tiros de carabina. Um engenheiro gritou para que os dois homens saíssem dali antes que se acendesse o rastilho, e o par começou a dirigir-se lentamente para a segurança das árvores. — Diz que lamenta o que aconteceu — continuou Bird a ler a carta enquanto as balas da cavalaria assobiavam à volta deles —, mas que não se arrepende do que fez. Isto faz sentido?

— Nunca fui capaz de perceber as coisas que aquela rapariga dizia — comentou Truslow com brusquidão. A verdade era que tinha saudades de Sally. Era uma cabra obstinada, mas não tinha mais família.

Bird apressou-se a prosseguir, não querendo embaraçar Truslow apercebendo-se das lágrimas do sargento.

— Ela diz que esteve com o Nate Starbuck! Ora isto é interessante. Foi ter com ela quando o libertaram da prisão, e ele pediu-lhe que ela lhe escrevesse e garantiu que regressava à Legião. Então foi por isso que ela escreveu. Deixe-me que lhe diga — comentou Bird — que o Starbuck encontrou uma maneira curiosa de anunciar o seu regresso.

— Então e onde é que ele está? — quis saber Truslow.

— Não diz. — Bird virou a carta. Os engenheiros tinham acendido o rastilho e as faúlhas passaram a silvar pelos dois homens, sem que estes nelas reparassem. Bird franziu o sobrolho enquanto tentava decifrar a segunda página. — Ela diz que foi por isso que escreveu, porque o Nate lhe pediu, mas está satisfeita por ele lhe ter pedido, porque já é tempo de vocês os dois serem amigos. E ela também diz que tem um trabalho novo, um emprego que o sargento aprovaria, mas não diz o que é. Pronto, é tudo. — Bird devolveu a carta a Truslow. — Tenho a certeza que agora que a descrevi, o sargento já a percebe.

— Pois, se calhar sim — disse Truslow, voltando a fungar. — Então, o senhor Starbuck vai voltar!

— Segundo a sua filha, sim. — Bird não parecia certo.

— Quer dizer que não precisa de nomear um oficial para a Companhia K?

— Não o ia fazer — asseverou Bird.

— Ótimo — replicou Truslow. — Afinal de contas, nós elegemos o Starbuck, não foi?

— Receio que sim. — E indo absolutamente contra a vontade do general Faulconer, refletiu Bird alegremente. Mais de sete centenas de homens tinham deixado os seus votos para a eleição dos oficiais de campo e o nome de Starbuck surgira em mais de quinhentos desses papéis.

— E se as eleições servem para alguma coisa — declarou Truslow —, nesse caso o Starbuck devia aqui estar, não é?

— Quer-me parecer que sim — admitiu Bird —, mas confesso que não estou a ver o general Faulconer a permiti-lo. Nem o coronel Swynyard. — Não que Swynyard andasse com grande destaque nos últimos tempos. Segundo o que sabia Bird, o segundo comandante da brigada passava a vida numa letargia contínua, provocada pelo fornecimento constante de uísque caseiro de um dólar por litro.

— Aposto um dólar em como o Starbuck consegue lidar com o general — disse Truslow. — O Starbuck é esperto.

— Um dólar? — disse Bird. — Feito. — Apertou a mão imunda de Truslow no momento em que a ponte explodiu atrás deles. Cento e cinquenta quilos de pólvora desfizeram as estacas e lançaram as velhas vigas pelos ares. O fumo e o barulho percorreram os pântanos, lançando num voo assustado uma centena de aves que estava no meio dos juncos. A água do rio pareceu recuar com a explosão, e depois regressou com uma grande onda, lançando uma pluma de vapor atrás do fumo. Onde antes se encontrara uma ponte, restava apenas uma linha de tocos apodrecidos e chamuscados que se erguiam das águas revoltas, enquanto a jusante e a montante iam caindo destroços no Chickahominy, ou então nas poças estagnadas dos lamaçais, fazendo fugir as cobras de água.

Um pedaço de madeira voou pelos ares e caiu diretamente em cima do dormente que Truslow equilibrara com tanto cuidado em cima da pedra. O impacto da madeira pressionou o dormente contra o fulminante e a granada por baixo explodiu, abrindo uma pequena cratera no talude enfraquecido pela chuva.

— Que merda — exclamou Truslow, obviamente referindo-se ao esforço desperdiçado com o torpedo terrestre, mas o major Bird viu que o sargento, não

obstante, estava a sorrir. Decidiu que tal felicidade era algo a ser valorizado em tempo de guerra. Aquele dia poderia encher-se de gargalhadas, mas o dia seguinte poderia trazer consigo aquilo a que os pregadores chamavam o eterno lar escuro na terra. Pensar nessas campas encheram Bird de um terror súbito. E se Truslow não vivesse tempo suficiente para voltar a ver a Sally dele? Ou se a sua querida Priscilla enviuvasse? Pensar nisso fez com que Thaddeus Bird receasse profundamente não ter fibra suficiente para ser um soldado. Pois apesar de pregar causticamente o contrário, para Bird, a guerra era um jogo. Para Bird, a guerra era um jogo de inteligência em que o mestre-escola ignorado se revelaria mais esperto, perspicaz, rápido e melhor do que todos os outros. Contudo, quando os mortos com a sua pele cerosa se alinhassem para o Julgamento Final, e os olhos magoados e cobertos de terra pedissem a Bird que lhes explicasse o motivo da sua morte, ele não teria resposta para lhes dar.

As duas peças ianques dispararam um derradeiro tiro vazio, com as granadas a atravessarem e a caírem no pântano. A agitação do rio foi-se acalmando até que a água cinzenta voltou mais uma vez a correr lentamente pelos restos escurecidos da ponte, levando a sua carga sem vida de peixes de ventres brancos em direção ao mar. Uma neblina subiu dos terrenos húmidos, misturando-se com o fumo das armas. As matas estavam cheias de andorinhões e o major Bird, que não acreditava em Deus, pediu subitamente a Deus Todo-Poderoso que a maldita guerra chegasse ao fim.

PARTE TRÊS

Os exércitos detiveram-se numa curva que contornava o flanco nordeste de Richmond. O general Johnston tinha agora recuado de tal forma que os soldados nortistas podiam ouvir as badaladas dos sinos das igrejas de Richmond e, quando o vento estava de feição, cheirar o rico fedor a tabaco e a fumo de carvão que chegava da cidade.

Os jornais de Richmond reclamavam que tinham deixado os ianques aproximar-se demasiado da cidade, e os médicos de ambos os exércitos queixavam-se de ter tantos soldados estacionados nos pântanos infectos do rio Chickahominy. Os hospitais encheram-se com homens moribundos, padecendo da febre do rio, uma maleita que fazia com que as vítimas tremessem sem parar com ataques incontrolláveis, mesmo à medida que os dias iam aquecendo, a caminho do calor abrasador do verão. Os médicos explicavam que a febre era uma consequência natural do miasma invisível que saía do rio a par das neblinas lúgubres que embranqueciam os pântanos à alvorada e ao anoitecer, e que se os exércitos fossem mudados para terrenos mais elevados, a febre desapareceria, mas o general Johnston insistiu que o destino de Richmond dependia do rio, pelo que os homens teriam de aguentar o miasma trazido pela névoa. Tinha sido traçada uma estratégia, insistia Johnston, e perante tal declaração militar, os médicos tinham de se limitar a desistir dos argumentos e observar os pacientes a morrer.

Em finais de maio, numa tarde de sexta-feira mormacenta e parada, Johnston reuniu os ajudantes-de-campo e explicou essa estratégia. Tinha afixado um mapa na parede da sala da casa que lhe servia de quartel-general e servia-se de um garfo de assar de cabo de noqueira como ponteiro.

— Estão a ver, cavalheiros, como obriguei o McClellan a rodear o Chickahominy? O exército nortista é neste momento uma força dividida, cavalheiros, uma força dividida. — Deu ênfase às palavras batendo com o garfo a norte e a sul do mapa. — Uma das primeiras regras da guerra é nunca dividir as nossas forças face ao inimigo, mas foi exatamente isso que o McClellan fez! — Johnston encontrava-se num dos seus dias didáticos, tratando os ajudantes-de-campo como se fossem um grupo de cadetes em West Point. — E porque é que um general nunca deve dividir as suas forças? — perguntou, olhando, expectante, para os oficiais.

— Porque assim pode ser derrotado aos poucos, meu general — respondeu um dos ajudantes-de-campo.

— Exatamente. E amanhã de manhã, cavalheiros, pela alvorada, vamos obliterar esta metade do exército nortista. — Johnston bateu com o garfo no mapa. — Obliterar, cavalheiros, obliterar.

Indicara a parte do mapa a leste de Richmond e a sul do rio Chickahominy. A nascente do rio ficava a noroeste da cidade e depois, alargando-se rapidamente, o curso de água corria em quina pelos arredores norte da cidade e descia até aos terrenos baixos a leste de Richmond, antes de se juntar ao fluxo mais largo do James. O exército confederado de Johnston encontrava-se na sua totalidade a sul do rio, mas a força mais numerosa de McClellan estava dividida; metade das tropas estava a norte dos pântanos infetados de malária do Chickahominy, enquanto a outra metade se encontrava a sul. O objetivo de Johnston era surgir das névoas matinais e desfazer essa metade a sul antes que as tropas nortistas a norte do rio pudessem marchar sobre as pontes improvisadas, em auxílio dos camaradas sitiados.

— E fá-lo-emos amanhã de manhã, cavalheiros, pela alvorada — repetiu Johnston, sem ser capaz de reprimir um sorriso satisfeito ao ver o espanto dos ajudantes-de-campo.

Ficava satisfeito porque era exatamente essa a reação que pretendia. Johnston não informara ninguém dos planos, nem sequer o segundo comandante, o general Smith, ou o presidente, Jefferson Davis. Havia demasiados espiões em Richmond, e demasiados homens que poderiam sentir-se tentados a desertar para o inimigo com essa informação. Para se prevenir contra tal traição, Johnston delineara os planos em segredo e mantivera-os secretos até agora, na tarde da véspera da batalha, altura em que os ajudantes-de-campo teriam de levar as ordens aos comandantes de divisão.

A divisão de Daniel Hill iria liderar a operação, atacando no centro das linhas inimigas.

— O Hill terá de combater sozinho durante algum tempo — explicou Johnston aos ajudantes-de-campo —, pois queremos atrair os ianques, envolvê-los, para depois lhes atacarmos os flancos, aqui e aqui. — O garfo bateu no mapa, rasgando-o de cada vez e mostrando como, quais dentes exteriores de um tridente, os ataques simultâneos que arrasariam um inimigo que,

convenientemente, se empalara no dente central do tridente. — O Longstreet ataca o flanco norte — continuou Johnston —, enquanto a divisão do general Huger investe contra o sul. Ao meio-dia, cavalheiros, os ianques estarão mortos, aprisionados ou em fuga pelo pântano de White Oak. — Johnston já sentia o sabor da vitória; ouvia os aplausos ao entrar na Praça do Capitólio de Richmond e via a inveja no rosto dos generais rivais, como Beauregard e Robert Lee. Sabia que o plano era brilhante. Tudo o que o separava do seu momento de glória era a batalha que teria início quando as tropas de cinzento surgissem das neblinas. Se essas tropas dispusessem do fator surpresa, Johnston acreditava que a vitória estaria garantida.

Três ajudantes-de-campo receberam as ordens seladas que teriam de entregar aos três generais de divisão. Adam Faulconer recebeu ordens para cavalgar até ao quartel-general do general Huger, que ficava à beira de Richmond.

— Um conjunto de ordens — disse o chefe do estado-maior de Johnston, um homem afável chamado Morton, ao entregar o envelope selado a Adam — e a sua assinatura aqui, Adam. — O coronel Morton estendeu um recibo que reconhecia que Adam ficara na posse do envelope. — O Huger que assine o recibo aqui, está a ver? O velho Huger de certeza que o vai convidar para jantar, mas esteja de volta à meia-noite. E pelo amor de Deus, Adam, certifique-se de que ele sabe o que tem de fazer amanhã. — Fora por isso que Johnston se dera a tanto trabalho para explicar a estratégia aos ajudantes-de-campo, para que eles, por sua vez, pudessem responder às questões dos generais. Johnston sabia que se convocasse os generais ao seu quartel-general, o exército detetaria o entusiasmo iminente e algum desgraçado de certeza fugiria para o lado inimigo durante a noite e alertaria os nortistas para a possibilidade de problemas.

Adam assinou o recibo, reconhecendo assim que assumira a responsabilidade por um conjunto de ordens, e depois guardou o papel numa bolsa de pele que tinha ao cinto.

— Se estivesse no seu lugar — aconselhou o coronel Morton —, ia-me embora antes da chuva. E certifique-se de que o Huger assina esse papel, Adam! Ou ele, ou o chefe de estado-maior. Mais ninguém.

Adam esperou na varanda da casa até que lhe selassem o cavalo. O ar estava imóvel e estagnado, pesado e sombrio, o que combinava com o seu estado de espírito pensativo e desanimado. Tocou com os dedos na ordem preciosa,

interrogando-se se dentro daquele envelope selado se encontraria a destruição de todas as suas esperanças. Talvez, pensou, o envelope fosse a chave para a vitória sulista, e imaginou o exército nortista a fugir, tal como acontecera em Bull Run, e no seu receio viu homens em pânico a chapinhar nos lamaçais à altura do peito do pântano de White Oak, sendo abatidos por rebeldes maléficos e divertidos, como os demónios ululantes que tinham disparado do cume de Ball's Bluff. Viu o Chickahominy a despejar a sua água vermelha de sangue no James e arrepiou-se com o realismo das suas divagações. Por um segundo insano sentiu-se tentado a pegar no cavalo e galopar através das linhas, a esporar a montada até lhe fazer sangue enquanto cavalgava pelos piquetes confederados estupefactos e se dirigia ao exército nortista. Depois pensou na mágoa que tal deserção provocaria ao pai, pensou em Julia, em Richmond, e toda a velha comoção voltou a fazer-se sentir no íntimo de Adam. A guerra era errada, mas era um Faulconer e, logo, herdeiro de uma família que avançara para a batalha ao lado de George Washington. Os Faulconers não desgraçavam a sua linhagem desertando para o lado inimigo.

Mas como poderia o país fundado por Washington ser o inimigo?

Adam dedilhou as ordens que tinha na bolsa do cinto e interrogou-se pela milésima vez porque se teria revelado o Jovem Napoleão tão hesitante. Adam traíra a fraqueza do Sul na península, esperando, com isso, que McClellan saísse do Forte Monroe como um anjo vingador, mas, em vez disso, o comandante nortista optara por uma abordagem cautelosa que dera aos rebeldes bastante tempo para fortalecer e engrossar as defesas de Richmond. Agora, quando o Norte se encontrava a um mero passeio de Richmond, os rebeldes planeavam um assalto que poderia desfazer o exército nortista e Adam, de pé naquela varanda, a observar as nuvens negras como a noite a juntar-se ominosamente sobre as florestas estagnadas, percebeu que seria incapaz de evitar o desastre. Não tinha coragem para desertar.

— Jovem Adam! Não saia daí! — O coronel Morton espreitou através das cortinas de musselina de uma janela na extremidade da varanda. — Temos mais uma carta para si!

— Com certeza, meu coronel — respondeu Adam. Um soldado tinha acabado de trazer o cavalo de Adam até à frente da casa e Adam disse ao homem que atasse as rédeas à balaustrada. O cavalo baixou a cabeça e começou a pastar num trecho de erva que crescia junto aos degraus da varanda. Um escravo que

pertencia ao dono da casa requisitada cavava os restos pisoteados de uma horta. O homem estava cansado e ia parando, mas depois, lembrando-se da presença de Adam na varanda, limpava o suor da testa e retomava o trabalho. Ao observar o homem, Adam sentiu uma onda de fúria irracional e injusta contra toda a raça negra. Por Deus, porque os teriam importado para a América? Sem eles, o país seria, com toda a certeza, o mais feliz e pacífico de todo o mundo. Esse pensamento involuntário deixou-o envergonhado consigo próprio. A culpa não era dos escravos, mas sim da escravocracia. Não fora a raça negra, mas sim a sua, que perturbara a paz e maculara o que havia naquela terra. — Está demasiado calor para trabalhar, não acha? — perguntou ao escravo, tentando compensar o que antes pensara.

— Muito calor, *massa*. Mesmo muito calor.

— No seu lugar descansava um bocado — sugeriu Adam.

— Há muito tempo para descansar no Céu, Nosso Senhor Jesus Cristo seja louvado, *massa* — contrapôs o escravo, voltando a enterrar a pá no solo avermelhado.

— Ora cá está, Adam. — O coronel Morton saiu para a varanda, com as esporas a retinir enquanto andava. — Vamos ceder ao Pete Longstreet alguns dos homens do Huger. O Huger não vai gostar, mas o Longstreet vai chegar mais perto dos ianques, portanto precisa de espingardas adicionais. Pelo amor de Deus, seja diplomata com o Huger.

— É claro, meu coronel. — Adam aceitou o envelope que lhe foi apresentado. — Vai precisar... — Adam começara a perguntar se o coronel Morton precisaria de uma assinatura do general Huger a acusar a receção do segundo conjunto de ordens, mas depois mudou de ideias. — Muito bem, meu coronel.

— Esteja de volta à meia-noite, meu caro Adam. Vamos todos precisar de um bom sono reparador. E tenha cuidado com o velho Huger. Ele é um animal sensível.

Adam seguiu para oeste. O ar parecia mais opressivo onde a estrada cruzava as matas. As folhas não se mexiam, sendo a sua imobilidade um tanto ou quanto ameaçadora. O dia não parecia natural, mas grande parte do mundo de Adam parecia irreal nos últimos tempos, até mesmo Julia, e isso fê-lo pensar que em breve teria de fazer um esforço para se encontrar com ela. Julia escrevera-lhe com um pedido misterioso para se encontrarem, e mesmo embora ela insistisse

que a mensagem não era de natureza pessoal, Adam não conseguia deixar de imaginar que Julia pretenderia acabar com o noivado. Nos últimos tempos, Adam começara a pensar que não entendia verdadeiramente Julia e compreendera que os desejos dela eram mais complicados do que alguma vez imaginara. À superfície, ela era uma jovem convencional, devota e graciosa, mas Adam tinha consciência de uma vivacidade inquieta que fazia com que o rapaz se sentisse indigno. Desconfiava que a mãe fora dona de uma qualidade semelhante, tendo-lhe sido arrancada pelo pai.

Adam deteve o cavalo numa extensão de mata onde não se viam acampamentos. A viagem levava-o por uma série de acampamentos regimentais, mas de repente deu consigo sozinho numa floresta densa, escura e silenciosa, podendo dar largas a uma ideia que tinha a fermentar. Abriu a bolsa e tirou as duas mensagens, envoltas em envelopes castanhos-claros idênticos, selados com cera roxa idêntica, e endereçados com a mesma letra preta irregular. As ordens de batalha compunham um envelope mais grosso do que o segundo conjunto de ordens, mas, caso contrário, não havia nada que distinguisse um sobrescrito do outro.

Tirou o recibo. Só referia um conjunto de ordens.

Adam voltou a olhar para os envelopes. E se por acaso se esquecesse de entregar as ordens de batalha?, pensou. E se Huger não marchasse pela manhã? E se o Norte vencesse a manhã do dia seguinte e tomasse Richmond, quem se preocuparia com ordens desaparecidas? E se, por alguma hipótese remota, o Sul vencesse a batalha sem as tropas de Huger, quem se importaria? E mesmo que a sua incúria fosse descoberta — e Adam não era tolo a ponto de presumir que nunca viria a ser desmascarado —, isso não teria de ser considerado um ato de traição, sendo apenas um simples esquecimento ou, na pior das hipóteses, de descuido. Sem dúvida que isso lhe custaria o cargo no estado-maior de Johnston, mas não seria acompanhado por desonra, apenas por uma infeliz reputação de falta de cuidado. E talvez, disse para consigo, devesse passar a guerra abrigado debaixo da asa do pai. Talvez fosse mais feliz enquanto chefe de estado-maior do pai, onde, pelo menos, poderia tentar impedir que os rendeiros e os vizinhos do pai sofressem as piores agruras da guerra.

— Ó, meu Deus — murmurou, sendo essa uma prece pela sua felicidade e não por orientação, já que ele estava decidido quanto ao que fazer.

Lenta, deliberadamente e com toda a cerimónia, Adam rasgou as ordens de batalha ao meio, depois outra vez, e finalmente rasgou os pedaços irregulares em bocados ainda mais pequenos. Rasgou-os como se desfizesse o tecido da História, e quando as ordens ficaram reduzidas a um punhado de fragmentos, espalhou os pedacinhos de papel nas águas negras de uma vala ao lado da estrada. E com esse gesto de destruição traiçoeira, chegou uma felicidade súbita. Tinha sabotado a vitória! Fizera o trabalho do Senhor num dia negro e sentia-se como se acabasse de se libertar de um fardo pesado de culpa. Incitou o cavalo para ocidente.

Meia hora depois, Adam chegou à pequena casa que servia de quartel-general a Huger onde, com uma meticulosidade que se aproximou da insubordinação, Adam insistiu em receber a assinatura do general antes de entregar o envelope restante. Depois afastou-se respeitosamente enquanto Huger abria e lia a folha única de ordens. Orgulhoso da sua ascendência francesa, o general era um homem miudinho e cauteloso que desfrutara de uma carreira bem-sucedida no antigo Exército dos Estados Unidos, e que agora gostava de fazer comparações desfavoráveis entre o antigo empregador e o novo.

— Não compreendo! — disse a Adam depois de ler a ordem uma segunda vez.

— Desculpe, meu general? — Adam esperava, com os ajudantes-de-campo de Huger, numa varanda com vista para Gillies Creek. A casa ficava tão perto de Richmond que Adam podia ver a extensão de telhados e chaminés além de Rockett's Landing, onde os mastros e vergas de uma dúzia de navios retidos pela barricada de Drewry's Bluff se deixavam ver no lusco-fusco do entardecer. Abaixo da casa, no extremo de um vasto prado pontilhado com carroças e canhões da artilharia de Huger, a linha de Richmond e York acompanhava o ribeiro, e à luz que se desvanecia, piorada pelas nuvens escuras, um comboio avançava lentamente em direção à cidade. A locomotiva puxava uma curiosa série de vagões planos que transportava a unidade de balões da Confederação. O balão em si fora criado a partir dos melhores vestidos de seda doados pelas senhoras de Richmond, e era erguido e baixo graças a uma grua gigante que estava presa a um dos vagões. Outros vagões alojavam o aparato químico que fabricava o hidrogénio. O balão, que observara as linhas inimigas além do extremo destroçado da via-férrea na Estação de Fair Oaks, estava ainda a ser

descido quando o comboio passou com estrépito abaixo do quartel-general de Huger.

— Devo depreender — o general de cabelo branco espreitou para Adam sobre um par de óculos de leitura — que alguns dos meus homens serão entregues às ordens do general Longstreet?

— Creio que sim, meu general — respondeu Adam.

Huger soltou uma série de roncos abafados que obviamente pretendiam dar a ideia de uma gargalhada sarcástica.

— Imagino — acabou Huger finalmente por observar — que o general Johnston tenha noção, nem que seja vagamente, que sou superior do general Longstreet?

— Tenho a certeza que sim, meu general.

Huger dava vazão à sua indignação através de uma bela exibição de vaidade ferida.

— Se bem me lembro, o general Longstreet era tesoureiro no antigo exército. Um mero major. Não acredito que tenha passado de major, ou que tenha sido encarregue de algo mais oneroso do que a distribuição do soldo das tropas. E mesmo assim, agora vai dar ordens aos homens sob o meu comando?

— Apenas a alguns dos seus homens, meu general — observou Adam, com tato.

— E porquê? — quis Huger saber. — Por certo o Johnston terá as suas razões? Ele lembrou-se de lhe explicar essas razões, meu jovem?

Johnston assim o fizera, mas o objetivo de Adam sairia gorado se ele transmitisse esses motivos, pelo que se limitou a observar debilmente que a divisão do general Longstreet estava acampada mais perto do inimigo, pelo que seria prudente fortalecer as brigadas com os soldados adicionais.

— Tenho a certeza que será apenas um expediente temporário, meu general — concluiu Adam, após o que olhou além do infeliz Huger, até onde o comboio se detivera enquanto o balão era descido por completo. O fumo da locomotiva parecia estranhamente alvo e brilhante contra a nuvem escura.

— Não me estou a queixar — garantiu Huger, num tom indignado. — Sou superior a considerações tão mesquinhas, além de que, com as exigências do exército, serão de esperar tais insultos. Não obstante, teria sido um gesto de cortesia por parte de Johnston ter-me perguntado se me importava que as minhas

tropas fossem colocadas às ordens de um mero tesoureiro. Não seria cortês? — indagou aos seus dois ajudantes-de-campo, os quais assentiram de imediato.

— Tenho a certeza que o general Johnston não o pretendia ofender — disse Adam.

— Pode ter a certeza daquilo que quiser, meu jovem, mas eu sou mais experiente nestes assuntos. — Huger, que se via como uma espécie de aristocrata natural, ficou hirto para poder olhar para baixo para Adam. — Talvez o general Johnston precise dos meus homens para guardar o soldo do exército, será isso? — O chiste foi mais uma vez marcado por uma série de rancos abafados que fizeram com que os ajudantes-de-campo de Huger sorrissem, numa apreciação sociável. — Em tempos — disse Huger, dobrando as ordens num quadrado apertado —, na América do Norte, as questões militares eram tratadas devidamente. Quando essas questões eram tratadas de forma marcial. Tal como acontece num exército bem organizado. — Atirou as ordens dobradas para um banco suspenso de correntes presas às traves da varanda. — Muito bem, jovem, diga ao Johnston que mesmo não as tendo entendido, recebi as ordens dele. Imagino que queira regressar ao seu mestre antes da chuva, por isso, que tenha um bom dia. — A rápida dispensa, sem a oferta a Adam sequer de um copo de água, era uma afronta deliberada, mas Adam não se importou. Correria um grande risco e desempenhara bem o seu papel, mas imaginava que não seria capaz de continuar a responder às questões do general. *Meu Deus*, pensou Adam, sentindo uma pontada de terror, aquilo que teria de enfrentar quando Johnston descobrisse o que acontecera. Depois, mais uma vez, Adam pensou para consigo que não era culpado de nada pior do que esquecimento.

Guardou o recibo assinado na bolsa e regressou ao cavalo. Era sexta-feira à noite e sabia que encontraria Julia no Hospital de Chimborazo, ali perto. Sentia-se culpado quanto à carta dela e, sabendo que tinha o resto do serão livre, foi ao encontro da noiva. O percurso levou-o a passar por uma das novas fortificações abaluartadas do general Lee que rodeavam a cidade. A fortificação era encimada por filas de sacos de areia acabados de encher, doados pelos círculos de costura de Richmond. As senhoras tinham usado todos os pedaços de tecido disponíveis, pelo que as proteções recém-instaladas pareciam uma manta de retalhos de chitas floridas, veludos escuros e algodões de padrão garrido. À luz sinistra do lusco-fusco que prometia trazer consigo uma tempestade, o efeito dos retalhos

era estranhamente alegre, dando um toque doméstico a um cenário marcial. O ar, que passara o dia mormacento e estagnado, agitou-se de súbito quando uma rajada inesperada de vento fez agitar o estandarte confederado acima dos bastiões de cores garridas. O terreno a sul, além do rio, estava iluminado por alguns derradeiros raios de Sol que chegavam abaixo das nuvens, pelo que a terra parecia mais clara do que o céu. Depois de realizada a última traição, Adam tentou ver um augúrio de felicidade e de êxito nesse distante raio de Sol dourado.

Teve de mostrar o salvo-conduto do quartel-general a uma das sentinelas nos postos que barravam a entrada na cidade. O ribombar da trovoada distante parecia fogo de canhão vindo dos terrenos entre os rios. A sentinela franziu o sobrolho.

— Parece que hoje à noite vai haver tempestade, major. E das grandes.

— Realmente parece mau — concordou Adam.

— Nunca tinha visto uma primavera assim — comentou a sentinela, e depois fez uma pausa, quando um segundo estrondear de trovão percorreu ominosamente o céu. — Pode ser que afogue um ianque ou dois. Assim não temos de matar os sacanas todos.

Adam não respondeu, limitando-se a aceitar o livre-trânsito de volta e a seguir em frente. Os relâmpagos rasgavam o céu a norte. Fez o cavalo passar a trote, correndo contra a chuva que começou a cair em gotas gordas e ominosas no momento em que chegou aos terrenos do hospital. Um enfermeiro disse a Adam qual a ala em que decorria o serviço missionário e o jovem galopou pelo vento forte que empurrava o fumo que saía das estreitas chaminés metálicas em cada barracão. A chuva começou a cair com mais força, matraqueando nos telhados de metal e fazendo estremecer a lona esticada das tendas que tinham sido montadas como alas adicionais. Encontrou o barracão, prendeu o cavalo ao poste do alpendre e depois correu para o interior, no momento em que o estrondo de um trovão pareceu rasgar o coração do céu e desencadear um verdadeiro dilúvio que bateu com tanta força no telhado da ala que a voz do reverendo John Gordon ficou abafada. Sentada ao pequeno harmónio, Julia ofereceu um sorriso de prazer ao dar conta da chegada inesperada de Adam. Fechando a porta à sua passagem, Adam viu que se tratava de uma daquelas noites de sexta-feira em que a mãe de Julia decidira não ir ao hospital. Apenas lá estavam Julia, o pai e o

inevitável senhor Samworth, que olhou nervosamente para o telhado quando um novo estrondo se fez ouvir no céu.

O serviço lá ia prosseguindo, interrompido pelos trovões e abafado pelo som da chuva. Adam, de pé à janela, observou a noite cair sobre Richmond e viu a nova escuridão trespassada por relâmpagos que garantiam uma luminosidade infernal aos pináculos da cidade. A trovoada pareceu intensificar-se, quais ecos de uma guerra celeste, enquanto a chuva fustigava o telhado com uma força tão pujante que o reverendo senhor Gordon desistiu da luta desigual e pediu um hino. Julia deu aos pedais do pequeno instrumento e liderou a ala com “Praise God From Whom All Blessings Flow.” Quando os cânticos terminaram, o missionário proferiu uma bênção inaudível e assim deu por encerrado o serviço assolado pela trovoada.

— Não deve demorar muito a passar! — O reverendo senhor Gordon teve de gritar para se fazer ouvir por Adam, mas a trovoada parecia ter-se imobilizado sobre a cidade, mostrando inclemente a sua fúria. O telhado do barracão deixava entrar água por uma dúzia de sítios e Adam ajudou a desviar os catres debaixo dos pingos gelados. Julia queria ver a trovoada, por isso envolveu-se com o casaco e dirigiu-se à pequena varanda nas traseiras da ala onde, abrigada pelo telhado, ela e Adam viram a forte trovoada fazer estremecer os céus da Virgínia. Caíam relâmpagos atrás de relâmpagos e nas nuvens soavam os ecos de incontáveis trovões. A noite caíra, mas era uma noite fendida pelo fogo e engrandecida pelas explosões no céu. Algures no hospital um cão uivou, enquanto os rios de água borbulhavam e corriam para as profundezas negras do Bloody Run.

— A mãe está com dor de cabeça. Sabe sempre quando está uma trovoada para chegar pelas dores de cabeça — explicou Julia a Adam num tom alegre desenquadrado, mas Julia sempre gostara de trovoadas. Retirava algo de muito especial da fúria da natureza, acreditando estar a testemunhar um débil eco do caos a partir de onde Deus criara o mundo. Aconchegou mais o casaco à sua volta e, com os clarões dos relâmpagos, Adam viu que ela tinha os olhos brilhantes com o entusiasmo.

— Querias falar comigo? — perguntou-lhe Adam.

— Espero que também quisesse falar comigo! — provocou-o Julia, embora no seu íntimo esperasse que ele lhe oferecesse uma declaração apaixonada,

dizendo-lhe que teria atravessado uma dúzia de tempestades só para estar junto dela.

— Sim, é claro que queria — garantiu Adam. Mantinha o decoro afastado de Julia, embora, tal como ela, tivesse as costas pressionadas contra a parede do barracão, onde conseguia aproveitar ao máximo o pequeno telhado da varanda. A água escorria das telhas, criando um lençol que era iluminado por uma película prateada sempre que os relâmpagos eram cuspidos pelas nuvens. — Mas foste tu quem me escreveu — recordou-a Adam.

Julia quase se esquecera da carta com a sugestão de uma mensagem importante e agora, depois de tanto tempo, imaginava que a mensagem tivesse perdido grande parte da sua urgência.

— Era sobre o teu amigo Nate Starbuck — explicou a jovem.

— O Nate? — Adam, quase à espera de ser informado de que o noivado entre eles estava terminado, não conseguiu ocultar a surpresa.

— Foi visitar-te logo depois de ter saído da prisão — disse Julia. — Por acaso eu estava em casa do teu pai, e sei que não o devia ter convidado a entrar, mas estava a chover quase tanto como agora e ele estava com um aspeto tão desolado que tive pena dele. Não te importas, pois não? — Fitou Adam.

Adam quase se esquecera do impulso que o levava a ordenar aos criados do pai que impedissem Starbuck de entrar na casa. Na altura, e na sequência da terrível visita de uma mulher caída em desgraça na casa do missionário, a proibição parecera uma precaução válida, mas desde essa noite horrível, a fúria de Adam já esfriara.

— O que queria ele? — quis saber Adam.

Julia fez uma pausa quando um trovão estalou e o som ecoou pela cidade. Os relâmpagos iluminavam as nuvens, tremeluzindo no céu oculto como rios enevoados de prata a voar pelos ares. Um relâmpago ateou um incêndio algures na cidade de Manchester, do outro lado do rio James, pois durante alguns segundos viu-se um brilho vermelho ténue, antes de a chuva o fazer desaparecer.

— Ele tinha uma mensagem para ti — indicou Julia. — Pareceu-me tudo muito misterioso, mas ele não me explicou. Só disse que ias perceber. Ele diz que tens de deixar de te corresponder com a família dele.

Adam sentiu um arrepio. Não disse nada, limitando-se a olhar para o vale do rio escuro, onde a chuva fustigava a água sombria.

— Adam? — disse Julia.

Adam foi repentinamente assolado pela imagem de um laço pendurado de uma trave alta.

— Ele disse o quê? — conseguiu perguntar.

— Disse que tinhas de deixar de te corresponder com a família dele. Isso parece-te estranho? A mim pareceu-me, e muito. Ainda por cima, a família Starbuck está em Boston. Como é que te correspondeste com eles? Pelo que sei, as pessoas conseguem enviar cartas para o Norte, mas não consigo imaginar que te desses a tanto trabalho só para escreveres ao reverendo Elial Starbuck. E o Nate também disse que explicava assim que pudesse, mas ele também se mostrou extremamente misterioso quanto ao que poderia ser.

— Ai, meu Deus — exclamou Adam e arrepiou-se quando o terror o voltou a assolar. Pensou na vergonha se o pai descobrisse que o filho traíra a Virgínia. E como teria Starbuck descoberto? Será que James lhe escrevera? Não podia haver outra explicação. De que outra forma poderia Starbuck ter ficado a saber? E se Starbuck sabia, quem mais teria conhecimento do que se passava? — Onde está o Nate? — perguntou a Julia.

— Não sei. Como poderia saber? — A bem da verdade, Julia tinha a ideia de que Starbuck atravessara as linhas, mas como a fonte fora Sally Truslow, não lhe pareceu assisado referir o facto. Julia tinha finalmente reunido coragem para visitar Sally, indo à casa armada com uma Bíblia e um saco cheio de opúsculos que descreviam os terrores horríveis com que o Inferno aguardava os pecadores, mas a visita transformara-se inesperadamente numa manhã de gargalhadas durante a qual Julia, em vez de tentar levar a mulher mais jovem para mais perto do Senhor, acabara por dar consigo a admirar a coleção de Sally de vestidos e de xailes. Tinham falado de cambraia e de flanela, e sobre se a tarlatana poderia vir a substituir o tule como material para véus, e Julia tocara nas sedas e nos cetins de Sally. Depois dos receios da cidade, a conversa sobre folhos e outras ninharias fora fonte de grande alívio. As crenças religiosas de Julia só tinham ficado ofendidas com os planos entusiasmados de Sally de criar um santuário espiritualista nas traseiras da casa, mas o óbvio cinismo de Sally e a sua descrição sincera sobre como planeava enganar os clientes acabaram por suscitar diversão por parte de Julia, em vez de reprovação. Julia também se sentira comovida pela preocupação que Sally mostrara por Starbuck e agitada

quando Sally lhe disse o quanto Nate gostava da jovem religiosa. Fora tudo muito estranho, demasiado bizarro para explicar a Adam, que por certo daria vazão à sua cólera justa só por pensar que a noiva teria visitado uma das cortesãs de Richmond, embora, verdade fosse dita, a casa de Sally parecesse exteriormente ser tão respeitável como qualquer outra na cidade, e fosse bastante mais limpa do que a maioria. Claro que Julia não poderia contar a Adam sobre essa visita, tal como não o poderia fazer à mãe. — Será que interessa onde o Nate está? — perguntou Julia a Adam.

— Imagino que não. — Adam mexeu-se, nervoso, com as esporas e os elos da bainha da espada a tilintarem suavemente, som esse abafado pelo rugido da chuva e pelo uivar do vento.

— O que significa a mensagem? — perguntou Julia diretamente. A reação de Adam despertara-lhe a curiosidade, reação essa que, para ela, lembrava assustadoramente uma sensação de culpa.

Adam abanou a cabeça, mas acabou por oferecer uma explicação hesitante.

— Já vem de trás — disse lentamente, e de todo de forma articulada. — Desde a altura em que o Nate aqui chegou. Tenho andado a tentar. Bem, pelo menos o pai tentou reatar a ligação entre o Nate e a família. Parecia importante. — Adam era um péssimo mentiroso e, para ocultar o embaraço sentido, afastou-se da parede do barracão e apoiou as mãos na balaustrada. — Acho que o Nate ficou ressentido com as nossas tentativas — concluiu, sem grande convicção.

— Quer dizer que, afinal de contas, não é assim tão misterioso? — disse Julia, sem acreditar numa única palavra de Adam.

— Não, nem por isso — retorquiu Adam.

Julia ouviu os cães a uivar, os cavalos a relinchar e a lona das tendas a adejar com o vento.

— O que fez o Nate? — perguntou Julia, após uma longa pausa.

— O que queres dizer?

— Estou a perguntar o que fez o Nate para perder a afeição da família. — Adam passou muito tempo sem responder e depois encolheu os ombros.

— Fugiu.

— Só isso?

Adam não iria contar a Julia que estivera uma mulher envolvida, uma atriz que usara Starbuck e depois o abandonara em Richmond.

— Ele teve um comportamento muito pouco digno — declarou Adam, num tom pomposo, sabendo que se tratava de uma explicação inadequada, além de ser injusta. — O Nate não é má pessoa — acrescentou, sem saber como terminar a descrição.

— Apenas apaixonado? — aventou Julia.

— Sim — concordou Adam —, apenas apaixonado. — Depois ficou em silêncio, quando a explosão massiva de um trovão dilacerou o céu. Um relâmpago caiu na margem oposta do rio, iluminando o estaleiro naval com uma luz branca cadavérica pontilhada com sombras negras. — Quando os ianques chegarem — Adam mudou o tema de conversa, afastando-se do caráter de Nate Starbuck —, devias ficar em casa.

— Julgas que estava a pensar dar-lhes as boas-vindas a Richmond? — perguntou Julia, com um toque de cinismo.

— Tens uma bandeira? Uma bandeira dos Estados Unidos, quero eu dizer? — perguntou Adam.

— Não.

— Tenho a certeza que tenho uma no meu quarto, em Clay Street. Pede à Polly que ta dê. Pendura-a numa janela em casa.

O conselho pareceu irrelevante a Julia.

— Pareces ter a certeza de que vão entrar em Richmond — observou.

— E vão — garantiu Adam, com fervor. — É a vontade de Deus.

— A sério? — Julia ficou surpreendida. — Nesse caso, porque será que Deus permitiu esta guerra?

— Fomos nós que declaramos a guerra — replicou Adam. — Foi o homem que o fez, não foi Deus, e foi o Sul que a declarou. — Voltou a ficar em silêncio por momentos, analisando a sua consciência e descobrindo que estava muito aquém do que deveria. — Na altura acreditei em tudo o que o meu pai me disse. Disse-me que a América só precisava de ser sangrada, como quando um médico aplica sanguessugas. Uma batalha feroz e todos acataríamos a sabedoria das negociações pacíficas. E agora vê só! — Acenou com a mão na direção da trovoada e Julia prontamente fitou o vale, até onde um relâmpago deixou ver a silhueta do cordame dos navios no rio e lançou fogo branco ao longo do curso de água. A chuva fustigava a terra, caía do telhado da ala, escorria pelas caleiras e

engrossava o ribeiro abaixo do hospital. — Vamos ser castigados — declarou Adam.

Julia recordou a bravata de Starbuck, citando o desafio de John Paul Jones.

— Pensava que ainda não tínhamos começado a lutar. — Fez eco das palavras de Starbuck e surpreendeu-se com a sua beligerância. Nunca se considerara apoiante dos defensores da guerra, mas estava demasiado embrenhada na discussão para se aperceber de que usava uma afiliação política como forma de discutir uma relação pessoal. — Não podemos admitir a derrota sem lutar! — insistiu.

— Vamos ser castigados — repetiu Adam. — Deixámos o diabo à solta, sabes? Apercebi-me disso hoje. — Calou-se e Julia, pensando que ele teria testemunhado uma qualquer injúria profunda, não tentou aprofundar o assunto, mas depois Adam adiantou uma explicação bastante diferente, dizendo como dera por ele a culpar um escravo pela guerra. — Não vês como a guerra faz sobressair o pior que há em todos nós? — indagou. — Todas as amarras que nos prendem à decência e a Deus estão a ser cortadas, e estamos à deriva numa onda putrefacta de fúria.

Julia franziu o cenho.

— Achas que o Sul merece perder por teres sido indelicado para com um escravo?

— Acho que a América é um único país — retorquiu Adam.

— Quer-me parecer — aventou Julia, esforçando-se por controlar uma fúria crescente — que estás a lutar pelo lado errado.

— Talvez esteja — admitiu Adam em voz baixa, mas não tão baixo que Julia não o ouvisse com a chuva incessante.

— Então devias ir para norte — declarou Julia com frieza.

— Achas? — indagou Adam num tom estranhamente plácido, como se pretendesse mesmo escutar os conselhos da jovem.

— Tens de lutar por aquilo em que acreditas — disse Julia, sem quaisquer rodeios.

Adam assentiu.

— E tu? — perguntou.

Julia lembrou-se de algo que Sally dissera, uma coisa que a surpreendera: que os homens, pesasse embora toda a jactância e aparato, eram tão fracos como

gatinhos recém-nascidos.

— Eu? — disse Julia, como se não tivesse percebido de imediato o que Adam sugeria.

— Abandonavas o Sul?

— Queres que o faça? — perguntou Julia, e a bem da verdade, tratava-se de um convite para que Adam a cortejasse, que declarasse que um grande amor merecia gestos extravagantes. Julia não queria que o amor fosse banal, queria que apresentasse os mesmos mistérios reveladores da religião, e que fosse tão tempestuoso como a trovoadas que despejava a sua fúria por toda a península.

— Quero que faças aquilo que o teu coração e a tua alma te digam para fazer — respondeu Adam, num tom hirto.

— Nesse caso, o meu coração diz-me para ficar na Virgínia — retribuiu Julia com a mesma frieza. — Diz-me para trabalhar aqui, no hospital. A mãe não concorda, mas talvez eu tenha de insistir. Opunhas-te se eu me tornasse enfermeira?

— Não — disse Adam, embora sem qualquer convicção. Parecia destroçado, como um viajante encurralado numa terra estranha. Depois foi salvo de mais comentários, pois a porta da ala abriu-se e o reverendo John Gordon espreitou ansiosamente para a varanda.

— Estava com medo que tivessem sido levados — disse o pai de Julia, na mais forte reprimenda que foi capaz de apresentar. A esposa ter-se-ia queixado da impropriedade que era para Adam e Julia estarem sozinhos às escuras, mas o reverendo senhor Gordon não era capaz de discernir qualquer pecado naquele comportamento.

— Estamos bem secos, pai — disse Julia, mal interpretando deliberadamente a gentil admoestação do pai. — Estávamos só a ver a trovoadas.

— “Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha.” — O reverendo John Gordon citou alegremente o Evangelho de Mateus.

— “Não vim trazer a paz” — citou Julia o mesmo Evangelho —, “mas a espada.” — Olhava para Adam enquanto falava, mas o jovem estava alheio ao olhar. Fitava um vazio escuro dilacerado pelo fogo e recordava os fragmentos de papel branco atirados para uma vala negra. Era um caminho de traição que daria

a vitória ao Norte, e na esteira dessa vitória viria a paz. Com toda a certeza, dizia Adam para consigo, com a paz tudo voltaria a ficar bem.

Amanhã.

A terra empapada fumegava ao sol da manhã. O ataque devia ter começado havia duas horas, já deveria ter rasgado as linhas ianques e empurrado os nortistas para o pântano de White Oak, mas nada se movia nas três estradas que ligavam as linhas rebeldes às posições ianques.

O general Johnston planeava servir-se das três estradas como um tridente. A divisão de Hill avançaria primeiro pelo centro, atacando ao longo da Estrada de Williamsburg Stage num assalto às tropas nortistas agrupadas atrás da Estação de Fair Oaks. Johnston esperava que a infantaria ianque avançasse sobre as tropas de Hill como abelhas, vindo a ser massacradas por norte pela divisão de Longstreet e pelo sul pela de Huger. Para que a divisão de Hill desse início ao ataque, só faltava uma mensagem que informasse que as tropas de Longstreet e de Huger tinham saído dos acampamentos junto a Richmond. Os homens de Longstreet deveriam encontrar-se na Estrada Nine Mile, perto da Taberna Velha, enquanto a divisão de Huger deveria estar na Estrada Charles City, perto da Taberna White.

O problema era que ambas as estradas estavam vazias. Tinham ficado alagadas devido às fortes chuvadas da noite, mas de resto estavam desertas. As neblinas matinais tinham-se dissipado, revelando uma paisagem ensopada, agitada por um vento frio forte a ponto de manter os dois balões de observação ianques em terra e de agitar o fumo das fogueiras que se esforçavam por consumir a lenha molhada.

— Mas onde é que eles estão? — exigiu saber Johnston, enviando os seus ajudantes-de-campo pelos prados alagados e pelas estradas ominosamente vazias em busca das divisões perdidas. — Encontrem-nos, quero que os encontrem! — bradou. Segundo o seu horário, os ataques já deviam ter atravessado as linhas ianques e estar a empurrar uma mole de refugiados em pânico na direção do traiçoeiro pântano de White Oak. Em vez disso, os ianques mantinham-se alheios ao seu destino e o horizonte oriental estava nublado com o fumo das fogueiras.

Um ajudante-de-campo regressou do quartel-general de Huger com a informação de que encontrara o general na cama, a dormir profundamente.

— Ele estava o quê? — indagou Johnston.

— A dormir, meu general. E o estado-maior também estava a dormir.

— Depois do nascer do Sol?

O ajudante-de-campo assentiu.

— A dormir profundamente, meu general.

— Jesus Cristo na cruz! — Johnston fitou o ajudante-de-campo, incrédulo. — Ele não recebeu as ordens?

O ajudante-de-campo, amigo de Adam, hesitou enquanto procurava maneira de poupar o amigo.

— E então? — exigiu Johnston, furiosamente.

— O chefe de estado-maior diz que não, meu general — respondeu o ajudante-de-campo, com um encolher de ombros apologético na direção de Adam.

— Raios partam! — bradou Johnston bruscamente. — Morton!

— Meu general?

— Quem levou as ordens ao Huger?

— Foi o major Faulconer, meu general, mas garanto-lhe que as ordens foram entregues. Tenho o recibo com a assinatura do general. Aqui está, meu general. — O coronel Morton apresentou o recibo e entregou-o ao general.

Johnston olhou para o papel.

— Afinal sempre recebeu as ordens! Isso quer dizer que se deixou dormir?

— Ao que parece, meu general — respondeu o ajudante-de-campo que acordara o general Huger.

Johnston pareceu estremecer com uma fúria reprimida que era incapaz de expressar por palavras.

— E onde é que está o Longstreet? — perguntou, em vez disso.

— Continuamos a tentar encontrá-lo, meu general — informou o coronel Morton. Enviara um ajudante-de-campo até à estrada de Nine Mile, mas o oficial também desaparecera, à semelhança da divisão de Longstreet.

— Pelo amor de Deus! — gritou Johnston. — Encontrem-me o meu malfadado exército!

Adam esperara espalhar confusão ao destruir as ordens de Huger, mas não se atrevera a imaginar que a confusão fosse tão exacerbada pelo general Longstreet, que decidira, levemente, não avançar pela estrada de Nine Mile,

preferindo, em vez disso, usar a de Charles City. Tal decisão levava a que a sua divisão tivesse de atravessar os acampamentos das tropas do general Huger. Este, acordado bruscamente com as ordens que diziam que deveria ter avançado para leste, pela Estrada Charles City, descobriu que estava rodeado pelos soldados de Longstreet.

— Raios partam o tesoureiro — comentou Huger e pediu o pequeno-almoço.

Meia hora depois, o tesoureiro em pessoa dirigiu-se ao quartel-general de Huger.

— Espero que não se importe que use a sua estrada — comentou Longstreet —, mas a minha estava demasiado molhada para uma marcha. Lama pelos joelhos.

— Aceita um café? — ofereceu Huger.

— Está muito calmo para alguém que vai para combate, Huger — disse Longstreet, olhando para o prato de presunto e ovos que tinha acabado de ser servido ao camarada general.

Huger não fazia ideia de qualquer batalha, mas não ia revelar a sua ignorância a um tesoureiro promovido.

— Então e quais são as suas ordens para hoje? — indagou, ocultando o crescente alarme de que lhe tivesse escapado qualquer coisa importante.

— As mesmas que as suas, imagino. Marchar para leste até encontrarmos os ianques, e depois atacar. Esse pão é fresco?

— Sirva-se — ofereceu Huger, interrogando-se se o mundo teria enlouquecido. — Mas eu não posso avançar consigo na minha estrada.

— Eu afasto-me para que passe — disponibilizou-se prontamente Longstreet. — Levo os meus rapazes para o outro lado do ribeiro, depois dou-lhes um descanso e o general passa por nós. Pode ser assim?

— Sirva-se também do presunto e dos ovos — sugeriu Huger. — Não sei se tenho grande fome. — Levantou-se e chamou o chefe de estado-maior. Tinha uma divisão para movimentar e uma batalha a travar. Por Deus, pensou, estas coisas eram muito mais bem explicadas no antigo exército! Muito mais.

No quartel-general do exército, o general Johnston abriu o relógio pela enésima vez. A batalha devia estar a decorrer há quatro horas e ainda não tinha sido disparado um único tiro. O vento agitava as poças, mas pouco fazia para dissipar a humidade do dia. Os mosquetes iam engasgar-se, pensou Johnston.

Um dia seco significava que a pólvora queimava bem, ao passo que o tempo húmido prometia canos sujos e mais trabalho para os homens.

— Em nome de Deus, mas onde é que eles estão? — gemeu, frustrado.

A divisão do general Hill estava pronta desde a alvorada. Os seus homens, abrigados nas matas onde grandes árvores tinham sido partidas pelos relâmpagos da noite, agarravam as espingardas e esperavam pelo sinal para avançar. As primeiras alas podiam ver os piquetes ianques no outro lado de uma clareira molhada. Esses postos eram compostos por abrigos grosseiros, feitos com ramos caídos, atrás dos quais os piquetes nortistas se abrigavam como podiam das intempéries. Alguns dos inimigos tinham pendurado casacas e camisas a secar nos seus corta-ventos improvisados. Um ianque, alheio ao facto de as matas do outro lado da clareira estarem apinhados de inimigos à espera para atacar, pegou numa pá e percorreu a linha das árvores. Acenou aos rebeldes, confiante de que estava apenas a ser observado pelos mesmos piquetes sulistas com quem, ainda na véspera, trocara café por tabaco e um jornal nortista por outro do Sul.

O general Hill abriu o relógio.

— Alguma novidade?

— Nada, meu general. — Os ajudantes-de-campo do general tinham cavalgado até à Taberna White e à Taberna Velha sem ver nada.

— Tiveram notícias do Johnston?

— Nada, meu general.

— Raios partam. Não é assim que se vence uma guerra. — Hill enfiou com força o relógio no bolso da casaca. — Deem o sinal! — bradou a uma bateria de artilharia, cujos três disparos espaçados seriam o sinal combinado para o início do ataque.

— Vai avançar sem apoio? — perguntou um ajudante-de-campo, aterrado com a ideia de a divisão enfrentar metade do exército nortista sem reforços nos flancos.

— Não passam de uns malfadados de uns ianques. Vamos ver os sacanas a fugir. Disparem o sinal!

Os sons graves dos três disparos quebraram a paz da hora de almoço. O primeiro tiro atravessou a mata distante, fazendo saltar gotas de água e agulhas

de pinheiro, o segundo ressaltou no prado molhado e foi bater no tronco de uma árvore, e o derradeiro deu início à batalha.

— O Johnston não vai atacar — garantiu James Starbuck ao irmão.

— Como podemos ter a certeza?

— O McClellan conheceu-o antes da guerra. Conhecia-o bem, por isso sabe como ele raciocina — explicou James, alheio à ironia de que se esperava que os Serviços Secretos dos Estados Unidos descobrissem um indicador um pouco mais fidedigno das intenções inimigas do que as capacidades de leitura de mentes do comandante supremo. James pegou na travessa de bacon e serviu-se. Sempre comera bem, e embora fosse hora do almoço e os cozinheiros lhe tivessem trazido uma travessa sumptuosa de frango frito, James exigira que também lhe fosse servido o bacon que sobrara do pequeno-almoço. — Come um bocado de bacon — ofereceu ao irmão.

— Já comi o suficiente. — Starbuck folheava a enorme pilha de jornais que eram levados para onde quer que os Serviços Secretos estabelecessem o seu quartel-general de campanha. O monte continha o *Journal* de Louisville, o *Mercury* de Charleston, o *Codman* do Cabo, o *Times* e o *Herald* de Nova Iorque, o *Mississippian*, o *National Era*, a *Harper's Weekly*, o *Gazette* de Cincinnati, o *Republican* de Jacksonville, o *North American* de Filadélfia e o *Journal* de Chicago. — Alguém lê estes jornais todos? — indagou Starbuck.

— Eu leio. Quando há tempo. Nunca há tempo suficiente. O problema é que não dispomos de pessoal suficiente. Olha só para essa pilha! — James levantou os olhos do jornal que estava a ler e apontou para as mensagens telegráficas que tinham de ser decodificadas e que permaneciam por traduzir, devido à falta de pessoal administrativo. — Talvez te pudesses juntar a nós, Nate? — aventou James. — O chefe gosta de ti.

— Quando regressar de Richmond, queres tu dizer?

— Porque não? — James estava extasiado com a ideia. — De certeza que não queres bacon?

— Absoluta.

— Sais ao pai — comentou James, cortando uma fatia de pão fresco e barrando-a com manteiga —, ao passo que eu sempre fui cheio, como a mãe. — Virou a página do jornal e depois ergueu o olhar quando Pinkerton entrou na sala. — Como está o general? — perguntou James.

— Doente — respondeu Pinkerton. Fez uma pausa para roubar um naco de bacon do prato de James. — Mas ele sobrevive. Os médicos embrulharam-no em flanela e estão a dar-lhe quinino. — O general McClellan apanhara a febre do Chickahominy e alternava entre suores e tremores num quarto onde estava aboletado. Os Serviços Secretos de Pinkerton tinham ocupado uma casa vizinha, pois o general não gostava de se afastar da sua melhor fonte de informação. — Mas o general está lúcido — continuou Pinkerton — e concordou que chegou a altura de se ir embora. — Apontou o que lhe restava da fatia de bacon a Starbuck.

— Ó, meu Deus — exclamou James, olhando consternado para o irmão mais novo.

— O Nate não tem de ir — alvitrou Pinkerton —, se por acaso julgar que é demasiado arriscado. — Enfiou o resto do bacon na boca e acercou-se da janela para fitar o céu. — Demasiado ventoso para balões. Nunca tinha visto uma trovada como a de ontem à noite. Conseguiu dormir?

— Sim — respondeu Starbuck, ocultando o entusiasmo que sentia no seu íntimo. Já se interrogava se alguma vez receberia a lista de questões para regressar ao lado sulista, e se voltaria a ver Sally ou o pai dela. A bem da verdade, estava aborrecido, e, sinceramente, acima de tudo com a companhia do irmão. James era tão boa pessoa como qualquer outra, mas não tinha outro tópico de conversa que não fosse sobre comida, família, Deus e McClellan. Quando chegara às linhas ianques, Starbuck receara que a sua lealdade fosse posta à prova e que a sua reverência pela bandeira norte-americana ressuscitasse com tanto ímpeto que lhe quebrasse a afiliação rebelde, mas o tédio sentido na companhia de James servira de barreira contra esse renovar de patriotismo.

Além disso, imaginava-se como um renegado, e, no exército rebelde, Starbuck tinha a reputação de ser um aventureiro, um verdadeiro rebelde, enquanto naquele exército mais vasto, com uma organização mais apertada, nunca seria mais do que outro rapaz do Massachusetts, limitado para o resto da vida pelas expectativas da família. No Sul, pensou Starbuck, era ele quem definia o que queria ser, e os únicos limites a tais ambições estavam no seu interior, enquanto no Norte nunca seria nada mais além de filho de Elial Starbuck.

— Quando? — perguntou a Pinkerton com uma ansiedade um tudo-nada exagerada.

— Esta noite, Nate? — sugeriu Pinkerton. — Diz que esteve a viajar. — Pinkerton e James tinham criado uma história para explicar a ausência demorada de Starbuck. A história dizia que Starbuck recuperara da experiência de cativo viajando pela zona sul da Confederação, onde fora atrasado pelo mau tempo e por comboios retardados. Pinkerton, tal como James, não fazia ideia de que tal história era desnecessária, que Starbuck só precisava do papel que Pinkerton apresentou e que ele entregaria a de'Ath, o seu poderoso protetor em Richmond. — Pelo menos, o facto de o general ter ficado acamado obrigou-o a concentrar-se no nosso assunto — comentou alegremente Pinkerton —, por isso agora pode levar estas perguntas ao seu amigo. — As questões de McClellan, à semelhança da mensagem falsa que de'Ath entregara a Starbuck, estavam seladas no interior de uma bolsa de oleado cosida.

Starbuck aceitou o embrulho e enfiou-o no bolso. Usava uma das casacas ianques descartadas pelo irmão, uma volumosa casaca de farda azul que assentava no corpo magro de Starbuck com grandes pregas.

— Temos de saber muito mais acerca das defesas de Richmond — explicou Pinkerton. — Vai haver um cerco, Nate. Os nossos canhões contra as fortificações deles, e queremos que o seu amigo nos diga quais os fortes mais fracos. — Pinkerton olhou para James. — Esse pão é fresco, Jimmy?

— Deus do Céu. — James ignorou a pergunta do chefe e olhou, espantado, para um exemplar do *Examiner* de Richmond que tinha ao lado do prato. — Quem diria? — acrescentou.

— O pão, Jimmy? — voltou Pinkerton a tentar.

— O Henry de'Ath morreu — anunciou James, alheio à fome do superior. — Quem diria?

— Quem? — quis Pinkerton saber.

— E com oitenta anos! Uma boa idade para um homem mau. Quem diria?

— Mas de quem é que está a falar? — exigiu Pinkerton.

— Henry de'Ath — explicou James. — Não há dúvida, é o fim de uma era. — Olhou com atenção para a tinta esborratada do jornal. — Dizem que morreu durante o sono. Mas que patife, que patife!

Starbuck sentiu um arrepio, mas não se atreveu a revelar a preocupação que o percorreu subitamente. Talvez Henry de'Ath não fosse o homem que tinha

enviado Starbuck a cruzar as linhas, mas sim qualquer outro indivíduo com o mesmo apelido.

— Que tipo de patife? — perguntou.

— Tinha os princípios de um chacal — respondeu James, embora com um toque de admiração. Enquanto cristão, via-se obrigado a desgostar da reputação de de'Ath, mas enquanto advogado, invejava a eficácia do velho. — Foi o único homem que Andrew Jackson se recusou a confrontar num duelo — prosseguiu James —, provavelmente porque na altura o de'Ath já tinha matado seis homens, talvez mais. Era mortífero tanto com espada, como com pistola. E também era mortífero em tribunal. Lembro-me de o juiz Shaw me dizer que, certa vez, o de'Ath se gabou de ter enviado, com conhecimento, pelo menos uma dúzia de inocentes para a forca. O Shaw protestou, naturalmente, mas de'Ath dizia que a árvore da liberdade era regada com sangue e disse ao Shaw para não ser tão picuinhas com o facto de esse sangue ser inocente ou culpado. — James abanou a cabeça, reprovando tal malícia. — Dizia sempre ser de ascendência francesa, mas o Shaw tinha a certeza que ele era filho do Thomas Jefferson. — James chegou mesmo a corar ao narrar esse boato de advogados. — Tenho a certeza que isso não era verdade — apressou-se a acrescentar —, mas esse homem atraía esse tipo de exageros. Agora está a caminho do Julgamento Final. O Jeff Davis vai ter saudades dele.

— Porquê? — quis Pinkerton saber.

— Eram unha com carne, meu major — explicou James. — O de'Ath era uma *eminence grise*. Devia ser um dos conselheiros mais próximos do Davis.

— Nesse caso, graças a Deus que o sacana ficou imóvel na cama — comentou Pinkerton alegremente. — Agora, esse pão é fresco?

— É sim, chefe — asseverou James —, muito fresco.

— Corte-me uma fatia, se não se importa. E também lhe agradeço uma perna de frango. Aquilo que tinha pensado em fazermos — dirigiu-se Pinkerton a Starbuck, depois de garantir o almoço — era enviá-lo a cruzar o rio James esta noite. Vai ter de andar duas ou três horas desde Petersburg e a partir daí tem de chegar a norte. Acha que consegue?

— Tenho a certeza que sim — garantiu Starbuck, surpreendido por a sua voz soar tão normal, já que o seu íntimo estava consumido por um terror profundo. De'Ath morto? Então quem defenderia Starbuck em Richmond? Quem, na

Confederação, garantiria que ele não era um desertor? Starbuck sentiu um arrepio súbito. Não podia regressar! Essa consciência chegou-lhe como uma onda gelada. Só de'Ath poderia atestar a sua integridade, e, sem de'Ath, ficaria sem amigos em Richmond. Sem de'Ath, pareceria um vira-casacas, duplamente desprezível, e sem de'Ath nunca poderia voltar ao Sul, e muito menos regressar à Legião.

— Parece nervoso, Nate! — afirmou Pinkerton. — Está preocupado com o regresso? É isso?

— Eu fico bem, meu major — garantiu Starbuck.

— Tenho a certeza que sim. Todos os meus agentes ficam nervosos. Só os tolos é que não mostram alguns nervos com a perspectiva de se dirigirem a sul. — O escocês virou-se, espantado, ao ouvir o troar de disparos à distância. — Isto são canhões — indagou —, ou mais trovões? — Cruzou a sala e abriu uma janela. O ribombar inconfundível da artilharia ecoava pelo horizonte, desvanecia-se e depois voltava a fazer-se ouvir, quando uma nova bateria se juntava à refrega. Pinkerton escutou e depois encolheu os ombros. — Talvez uma equipa a fazer exercícios?

— Posso levar um cavalo para dar uma vista de olhos? — pediu Starbuck. Queria ficar sozinho para decidir o futuro agora que perdera o protetor. Imaginou de'Ath na casa em ruínas, com um sorriso sardónico nos lábios mortos. Teria o velho deixado uma mensagem a exonerar Starbuck? Starbuck duvidava e voltou a arrepiar-se, apesar do calor.

— Leva o meu cavalo — ofereceu James.

— Mas volte antes das seis! — alertou Pinkerton. — Às seis chega um homem que o vai levar ao rio!

— Seis horas — prometeu Starbuck e depois, mergulhado numa névoa de incerteza e medo, dirigiu-se aos estábulos.

Pinkerton ocupou a cadeira de Starbuck e serviu-se de mais frango.

— É um magnífico jovem, este seu irmão. Mas agitado, Jimmy, muito agitado.

— Sempre sofreu de debilidade nervosa — disse James. — E não ajuda que consuma tabaco e álcool.

Pinkerton sorriu.

— Eu próprio já consumi essas substâncias, Jimmy.

— Mas o senhor é robusto — explicou James — e o meu irmão é magro. As pessoas como o senhor e eu, major, sofrem de problemas do estômago e dos intestinos, mas os homens como o meu irmão sofrem sempre dos nervos. Nisso, ele sai ao meu pai.

— Ter uma educação deve ser muito bom — comentou Pinkerton, dedicando-se ao seu prato. O som dos disparos intensificou-se, mas ele ignorou-o. — A minha querida avó, que Deus a tenha, sempre disse que não havia doença nesta terra de Deus que uma pinga de uísque não curasse. Duvido que concorde com ela, Jimmy, mas ela viveu muito tempo e quase nunca estava doente.

— Mas ela só recomendava uma pinga — lembrou James, encantado por ter apoio à sua opinião —, e não uma barriga cheia, major. Não há pessoa inteligente que ponha em causa os poderes curativos do uísque, mas infelizmente não costuma ser consumido como remédio.

— O seu irmão gosta de uma boa pinga — frisou Pinkerton, com malícia.

— O Nate é uma grande decepção — admitiu James. — Mas eu vejo as coisas da seguinte forma, major. Ele corrigiu o seu erro político, e isso é um bom princípio para o difícil caminho da redenção. Pecou muito, mas com a ajuda de Deus vai percorrer cada passo desse caminho até à salvação total.

— Imagino que tenha razão — resmungou Pinkerton. Nunca se sentia confortável quando o chefe do estado-maior entrava em modo de pregação, mas tinha consciência das virtudes de James e sabia que um sermão ocasional compensava a ordem rígida que James trouxera aos assuntos dos Serviços Secretos.

— E talvez possamos ajudar na salvação do Nate — prosseguiu James —, oferecendo-lhe um cargo no Departamento? Estamos desesperados por pessoal, chefe. Olhe só para aquilo! — Apontou para a pilha de mensagens telegráficas e de interrogatórios.

— Quando ele voltar de Richmond — asseverou Pinkerton —, pensamos nisso, prometo-lhe. — Virou-se para a janela, de cenho franzido. — Aqueles canhões estão muito ativos. Acha que os secessionistas nos estão a atacar?

— Não recebemos qualquer aviso de um ataque rebelde — declarou James, dando assim a entender que não poderia estar a acontecer qualquer assalto. Sempre que ocorria um ataque, havia desertores que chegavam com informações

sobre os preparativos do inimigo, mas, nos últimos dias, a frente entre os exércitos tinha estado invulgarmente calma.

— Tem razão, Jimmy, tem razão. — Pinkerton virou-se outra vez para a mesa. — Deve ser apenas uma canhoneira a treinar a tripulação. E de certeza que teremos notícias se acontecer alguma coisa mais importante. — Pegou num exemplar com uma semana do *Republican* de Jacksonville e começou a ler um relato sobre como um fura-bloqueios conseguira escapar aos navios de guerra nortistas ao largo da costa da Carolina do Sul. A embarcação transportava lona de Génova, sapatos de fabrico francês, fulminantes britânicos, guta-percha da Malásia e água-de-colónia. — Para que é que eles querem água-de-colónia? — interrogou-se Pinkerton. — Só Deus sabe para que querem eles isto.

James não respondeu. Dedicava-se ao seu prato e acabara de se servir de mais uma dose de frango quando a porta da sala se escancarou bruscamente e um coronel alto, de rosto escanzelado entrou. O coronel usava botas de montar e trazia um pingalim, tendo a farda salpicada com lama vermelha, prova de como cavalgara.

— Mas quem raios é você? — Pinkerton ergueu o olhar do jornal.

— Chamo-me Thorne. Tenente-coronel Thorne. Departamento do Inspetor-Geral de Washington. E você quem é?

— Pinkerton.

— Pois bem, Pinkerton, onde está o Starbuck?

— Meu coronel? Starbuck sou eu, meu coronel — identificou-se James, retirando o guardanapo que tinha ao pescoço e levantando-se.

— Você é o Nathaniel Starbuck? — perguntou o coronel Thorne num tom lúgubre.

James abanou a cabeça.

— Não, meu coronel, sou irmão dele.

— Então onde é que está o Nathaniel Starbuck? Prenderam-no?

— Se o prendemos? — indagou Pinkerton.

— Telegrafei-lhes ontem. Ninguém faz nada por aqui? — Thorne fez a pergunta num tom amargo, consciente de que a carta de Delaney que denunciava a traição de Starbuck permanecera demasiado tempo por abrir em cima da sua própria secretária. — E então, onde é que ele está?

James acenou debilmente com a mão na direção das traseiras da casa.

— Nos estábulos, creio eu.

— Então leve-me até lá! — Thorne sacou de um revólver do coldre que tinha à cintura e enfiou um fulminante num dos cones do tambor.

— Poderei saber... — começou James a perguntar, nervosamente.

— Não, não pode saber! Leve-me aos estábulos! — bradou Thorne. — Não vim de Washington para o ver a titubear como uma virgem no leito de núpcias. Mexa-se!

James correu para os estábulos.

A porta da cocheira onde estivera o seu cavalo rangia ao abanar com o vento. A baia estava vazia.

— Foi ver o que eram estes tiros — explicou James debilmente, assustado com a expressão selvagem de Thorne.

— Ele está de volta às seis — garantiu Pinkerton.

— É melhor que volte — disse Thorne. — Onde está o McClellan? Ele vai ter de me ceder cavalaria para perseguirmos o sacana traíçoeiro.

— Mas porquê? — perguntou James. — Porquê? O que é que ele fez?

Mas o coronel já saíra dali. Os canhões ribombavam no horizonte, onde se deixava ver uma nuvem de fumo branco, por cima das árvores. Nate dirigira-se a oeste, algo de terrível estava a acontecer e James sentiu um aperto no coração. Rezou para que os seus receios não se confirmassem e depois foi à procura de um cavalo.

A infantaria confederada foi andando e correndo sobre um terreno que em alguns pontos era duro e em outros parecia um charco. Os piquetes ianques viram a linha de fardas cinzentas e castanhas a sair da mata e correram a avisar os camaradas de que os rebeldes estavam a avançar.

Clarins soaram o alarme nos acampamentos federais espalhados pelas quintas a sul da Estação de Fair Oaks. O general McClellan treinara bem aqueles homens e ficaria orgulhoso da forma como responderam ao chamamento. Regimentos inteiros largaram a correspondência que estavam a escrever e o café que estavam a fazer, largaram as bolas e as cartas, e pegaram nas espingardas que estavam apoiadas umas nas outras como postes de tendas índias à medida que iam correndo para formar alas atrás do abatis à altura da cintura que lhes protegia os acampamentos. Os escaramuceiros correram para uma linha de valas que tinham sido abertas cem passos à frente do abatis, onde uma pequena

elevação no terreno deveria manter o solo acima da linha de água, mas a trovoadas da véspera tinha inundado os buracos, pelo que os escaramuceiros se ajoelharam ao lado dos espaços alagados e tiraram os tampões dos canos, que impediam a chuva de lhes enferrujar os canos das espingardas. O resto dos regimentos assim alertados formaram duas longas alas que esperavam agora ao vento forte e quente, enquanto observavam as árvores de onde os piquetes chegavam a correr. Os soldados carregaram as armas e instalaram fulminantes nos cones das espingardas.

O abatis à frente da infantaria em espera era uma barreira emaranhada de árvores cortadas. Era interrompido por espaços que permitiam a passagem dos escaramuceiros e pelas fortificações de terra da artilharia. Os canhões, na sua maioria *Napoleões* de doze libras, mas com alguns *Parrotts* de dez libras, já estavam carregados. Os artilheiros retiraram oleados de cima de armões de munições, enfiaram escorvas nos ouvidos das peças e ordenaram que se preparassem latas de metralha para os segundo e terceiro tiros. Pássaros alçavam voo das árvores, incomodados pelos rebeldes que avançavam, e depois um par de veados saiu da mata e galopou à frente de um novo batalhão de novaiorquinos mestiços.

— Sustenham o fogo! — rosnou um sargento a um homem que acompanhava os veados com a espingarda. — Mantenham as miras baixas quando eles vierem, procurem os oficiais! Preparados! — O sargento andou à frente dos soldados nervosos. — Não passam de um bando de campónios assustados, muito parecidos com os miseráveis que aqui tenho. Os rebeldes não têm nada de especial. Morrem como qualquer pessoa. Apontem baixo quando os virem.

Um rapaz não parava de resmungar o nome de Cristo. Tinha as mãos a tremer. Alguns homens tinham enfiado as varetas das armas na terra macia, para que estivessem à mão ao recarregar.

— Esperem, rapazes, esperem — disse o sargento, ao ver o nervosismo nos rostos jovens. O coronel galopou por trás da ala de retaguarda, com a montada a fazer saltar água e terra.

— Onde é que eles estão? — perguntou alguém.

— Já os vês — respondeu outro homem. No centro da linha, os estandartes pareciam brilhantes, recortados contra o céu carregado.

Algures à direita, uma salva de mosquetaria soou como um canavial em chamas. Um canhão disparou com um estrondo que fez os homens saltar. Nesse flanco, os homens gritavam como demónios e o fumo pairava sobre o terreno molhado, mas continuava sem haver sinal do inimigo à frente dos rapazes de Nova Iorque. Um segundo canhão disparou, cuspidando uma pluma de fumo trinta metros sobre o terreno. Uma granada rebentou no ar atrás do regimento de Nova Iorque, prova de que uma bateria rebelde estaria em ação algures nas redondezas. Um dos nova-iorquinos que aguardavam dobrou-se de repente e vomitou para a erva o conteúdo de bolachas de campanha e de café que tinha no estômago.

— Vão sentir-se melhor quando os virem — resmungou o sargento. Outro veado irrompeu vindo das árvores e galopou para norte, na direção do fumo e do barulho, depois deu meia-volta e correu à frente do regimento. Agora viam-se formas a deslocar-se por entre as árvores, o tremeluzir da luz mortiça a refletir-se nas armas e a mancha de cor garrida onde um estandarte de batalha rebelde se deixou ver no meio dos pinheiros.

— Prontos! Apontar! — bradou o coronel dos nova-iorquinos, fazendo setecentas espingardas serem levadas a sete centenas de ombros. Os escaramuceiros já tinham começado a abrir fogo ao lado das valas alagadas, salpicando o terreno irregular com bolas de fumo que eram levadas para norte pelo vento.

— Esperem! Esperem! — gritou o sargento. Um tenente cortou uma erva com a espada. Tentou engolir, mas tinha a garganta demasiado seca. Havia dias que estava com prisão de ventre, mas, de repente, sentiu as entranhas como se transformadas em líquido. — Preparados! Esperem! — O sargento regressou à ala da frente.

E então, de repente, lá estavam; o inimigo sobre o qual tinham lido, sobre o qual tinham ouvido histórias e sobre o qual tinham brincado, e pareciam um inimigo pobre e esfarrapado, apenas uma linha dispersa de homens andrajosos, com fardas castanho-terra e cinzento-ratazana, que saíram das sombras das árvores distantes.

— Fogo! — O coronel desembainhara a espada, que fazia agora descer. A ala frontal do regimento de Nova Iorque desapareceu atrás das nuvens de fumo.

— Fogo! — gritaram os capitães de artilharia e as granadas assobiaram a caminho da mata, explodindo com pequenas nuvens de fumo repentinas. Homens limpavam canos e empurraram latas sobre as cargas de pólvora.

— Estão a detê-los, rapazes! Estão a detê-los! — O capelão dos nova-iorquinos andava de um lado para o outro atrás das companhias, de Bíblia numa mão e revólver na outra. — Enviem-lhes a alma para o Criador, rapazes, transladem os malditos para a glória. Muito bem! Louvado seja o Senhor, miras baixas!

— Fogo! — As latas desfaziam-se nas bocas dos canhões, espalhando metralha sobre o terreno irregular. Soldados rebeldes eram atirados para trás, com o sangue a manchar as poças deixadas pela chuva da noite. Varetas de aço ressoaram com estrépito nos canos das espingardas quando os nova-iorquinos recarregaram. O fumo da primeira salva tinha-se dissipado e puderam ver que o inimigo continuava a avançar, embora agora andassem em pequenos grupos de homens que paravam, ajoelhavam-se, disparavam e depois voltavam a avançar, sempre com o seu bizarro grito ululante, o famoso grito rebelde. O seu novo estandarte de batalha parecia vermelho-sangue contra as árvores.

— Fogo! — gritou o sargento, observando um dos grupos rebeldes a estacar. Dois homens de cinzento caíram. Uma vareta, disparada por engano, trespassou o fumo. Balas rebeldes embateram nos troncos dentro do abatis, com outras a assobiar por cima. Os escaramuceiros de Nova Iorque estavam a recuar, deixando as valas inúteis aos escaramuceiros rebeldes. O fumo começava a ocultar o campo de batalha, criando uma espécie de biombo atrás do qual os rebeldes não passavam de formas pontuadas pelas chamas das espingardas.

Os canhões eram empurrados para trás nas suas estruturas e abriam sulcos profundos na terra alagada. Não houvera tempo para erguer as canhoneiras adequadas, com pisos endurecidos, tendo os soldados apenas conseguido erigir um muro grosseiro à frente das peças que iam agora cuspidas as suas salvas mortíferas de metralha. Cada canhão de doze libras estava agora a ser carregado duplamente com duas latas enfiadas por cima de um saco com um quilo de pólvora, pelo que cada boca-de-fogo disparava cinquenta e quatro bolas de mosquete, cada uma delas com uns bons três centímetros de diâmetro. As metralhas eram feitas de lata que se desfazia, e as bolas estavam imersas em serradura que desaparecia em chamas nas bocas dos canhões. As bolas embatiam

nos troncos de árvore atrás dos atacantes rebeldes, chapinhavam no solo molhado e trespassavam corpos confederados. Sempre que os canhões disparavam, recuavam ainda mais, aprofundavam os sulcos no terreno macio e os artilheiros não tinham nem força nem tempo para retirar as armas pesadas da lama. Era preciso baixar os canos para compensar a profundidade dos sulcos, mas os disparos ia cumprindo o seu objetivo e atrasando o ataque rebelde. O barulho perturbante do grito rebelde cessara, sendo substituído pelo som sibilante da metralha a rasgar a mata distante.

— Estão a vencê-los! Estão a vencê-los! — O coronel de Nova Iorque ergueu-se nos estribos para gritar aos seus homens. — Estão a sair-se muito bem — disse e depois arquejou quando uma bala lhe acertou na garganta. O coronel começou a contorcer a cabeça como um homem com um colarinho engomado demasiado justo. Tentou falar, mas as palavras não lhe saíram, apenas uma mistura de sangue e cuspo. Voltou a sentar-se com força, com um ar de espanto no rosto barbado enquanto a espada lhe escorregava da mão e caía a espetar-se na lama.

— Os rapazes estão a sair-se muito bem, meu coronel, muito bem mesmo! — Um major chegou ao lado do coronel e depois observou, espantado, o comandante a tombar lentamente da sela. A montada do coronel relinchou e trotou em frente, arrastando o oficial pelo pé esquerdo, que se encontrava preso ao estribo.

— Cristo — exclamou o major. — Médico! Médico! — Depois, outro canhão fez estalar o som cavo da metralha, mas desta vez as bolas chegaram às alas de Nova Iorque, estrepitando no abatis e fazendo quatro homens tombar para trás. Outra peça de campanha ribombou e o major viu que os rebeldes tinham instalado dois canhões no flanco esquerdo avançado e estavam a preparar mais dois. Virou o cavalo para se dirigir ao flanco ameaçado, mas a companhia aí presente estava já a recuar perante a ameaça rebelde. Havia outras tropas nortistas nesse flanco, mas estavam demasiado afastadas para ajudar e, além disso, esses homens combatiam a sua própria onda de atacantes rebeldes.

— Detenham-nos! Detenham-nos! Detenham-nos! — bradou o major, mas a chegada da artilharia rebelde dera ânimo ao ataque sulista e agora as figuras cinzentas e castanhas aproximavam-se do abatis e a mosquetaria tornava-se mais mortífera. Os feridos coxeavam e rastejavam para longe das alas nova-

iorquinas, procurando a ajuda dos músicos que faziam as vezes de enfermeiros. Os mortos ianques eram empurrados para fora das alas e os vivos aproximavam-se do centro. Tinham a boca seca por causa do sal na pólvora que caía sempre que rasgavam um cartucho com os dentes, e o rosto escurecido por essa mesma pólvora. O suor abria linhas limpas pelas faces pretas. Carregavam e disparavam, carregavam e disparavam, fazendo esgares de dor quando as espingardas pesadas lhes batiam nos ombros magoados, depois carregavam e voltavam a disparar. O terreno atrás dos rebeldes estava repleto de mortos e feridos, com grupos de baixas concentrados nos pontos em que os disparos de metralha dilaceravam as alas em avanço. O novo estandarte rebelde, com a sua cruz azul com estrelas sobre um campo vermelho vivo, tinha sido rasgado pela metralha, mas um homem agarrou na haste e correu em frente até que uma bala ianque lhe estraçalhou a perna e teve de voltar a pousar a bandeira. Foi agarrada por outro homem, e uma dúzia de atiradores nova-iorquinos dispararam contra ele.

Um sargento de Nova Iorque observou um rapaz a enfiar uma bala no cano e viu que a vareta só penetrou cinquenta centímetros no cano antes de se deter. O sargento abriu caminho pelas alas e agarrou na arma.

— Tens de disparar a maldita da bala antes de lhe enfiar outra em cima. — O sargento imaginou que o rapaz teria colocado pelo menos quatro ou cinco cargas na espingarda e se esquecera sempre de escorvar o cone com um fulminante. O sargento atirou a espingarda para o lado e pegou na arma de um morto. — Foi para isso que Deus nos deu fulminantes, miúdo, para matarmos rebeldes. Agora despacha-te.

O major de Nova Iorque virou-se e passou a galope junto ao corpo do coronel, dirigindo-se à bateria ianque mais próxima, onde o cavalo deslizou até se deter, numa confusão de lama molhada.

— Não conseguem apontar essas peças? — perguntou, indicando com a espada desembainhada a artilharia rebelde que bombeava fumo para o terreno transformado em matadouro.

— Não conseguimos movê-las! — respondeu um tenente de artilharia. Os canhões nortistas estavam tão enterrados na lama que a força combinada dos homens e dos cavalos não era capaz de as soltar. Uma granada gemeu por cima dos soldados, indo explodir pouco além das tendas dos nova-iorquinos. Duas das

peças ianques dispararam, mas os sulcos eram agora tão profundos que a metralha se limitou a assobiar sombriamente por cima da cabeça dos rebeldes.

Depois os gritos estranhos recomeçaram, o bramido agudo e arrepiante que sugeria insanidade, a par de um prazer perverso pela morte, e foi esse som, e não a mosquetaria ou a artilharia rebelde, que convenceu os nova-iorquinos de que tinham cumprido o seu dever. Recuaram do abatis, sempre a disparar, mas ansiosos por fugir ao inferno dos disparos de metralha e de espingarda que trespassavam o abatis e abatiam soldados das alas.

— Firmes, rapazes, firmes! — ordenou o major enquanto as suas tropas recuavam. Os feridos imploraram que os levassem com o batalhão em retirada, mas cada homem ileso que pendurava a espingarda ao ombro para ajudar a salvar uma baixa era menos uma arma para ajudar a deter o ataque. O fogo rebelde crescia de intensidade enquanto os disparos de Nova Iorque abrandavam, mas, mesmo assim, os nova-iorquinos verdes davam provas de coragem. Continuaram sempre a disparar, sem nunca entrar em pânico.

— Estou orgulhoso de vós, rapazes! Muito orgulhoso! — gritou o major de boca seca, e depois gritou de dor quando um tiro lhe embateu no braço esquerdo. Sem crer, fitou o sangue que de repente lhe começou a escorrer da manga. Tentou mover a mão por baixo do sangue a escorrer, mas só mexia o mindinho, pelo que dobrou o braço para cima, o que deteve o fluxo de sangue. Sentiu-se estranhamente tonto, mas ignorou a sensação. — Estão a sair-se bem, rapazes, mesmo bem! — Não tinha convicção na voz e o sangue acumulava-se no cotovelo da manga.

Os rebeldes já tinham chegado ao abatis, usando-o como apoio para as espingardas. Alguns homens começaram a afastar partes da barricada, enquanto outros descobriram as aberturas deixadas para os piquetes e avançaram por aí. Bolas de fumo apareceram nas linhas rebeldes e desfizeram-se. Os nova-iorquinos recuavam agora mais depressa, em pânico ao verem os artilheiros que abandonavam os canhões atolados e fugiam nos cavalos de tração. Um oficial de artilharia deixou-se ficar e tentou armadilhar os canhões martelando pregos macios nos ouvidos das peças, mas foi alvejado e depois trespassado pela baioneta de um rebelde que vasculhou sofregamente os bolsos da vítima.

O major conseguiu finalmente apertar um torniquete acima do cotovelo esquerdo. A sua montada trotava sem orientação por entre as tendas do

regimento, que continuavam imaculadas depois da inspeção matutina. As abas laterais e as portas das tendas estavam todas devidamente enroladas, as cobertas do chão estavam varridas e as enxergas dos soldados dobradas com todo o cuidado. Ardiam fogueiras. Numa delas fervia uma cafeteira de café abandonado. Cartas de jogar eram levadas pelo vento. Os rebeldes avançavam cada vez mais depressa e os nova-iorquinos começaram a correr para o abrigo da linha de árvores atrás do acampamento. Algures além dessas árvores, em torno do entroncamento da estrada onde sete pinheiros altos se erguiam num renque isolado, estavam mais tropas nortistas, maiores redutos de artilharia e um abatis mais robusto. Era aí que estava a salvação, por isso os ianques fugiram e os confederados tomaram o acampamento nortista, com os seus tesouros de alimentos, café e confortos enviados pelas famílias aos homens encarregues da tarefa sagrada de manter a União.

A seis quilómetros dali, numa estrada lamacenta que se estendia entre matas sombrias, a divisão do general Huger aguardava enquanto o comandante tentava determinar onde se deveria encontrar. Alguns dos seus homens estavam misturados com as unidades de retaguarda da divisão do general Longstreet, ficando ainda mais confusos quando Longstreet ordenou às suas brigadas que dessem meia-volta e marchassem por onde tinham vindo. O ar quente e mormacento adulterava as ondas sonoras, por vezes abafando-as, fazendo com que a batalha parecesse estar a decorrer a quilómetros dali, e de outras vezes parecendo que o conflito se desviara mais para leste. As duas divisões que se deveriam ter fechado como mandíbulas de aço sobre o exército ianque esperavam numa confusão irritada, enquanto o general Johnston, alheio ao facto de as suas alas se terem misturado e de que o seu centro dera início a um ataque sem elas, esperava na Taberna Velha pela chegada das tropas de Longstreet.

— Há notícias do Longstreet? — perguntou o general pela vigésima vez naquela hora.

— Nada, meu general — respondeu Morton. A divisão de Longstreet desaparecera. — Mas os homens do Huger estão a avançar — indicou Morton, embora não gostasse da ideia de acrescentar que estavam a avançar tão lentamente que duvidava que algum chegasse ao campo de batalha antes do anoitecer.

— Isto vai ser alvo de um inquérito, Morton — ameaçou Johnston. — Quero saber quem desobedeceu a que ordens. Trate disso.

— É claro, meu general — acatou Morton, embora o chefe do estado-maior estivesse mais preocupado com o ronco de disparos que se fazia ouvir vindo da direção da divisão de Hill. O som não era muito forte, pois, mais uma vez, as camadas de calor e de ar mormacento confundiam as ondas sonoras, pelo que o clamor próximo da batalha era abafado até ao timbre de uma trovoada distante.

Johnston descartou os receios do chefe do estado-maior quanto ao som abafado.

— Um duelo de artilharia no rio — aventou. — O Hill não é tonto para atacar sem apoio.

A oito quilómetros dali, em Richmond, o som dos canhões era muito mais nítido, ecoando pelas ruas lavadas pela chuvada da véspera. Havia quem subisse aos telhados para ver o fumo das armas a erguer-se nas matas orientais. O presidente não fora informado da iminência de uma batalha e enviou mensagens de queixa, exigindo saber o que se passava. Os ianques estavam a atacar? As reservas de ouro do governo deveriam ser carregadas no comboio que aguardava e levadas para sul, para Petersburg? O general Robert Lee, tão ignorante das intenções de Johnston como o presidente Davis, aconselhou o presidente a ser cauteloso. Seria melhor esperar por notícias, disse, antes de evacuar outra vez a capital em pânico.

Nem todos esperavam ansiosamente por notícias. Julia Gordon distribuía Novos Testamentos no Hospital de Chimborazo, enquanto do outro lado da cidade, em Franklin Street, Sally Truslow aproveitava a ausência de clientes para organizar uma limpeza de primavera em toda a casa. Os lençóis foram esfregados e pendurados no jardim a secar, cortinados e tapetes foram batidos para tirar o pó, quebra-luzes de vidro delicados foram lavados para lhes retirar a fuligem, os soalhos foram encerados, e as janelas foram polidas com jornais ensopados em vinagre. A meio da tarde, uma carroça trouxe a grande mesa redonda de mogno que seria o centro da sala de sessões espíritas de Sally, e que teria de ser encerada. A cozinha estava ao rubro com tinas de água quente e cheirava a lixívia e a soda cáustica. Sally, de braços e mãos avermelhados, o cabelo preso no topo da cabeça e o rosto a brilhar com o suor, ia cantando enquanto trabalhava. O pai dela teria ficado orgulhoso, mas Thomas Truslow

estava a dormir profundamente. A Brigada Faulconer ficara na reserva, a guardar as travessias do Chickahominy a nordeste da cidade, onde os homens escutavam o barulho da batalha distante, jogavam às cartas, atiravam ferraduras e agradeciam a Deus por a sua presença não ser necessária naquele dia no campo da morte.

Starbuck cavalgou para sul e para oeste, seguindo a estrada que dava acesso à travessia mais próxima do Chickahominy. Não sabia para onde se dirigia, nem o que poderia fazer. De'Ath fora o seu protetor e agora Starbuck estava por sua conta. Starbuck passara dias aterrorizado pela ideia de que uma verdadeira mensagem de Adam poderia chegar a James e assim desmascarar a sua traição, mas nunca antecipara tal risco, o facto de poder ficar sozinho, sem amigos, no lado errado das linhas de batalha. Sentia-se como um animal caçado que tivesse sido escorraçado do seu abrigo. Depois lembrou-se do documento que Pinkerton acabara de lhe entregar e interrogou-se se aquele pedaço de papel teria poder suficiente para o levar em segurança até à Legião. Tinha a certeza que era para aí que pretendia ir, mas agora teria de abrir as alas da Legião sem a ajuda de de'Ath, e essa perspetiva fê-lo voltar a sentir à beira do desespero. Pensou que talvez se devesse oferecer como voluntário para um regimento de infantaria nortista. Mudar de nome, pegar numa espingarda e desaparecer nas alas azuis do maior exército da América.

O cavalo de Starbuck andava pela berma enquanto o seu cavaleiro tentava descortinar esperança na onda de receio e de fantasias que o assolava. A estrada fora sulcada e remexida, transformando-se num pântano de lama vermelha funda quando os sulcos deixados pelas rodas dos canhões e das carroças se tinham enchido com a água da tempestade que agora ondulava com o vento. Aquela zona era composta por terrenos agrícolas planos, interrompidos por manchas de floresta e por extensões de pauis, por entre os quais serpenteavam cursos lentos de água ladeados por juncos, embora pouco mais à frente se erguessem colinas baixas que prometiam caminhos mais firmes para o seu cavalo emprestado.

O fogo dos canhões era agora ininterrupto, sugerindo que um ou outro lado se esforçava por desalojar o inimigo, contudo, mesmo assim, era muito pouca a sensação de urgência que se via nos acampamentos desconfortavelmente montados naqueles prados molhados. Os homens iam passando o tempo naquela tarde, como se a batalha do outro lado do rio estivesse a ser travada por um

qualquer outro exército, ou por outra nação. Uma linha de soldados esperava junto à loja de um vivandeiro para comprar os pequenos luxos que o mercador tinha para oferecer, e outra linha ainda maior alongava-se desde uma tenda que anunciava ostras secas. Um dos homens piscou o olho a Starbuck e bateu no cantil, sugerindo que o vendedor de ostras, na verdade, estava a oferecer uísque ilícito. Starbuck abanou a cabeça e seguiu viagem. Talvez devesse fugir? Ir para os ermos no oeste? Depois lembrou-se da troça de Sally e percebeu que não poderia simplesmente fugir. Tinha de lutar por aquilo que queria!

Passou por uma igreja batista que estava a ser usada como hospital. Estacionado ao lado do templo estava o carro de um cangalheiro, com o anúncio do proprietário pintado na lona da carroça com letras vermelhas: “Ethan Cornett e Filhos, Newark, Nova Jérnia, Embalsamação, Barata e Cuidadosa, Garantia de Isenção de Odores e Infecções.” Um segundo carro estava atulhado de caixões de pinho, cada um etiquetado com a morada onde deveria ser entregue. Os cadáveres embalsamados seriam levados para Filadélfia e Boston, Newport e Chicago, Buffalo e St. Paul, onde seriam enterrados pelas famílias enlutadas e acompanhados pela retórica elevada de pastores sanguinários. A maior parte dos corpos eram enterrados onde caíam, mas alguns homens, que morriam nos hospitais, pagavam para que os seus cadáveres fossem levados para casa. Enquanto Starbuck observava, um corpo foi trazido da igreja e depositado em cima de uma mesa, ao lado de uma das tendas do embalsamador. As pontas das peúgas do cadáver tinham sido presas e tinha uma etiqueta atada a um tornozelo. De uma tenda saiu um homem em mangas de camisa, com um avental de lona manchada e trazendo na mão uma faca de lâmina larga, que foi inspecionar o novo corpo.

Starbuck incitou o cavalo através do cheiro desagradável dos químicos de embalsamar. Depois subiu uma ligeira inclinação que se erguia por uma extensão de mata cerrada, além da qual se encontrava uma quinta pobre com campos que em tempos tinham estado cercados por uma vedação, embora tudo o que restasse das vedações fossem marcas em ziguezague na erva, pois as estacas tinham sido roubadas para as fogueiras. Uma cabana de troncos erguia-se ao lado da estrada, com uma bandeira dos Estados Unidos feita em casa pendurada nas goteiras do telhado de erva. As listas tinham sido feitas com tiras de sacas de cor escura e clara, enquanto as estrelas eram trinta e quatro pingos de cal num

pedaço desbotado de lona azul-clara. Era óbvio que a cabana pertencia a uma família de negros livres, pois quando Starbuck passou, um negro idoso de cabelo branco saiu da casa minúscula. O homem dirigiu-se à sua horta com uma forquilha que ergueu em saudação a Starbuck.

— Vá fazer-lhes a vida negra, senhor! — gritou-lhe. — Vá fazer o trabalho de Deus, está a ouvir, senhor.

Starbuck levantou a mão num reconhecimento silencioso. À sua frente via agora uma pequena faixa do rio e mais além, bem mais além, uma grande extensão de fumo que dava a entender que uma vasta área de mata estaria em chamas. Era a marca da batalha e a sua visão fez com que Starbuck parasse o cavalo e pensasse na Companhia K. Interrogou-se se Truslow estaria sob aquele fumo, e se Decker, os gémeos Cobb, Joseph May, Esau Washbrook e George Finney estariam aí a lutar. Por Deus, pensou, se ali estivessem, como queria estar a lutar a seu lado. Amaldiçoou no seu íntimo de'Ath por ter morrido, depois olhou além do fumo, muito além, até onde uma mancha de vapor mais escuro indicava onde as fundições e as fiações de Richmond cuspiam os seus vapores tóxicos para o céu ventoso, e essa indicação da cidade distante fê-lo sentir saudade de Sally.

Tirou um charuto do bolso e acendeu um fósforo. Inalou sofregamente o fumo. Voltando a guardar os fósforos no bolso, sentiu a forma afunilada do pacote de oleado que era a única arma que lhe restava. O papel no seu interior teria sido o seu passaporte para a Legião, mas se a lista de questões fosse encontrada por polícias militares rebeldes, poderia significar a força. Mais uma vez, Starbuck sentiu um tremor de receio e a tentação de fugir de ambos os exércitos.

— Faça o trabalho do senhor, mestre, vá fazer-lhes a vida negra, ó senhor — disse o negro idoso, e Starbuck virou-se, pensando que fora com ele que o velhote voltara a falar, mas em vez disso viu outro cavaleiro a cavalgar pela estrada na sua direção. Quatrocentos metros atrás desse recém-chegado, um pelotão de cavalaria nortista fazia avançar os cavalos pela lama vermelha pegajosa, o primeiro sinal de urgência que Starbuck vira naquele lado do rio Chickahominy.

Voltou a olhar para o fumo da batalha no momento em que o ribombar de fogo de canhão troou cruelmente pela paisagem. Depois, uma voz quase familiar

chamou-o com insistência, e Starbuck virou-se, sobressaltado, apercebendo-se de que estava em apuros ainda maiores.

O ataque rebelde deteve-se entre as tendas abandonadas do regimento de Nova Iorque. Não foi a resistência nortista que impediu o avanço, mas sim a abundância ianque, pois no interior das tendas, elas próprias feitas de lona branca resistente de uma qualidade há muito esquecida pelos Sulistas, estavam caixas de comida, mochilas cheias de boas camisas, calças sobresselentes e verdadeiros sapatos de cabedal, concebidos para servir ou no pé esquerdo, ou no direito, ao contrário dos sapatos de biqueira quadrada típicos dos confederados, caixas rígidas de pele dura que podiam ser usadas indiscriminadamente em qualquer dos pés, garantindo danos iguais a ambas as extremidades. Havia também caixas de comida enviadas pelos lares nortistas: caixas de castanhas, frascos de pimentos em pickle, frascos de manteiga de maçã, fatias de bolo de gengibre enroladas em papel, latas de bolo de fruta, latas de bombons, queijos enrolados em pano, e o melhor de tudo, café. Café verdadeiro. De todo café adulterado com ervilhas secas e moídas, nem café feito a partir de milho seco reduzido a pó, nem café feito com folhas secas de dentes-de-leão, misturadas com maçã seca em pó, mas verdadeiros e cheirosos grãos de café.

Ao início, os oficiais rebeldes tentaram manter as tropas em movimento por entre as armadilhas tentadoras que eram a riqueza inimiga, mas depois até os próprios oficiais se deixaram seduzir pelas presas fáceis no interior das tendas abandonadas. Havia belos presuntos, peixe fumado, ostras secas, manteiga nova e pão fresco. Havia cobertores grossos e, em algumas tendas, mantas de retalhos feitas por mulheres para os seus filhos e maridos heróis. Uma manta exibia uma bandeira da União, na qual fora bordada uma inscrição em letras de seda dourada. “Vinga o Ellsworth!” dizia a manta.

— Mas quem é que é o Ellsworth? — perguntou um rebelde ao seu oficial.

— Um nova-iorquino que se deixou matar.

— Hoje em dia é um hábito dos Ianques, não é?

— Foi o primeiro. Foi alvejado com um tiro de caçadeira quando tentava tirar uma das nossas bandeiras do telhado de um hotel na Virgínia.

— Então o cabrão devia ter ficado em Nova Iorque, não devia?

Nas tendas dos oficiais havia belos binóculos de campanha, fotografias de família em molduras de prata, expostas em cima de mesas desdobráveis de madeira dura, elegantes estojos de escrita portáteis cheios com papel timbrado, livros com capa de pele, escovas de cabelo de casca de tartaruga polida, boas

lâminas de barbear de aço em estojos de pele, caixas de creme de barbear *Roussell*, pilhas de daguerreótipos íntimos bem manuseados de senhoras desnudadas, frascos de pedra de bom uísque e garrafas de vinho de qualidade guardadas em caixotes cheios com serradura. Ao deparar-se com uma dessas reservas de garrafas, um major confederado disparou o revólver contra a caixa, para que o álcool não tentasse os seus homens. A serradura do caixote ficou descorada com o vinho quando as balas pesadas estilhaçaram as garrafas.

— Mantenham os homens em movimento! — bradou o major aos seus oficiais, mas estes agiam como os homens, e os homens agiam como crianças numa loja de brinquedos e não se deixariam desviar de volta ao assunto do dia.

No parque de carros do batalhão, por detrás das tendas do quartel-general, um sargento descobriu uma centena de espingardas *Enfield* novas, guardadas em caixotes com pegas de corda marcados com o nome do fabricante das armas, “Ward & Filhos, Birmingham, Inglaterra.” A *Enfield* era uma arma bastante estimada, e uma espingarda muito mais precisa e robusta do que as armas que aquele regimento de rebeldes estava a usar. Em breve, um bando de homens juntava-se à volta do carro para se apoderar de uma dessas preciosas armas.

Lentamente, o caos foi sendo controlado. Alguns oficiais e sargentos cortaram as cordas de sustentação das tendas, fazendo cair a lona sobre o conteúdo para convencer os homens a abandonar o saque e a continuar a perseguir os ianques derrotados. Em ambos os flancos, onde não havia terrenos ocupados que atrasassem o ataque, as linhas rebeldes já tinham avançado por um vasto anel de mata onde floresciam anémonas, sanguinárias e violetas, saindo depois para uma extensão aberta de pasto alagado, onde o vento fazia ondular as poças de água e adejar as bandeiras pesadas das tropas ianques, que mantinham a posição a oeste do cruzamento onde se juntavam as três estradas por onde os ataques rebeldes deveriam estar a avançar. O cruzamento era marcado por sete pinheiros altos e duas casas de quinta raquíticas, marcas do terreno mortífero para onde Johnston planeava a aniquilação dos ianques, a sul do rio.

O cruzamento estava também protegido por um forte elaborado de muros de terra, cravejado de canhões e encimado pela bandeira dos Estados Unidos, presa a uma haste feita a partir do tronco aparado de um pinheiro. Os caminhos para o forte eram cruzados por abatises e por valas para atiradores. Era aí que Johnston tencionava cercar os ianques, começando por atacá-los no centro, depois

fustigando-os pelo norte e pelo sul, e finalmente empurrando-os para os brejos infestados de cobras do pântano de White Oak, mas, em vez disso, tinha sido uma única divisão rebelde a avançar vinda das árvores. Essa divisão já tinha quebrado uma linha nortista e agora, do outro lado do atoleiro vergastado pelo vento, viram uma segunda linha à espera sob as suas cores garridas, pelo que as tropas cinzentas e castanhas começaram a bradar o seu agudo e tenebroso grito de ataque.

— Fogo! — ordenou um oficial nortista de pé no forte. Os canhões do Norte recuaram nos seus carris. Granadas foram cuspidas bem alto no ar, com fumo branco a lançar pedaços de aço incandescente sobre a linha rebelde. As balas de minié assobiaram sobre o pântano, acertando nos seus alvos e fazendo saltar jorros de sangue. Os estandartes caíram e foram novamente levantados à medida que os rebeldes avançavam a chapinhar pelo terreno empapado.

O general Huger ouviu o renovar do canhoneio, mas recusou-se a traduzir os sons como motivo para urgência.

— O Hill sabe do seu ofício — afirmou —, e se precisasse da nossa ajuda, tinha-nos mandado chamar. — Entretanto, ia fazendo avançar cautelosamente uma brigada por uma estrada vazia, dizendo que se tratava de um reconhecimento em força. A brigada não encontrou nada. Longstreet, frustrado primeiro numa direção e depois na outra, ordenou aos seus homens que voltassem a efetuar nova contramarcha. Ambos os generais maldiziam a falta de mapas e o nevoeiro vespertino, denso o suficiente para ocultar a pluma de fumo indicadora da batalha, que caso contrário lhes teria mostrado a origem do som abafado e confuso dos canhões.

Frustrado com o silêncio do comandante do exército, o presidente Davis partiu de Richmond em direção ao campo de batalha. Perguntou a todos os oficiais que encontrou quais as novidades, mas ninguém sabia o que tinha acontecido nos campos lodosos a sul do rio. Nem o conselheiro militar do presidente conseguia apurar a verdade. Robert E. Lee não tinha qualquer posição nos assuntos do exército, pelo que apenas poderia imaginar que tinha sido lançado um ataque a partir das linhas confederadas, mas não fazia ideia com que objetivo ou com que resultado. O presidente perguntou se alguém sabia onde ficava o quartel-general de Johnston, mas também ninguém o sabia ao certo. No entanto, o presidente decidiu que teria de encontrar Johnston de alguma forma e

a sua comitiva dirigiu-se a leste, em busca de notícias sobre uma batalha que voltou a ganhar vida quando as colunas sem apoio de Hill irromperam contra as defesas ianques erguidas em torno dos sete pinheiros.

Aí, as armas aqueciam à medida que a matança, alimentada pela confusão e apoiada pelo orgulho, prosseguia.

O homem que chamara Starbuck era o observador militar francês, o coronel Lassan, que agora cavalgava sobre o cume da colina para agarrar a brida do cavalo de Starbuck, puxando-o ao longo da estrada para fora da vista da cavalaria ianque.

— Sabe que está em apuros? — perguntou o francês.

Starbuck tentava libertar a cabeça da montada das mãos do gaulês.

— Não seja tolo! — disselhe com brusquidão Lassan, no seu inglês perfeito. — E siga-me! — Soltou a brida e esporeou os flancos do seu cavalo. Tal era a autoridade patente na voz que Starbuck o seguiu instintivamente quando o francês guinou para a direita, para fora da estrada e ao longo de um terreno lamacento, em direção ao abrigo súbito de algumas árvores de folhas largas. Os dois homens abriram caminho pela vegetação baixa e pelos ramos ensopados, até por fim chegarem a uma porção de mata mais aberta, onde o francês virou o cavalo e ordenou a Starbuck que fizesse silêncio.

Os dois homens ficaram à escuta. Starbuck ouvia o estrondo sólido e tonitruante das grandes peças de artilharia do outro lado do rio, e o matraquear mais leve e agudo da mosquetaria, e ouvia também o gemido do vento nas árvores altas, mas não ouvia mais nada. Mesmo assim, o francês manteve-se atento e Starbuck olhou com uma curiosidade renovada para o seu salvador. Lassan era um homem alto, talvez na casa dos quarenta anos de idade, com bigode preto e um rosto magro tornado singular pelas marcas da guerra. Starbuck viu as cicatrizes onde um sabre russo abrira a face direita do francês, uma bala cossaca lhe roubara o olho esquerdo e a bala de uma espingarda austríaca lhe deformara o maxilar esquerdo. Contudo, apesar das lesões, o gaulês mantinha tal expressão de confiança prazenteira que era difícil chamar feia àquela cara horivelmente marcada. Era, isso sim, soberbamente massacrada; era um rosto onde a vida deixara uma narrativa de aventuras que tinham sido enfrentadas com bravata. Lassan montava o seu alto cavalo preto com a mesma graciosidade inata de Washington Faulconer, enquanto a farda, que em tempos

fora vistosa, com passamanes, elos e alamares dourados, estava agora descorada pelo sol e remendada, com os belos enfeites de metal agora manchados ou ausentes. Anteriormente deveria ter tido um esplêndido chapéu a completar a farda, talvez de pelo lustroso, ou de bronze brilhante, e tornado imponente com plumas ou um penacho roxo, mas agora usava um chapéu mole de agricultor, que parecia ter vindo de um espantalho.

— Está tudo bem — quebrou Lissan o silêncio. — Eles não nos estão a seguir.

— Quem são eles?

— O líder do bando é um indivíduo chamado Thorne. Vem de Washington. — Lissan fez uma pausa para afagar o pescoço do cavalo. — Diz ter provas de que você foi enviado pelas linhas para induzir os Ianques em erro. Pior, que foi enviado para descobrir qual o melhor espião deles em Richmond. — Lissan tirou uma bússola do bolso e deixou que a agulha estabilizasse, antes de apontar para noroeste. — Vamos por aqui. — Deu a volta ao cavalo e fê-lo começar a andar a passo por entre as árvores. — Resumindo, meu amigo, eles pretendem medir-lhe o pescoço para a corda. Acabei por me envolver porque o enérgico do Thorne foi ter com o McClellan a exigir servir-se da cavalaria. Ouvi a conversa e aqui estou. Às suas ordens, *monsieur*. — Lissan ofereceu a Starbuck um sorriso jovial.

— Porquê? — indagou Starbuck num tom pouco gentil.

— E porque não? — retorquiu Lissan alegremente, após o que ficou em silêncio, enquanto o cavalo descia a margem de um pequeno ribeiro e voltava a subir no outro lado. — Está bem, vou explicar-lhe porquê. É tal como já lhe tinha dito. Tenho de chegar ao lado rebelde, é tão simples quanto isso, e de preferência antes do final desta campanha, o que significa que não posso passar semanas a dar meia-volta ao mundo para ir de Yorktown até Richmond. Prefiro atravessar as linhas. Imaginei que vá fazer o mesmo esta tarde, por isso pensei, porque não? Duas cabeças são melhores do que uma, e quando chegarmos ao outro lado, será a minha garantia de que em vez de ser detido e abatido enquanto espião, eles vão aceitar a minha palavra de que sou deveras Patrick Lissan, *chasseur* coronel da Guarda Imperial. — Sorriu a Starbuck. — Isto faz sentido?

— Patrick? — indagou Starbuck, de curiosidade animada pelo nome que não parecia, de todo, francês.

— O meu pai era inglês, e o amigo mais chegado era irlandês, daí o nome. A minha mãe é francesa e fiquei com o apelido dela, pois nunca encontrou tempo para se casar com o amado inglês, o que faz de mim, *mon ami*, um bastardo mestiço. — Lassen falara com uma afeição óbvia pelos pais, sentimento que deixou Starbuck com uma ponta de ciúmes. — Também faz de mim um bastardo mestiço aborrecido — prosseguiu Lassen. — Os Ianques são um povo afável e hospitaleiro, mas estão cada vez mais afetados por uma disciplina teutónica. Querem abafar-me com regulamentos e regras. Querem que mantenha uma distância decente dos combates, tal como fica bem a um observador, e não seja um participante, mas preciso do cheiro da morte, caso contrário não tenho como dizer a forma como esta guerra está a ser vencida ou perdida.

— Nós também temos regras e regulamentos — lembrou Starbuck.

— Ah, ah! — Lassen virou-se na sela. — Quer dizer que é um rebelde?

Durante um instante, o hábito arraigado das últimas semanas levou Starbuck a sentir-se tentado a negar, mas depois encolheu os ombros.

— Sim.

— Que bom para si. Talvez as vossas regras e regulamentos sejam tão maus como os dos Ianques, veremos. Mas será uma aventura, sim? Uma bela aventura. Vamos! — Levou Starbuck para fora das árvores e através de um prado que estava a ser usado como parque de artilharia. À frente abria-se outra estrada, e ao lado viam-se alas de infantaria ianque a descansar. Lassen sugeriu que se alguém confrontasse a presença do par, ele explicaria que se tratava de um oficial observador a caminho da batalha e que Starbuck era o seu ajudante. — Claro que o maior obstáculo vai ser a travessia do rio. Os seus perseguidores vão ficar na estrada atrás de nós, mas é possível que tenham telegrafado a todas as pontes, alertando as sentinelas para que fiquem alerta à sua passagem.

Starbuck sentiu o pulsar amargo do receio na barriga. Se os ianques o apanhassem, iriam enforcá-lo, e se a polícia militar rebelde encontrasse o papel de Pinkerton, faria o mesmo. No entanto, se atravessassem as linhas, haveria a hipótese de conseguir abrir caminho de volta à Legião.

— Está a arriscar-se, não está? — perguntou a Lassen.

— De todo. Se formos detidos, irei afirmar a minha ignorância quanto à sua alma de criminoso. Direi que me enganou, que me ludibriou, e depois fumo um charuto enquanto o enforcam. Mas não se preocupe. Eu rezo pela sua alma.

Pensar na sua alma amaldiçoada fez com que Starbuck recordasse todas as orações desperdiçadas pelo irmão.

— Chegou a ver o meu irmão? — quis saber Starbuck quando ele e o coronel passaram pelas armas arrumadas, a caminho dos infantes que descansavam junto à estrada.

— Estava a proclamar a sua inocência. Não me parece que o seu irmão seja um soldado nato. — Tratava-se de um julgamento bastante gentil. — Passei grande parte da batalha de Bull Run na companhia do seu irmão. É um homem que gosta das limitações das regras e dos regulamentos. Não me parece que seja aventureiro. Os exércitos não sobrevivem sem homens tão cuidadosos, mas precisam ainda mais de aventureiros.

— O James é um bom advogado — defendeu Starbuck o irmão.

— Porque é que vós, Americanos, se orgulham tanto dos vossos advogados? Não passam dos sintomas de uma sociedade beligerante e cada cêntimo dado a um advogado é menos um gole de champanhe, uma mulher conquistada ou um charuto fumado. Que se danem todas essas sanguessugas, digo eu, embora tenha a certeza que o seu irmão seja um anjo, quando comparado com o resto. Sargento! — gritou Lassen a um dos soldados de infantaria. — A que unidade pertencem?

O sargento, convencido pela óbvia autoridade de Lassen, disse que a sua unidade era a 1ª do Minnesota, da brigada do general Gorman.

— O meu coronel sabe o que está a acontecer? — perguntou o sargento.

— Os malfadados rebeldes estão a mexer-se, sargento. Em breve, o senhor vai ajudar a empurrá-los. Boa sorte! — Lassen seguiu o seu caminho, trotando entre os profundos sulcos enlameados da estrada e a infantaria à espera. — Este é o corpo do general Sumner — indicou a Starbuck. — O Summer deve ter-se aproximado da ponte, o que significa que deve estar à espera de ordens para atacar, mas duvido que as receba em breve. O nosso Jovem Napoleão não parece totalmente convencido da urgência dos acontecimentos do dia. Está doente, mas mesmo assim deveria estar minimamente animado.

— Não gosta do McClellan? — perguntou Starbuck.

— Gostar dele? — O francês pensou na pergunta por alguns instantes. — Não, nem por isso. É um sargento de instrução, não é um general. Não passa de um homenzinho pomposo que se tem em demasiada consideração. Isso não seria

importante se ele vencesse batalhas, mas nem parece capaz de as travar, quanto mais de as vencer. Até agora, a única coisa que fez nesta campanha foi encostar-se aos rebeldes e servir-se do peso para os empurrar, mas não os combateu. Tem medo deles! Acredita que vocês têm duzentos mil homens! — Lassan soltou uma gargalhada e depois apontou para um fio de télégrafo brilhante que fora esticado em postes improvisados que acompanhavam a estrada. — É este o nosso problema, Starbuck. E se o nosso amigo Thorne tiver telegrafado primeiro? Podem estar à sua espera na ponte. Provavelmente vão enforcá-lo no cadafalso do Forte Monroe. Última caneca de café, um charuto, uma passagem rápida pelo Salmo Vinte e Três, depois enfiam-lhe o capuz e atiram-no alçapão abaixo. Dizem que é uma maneira rápida de morrer. Muito melhor do que os tiros. Alguma vez viu um esquadrão de fuzilamento?

— Não.

— Mas vai ver. Fico sempre espantado com a frequência que um pelotão de fuzilamento falha o alvo. Alinha-se os idiotas a dez passos, espeta-se um pedaço de papel sobre o coração do desgraçado, e mesmo assim eles furam-lhe o fígado, os cotovelos, a bexiga; acredite, em qualquer lado que não acabe com o sofrimento do miserável, o que faz com que o oficial tenha de desferir o golpe de misericórdia no crânio do infeliz. Nunca hei de esquecer o meu primeiro. Tinha a mão a tremer como uma vara verde, e o desgraçado a contorcer-se como um peixe fora de água. Precisei de três balas de pistola e de uma quinzena inteira para lhe tirar o sangue das costuras das minhas botas. São uma coisa muito suja, os pelotões de fuzilamento. Sente-se bem?

— Sim, sinto — asseverou Starbuck e, a bem da verdade, a conversa de Lassan ajudava-o a distrair-se da preocupação que sentia quanto à morte de de'Ath.

Lassan riu-se do autodomínio de Starbuck. A estrada entrara num troço sombrio e húmido de floresta, onde pendiam trepadeiras das árvores e se viam poças de água estagnada por baixo dos ramos. A estrada fora reforçada com troncos, o que dificultava o avanço dos cavalos, de tal maneira que, daí a pouco, Lassan sugeriu que desmontassem e levassem os cavalos pelas rédeas. Falou sobre Crimeia e sobre a idiotice dos generais, depois sobre o tempo em que se juntara ao exército francês como cadete, em 1832.

— O meu pai queria que eu entrasse para o exército britânico. Sê um atirador, dizia-me ele, o melhor dos melhores, e a minha mãe queria que eu fosse da cavalaria francesa. Optei pelos franceses.

— Porquê?

— Porque estava apaixonado por uma rapariga cujos pais viviam em Paris, e pensei que se fosse para St. Cyr seria capaz de a seduzir, enquanto se me mudasse para Inglaterra, nunca mais a veria.

Starbuck pensou na *mademoiselle* Dominique Demarest, de Nova Orleães, atriz reles e rameira ainda mais reles, que o tentara para que deixasse Yale e fugisse com um bando de artistas itinerantes. Interrogou-se onde estaria Dominique naquele momento, e se alguma vez a encontraria, para que ajustassem contas. Depois, de repente, apercebeu-se de que não guardava rancor contra Dominique. Ela só o levava a fazer aquilo que ele quisera fazer, fugir dos laços embrutecedores da família.

— O que aconteceu à rapariga? — perguntou Starbuck.

— Casou-se com um mercador de Soissons — disse Lassan. — E agora mal me lembro de como ela era.

— O seu pai ficou zangado.

— Só com o meu gosto por mulheres. Disse que já tinha visto bois mais bonitos. — Lassan voltou a rir-se. — Mas fiz a minha escolha por amor, bem vê, e não me arrependo. E se tivesse seguido a outra opção, talvez também não me arrependesse. Não existe ótimo na vida, apenas um tempo bem passado para quem tiver a coragem de o procurar. E coragem é aquilo que temos de ter agora, *mon ami*. — Lassan apontou para a ponte que entrava agora no seu campo de visão. — Se atravessarmos esta ponte, só teremos de sobreviver às balas e às granadas de dois exércitos.

A ponte era uma construção de aspeto miserável. A estrada reforçada coberta de lama dava acesso direto a um paul estagnado, e depois parecia elevar-se um palmo ou dois acima do rio mefítico e fétido, antes de voltar a descer para mais uma extensão desagradável de pântano, na margem sul da água. A elevação ligeira era provocada por quatro barcaças, barcos cobertos de metal que permitiam que a estrada reforçada atravessasse o rio. As barcaças estavam presas por cordas extremamente compridas que tinham sido esticadas até às florestas e atadas a árvores, mas era óbvio que havia um problema com a

complicada disposição de cordas, barcaças, roldanas e estrada. A trovoada da véspera elevara o nível do rio e arrastara uma massa de detritos flutuantes que tinham ficado encurralados contra a ponte, esticando por isso mesmo de tal forma as amarras que a estrada começava a dar sinais de querer ser levada pela corrente. Havia o risco claro de que a pressão da água e dos destroços poderia quebrar as cordas e destruir a ponte e, para evitar esse desastre, uma série de infelizes soldados de engenharia estavam com a água enlameada e agitada até ao peito, enquanto tentavam limpar a ponte e prender novas amarras.

— Não podem atravessar! — Um engenheiro em mangas de camisa abordou Lassan e Starbuck quando os dois homens saíram com os cavalos do abrigo da floresta. O engenheiro era um homem de meia-idade de calças sujas de lama, e o rosto com suíças escorria com o suor que também escurecera a camisa branca, agora molhada. — Sou o coronel Ellis, Corpo de Engenharia — apresentou-se a Lassan. — A ponte não é segura. A trovoada castigou-a muito. — Ellis olhou de relance para Starbuck, mas não mostrou qualquer outro interesse. — Está outra ponte um quilómetro e meio a montante.

Lassan franziu o sobrolho.

— Como é que chegamos a essa outra ponte?

— Voltem por onde vieram. Daqui a uns oitocentos metros há um cruzamento para a esquerda. Vão por aí. Mais oitocentos metros e chegam a outro cruzamento, onde voltam outra vez à esquerda. — Ellis deu uma palmada a um mosquito. No rio, uma fila de homens puxava um cabo e Starbuck viu a ponte frágil a afundar e a estremecer à medida que a grande corda se retesava. O cabo saiu da água, cheio de vegetação a pingar, e depois um dos homens gritou ao ver uma cobra agarrada à corda acabada de esticar. Largou a amarra e o pânico estendeu-se aos camaradas, que soltaram também o cabo e fugiram para a margem. A ponte gemeu quando voltou a ser empurrada para jusante.

Um sargento bradou às tropas, amaldiçoando-as por serem uns malditos cobardes.

— É só uma porcaria de uma mocassim! Não vos vai matar! Agora toca a segurar! Puxem, seus malandros, puxem!

— Sabe que há uma corporação à espera para atravessar a ponte? — perguntou Lassan ao coronel Ellis com um tom severo, como se o coronel

engenheiro fosse pessoalmente responsável pelo atraso no avanço das tropas. — Estão à espera no outro lado da mata.

— Não vão atravessar nada até que a ponte esteja reparada — retorquiu Ellis, mal-humorado.

— Acho que devíamos descobrir por nós se a ponte é segura — comentou Lassen vagamente. — O futuro da União pode depender dela. Na guerra, coronel, há riscos que têm de ser corridos, que durante os tempos de paz seriam impensáveis, e se uma ponte frágil for o único caminho para a vitória, ela terá de ser arriscada. — Declamou tal disparate enquanto marchava, decidido, para a ponte, que estremecia ante o ataque da água. Starbuck podia ver que o excesso trazido pela tempestade arrastara duas barcas do alinhamento original, o que levava a que a estrada reforçada se tivesse desfeito, revelando lacunas da largura de tornozelos entre a camada cimeira de troncos.

— Quem é o senhor? — O coronel engenheiro sujo de lama correu atrás do francês. Lassen ignorou-o, olhando, em vez disso, para uma tenda montada precariamente junto a uma poça estagnada, que tinha no interior uma máquina telegráfica a matraquear sem que ninguém a operasse. — Exijo saber quem é! — insistiu o coronel, de rosto afogueado.

— Sou o general Lassen, Visconde de Seleglise, do Ducado da Normandia e Caçador da Guarda Imperial do Imperador, presentemente ligado ao estado-maior do major-general George McClellan. — Lassen prosseguiu o seu caminho, com Starbuck a seu lado.

— Não me interessa que seja o rei de Sião — voltou a insistir Ellis. — Mesmo assim, não pode atravessar.

— Talvez não, o que significa que vou morrer a tentar — retorquiu Lassen, com um tom grandioso. — Coronel, se o meu corpo for recuperado, peço-lhe que o envie para a Normandia. Este meu companheiro, por outro lado, é de Boston, por isso pode deixar-lhe o cadáver a apodrecer no pântano infecto onde for parar. Vamos lá, rapaz! — O último encorajamento foi dirigido ao cavalo, que agitava nervosamente a cabeça com o piso incerto do caminho até à ponte. Os troncos instalados afundaram com o peso dos cavalos e uma gosma de lama aguada surgiu entre os espaços.

— Voltem já para trás! — gritou o sargento, na água até à cintura e com a ponta de uma corda nas mãos, a Lassen e a Starbuck.

— Vou atravessar. O risco é meu, não é seu! — respondeu Lassin ao sargento, e depois ofereceu um sorriso malicioso a Starbuck. — Em frente, sempre em frente!

— Coronel! Por favor? — O coronel Ellis tentou argumentar uma derradeira vez, mas Lassin limitou-se a ignorar os engenheiros e avançou, decidido, sobre os troncos, até onde a ponte danificada se erguia acima das águas revoltas e engrossadas do rio. A via rangeu e afundou-se quando se aventuraram a caminho da rampa. Ao passar a primeira barça, Starbuck viu que estava meio cheia com água da chuva, depois encontrou a curva accidental da ponte e o cavalo tentou afastar-se da agitação da água, onde esta batia na madeira arrastada e nas barças. Starbuck incitou o cavalo em frente, mas com uma lentidão excruciante, pois o animal precisava de tempo para assentar os cascos nos troncos que se agitavam. — Fique no lado de montante — aconselhou Lassin. — Aí, os troncos estão mais juntos. — A segunda barça estava quase afundada, e com o peso da montada de Lassin, a estrada aproximou-se perigosamente dos remoinhos enlameados do rio. — Coronel Ellis! — gritou Lassin para o grupo de trabalho.

— O que foi?

— O vosso trabalho seria muito mais fácil se esvaziasse as barças.

— E se se metesse na sua vida!?

— Boa pergunta — disse Lassin alegremente para consigo. Ele e Starbuck estavam já a meio da travessia, com o seu peso a afundar a estrada pesada até poucos centímetros da superfície do rio. — Neste país têm engenheiros muito bons — disse o francês a Starbuck. — Melhores do que os nossos. Os franceses adoram pertencer à cavalaria, quando muito aceitam ser transformados em soldados de infantaria ligeira, mas qualquer outra coisa é considerada um insulto. No entanto desconfio que as guerras futuras serão decididas pelos artilheiros e pelos engenheiros, os escravos matemáticos da guerra, enquanto nós, os magníficos cavaleiros, seremos reduzidos a meros moços de recados. Seja como for, não consigo imaginar boas mulheres a apaixonarem-se por engenheiros, e o Starbuck? Essa é uma das vantagens de se pertencer à cavalaria, faz com que as conquistas importantes da vida pareçam um pouco mais fáceis.

Starbuck riu-se e depois arquejou, quando uma das suas botas escorregou num pedaço gorduroso de tronco. Conseguiu manter o equilíbrio, embora o

movimento súbito parecesse ter esticado os cabos da barcaça mais próxima a tal ponto que toda a ponte se agitou com o assalto da água do rio, que borbulhou e salpicou por uma racha entre os troncos. Starbuck e o cavalo ficaram imóveis até que o pior da agitação da ponte passasse e pudessem prosseguir à cautela.

— É mesmo visconde? — perguntou Starbuck ao francês, e lembrou-se que também de' Ath argumentara ter um título francês, embora se os boatos de James fossem verdadeiros, a ascendência de de' Ath seria ainda mais distinta.

— Nunca sei ao certo — respondeu descuidadamente Lissan. — É um título antigo, abolido oficialmente durante a Revolução, mas o meu avô usava-o, e eu sou o seu único descendente masculino direto. Imagino que tenha perdido o direito à nobreza quando os meus pais fizeram amor no lado errado do cobertor, mas de vez em quando ressuscito o título para espantar os plebeus locais.

— E disse que era general?

— Uma promoção temporária. Quando as guerras austríacas chegaram ao fim, voltei a ser um simples e humilde coronel.

— E o seu governo enviou-o para ver como lutamos? — indagou Starbuck, espantado por tal homem ter sido enviado para a América.

— Ah, não. Eles queriam quem comandasse um departamento de recrutas, nada além de agricultores, remontas e sargentos bêbados. Enviaram uns chatos da academia e uns oficiais de infantaria para serem observadores, mas eu queria ver com os meus próprios olhos, por isso pedi uma licença indefinida, e o governo acabou por me conceder quando percebeu que eu não seria detido. Para mim é como se estivesse de férias, Starbuck. — Lissan puxou o cavalo adiante. — Já estamos quase lá. Não sei qual é o problema deles. Podia ter vindo a dançar com uma divisão vendada de putas a galope por cima desta ponte.

Starbuck sorriu com o comentário e depois virou-se quando uma voz severa os chamou da margem norte do rio. Era o coronel Ellis que os chamava ao lado da tenda do telégrafo.

— Parem! — gritou Ellis. — Aí onde estão! Parem!

Starbuck acenou, como se não tivesse percebido a ordem de Ellis, e continuou a andar. Já estava quase fora da ponte e aproximava-se do terreno molhado e instável da estrada do outro lado. Estugou o passo, puxando o cavalo atrás de si.

— Parem! — voltou Ellis a bradar, e desta vez reforçou a ordem puxando do revólver e disparando um tiro bem acima da cabeça de Starbuck. A bala perdeu-

se nas folhas das árvores que se encontravam agora cinquenta metros à frente.

— Vire o cavalo na direção dele — indicou Lassan calmamente —, para que ele pense que está a obedecer. Monte ao mesmo tempo e depois dê algumas voltas ao cavalo e afaste-se a galope. Percebeu?

— Percebi — asseverou Starbuck. Voltou a acenar ao coronel engenheiro e deu a volta ao cavalo para deixar bem claro que não estava a tentar fugir ao mesmo tempo que enfiava a bota esquerda enlameada no estribo. Agarrou a maçaneta da sela com a mão esquerda e, com um esforço rápido, içou-se para a sela do irmão. Lassan também montou.

O coronel Ellis apressava-se a chegar à ponte, ao mesmo tempo que fazia sinal aos dois fugitivos.

— Voltem!

— Adeus, *mon colonel* — disse Lassan em voz baixa e deu meia-volta ao cavalo. — Agora, venha comigo! — gritou o francês e Starbuck bateu com os calcanhares e fez o cavalo correr atrás da montada do gaulês. A estrada forrada a troncos estava escorregadia e traiçoeira, mas os dois cavalos conseguiram manter o equilíbrio. — Força! — encorajou Lassan, e o coronel Ellis ofereceu ainda mais encorajamento ao disparar o revólver, só que desta vez não apontava à cabeça dos fugitivos, mas sim aos cavalos. Mas os dois homens já se encontravam a mais de cem metros, e os revólveres eram armas incertas a partir de uma distância de quarenta ou cinquenta metros. O coronel disparou as duas primeiras balas demasiado depressa e com uma pontaria lamentavelmente fraca. Depois obrigou-se a apontar com mais cuidado, mas Lassan já estava na sombra das árvores quando virou o cavalo preto, sacou do seu próprio revólver e disparou para trás. Os tiros de Lassan acertaram no lodaçal e arrancaram lascas molhadas da estrada. O francês não disparava a matar, pretendendo, isso sim, atrapalhar a pontaria do engenheiro. Depois, Starbuck passou por ele, fez uma curva e saiu da vista de Ellis.

Lassan alcançou Starbuck e os dois homens percorreram matas tão húmidas e cheias de vegetação rasteira como as da margem norte do rio.

— Já sabem onde estamos — indicou Lassan. — O Ellis vai telegrafar-lhes. — Estava a recarregar o revólver, enfiando as balas sobre a pólvora, com a alavanca do gatilho ligada à parte debaixo do cano da arma. Os sons da batalha eram agora mais fortes, preenchendo o terreno abafado adiante com a ameaça da

morte. Lassan avistou um carreiro pela mata e saiu da estrada, galopando por uma vereda que se foi alargando até desembocar num campo atrás de uma casa grande. Starbuck seguiu-o, retesando-se quando o francês saltou uma vedação. Starbuck agarrou as rédeas, fechou os olhos e deixou que o cavalo saltasse sozinho. Conseguiu agarrar-se ao lombo do animal e, quando voltou a abrir os olhos, viu que trotavam por um carreiro que seguia por entre um campo e mais mata. Uma semeadora tinha sido abandonada ao lado do carreiro, uma recordação de tempos mais pacíficos, enquanto no extremo oposto do campo se via um parque de artilharia onde os cavalos, os armões e os canhões de uma bateria nortista esperavam por ordens. — É melhor não parecer que temos muita pressa — aconselhou Lassan. — Não há nada mais suspeito num campo de batalha do que um homem com pressa. Já tinha reparado nisso? Os soldados fazem a maior parte das coisas a meia velocidade. As únicas pessoas com pressa são os oficiais do estado-maior e os fugitivos.

Dirigiu-se ainda mais para leste, entrando no campo aberto e trotando casualmente por trás das armas indolentes. Starbuck seguiu a seu lado. Oitocentos metros à sua esquerda estava outro grupo de armões, além dos quais se erguiam colinas arborizadas baixas que ocultavam o campo da morte. Uma grande mancha de fumo subia até às nuvens além desses montes, e Lassan dirigia-se ao extremo desse fumo.

— Não vale a pena entrarmos na confusão, Starbuck. Vamos flanqueá-la.

— Está a gostar disto, não está? — comentou Starbuck, satisfeito por deixar que o francês, mais experiente, fosse o seu guia.

— É melhor do que estar sentado no quartel-general do McClellan a ler o *World* de Nova Iorque pela octogésima nona vez.

— Mas e os seus pertences? — perguntou Starbuck, apercebendo-se de repente de que o francês se propunha a mudar-se para as linhas confederadas sem qualquer bagagem aparente.

— Os meus pertences estão em França. Aqui na América só tenho um capote. — Lassan deu uma palmada na veste que estava enrolada junto ao arção da sela. — Algum dinheiro aqui. — Bateu num alforge. — Suficiente para valer a pena assassinar-me, mas aconselho-o a não tentar. — Sorriu alegremente. — Uma camisa extra, algum tabaco, cartuchos de revólver, roupa interior adicional, um exemplar dos ensaios de Montaigne, uma escova de dentes, três cadernos, dois

lápiz, duas navalhas de barba, um afiador, uma bússola, binóculos de campanha, um pente, um relógio, uma flauta, cartas de crédito e os meus documentos oficiais. — Foi tocando nos bolsos ou alforges que continham as várias posses. — Quando me encontrar em segurança entre os rebeldes, compro um cavalo adicional e mais uma vez terei todas as posses para as minhas necessidades. Um soldado nunca deve andar com mais nada, e se deixasse crescer a barba, nem sequer precisaria das navalhas.

— Então e a flauta?

— Um homem tem de ter algum talento civilizado, *mon ami*, caso contrário não passa de um bruto. Por Deus, não gostaria de combater neste país. — Deu voz a essa opinião quando chegaram ao topo de uma pequena elevação e viram um emaranhado de pequenos campos e matas mais à frente. — Isto não é sítio para a cavalaria — comentou Lassan.

— Porque não?

— Porque a cavalaria detesta árvores. As árvores podem esconder canhões e mosquetes, e nós, da cavalaria, gostamos das planícies vastas. Primeiro quebramos o inimigo com a artilharia, depois atiramos-lhes com a cavalaria e por fim enterramo-los. Essa é a receita do velho mundo para uma batalha, mas só se pode fazer isso em terreno aberto. E deixe-me que lhe diga, meu amigo, que Deus não nos dá melhor experiência do que cavalgar por entre um inimigo quebrado. O estrondo dos cascos, as trombetas, o Sol lá em cima, o inimigo por baixo, ah, por Deus, a guerra é emocionante. — Seguiram viagem, passando pelos primeiros indícios da batalha desse dia. No campo havia uma estação de baixas, para onde as ambulâncias levavam os feridos e onde enfermeiras com um uniforme de saias compridas e camisas de homem ajudavam a tirar os corpos ensanguentados dos carros e a levá-los para o interior das tendas. Ao lado da estação encontrava-se um pequeno grupo de homens taciturnos com o rosto escurecido pela pólvora, fugitivos que tinham desertado com os primeiros ataques rebeldes e que tinham agora sido apanhados pela polícia militar nortista. Mulas carregadas com bolsas de munições para espingardas eram levadas por uma estrada em direção à pluma de fumo.

Lassan e Starbuck passaram pelas mulas e entraram num outro renque de árvores, onde a infantaria nortista aguardava nas sombras. O rosto dos homens

não estava manchado pela pólvora, prova de que ainda não tinham combatido naquele dia.

Além das árvores, a estrada baixava suavemente até onde a via-férrea de Richmond e York corria, sobre o seu talude, através dos prados molhados. Os rebeldes tinham arrancado os carris e rebentado com a ponte sobre o Chickahominy, mas os eficientes engenheiros nortistas tinham restaurado ambos e um comboio com um balão parou imediatamente à direita do ponto onde a estrada cruzava os carris. Uma locomotiva cuspiu fumo para o ar, enquanto a equipa do balão se servia de uma grua para erguer o veículo desajeitado de um vagão sem caixa. O vento acalmara a seguir à tempestade, mas, mesmo assim, a equipa do balão estava a debater-se com o invólucro de gás.

— Temos problemas — resmungou Lassan.

Starbuck estivera a fitar o balão, mas agora olhava na outra direção e viu que uma patrulha de cavalaria avançava ao longo do talude ferroviário.

— Talvez andem à procura de desertores — aventou Lassan. — Temos de arriscar. Estaremos em segurança na mata. — Apontou para um denso renque de árvores no outro lado da ferrovia. — Deixe o cavalo andar.

Lassan e Starbuck avançaram lentamente pela estrada. O francês acendeu um charuto que ofereceu a Starbuck e depois puxou de um para si. A patrulha ainda se encontrava distante e Starbuck sentiu a confiança a aumentar à medida que se aproximava cada vez mais dos carris de aço. A estrada subia gentilmente até ao nível do talude entre bermas pontilhadas com manchas de erva queimada, onde as faúlhas das locomotivas tinham ateado pequenos fogos. Dois soldados transportavam uma bobina num pau, de onde desenrolavam um fio de telégrafo que ligaria o cesto do balão ao fio que fora esticado recentemente ao longo do talude com os carris. Um dos homens subiu a um poste com um alicate entre os dentes.

— Detesto a guerra moderna — comentou Lassan quando ele e Starbuck chegaram à passagem de nível. — A guerra devia contar com tambores e trombetas, não com engenheiros elétricos e motores a vapor. — Duas ambulâncias corriam para norte ao longo da estrada e Lassan chegou o cavalo para o lado para as deixar passar. As rodas das duas carroças pintadas de branco passaram com estrépito por cima das tábuas que elevavam o piso da estrada até ao nível dos carris. As ambulâncias deixaram um rasto de gotas de sangue na

estrada. Lassen franziu o cenho ao ver a carga de passageiros que gemiam, praguejavam e sangravam, e depois tirou os binóculos de campanha para examinar o campo a sul da via-férrea. À esquerda viu filas de tendas e uma linha de fortificações onde estava instalada uma bateria de canhões, embora os combates do dia parecessem decorrer a cerca de quilómetro e meio além das árvores. Dois sinaleiros, com as bandeiras sinalizadoras a descrever um movimento tão rápido que pareciam uma mancha de cor, estavam sobre o reduto a transmitir uma mensagem para sul. Mais perto, a patrulha de cavalaria afastou-se do talude e avançou para os prados.

— Viram-nos — alertou Starbuck, e o francês olhou para a esquerda e viu que os cavaleiros nortistas estavam a cruzar os campos na diagonal, numa manobra que parecia ter como objetivo a interceção dos dois fugitivos.

Lassen espreitou pelos binóculos por alguns instantes.

— Está ali o seu irmão. E o Pinkerton. Acho que nos deveríamos transformar em fugitivos, sim? — Sorriu a Starbuck e depois trotou pela estrada inclinada que se afastava pelo lado sul do talude. Na base da inclinação voltou a olhar para os perseguidores e tornou-se óbvio que não gostou do que viu, pois pegou na pesada bainha de metal com a sua grande e feia espada, e prendeu-a entre a coxa esquerda e a sela, para que não saltasse e o magoasse. — A galope! — ordenou a Starbuck.

Os dois homens bateram com os calcanhares e as montadas levantaram a cabeça e bateram com os cascos na lama vermelha da estrada. Um clarim de cavalaria fez soar a carga e Starbuck virou-se desajeitadamente na sela para ver os cavaleiros de casacas azuis a dispersarem pelo campo. Os mais próximos estavam ainda a trezentos metros de distância e tinham os cavalos cansados, mas de repente ouviu-se o estampido de uma pistola ou carabina, e Starbuck viu a bola de fumo perder-se atrás dos cavaleiros. Não teve a certeza, mas pareceu-lhe ver James, depois outra arma foi disparada e Starbuck limitou-se a baixar a cabeça, correndo a toda a brida atrás de Lassen. O cavalo do francês aproximou-se das árvores, onde Lassen guinou para fora da estrada e entrou na mata densa. Starbuck seguiu-o, contornando desesperadamente os tufos mais largos de arbustos e baixando-se nos ramos baixos, até que por fim Lassen abrandou para um trote e olhou para trás, querendo confirmar que a perseguição fora gorada. Starbuck, de coração aos saltos, tentou acalmar o cavalo suado.

— Detesto montar — afirmou.

Lassan levou um dedo aos lábios e depois apontou na direção que pretendia seguir. Deixou que os cavalos andassem. Starbuck sentia o cheiro doce e enjoativo do fumo da pólvora, enquanto o som dos disparos era agora tão próximo que cada tiro fazia abafar os ouvidos, mas as árvores continuavam a ocultar quaisquer sinais da batalha. Lassan fez nova pausa. O rosto do francês estava iluminado com a felicidade. Para ele, aquilo era uma aventura gloriosa, uma diversão no novo mundo.

— Em frente — declarou —, sempre em frente.

Os dois homens saíram da mata para um pequeno prado irregular onde aguardava um batalhão de infantaria nortista. O oficial que liderava o grupo das cores do batalhão deu ansiosamente a volta ao cavalo quando Lassan apareceu.

— Ordens? — perguntou.

— Não da nossa parte, mas boa sorte — gritou Lassan em resposta ao passar pelo grupo do estandarte. O terreno abria-se à esquerda de Starbuck e viu carroças e armões parados num cruzamento, a par de fontes de fumo no ponto onde os canhões disparavam. Havia aí um renque de pinheiros e duas casas esqueléticas que pareciam erguer-se diretamente por baixo de uma pluma de fumo. Uma bandeira da União agitava as suas listas vermelhas e brancas na brisa fumarenta e depois Starbuck perdeu de vista o cruzamento quando seguiu Lassan para outra cintura de árvores.

Lassan levou-o por um emaranhado de sarças, sobre um tronco caído repleto de fungos, e depois chegaram a outra clareira, onde desta vez Starbuck viu o talude ferroviário à sua direita. Não havia soldados à vista.

— Despistámos os cavaleiros — indicou Starbuck ao francês.

— Não estão muito longe — alertou Lassan. — Perdemos-os por um momento, mas eles voltam. Por aqui.

O caminho levou-os de volta às árvores, e depois a outra extensão de terreno aberto que se revelou tão pantanoso que tiveram de desmontar e levar os cavalos pelas rédeas através da turfa gelatinosa. Além do lamaçal ficava uma extensão de carvalhos-anões e depois um renque de pinheiros. O som da batalha prosseguia, incessante, mas, estranhamente, todos os sinais de soldados tinham desaparecido; na verdade, a mata estava tão calma que Lassan apontou de repente para a direita e Starbuck viu três perus bravos numa pequena clareira.

— Bons para comer? — perguntou Lassan.

— Muito.

— Mas hoje não — disse Lassan. Virou-se e olhou em frente quando uma salva de disparos de espingarda rasgou o ar húmido. Depois, acima da fuzilada, chegou o peculiar barulho arrepiante do grito de batalha rebelde, e o som desse brado indomável lançou uma onda de entusiasmo pelo corpo de Starbuck. — No seu lugar — aconselhou Lassan —, tirava essa casaca azul.

Starbuck vestia ainda a casaca do irmão. Revistou então apressadamente os bolsos, tirando a Bíblia que James lhe deixara em Richmond, depois o punhado de charutos reles, a caixa de fósforos, o canivete e o embrulho de papéis feito com oleado. Enfiou tudo num alforge, depois despiu a casaca do irmão e deixou-a cair ao chão. Agora só usava as velhas calças rebeldes cinzentas, suspensórios vermelhos, os sapatos novos que o irmão lhe comprara ao vivandeiro de um regimento da Pensilvânia e um chapéu de aba larga tão puído, manchado e excêntrico como o de Lassan.

O francês levou-o por entre as árvores. De vez em quando, Starbuck avistava o talude ferroviário à direita, mas continuava sem ver as tropas que ululavam o grito rebelde. A espaços de segundos, uma bala perdida de espingarda rasgava as folhas acima deles, mas era difícil determinar a origem do fogo. Lassan avançava cuidadosamente, tão alerta como um caçador a aproximar-se de uma presa encurralada.

— É possível que tenhamos de voltar a cruzar os carris — avisou o francês. Ficaram então sem tempo para deliberações, só para fugir, quando um grito pela retaguarda revelou que a cavalaria os encontrara mais uma vez. Os dois homens esporearam instintivamente os cavalos para um galope.

Uma bala passou-lhes por cima e outra embateu numa árvore. Lassan gritou e baixou-se para escapar a um ramo. Starbuck seguiu-o, agarrado à maçaneta da sela enquanto o cavalo ia avançando por um carreiro enlameado, subia uma pequena inclinação e voltava a descer para uma estrada onde aguardava uma fila dupla de infantaria nortista.

— Abram alas! Abram alas! — bradou Lassan na sua voz autoritária e a infantaria desviou-se como por magia para deixar que os dois cavaleiros passassem pelos soldados. Saltaram uma sebe baixa, atravessaram um campo arável e mais uma vez chegaram-lhes balas pelas costas. Starbuck receou que

todo o batalhão de infantaria abrisse fogo, mas de repente voltava à mata e viu soldados à sua esquerda, mas esses homens estavam a correr, a fugir de um inimigo à frente, e Starbuck permitiu-se ter esperança. Os fugitivos eram nortistas, pelo que de certeza que haveria rebeldes por perto.

Lassan viu os homens a correr e desviou-se deles. Starbuck ouvia cascos atrás de si e atreveu-se a lançar uma olhadela sobre o ombro, vendo um cavaleiro barbado a uns vinte passos de distância. O homem desembainhara um sabre, cuja lâmina brilhava, maléfica, na luz débil do dia carregado. Ouviu-se uma fuzilada de infantaria à frente, outra vez o grito rebelde e viram-se mais nortistas a correr. Lassan olhou sobre o ombro e viu o cavaleiro a aproximar-se de Starbuck. O francês chegou o cavalo para a esquerda, abrandou e tirou a grande espada da bainha. Deixou que Starbuck o passasse, depois atravessou-se no caminho do nortista e desferiu um golpe brutal contra o crânio da montada do homem. A lâmina enterrou-se na testa do cavalo e o animal gritou ao cair de joelhos. Agitou com força a cabeça, fazendo saltar uma chuva de sangue, depois tombou e o cavaleiro saltou pelos ares, praguejando ao aterrar num emaranhado de silvas ao lado do carreiro. Lassan já virara para a esquerda e voltava a alcançar Starbuck.

— Procuramos sempre o cavalo, nunca o homem — gritou enquanto galopava atrás de Starbuck.

O gaulês embainhou a espada e os dois saíram para uma vasta extensão de terreno aberto. À sua direita, o talude ferroviário era encimado por pequenos grupos de ianques que observavam, impotentes, uma única brigada de infantaria rebelde avançar, intrépida, pelo campo aberto. A brigada era composta por quatro batalhões, três dos quais se faziam acompanhar pelo novo estandarte de batalha da Confederação, enquanto o quarto ainda fazia voar a velha bandeira de três listas. A brigada avançava em duas linhas sem apoio quer de artilharia quer de cavalaria, mas parecia que nada era capaz de lhes travar a progressão. À frente deles estava uma massa caótica de fugitivos e atrás um sem-fim de mortos e moribundos. Não se viam mais rebeldes. Era como se aquela brigada tivesse encontrado uma brecha na linha ianque e decidido vencer a batalha por sua conta.

Starbuck guinou na direção da brigada rebelde.

— Virgínia! — bradou, como se ululasse um grito de guerra. — Virgínia! — Acenou para mostrar que estava desarmado. Lassan seguia-o, enquanto sessenta metros atrás do francês, a cavalaria nortista saía de entre as árvores.

A brigada rebelde fora a primeira das unidades do general Longstreet a chegar ao campo de batalha e o seu comandante, o coronel Micah Jenkins, tinha apenas vinte e seis anos de idade. Liderava três batalhões de soldados da Carolina do Sul e um de georgianos, e os quatro regimentos sulistas tinham já atravessado três posições ianques. Jenkins recebera ordens para atacar, mas ninguém lhe ordenara que parasse, pelo que ia marchando até às profundezas da retaguarda ianque. Com a sorte de um soldado nato, a sua brigada irrompera pelas defesas ianques onde apenas existiam um punhado de canhões e algumas unidades dispersas de infantaria, e, uma a uma, as posições nortistas tinham sido derrotadas e deixadas em pânico. Agora, os homens eram ameaçados por uma mancha de cavaleiros de casacas azuis que lhes tinham surgido pelo flanco esquerdo. Um capitão da Carolina do Sul fez a companhia dar meia-volta à esquerda.

— Confirmem que estão carregados! — bradou. — Apontem para os cavalos!

Alguns dos ianques perceberam o que estava prestes a acontecer e puxaram as rédeas. Um dos cavalos, que virou muito depressa, perdeu o equilíbrio com o terreno molhado e tombou. Outro empinou-se a relinchar e derrubou o cavaleiro sobre o arção da sela. Mas a maioria dos ianques bradou e prosseguiu o caminho, consumidos pelo frenesim dos cavaleiros em carga. Três dezenas de cavaleiros tinham os sabres desembainhados, enquanto outros empunhavam revólveres. Um sargento barbado levava o guião, uma pequena bandeira triangular presa a uma lança, e baixou a extremidade afiada da vara até ficar apontada ao coração do capitão da Carolina do Sul.

O capitão esperou até que os dois cavaleiros fugitivos tivessem chegado à segurança das espingardas e depois ordenou fogo. Cinquenta espingardas cuspiram.

Os cavalos gritaram e caíram na lama. O guião mergulhou numa moita, ficando aí preso a estremecer, enquanto o sargento tombava do cavalo de braços a agitar-se, com sangue a saltar-lhe de repente da boca aberta. Uma dúzia de cavalos fora derrubada na lama e outra dúzia avançou para o caos de cascos e de homens em fuga. Ouviam-se animais a gritar de dor. Os cavalos sobreviventes

não carregaram pelo emaranhado de sangue e de cascos a estrebuchar, desviando-se. Alguns cavaleiros dispararam os revólveres contra a nuvem de fumo de espingarda e depois afastaram-se, antes que a infantaria pudesse recarregar. O coronel Thorne contava-se entre os homens caídos, estando preso na lama por baixo do cavalo ferido. O coronel tinha a perna esquerda partida e o seu sonho de galopar através de um campo fumegante para salvar o país ficou reduzido ao fedor do sangue, aos gritos dos animais feridos e ao estrondo dos cascos dos cavaleiros que se afastavam. O capitão da Carolina do Sul ordenou à companhia que voltasse a formar uma linha e que prosseguisse a marcha.

O coronel Jenkins galopou até junto dos recém-chegados.

— Mas quem são vocês?

— Capitão Starbuck, Legião Faulconer, Virgínia — arquejou Starbuck.

— Lissan, coronel do exército francês, aqui presente para assistir a alguns combates — apresentou-se Lissan.

— Está no sítio certo, coronel. O que se passa lá à frente?

— A minha posição oficial enquanto observador proíbe-me de o revelar — disse Lissan —, mas aqui o meu companheiro, assim que recuperasse o fôlego, iria contar-lhe que existem dois regimentos separados de infantaria ianque, um numa clareira a seguir ao próximo renque de árvores, e o outro quatrocentos metros mais à frente. Depois disso chegam às defesas principais, na encruzilhada.

— Nesse caso é melhor continuarmos a avançar — disse Micah Jenkins — e vergastar mais um bocado os sacanas. — Olhou para Starbuck. — Era prisioneiro?

— De certa forma, sim.

— Nesse caso, bem-vindo de volta, capitão, bem-vindo de volta. — Virou o cavalo e levantou a voz. — Avante, rapazes, avante! Empurrem os filhos da mãe para o sítio de onde vieram. Avante, rapazes, avante!

Starbuck virou-se e olhou para o flanco esquerdo. Um esquadrão de escaramuceiros rebeldes estava a acabar com o sofrimento dos cavalos feridos e os tiros soavam ocos na melancolia do dia. A restante cavalaria ianque reunira-se junto às árvores distantes e aí ficaram, impotentes, a observar os infantas a pilhar os alforges e os bolsos dos cavaleiros abatidos. Os sulistas puxaram o cavalo de Thorne de cima do coronel, levaram-lhe a espada e a pistola, e

deixaram-no a maldizer as suas mães. Saíram mais cavaleiros de entre as árvores e Starbuck avistou James. Coitado do James, pensou, e a culpa trespassou-o como um impacto de bala.

— O que foi? — perguntou Lassin, ao ver a expressão pesarosa de Starbuck.

— O meu irmão.

— Isto é um jogo — disse Lassin com brusquidão. — Ele perdeu, você ganhou, estão os dois vivos. Há milhares de homens que se vão sair bem pior durante o dia de hoje.

— Não quero que ele sofra.

— O que é que ele sofreu? — indagou Lassin. — O pior que pode acontecer ao seu irmão é voltar à prática legal, onde vai passar o resto da vida a contar aos colegas sobre o inútil que é o irmão. E julga que não vai ter orgulho em si, mesmo que em segredo? Está a fazer tudo o que ele nunca se atreveria a fazer, mas gostaria de concretizar. Os homens como ele precisam de irmãos como o Starbuck, caso contrário, nunca lhes acontece nada na vida. A minha mãe costumava estar sempre a dizer a mesma coisa à minha irmã e a mim. Os gansos, dizia ela, andam em bando, mas as águias voam sozinhas. — Lassin sorriu com malícia. — Talvez nada disso seja verdade, *mon ami*, mas se a ideia lhe ajudar a consciência, eu agarrava-me a ela como se fosse uma mulher quente, numa cama confortável, numa noite gelada. Agora, largue lá as culpas e procure uma arma. É preciso travar uma batalha.

Starbuck procurou uma arma. Voltara a estar sob a alçada da sua bandeira de eleição e tinha uma batalha a travar, uma força a que fugir e um amigo a quem trair. Pegou na espingarda de um homem abatido, encontrou cartuchos e procurou um alvo.

Os reforços nortistas começaram finalmente a atravessar o rio engrossado pelas chuvas. O peso de um canhão de campanha quebrou a ponte danificada, embora, milagrosamente, não se tivesse perdido nem a arma nem qualquer homem. Em vez disso, a parelha de cavalos foi chicoteada até ao sangue para que puxasse a peça pesada da água e a levasse até à estrada reforçada na margem sul.

McClellan permaneceu na cama, tomando quinino, mel e brandy. Já consumira tantos remédios que estava tonto e afligido por dores de cabeça, mas o médico confirmou ao estado-maior que o general tinha noção de que decorria uma batalha, embora argumentasse que o paciente não estava em condições de

assumir o comando do exército. Talvez no dia seguinte o Jovem Napoleão fosse capaz de impor a sua vontade de ferro no campo de batalha, mas até lá tinha de descansar e o exército teria de se desenvencilhar sem a sua orientação. O estado-maior do general afastou-se silenciosamente para não incomodar o repouso e recuperação do grande homem.

O general Johnston, que esperava no seu quartel-general na Taberna Velha, a norte do caminho-de-ferro, ficara pelo menos a saber que o som abafado dos canhões não fora um duelo de artilharia, mas sim uma batalha que decorrera sem seu conhecimento e orientação. O general Longstreet chegara à Taberna Velha e confirmara que as primeiras das suas tropas estavam agora a atacar a sul da linha férrea.

— Perdi o Micah Jenkins — disse a Johnston —, sabe Deus onde é que está a brigada dele agora, e quanto ao resto, Johnston, parecem virgens.

Johnston podia jurar que Longstreet acabara de dizer que os seus homens pareciam virgens.

— Parecem virginianos?

— Parecem virgens, Johnston, virgens! Nervosos nos flancos. — Longstreet ofereceu um sorriso rasgado. Sentia-se cheio de uma energia viva. — Precisamos de um ataque aqui — bateu com a unha suja no mapa de Johnston —, a norte dos carris.

Johnston acreditava que tinha dado ordens específicas a Longstreet para realizar esse ataque concreto a norte dos carris, e que essas ordens diziam que o ataque deveria ter sido levado a cabo pela alvorada, e não agora, quando o dia estava a chegar ao fim. Só Deus sabia o que correria mal com o seu cuidadoso ataque de três pontas, mas algo divergira perigosamente dos planos, e no dia seguinte, jurou Johnston, descobriria exatamente o quê, e quem era o responsável. Claro que esse inquérito teria de esperar pela vitória, pelo que refreou a língua regra geral afiada, dando, em vez disso, ordens para que uma das divisões de reserva atacasse o lado norte do talude ferroviário.

Os novos atacantes marcharam ao lado da Taberna Velha e Johnston, ansioso por saber ao certo o que se passava no campo de batalha, juntou-se às tropas que avançavam. Ao seguir caminho, interrogou-se por que motivo tudo no seu exército parecia tão desnecessariamente complicado. Fora o mesmo em Manassas, refletiu. Nessa batalha, o quartel-general rebelde esperara, ignorante,

à direita, enquanto se travava uma batalha à esquerda, ao passo que ali aguardava à esquerda, enquanto decorria uma batalha des governada à direita. Mas ainda poderia arrancar uma vitória ao caos, caso os ianques não tivessem enviado demasiados reforços sobre o Chickahominy.

O presidente Davis chegou à Taberna Velha e descobriu que o general Johnston partira para leste. O segundo comandante de Johnston, Gustavus Smith, que antes da guerra fora comissário de rua em Nova Iorque, confessou a sua incerteza quanto aos acontecimentos daquele dia, mas apresentou o veredito de que tudo parecia muito bem, segundo sabia, embora admitisse que o conhecimento não era muito vasto. O general Lee, que acompanhava o presidente, ficou embaraçado com tal resposta de um camarada soldado e mexeu-se desconfortavelmente na sela. O taberneiro trouxe ao presidente um copo de limonada doce, que Davis bebeu a cavalo. À distância, Davis podia ver os dois balões amarelos do Corpo Aeronáutico do exército federal a agitar-se precariamente com o vento forte.

— Não se pode fazer nada quanto àqueles balões? — perguntou Davis, irritado.

Fez-se silêncio por alguns momentos, e depois Lee sugeriu calmamente que os canhões não dispunham da elevação necessária e que a melhor resposta talvez fosse espingardas de alta potência para incomodar a vida dos ocupantes do cesto.

— Mesmo assim, senhor presidente, duvido que essas armas tenham o alcance necessário.

— Devia fazer-se alguma coisa — queixou-se Davis.

— Águias? — aventou alegremente o general Smith. Tanto Lee como Davis o olharam, curiosos, e Smith curvou os dedos para exemplificar a ação das garras de uma ave. — Águias treinadas, senhor presidente. Talvez pudessem ser levadas a perfurar a pele do balão?

— Pode ser — disse Davis, espantado. — Pode ser. — Relanceou o conselheiro militar, mas Lee fitava uma poça, como se a resposta para os problemas da Confederação se encontrassem nas suas profundezas turvas.

Entretanto, nos campos, os canhões continuavam a ribombar.

— Avante! Avante! Avante! Avante! Avante! — Micah Jenkins só parecia capaz de fazer avançar os homens. Ignorava as suas baixas, deixando-as no campo enquanto encorajava os soldados para que continuassem a avançar.

Encontravam-se profundamente em território ianque, sem o apoio de quaisquer outras tropas sulistas, mas o jovem da Carolina do Sul não se importava. — Avante! Avante! — gritava. — Não parem agora! Façam-lhes a vida negra! Vamos lá, tambores! Quero ouvi-los! Continuem a marchar! — Uma bala assobiou a dois dedos da face de Jenkins, com o vento da sua passagem como um breve estalo quente. Viu uma bola de fumo a afastar-se da copa cheia de um pinheiro e correu em frente, até uma das companhias em marcha. — Estão a ver o fumo? Aquele pinheiro ali! À esquerda do pilriteiro. Está um atirador nos ramos; quero a mulher do sacana viúva imediatamente!

Uma dúzia de homens ajoelharam-se, apontaram e dispararam. A árvore pareceu estremecer e depois um corpo tombou, deixando-se ver, ficando seguro pela corda que prendera o atirador nortista à árvore.

— Muito bem! — bradou Jenkins. — Muito bem! Prossigam a marcha!

Starbuck retirara uma espingarda *Palmetto*, uma mochila de munições e a casaca cinzenta da farda de um cadáver de um soldado da Carolina do Sul. A casaca tinha um pequeno orifício de bala no peito esquerdo e um grande rasgão ensanguentado nas costas, mas mesmo assim era uma farda melhor do que a camisa suja que vestia. Combatia agora como infante montado, carregando e disparando a cavalo. Seguiu até às costas da linha da frente de Jenkins, enredado na loucura da incursão que cravara o seu anzol ensanguentado nas profundezas da retaguarda ianque. A batalha principal continuava a ribombar à direita da brigada, mas essa batalha parecia uma ação díspar daquela carga inspirada da Carolina do Sul.

Os rebeldes marcharam em linha atravessando uma estrada e derrubando a vedação no seu extremo antes de entrarem num renque de árvores. O atirador ianque pingava sangue na ponta da corda no cimo do pinheiro. A sua espingarda, um dispendioso modelo de precisão com cano pesado e mira telescópica, caíra e alojara-se num dos ramos mais baixos, de onde foi recuperada por um georgiano satisfeito que alcançou os camaradas no momento em que saíram das árvores e se depararam com mais um batalhão de infantaria nortista. Os ianques tinham acabado de receber ordens para se levantarem quando os rebeldes irromperam das árvores. Micah Jenkins bradou aos seus homens para que não disparassem e se limitassem a carregar.

— Grito! — E o grito rebelde ululante recomeçou.

A linha ianque desapareceu atrás da sua nuvem de fumo. As balas assobiavam ao lado de Starbuck. Tinham caído confederados, que arquejavam e estrebuchavam na erva, mas a linha cinzenta continuou em frente, com Jenkins a incitá-los impiedosamente.

— Deixem os feridos! Deixem-nos! — gritava. — Avante! Avante! Avante! — Os ianques começaram a recarregar, com as varetas a surgirem como espinhos acima das duas filas, mas depois o grito dos atacantes e o brilho do aço das baionetas no meio do fumo convenceu os nortistas de que o dia estava perdido. O batalhão dispersou e fugiu. — Sigam-nos! Sigam! — bradou Jenkins, e os rebeldes cansados entraram na mata, onde abriram fogo sobre os fugitivos. Alguns ianques tentaram render-se, mas Jenkins não tinha tempo para prisioneiros. Apreenderam-se as espingardas aos nortistas, a quem se disse para desaparecerem.

Outro batalhão ianque aguardava no extremo da mata, também eles, à semelhança de todos os outros regimentos nortistas que a brigada de Jenkins enfrentara nessa tarde, sem o apoio de mais infantaria. A primeira notícia que tiveram de um assalto rebelde fora quando os ianques em fuga tinham aparecido entre as árvores, mas antes que o coronel pudesse organizar a sua defesa, os rebeldes mostraram-se, ululantes, aos gritos e com sede de sangue. Os ianques fugiram, recuando por um campo de trigo a caminho da encruzilhada onde o grosso do exército detivera o forte ataque central dos rebeldes. Agora, tendo à sua frente essa batalha maior, Micah Jenkins mandou parar os seus homens.

A brigada chegara à retaguarda ianque, mas prosseguir seria um convite à aniquilação. À sua frente tinham agora uma planície vasta com tendas, carroças, armões e caixas de munições, enquanto à direita estava a encruzilhada, junto às duas casas devastadas pelas granadas e aos sete pinheiros trespassados pelas balas. Era aí, junto às valas dos atiradores e ao grande reduto, que se travava a principal batalha do dia. O principal ataque confederado tinha sido bloqueado à frente do reduto, onde os ianques estabeleciam uma defesa sólida. O fogo dos canhões queimava o trigo e derrubava os rebeldes. Fora aí que Johnston planeava apanhar a obstinada defesa ianque, no torno dos seus ataques pelos flancos, mas estes nunca se tinham chegado a verificar e a incursão central estava a ser dizimada pelos artilheiros nortistas. Mas, por acaso, os mil e duzentos homens de Micah Jenkins estavam agora na retaguarda ianque. A brigada começara com

mil e novecentos homens, mas sete centenas jaziam mortas ou feridas no caminho caótico que os soldados da Carolina do Sul tinham aberto ao longo do campo de batalha. Agora tinham a oportunidade de provocar ainda mais caos.

— Formar linha! — vociferou Jenkins, e esperou que a segunda linha de homens alcançasse a primeira. — Carregar!

Mil e duzentos rebeldes em duas filas irregulares enfiaram balas minié sobre as cargas de pólvora. Mil e duzentos fulminantes foram enfiados em mil e duzentas escorvas, e mil e duzentos cães foram puxados atrás.

— Apontar! — Não que houvesse algo específico ao qual apontar. Não havia inimigos a enfrentar diretamente a brigada de Jenkins; em vez disso, os soldados rebeldes encaravam uma vasta extensão de acampamento ianque, sob um céu de nuvens empurradas pelo vento. Os estandartes rebeldes estavam erguidos atrás da linha, as bandeiras com a palmeira da Carolina do Sul e o brasão com os três pilares da Geórgia, e, acima deles, as estrelas cruzadas da Confederação. Seis bandeiras inimigas estavam na erva ao lado do cavalo de Jenkins, todas elas capturadas durante a carga e guardadas agora como troféus que seriam enviados para a plantação dos pais, na ilha Edisto.

Jenkins ergueu o sabre, fez uma breve pausa e depois baixou a lâmina recurvada.

— Fogo!

Mil e duzentas balas cruzaram os campos húmidos ao entardecer. A salva provocou poucos danos físicos, mas o potente matraquear alertou os nortistas para o facto de terem rebeldes à sua retaguarda, consciência essa que foi quanto bastasse para dar início à retirada da encruzilhada de Seven Pines. Uma a uma, as peças ianques foram arrastadas para fora do reduto e, depois, os batalhões de infantaria começaram a recuar das suas plataformas. Os gritos rebeldes ecoavam no lusco-fusco e Starbuck viu uma linha cinzenta de homens a percorrer as sombras compridas, a caminho do forte de terra. Um derradeiro canhão nortista disparou, derrubando um grupo de atacantes com uma chuva de sangue, e depois uma onda de baionetas subiu os parapeitos protegidos com sacos de areia. De súbito, o campo de trigo à frente da brigada de Micah Jenkins escureceu com os homens em pânico que fugiam para leste. Os ianques abandonavam as tendas, a artilharia e os feridos. Cavaleiros galopavam entre os fugitivos que corriam em

direção à noite, deixando as duas casas, os pinheiros destroçados e o reduto ensanguentado aos rebeldes.

— Meu Deus. — Jenkins cuspiu um jorro de suco de tabaco que caiu em cima de uma das bandeiras nortistas capturadas. — Estes ianques sabem mesmo correr.

Havia luz suficiente para que os rebeldes vitoriosos pilhassem o acampamento abandonado, mas não para transformar a vitória do dia num triunfo. Os nortistas não seriam empurrados para os pântanos. Em vez disso, os oficiais detiveram a fuga em pânico dois quilómetros a leste da encruzilhada e aí ordenaram aos batalhões fustigados que abrissem novas valas de tiro e que derrubassem mais árvores para criar novas barricadas. Os canhões seriam levados da retaguarda ianque para fortalecer a nova linha defensiva, mas, à última luz do dia, não houve rebeldes que fossem desafiar as baterias nas suas novas posições.

A norte da linha férrea, o ataque de flanco de Johnston percorria pântanos com água pela cintura para atacar os canhões instalados, protegidos pela infantaria que tinha acabado de marchar para o outro lado do rio. As linhas ianques abriram fogo, com os canhões a cuspirem granadas e metralha, o que obrigou as linhas rebeldes a recuar, ensanguentadas e dispersadas. As linhas azuis aplaudiram no lusco-fusco ao verem o inimigo ululante primeiro a ser silenciado, depois a ser devastado, e finalmente a ser derrotado. Os feridos afogaram-se no pântano, com o sangue a escorrer para a lama malcheirosa.

O general Johnston observou os seus homens a afastarem-se da súbita e inesperada defesa ianque. Estava montado no cavalo, no cimo de um cabeço que lhe garantia um bom panorama sobre o campo de batalha que de repente ficou tingido de vermelho com o Sol do entardecer, que surgia, enviesado, por baixo das nuvens e do fumo da batalha. Por cima das cabeças voavam balas, que rasgaram as folhas de uma pequena árvore. Um dos ajudantes-de-campo remexia-se na sela sempre que uma bala se aproximava, e a timidez do homem começou a irritar o general.

— Não pode esquivar-se a uma bala — disse bruscamente ao ajudante-de-campo. — Quando a ouvimos, já passou por nós. — O general fora ferido por cinco vezes ao serviço do antigo Exército dos Estados Unidos e sabia bem o que era estar debaixo de fogo. Também sabia que a batalha cuidadosa que ele

planeara e que lhe deveria ter conseguido fama e glória tinha corrido desastrosamente mal. *Por Deus*, pensou na sua vingança, *alguém vai sofrer por isto*. — Alguém sabe onde está o Huger? — perguntou, mas ninguém fazia ideia. O general parecia ter desaparecido totalmente, tal como já acontecera com Longstreet, mas pelo menos Longstreet conseguira finalmente chegar ao campo de batalha. Huger continuava desaparecido. — Quem entregou as ordens ao Huger? — quis saber Johnston outra vez.

— Já lhe disse, meu general — respondeu o coronel Morton respeitosamente. — Foi o jovem Faulconer.

Johnston dirigiu-se a Adam.

— Ele compreendeu as ordens?

— Julgo que sim, meu general.

— O que quer dizer com isso? Julga que sim? Ele teve dúvidas?

— Sim, meu general. — Adam sentia-se a enrubescer.

— Que dúvidas? — inquiriu Johnston com brusquidão.

Adam tentou não mostrar o nervosismo que sentia.

— Quanto às tropas que o meu general colocou às ordens do general Longstreet.

Johnston franziu o cenho.

— Não fez perguntas em relação ao ataque?

— Não, meu general.

— Bem, amanhã junto todos no mesmo espaço, o general Huger e o general Longstreet. Depois apuramos que raios se passou hoje, e garanto que quem destruiu o trabalho deste dia vai desejar não ter nascido. Não é assim, Morton?

— Absolutamente, meu general.

— E quero presentes todos os ajudantes-de-campo que levaram mensagens — insistiu Johnston.

— É claro, meu general — garantiu Morton.

Adam fitou o fumo das armas. De alguma forma, na fúria de Johnston, a ideia febril da véspera já não parecia tão inteligente. Tencionara invocar esquecimento, ou mera negligência, mas agora tais desculpas pareciam extraordinariamente débeis.

— Vou mandar fuzilar o responsável! — Johnston falava com raiva, ainda obcecado com o fracasso dos planos tão bem estruturados. Depois fez um gesto

extravagante com o braço esquerdo que pareceu curiosamente deslocado e Adam, aterrorizado com o eventual resultado da investigação do dia seguinte, pensou por um momento que o general tentava bater-lhe. Depois viu que Johnston fora atingido no ombro direito e que se limitara a agitar o braço esquerdo numa tentativa desesperada de manter o equilíbrio.

O general pestanejou rapidamente, engoliu em seco e depois levou ao de leve a ponta dos dedos ao ombro direito.

— Raios me partam, fui atingido — disse a Morton. — Uma bala. Rais'parta. — Respirava em grandes golfadas.

— Meu general! — Morton avançou para ajudar Johnston.

— Está tudo bem, Morton. Não acertaram em nada vital. É só uma bala, mais nada. — Johnston procurou atrapalhadamente um lenço que começou a dobrar, mas depois uma granada ianque rebentou na base do cabeça, tendo um estilhaço acertado em cheio no peito do general, derrubando-o do cavalo. Soltou um grito, mais de espanto do que com dor, e os ajudantes-de-campo reuniram-se à volta dele para lhe retirar o cinto da espada, as pistolas e a casaca. Tinha a frente da farda ensopada com sangue.

— O senhor vai ficar bem, meu general — disse um ajudante-de-campo, mas o general estava inconsciente e o sangue começara a escorrer-lhe pela boca.

— Levem-no! — O coronel Morton assumira o comando. — Uma maca para aqui, depressa! — Outra granada ianque explodiu ali perto, com os fragmentos a silvarem por cima das cabeças e indo arrancar mais folhas à árvore.

Adam observou os homens do batalhão de infantaria mais próximo trazerem uma maca para o comandante do exército. Johnston tinha os olhos fechados, a pele branca e a respiração superficial. *Lá se vai o inquérito de amanhã*, pensou Adam, e sentiu uma esperança renovada. Ia escapar-se! Tecera o fracasso e nunca ninguém saberia!

Do outro lado da planície, as peças continuavam a disparar. O Sol voltou a esconder-se atrás das nuvens, os mortos jaziam nos campos molhados, os feridos gritavam, e os vivos agachavam-se para morder os cartuchos e disparar as armas. O lusco-fusco tornava as chamas dos canhões ainda mais brilhantes. Depois, o cair da noite trouxe consigo os pirilampos e as armas foram-se silenciando, até que os gritos dos moribundos passaram a ser o som mais alto entre a cidade e o pântano de White Oak.

As chamas tremeluziam no escuro. Não havia estrelas, nem luar, apenas lanternas e pequenas fogueiras. Os homens rezavam.

Sabiam que pela manhã a batalha voltaria a acender-se, como brasas a ganhar vida com a brisa murmurante, mas agora, nas trevas húmidas onde os feridos gritavam por ajuda, os dois exércitos iam descansar.

A batalha morreu no domingo de manhã. Os rebeldes, agora liderados pelo general Smith, avançaram pelo centro, mas os ianques tinham recebido reforços vindos do norte do Chickahominy e não havia como os desalojar da nova linha de defesa. Depois foi a vez de os ianques pressionarem e os rebeldes cederam terreno até que, ao meio-dia, os dois exércitos desistiram da luta, ambos exaustos. Os rebeldes, que não viam vantagem em manter a faixa de terreno que tinham conquistado, recuaram para as linhas originais, deixando assim os ianques voltar a ocupar a encruzilhada por baixo dos sete pinheiros devastados.

Grupos de trabalho desfizeram armões e criaram piras onde se incineraram os cavalos mortos. O calor fazia contrair os tendões dos animais, pelo que os cavalos mortos pareciam contorcer-se em galopes oníricos enquanto as chamas silvavam à sua volta. Os feridos foram levados para hospitais de campanha ou, no caso dos rebeldes, carregados em carros para serem levados para Richmond. Os nortistas enterraram os mortos em valas rasas, pois ninguém dispunha de energia para as abrir mais fundas, enquanto os confederados empilhavam os cadáveres em carroças que se dirigiam aos cemitérios de Richmond. Na cidade, mulheres e crianças observaram, atarradas, os carros e as carroças a passar pelas ruas com as suas cargas destapadas de mortos e moribundos.

Os ianques festejaram. Um dos despojos da batalha foi um carro de passageiros de dois andares que o Richmond Exchange Hotel em tempos usara para transportar os hóspedes do hotel para as estações ferroviárias da cidade. O carro fora levado para o campo de batalha como ambulância, mas o veículo ficara atolado na lama e fora abandonado, pelo que, agora, os soldados da União puxavam-no pelo acampamento, oferecendo viagens a dois cêntimos pela Broadway. “Todos a bordo até Battery”, gritavam. Os Nortistas declararam aquela batalha como sendo uma vitória. Não tinham expulsado os Confederados, gabarolas e em superioridade numérica? E quando o enfermo McClellan, fraco e a tremer, apareceu a cavalo entre os destroços dos armões queimados, dos canhões despedaçados, da erva ensanguentada e das espingardas partidas, foi

recebido com vivas como se fosse um herói conquistador. Uma banda de Nova Iorque fez-lhe uma serenata com “Hail to the Chief.” O general tentou, galantemente, fazer um discurso, mas tinha a voz fraca e só alguns homens o ouviram a declarar que tinha assistido ao derradeiro ataque do exército rebelde, e que em breve, muito em breve, iria liderá-los até ao coração da secessão e aí derrotá-los em absoluto.

Em ambos os lados das linhas, os regimentos formaram quadrados para as orações de domingo. Os regimentos católicos assistiram à Missa, os protestantes escutaram as Escrituras e todos agradeceram a Deus por terem sido salvos. Vozes fortes de homens cantaram hinos, com o som a ouvir-se lamentoso sobre um campo de batalha que fedia a morte e a fumo.

Starbuck e Lassan tinham passado a noite com a brigada de Micah Jenkins, mas à tarde, quando a batalha terminara, atravessaram as crateras das granadas e passaram pelas filas de mortos derrubados pela metralha, até encontrarem o quartel-general do exército, numa pequena casa de quinta feita de ripas, a norte da via-férrea. Starbuck pediu informações aí e depois, já na estrada, separou-se de Lassan, mas não sem antes insistir que o francês deveria ficar com o cavalo do irmão.

— Devia vender o cavalo! — admoestou-o Lassan.

Starbuck abanou a cabeça.

— Estou em dívida para consigo.

— Por quê, *mon ami*?

— Pela minha vida — respondeu Starbuck.

— Que disparate! Num campo de batalha, essas dívidas aparecem e desaparecem como sonhos de crianças.

— Mesmo assim, estou em dívida — insistiu Starbuck.

Lassan riu-se.

— É um verdadeiro puritano. Deixa que o receio do pecado o dirija como um cavaleiro. Está bem. Fico com o cavalo como castigo pelos seus pecados imaginados. Encontramo-nos em breve, sim?

— Espero que sim — asseverou Starbuck, mas só se o jogo em que estava a pensar desse resultados. Caso contrário, pensou, seria pendurado de uma trave alta numa manhã fria, e sentiu-se tentado a deitar fora o papel de Pinkerton. — Espero que sim — repetiu, resistindo à tentação.

— E lembre-se do que lhe ensinei — disse Lassan. — Aponte para baixo com os homens e bem alto com as mulheres. — Apertou a mão a Starbuck. — Boa sorte, meu amigo. — O francês foi apresentar-se ao quartel-general confederado, enquanto Starbuck caminhou lentamente para norte com os seus poucos despojos do campo de batalha. Tinha uma bela navalha de barba com cabo de marfim, um pequeno par de binóculos de ópera e um jarro de pedra de café frio. Bebeu o café enquanto andava, deitando fora o frasco vazio quando chegou aos campos onde a Brigada Faulconer estava acampada.

Chegara a altura de fazer aquilo que Sally lhe dissera para fazer havia tanto tempo; era altura de lutar.

Entrou no acampamento na altura em que os soldados eram dispensados da parada de oração da tarde. Evitou deliberadamente as linhas da Legião, dirigindo-se, em vez disso, às tendas do quartel-general que estavam agrupadas por baixo de dois pinheiros, aos quais tinham cortado os ramos para servirem de paus de bandeira. A árvore mais alta ostentava um estandarte de batalha confederado, a outra, ligeiramente mais baixa, tinha a bandeira adaptada a partir do brasão Faulconer, com o seu lema “Sempre Ardente.” Nelson, o criado do general Washington Faulconer, foi o primeiro homem a ver Starbuck no acampamento.

— Tem de se ir embora, senhor Starbuck. Se o senhor o vê, manda-o prender!

— Está tudo bem, Nelson. Disseram-me que o senhor Adam estava aqui?

— É verdade, senhor. E partilha a tenda do capitão Moxey, senhor, até que lhe encontrem uma nova. O senhor está muito feliz por ele estar de volta.

— O Moxey agora é capitão? — indagou Starbuck, divertido.

— É ajudante do general, senhor. E não devia estar aqui, senhor, não devia. O general não o suporta, senhor.

— Leva-me à tenda do Moxey, Nelson.

Era uma tenda grande, que servia não só de alojamento, mas também de gabinete de brigada. Havia duas camas de campanha, duas mesas compridas e duas cadeiras, tudo disposto em cima de um piso de tábuas de madeira. A cama de Moxey estava atulhada de roupas sujas e de equipamento descartado, enquanto a bagagem de Adam estava empilhada aos pés dos cobertores bem dobrados. As mesas tinham pilhas de documentos que a guerra tornava

necessários, pilhas essas presas por pedras que impediam que os formulários voassem com a brisa que entrava pelas abas da tenda.

Starbuck sentou-se numa das cadeiras desdobráveis de lona. A lona dava ao sol do meio-dia, na melhor das hipóteses deslavado, um tom amarelado doentio. Viu um revólver *Savage* entre os pertences espalhados na cama de Moxey e Starbuck pegou na arma no momento em que os primeiros oficiais começavam a regressar ao quartel-general. Os cavalos batiam as patas, criados e escravos corriam a segurar as rédeas, e os cozinheiros dos oficiais levavam a refeição da tarde para as mesas da messe. Starbuck viu que o *Savage* estava descarregado, mas, como era habitual no descuidado Moxey, havia um fulminante por disparar num dos cones. Girou o cilindro até que o fulminante ficasse na posição de disparo seguinte, e depois ergueu o olhar no momento em que o capitão Moxey baixou a cabeça para entrar por baixo das travessas. Starbuck sorriu, mas não disse nada.

Moxey olhou-o, de boca aberta.

— Não devias aqui estar, Starbuck.

— As pessoas estão sempre a dizer-me o mesmo. Começo a sentir-me indesejado, Moxey. Seja como for, aqui estou eu, por isso tu vais brincar para outro lado.

— Esta tenda é minha, Starbuck, por isso... — Moxey calou-se de repente quando Starbuck lhe apontou o revólver pesado. Moxey levantou as mãos. — Então, Starbuck. Por favor! Tem juízo!

— Pum — disse Starbuck, e depois puxou o gatilho inferior da arma que engatilhava o cão e fazia girar o cilindro. — Vai-te embora — ordenou-lhe.

— Então, Starbuck, por favor! — gaguejou Moxey, e depois gemeu quando Starbuck premiu o gatilho superior, fazendo o fulminante estalar com força. Moxey gritou e fugiu, enquanto Starbuck retirava os restos de cobre do cone. A tenda ficara cheia de uma pequena camada de fumo.

Adam entrou segundos depois. Parou ao ver Starbuck e o rosto ficou-lhe subitamente branco, embora talvez fosse apenas o efeito da filtragem de luz da lona.

— Nate — disse Adam, numa voz que não era nem acolhedora nem depreciativa, mas que mantinha um tom reservado.

— Olá, Adam — cumprimentou Starbuck alegremente.

— O meu pai...

— ... não vai gostar de me ver aqui — terminou Starbuck a frase pelo amigo.

— Nem o coronel Swynyard. E, por estranho que pareça, o Moxey também não está satisfeito com a minha presença, embora não faça ideia por que motivo me deva preocupar com aquilo que o Moxey pensa. Quero falar contigo.

Adam olhou para a arma na mão de Starbuck.

— Tenho andado a pensar onde é que poderias estar.

— Estive com o meu irmão James. Lembras-te do James? Estive com ele, e com o chefe dele, um homenzinho chamado Pinkerton. Ah, e também estive com o McClellan, não nos podemos esquecer do major-general McClellan, o Jovem Napoleão. — Starbuck espreitou para o cano do *Savage*. — O Moxey tem a arma tão suja. Se não a limpar, um dia destes ela rebenta-lhe com a mão. — Starbuck voltou a dirigir a atenção a Adam. — O James manda cumprimentos.

A tenda agitou-se violentamente quando um homem se baixou para entrar pelas abas. Era Washington Faulconer, com o rosto atraente afogueado com a raiva. O coronel Swynyard estava atrás do general, mas Swynyard manteve-se lá fora, à luz deslavada, enquanto Faulconer confrontava o seu inimigo.

— O que é que estás aqui a fazer, Starbuck? — indagou o general Faulconer.

— A falar com o Adam — respondeu Starbuck calmamente. Estava a reprimir o nervosismo. Poderia antipatizar com Washington Faulconer, mas o homem não deixava de ser um inimigo poderoso e um general.

— Levantas-te quando falas comigo — indicou Faulconer. — E baixa essa arma — acrescentou, quando Starbuck se levantou, obedientemente. Faulconer confundiu a obediência com subserviência. O general entrara na tenda com a mão direita no punho do seu próprio revólver, mas agora descontraía-se. — Ordenei que saíesses da minha Legião, Starbuck — lembrou — e quando dei essa ordem, queria dizer que tinhas de ficar bem longe dos meus homens. De todos os meus homens, e especialmente da minha família. Não és bem-vindo aqui, nem sequer como visita. Vais sair imediatamente.

O general falara com dignidade, mantendo a voz baixa para que os curiosos não ouvissem a troca que decorria no interior da tenda.

— E se eu não for? — perguntou Starbuck, no mesmo tom.

Um músculo contorceu-se no rosto de Faulconer, revelando que o general estava bastante mais nervoso do que revelado pela sua pose. A última vez que os

dois homens se tinham encontrado fora na noite da batalha em Manassas, e nessa altura fora Faulconer que saíra humilhado e Starbuck que triunfara. Faulconer pretendia vingança.

— Vais sair, Starbuck — asseverou o general, com toda a confiança. — Não há aqui nada para ti. Não precisamos de ti, nem te queremos, por isso podes rastejar de volta à tua família, ou àquela puta de Richmond, e podes ir pelos teus pés, ou então detido. Mas vais. Sou eu que mando aqui e estou a ordenar-te que saias. — Faulconer chegou-se ao lado e apontou para a porta da tenda. — Sai — reiterou.

Starbuck abriu o bolso de cima da casaca puída da farda que despira ao soldado morto da Carolina do Sul e tirou a Bíblia que James lhe dera. Olhou para Adam e viu que o amigo reconhecia o livro.

— Pai — interveio Adam em voz baixa.

— Não, Adam! — disse o general com firmeza. — Conheço bem a tua natureza, sei que vai apelar pelo teu amigo, mas não há apelo que lhe valha. — Faulconer olhou com desdém para Starbuck. — Guarda a tua Bíblia e sai. Se não, chamo a polícia militar.

— Adam? — incitou Starbuck o amigo.

Adam sabia a que se referia Starbuck. A Bíblia era o símbolo de James, e James era parceiro de Adam na espionagem. A consciência pesada de Adam era mais do que suficiente para associar a Bíblia à traição à causa do pai.

— Pai — repetiu Adam.

— Não, Adam! — insistiu Faulconer.

— Sim! — Adam proferiu a palavra num tom surpreendentemente alto, espantando o pai. — Tenho de falar com o Nate — asseverou Adam — e depois vou falar consigo. — A voz denotava um tom profundamente miserável.

Washington Faulconer sentiu a sua certeza a desmoronar-se, qual linha de batalha a desfazer-se sob o fogo dos canhões. Humedeceu os lábios.

— Sobre o que têm de falar? — perguntou ao filho.

— Por favor, meu pai!

— O que se passa? — quis Faulconer saber. Swynyard estava agachado junto às abas da tenda, a tentar ouvir. — O que se passa? — insistiu Faulconer. — Diz-me, Adam!

Adam, de rosto ainda pálido e macilento, limitou-se a abanar a cabeça.

— Por favor, pai.

Mas Washington Faulconer ainda não estava disposto a render-se. Voltou a levar a mão à pistola e olhou furiosamente para Starbuck.

— Já chega — declarou. — Não vou ficar aqui parado à espera que nos destruas outra vez a vida, por isso desaparece daqui. Já!

— General? — disse Starbuck num tom tão calmo e respeitoso que por momentos deixou Washington Faulconer espantado.

— O que foi? — perguntou Faulconer, desconfiado.

Starbuck ofereceu o esboço de um sorriso ao seu inimigo.

— Meu general, só lhe estou a pedir autorização para regressar à Legião. Nada mais, meu general, é só o que eu quero.

— Vou chamar a polícia militar — declarou o general Faulconer numa voz átona, e virou-se para a entrada da tenda.

— Para quem? — perguntou Starbuck num tom gelado a ponto de imobilizar Washington Faulconer. — Se eu não falar agora com o Adam — prosseguiu Starbuck desapiedadamente —, garanto-lhe que o nome Faulconer vai ficar na história da Virgínia a par do de Benedict Arnold. Vou arrastar a sua família tão profundamente pela lama que nem sequer os porcos se vão deitar nela. Vou desfazer o seu nome, general, e toda a nação vai cuspir nos bocados.

— Nate! — rogou Adam.

— Faulconer e Arnold. — Starbuck apresentou a ameaça e ao nomear o traidor, sentiu a elação de um jogador, a mesma sensação que o elevara no momento em que contornara o flanco ianque em Ball's Bluff. Chegara ali sozinho, armado unicamente com um pedaço impotente de papel, e estava a derrotar um general rodeado pela sua própria brigada. Starbuck tinha vontade de soltar uma gargalhada pelo êxito arrogante do momento. Era um soldado, estava a enfrentar um inimigo poderoso e estava a ganhar.

— Vamos falar! — disse Adam a Starbuck, e deu meia-volta na direção da entrada da tenda.

— Adam? — chamou-o o pai.

— Em breve, meu pai, em breve. Primeiro, o Nate e eu temos de falar! — declarou Adam ao sair para a luz do Sol.

Starbuck sorriu.

— É bom estar de volta à Legião, general.

Por um instante, Starbuck chegou a pensar que Washington Faulconer fosse soltar o revólver e puxá-lo, mas depois o general virou-se e saiu da tenda.

Starbuck seguiu-o. O general e Swynyard afastavam-se, dispersando a mole de espetadores que se tinha reunido para ouvir a conversa no interior da tenda. Adam pegou no braço de Starbuck.

— Anda — disselhe.

— Não queres falar aqui?

— Vamos andar — insistiu Adam, e levou Starbuck pelo círculo de oficiais assombrados e silenciosos. Atravessaram o campo e subiram ao cimo de um cabeço arborizado, onde cresciam olaias e álamos. As olaias estavam em flor, de um rosa forte e glorioso. Adam parou ao lado de uma árvore caída e virou-se para fitar o campo que se estendia em direção à cidade distante. — E então, quanto é que sabes? — perguntou a Starbuck.

— Quase tudo, imagino — respondeu Starbuck. Acendeu um dos seus charutos, depois sentou-se no tronco caído e observou o rasto de fumo distante de uma locomotiva. Imaginou que o comboio estivesse a transportar baixas para Richmond, mais corpos para os barracões de Chimborazo Hill, ou para os túmulos à sombra das flores em Hollywood.

— Quero que a guerra acabe, sabes? — Adam quebrou o silêncio. — Eu estava errado, Nate, sempre estive. Nunca devia ter vestido esta farda, nunca. Foi esse o meu erro. — Estava desorientado, inseguro, talvez nervoso com a imobilidade de Starbuck. — Não acredito na guerra — prosseguiu Adam, num tom de desafio. — Acredito que é um pecado.

— Mas não é um pecado partilhado de igual forma por ambos os lados?

— Não — admitiu Adam. — O Norte está correto a nível moral. Nós estamos errados. Consegues ver isso, não? De certeza que consegues.

Como resposta, Starbuck tirou o embrulho de oleado do bolso e desfez os pontos que o prendiam. Enquanto puxava o fio de algodão encerado apertado, contou a Adam como uma das cartas dele tinha sido intercetada quando Webster fora detido, como as autoridades tinham desconfiado de Starbuck como sendo o seu autor, e como, depois desse ordálio passado, fora enviado a atravessar as linhas para identificar o verdadeiro traidor.

— Foi um homem assustador de Richmond que me enviou, Adam. Queria saber quem tinha escrito aquela carta, mas eu sabia que tinhas sido tu. Ou pelo

menos imaginava que tivesses sido. — Starbuck tirou o pedaço bem dobrado de papel do embrulho de oleado. — Tenho de levar este papel a Richmond. É a prova que querem. Indica-te como o espião. — O papel não tinha nada do género; tratava-se apenas de uma lista de questões que Pinkerton e McClellan tinham redigido antes de o general ter contraído a febre do Chickahominy, mas no fundo da carta estava a impressão circular de um carimbo de borracha que dizia “Selado por Ordem do Chefe do Departamento de Serviços Secretos do Exército do Potomac,” e Starbuck deixou que Adam visse o selo antes de dobrar a carta num quadrado perfeito.

Adam estava demasiado assustado para contrapor a declaração de Starbuck de que o papel era a prova da sua culpa. Vira o selo e vira as precauções complexas que tinham sido tomadas para proteger o papel da humidade, e isso que vira era prova suficiente. Não fazia ideia de que era tudo um embuste, que o papel não o incriminava e que o homem assustador em Richmond de Starbuck jazia de cara branca num caixão. Verdade fosse dita, Starbuck tinha uma mão terrível de cartas, mas Adam sentia-se demasiado culpado para se aperceber de que o amigo estava a fazer *bluff*.

— E então, o que vais fazer? — perguntou Adam.

— Aquilo que não vou fazer — respondeu Starbuck — é ir ter com o homem muito assustador em Richmond para lhe dar esta carta. — Guardou a carta dobrada no bolso do peito, junto à Bíblia. — Aquilo que tu podes fazer — sugeriu Starbuck a Adam — é matar-me já. Depois podes levar a carta e nunca ninguém vai ficar a saber que foste um traidor.

— Eu não sou traidor! — irritou-se Adam. — Meu Deus, Nate, há um ano, isto era um país único! Tu e eu saudávamos a mesma bandeira, celebrávamos o Quatro de Julho juntos, e ficávamos de lágrimas nos olhos sempre que tocavam a “Star Spangled Banner.” Como é que posso ser um traidor se estou só a lutar por aquilo que me ensinaram a amar?

— Porque se fossem bem-sucedidos — disse Starbuck —, teriam morrido homens que eram teus amigos.

— Mas menos! — gritou Adam em protesto. Tinha lágrimas nos olhos quando se afastou de Starbuck para fitar o terreno verde que se encaminhava para os pináculos e para os telhados de Richmond. — Não compreendes, Nate? Que quanto mais tempo a guerra durar, mais mortes vai haver?

— Por isso ias acabar com a guerra sozinho?

Adam percebeu o escárnio.

— Ia fazer o correto, Nate. Lembras-te quando procuraste o correto? Quando rezaste comigo? Quando leste a tua Bíblia? Quando fazer a vontade de Deus era mais importante do que qualquer outra coisa? Pelo amor de Deus, o que é que te aconteceu?

Starbuck ergueu o olhar para o amigo zangado.

— Encontrei uma causa — explicou.

— Uma causa! — disse Adam com desprezo. — O Sul? Dixie? Nem sequer conheces o Sul! Nunca estiveste a sul de Rockett's Landing! Alguma vez viste os arrozais da Carolina do Sul? Já viste as plantações do delta? — A fúria de Adam era eloquente e feroz. — Se queres uma visão do inferno na terra, Nate Starbuck, vai ver o que estás a defender. Desce o rio, Nate, e ouve os chicotes, vê o sangue e assiste à violação das crianças! Depois vens falar-me da tua causa.

— E qual é a tua causa moral? — Starbuck tentou recuperar a superioridade na discussão. — Julgas que ao vencer esta guerra, o Norte vai fazer felizes os escravos? Julgas que ficam mais bem servidos do que os pobres nas fábricas nortistas? Já estiveste no Massachusetts, Adam, e viste as fábricas em Lowell, é essa a tua Nova Jerusalém?

Adam abanou a cabeça, pesaroso.

— A América já passou por essas discussões um milhar de vezes, Nate, depois tivemos eleições e resolvemos a discussão nas urnas, e foi o Sul que não quis aceitar a decisão. — Abriu as mãos, como se quisesse mostrar que não pretendia continuar com a velha discussão inútil. — A minha causa é fazer o que está certo, nada mais.

— E enganar o teu pai? — perguntou Starbuck. — Lembras-te do verão passado? Em Faulconer County? Perguntaste-me como podia eu ter medo do meu pai e não ter medo da batalha. Porque não dizes ao teu pai aquilo em que acreditas?

— Porque iria destruí-lo — respondeu Adam simplesmente. Ficou em silêncio, olhando para norte, para onde uma curva do Chickahominy mostrava um reflexo de luz na paisagem verde. — Sabes, pensei que pudesse fazer as duas coisas, que podia servir o meu país e o meu Estado, e que se a guerra acabasse

rapidamente, o meu pai nunca saberia que tinha traído um pelo outro. — Fez uma pausa. — E isso ainda pode acontecer. O McClellan só tem de se esforçar.

— O McClellan não consegue esforçar-se. O McClellan é um peru, só pose. Além disso, o McClellan julga que estamos em superioridade numérica. Garanti que assim fosse.

Adam arrepiou-se com o tom de Starbuck, mas não disse nada durante algum tempo. Depois suspirou.

— O James traiu-me?

— Ninguém te traiu. Percebi a situação sozinho.

— O esperto do Nate — comentou Adam com tristeza. — O esperto do Nate teimoso.

— O que fará o teu pai se descobrir que andavas a trair o Sul? — quis saber Starbuck.

Adam olhou-o.

— Vais contar-lhe? — perguntou. — Quase o fizeste, por isso agora vais contar-lhe o resto, é isso?

Starbuck abanou a cabeça.

— Aquilo que vou fazer, Adam, é dirigir-me àquelas tendas, vou encontrar o Pica-pau Bird e vou dizer-lhe que regressei para ser o capitão da Companhia K. É só isso que eu vou fazer, a menos que alguém volte a expulsar-me da Legião, altura em que vou a Richmond à procura de um velho mau e deixo que seja ele a tratar das coisas por mim.

Adam franziu o cenho com a ameaça velada.

— Porquê? — perguntou, após um silêncio.

— Porque é isso que sei fazer bem. Descobri que gosto de ser soldado.

— Na brigada do meu pai? Ele odeia-te! Porque é que não te vais juntar a outro regimento?

Starbuck perdeu um momento para responder. A verdade era que não tinha influência para se juntar a outro regimento, pelo menos enquanto capitão, pois o pedaço de papel que tinha só servia como arma contra a família Faulconer. Mas havia também uma verdade mais profunda. Starbuck começava a entender que a guerra não podia ser encarada a meio gás. Um homem não podia matar por matar, tal como um cristão não podia cortejar o pecado. A guerra tinha de ser abraçada, celebrada, bebida profundamente, e só um punhado de homens

sobrevivia a esse processo, mas esses poucos cruzavam a história como heróis. Washington Faulconer não era um desses homens. Faulconer gostava dos requintes dos cargos militares elevados, mas não tinha gosto pela guerra, e, de súbito, Starbuck viu claramente que se sobrevivesse às balas e às granadas, um dia lideraria aquela brigada fraca em combate. Haveria uma Brigada Starbuck, e quando tal dia chegasse, que Deus tivesse piedade dos inimigos.

— Porque não se foge dos inimigos — acabou finalmente por responder à pergunta do amigo.

Adam abanou a cabeça, num gesto desolado.

— Nate Starbuck — disse amargamente —, apaixonado pela guerra e pelo ofício de soldado. Isso é porque falhaste em tudo o resto?

— É a isto que pertenço. — Starbuck ignorou a pergunta amarga de Adam. — E tu não. Por isso, Adam, aquilo que tu vais fazer é convencer o teu pai a deixar-me ser o capitão da Companhia K da Legião. A maneira como o fazes é lá contigo. Não tens de lhe contar a verdade.

— Que mais lhe posso contar? — indagou Adam, em desespero. — Já o deste bem a entender.

— Tu e o teu pai têm duas opções — adiantou Starbuck —, ou fazem isto em privado, ou as coisas põem-se às claras. Acho que sei aquilo que o teu pai prefere. — Fez uma pausa e depois adornou o *bluff* com outra mentira. — E eu escrevo ao velho de Richmond a dizer que o espião morreu. Digo que foi morto em combate ontem. Afinal de contas, a tua carreira como espião chegou ao fim, não foi?

Adam ouviu o sarcasmo e franziu o cenho. Depois lançou um olhar duro a Starbuck.

— Lembra-te de que tenho outra opção.

— Ah, tens?

Adam desabotoou a alça que prendia o revólver ao coldre e sacou a arma. Era um dispendioso revólver *Whitney*, com apliques de marfim no punho e um cilindro gravado. Tirou um pequeno fulminante e escorvou uma das câmaras carregadas.

— Pelo amor de Deus, não te mates — exclamou Starbuck, alarmado.

Adam girou o cilindro para que a câmara carregada ficasse pronta a colocar-se por baixo do cão.

— Já cheguei a pensar no suicídio, Nate — admitiu, num tom calmo. — Na verdade, já pensei muitas vezes como seria uma bênção não ter de me preocupar com as atitudes certas, nem com o pai, nem com o facto de a Julia me amar ou não, ou de eu a amar a ela. Não achas que a vida é complicada? Meu Deus, para mim é tão confusa, salvo quando em oração, Nate, e com tudo o que pensei nas últimas semanas, cheguei a uma conclusão. — Gesticulou com o revólver carregado, abrangendo todo o horizonte. — Esta é a terra de Deus, Nate, e Ele pôs-nos aqui com um objetivo, que não era matarmo-nos uns aos outros. Acredito nos Estados Unidos da América, não nos Estados Confederados, e acredito que Deus fez os Estados Unidos para que fosse um exemplo e uma bênção para o mundo. Por isso não, não me vou matar, pois matar-me não vai aproximar o milénio da América um dia que seja, tal como nenhuma morte em batalha o aproximou. — Esticou o braço e baixou o cano da arma até ficar a apontar para a testa de Starbuck. — Mas tal como disseste, Nate, posso matar-te e nunca ninguém ficará a saber.

Starbuck fitou a arma. Via os cones pontiagudos das balas nas câmaras inferiores e sabia que uma dessas balas estava a encará-lo pelo cano escuro. A arma tremia ligeiramente na mão de Adam, e Starbuck olhou para o rosto pálido e sincero do amigo.

Adam engatilhou o revólver. O som do cão a prender-se pareceu muito alto.

— Lembras-te quando falávamos em Yale? — perguntou Adam. — Como nos orgulhávamos do facto de Deus fazer com que ser virtuoso fosse tão difícil? Era fácil ser pecador e muito difícil ser cristão. Mas tu desististe de tentar ser cristão, não foi, Nate? — A arma continuava a tremer, com o cano a refletir o derradeiro sol do dia. — Lembro-me de quando te conheci, Nate — prosseguiu Adam. — Costumava preocupar-me muito com as tribulações da vida, com a dificuldade de saber a vontade de Deus, e depois apareceste e pensei que as coisas não voltariam a ser assim tão difíceis. Pensei que nós os dois partilharíamos esse fardo. Pensei que iríamos percorrer juntos o caminho de Deus. Estava errado, não estava?

Starbuck não disse nada.

— Aquilo que me pedes para fazer — disse Adam — é aquilo que não tens força para fazer. Pedes-me que enfrente o meu pai e lhe destroce o coração.

Sempre pensei que fosses o mais forte de nós, mas estava errado, não estava? — Adam parecia à beira das lágrimas.

— Se tivesses coragem — ofereceu Starbuck —, não me matavas, ias lutar pelos Ianques.

— Já não preciso dos teus conselhos — disse Adam. — Já tive a minha dose dos teus malditos conselhos, Nate. — Depois premiu o gatilho.

A arma estrondeou, mas Adam levantara o cano no derradeiro momento, disparando contra a árvore sobre a cabeça de Starbuck. A bala desfez um grupo de flores de olaia, espalhando as pétalas sobre os ombros de Starbuck.

Starbuck levantou-se.

— Vou ter com a Legião. Sabes onde encontrar-me.

— Sabes o que chamam a esta árvore? — perguntou Adam quando Starbuck começou a afastar-se.

Starbuck virou-se e fez uma pausa, enquanto tentava perceber qual o truque da pergunta. Não encontrou nada.

— Olaia, porquê?

— Chamam-lhe árvore-de-judas, Nate. Árvore-de-judas.

Starbuck olhou para o rosto do amigo.

— Adeus, Adam — despediu-se.

Mas não teve resposta, e dirigiu-se sozinho à Legião.

— Ouviste as notícias? — perguntou Thaddeus Bird quando Starbuck se apresentou na sua tenda.

— Voltei.

— Pois voltaste — constatou Bird, como se o aparecimento súbito de Starbuck fosse algo perfeitamente normal. — O meu cunhado sabe que estás outra vez às ordens dele?

— Está a descobrir neste preciso momento. — Starbuck vira Adam a dirigir-se à tenda do pai.

— E achas que o general vai aprovar? — perguntou Bird, com dúvidas. Estivera a redigir uma carta e agora pousava a caneta na beira da caixa de tecidos que lhe servia de mesa.

— Não creio que me expulse da Legião.

— És um jovem muito misterioso, meu caro Starbuck. Bem, acredito que o senhor Truslow vá ficar satisfeito por te ver. Por algum motivo parece ter

sentido a tua falta. — Bird pegou na caneta e mergulhou o aparo em tinta. — Imagino que tenhas ouvido as notícias?

— Que notícias?

— Temos um novo comandante do exército.

— A sério? — disse Starbuck.

— Robert E. Lee. — Bird encolheu os ombros, como se sugerisse que era uma notícia de todo interessante.

— Ah.

— Exatamente. Ah. Parece que o presidente não confiava no Smith para substituir o Johnston, por isso a Avó Lee, o nosso Rei de Espadas, ficou com o cargo. Mas enfim, nem mesmo o Rei de Espadas pode ser pior do que o Johnston, não é verdade? Ou talvez possa. Talvez pelo menos possamos esperar que o Lee seja melhor do que a reputação que tem.

— O McClellan julga que o Lee padece de falta de força moral — comentou Starbuck.

— Tens a certeza disso, é, jovem Starbuck?

— Tenho sim, meu major. Foi o McClellan que mo disse a semana passada.

— Esplêndido, mas pronto, vai-te embora. — Bird acenou autoritariamente. Starbuck fez uma pausa.

— É bom estar de volta, meu major.

— Deita-te cedo, Starbuck, pois estamos de piquete a partir da meia-noite. O major Hinton dá-te as tuas ordens.

— Sim, meu major.

— E dá um dólar ao sargento Truslow.

— Um dólar, meu major?

— Dá-lhe um dólar! É uma ordem. — Bird fez uma pausa. — Fico satisfeito por estares de volta, Nate. Agora, vai-te embora.

— Sim, meu major. — Starbuck percorreu as linhas, escutando o som triste e distante de um violino. Contudo, a tristeza não o afetou, não agora, pois estava de volta ao sítio ao qual pertencia. O cabeça-de-cobre estava em casa.

EPÍLOGO

A companhia começou a morrer três semanas depois. Joseph May foi o primeiro. Tinha ido buscar água quando uma granada de morteiro perdida aterrou junto ao ribeiro. Os óculos novos foram-lhe arrancados do rosto, uma das lentes foi esmagada e a outra tão uniformemente coberta de sangue que se diria ser feita de vidro cor de rubi.

A Legião passou o dia à espera enquanto decorria a batalha a norte. Os canhões soaram do nascer ao pôr-do-sol, mas o fumo da pólvora nunca se dissipou, prova de que por mais ataques rebeldes que ocorressem, a linha ianque não seria obrigada a recuar. Ainda assim, nessa noite o exército nortista assumiu posições novas mais para leste, e ao amanhecer podia ouvir-se o som da abertura de trincheiras. Os rebeldes perceberam de imediato que seria uma tarefa árdua desalojar os casacas azuis e afastá-los ainda mais de Richmond. James Bleasdale morreu nessa manhã. Trepou a uma árvore para tirar ovos de um ninho e um atirador ianque acertou-lhe no pescoço. Estava morto quando caiu no chão. Starbuck escreveu à sua mãe, uma viúva, e tentou encontrar palavras que pudessem dar a ideia de que o filho não morrera em vão. “A sua falta será profundamente sentida,” escreveu Starbuck, mas não era realmente o caso. Ninguém gostava especialmente de Bleasdale, nem tampouco antipatizavam com ele. Uma saraivada de tiros anunciou que a expedição do sargento Truslow tinha localizado o atirador ianque, mas Truslow regressou desconsolado.

— O filho da mãe piscou-se — disse o sargento, e depois voltou-se para observar o major Bird. — Ele enlouqueceu.

O major Bird estava, de facto, a agir de forma mais estranha do que era hábito. Avançava pelo acampamento com um movimento curioso, quase de caranguejo, por vezes saindo disparado em frente alguns passos, depois detendo-se a pés juntos com um braço estendido, antes de subitamente se virar para trás e recomeçar a mesma sequência bizarra. De quando em vez interrompia o estranho propósito para informar um grupo de homens que deveria estar pronto a marchar em meia hora.

— Ele enlouqueceu — repetiu Truslow, depois de observar mais um pouco o estranho tique do major.

— Estou a aprender a dançar — anunciou Bird a Starbuck, e fez uma pirueta completa com uma parceira imaginária nos seus braços escanzelados.

— Porquê? — quis saber Starbuck.

— Porque a dança é uma capacidade que vem com os cargos elevados. O meu cunhado acaba de me promover a tenente-coronel.

— Parabéns, Pica-pau. — Starbuck mostrava-se genuinamente satisfeito.

— Parece que ele tem pouca escolha, agora que o Adam se afastou da contenda. — Não obstante o declarado desprezo pela hierarquia militar formal, Pica-pau Bird não conseguia esconder o seu agrado.

— Ainda teve menos escolha depois de toda a gente ter votado em si — rosnou Truslow.

— Votado! Julga que devo o meu elevado estatuto militar à mera democracia? À oclocracia? Eu sou um génio, sargento, ascendendo como um cometa através de oceanos de mediocridade. Também misturo metáforas. — Bird espreitou o jornal no regaço de Starbuck. — Estás a escrever metáforas à Mãe Bleasdale, Nate?

— Somente as mentiras do costume, Pica-pau.

— Então conta-lhe também algumas mentiras menos habituais. Diz-lhe que o filho medíocre foi promovido à glória, que foi liberto dos seus laços terrenos e agora canta no coro eterno. Diz-lhe que ele agora se encontra no regaço de Abraão. Sarah Bleasdale vai gostar disso, já que sempre foi uma tola. Meia hora, Starbuck, e depois marchamos. — Bird afastou-se a dançar, rodopiando com a sua parceira invisível sobre as poias de vaca no campo em que a Legião dormira ao relento.

O general Lee estava ao lado da estrada enquanto a Legião saía a marchar do acampamento. Montava num cavalo cinzento com as costas hirtas, rodeado pelo seu estado-maior e tocando no chapéu à passagem de cada companhia.

— Vamos escorraçá-los — disse a cada companhia em tom casual, e pelo meio foi metendo alguma conversa com Washington Faulconer. — Escorracem-nos, rapazes, escorracem-nos — repetiu Lee, desta feita à companhia que marchava imediatamente à frente da de Starbuck, e quando o general se voltou outra vez para Faulconer, descobriu que ele se afastara inexplicavelmente. — Aperte com eles, Faulconer! — disse Lee, intrigado com a súbita partida.

A saída abrupta de Faulconer não era mistério para a Legião, que tinha reparado quão assiduamente o seu general evitava a Companhia K. Jantara com os oficiais de cada um dos regimentos da sua brigada, mas ignorava a Legião sempre que tinha de reconhecer a presença de Starbuck. Faulconer disse a Swynyrd que pretendia evitar dar a ideia de mostrar favoritismo ao regimento que levava o seu nome, e por essa mesma razão afirmava ter decidido não nomear o filho comandante da Legião Faulconer, mas ninguém acreditava na história. Adam, dizia-se, estava doente na casa de campo do seu pai, ainda que alguns, como Bird e Truslow, suspeitassem que essa doença tivesse a ver com o regresso de Starbuck. O próprio Starbuck recusava falar do assunto.

— Escorracem-nos, rapazes, escorracem-nos — disse Lee à Companhia K, levando a mão ao chapéu. Atrás do general, uma parte do bosque estava destroçado e enferruscado pelo combate da véspera. Um destacamento de negros recolhia cadáveres, arrastando-os para uma sepultura recém-escavada. Um pouco mais à frente, outro negro estava pendurado de uma árvore com um aviso mal escrito preso ao peito. “Este preto serbiu de guia prós Ianqis,” dizia a placa. Lee, seguindo atrás da Companhia K, ordenou, furioso, que o cadáver fosse retirado.

Lee separou-se da Legião num cruzamento em que uma taberna oferecia alojamento por cinco cêntimos. Um grupo de desconsolados prisioneiros do Norte estava sentado nos degraus da taberna, à guarda de um par de soldados da Geórgia que não pareciam ter mais de catorze anos. Uma granada explodiu no ar a oitocentos metros dali, fazendo súbita e silenciosamente fumo no céu. O som só chegou um instante mais tarde, e depois um matraquear de mosquetes quebrou o silêncio matinal para assustar um bando de pássaros das árvores. Uma bateria de canhões confederados aprestou-se num campo à direita da estrada. Homens em manga de camisa afastaram os cavalos dos canhões enquanto outros artilheiros enchiam baldes com água das valas. Todos tinham o aspeto eficiente e tranquilo de operários que se dedicavam aos assuntos do dia.

— Coronel Bird! Coronel Bird! — O capitão Moxey avançava ao lado da Legião, mas em sentido oposto ao da sua marcha. — Onde anda o coronel Bird?

— No bosque — respondeu o sargento Hutton.

— O que anda ele a fazer no bosque?

— O que é que acha?

Moxey voltou o cavalo.

— Tem de se apresentar ao general Faulconer. Ali adiante há um moinho. — Apontou para uma estrada transversal. — Ele que vá até lá. Chama-se Moinho de Gaines.

— Nós dizemos-lhe — asseverou Truslow.

Moxey chamou sem querer a atenção de Starbuck e sem demora esporeou o cavalo para o fazer afastar.

— Hoje não o vamos ver perto das balas — comentou secamente Truslow.

A Legião aguardou à margem da estrada enquanto Bird foi informado do seu destino. Os ianques estavam claramente ali perto, pois havia granadas rebeldes a explodir por cima de uns bosques próximos. Tiros de espingardas faziam-se ouvir em salvas súbitas, como se os escaramuceiros de ambos os lados estivessem a sondar o terreno para estabelecer contacto. A Legião esperou, à medida que o Sol se ia erguendo. Algures à frente deles, uma grande nuvem de pó elevava-se no ar, prova de que o trânsito de carroças era intenso na estrada, mas ninguém podia afirmar se se tratava de ianques em retirada ou de rebeldes a avançar. A manhã passou-se e a Legião tomou um almoço frio, composto de biscoitos, arroz integral e água.

Bird regressou logo depois do meio-dia e reuniu os oficiais. Oitocentos metros à frente da Legião, disse ele, estava uma cintura de bosque. As árvores escondiam um vale pronunciado através do qual passava um ribeiro pantanoso na direcção do Chickahominy. Os ianques estavam lá entrincheirados, na margem oposta do ribeiro, e a tarefa da Legião consistia em afugentar os filhos da mãe.

— Somos a linha de vanguarda — disse Bird aos oficiais da sua companhia. — Os rapazes do Arcansas vão estar à nossa esquerda, e o resto da Brigada vai estar atrás de nós.

— E o brigadeiro vai estar atrás deles — gracejou o capitão Murphy no seu suave sotaque irlandês.

Bird fez de conta que não ouviu o chiste.

— O rio não está muito atrás dos ianques — disse. — E Jackson está em marcha para os isolar, portanto talvez hoje os consigamos quebrar duma vez por todas. — Stonewall Jackson tinha trazido o seu exército para a península depois de afugentar os ianques do vale do Shenandoah. As tropas nortistas no Shenandoah eram mais numerosas do que as de Jackson, mas ele tinha primeiro

marchado em círculos em seu redor, depois tinha-lhes infligido uma derrota, e agora as suas tropas estavam às ordens de Lee e enfrentavam o exército pesado e hesitante de McClellan. Esse exército, depois da luta em torno dos sete pinheiros na encruzilhada, não avançara nem recuara, tendo, em vez disso, estado atarefado a estabelecer uma nova base logística no rio James. Jeb Stuart tinha desdenhosamente conduzido duzentos cavaleiros rebeldes em torno de todo o exército nortista, escarnecendo da impotência de McClellan e dando um novo herói a cada patriota sulista. O coronel Lassan tinha acompanhado Stuart e trazido notícias da cavalgada até Starbuck.

— Foi magnífico! — exclamara Lassan. — Digno da cavalaria francesa! — Trouxera consigo três garrafas de brandy ianque pilhado, que partilhou com os oficiais da Legião enquanto ocupava a tarde a contar histórias de batalhas longínquas.

Não obstante, McClellan não se deixaria derrotar por cavaleiros, por mais brilhantes que fossem, mas teria de ser a infantaria, como aquela que Bird agora conduzia para os bosques acima do ribeiro. O dia estava escaldante. A primavera tinha-se tornado verão, as flores já tinham desaparecido, e as estradas lamacentas da península tinham secado numa crosta quebradiça que se desfazia em pó sempre que homens ou os cavalos a pisavam.

Bird dispôs oito companhias da Legião numa linha de duas alas. O pequeno batalhão do Arcansas formou à esquerda da Legião, a par dos homens de Starbuck. Ergueram os estandartes. Um era uma bandeira confederada antiga, com três listas, enquanto a outra era um estandarte negro com uma cobra branca grosseiramente representada no centro.

— Não é realmente a nossa bandeira — confidenciou a Starbuck o major do Arcansas —, mas gostámos dela e por isso trouxemo-la connosco. Um bando de garotos de Nova Jérnia teve-a antes de nós. — Cuspiu um jorro de suco de tabaco viscoso, e disse a Starbuck que ele e os seus homens tinham chegado a Richmond como voluntários no início da guerra. — Alguns dos rapazes quiseram ir para casa, no Arcansas, logo a seguir a Manassas, e eu consegui entender isso, mas continuei a dizer-lhes que havia mais ianques vivos aqui do que em casa, e por isso acho que eles foram ficando para fazer alguma matança. — O seu nome era Haxall e o seu batalhão contava apenas com cerca de duzentos homens, todos eles magros e com ar tão doente como o próprio Haxall.

— Boa sorte para si, capitão — disse a Starbuck, e deixou-se engolir novamente pelo pequeno batalhão exatamente quando o coronel Swynyard deu a ordem para avançar. Passava do meio-dia, por isso Swynyard já tinha alguma dificuldade em manter-se na sela; à tarde estaria incoerente e à meia-noite inconsciente.

— Avante! — gritou novamente Swynyard, e a Legião marchou para o bosque sombrio.

— Alguém aqui sabe onde estamos? — perguntou o sargento Hutton à Companhia K.

Ninguém sabia. Era apenas mais um pedaço de terreno arborizado e pantanoso por cima do qual começavam a rebentar granadas. Starbuck podia ouvir os projéteis a passar pelas árvores, e de quando em vez um restolhar de folhas dava a entender onde uma granada atravessava a camada superior de ramagem. Alguns projéteis explodiam por entre as árvores, outros rugiam sobre a legião a caminho da bateria confederada no campo atrás deles. Os canhões rebeldes responderam, enchendo o céu com o lamento tonitruante de um duelo de artilharia.

— Escaramuceiros! — chamou o major Hinton. — Avance, Nate! — acrescentou mais casualmente, e a companhia de Starbuck quebrou obedientemente as fileiras e correu a formar uma linha dispersa uns cinquenta passos à frente das outras companhias. A companhia de Starbuck formava equipas de quatro homens, ainda que Starbuck, na qualidade de oficial, estivesse sozinho, o que de repente o fez sentir-se demasiado visível. Não envergava nada que fizesse saber ao inimigo que se tratava de um oficial; nada de espada, nada de debruados no uniforme, nada de barra metálica no colarinho, mas a sua simples solidão parecia torná-lo subitamente um alvo. Observou a linha das árvores, interrogando-se se escaramuceiros nortistas estariam aí à espera ou, pior ainda, se as sombras verdes escondiam um leque de atiradores com as suas miras telescópicas e espingardas mortíferas. Conseguia sentir o próprio bater do coração e cada passo requeria um esforço deliberado. Manteve instintivamente a coronha de madeira da sua espingarda sobre as virilhas. Uma granada explodiu apenas a alguns metros e um estilhaço metálico saltou-lhe perto do ombro.

— Contente por estares de volta? — gritou-lhe Truslow.

— Foi assim que sempre sonhei passar as minhas tardes de sexta-feira, sargento — respondeu Starbuck, espantado por a sua voz soar tão descuidada.

Olhou em redor para se certificar de que os seus homens não se atrasavam e ficou espantado ao ver que a Legião era apenas uma pequena parte de uma imensa linha cinzenta de infantaria que se estendia mais de oitocentos metros para a sua esquerda. Até se esqueceu do receio por uns segundos, enquanto contemplava os milhares de homens na sua linha irregular de ataque, que caminhavam para diante à sombra das suas bandeiras reluzentes.

Uma granada explodiu à frente de Starbuck, chamando novamente a sua atenção para as árvores. Apressou-se a passar sobre um pedaço de erva chamuscada em que fumegava um fragmento de granada. Soou outra explosão, agora atrás de Starbuck, e tão forte que pareceu soprar uma onda de ar quente na paisagem de verão. Starbuck voltou-se para ver que uma granada ianque acertara numa carroça carregada com munições da artilharia. O fumo elevava-se do veículo desfeito e um cavalo sem cavaleiro coxeou para longe das chamas. Um canhão ali perto disparou, expulsando a sua granada com uma pluma de fumo de uns vinte metros. A erva afastou-se com a onda de choque saída da boca da arma. A segunda linha de homens da Brigada Faulconer estava a posicionar-se, e algures uma banda estava a tocar a popular canção de Richmond “Deus defenderá os justos.” Starbuck desejou que os músicos tivessem escolhido algo mais melódico, e então esqueceu a música enquanto se embrenhava no arvoredo, cujas folhas coavam de tons verdes a luz do dia. Um esquilo fugiu por entre o bolor das folhas.

— Quando comemos esquilo pela última vez? — perguntou a Truslow.

— Comemos bastantes enquanto estiveste fora — respondeu o sargento.

— Gosto de esquilo frito — comentou Starbuck. Um ano antes sentir-se-ia enojado perante a simples ideia de comer esquilo, ao passo que agora tinha a preferência de um soldado por esquilos jovens fritos. Os animais mais velhos eram bastante mais rijos e sabiam melhor guisados.

— Esta noite vamos comer rações ianques — garantiu Truslow.

— Isso é certo — asseverou Starbuck. Onde diabo estariam os escaramuceiros inimigos? Onde estariam os seus atiradores? Uma granada rasgou as copas das árvores, fazendo esvoaçar os pombos. Onde, já agora, estaria o ribeiro e o pântano? Viu então o rebordo de um vale mais à frente, e adiante dele as árvores altas da encosta oposta, e por baixo dessas árvores vislumbrou terra fresca, o que o fez compreender que os ianques estavam entrincheirados na encosta afastada,

a qual lhes iria servir de reduto gigante. — Corram! — bradou. — Corram! — Soube instintivamente o que estava prestes a acontecer. — À carga! — vociferou.

E então o mundo explodiu.

Toda a encosta afastada do vale pareceu ficar envolta num súbito nevoeiro. Num momento o outro lado do vale era folhas e arbustos, no outro era uma camada de fumo branco. O som chegou um instante mais tarde, e com ele uma saraivada de balas que rasgaram e estilhaçaram a floresta. Homens na encosta oposta estavam a gritar e a festejar; homens na encosta de Starbuck estavam a morrer.

— O sargento Carter foi atingido! — gritou alguém.

— Continuem a correr! — berrou Starbuck. Não fazia sentido manter-se no rebordo do vale para ser vítima dos ianques. O fumo da pólvora estava a dissipar-se e ele pôde ver uma massa de infantaria vestida de azul que se acoitava nas árvores longínquas ao passo que, na crista acima dela, uma linha de canhões estava protegida por parapeitos acabados de erguer. Tiros de espingarda iluminaram a linha azul, depois os canhões dispararam e criaram rolos de fumo cinzento-claro entre as árvores. Um homem gritou quando foi esventrado por um tiro de metralha, outro rastejou a sangrar até ao grosso da Legião que avançava para o bosque atrás dos escaramuceiros. As árvores por cima de Starbuck soavam como se uma súbita rajada de vento lhes tivesse arrancado os ramos. Dispararam mais canhões, e de repente todo o bosque estava cheio com o uivo da metralha. As balas de espingarda assobiavam. O medo era como vômito nas entranhas de Starbuck, mas a sobrevivência dependia de continuar para diante e para baixo, até ao vazio verde do vale. Saltou o rebordo e deixou-se escorregar pela encosta abrupta. Os homens do Arcansas ululavam o grito rebelde. Um deles vinha aos trambolhões pela encosta, manchando de sangue as folhas atrás de si. O fogo de canhão ianque era um som constante, acompanhado por um matraquear sustido e entorpecente à medida que centenas de espingardas abriam fogo sobre o pequeno vale. Amos Parks foi atingido na barriga, atirado para trás com a força de um coice de mula. Mais metralha foi esmagar-se nas árvores acima deles, fazendo cair uma chuva de restos de folhas e ramagem. A única esperança da Legião residia então em continuar a correr e tomar de assalto o inimigo graças à velocidade.

— Baionetas! — gritou Haxall, à esquerda de Starbuck.

— Continuem a correr! — bradou Starbuck aos seus homens. Não queria que eles abrandassem para calar as baionetas desajeitadas. Era melhor continuar a avançar até ao lamaçal no fundo do vale, no qual um pedaço de água negra e estagnada estava pejado de árvores despedaçadas, troncos caídos e margens lamacentas. A água sem dúvida corria algures no meio do lamaçal, mas Starbuck não conseguia perceber onde. Alcançou o sopé da encosta e saltou para um tronco caído, e logo a seguir para uma margem de erva luxuriante. Uma bala levantou a água à sua frente, outra estilhaçou um pedaço de madeira apodrecida de um tronco. Chapinhou através da água e depois escorregou ao tentar subir a margem coberta de lama. Caiu para a frente na erva, protegido dos ianques à frente e mais acima por um enorme, negro e meio apodrecido tronco de árvore. Sentiu a tentação de ficar para trás abrigado no tronco, mas sabia que a sua tarefa era manter os seus homens em movimento. — Vamos lá! — gritou, e interrogou-se por que motivo já ninguém estaria a bradar o grito rebelde, mas mesmo quando estava a tentar erguer-se, uma mão acertou-lhe em cheio nas costas e forçou-o a mergulhar.

Fora o sargento Truslow a empurrá-lo para baixo.

— Esquece isso! — disse Truslow. Toda a companhia estava por terra. Não só a companhia, mas sim toda a Legião. Na verdade, todo o ataque rebelde tinha procurado abrigo porque o vale inteiro estava a ser fustigado por balas ianques, cheio com o silvo da metralha e espesso com o fumo de pólvora. Starbuck ergueu a cabeça e viu o rebordo afastado do vale envolto em fumo por cima do qual ondulavam as riscas vermelhas e brancas dos estandartes ianques. Uma bala veio esmagar-se no tronco apenas a centímetros do seu rosto, fazendo-lhe saltar uma farpa para a face. — Mantém a cabeça para baixo — rugiu Truslow. Starbuck rodou. Os únicos homens à vista eram os mortos. Os demais estavam agachados por trás de árvores ou abrigados no matagal. O grosso da Legião estava ainda no topo da encosta, deitado por terra no bosque maior. Apenas os escaramuceiros tinham alcançado o fundo do vale, e nem todos eles o tinham feito em segurança. — O Carter Hutton está morto — informou Truslow — por isso só Deus sabe como a mulher dele se vai arranjar.

— Ele tinha filhos? — perguntou Starbuck, e repreendeu-se por ter de perguntar. Um oficial deveria saber estas coisas.

— Um rapaz e uma rapariga. O rapaz é um idiota baboso. O doutor Billy devia tê-lo estrangulado à nascença, como costuma fazer. — Truslow ergueu a espingarda por cima do tronco, apontou por instantes, depois disparou e agachou-se logo. — A rapariga é surda que nem uma porta. O Carter nunca deveria ter-se casado com a maldita mulher. — Rasgou um cartucho com os dentes. — As mulheres daquela família têm todas ninhadas fracas. Não vale a pena casar pelo aspeto. Casa-se pela força.

— E você casou por que motivo?

— Aspeto, claro.

— Pedi à Sally que se casasse comigo — confessou Starbuck, atrapalhado.

— E?

Starbuck ajoelhou-se, apontou a espingarda ao topo da encosta, puxou o gatilho, e deixou-se cair apenas um instante antes de um vespeiro de balas se esmagar contra a árvore.

— Ela recusou — confessou.

— Então quer dizer que a rapariga ainda tem algum bom senso? — Truslow ofereceu um sorriso trocista. Estava a recarregar a espingarda, fazendo-o deitado. Os ianques estavam a festejar terem detido tão facilmente o ataque confederado, mas então um grito rebelde anunciou a chegada da segunda linha da Brigada Faulconer e o fogo ianque pareceu redobrar, à medida que desfazia estes novos atacantes por entre as árvores. Alguns homens da primeira linha conseguiram passar sobre a borda do vale e tropeçaram pela encosta para encontrar abrigo. Os canhões dispararam à queima-roupa, deitando abaixo homens da linha cinzenta. Starbuck estava tentado a avançar mais uns metros, mas o segundo assalto ficou pelo caminho ainda mais depressa que o primeiro e o fogo das espingardas ianques voltou-se de novo para o fundo do vale, onde a água e a lama eram salpicadas pelas balas. — Os sacanas estão agitados, esta tarde — rosnou Truslow.

— Acho que vamos ficar por aqui até anoitecer — disse Starbuck, e depois arrancou uma bala do cartucho com os dentes. Despejou a pólvora no cano, depois cuspiu a bala para lá. — Só a escuridão nos vai tirar daqui.

— A menos que os sacanas corram — aventou Truslow, embora sem grande otimismo. — Uma coisa te digo. Não vamos ver o Faulconer aqui em baixo. Ele vai manter as calças secas. — Truslow tinha encontrado um nicho na árvore

tombada que lhe oferecia uma visão oblíqua pela encosta inimiga acima. A maior parte dos inimigos tinha-se abrigado em trincheiras, mas Truslow encontrou um bom alvo na crista e apontou cuidadosamente. — Apanhei-te — disse, e depois puxou o gatilho. — Ela recusou-te mesmo?

— Deu-me um sermão — disse Starbuck, empurrando a nova bala cano abaixo.

— Ela é das difíceis — afirmou Truslow com admiração relutante. Uma salva de metralha desfez os ramos de cima, provocando uma chuva de ramos e folhas.

— Tem a quem sair — comentou Starbuck. Ajoelhou-se, disparou, e abrigou-se de novo. À medida que as balas de resposta se enterravam no tronco, interrogou-se o que acarretaria o novo trabalho de Sally. Não tinha havido ocasião para visitar Richmond, nem voltaria a haver até os ianques serem escoraçados da cidade, mas quando isso sucedesse, tanto ele como Truslow pretendiam visitar Sally. Starbuck tinha outros afazeres na cidade. Pretendia fazer uma visita social ao tenente Gillespie. A antecipação dessa vingança era um prazer pelo qual ansiava, tal como ansiava ver novamente Julia Gordon. Isso, se por acaso ela o recebesse, pois suspeitava que a sua lealdade a Adam iria provavelmente manter fechada a sua porta.

Os nortistas começaram a troçar dos rebeldes imóveis.

— Perdeste a coragem? O que se passa com o teu grito, Johnny? Os teus escravos não te valem agora! — As provocações detiveram-se abruptamente quando a artilharia rebelde conseguiu por fim apontar à crista mais afastada e começou a fazer chover granadas sobre o inimigo. Truslow arriscou uma mirada rápida encosta acima.

— Estão bem entrincheirados — comentou.

Demasiado bem para serem facilmente desalojados, reconheceu Starbuck, o que significava que a companhia enfrentava uma espera longa e quente. Despiu a casaca cinzenta e deixou-a cair ao lado da árvore tombada, sentando-se em seguida de costas contra o tronco em decomposição para tentar determinar onde estavam abrigados os seus homens. Só os mortos estavam à vista.

— Quem é aquele? — perguntou, apontando para um cadáver que estava de barriga para baixo e de braços abertos numa poça de água a uns trinta metros. Havia um enorme buraco na farda cinzenta, pelo qual passava uma confusão de sangue, moscas, e o brilho branco de uma costela.

— Felix Waggoner — informou Truslow depois de dar uma olhadela.

— Como é que sabe que não é o Peter? — quis saber Starbuck. Peter e Felix eram gémeos.

— Hoje era a vez de o Felix usar as botas em bom estado — explicou Truslow.

Um homem gemia algures, mas ninguém se podia mover para o ajudar. O vale era uma armadilha mortal. Os canhões ianques não podiam apontar suficientemente baixo para varrer o fundo do vale com metralha, mas os atiradores nortistas tinham uma excelente linha de visão sobre alguém que tentasse mexer-se através do pântano, e por isso os feridos teriam de sofrer.

— Starbuck! — gritou o coronel Bird, algures por trás da borda do vale. — Podes mexer-te?

— Vá lá, Starbuck! Mexe-te! — gritou um ianque, e de repente uma dúzia de inimigos estava a entoar o seu nome, fazendo troça dele, convidando-o a tentar a sua sorte contra as espingardas.

— Não, Pica-pau! — gritou Starbuck. O bosque ficou novamente silencioso, ou pelo menos tão silencioso quanto pode ficar uma batalha. Um duelo de artilharia ainda escurecia o céu acima deles, e mais ou menos a cada meia hora um crescendo de fogo de espingarda e de gritaria marcava mais outra tentativa rebelde de fazer passar uma brigada ou batalhão através do pântano, mas os ianques estavam numa posição de força e não iriam perdê-la. Eram a retaguarda, disposta a norte do Chickahominy, para proteger as pontes, enquanto o resto do exército atravessava para o outro lado da península que McClellan declarara ser a sua nova base de operações. Até então, os vapores tinham descarregado os mantimentos quer no Forte Monroe quer em West Point, no rio York, mas de então em diante iriam navegar até Harrison's Landing, no rio James. McClellan descreveu a sua deslocação para sul como uma mudança de base, e tinha declarado ser uma manobra “sem paralelo nos anais da guerra”, mas para a maior parte dos seus soldados, esta mudança de base assemelhava-se mais a uma retirada, razão pela qual tiravam tanta satisfação em fustigar os rebeldes até os silenciar no fundo deste vale febril que ficava quilómetro e meio a norte do rio Chickahominy. E cada hora que mantinham os rebeldes ao largo era mais uma hora na qual homens do exército nortista podiam atravessar as precárias pontes do rio para a segurança fugaz da margem sul.

Starbuck tirou a Bíblia do irmão do bolso do casaco, folheou as páginas em branco no final, e usou um toco de lápis para anotar os nomes dos homens que tinham morrido até então naquela tarde. Já sabia do sargento Carter Hutton, de Felix Waggoner, e de Amos Parks, mas agora descobriu mais seis nomes ao chamar os homens em seu redor.

— Fomos bem castigados — disse Starbuck ao pousar a Bíblia por cima da casaca estendida.

— É verdade. — Truslow disparou através da sua ranhura no tronco, e a pluma de fumo que levantou foi suficiente para atrair uma resposta irada de uma porção de nortistas. As balas escavaram a madeira podre, levantando lascas. Um homem do Arcansas disparou, depois outro da Companhia K, mas os tiros eram agora esporádicos. Já não havia reservas para despejar nesta parte do vale, e o general Faulconer não estava a fazer qualquer esforço para fazer sair os seus homens dos esconderijos lamacentos. Mais acima no vale, bem longe da vista de Starbuck, um ataque mais discreto estava a provocar uma tempestade de fogo de balas e tiros de canhão, que foi esmorecendo lentamente com o falhanço do ataque rebelde.

Uma cobra negra deslizou no sopé do lamaçal em que Starbuck e Truslow tinham encontrado abrigo. Tinha uma marca em forma de diamante na parte de trás da cabeça.

— Uma mocassim? — perguntou Starbuck.

— Estás a aprender — elogiou-o Truslow. A cobra parou na borda da água, saboreando o ar com a sua língua, depois nadou rio acima e desapareceu num emaranhado de ramos caídos. Tinha começado um incêndio no lado afastado do vale, queimando e crepitando nas folhas mortas debaixo de uma árvore. Starbuck coçou a barriga e descobriu que uma dúzia de carraças se tinham enterrado na sua pele. Tentou puxar as carraças, mas as suas cabeças quebraram e o resto ficou-lhe enterrado na carne. O calor da tarde era denso e húmido, o pântano estagnado. A água no seu cantil sabia a sal e estava quente. Espalmou um mosquito. Algures rio acima, fora do campo de visão e já depois da curva do vale, devia ter começado outro ataque, pois ouviu-se de repente o matraquear do fogo e gritos. O ataque durou dois minutos e depois fracassou. — Sacanas desgraçados — praguejou Truslow.

— Vamos lá, rebeldes! Não se acanhem! Também temos balas que cheguem para vocês! — gritou um ianque, e depois riu-se perante o silêncio rebelde.

O dia parecia estar a ficar ainda mais quente. Starbuck não tinha relógio e tentou avaliar a passagem da tarde pelo movimento das sombras, mas quase parecia que o Sol não se mexia.

— Talvez não venhamos a comer rações ianques esta noite — vaticinou.

— Eu estava ansioso por algum café — refletiu Truslow.

— Ultimamente, cada quilo de café verdadeiro custa trinta dólares em Richmond — informou Starbuck.

— Não pode ser.

— Claro que pode — asseverou Starbuck, depois rodou para o outro lado, ergueu a cabeça, e apontou a espingarda à ranhura de um abrigo na encosta oposta. Disparou e baixou-se, esperando a fuzilada retaliatória do costume na direção do tronco, mas em vez disso os ianques começaram a gritar uns aos outros que cessasse o fogo. Um par de balas embateu no tronco, mas logo de seguida uma voz com autoridade exigiu o cessar-fogo aos nortistas. Alguém perguntou ansioso o que se estava a passar, e então um grupo de vozes gritou que era seguro. Truslow olhava espantado para o lado do vale detido pelos rebeldes.

— Filho da mãe — disse, boquiaberto.

Starbuck voltou-se.

— Santo Deus — exclamou. Os nortistas tinham cessado o fogo e agora Starbuck gritava para ter a certeza que os seus próprios homens faziam o mesmo. — Não disparem! — ordenou. O coronel Bird estava a gritar a mesma ordem do topo da encosta.

Porque Adam tinha chegado ao campo de batalha.

Não fazia o mínimo esforço para se esconder, simplesmente deambulando como se estivesse a tirar partido de um passeio ao final da tarde. Estava vestido com roupas civis e não estava ferido, ainda que não tivesse sido isso a persuadir os ianques a cessar o fogo, mas sim a bandeira que ele trazia. Adam empunhava uma bandeira dos Estados Unidos, que fazia ondular para um lado e para o outro, à medida que caminhava lentamente encosta abaixo. Assim que os disparos pararam, ele embrulhou-se na bandeira como se ela fosse uma capa.

— Ele endoideceu de vez — comentou Truslow.

— Não me parece. — Starbuck pôs as mãos em concha e gritou o nome dele:
— Adam!

Adam mudou de direção, descendo rumo a Starbuck.

— Estava à tua procura, Nate! — disse, bem-disposto.

— Baixa a cabeça!

— Porquê? Ninguém está a disparar. — Adam olhou para cima na encosta ianque e alguns dos nortistas saudaram-no. Outros perguntaram o que ele queria, mas como resposta limitou-se a acenar-lhes.

— Que diabos estás tu a fazer? — Starbuck mantinha a cabeça abaixo do parapeito improvisado e marcado por balas que era o seu tronco apodrecido.

— O que me disseste para fazer, é claro. — Adam fez um esgar porque precisou de atravessar uma extensão de pântano imundo e estava com os seus melhores sapatos. — Boa-tarde, Truslow. Como vai?

— Já estive melhor, quer-me parecer — respondeu Truslow com uma voz desconfiada.

— Estive com a sua filha em Richmond. Lamento ter sido indelicado para com ela. Pode transmitir-lhe as minhas desculpas? — Adam coxeou através da lama e da água para alcançar o pedaço de terra mais seca em que Truslow e Starbuck estavam abrigados. Manteve-se de pé e sem cuidados, como se não estivesse a decorrer batalha alguma. Nem, de momento, estava a decorrer qualquer batalha naquela parte do vale. Em vez disso, homens de ambos os lados tinham abandonado os abrigos para fixar Adam e perguntar-se exatamente que tipo de tolo se iria meter tão temerariamente num ninho de fogo de espingarda. Um oficial ianque gritou-lhe para saber o que ele queria, mas Adam acenou novamente como que dando a entender que tudo seria explicado a breve trecho.
— Estavas certo, Nate — disse ele a Starbuck.

— Adam, por amor de Deus, baixa-te!

Adam sorriu.

— Por amor de Deus, Nate, eu vou é para cima. — Gesticulou na direção da encosta inimiga. — Estou a fazer o que tu fizeste, estou a mudar de lado. Vou lutar pelo Norte. Estou a desertar, pode dizer-se isso. Queres vir comigo?

— Baixa-te mas é, Adam.

Em vez de procurar abrigo, Adam olhou bem em redor naquele vale verde e húmido, como se fosse um lugar em que não havia mortos a infestar o ar

estagnado.

— Não temo qualquer mal, Nate. Nunca mais. — Levou a sua mão ao bolso do casaco e retirou de lá um maço de cartas atadas com uma fita verde. — Podes certificar-te de que elas chegam à mão da Julia?

— Adam! — implorou Starbuck da lama.

— Essas são as cartas dela. Deve recebê-las de volta. Não quis vir comigo, entendes. Perguntei-lhe e ela disse que não, e então as coisas ficaram algo amargas, e o resumo da história é que não nos vamos casar. — Atirou as cartas para cima do casaco de Starbuck e reparou na Bíblia. Debruçou-se, pegou nas Escrituras, e folheou as páginas. — Ainda a ler a Bíblia, Nate? Já não parece o teu estilo de livro. Teria imaginado que ficasses mais feliz com um manual de matança de porcos. — Olhou para cima, para os olhos de Starbuck. — Porque não te ergues agora, Nate, e vens comigo? Salva a tua alma, meu amigo.

— Baixa-te!

Adam riu-se com o medo de Starbuck.

— Estou a fazer o trabalho de Deus, Nate, e por isso Deus toma conta de mim. Mas tu? Tu és um cavalo de outra cor, não és? — Pegou num lápis que tinha no bolso e fez um apontamento na Bíblia de Starbuck, que em seguida atirou para junto das cartas. — Há pouco contei ao pai o que ia fazer. Contei-lhe que estava a cumprir a vontade de Deus, mas o pai acha que é tudo culpa tua e não de Deus, mas o pai iria pensar sempre isso, não é? — Adam deu uma última olhadela à encosta rebelde, depois voltou-se na direção dos ianques. — Adeus, Nate — despediu-se, depois acenou com a bandeira reluzente no ar quente e arrastou-se sobre o tronco enegrecido para caminhar com água pelo joelho até ao lado oposto do vale. Perdeu os sapatos bons no fundo lamacento do pântano, limitando-se a continuar de pés descalços. O ligeiro coxear causado pela bala ianque que lhe tinha acertado em Manassas foi ficando mais pronunciado à medida que trepava a colina do outro lado do lamaçal.

— Ele enlouqueceu! — disse Truslow.

— Ele é mas é um tolo — corrigiu Starbuck. — Adam! — gritou, mas Adam continuou a oscilar a bandeira e a avançar. Starbuck ajoelhou-se direito. — Adam! Volta! — gritou para o outro lado do tronco caído. — Pelo amor de Deus, Adam, volta! — Mas Adam nem sequer olhou para trás. Em vez disso trepou as árvores no lado afastado do vale e desapareceu onde a terra revolvida marcava a

posição da trincheira ianque no topo da crista. O desaparecimento de Adam pareceu quebrar o feitiço que tinha mantido os dois lados em suspenso. Alguém gritou ordem para abrir fogo e Starbuck agachou-se por trás do tronco um segundo antes de todo o vale estalar e zumbir com o som de balas. O fumo erguia-se entre as folhas e espalhava-se entre as poças negras e cotos de árvores e soldados mortos.

Starbuck pegou na Bíblia. Adam tinha marcado uma página algures no meio do livro e Starbuck folheava-o agora para encontrar a mensagem do amigo. As balas fustigavam o vale enquanto ele avançava pelos Salmos e Provérbios e pelo Cântico dos Cânticos. Então encontrou-a, um círculo em redor do décimo segundo versículo do sexagésimo quinto capítulo do Livro de Isaías. Starbuck leu o versículo e, no calor sufocante do vale, sentiu subitamente um calafrio. Fechou a Bíblia imediatamente.

— O que diz? — perguntou Truslow. Vira Starbuck empalidecer.

— Nada — atalhou Starbuck, e em seguida devolveu a Bíblia ao bolso do casaco e puxou para si a peça desgastada. Enfiou as cartas num bolso, e depois puxou sobre a cabeça o cobertor enrolado. — Nada de nada — reiterou, e pegou na espingarda para verificar que tinha colocado um fulminante no lugar. — Vamos mas é matar uns ianques — sugeriu Starbuck, depois tremeu porque subitamente todo o vale matraqueava com o som da matança. A artilharia bombardeava e as espingardas disparavam. O grito demoníaco dos rebeldes encheu as árvores à medida que um novo grupo de assalto transbordava pela borda do vale. Outra brigada de infantaria tinha sido enviada para atacar mesmo à esquerda dos homens do Arcansas do major Haxell, e os recém-chegados gritavam em desafio ao saltar pela encosta abaixo. Os ianques abriram fogo, com o clarão das espingardas a trespassar o ar como espadas temíveis nas sombras cada vez maiores do dia. As granadas rebentavam do outro lado do vale, espalhando tufos de fumo acre. A metralha nortista obliterou fileiras inteiras de atacantes sulistas, manchando de sangue as folhas mofentas, mas cada vez mais homens de farda cinzenta e castanha iam aparecendo do bosque lá no alto e desciam a encosta, até todo o vale estar cheio com uma torrente de soldados aos gritos que carregavam pela lama e por cima dos afogados.

Starbuck levantou-se.

— Companhia K! Carregar! Sigam-me! Vamos lá! — Já não se importava. Fora danado por Deus, uma alma perdida na escuridão exterior. A encosta à frente estava pontuada por nuvens de fumo, refulgindo com chamas. Starbuck começou a gritar, não o grito rebelde, mas sim o grito de um homem que sabe que a sua alma está condenada. Correu para o ribeiro, forçando os passos através da lama peganhenta. Viu um ianque apontar numa trincheira à sua frente, e logo esse homem foi atirado para trás por um tiro disparado do lado rebelde do vale. Outro nortista apressou-se a sair do buraco e Starbuck olhou por entre os homens em fuga, pensando que devia ter sido assim que parecera Ball's Bluff aos ianques moribundos no dia em que ele e outros rebeldes se alinharam na crista e despejaram um fogo tremendo sobre as fileiras indefesas. — Vamos embora! — bradou. — Matem os sacanas, vamos lá! — E atirou-se à encosta, içando-se pelas raízes e pelos ramos. Passou por duas trincheiras abandonadas, e houve então um movimento súbito à sua direita que o fez olhar para ver outra trincheira meio oculta por uma camada de mato. Um ianque apontava para ele, e Starbuck atirou-se para a frente mesmo no instante em que a espingarda desse homem disparou. O fumo acre envolveu o rosto de Starbuck. Agora gritava por vingança, pretendendo a morte do homem. Rebolou de costas e puxou o gatilho da espingarda, disparando da anca. A arma fumegou e a bala errou o alvo. O ianque pôs-se em fuga da vala e começou a trepar rumo a um lugar seguro, mas Starbuck deu-lhe caça, aos gritos. O homem voltou-se, assustado de repente, tentando desviar Starbuck com uma espingarda vazia, mas Starbuck afastou desajeitadamente a arma para o lado, e enfiou a sua espingarda entre as pernas do homem para o fazer tropeçar.

O ianque estava em pânico quando caiu. Tentou atabalhoadamente encontrar a baioneta embainhada, mas Starbuck estava em cima dele com a espingarda erguida e a pesada coronha revestida de latão a apontar para baixo, e o homem gritou algo no instante em que Starbuck lhe acertou. A pancada fez estremecer os braços de Starbuck, o sangue borrifou-lhe as botas, e então deu-se conta de que, a toda a volta, a encosta era um frenesim de corpos envoltos em cinzento e todo o vale verdejante ecoava com o grito assassino do ataque rebelde. Os estandartes com as estrelas em cruz estavam a avançar e as bandeiras ianques em retirada. Starbuck deixou a vítima a sangrar e apressou-se a subir, querendo ser o primeiro a chegar à crista, mas a toda a volta os rebeldes corriam encosta

acima, espicaçados pelos clarins que os guiavam para um planalto envolto em fumo. Uma mancha de artilheiros ianques tentou salvar os canhões, mas não foi a tempo. Uma maré cinzenta saiu do bosque e o terreno entre o pântano e o ribeiro tornou-se de repente um caos de nortistas em pânico. Um esquadrão de cavalaria nortista tentou afugentar os rebeldes. Duzentos e cinquenta cavaleiros tinham estado à espera que a infantaria sulista emergisse das árvores e agora, alinhados em três filas e com sabres desembainhados, a cavalaria carregava sobre as desordenadas formações rebeldes.

Os cascos dos cavalos esmagaram a erva de verão fazendo abanar todo o cume. Os cavalos galoparam, de dentes arreganhados e olhos abertos, enquanto um corneteiro fazia soar a ordem no céu fumarento, e os pendões e bandeiras das lanças se curvavam para a sua posição de matança.

— À carga! — O comandante da cavalaria arrastou a ordem num longo grito de desafio, enquanto apontava o sabre às tropas rebeldes, a apenas quarenta metros de distância.

— Fogo! — bradou um oficial do Alabama, e a infantaria rebelde disparou uma salva que desfez as entranhas e a glória da cavalaria nortista. Os cavalos relincharam e caíram, os cascos pontapeando em seco no ar borrifado por sangue. Os cavaleiros foram esmagados, empalados nas próprias espadas, ou mortos por balas. A segunda linha da cavalaria tentou desviar-se da carnificina que tinha tomado conta da primeira fileira.

— Fogo! — Uma segunda salva cuspiu fumo e chumbo, desta vez disparados do flanco esquerdo, e a cavalaria sobrevivente foi afastada para o lado. Cavalos atropelavam outros animais, os homens caíram das selas e foram arrastados pelos estribos. Outros caíram bem, só para serem atropelados por cavalos em pânico.

— Fogo! — Uma derradeira salva abateu-se sobre o punhado de cavaleiros derrotados que tinham deixado para trás um matadouro de cavalos moribundos e homens aos gritos. Os rebeldes enxamearam esse horror, disparando sobre os cavalos e saqueando os homens.

Noutros lugares do planalto, os rebeldes capturaram canhões nortistas, ainda quentes da batalha daquele dia. Prisioneiros, alguns envergando chapéus de palha de verão, foram arrebanhados em grupos. Uma bandeira nortista capturada

foi exibida pelas fileiras vitoriosas, ao passo que no pântano os feridos praguejavam, sangravam e pediam ajuda.

Starbuck trepou para o cano ainda quente de um canhão nortista de doze libras. A boca e culatra da arma estavam negras da pólvora queimada, preta como as sombras que agora se estendiam pelo cume alargado. Os nortistas em fuga formaram uma massa enegrecida à luz moribunda. Starbuck procurou Adam, mas sabia que nunca iria encontrar um homem no meio de tantos. Um brilho prateado traía o local em que corria o ribeiro, entre pântanos a escurecer por cima dos quais o Sol poente iluminava um balão nortista que ia abanando lentamente enquanto descia, puxado pelo seu carretel. Starbuck olhou durante algum tempo, depois levou a espingarda ao ombro com a sua coronha peganhenta e ensanguentada, e saltou para o chão.

Nessa noite, a Legião comeu virtualhas ianques em torno de fogueiras ianques. Bebeu café ianque e escutou Izard Cobb tocar uma música num violino ianque. A Legião tinha sido bastante castigada. O capitão Carstairs e quatro outros oficiais estavam mortos, tal como o sargento-mor Proctor. Oitenta outros homens estavam mortos ou desaparecidos, e pelo menos o mesmo número estava ferido.

— Faremos oito companhias em vez de dez — anunciou Bird. Fora atingido por uma bala no braço esquerdo, mas recusara-se fazer caso do ferimento, uma vez este ligado.

— Já sabemos o que vamos fazer amanhã? — O major Haxell, do batalhão do Arcansas, tinha-se juntado aos oficiais da Legião em torno da sua fogueira.

— Só Deus sabe — respondeu Bird. Beberricou de uma garrafa de uísque ianque capturado.

— Alguém viu o Faulconer? — quis saber Haxell. — E então o Swynyrd?

— O Swynyrd está bêbado — informou Bird —, e o Faulconer está bem encaminhado para ficar bêbado, e mesmo que estivesse sóbrio, não iria querer falar com ninguém.

— Por causa do Adam? — perguntou o capitão Murphy.

— Sim — afirmou Bird. — Acho eu.

— Mas o que é que aconteceu? — quis saber Murphy.

Ninguém respondeu durante bastante tempo. Alguns dos homens olharam para Starbuck, esperando e querendo que ele traduzisse o comportamento de Adam,

mas Starbuck não disse nada. Tinha apenas a esperança de que o seu amigo de outros tempos tivesse a força para ser um estranho numa terra estranha.

— O Adam pensa demasiado. — Bird quebrou finalmente o silêncio. A luz do fogo fez com que o rosto magro do coronel parecesse ainda mais escanzelado do que antes. — Pensar não faz bem a um homem. Apenas confunde questões simples. Deveríamos tornar o pensamento ilegal no nosso novo e glorioso país. Deveremos alcançar a busca pela felicidade ao abolir a educação e ao deixar fora da lei todas as ideias consideradas demasiado difíceis para a compreensão de batistas de banha da cobra. Na sublime estupidez irá residir o verdadeiro contentamento da nossa nação. — Ergueu o seu copo num brinde teatral. — Vamos celebrar uma noção de génio: a estupidez imposta por lei.

— Acontece que eu sou batista — lembrou tranquilamente o major Haxell.

— Meu caro major, lamento imenso. — Bird ficou imediatamente embaraçado. Podia adorar o som da sua própria voz, mas não conseguia suportar a ideia de magoar pessoas de quem gostava. — Vai perdoar-me, major?

— Posso vir a fazer mais do que isso, coronel, posso vir a tentar levá-lo a reconhecer o Senhor Jesus Cristo como seu salvador.

Antes que Bird conseguisse pensar numa resposta à altura, um súbito clarão de luz encarnada submergiu todo o céu a sul. A grande luz cresceu e espalhou-se para iluminar uma vasta extensão de campo, fazendo uma sombra lúrida quase até aos limites da própria Richmond.

Um instante mais tarde, o som de uma explosão rugiu através da terra.

Foi uma explosão massiva, e a seguir a essa soaram mais explosões e apareceram mais globos de chamas, que incharam e morreram na margem oposta do ribeiro. Um milhar de foguetes de sinalização ergueu-se na noite, deixando rastos faiscantes. As chamas saltavam de fogos imensos e rios de labaredas serpenteavam pela terra escura.

— Estão a destruir os mantimentos — disse Bird, num tom maravilhado. Ele, tal como qualquer outro rebelde no planalto, tinha ficado a observar o inferno longínquo. Ecoaram mais explosões pela terra e mais luzes grandiosas se elevaram nos ares da noite. — Os ianques estão a queimar os mantimentos! — reiterou Bird, exultante.

Os nortistas tinham deitado fogo a comida e munições que lhes deveriam ter durado um verão inteiro. Vagões de caminho-de-ferro que tinham ido buscar aos

depósitos do Norte e despachado para a península estavam agora a ser queimados. Todas as granadas massivas, as bombas de duzentas e de duzentas e vinte libras que tinham por destino despedaçar a manta de retalhos que eram as defesas de Richmond estavam agora a ser detonadas.

A ponte de caminho-de-ferro sobre o Chickahominy, que tinha sido destruída e depois reconstruída, fora agora rebentada novamente, e quando os ianques tiveram a certeza que a ponte tinha caído nas águas escuras, fizeram avançar um comboio de munições em chamas a toda a velocidade na direção do vazio. A locomotiva mergulhou na lama, e depois dela uma sucessão de vagões em explosão foi despedaçar-se no fundo da treliça e continuou a arder e a explodir nas margens pantanosas do rio. Os fogos arderam noite dentro, as munições foram rebentando em clarões toda a noite, e toda a noite continuou a destruição até que, à luz cinzenta da alvorada, não restavam ianques em Savage e não sobravam mantimentos, apenas uma grande pira de fumo gordurento como o que os rebeldes tinham deixado para trás em Manassas, três meses e meio antes. McClellan, ainda convencido de que estava em inferioridade numérica, corria para sul na direção do rio James.

E Richmond estava em segurança.

A Legião enterrou os seus mortos, pegou nas suas espingardas, e seguiu os ianques através dos pântanos do Chickahominy. Algures à sua frente um canhão troou e fez-se ouvir um matraquear de fogo de mosquetes.

— De pé! — ordenou Starbuck à sua companhia, formada com os sobreviventes das Companhias J e K. — Mais depressa! — bradou. — Mais rápido! — Porque lá bem longe, à frente dos homens cansados, o fumo das armas tinha novamente começado a erguer-se, sinal garantido de morte num dia de verão, e uma pira para os espicaçar em frente.

Porque eles eram soldados.

NOTA HISTÓRICA

A batalha de Ball's bluff foi um desastre para o Norte, não pelas suas baixas, que foram ligeiras em comparação com o banho de sangue que estava por vir, nem devido às consequências estratégicas da batalha, que foram mínimas, mas sim porque o Congresso dos Estados Unidos foi instado pelo desastre a desenvolver um Comité Conjunto sobre a Conduta da Guerra, e qualquer pessoa familiarizada com a forma de agir do Congresso dos EUA não ficará minimamente surpreendida ao saber que o Comité se tornou uma das instituições mais obstrutivas, desinformadas, e ineficientes do governo do Norte.

Oliver Wendell Holmes, que sobreviveu e viria a tornar-se um dos mais conhecidos juizes do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, foi na verdade gravemente ferido na batalha de Ball's Bluff. Recuperou o suficiente para poder estar de regresso à sua unidade durante a campanha peninsular de McClellan. Viria a ser ferido mais duas vezes no curso da guerra.

Se McClellan podia ou não ter acabado com a guerra com um ataque bem-sucedido sobre Richmond nos primeiros meses de 1862, é evidentemente uma discussão fútil. O que não pode ser posto em causa, contudo, é o facto de o Norte ter perdido a sua melhor e mais oportuna hipótese de infligir um golpe severo à rebelião naqueles meses, e perdeu-a devido à pusilanimidade de McClellan. O general sobrestimou continuamente os números dos rebeldes que se lhe opunham, desse modo justificando a sua própria cautela. Os seus homens adoravam-no, ao considerá-lo, nas palavras de um deles, “o maior general da História”. Este era um juízo com o qual McClellan teria sem dúvida concordado, apesar de ter grande cuidado para não pôr à prova a sua reputação, a menos que a batalha o obrigasse a isso, e, quando tal acontecia, ele fazia os possíveis para estar a muitos quilómetros de distância da luta. Fez o seu exército marchar até dez quilómetros de Richmond, e depois afastou-se assim que teve uma oposição minimamente séria. Robert Lee tomou em seguida a iniciativa de uma forma tão bem-sucedida, que em dois meses a grande invasão nortista da península não passava de uma memória. A opinião que McClellan tinha de Lee, citada em *Traidor*, é genuína; Lee, escreveu McClellan, “deixa a desejar em firmeza moral quando pressionado por responsabilidades pesadas, e provavelmente será tímido e indeciso em ação”.

O cenário da batalha de Ball's Bluff pode ser encontrado imediatamente a norte de Leesburg, na Virgínia, fora da US Route 15. O mais pequeno Cemitério Nacional nos Estados Unidos fica aí, perto do local onde o infeliz senador Baker foi morto. Uma pedra marca o suposto local. O lugar está ainda relativamente parecido com o que era, e uma ditosa lenda local insiste que um fantasma confederado pode ser visto à sombra do lusco-fusco. Os cenários das batalhas maiores perto de Richmond estão na sua maioria bem preservados (não obstante o caso de Seven Pines, conhecida no Norte como Batalha de Fair Oaks) e podem ser visitadas seguindo as rotas que irradiam do centro histórico de Richmond, no Parque de Chimborazo. O forte em Drewry's Bluff vale bem uma visita. A batalha descrita no epílogo de *Traidor*, no Moinho de Gaines, e a destruição dos mantimentos na Estação de Savage aconteceram mesmo.

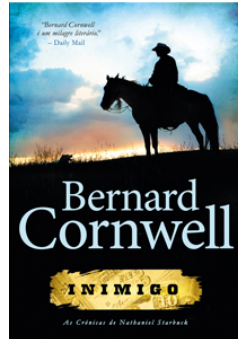
Não poderia ter escrito *Traidor* sem o maravilhoso relato de Stephen W. Sears da campanha peninsular, *To the Gates of Richmond*, e os leitores que quiserem saber onde os acontecimentos do romance coincidem com a realidade histórica não podem fazer melhor do que ler a obra de Sears. Muitos dos personagens de *Traidor* são retirados dessa narrativa, incluindo todos os generais, à exceção de Washington Faulconer. O general Huger dormiu mesmo até tarde na manhã da batalha de Seven Pines e não fazia ideia que uma batalha iria ter lugar até que Longstreet, avançando pela estrada errada, o informou dos planos de Johnston. A brigada de Micah Jenkins abriu mesmo um grande buraco no exército nortista. John Daniels, editor do *Richmond Examiner* e autor do mais infame panfleto sulista sobre a escravatura, foi uma pessoa real, tal como Timothy Webster, que morreu como o romance descreve. O inglês Price Lewis e o irlandês John Scully tiveram sorte ao não partilhar o destino de Webster. Há uma história não documentada segundo a qual a admissão de espionagem por parte de Scully teria sido na verdade arrancada dele por um homem fingindo escutá-lo em confissão. Pinkerton existiu, claro está, e transmitiu ao seu patrão McClellan as fantasias de força rebelde que justificaram a timidez nata de McClellan.

E assim, graças a essa timidez, a guerra não terminou. Os postos de recrutamento do Norte vão em breve reabrir porque, na figura da Avó Lee, o Sul descobriu um dos maiores soldados de todos os tempos. A rebelião está prestes a entrar para a lenda, e a quase derrota virá a ser transformada numa série de vitórias estonteantes e reviravoltas espantosas. O Sul, na verdade, apenas deu

início à sua luta, o que significa que Starbuck e Truslow vão marchar novamente.

LEIA NAS PRÓXIMAS PÁGINAS UM EXCERTO DO III VOLUME DE *As Crônicas de Nathaniel Starbuck*

INIMIGO



Americano contra americano. Irmão contra irmão. Numa guerra Civil. Tão cruel como a americana há heróis, vilões e... um inimigo.

Com a mestria e excelência a que Bernard Cornwell habituou os seus leitores, eis que mergulhamos na devastação da Guerra Civil Americana e testemunhamos as vitórias e derrotas dos exércitos do Sul e Norte. No meio da carnificina, dois amigos de infância, Nathaniel Starbuck e Adam, decidem ir contra familiares e amigos para lutar pelas próprias convicções, imersos no sangue e horror da guerra. E mesmo após provar a sua bravura através de grandes feitos militares, a carreira de Nathaniel é posta em perigo pelas suspeitas e hostilidade do brigadeiro-general Washington Faulconer. O resultado desta luta sem quartel irá alterar drasticamente os destinos de ambos os homens e lançá-los naquela que foi uma das mais sangrentas e decisivas batalhas do conflito americano... Conseguirá Nathaniel sobreviver incólume, mesmo rodeado de inimigos?

[Mais informações em
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM](http://www.saidadeemergencia.com)

O capitão Nathaniel Starbuck conheceu o novo comandante quando a Legião Faulconer vadeou o Rapidan. O general Thomas Jackson encontrava-se na margem norte do rio. Parecia estar em transe, já que, imóvel na sela, tinha a mão esquerda levantada no ar enquanto os olhos azuis e ressentidos fitavam as profundezas sombrias do rio. A sua imobilidade lúgubre era tão sinistra que a coluna em marcha se chegou à margem oposta do vau, em vez de se aproximar de um homem com uma pose tão pressagiadora de morte. O aspeto físico do general era igualmente perturbador. Jackson tinha barba desgrenhada, uma casaca simples e boné sujo, enquanto a montada aparentava dever ter sido levada para o matadouro há muito. Era difícil acreditar que se tratava do mais controverso general do Sul, o homem que deixava o Norte insone e nervoso, mas o tenente Franklin Coffman, de dezasseis anos de idade e acabado de chegar à Legião Faulconer, garantia que aquela figura de aparência estranha era, deveras, o famoso Parede Jackson. Coffman chegara a ter aulas com o professor Thomas Jackson.

— Mas note-se — segredou o tenente Coffman a Starbuck —, não acredito que os generais tenham grande influência no resultado das batalhas.

— Tanta sabedoria em alguém tão jovem — replicou Starbuck, que tinha vinte e dois anos.

— Não são os generais que vencem as batalhas, mas sim os soldados — prosseguiu Coffman, ignorando o sarcasmo do seu capitão. O tenente Coffman estudara durante um ano no Instituto Militar da Virgínia, onde Thomas Jackson lhe prestara, sem qualquer resultado, recruta de artilharia e ensinara Filosofia Natural. Coffman olhava agora para a figura hirta, sentada, imóvel, na sela desgastada. — Não consigo imaginar o velho Caixote como general — troçou Coffman. — Nem era capaz de manter a ordem numa sala de aulas, quanto mais num exército.

— Caixote? — indagou Starbuck. O general Jackson tinha muitas alcunhas. Os jornais chamavam-lhe Parede, os soldados tratavam-no por Velho Jack, ou até Velho Doido Jack, enquanto muitos dos antigos alunos do Velho Jack se referiam a ele como Jack Pateta, mas Caixote era um nome inédito para Starbuck.

— Tem os maiores pés do mundo — explicou Coffman. — Enormes! E os únicos sapatos que lhe serviam pareciam caixotes.

— O tenente é uma fonte inesgotável de informações úteis — comentou Starbuck despreocupadamente. A Legião ainda se encontrava muito longe do rio para que Starbuck visse os pés do general, mas registou mentalmente que teria de prestar atenção a esses prodígios quando por fim chegasse ao Rapidan. Naquele momento, a Legião não avançava de todo, tendo o progresso sido impedido pela relutância dos soldados em vadearem o rio sem primeiro descalçarem as botas puídas. Dizia-se que o Jack Doido Parede Caixote Jackson detestava tais atrasos, mas parecia alheio à demora. Limitava-se a permanecer sentado, de mão no ar e olhos fitos no rio, enquanto à sua frente a coluna se aglomerava e parava. Os homens atrás da obstrução ficaram gratos pela paragem forçada, pois o dia estava quente como um forno, o ar imóvel e o calor húmido como vapor. — O Coffman estava a comentar a ineficácia dos generais? — lembrou Starbuck, o mais recente oficial subalterno.

— Se pensarmos bem, meu capitão — declarou Coffman, com uma paixão juvenil —, não temos generais a sério, como os dos Ianques, mas mesmo assim vencemos batalhas. Acho que isso acontece porque o Sul é imbatível.

— E quanto ao Robert Lee? — adiantou Starbuck. — Ele não é um general a sério?

— O Lee é velho! É antediluviano! — exclamou Coffman, chocado por Starbuck ter sequer aventado o nome do novo comandante do Exército do Norte da Virgínia. — Deve ter pelo menos cinquenta e cinco anos!

— O Jackson não é velho — lembrou Starbuck. — Ainda nem tem quarenta.

— Mas é doido, meu capitão. A sério! Costumávamos chamar-lhe Pateta.

— Então deve ser louco — provocou Starbuck o tenente. — Nesse caso, porque é que vencemos batalhas, mesmo tendo generais loucos, generais vetustos ou não tendo generais de todo?

— Porque o combate está no sangue sulista, meu capitão. A sério. — Coffman era um jovem ávido, determinado a ser um herói. O pai morrera de tuberculose pulmonar, deixando a mãe com quatro filhos jovens e duas filhas pequenas. A morte do pai obrigara Coffman a deixar o Instituto Militar da Virgínia depois do primeiro ano, mas esse breve período de formação militar deixara-o equipado com um manancial de teorias marciais. — Os Nortistas — explicava agora a Starbuck — têm o sangue diluído. Existem demasiados imigrantes no Norte,

meu capitão. O Sul, por outro lado, tem sangue puro. O verdadeiro sangue americano.

— Está a querer dizer que os Ianques são uma raça inferior?

— Trata-se de um facto reconhecido, meu capitão. Perderam a linhagem pura.

— O Coffman sabe que eu sou ianque, não sabe? — perguntou Starbuck.

Coffman pareceu de imediato confuso, mas antes de poder adiantar qualquer resposta, foi interrompido pelo coronel Thaddeus Bird, o comandante da Legião Faulconer, que chegou com as suas passadas longas vindo da retaguarda da coluna retida.

— Aquele é mesmo o Jackson? — perguntou Bird, olhando para o outro lado do rio.

— Aqui o tenente Coffman informou-me de que o verdadeiro nome do general é Velho Louco Pateta Caixote Jackson, e que se trata, com efeito, do cavalheiro em questão — respondeu Starbuck.

— Ah, Coffman — disse Bird, espreitando o diminuto tenente como se Coffman fosse um espécime curioso de interesse científico. — Ainda me lembro quando não passavas de um bebé gorgolejante a absorver as joias menores da minha sabedoria cintilante. — Antes de abraçar a vida de soldado, Bird fora mestre-escola em Faulconer Court House, onde vivia a família de Coffman.

— O tenente Coffman ainda não deixou de absorver sabedoria — deu Starbuck a saber com toda a solenidade ao coronel Bird —, nem de a partilhar, já que acabou de me informar que os Ianques são uma raça inferior, de sangue maculado e diluído pelas estirpes imigrantes.

— E com toda a razão! — retorquiu Bird num tom enérgico. Depois o coronel passou o braço magro sobre os ombros diminutos de Coffman. — Poderia apresentar-te uma narrativa, meu jovem Coffman, que te gelaria a alma e o sangue e te faria saltar os olhos das órbitas, quais estrelas cadentes. — Aproximou-se ainda mais do ouvido do sobressaltado tenente. — Sabias, Coffman, que assim que um barco de imigrantes atraca em Boston, todas as famílias de Beacon Hill mandam as esposas às docas para que sejam fecundadas? Não é essa a alarmante verdade, Starbuck?

— Com efeito, meu coronel, e se o barco porventura chega ao domingo, também enviam as filhas.

— Boston é uma cidade libidinosa, Coffman — declarou Bird severamente ao afastar-se do tenente de olhos arregalados —, e se apenas pudesse dar-te um único conselho neste mundo triste e cruel, seria que evitasses esse sítio. Foge dele, Coffman! Pensa em Boston como se fosse uma Sodoma, ou uma Gomorra. Elimina tal cidade da tua lista de destinos. Estás a perceber, Coffman?

— Sim, meu coronel — asseverou Coffman, num tom de grande seriedade.

Starbuck riu-se da expressão no rosto do tenente. Coffman chegara na véspera, a par de uma série de recrutas obrigatórios que vinham substituir as baixas sofridas no Moinho de Gaines e em Malvern Hill. Na sua maioria tinham sido retirados dos becos de Richmond e a Starbuck pareciam um bando enfezado e enfermiço de índole dúbia, mas à semelhança dos membros originais da Legião, Franklin Coffman era um voluntário de Faulconer County, cheio de entusiasmo pela causa sulista.

O coronel Bird deixou a provocação do tenente e puxou a manga de Starbuck.

— Nate — indicou —, uma palavrinha. — Os dois homens afastaram-se da estrada, cruzando uma vala baixa e entrando num prado murcho e acastanhado devido à onda de calor daquele verão. Starbuck coxeava, não por ter sido ferido, mas porque a sola da bota direita se estava a soltar da gáspea. — Serei eu? — indagou Bird enquanto caminhavam sobre a erva seca. — Estarei a ficar mais sábio, ou será que os jovens estão a ficar progressivamente mais idiotas? E acredites ou não, ali o jovem Coffman era mais inteligente do que a média das crianças que tive a infelicidade de ensinar. Lembro-me que dominou a teoria dos gerúndios numa única manhã!

— Não me parece que eu tenha chegado a perceber os gerúndios — admitiu Starbuck.

— Não tem nada que saber — garantiu Bird —, conquanto te lembres de que são substantivos que dão...

— E também não creio que pretenda dominar os malfadados — atalhou Starbuck.

— Pois então deixa-te chafurdar na tua ignorância — rematou Bird, num tom superior. — Mas também tens de tomar conta do jovem Coffman. Ia custar-me muito ter de escrever à mãe a dizer que morreu, e tenho um horrível pressentimento de que é provável que ele se venha a revelar tolamente corajoso.

É como um cachorrinho. Cauda no ar, nariz húmido e mal pode esperar por brincar às guerras com os Ianques.

— Eu tomo conta dele, Pica-pau.

— Mas também tens de cuidar de ti — acrescentou Bird, com toda a seriedade. Parou e fitou os olhos de Starbuck. — Anda por aí um boato, nada mais do que um boato, e sabe Deus que eu não gosto de espalhar boatos, mas este é um pouco desagradável. Ouviu-se por aí que o Swynyard disse que não vais sobreviver à próxima batalha.

Starbuck minimizou a premonição com um sorriso rasgado.

— O Swynyard é um bêbado, não é um profeta. — Mesmo assim, sentiu um arrepio de receio. Já era soldado há tempo suficiente para se ter tornado exageradamente supersticioso, e ninguém gostava de ouvir um pressentimento acerca da sua própria morte.

— Imagina — opinou Bird, enquanto tirava dois charutos da fita do chapéu — que o Swynyard decidiu orquestrar as coisas.

Starbuck fitou, incrédulo, o coronel.

— Orquestrar a minha morte? — acabou por indagar.

Bird acendeu um fósforo e curvou-se sobre a chama.

— O coronel Swynyard — declarou com dramatismo quando o charuto ficou bem aceso — é um porco ébrio, um animal, um lunático, um escravo da natureza e um filho do demo, mas também é um velhaco astuto, Nate, e quando não anda metido nos copos, deve aperceber-se de que está a perder a confiança do nosso grandioso líder reverenciado. É por isso que tem de procurar fazer alguma coisa que vá agradar ao nosso estimado mestre. Ver-se livre de ti. — As derradeiras quatro palavras foram pronunciadas com brutalidade.

Starbuck ignorou-as com uma gargalhada.

— Acha que o Swynyard vai dar-me um tiro pelas costas?

Bird entregou o charuto aceso a Starbuck.

— Não sei como te vai matar. Só sei que ele gostaria de te matar, que o Faulconer gostaria que ele te matasse, e, para todos os efeitos, o nosso estimado general está preparado para oferecer ao Swynyard um avultado prémio monetário caso te consiga matar. Por isso, Nate, tem cuidado, ou então vai para outro regimento.

— Não! — respondeu Starbuck de imediato. A Legião Faulconer era o seu lar. O jovem era bostoniano, nortista, um estranho numa terra estranha que encontrara na Legião o refúgio do seu exílio. A Legião dera a Starbuck gentilezas casuais e uma série de amigos, e tais laços de afeto eram de longe mais fortes do que a inimizade distante de Washington Faulconer. Essa inimizade crescera quando Adam, o filho de Faulconer, desertara do exército sulista para combater pelos Ianques, algo pelo qual o brigadeiro-general Faulconer culpava o capitão Starbuck. No entanto, nem sequer a disparidade de patentes levava Starbuck a desistir da luta contra o homem que fundara a Legião e que agora comandava os cinco regimentos que compunham a Brigada Faulconer, onde se contava a Legião. — Não preciso de fugir — garantiu a Bird. — O Faulconer não vai durar muito mais do que o Swynyard. O Faulconer é um cobarde e o Swynyard é um bêbado, e antes do final do verão, o Pica-pau vai ser comandante da Brigada e eu o comandante da Legião.

Bird ululou, divertido.

— És um convencido incorrigível, Nate. Tu! A comandar a Legião? Imagino que o major Hinton e a dúzia de oficiais de patente acima de ti devam ter uma opinião diferente.

— Podem ter uma patente superior, mas eu sou o melhor.

— Ah, continuas a sofrer da ilusão de que o mérito é recompensado neste mundo? Imagino que tenhas contraído essa opinião a par de todos os outros disparates que te impingiram em Yale, ao mesmo tempo que se esqueciam de te ensinar o gerúndio. — Tendo apresentado a piada sobre a alma-máter de Starbuck, Bird riu-se com gosto. Atirava a cabeça para a frente e para trás enquanto se ria, sendo esse o bizarro movimento que lhe conseguira a alcunha: Pica-pau. Starbuck juntou-se às gargalhadas, pois à semelhança de todos os elementos da Legião, ele gostava bastante de Bird. O mestre-escola era excêntrico, opinioso, antagónico e um dos homens mais bondosos à face da Terra. Também revelara um inesperado talento para o mister de soldado. — Finalmente estamos a avançar — indicou Bird, gesticulando na direção da coluna retida que começara lentamente a andar para o vau onde se erguia a bizarra figura solitária de Jackson, imóvel no seu cavalo miserável. — Deves-me dois dólares — comentou de repente Bird, ao levar Starbuck de volta à estrada.

— Dois dólares!

— O quinquagésimo aniversário do major Hinton está quase aí. O tenente Pine garantiu-me que será capaz de encontrar um presunto e eu irei providenciar vinho ao nosso adorado líder. Vamos pagar-lhe um festim.

— O Hinton é assim tão velho? — quis saber Starbuck.

— Com efeito, e, se lá chegares, garanto que te oferecemos um jantar ébrio como recompensa. Tens dois dólares?

— Nem sequer dois cêntimos — admitiu Starbuck. Tinha algum dinheiro em Richmond, mas isso representava a sua tábuia de salvação contra um potencial desastre e não seria esbanjado em presunto e vinho.

— Eu empresto-te o dinheiro — acedeu Bird com um suspiro um tanto ou quanto desesperado. A maior parte dos oficiais da Legião dispunha de rendimentos pessoais, mas à semelhança de Starbuck, o coronel Bird era obrigado a viver do mísero soldo que recebia enquanto oficial confederado.

Os homens da Companhia H levantaram-se quando Starbuck e Bird se aproximaram da estrada, embora um dos recrutas recém-chegados tivesse permanecido deitado à beira da erva, queixando-se de ser incapaz de marchar mais um passo que fosse. A sua recompensa foi um pontapé nas costelas dado pelo sargento Truslow.

— Não me pode fazer isso! — protestou o homem, arrastando-se para o lado para fugir ao sargento.

Truslow agarrou na casaca do soldado e puxou-lhe o rosto para junto do seu.

— Ouve bem, seu filho de uma cabra sarnenta, se eu quiser, arranco-te as tripas e vendo-as aos Ianques para darem de comer aos porcos, e não é por eu ser um sargento e tu seres um soldado, mas sim porque sou um sacana tramado e tu és uma florzinha de estufa. Agora, toca a levantar e a marchar.

— São tão reconfortantes, as palavras do nosso bom sargento — proferiu Bird ao voltar a saltar a vala. Deu um bafo no charuto. — Quer dizer que não vou ser capaz de te convencer a pedir transferência para outro regimento, Nate?

— Não, meu coronel.

Pica-pau Bird abanou a cabeça, pesaroso.

— Acho que és um tolo, Nate, mas pelo amor de Deus, vê lá se és um tolo cuidadoso. Vá-se lá saber porquê, mas teria muita pena se te perdesse.

— Toca a formar! — bradou Truslow.

— Eu tenho cuidado — prometeu Starbuck enquanto regressava à sua Companhia. Os trinta e seis veteranos estavam magros, bronzeados e esfarrapados. As botas caíam aos bocados, as casacas cinzentas estavam remendadas com tecido castanho vulgar e as posses mundanas resumiam-se àquilo que um homem conseguia transportar pendurado no cinto de corda ou enfiado no cobertor enrolado que tinham sobre os ombros. Os vinte novos recrutados estabeleciam um contraste marcado, com as suas novas fardas, sapatos grosseiros de cabedal e mochilas rígidas. Tinham os rostos pálidos e os canos das armas limpas, por não terem sido disparadas. Sabiam que a marcha para norte pelos territórios centrais da Virgínia deveria levar a uma batalha iminente, mas o seu resultado era um mistério para eles, ao passo que os veteranos sabiam muito bem que um combate só podia implicar gritos, sangue, dor, sofrimento e sede, mas talvez igualmente um saque de dólares ianques, ou um saco de café verdadeiro, retirado do cadáver nortista a ser consumido por vermes. — Toca a marchar — vociferou Starbuck, chegando-se ao tenente Franklin Coffman, à frente da Companhia.

— Vai ver se não tenho razão, meu capitão — disse Coffman. — O Velho Louco Jack tem os pés maiores do que um cavalo.

Ao marchar a caminho da frente, Starbuck olhou para os pés do general. Eram realmente enormes, tal como as mãos de Jackson. No entanto, o mais extraordinário era o facto de o general continuar de mão suspensa no ar, qual criança a pedir autorização para deixar a sala de aula. Starbuck estava prestes a pedir uma explicação a Coffman quando o general se mexeu. Desviou o olhar da água e concentrou-se na Companhia de Starbuck.

— Coffman! — chamou, num tom de voz abrupto e agudo. — Vem cá, rapaz.

Coffman saiu do vau, atrapalhado, e praticamente correu até junto do general.

— Meu general?

O oficial de barba desgrenhada baixou o olhar do alto da sela.

— Lembras-te de mim, Coffman?

— Sim, meu general, é claro que sim, meu general.

Jackson baixou lentamente a mão esquerda, como se receasse magoar o braço, caso se mexesse demasiado depressa.

— Tive pena que tivesses deixado o Instituto antes do tempo, Coffman. Foi depois do teu ano de caloiro, não é verdade?

— Sim, meu general. É verdade, meu general.

— Devido à morte do teu pai?

— Sim, meu general.

— E a tua mãe, Coffman? Ela está bem?

— É verdade, meu general. Sim, meu general, obrigado, meu general.

— O luto é uma situação terrível, Coffman — observou o general, após o que aliviou lentamente a postura hirta para se inclinar na direção do tenente magro e louro —, especialmente para quem não se encontra num estado de graça. Estás num estado de graça, Coffman?

Coffman enrubesceu, franziu o cenho e conseguiu assentir.

— Sim, meu general. Acho que sim, meu general.

Jackson voltou a assumir a sua posição direita e voltou a erguer a mão esquerda, tão lentamente como a tinha baixado. Desviou o olhar de Coffman e fitou a distância abrasada pelo calor.

— Terás muita dificuldade em chegar ao teu Criador se não tiveres a certeza da graça d'Ele — declarou o general numa voz rouca —, por isso estuda as tuas escrituras e faz as tuas orações, rapaz.

— Sim, meu general, assim farei, meu general — garantiu Coffman. Deixou-se ficar, desajeitado e inseguro, à espera que o general acrescentasse mais alguma coisa, mas Jackson pareceu voltar ao seu transe, pelo que o tenente deu meia-volta e regressou para junto de Starbuck. A Legião prosseguiu a sua marcha e o tenente manteve o silêncio enquanto a estrada subia entre pequenos pastos e matas dispersas, e passava ao lado de quintas modestas. Foram precisos pelo menos três quilómetros até que Coffman quebrasse finalmente o silêncio. — É um grande homem — declarou o tenente —, não é, meu capitão? Não é um grande homem?

— O Pateta? — provocou Starbuck.

— É um grande homem — admoestou-o Coffman.

— Se o dizes — replicou Starbuck, embora acerca de Jackson só soubesse que o Jack Doido tinha reputação de marchar, e que quando o Jack Doido marchava, havia homens a morrer. E naquele momento estavam a marchar, a marchar para norte, e seguir para norte só podia querer dizer uma coisa: os Ianques estavam à sua frente. O que significava que em breve haveria uma batalha, e um campo de túmulos a seguir à batalha, e, desta vez, caso o Pica-pau tivesse razão, os

inimigos de Starbuck não estariam apenas à sua frente, mas também atrás dele. Starbuck prosseguiu a marcha. Um tolo a caminho da batalha.

O comboio do meio-dia parou no Entroncamento de Manassas por entre o estrépito de carruagens, o silvo do vapor e o clamor do sino da locomotiva. As vozes dos sargentos sobrepuseram-se aos barulhos mecânicos, apressando as tropas a sair dos carros para a faixa de terra entre os carris e os armazéns. Os soldados desceram, satisfeitos por estarem livres dos vagões e entusiasmados por se encontrarem na Virgínia. O Entroncamento de Manassas poderia não estar na frente de combate, mas não deixava de fazer parte de um Estado rebelde, pelo que olharam em seu redor como se a paisagem fosse tão exótica e estranha como as colinas enevoadas do misterioso Japão, ou do longínquo Cataio.

As tropas recém-chegadas eram constituídas, na sua maioria, por rapazes de dezassete e dezoito anos de idade vindos de Nova Jérсия e do Wisconsin, do Maine e do Ilinóis, de Rhode Island e do Vermont. Eram voluntários, bem fardados e ansiosos por se juntarem ao mais recente assalto contra a Confederação. Gabavam-se de terem enforcado Jeff Davis numa macieira e apregoavam que marchariam por Richmond e enxotariam os rebeldes dos ninhos, quais ratazanas num celeiro. Eram jovens e indestrutíveis, cheios de confiança, mas ao mesmo tempo estavam assombrados com a selvajaria daquele destino estranho.

Isso porque o Entroncamento de Manassas não era, de todo, um lugar convidativo. Fora saqueado uma vez pelas tropas nortistas, destruído outra vez pelos confederados em fuga e depois reconstruído à pressa por empreiteiros nortistas, pelo que agora havia hectares de armazéns raquíticos fabricados com madeira em bruto entre as linhas de serviço e prados pejados de ervas daninhas, atulhados de peças de artilharia, armões, forjas portáteis, ambulâncias e carroças. A cada hora chegavam mais suprimentos e armas, pois aquele era o depósito que forneceria a campanha de verão de 1862, a ação que traria o fim da rebelião e restauraria os Estados Unidos da América. A vastidão de edifícios era ocultada pela cada vez mais intensa mortalha de fumo gorduroso que era despejado pelos ferreiros, pelos barracões de reparação e pelas fornalhas das locomotivas que puxavam os seus vagões de carga e carros de passageiros.

Dois oficiais da cavalaria aguardavam na estação. Era óbvio que se tinham dado a muito trabalho para se tornarem apresentáveis, pois as casacas da farda

estavam escovadas, as botas com esporas brilhavam e os cinturões de cabedal tinham sido polidos. O mais velho era um homem de meia-idade calvo, com um rosto agradável e grandes suíças. Dava pelo nome de major Joseph Galloway e nas mãos nervosas segurava um chapéu emplumado. O companheiro era um indivíduo muito mais jovem, bem-apessoado e louro, com barba direita, ombros largos e um rosto franco que inspirava confiança. A casaca ostentava as barras de um capitão.

Ambos eram virginianos, mas lutavam os dois pelo Norte. Joseph Galloway era dono de propriedades nos arredores de Manassas, quinta essa que servia agora de depósito de um regimento de cavalaria nortista recrutada exclusivamente entre os sulistas leais ao governo de Washington. A maior parte dos soldados na cavalaria de Galloway era voluntária dos Estados fronteiriços, dos disputados territórios de Maryland e dos condados ocidentais da Virgínia, mas boa parte era refugiada dos Estados confederados. Galloway não duvidava que alguns dos seus homens seriam fugitivos da justiça sulista, mas a maior parte era composta por idealistas que lutavam por preservar a União e fora ideia do major Galloway recrutar esses homens para levarem a cabo missões de reconhecimento por trás das linhas rebeldes. Os cavaleiros nortistas eram fortes e corajosos, mas percorriam os campos virginianos como forasteiros, sendo, por isso mesmo, mais tímidos quando comparados com os sulistas afoitos que sabiam que todas as aldeias e lugarejos da Virgínia continham simpatizantes dispostos a escondê-los e a alimentá-los. Fora Galloway quem tivera a inspiração de criar um regimento que pudesse cavalgar pelos Estados rebeldes como sulistas nativos, mas essa ideia fora recebida em Washington com um entusiasmo moderado. “Crie o regimento”, tinham dito os burocratas do governo ao major Galloway, “e talvez nos dignemos a empregá-lo, mas só se estiver devidamente equipado com armas, cavalos e fardas.”

Era por isso que o major Galloway e o capitão Adam Faulconer esperavam agora por um passageiro que deveria ter chegado no comboio do meio-dia, acabado de entrar em Manassas. Os dois oficiais de cavalaria vogaram contra a onda de soldados entusiasmados, a caminho do último vagão do comboio, reservado a passageiros de maior relevância do que os simples elementos destinados a ser carne para canhão. Um carregador baixou os degraus da carruagem e duas senhoras, de saias rodadas que mal conseguiam espremer-se

pela porta apertada do carro, foram ajudadas a descer. Atrás das damas surgiu um grupo de oficiais superiores, de bigodes aparados, fardas escovadas e rostos afogueados devido ao calor do dia e ao consumo de uísque da empresa ferroviária. Um dos oficiais, mais jovem do que os restantes, afastou-se e ordenou que lhes trouxessem cavalos.

— Vamos a despachar! Cavalos para o general! — gritou o ajudante-de-campo. Os para-sóis gémeos das senhoras exibiam as rendas brancas por entre a neblina de fumo de tabaco e o amontoado de chapéus militares escuros.

O último homem a descer do carro de passageiros foi um civil idoso, magro e alto, de cabelo e barba brancos, olhos ferozes e um rosto severo e chupado. Tinha faces encovadas, um nariz romano tão arrogante como o olhar, sobrecasaca preta, chapéu alto e, apesar do calor que se fazia sentir, um colete abotoado até ao pescoço, sobre o qual pendiam as duas faixas brancas do cabeção engomado. Trazia nas mãos um saco grande vermelho-escuro e uma bengala de ébano que usou para afastar o criado negro que depositava os malões das senhoras num carro de mão. O gesto fora perentório e automático, típico de um homem habituado à autoridade.

— É ele — indicou Adam, reconhecendo o ministro que ele ouvira pregar em Boston, pouco antes de a guerra começar.

O major Galloway abriu caminho por entre a multidão, na direção do homem de cabelo alvo.

— Desculpe, senhor? — chamou ele o pregador recém-chegado. — Doutor Starbuck?

O reverendo Elial Joseph Starbuck, doutor de Divindade, panfletista e o mais famoso de todos os pregadores abolicionistas do Norte, lançou um olhar carrancudo a quem o recebia.

— Deve ser o Galloway. E você é o Faulconer? Ótimo! O meu saco. — Deixou a bagagem na mão de Adam, que fora estendida para um aperto de cumprimento.

— Espero que o senhor tenha tido uma viagem agradável — disse o major Galloway enquanto levava o convidado a caminho da estrada.

— Foi-se tornando cada vez menos agradável à medida que viajava para sul, Galloway. Vejo-me obrigado a concluir que a engenharia atingiu o seu auge na Nova Inglaterra e que quanto mais nos afastamos de Boston, menos confortável

o transporte. — O reverendo Starbuck declarou a avaliação numa voz treinada para chegar a todos os recantos das maiores igrejas e salões de conferências da América. — Deixe-me que lhe diga que as linhas férreas sulistas são absolutamente irregulares. Sem dúvida o resultado degradado de uma escravocracia. Terei de andar até ao meu destino? — exigiu saber o reverendo Starbuck, detendo-se subitamente.

— Não, senhor. Tenho um landó. — Galloway fez menção de pedir a Adam que fosse buscar o carro, mas apercebeu-se de que o jovem estava demasiado atrapalhado com o pesado saco do pregador. — Eu vou buscá-lo diretamente. Não está longe.

O reverendo Starbuck incitou a partida de Galloway com um aceno e depois, com uma curiosidade feroz, mirou um grupo de civis que esperava que o correio fosse descarregado da composição acabada de chegar.

— Já leu o tratado de Spurzheim sobre frenologia? — perguntou a Adam.

— Não, senhor — respondeu Adam, surpreendido com a questão abrupta.

— Temos muito a aprender com a ciência — declarou o reverendo doutor Starbuck —, conquanto nos recordemos de que as suas conclusões estão sempre sujeitas à aprovação e às correções de Deus Todo-Poderoso, mas estou interessado em observar essas provas do tratado de Spurzheim. — Acenou com a bengala na direção dos civis à espera. — Regra geral, o nativo de Nova Inglaterra possui uma fronte com uma forma nobre. Exibe contornos cranianos que denotam inteligência, benevolência, sabedoria e constância, mas reparo que até nestas zonas superiores do Sul, a forma dos crânios dos homens exhibe depravação, combatividade, destrutividade e uma tendência clara para o cretinismo.

A consciência torturada de Adam, a par do patriotismo arraigado, poderiam tê-lo levado a combater a terra do pai, mas não deixava de ser filho da Virgínia, pelo que as críticas do pregador nortista deixaram-no irritado.

— George Washington não era sulista? — indagou, num tom gelado.

Claro que o reverendo Starbuck era demasiado versado nas artes retóricas para se deixar apanhar numa retratação.

— Meu jovem, George Washington, tal como o senhor, era produto da aristocracia. As minhas observações prendem-se unicamente com as pessoas comuns. Ali o general, está a vê-lo? — A bengala perentória falhou por pouco

um sargento de artilharia ao apontar para um passageiro anafado que partilhara a carruagem com o reverendo Starbuck.

— Estou a vê-lo, sim — disse Adam, interrogando-se quanto às características que seriam reveladas pela forma do crânio do general.

No entanto, o reverendo Starbuck abandonara o tema da frenologia.

— Aquele é Pope — anunciou o pregador. — Teve a gentileza de me cumprimentar durante a viagem. É deveras um homem de excelente aparência.

Adam olhou com interesse para o novo comandante do Exército da Virgínia nortista. O general Pope era um homem corado de expressão confiante, com olhos inteligentes e uma barba espessa. Se a frenologia servisse de guia fidedigno para o caráter de um indivíduo, nesse caso a testa larga e a aparência sólida de Pope apontavam para que talvez fosse o salvador procurado pelo Norte desde o triste rebentar da guerra. John Pope distinguira-se na luta contra o Mississippi, tendo agora sido levado para leste, onde se esperava que fizesse a sua magia no campo virginiano intransigente, onde general atrás de general nortista tinha sido primeiro ludibriado e depois derrotado pelos andrajosos exércitos rebeldes.

— O Pope tem as ideias certas — prosseguiu o reverendo Starbuck com entusiasmo. — Não se deve ser gentil para com rebeldes. A desobediência pede castigo e o desafio obriga a retribuição. A escravocracia tem de ser eliminada, Faulconer, e os seus territórios devastados. O Pope garantiu-me que não será brando. É o homem certo para o trabalho do Senhor. — Com efeito, praticamente assim que fora nomeado comandante do Exército da Virgínia, o general Pope declarara o fim da antiga política que determinava que os civis sulistas seriam tratados com respeito. A partir daquele momento, os soldados nortistas tomariam da população do Sul aquilo de que precisassem, e qualquer sulista que resistisse a tais predações seria castigado. O reverendo Elial Starbuck aplaudia o fervor de Pope. — O sulista — era o sermão com que presenteava agora Adam — só compreende uma linguagem. A da força bruta. É a linguagem que usou para oprimir os Negros, e é a linguagem que terá agora de ser usada para o oprimir a ele. Não concorda?

— Julgo, meu senhor — replicou Adam, com tato —, que o Norte terá de chegar à vitória rapidamente.

— Assim é, assim é — admitiu o reverendo Starbuck, sem ter a certeza de obter a concordância do jovem. Por certo merecia aprovação, pois o futuro tanto de Adam como da cavalaria de Galloway dependia da generosidade do reverendo Starbuck. Adam desertara do Sul na penúria, mas tivera a felicidade de conhecer o major James Starbuck, o filho mais velho do pregador, jovem esse que informara Adam acerca da cavalaria de Galloway e que sugerira que o seu pai famoso talvez pudesse garantir a Adam os fundos necessários para se juntar ao regimento.

O reverendo doutor Starbuck mostrara-se mais do que disposto a avançar com o dinheiro. Sendo demasiado velho para combater, embora excessivamente apaixonado para se abster de lutar, observara, impotente, o Norte a sofrer derrotas consecutivas na Virgínia. Essas derrotas tinham levado o reverendo Starbuck a avançar com o seu dinheiro, bem como com o da Igreja, para a criação e apetrechamento de regimentos do Massachusetts, acabando por ver tais tropas a marcharem para o desastre. Outros homens, homens menores, talvez abandonassem os seus empreendimentos, mas os desastres serviam apenas para alimentar o fervor do reverendo, motivo pelo qual, ao deparar-se com a possibilidade de contribuir para a criação da cavalaria de Galloway, o reverendo Starbuck rapidamente concordara. Não só financiava Adam, como também doava quinze mil dólares de armas e munições ao regimento de Galloway. O dinheiro não pertencia ao reverendo Starbuck, tendo sido, isso sim, angariado entre os abolicionistas da Nova Inglaterra tementes a Deus.

— No passado — disse a Galloway e a Adam enquanto viajavam para ocidente no landó — servimo-nos dessas doações caridosas para empreender o nosso trabalho no Sul: distribuíamos opúsculos, criávamos catequeses para os pretos e, é claro, levávamos a cabo a investigação da escravocracia, mas agora que fomos privados dessas atividades, as nossas obras de caridade precisam de outros destinos.

— Imagino que haja muito a gastar com o bem-estar dos escravos fugidos — aventou Adam, esperando, ao mesmo tempo, que não se estivesse a privar e a Galloway dos seus financiamentos.

— Os refugiados têm cuidados generosos. Muito generosos! — O tom reprovador do reverendo Starbuck sugeria que os escravos que conseguiam fugir para o Norte viviam num luxo exagerado, em vez de se estarem a debater por

uma sobrevivência insalubre em campos de refugiados improvisados. — Temos de lidar com a raiz da escravatura. Não podemos limitar-nos a arrancar uma mancha de folhas doentes dos ramos mais altos.

Ao perceber a fúria por trás das palavras do clérigo, Adam imaginou que o reverendo Elial Starbuck estivesse mais interessado em punir os escravagistas do que em libertar os escravos.

O landó subiu a colina baixa desde New Market, passando por entre matas profundas a caminho da Estrada de Warrenton. Enquanto seguiam, o major Galloway foi indicando pontos de referência tornados famosos na batalha travada no verão passado, naquele mesmo terreno. Havia as ruínas da casa onde a viúva do doutor Henry morrera num bombardeio, e ali estava a casa Matthews, que fora usada como hospital. À medida que o landó percorria a estrada de Sudley, a norte da casa de portagem, Galloway apontou para o ponto de onde surgira o ataque ao flanco nortista, na outra margem do rio, mas enquanto falava, apercebeu-se de que as respostas do pregador de Boston não mostravam qualquer entusiasmo. O reverendo doutor Starbuck não queria uma visita guiada ao local onde o Norte sofrera a sua primeira derrota. Só queria ouvir promessas de vitória, pelo que a conversa esmoreceu e Galloway conduziu o landó para o caminho que dava acesso à quinta que herdara do seu pai.

O gentil major Galloway sentia-se nervoso na presença do famoso abolicionista e ficou aliviado quando o reverendo Starbuck anunciou que não tencionava passar a noite na quinta confortável, pretendendo apanhar o comboio da noite para sul, até Culpeper Court House.

— O meu amigo Banks teve a cortesia de me convidar — explicou o pregador, referindo-se ao general Nathaniel Banks, que em tempos fora governador do Massachusetts e agora servia como general da União. O oficial acreditava que a visita do seu velho amigo ajudaria a encorajar o espírito abatido das tropas. O convite já começara a fazer maravilhas, pelo menos ao espírito do pregador. Em Boston sentira-se irritado por ter de receber as informações sobre a guerra a partir de jornais e de cartas, mas agora poderia saber ao certo o que se passava na Virgínia, motivo pelo qual tomara providências para se ausentar do púlpito durante todo o mês de agosto. Rezava com ardor para que um mês fosse suficiente para se tornar o primeiro ministro nortista a pregar o evangelho do cimo de um púlpito de Richmond.

Claro que antes de se juntar a Banks, o pregador acedera a encontrar-se com o major Galloway e seus homens. Dirigiu-se ao regimento de Galloway no prado atrás da casa com palavras de encorajamento para a luta divina, mas os modos bruscos deixaram claro que tinha pressa de dar por encerrado os assuntos daquele dia e prosseguir viagem. O major Galloway teve o discernimento de abdicar da exibição de duelos de sabres, levando, em vez disso, o seu convidado para a casa da quinta, um edifício imponente à sombra de grandes carvalhos e ladeado por vastos relvados.

— O meu pai saiu-se bem na prática de direito — adiantou Galloway, à laia de explicação para o luxo de tal casa.

— Também é dono de escravos? — quis saber o pregador num tom feroz, enquanto apontava com a bengala de ébano para as pequenas barracas a norte da casa.

— Libertei as pessoas todas — apressou-se Galloway a garantir. — Se as tivesse vendido — prosseguiu —, não precisaria de suplicar verbas para o regimento. Hipotequei a propriedade para angariar fundos e usei o dinheiro todo para comprar os cavalos e as armas que o senhor acabou de ver, mas, muito sinceramente, os meus recursos esgotaram-se. Fiquei na penúria pela causa da liberdade.

— Uma causa pela qual todos teremos de estar preparados para sofrer, Galloway — exclamou o reverendo Starbuck ao seguir o major pelos degraus da varanda até à entrada. A casa ecoava como um espaço vazio. Praticamente assim estava, já que à exceção de algum mobiliário essencial, Galloway expedira todos os seus livros, quadros, cortinados e ornamentos para um armazém a norte, para que os vizinhos rebeldes não se vingassem nos objetos valiosos pela tomada de partido de Galloway. E se não fossem os vizinhos a roubar-lhe as coisas, seria o irmão, segundo explicou o major.

— Infelizmente, o meu irmão luta pelo Sul — contou o major Galloway ao pregador — e um dos seus sonhos seria ficar-me com a casa e seu conteúdo. — Fez uma breve pausa. — Não deve haver nada mais triste, meu senhor, do que ter membros de uma família a combater em lados opostos, não acha? — O reverendo Starbuck ofereceu um ronco pouco amistoso à laia de resposta, e o ruído mal-humorado deveria ter alertado o major para que não desenvolvesse o

assunto, mas Galloway era um homem desprovido de maldade. — É verdade que o senhor tem um filho que luta pelos rebeldes? — perguntou Galloway.

— Não conheço tal pessoa — retorquiu o pregador, ficando visivelmente tenso.

— Mas decerto o Nate... — começou Adam a dizer, mas foi bruscamente interrompido.

— Não tenho qualquer filho chamado Nathaniel — atirou o pregador. — Não reconheço qualquer pessoa chamada Nathaniel Starbuck. Ele está condenado, foi expulso, não só da minha família, mas também da congregação de Cristo! É um réprobo! — A última condenação foi vociferada num tom que teria percorrido um quilómetro contra um vento poderoso.

Galloway apercebeu-se de que não mostrara tato na abordagem do assunto e apressou-se a desviar a conversa, falando inofensivamente sobre a casa e seus encantos até chegar às portas da biblioteca, onde aguardava um capitão alto e entroncado. O capitão tinha um sorriso pronto e modos afáveis.

— Permita-me que lhe apresente o meu segundo comandante — disse Galloway ao pregador. — O capitão William Blythe.

— É um prazer conhecê-lo, reverendo. — Blythe ofereceu a mão.

— O capitão Blythe foi comerciante de cavalos antes da guerra — informou Galloway.

— Não o devias ter contado ao ministro, Joe! — disse Blythe, com um sorriso. — Todos sabem que nós, comerciantes de cavalos, somos os maiores vigaristas nesta terra, mas louvado seja Deus, reverendo — voltara a encarar o pregador —, pois tento ser tão honesto quanto possível a um cristão.

— Folgo sabê-lo — respondeu o reverendo Starbuck num tom severo.

— Cada dólar é um dólar honesto, reverendo, sempre foi essa a minha política — garantiu Blythe alegremente —, e se alguma vez enganei um homem, acredite que não foi de propósito. E ainda lhe digo mais, reverendo. — Blythe baixou a voz para um tom conspirativo. — Sempre que um homem do clero precisou de um cavalo, fique sabendo que esqueci os lucros e às vezes bem mais do que isso. Confesso que nunca frequentei assiduamente a igreja, reverendo, para mal dos meus pecados, mas o meu pai sempre disse que uma oração nunca fez mal a ninguém, e a minha querida mãe, Deus a tenha e guarde, gastou bem

os joelhos no chão da igreja. E de certeza que ela bem gostaria de o ter ouvido a falar, reverendo, pois todos dizem que o senhor é dono de um sermão poderoso!

O reverendo Starbuck parecia satisfeito com os modos diretos e afáveis de Blythe, a tal ponto que não mostrou sinais de desagrado quando o alto capitão lhe passou o braço sobre os ombros e o encaminhou para a biblioteca de estantes vazias.

— O capitão diz que não frequenta a igreja assiduamente, mas imagino que tenha sido salvo — aventou o pregador.

Blythe soltou o reverendo Starbuck, para lhe poder dirigir uma expressão espantada.

— Fiquei imaculado com o sangue do cordeiro, reverendo — declarou Blythe num tom que sugeria um choque profundo por alguém o poder tomar por pagão.

— Acredite que fui bem lavado com esse sangue precioso, meu caro senhor. A minha querida mãe certificou-se de que assim era antes de morrer, louvado seja o Senhor, e que Deus a tenha e guarde.

— E a sua mãe, capitão, aprovaria o seu partido nesta guerra? — quis saber o reverendo Starbuck.

O capitão William Blythe franziu o cenho para exhibir a sua sinceridade.

— A minha querida mãe, Deus abençoe a sua alma, reverendo, sempre disse que aos olhos do Senhor, a alma de um preto era igual à de qualquer branco. Desde que o preto fosse cristão, claro está. Chegados ao Céu, dizia ela, seremos todos brancos como a neve, até o mais preto dos pretos, louvada seja a bondade do Senhor. — Blythe ergueu o rosto para o teto e depois, sobre a cabeça do pregador, ofereceu ao major Galloway uma piscadela de olho escandalosa.

Galloway atalhou a diatribe do seu segundo comandante instalando o convidado à grande mesa da biblioteca, atulhada de livros de contabilidade. Galloway, Adam e Blythe sentaram-se à frente do pregador e o major descreveu os seus objetivos para o regimento de cavalaria; como iriam percorrer os caminhos do Sul com uma confiança e um conhecimento local que nenhum cavaleiro nortista poderia igualar. O major falou com toda a modéstia, destacando a necessidade por parte do exército de um bom sistema de reconhecimento e a sua ambição de um regimento de cavalaria disciplinado, mas era óbvio que as suas palavras desiludiam o pregador bostoniano. O reverendo Starbuck queria resultados céleres e vitórias dramáticas, e foi o bombástico

William Blythe que começou por se aperceber desse desejo. Blythe interveio com uma risada.

— Peço-lhe que perdoe o major, reverendo — adiantou —, por não nos elogiar demasiado, mas a verdade é que vamos espremer o Jeff Davis e depois vamos esfolá-lo, e que me esfolem a mim se não sou eu que lhe vou arrancar a pele! Reverendo, garanto-lhe que vamos deixar os rebeldes a gritar e o senhor até em Boston vai ouvir esses gritos. Não é verdade, major?

Galloway limitou-se a parecer surpreendido, enquanto Adam fitava o tampo marcado da mesa, mas o reverendo Starbuck ficou deliciado com as implicações da promessa de Blythe.

— Tem planos específicos? — indagou, ansioso.

Blythe pareceu momentaneamente chocado.

— Não poderíamos adiantar pormenores, reverendo, seria uma atitude muito pouco marcial da nossa parte, mas garanto-lhe que nas próximas semanas não vai ler nada nos jornais de Boston sobre o Jeb Stuart, ah pois não, vai ser sobre o major Joseph Galloway e o seu galante regimento de tropas! Não é verdade, Joe?

Sobressaltado, Galloway aquiesceu.

— Faremos os possíveis.

— Mas não há nada que possamos fazer, reverendo — Blythe chegou-se à frente com uma expressão séria —, se não tivermos armas, sabres e cavalos. Tal como sempre disse a minha santa mãe, as promessas não enchem barrigas. Se quisermos encher a barriga de um rapaz do Sul, reverendo, temos de dar um pouco de trabalho e alguns trocos, e acredite, reverendo, que me dói, dói-me cá no fundo, ver estes patriotas sulistas sem poderem fazer nada por falta de uns dólares.

— E o que farão com o dinheiro? — quis saber o reverendo Starbuck.

— O que não faremos? — contrapôs Blythe. — Com Deus do nosso lado, reverendo, podemos virar o Sul do avesso. Pois, se calhar não lhe devia contar isto, mas acho que o senhor é um homem discreto, portanto vou arriscar-me, mas nos meus aposentos tenho um mapa de Richmond, e para que é que um homem como eu precisaria de um mapa de Richmond? Bem, não lho vou contar, reverendo, porque isso não seria uma atitude muito marcial da minha parte, mas acho que alguém com a sua inteligência sabe qual é a parte da cobra que morde.

Adam ergueu o olhar, espantado com a implicação de que o regimento pretendia atacar a capital rebelde, e Galloway pareceu à beira de contradizer o capitão, mas o reverendo Starbuck ficara cativado com o golpe prometido por Blythe.

— Vão até Richmond? — perguntou ao capitão.

— Até à cidade, reverendo. Centro do mal e covil da serpente. Quem me dera ser capaz de lhe dizer o quanto abomino esse sítio, reverendo, mas com a ajuda de Deus vamos arrasá-la e purificá-la!

O comerciante de cavalos falava agora na língua que o reverendo Starbuck queria ouvir. O pregador de Boston desejava promessas de humilhação dos rebeldes e de vitórias espantosas da União, de feitos que rivalizassem com os empreendimentos insolentes do rebelde Jeb Stuart. Não queria saber de reconhecimentos rigorosos, mas sim de garantias audazes de vitórias nortistas, e não havia cautela por parte do major Galloway que convencesse o pregador de que as promessas de Blythe eram exageradas. O reverendo Starbuck ouviu o que desejava ouvir e para o tornar realidade tirou um cheque do bolso interior da sobrecasaca. Pediu pena e um tinteiro ao major e depois assinou o cheque com toda a solenidade.

— Louvado seja o Senhor — exclamou William Blythe quando o cheque foi assinado.

— Louvado seja, com efeito — ecoou piamente o ministro, empurrando o cheque sobre a mesa na direção de Galloway. — Esse dinheiro, major, vem de um consórcio de igrejas abolicionistas da Nova Inglaterra. Representa os dólares suados de pessoas simples e trabalhadoras, oferecidos com todo o gosto para uma causa sagrada. Use-o assisadamente.

— Daremos o nosso melhor, senhor reverendo — afirmou Galloway, após o que ficou momentaneamente em silêncio ao ver que o cheque não correspondia aos quinze mil dólares que esperara, mas sim a vinte mil. A oratória de Blythe conseguira um pequeno milagre. — E muito obrigado, senhor reverendo — conseguiu Galloway dizer.

— Em troca, só peço uma coisa — indicou o pregador.

— Tudo, reverendo! — garantiu Blythe, abrindo as mãos enormes, como se quisesse abraçar o mundo inteiro. — Tudo o que quiser!

O pregador olhou para a parede sobre as largas portas de acesso ao jardim, onde um bastão polido, com uma ponta de lança e um pendão de cavalaria desbotado, servia de única decoração naquele espaço.

— A bandeira — disse o pregador — é importante para um soldado, não é verdade?

— É sim, senhor reverendo — respondeu Galloway. O pequeno pendão sobre a porta fora o estandarte que levava para a guerra mexicana.

— Até podemos dizer que é sagrada — acrescentou Blythe.

— Nesse caso, seria uma honra se me fornecesse um estandarte rebelde — pediu o reverendo —, algo que possa exhibir em Boston como prova de que os nossos donativos estão a servir para o trabalho do Senhor.

— Terá a sua bandeira, senhor reverendo! — garantiu Blythe prontamente. — Vou assegurar-me disso. Quando regressa a Boston?

— No final do mês, capitão.

— Não irá de mãos a abanar, reverendo, ou não me chamo Billy Blythe. Juro-lhe, pela campa da minha querida mãe, que terá a sua bandeira rebelde.

Galloway abanou a cabeça, mas o pregador não viu o gesto. Só conseguia imaginar um odiado estandarte de batalha pendurado sobre o coro da sua igreja, como objeto de escárnio. O reverendo Starbuck chegou a cadeira atrás e consultou o relógio de bolso.

— Tenho de regressar à estação — declarou.

— O Adam leva-o, senhor reverendo — indicou o major Galloway. O major esperou até que o pregador saísse e depois abanou a cabeça, pesaroso. — Fizeste muitas promessas, Billy.

— Havia muito dinheiro em jogo — lembrou Blythe, despreocupado — e, que raios, nunca tive problemas em fazer promessas.

Galloway dirigiu-se à porta aberta para o jardim, onde fitou a relva queimada pelo sol.

— Não me importo que um homem faça promessas, Billy, mas preocupo-me com o facto de serem mantidas.

— Eu mantenho sempre as minhas promessas, podes crer. Mantenho-as sempre presentes enquanto faço o possível por as quebrar. — Blythe riu-se. — E agora, será que vais dar-me um sermão por te ter conseguido o dinheiro? Que raios, Joe, já chega a piedade que o jovem Faulconer me dá.

— O Adam é um bom homem.

— Nunca disse que não era. Só disse que é um filho de uma cabra pia e que só Deus sabe porque o nomeaste capitão.

— Porque ele é um bom homem — repetiu Galloway, com firmeza — e porque a família dele é famosa na Virgínia, e porque gosto dele. E também gosto de ti, Billy, mas não se passares o tempo a discutir com o Adam. E se fosses fazer alguma coisa de útil? Tens uma bandeira a capturar.

Blythe desprezou tal demanda.

— Tenho? Que raios! Há por aí muito tecido vermelho, branco e azul, por isso basta pôr os teus pretos domésticos a fazer uma bandeira rebelde num instante.

Galloway suspirou.

— São meus criados, Billy, criados.

— Não deixam de ser pretos, pois não? E a rapariga sabe usar a agulha, não sabe? Além disso, o reverendo nem vai dar pela diferença. Ela pode fazer-nos uma bandeira, e depois rasgá-la e sujá-la um bocado, e o velho tonto vai pensar que a arrancámos das mãos do Jeff Davis. — Blythe sorriu com a ideia e depois pegou no cheque. Assobiou, satisfeito. — Parece que nos arranjei um belo lucro, Joe.

— Parece que assim foi. Por isso agora vais gastá-lo, Billy. — Galloway precisava de equipar as tropas de Adam com cavalos, e a maior parte dos soldados também necessitava de sabres e de armas de fogo, mas agora, graças à generosidade dos abolicionistas do reverendo Starbuck, a Cavalaria de Galloway ficaria tão bem apetrechada como qualquer regimento de cavalaria do exército nortista. — Gasta metade em cavalos e a outra metade em armas e selaria — sugeriu Galloway.

— Os cavalos são caros, Joe — alertou Blythe. — A guerra fê-los escassear.

— És comerciante de cavalos, Billy, por isso vai fazer magia com os negócios. A menos que queiras que eu mande o Adam. Ele gostava de comprar os seus próprios cavalos.

— Nunca deixes que um rapaz faça o trabalho de um homem, Joe — disse Blythe. Levou o cheque do pregador aos lábios e deu-lhe um beijo exagerado. — Louvado seja Deus — exclamou Billy Blythe —, louvado seja o Seu santo nome, amém.

A Legião Faulconer acampou poucos quilómetros a norte do rio onde tinham avistado pela primeira vez a figura sinistra do seu novo comandante. Ninguém na Legião sabia onde estava, para onde ia, ou porque estava a marchar por ali, mas um major de artilharia de passagem, veterano das campanhas de Jackson, disse-lhe que era essa a forma normal de agir do Velho Jack.

— Vão saber quando chegarem, assim que o inimigo também o souber e nunca antes — explicou o major, após o que pediu um balde de água para o cavalo.

O quartel-general da Brigada ergueu tendas, mas nenhum dos regimentos se deu ao trabalho de imitar tais luxos. A Legião Faulconer começara a guerra com três carroças de tendas, mas agora só lhes restavam duas, ambas reservadas ao doutor Danson. Os homens tinham aperfeiçoado a construção de abrigos com ramos e lama, embora naquela noite quente ninguém precisasse de proteção contra as condições atmosféricas. Alguns grupos de trabalho foram buscar lenha para as fogueiras, enquanto outros levaram água de um regato a mil e quinhentos metros. Alguns dos homens sentaram-se com os pés descalços dentro do ribeiro, numa tentativa de lavar as bolhas e o sangue resultantes da marcha do dia. Os quatro homens no destacamento de castigo da Legião deram de beber aos cavalos que puxavam os carros de munições e depois deram a volta ao acampamento com troncos acabados de cortar aos ombros. Os homens cambaleavam sob o peso enquanto percorriam as dez voltas às linhas de Legião que constituíam o seu castigo noturno.

— O que fizeram eles? — perguntou a Starbuck o tenente Coffman.

Starbuck dirigiu o olhar à procissão miserável.

— O Lem Pierce embriagou-se. O Matthews trocou munições por um quartilho de uísque e o Evans ameaçou bater no capitão Medlicott.

— Uma pena que não o tivesse feito — exclamou o sargento Truslow. Daniel Medlicott fora moleiro em Faulconer Court House, onde granjeara a reputação de ser um homem severo com dinheiro, embora durante as eleições de primavera para oficiais de campo, ele tivesse distribuído promessas e uísque suficiente para ser promovido de sargento a capitão.

— E não sei o que o Trent fez — concluiu Starbuck.

— O Abram Trent é só um filho de uma cabra sarnenta — explicou Truslow a Coffman. — Roubou comida ao sargento-mor Tolliver, mas não é por isso que

está a ser castigado. O castigo, meu rapaz, é por ter sido apanhado.

— Está a ouvir o evangelho segundo o sargento Thomas Truslow — disse Starbuck ao tenente. — Roubarás tudo o que puderes, mas não serás apanhado. — Starbuck sorriu e depois silvou de dor quando espetou uma agulha no polegar. Debatia-se para coser a sola da bota direita à gáspea, tarefa para a qual pedira emprestada uma das três preciosas agulhas de que a Companhia dispunha.

Sentado à frente dos dois oficiais, do outro lado da fogueira, o sargento Truslow escarneceu do esforço do capitão.

— És uma porcaria como remendão.

— Nunca disse que não era.

— Com essa força, vais partir a malfadada agulha.

— Quer fazê-lo? — perguntou Starbuck, oferecendo o trabalho meio feito ao sargento.

— Nem penses. Não me pagam para te remendar as botas.

— Então cale-se — concluiu Starbuck, tentando fazer passar a agulha por um dos anteriores orifícios da sola.

— Isso assim vai partir-se logo pela alvorada — adiantou Truslow, após um momento de silêncio.

— Não parte se o fizer como deve ser.

— Não vais conseguir — insistiu Truslow. Partiu um pedaço de tabaco que enfiou na boca, junto à bochecha. — Tens de proteger o fio, percebes? Para não roçar na estrada.

— É o que eu estou a fazer.

— Não, não estás. Estás só a juntar a bota. Há cegos sem dedos que faziam um trabalho melhor do que esse.

O tenente Coffman escutou nervosamente a conversa. Soubera que o capitão e o sargento eram amigos — com efeito, eram amigos desde que o ianque Starbuck fora enviado para convencer o anti-ianque Truslow a deixar a sua fazenda no alto das montanhas e a juntar-se à Legião Faulconer — mas para Coffman era uma amizade estranha, expressa com tal desprezo mútuo. Agora, o intimidante sargento dirigia-se ao nervoso tenente.

— Um oficial como deve ser — segredou Truslow a Coffman — tinha um escurinho para tratar da agulha.

— Um oficial a sério — replicou Starbuck — enfiava-lhe esses dentes podres pela goela abaixo.

— Quando quiseres, capitão — disse Truslow, rindo-se.

Starbuck atou o fio e admirou o seu trabalho com um olhar crítico.

— Não está perfeito — admitiu —, mas serve.

— Vai servir — concordou Truslow —, desde que não andes com isso.

Starbuck riu-se.

— Que se dane, daqui a um dia ou dois vamos travar uma batalha e nessa altura arranjo um par de botas ianques novinhas. — Calçou a medo a bota reparada e ficou agradavelmente surpreendido quando a sola não se soltou de imediato. — Como nova — disse, e depois estremeceu, não por causa da bota, mas devido a um grito que se fez ouvir repentinamente pelo acampamento. O grito foi interrompido de forma abrupta; seguiu-se uma pausa e depois um lamento miserável ecoou brevemente.

Coffman parecia estarrecido, pois o som era como o de uma criatura a ser torturada, o que era o caso.

— O coronel Swynyrd — explicou o sargento Truslow ao novo tenente — está a espancar um dos pretos dele.

— O coronel bebe — acrescentou Starbuck.

— O coronel é um bêbado — emendou Truslow.

— E ninguém sabe se o que o vai matar primeiro será o álcool ou um dos escravos — continuou Starbuck —, ou um de nós, já agora. — Cuspiu para o lume. — Não me importava de ser eu a matar aquele canalha.

— Bem-vindo à Brigada Faulconer — ofereceu Truslow a Coffman.

O tenente não sabia como responder a tal cinismo, pelo que se limitou a parecer incomodado e nervoso, e depois arrepiou-se quando algo lhe passou pela mente.

— Vamos mesmo combater daqui a um dia ou dois? — perguntou.

— Provavelmente amanhã. — Truslow acenou com a cabeça na direção do céu a norte, onde se via o reflexo avermelhado das fogueiras de um exército. — É aquilo que te pagam para fazer, filho — acrescentou Truslow ao reparar no nervosismo de Coffman.

— Não sou pago — disse Coffman, enrubescendo de imediato com a confissão.

Truslow e Starbuck ficaram em silêncio durante alguns segundos e depois Starbuck franziu o sobrolho.

— O que quer dizer com isso? — indagou.

— Bem, eu sou pago — explicou Coffman —, mas não recebo o dinheiro, percebe?

— Não, não percebo.

O tenente estava visivelmente embaraçado.

— É a minha mãe.

— Está a querer dizer que é ela que recebe o dinheiro? — perguntou Starbuck.

— Ela deve dinheiro ao general Faulconer — adiantou Coffman —, porque arrendámos uma das casas dele na estrada de Roskill, e a minha mãe atrasou-se com a renda, por isso o Faulconer fica com o meu soldo.

Seguiu-se mais uma longa pausa.

— Cristo crucificado. — A blasfémia de Truslow quebrou o silêncio. — Queres dizer que aquele sacana rico fica com os teus três miseráveis dólares semanais para ele?

— É justo, não é? — quis saber Coffman.

— Não, não é nada justo — retorquiu Starbuck. — Se quiser enviar o dinheiro à sua mãe, isso é justo, mas não é justo combater a troco de nada! Merda! — Praguejou furiosamente.

— Não preciso de dinheiro — defendeu Coffman o acordo.

— É claro que precisas — garantiu Truslow. — Se não, como é que vais pagar as putas e o uísque?

— Já falou sobre isso ao Pica-pau? — quis Starbuck saber.

Coffman abanou a cabeça.

— Não.

— Que raios, então vou eu falar — declarou Starbuck. — Não vou deixar que leve um tiro à borla. — Levantou-se. — Volto daqui a meia hora. Ah, merda! — A derradeira imprecação não se dirigia à ganância de Washington Faulconer, tendo sido proferida porque a sola direita se soltara com o primeiro passo. — Mas que grande merda! — exclamou, furioso, e depois foi à procura do coronel Bird.

Truslow riu-se dos dotes miseráveis de Starbuck como remendão e depois cuspiu suco de tabaco para a borda do lume.

— Ele consegue-te o dinheiro, filho — garantiu a Coffman.

— A sério?

— O Faulconer tem medo do Starbuck.

— Medo? O general tem medo do capitão? — Coffman tinha dificuldade em acreditar em tal coisa.

— O Starbuck é um soldado a sério. É um lutador, enquanto o Faulconer não passa de uma farda bonita montada num cavalo caro. A longo prazo, filho, o lutador acaba sempre por vencer. — Truslow puxou uma lasca de tabaco de entre os dentes. — A menos que seja morto, claro.

— Morto?

— Amanhã vais ser apresentado aos ianques, filho — indicou Truslow —, e alguns de nós vão ser mortos, mas vou fazer o possível por impedir que sejas chacinado. E vou começar agora. — Chegou-se ao jovem e arrancou as barras da gola do tenente, atirando em seguida os restos detecido para o lume. — Os atiradores usam telescópios nas espingardas, filho, à procura de oficiais para abater, e os ianques não querem saber se já és crescido. Se veem um par dessas barras, disparam e tu ficas dois palmos debaixo da terra com uma pazada de terra em cima dos olhos. — Truslow cuspiu mais suco de tabaco. — Ou pior — acrescentou, num tom sombrio.

— Pior? — indagou Coffman, nervoso.

— Podes ser ferido, miúdo, e ficar a guinchar que nem um porco atado com um médico meio bêbado a remexer-te dentro do corpo. Ou a chorar como um bebé quando estiveres deitado no campo, com as tripas a serem comidas por roedores, e sem que ninguém saiba onde estás. Não é bonito, e a única maneira de impedir que fique ainda mais feio é magoar os sacanas antes que eles te magoem a ti. — Olhou para Coffman, reconhecendo que o rapaz tentava ocultar o medo. — Vai correr tudo bem — garantiu Truslow. — O pior é a espera. Agora vai dormir, rapaz. Amanhã tens um trabalho de homem à tua espera.

Lá no alto, uma estrela cadente riscou com fogo branco o céu a escurecer. Algures, um homem cantava sobre um amor deixado para trás, enquanto outro tocava uma melodia triste ao violino. O escravo chicoteado do coronel Swynyard tentava não gemer, Truslow ressonava e Coffman tremia ao pensar no dia seguinte.

A patrulha da cavalaria ianque chegou ao quartel-general do general Banks ao fim da noite. A patrulha fora alvejada no rio Rapidan e a perda de um dos cavalos, a par da necessidade de cuidar de dois feridos, abrandara o regresso a Culpeper Court House. Um cabo do New Hampshire fora atingido por uma bala no baixo-ventre e por certo morreria, enquanto o comandante da patrulha, um capitão, fora acertado de raspão nas costelas. O ferimento do oficial não era, de todo, grave, mas o capitão coçara e esfregara a zona do impacto até ficar com a camisa satisfatoriamente manchada com uma boa quantidade de sangue.

O major-general Nathaniel Banks, comandante do Segundo Corpo do general Pope, fumava um derradeiro charuto na varanda da casa requisitada para o seu estado-maior quando foi informado do regresso da patrulha com notícias ominosas sobre as forças inimigas que atravessavam o Rapidan.

— Ele que aqui venha! Que nos conte o que aconteceu! Depressa! — Banks era um indivíduo miudinho que, apesar de todas as provas em contrário, estava convencido do seu próprio génio militar. Bem aparentava esse papel de sucesso, pois poucos seriam os homens que envergavam a farda dos Estados Unidos com maior segurança. Era um homem elegante, brusco e confiante, mesmo nunca tendo sido soldado até ao início da guerra, apenas um político. Chegara a portavoz da Câmara dos Representantes, mesmo tendo precisado de 133 votos para alcançar tal honra, e depois governador do Massachusetts, um Estado tão rico em homens dispostos a pagarem impostos que o governo federal julgara necessário oferecer ao seu governador a oportunidade de conquistar a glória marcial imortal como prova da sua gratidão. O governador Banks, tão apaixonado no seu amor pelo país como no seu ódio pelo comércio de escravos, não desperdiçara a oportunidade.

Direito como um fuso, esperava agora que o capitão da cavalaria, que usava a casaca à laia de capa para que a camisa ensanguentada ficasse bem visível, subisse os degraus da varanda e fizesse continência, gesto esse atalhado com um esgar, como se a dor no peito o tivesse atingido de repente.

— O seu nome? — indagou Banks perentoriamente.

— Thompson, general. John Hannibal Thomspen. De Ithaca, Nova Iorque. Imagino que tenha conhecido o meu tio, Michael Fane Thompson, quando era governador. Representou Nova Iorque em...

— Encontrou o inimigo, Thompson? — atalhou Banks, num tom gelado.

Ofendido por ter sido interrompido de forma tão pouco gentil, Thompson encolheu os ombros.

— É verdade que nos deparámos com alguém hostil, general.

— Quem?

— Bem pode perguntar. Fomos alvejados. — Thompson levou os dedos ao sangue coalhado na camisa, sangue esse que à luz do candeeiro parecia mais castanho do que vermelho.

— Responderam ao fogo? — quis saber Banks.

— Que raios, general, ninguém dispara contra mim sem ter retaliação e acho que eu e os meus rapazes abatemos uns quantos sacanas.

— Onde foi isso? — perguntou o ajudante-de-campo que acompanhava o general Banks.

O capitão Thompson dirigiu-se a uma mesa de verga onde o ajudante-de-campo abrira um mapa do norte da Virgínia, iluminado por dois candeeiros com velas tremeluzentes. As traças voaram freneticamente à volta da cabeça dos três homens quando estes se debruçaram sobre o mapa. Thompson serviu-se de uma das lanternas para acender um charuto e depois bateu com o dedo no mapa.

— Foi num vau nesta zona, general. — Indicara no mapa um território bastante a ocidente da estrada principal que seguia para sul, entre Culpeper Court House e Gordonsville.

— Atravessou para a margem sul do rio? — perguntou Banks.

— Não o podia fazer, general, já que havia um bando de rebeldes a ocupar o vau.

— Não há qualquer vau aqui marcado — interveio o ajudante-de-campo. O suor escorreu-lhe do rosto e manchou as montanhas Blue Ridge, muito a ocidente dos rios. A noite não ajudara a aliviar o calor abrasador.

— Fomos guiados por um preto local — explicou Thompson. — Ele disse que o vau não era conhecido, que não passava de uma estrada secundária de verão que dava acesso a um moinho, e houve quem imaginasse que ele estaria a mentir, mas afinal sempre havia vau. Pelos vistos, o preto estava a dizer a verdade.

— O termo é negro, Thompson — recordou Banks, num tom gelado, e depois voltou a olhar para o mapa. Outras patrulhas tinham falado sobre infantaria rebelde a marchar para norte ao longo da estrada de Gordonsville, e aquele novo

relato sugeria que os Confederados avançavam numa frente vasta e com uma força considerável. O que estariam a fazer? Seria um reconhecimento em força ou um ataque em grande escala, com o objetivo de destruir as suas tropas?

— Então e quantos homens dispararam contra si? — prosseguiu Banks o interrogatório ao irreverente Thompson.

— Não estive propriamente a contar as balas, general, já que estava ocupado a responder ao fogo. Mas imagino que fosse pelo menos um regimento a norte do rio, com mais desses demónios a caminho.

Banks fitou o oficial de cavalaria, interrogando-se o motivo por que a responsabilidade parecia ficar sempre nas mãos de tolos como aquele.

— Tentou fazer prisioneiros?

— Acho que estava atarefado a tentar não ficar sete palmos debaixo da terra, general. — Thompson riu-se. — Que raios, éramos só uma dúzia e eles seriam mais de mil. Talvez dois mil.

— Apurou a identidade do regimento que disparou contra vocês? — indagou Banks, com um pedantismo gelado.

— Apurei que era um regimento rebelde, general — foi a resposta de Thompson. — Traziam aquela bandeira nova, a que tem a cruz.

Banks arrepiou-se com a idiotice obtusa daquele homem e interrogou-se porque seriam os cavaleiros nortistas tão miseráveis a obter informações. Provavelmente por estarem desprovidos de inteligência, pensou. Quem seriam aqueles rebeldes a marchar para norte? Corria o boato de que Parede Jackson chegara a Gordonsville e Banks estremeceu ao pensar nesse homem barbado e andrajoso, cujas tropas marchavam com a rapidez de um fogo de mato e lutavam como demónios.

Banks dispensou o oficial de cavalaria.

— Inútil — disse, enquanto o homem se afastava pela rua principal de Culpeper Court House, onde as sentinelas estavam de guarda às tabernas. Nas pequenas casas de madeira da povoação ardiam luzes amarelas por trás das cortinas de musselina que serviam para afastar os insetos. A carroça de um cangalheiro, de varais apontados para o céu, estava à porta da igreja onde, se Banks bem se lembrava, o famoso pregador bostoniano Elial Starbuck deveria falar na manhã de domingo. A população da vila não aguardava o sermão do abolicionista com qualquer prazer, mas Banks, velho amigo do pregador,

ansiava pelo discurso de Starbuck e ordenara a presença de tantos oficiais quanto possível. Nathaniel Banks tinha a nobre visão de Deus e país marchando de mãos dadas a caminho da vitória.

Agora, de expressão carregada, Banks voltava a olhar para o mapa, sobre o qual o suor pingava monotonamente. E se a movimentação do inimigo fosse um truque? E se houvesse apenas uma mancha de rebeldes a tentar assustá-lo? De certeza que os rebeldes teriam imaginado que ele estava de olho em Gordonsville, pois se capturasse essa povoação, de seguida cortaria a linha férrea que ligava Richmond aos férteis territórios no vale do Shenandoah. Se cortasse essa linha, os exércitos inimigos passariam fome, pensamento esse que voltou a alumiar o brilho da glória marcial prometida na mente de Nathaniel Banks. Via uma estátua em Boston, imaginava ruas e terras em Nova Inglaterra batizadas em sua honra, e até sonhava com a possibilidade de criação de um novo Estado nos territórios selvagens do Oeste que receberia o seu nome. Banks Street, Banksville, o Estado de Banks.

Tais visões inspiradas eram alimentadas por algo mais do que a mera ambição. Eram incitadas por uma necessidade ardente de vingança. Nesse ano, Nathaniel Banks comandara um grande exército pelo vale do Shenandoah, onde fora enganado e esmagado por Thomas Jackson. Até os jornais nortistas tinham admitido que Banks fora dizimado por Jackson — com efeito, os rebeldes tinham levado tantas peças de artilharia e suprimentos de Banks, que este fora alcunhado de “Aprovisionador Banks”. Tinham troçado dele, ridicularizaram-no e o desprezo ainda magoava Nathaniel Banks. Queria vingança.

— O mais prudente, meu general, seria uma retirada para trás do Rappahannock — murmurou o ajudante-de-campo. O oficial era antigo aluno de West Point e deveria garantir ao general político bons conselhos militares.

— Talvez não passe de um reconhecimento — disse Banks, pensando em vingança.

— Pode ser que assim seja, meu general — admitiu o ajudante-de-campo num tom calmo —, mas o que teremos a ganhar com uma luta? Para quê manter as nossas posições se as poderemos retomar facilmente daqui a uma semana? Porque não deixar o inimigo esgotar-se a marchar?

Banks limpou cinza de charuto de cima do mapa. Retirar agora? Numa semana em que o mais famoso pregador de Boston estaria de visita ao exército?

O que diria o Massachusetts se soubessem que o Aproveisionador Banks tinha fugido de uma mancha de rebeldes?

— Ficamos — declarou Banks. Bateu com o dedo no contorno de uma cumeada que atravessava a estrada, a sul de Culpeper Court House. Se Jackson estivesse a marchar para norte na esperança de reabastecer o exército às custas do Aproveisionador Banks, ele teria de atravessar as elevações que ficavam por trás da pequena proteção de um ribeiro. O regato chamava-se Cedar Run e ficava no sopé da montanha Cedar. — Vamos enfrentá-lo aqui — disse Banks — e derrotá-lo aqui.

O ajudante-de-campo não disse nada. Era um jovem bem-apegoado e inteligente que acreditava merecer mais do que estar limitado por aquele arrogante teimoso. Tentou ordenar uma resposta, algumas palavras convincentes que impedissem a impetuosidade de Banks, mas não se lembrou de nada. No seu lugar, vindas da rua iluminada, chegaram as vozes de homens que cantavam sobre os entes queridos deixados para trás, sobre paixões à espera, sobre o lar.

— Vamos enfrentá-lo aqui — repetiu Banks, batendo com o dedo no mapa manchado de suor — e derrotá-lo aqui.

Na montanha Cedar.

A Legião não avançou muito no dia em que atravessaram o Rapidan. Curiosamente, à expedição faltava urgência, quase como se estivessem a mudar de base de operações, em vez de estarem a avançar contra os nortistas que tinham invadido a Virgínia. Na manhã seguinte, mesmo tendo acordado muito antes da alvorada e estando prontos a marchar ainda antes de o Sol ter surgido por cima das altas árvores orientais, esperaram três horas, enquanto uma sucessão de outros regimentos percorriam lentamente a estrada poeirenta. Uma bateria de pequenas peças de seis libras e morteiros de canos curtos passou por eles, seguidos por uma coluna de infantaria virginiana, que troçou, divertida, da Legião Faulconer devido ao seu nome pretensioso. O dia estava quente e prometia aquecer ainda mais, mas continuaram a esperar enquanto o Sol ia subindo no céu. Mais tropas passaram por eles até que, perto do meio-dia, a Legião seguiu por fim a Brigada Faulconer pela estrada de terra.

Momentos depois, as armas começaram a soar. O ruído vinha da frente, sendo um estrondo que poderia ter sido confundido com trovões, caso o céu não tivesse estado limpo. O ar estava opressivo, húmido e parado, e os rostos dos homens de

Starbuck estavam pálidos com a poeira da estrada, com o suor a abrir sulcos escuros. Em breve, pensou Starbuck, algumas dessas marcas estariam ensanguentadas, cobertas de moscas e a contorcer-se, e tal premonição de combate azedou-lhe o estômago e deixou-lhe os músculos da coxa direita a tremer. Tentou antecipar o som das balas, ao mesmo tempo que se esforçava por mostrar coragem e não o receio que lhe liquefazia as entranhas, ao mesmo tempo que os canhões distantes faziam ribombar os seus estampidos inumanos pelos campos.

— Maldita artilharia — resmungou Truslow num tom amargo. — Há desgraçados a passar um mau bocado.

O tenente Coffman pareceu fazer menção de dizer alguma coisa, mas depois decidiu ficar calado. Um dos recrutados saiu das fileiras para baixar as calças e agachar-se ao lado da estrada. Em situações normais teria sido alvo de uma troça bem-humorada, mas o estrondo abafado das peças deixava os homens nervosos.

Ao início da tarde, a Legião parou num vale baixo. A estrada à sua frente estava bloqueada por um batalhão da Geórgia, além do qual se erguia uma cumeada encimada por árvores escuras por baixo de um céu embranquecido pelo fumo dos canhões. Alguns dos georgianos dormiam na estrada, quais cadáveres. Outros rabiscavam a lápis os seus nomes e terras natais em pedaços de papel que prendiam às casacas ou enfiavam nas casas dos botões, para que, se morressem, os corpos pudessem ser reconhecidos e as famílias informadas. Alguns dos homens de Starbuck começaram a tomar as mesmas precauções macabras, servindo-se das folhas em branco no fim das Bíblias como etiquetas.

— Culpeper Court House — anunciou George Finney de repente. Sentado ao lado da estrada, Starbuck fitou-o, à espera. — O Billy Sutton diz que esta é a estrada para Culpeper Court House — explicou George Finney. — Diz que há dois anos o pai o trouxe por esta estrada.

— Viemos enterrar a minha avó, capitão — interveio Billy Sutton. Sutton era um cabo da Companhia G. Em tempos pertencera à Companhia J, mas um ano de batalhas reduzira a Legião Faulconer de dez para oito Companhias. No início da guerra, a Legião marchara para as batalhas como um dos maiores regimentos do exército rebelde, mas depois de um ano de combates, o que restava mal chegava para encher uma igreja rural.

Três cavaleiros galoparam para sul por entre o restolho de um milheiral ceifado, com os cascos das montadas a levantar nuvens de pó da terra ressequida. Starbuck imaginou que se tratasse de oficiais de estado-maior a trazer ordens. Truslow olhou para os três homens e abanou a cabeça.

— Malditos ianques em Culpeper Court House — resmungou o sargento, afrontado. — Não têm nada que lá estar.

— Se for Culpeper Court House — duvidou Starbuck. Culpeper Court House ficaria pelo menos a cem quilómetros de Faulconer County, a origem da Legião, e poucos dos seus integrantes alguma vez se teriam afastado mais de trinta quilómetros de casa na sua vida. Pelo menos até que aquela guerra os levara até Manassas e Richmond, para matar ianques. Tinham-se tornado muito bons nisso. Também se tinham tornado muito bons a morrer.

Os disparos aumentaram subitamente de intensidade, criando um daqueles acessos em que, sem motivo aparente, cada canhão do campo de batalha falava ao mesmo tempo. Starbuck meneou a cabeça, à escuta do matraquear mais débil da mosquetaria, mas não ouviu nada além do ribombar infernal da artilharia.

— Desgraçados — lamentou.

— Em breve vai ser a nossa vez — replicou Truslow, num comentário que não foi de grande ajuda.

— A este ritmo vão ficar sem munições — aventou Starbuck, esperançoso.

Truslow cuspiu em resposta ao otimismo do capitão e depois virou-se ao ouvir cascos.

— Maldito Swynyrd — resmungou, num tom átono.

Todos os homens da Companhia fingiam agora estar a dormir, ou então mantinham os olhos fitos na estrada empoeirada. O coronel Griffin Swynyrd era um soldado profissional de talentos há muito dissolvidos pelo álcool, mas cuja carreira fora salva pelo general Washington Faulconer. O primo de Swynyrd era editor do mais influente jornal de Richmond e Washington Faulconer, ciente de que a reputação era mais facilmente comprada do que conquistada, pagava pelo apoio do *Richmond Examiner* empregando Swynyrd. Por um instante, Starbuck interrogou-se se Swynyrd estaria à sua procura, mas o coronel, seguido de perto pelo capitão Moxey, galopou ao largo da Companhia H e subiu a encosta na direção dos sons da batalha. Starbuck sentiu um aperto no coração ao imaginar que Swynyrd iria marcar o local onde a Legião formaria, o

que significava que a qualquer momento chegariam as ordens que os levariam a avançar ao encontro das peças.

Mais à frente, onde a estrada desaparecia sobre a elevação baixa, as tropas georgianas estavam já a levantar-se e a pegar nos cobertores e nas armas. O som dos canhões tinha acalmado por momentos, mas o estrépito das munições das espingardas matraqueava agora sobre a paisagem seca. O som intensificou o nervosismo de Starbuck. Passara um mês desde a última batalha da Legião, mas esses meros trinta dias não chegavam para reprimir os terrores do campo de batalha. No seu íntimo, Starbuck esperara que a Legião pudesse escapar-se àquela escaramuça, mas o batalhão da Geórgia avançava já para norte, deixando uma nuvem de pó sobre a estrada.

— Vamos a levantar, Nate! — O capitão Murphy vinha transmitir as ordens de Bird a Starbuck.

Truslow bradou à Companhia H para que se levantasse. Os homens puseram os cobertores enrolados aos ombros e limparam o pó das espingardas. Atrás da Companhia H, os homens da Companhia G do capitão Medlicott ergueram-se lentamente, de lapelas e presilhas dos cintos enfeitadas com os pedaços de papel branco onde tinham escrito os seus nomes.

— Procure o Swynyrd na estrada — indicou a Starbuck o capitão Murphy.

Starbuck interrogou-se onde estaria Washington Faulconer e imaginou que o general estaria a comandar a Brigada na retaguarda. Swynyrd, pesasse embora todos os seus outros defeitos, não era cobarde.

— Em frente! — gritou Starbuck. Depois, de espingarda e rolo de enxerga às costas, assumiu a sua posição à frente da coluna. O pó levantado pelas botas dos georgianos fazia-lhe arder a garganta e os olhos. A estrada estava pontilhada com manchas escuras do suco de tabaco que lembravam o sangue espirrado dos ferimentos. O som do fogo de espingarda intensificava-se.

O estrépito cresceu ainda mais quando Starbuck liderou a Legião através da mata no cimo da cumeada, que servira para disfarçar e abafar o som da luta, barulho esse que agora se abria à frente de Starbuck numa cacofonia furiosa. Ao longo de quase dois quilómetros além das árvores, não havia nada senão fumo das armas, chamas e caos. Os campos à esquerda da estrada estavam repletos de feridos e de cirurgiões que remendavam a carne rasgada, à direita via-se uma colina orlada de fumo de artilharia, e à frente erguia-se uma segunda faixa de

árvores que ocultavam os combates, mas não conseguiam esconder a mortalha de fumo, que voluteava de ambos os lados da estrada, nem disfarçar o som das peças.

— Valha-me Deus — exclamou Coffman. Estava excitado e nervoso.

— Fique ao pé do Truslow — alertou Starbuck o jovem tenente.

— Eu fico bem, meu capitão.

— Todos os homens que morreram nesta guerra disseram o mesmo, Coffman — reagiu Starbuck furiosamente —, e antes de ser alvejado, quero que já tenha começado a fazer a barba. Por isso fique ao pé do Truslow.

— Sim, meu capitão — acedeu Coffman docilmente.

Um dardo de artilharia atravessou os topos dos pinheiros à direita da estrada, deixando os ramos a abanar sobre a chuva de agulhas que caíram sobre o pó. Havia feridos, todos rebeldes, deitados em ambas as bermas. Alguns já tinham morrido. Um homem chegou a cambalear vindo dos combates. Estava em tronco nu e tinha os suspensórios pendurados ao lado das pernas. Agarrava a barriga, tentando impedir que as entranhas se espalhassem sobre a terra. Os antebraços estavam cobertos de sangue.

— Valha-me Deus — repetiu Coffman, que empalideceu. O sangue na estrada poeirenta parecia mais negro do que as manchas de tabaco. O som dos tiros de espingarda dilacerava a tarde que cheirava a resina, enxofre e sangue. As sombras eram compridas, a ponto de deixar Starbuck com a vaga esperança de que a noite pudesse chegar antes de ser obrigado a combater.

Starbuck liderou a Companhia pelo terreno aberto até à proteção da segunda linha de árvores. As folhas estremeciam com o impacto das balas e marcas recentes de madeira amarela deixavam-se ver onde os dardos da artilharia tinham arrancado ramos das árvores. Um carro de munições com uma roda partida estava inclinado na berma da estrada. Um condutor negro, de cabeça ensanguentada, estava encostado à carroça abandonada e observou a passagem dos homens de Starbuck.

As árvores terminavam pouco à frente e Starbuck sabia que, além delas, no espaço aberto coberto de fumo, a batalha o aguardava. O bom senso dizia-lhe para abrandar e assim atrasar a sua entrada naquele palco minado de balas, mas o orgulho levava-o a apressar-se. Via o fumo das armas a passar por entre os derradeiros ramos verdes, qual nevoeiro de primavera a pairar vindo do Porto de

Boston. Sentia o fedor acre do fumo e sabia que estava praticamente na altura de a Legião assumir as suas posições. Tinha a boca seca do pó, o coração aos saltos e a bexiga cheia. Passou por um homem cujo corpo jazia rasgado pelo impacto de uma granada de artilharia. Ouviu Coffman a tentar vomitar em seco. As moscas zumbiam no ar opressivo. Um dos seus homens riu-se do cadáver eviscerado. Starbuck puxou da espingarda que trazia ao ombro e confirmou com o dedo que tinha o fulminante no lugar. Era capitão, mas não ostentava marcas de patente e usava uma espingarda tal como os seus homens, e, nessa altura, tal como eles, puxou a caixa de munições para a frente do cinto de corda, onde estaria à mão para recarregar a arma. A bota direita danificada quase o fez cair ao deixar a sombra das árvores e ver à sua frente um vale baixo, devastado e ocupado pela batalha. O campo baixo estava coberto de fumo e ressoava com os disparos. Um cavalo jazia morto numa vala ao lado da estrada. Coffman estava pálido, mas esforçava-se por parecer tranquilo e não se baixar sempre que um projétil assobiava por cima deles. As balas cruzavam o ar húmido. Não havia sinais de qualquer inimigo — a bem da verdade, praticamente não se viam homens, à exceção de alguns artilheiros rebeldes e do coronel Swynyard, montado a cavalo num campo à esquerda da estrada, com Moxey a seu lado.

— Starbuck! — bradou o coronel Swynyard. — Aqui! — Starbuck levou a Companhia sobre o restolho seco do milheiral. — Formem aqui! — ordenou Swynyard, apontando para um local atrás do cavalo. Depois virou-se na sela para olhar para norte pelos binóculos. O capitão Moxey atarefava-se a ordenar à Companhia H que se alinhassem segundo a sua indicação, pelo que Starbuck o deixou com os seus afazeres e avançou na direção de Swynyard. O coronel baixou os binóculos para observar a bateria de peças de seis libras rebeldes que estavam dispostas a pouco menos de cem metros mais à frente. O fumo das pequenas armas obscurecia os combates mais adiante, mas de vez em quando uma granada ianque rebentava perto da bateria, fazendo Swynyard sorrir de satisfação. — Ah, muito bem! Bom tiro! — gritou o coronel quando uma granada inimiga eviscerou um cavalo de tração preso cinquenta passos atrás das peças. O animal relinchou em sofrimento enquanto esperneava, ensanguentado, deixando em pânico os outros cavalos amarrados que se empinaram na tentativa de arrancar do chão as estacas de ferro. — Caos! — exclamou Swynyard

alegremente, após o que baixou o olhar para Starbuck. — Os ianques estão bem agitados, esta tarde.

— Imagino que estivessem à nossa espera — aventou Starbuck. — Sabiam que vínhamos.

— Alguém lhes deve ter contado. Um traidor, ein? — Swynyrd adiantou a sugestão com malícia. O coronel era um homem de fealdade impressionante, sendo grande parte o resultado de ferimentos recebidos honrosamente ao serviço dos antigos Estados Unidos, mas também devido ao uísque que, regra geral, o deixava comatoso logo ao início da noite. Tinha barba preta hirsuta pontilhada com tons grisalhos e suja de suco de tabaco seco, olhos encovados e um tique na face direita cicatrizada. Faltavam-lhe três dedos na mão direita e tinha a boca cheia de dentes podres malcheirosos. — Talvez o traidor tenha sido um nortista, ein? — aventou Swynyrd desastradamente.

Starbuck sorriu.

— O mais provável é que tenha sido um desgraçado bêbado a precisar de dinheiro para o uísque... — fez uma pausa — ... coronel.

A única resposta de Swynyrd foi a sua gargalhada rouca, que dava a entender um toque de loucura. Por incrível que parecesse, e apesar do adiantado do dia, continuava sóbrio, talvez por Washington Faulconer lhe ter escondido o uísque, ou então por os últimos vestígios de sensatez de Swynyrd o terem convencido de que teria de agir devidamente num dia de batalha, caso contrário correria o risco de perder o trabalho. Swynyrd olhou para o fumo das armas e depois mais uma vez para o caderno onde escrevia. Na manga direita tinha um quadrado de tecido branco bordado com um crescente vermelho. O símbolo fora retirado do brasão de Washington Faulconer e o general tivera a brilhante ideia de distribuir os emblemas a todos os homens da sua Brigada, embora o sucesso não tivesse sido total. Alguns dos homens recusaram-se a usar o emblema, e, regra geral, era possível distinguir os apoiantes de Faulconer através da presença ou ausência do pedaço de tecido. Como seria de esperar, Starbuck nunca usara o emblema com o crescente, embora alguns dos seus homens se tivessem servido do conveniente pedaço de tecido para remendar o fundo das calças.

Swynyrd rasgou a página do caderno, guardou-o e depois sacou do revólver. Começou a enfiar fulminantes nas câmaras carregadas. O cano da arma estava apontado diretamente ao peito de Starbuck.

— Podia ter um acidente — comentou Swynyard. — Ninguém me culparia. Tenho três dedos a menos na mão, por isso é natural que às vezes me atrapalhe. Um tiro, Starbuck, e transformava-se em carne para os abutres. Imagino que o general Faulconer fosse gostar disso. — Swynyard começou a puxar o cão.

Ouviu-se então um estalido atrás de Starbuck e o polegar do coronel descontraiu-se. O sargento Truslow baixou o cão da espingarda.

— Também posso ter um acidente — indicou Truslow.

Swynyard não disse nada, limitando-se a sorrir e a virar-se. A bateria nas proximidades deixara de disparar e os artilheiros içavam as peças para os seus armões. O fumo da bateria dissipou-se lentamente no ar parado. Os canhões rebeldes tinham travado um duelo com uma bateria nortista, duelo esse vencido pelos soldados do Norte.

— Os ianques vão subir a mira — comentou Swynyard, olhando pelos binóculos. — Têm peças de quatro polegadas e meia. Não podemos combater canhões de quatro polegadas e meia com peças de seis libras. Mais vale atirarmos pedras aos canalhas.

Starbuck observou as armas sulistas a serem puxadas para a retaguarda e interrogou-se se seria suposto combater canhões estriados de quatro polegadas e meia com espingardas. Sentia o coração a bater com demasiada força, enchendo-lhe o peito com o seu rufar. Tentou humedecer os lábios, mas tinha a boca demasiado seca.

O som da mosquetaria desvaneceu-se, sendo substituído pelos vivas nortistas. Os festejos ianques eram muito mais graves do que o ulular arrepiante dos rebeldes ao ataque. O fumo dos canhões dissipara-se o suficiente para que Starbuck visse uma faixa de terreno arborizado cerca de oitocentos metros mais à frente, e depois uma visão que nunca esperara testemunhar num dos campos de batalha de Thomas Jackson.

Viu pânico.

À frente e à esquerda de Starbuck, uma horda de soldados rebeldes saía a correr de entre as árvores e fugia para sul pelo vale baixo. Toda a disciplina desaparecera. As granadas explodiam entre os soldados de casacas cinzentas, o que lhes fazia aumentar o desespero. Uma bandeira rebelde tombou, foi outra vez erguida e depois desapareceu no meio de uma nuvem do fumo e das chamas de um rebentamento. Por entre a massa em fuga, cavaleiros tentavam fazer com

que os homens dessem meia-volta, e, aqui e ali, por entre o pânico, houve quem tentasse formar uma linha, mas grupos tão reduzidos não tinham qualquer hipótese de contrariar o medo que varria a maioria.

Swynyrd talvez fosse alcoólico e um bruto irascível, mas era soldado profissional há tempo suficiente para reconhecer um desastre. Virou-se e viu que a Companhia G do capitão Medlicott tinha formado ao lado dos homens de Starbuck.

— Medlicott! — bradou Swynyrd. — Avance com essas duas Companhias! Fica no comando! — Embora muito mais velho do que Starbuck, Medlicott tinha menos antiguidade na patente, mas Swynyrd atribuíra-lhe o comando das duas Companhias numa tentativa de insultar Starbuck. — Está a ver aquele armão partido? — O coronel apontou para um veículo destruído a duzentos passos de distância, onde uma faixa de erva estabelecia a divisão entre uma extensão de milho colhido e um campo mais vasto de trigo. — Forme aí a sua linha de escaramuceiros! Eu levo a Legião em apoio. — Swynyrd devolveu a atenção a Starbuck. — Tome isto — disse e baixou-se na sela para estender um pedaço de papel dobrado.

Starbuck agarrou no papel e depois bradou aos seus homens para que avançassem a par da Companhia G. Uma granada gemeu por cima dos homens. Era estranho, pensou Starbuck, como o nervosismo debilitante que afligia um homem antes da batalha desaparecia tão depressa com a proximidade do perigo. Agora que estava debaixo de fogo, até o calor sufocante do dia parecia suportável. Humedeceu os lábios e desdobrou o papel que Swynyrd lhe entregara. Imaginara que se tratasse de ordens escritas, mas em vez disso percebeu que era a etiqueta de um morto. *Starbuck*, dizia o papel, *Boston, Massachusetts*. Starbuck deitou-o fora, num acesso de raiva. Atrás dele, onde o resto da Legião se apressava a formar, Swynyrd viu o gesto e riu-se.

— Isto é de loucos! — protestou Truslow com Starbuck. Duas Companhias de escaramuceiros não seriam capazes de fazer frente à onda de medo que fugia das armas ianques.

— O resto da Legião vai ajudar — garantiu Starbuck.

— Acho bem — declarou Truslow —, se não vamos ser pasto para os abutres.

A Companhia G avançava à direita de Starbuck. Medlicott não parecia preocupado com a desvantagem, abrindo caminho à frente dos homens de

espingarda nas mãos, ou, então, pensou Starbuck, talvez o moleiro se limitasse a não exibir o medo.

— Mantenham as filas direitas! — gritou Starbuck a Coffman. — Quero-as firmes. — Procurou no bolso e encontrou a ponta de um charuto que estivera a guardar para a batalha. Pediu um charuto aceso a um dos homens, acendeu o seu e inspirou profundamente o fumo amargo.

O tenente Coffman adiantara-se à Companhia H e empunhava uma baioneta de punho de latão à laia de espada.

— Para trás, senhor Coffman! — ordenou Starbuck.

— Mas, meu capitão...

— O seu lugar é atrás da Companhia, tenente! Vá para lá! E livre-se dessa espada de brincar!

Os primeiros soldados nortistas apareceram de repente na linha de árvores na encosta oposta do vale, que ficou enfeitada com as pequenas bolas de fumo branco dos disparos de espingarda. Uma granada explodiu à frente de Starbuck, lançando fragmentos do invólucro à volta dele. O campo à esquerda fora parcialmente ceifado, pelo que algum do trigo estava de pé, mas a maior parte secava em medas. Pequenos fogos crepitavam nas zonas secas incendiadas pela explosão da granada. Havia extensões de restolho de milho entre o trigo e duas filas de milho por cortar, onde se abrigara um grupo de soldados rebeldes. O milho estremecia sempre que uma bala ou uma granada vergastava os caules. Nas árvores distantes surgiu uma bandeira nortista. O porta-estandarte agitava-a, fazendo com que as faixas abanassem, garridas. Ouviu-se um clarim e, a ocidente, a infantaria rebelde continuava a fugir. Os oficiais rebeldes ainda galopavam entre os fugitivos, tentando deter-lhes a fuga e fazê-los dar meia-volta. Entre eles contava-se o general Jackson, que fustigava os soldados em pânico com o sabre embainhado. Havia agora mais nortistas na linha das árvores, alguns deles mesmo à frente de Starbuck.

Mais uma granada caiu perto da Companhia H e Starbuck interrogou-se porque não teria ordenado Medlicott que as duas Companhias assumissem a posição de escaramuça. Decidiu então ignorar a etiqueta militar e bradar ele próprio a ordem. Medlicott ecoou a ordem, levando assim as duas Companhias a assumir uma formação atrapalhada. Deviam agora combater os escaramuceiros inimigos que avançariam à frente do grosso do ataque ianque.

— Confirmem que têm as armas carregadas! — alertou Starbuck. A linha nortista parara momentaneamente, talvez para se alinharem depois de terem avançado por entre as árvores. Os fugitivos sulistas tinham desaparecido atrás do flanco esquerdo de Starbuck e de súbito o campo de batalha pareceu silencioso e solitário.

Pareceu também muito arriscado. O capitão Medlicott acercou-se de Starbuck.

— Acha que isto está bem? — perguntou, apontando para a dispersão de escaramuceiros isolados que se encontravam sozinhos no campo vasto. Medlicott nunca gostara de Starbuck e o emblema com o crescente vermelho que tinha no ombro da farda identificava-o como sendo um apoiante leal do general Faulconer, mas o nervosismo levara Medlicott a procurar a garantia do pior inimigo de Faulconer. Perto do homem, Starbuck pôde ver que Medlicott não estava, de todo, a ocultar o medo; tinha uma face a tremer descontroladamente e o suor escorria-lhe pelas faces e pingava da barba. Tirou o chapéu de abas largas para abanar o rosto e Starbuck viu que até a lisa cabeça pálida e calva do moleiro estava orlada com suor. — Não devíamos aqui estar! — exclamou Medlicott num tom petulante.

— Só Deus sabe o que está a acontecer — retorquiu Starbuck. Uma bateria nortista surgira onde a estrada desaparecia entre as árvores mais longínquas. Starbuck viu as peças darem a volta no meio de uma chuva de terra. *Daqui a um instante vão ter-nos na mira, pensou. Deus do Céu, que seja uma morte limpa, rápida como o pensamento, sem agonia à mercê da faca de um cirurgião ou a morrer banhado em suor por causa de uma febre num qualquer hospital infestado de ratazanas.* Virou-se para olhar para trás e viu a Brigada Faulconer a sair da estrada e a formar alas. — O Swynyard vai chegar não tarda nada — tentou ele descansar Medlicott.

A infantaria nortista voltou a avançar, com meia dúzia de bandeiras a deixarem-se ver sobre as fileiras escuras. Três dos estandartes eram Velhas Glórias, sendo as outras bandeiras regimentais, com divisas estatais ou insígnias marciais. Seis bandeiras representavam três regimentos que atacavam agora duas Companhias ligeiras. O capitão Medlicott voltou para junto dos seus homens e o sargento Truslow acercou-se de Starbuck.

— Somos só nós e eles? — perguntou, acenando com a cabeça na direção dos ianques.

— O Swynyard vai fazer avançar o resto da Brigada — disse Starbuck. Granadas da bateria acabada de formar gemeram por cima deles, com destino à Brigada Faulconer. — Antes eles do que nós, certo? — exclamou Starbuck com a indiferença dura de um homem poupado à atenção dos artilheiros. Viu George Finney apontar a espingarda. — Sustém o fogo, George! Espera até os sacanas estarem ao nosso alcance.

Os escaramuceiros nortistas correram à frente da linha de ataque. Tinham como missão afastar os homens de Starbuck, mas em breve, pensou o jovem capitão, o resto dos escaramuceiros da Brigada Faulconer avançaria para os reforçar. Outra salva de granadas ribombou acima dele, com os estrondos das explosões a fazerem-se ouvir um segundo depois do estampido dos canhões. Starbuck procurou oficiais inimigos entre os escaramuceiros que se aproximavam. Os oficiais ianques pareciam mais relutantes do que os sulistas em abandonar as espadas, as cintilantes insígnias de patente e as dragonas brilhantes.

Uma segunda bateria ianque abriu fogo na cumeada. Uma granada gemeu a centímetros da cabeça de Starbuck. *Que o Senhor nos deixe verdadeiramente agradecidos*, pensou, *por aquilo que estamos prestes a receber*. Ouvia o rufar dos tambores da infantaria nortista. Seria aquela a grande batalha do Norte? Conseguiriam finalmente que a Confederação se rendesse? A maior parte das forças rebeldes na Virgínia encontrava-se a mais de cem quilómetros dali, no outro lado de Richmond com Robert Lee, mas era ali que os nortistas atacavam, e se conseguissem atravessar, quem os impediria de marchar para sul, cada vez mais para sul, até que Richmond ficasse isolada e toda a zona superior do Sul afastada da Confederação?

— Firmes! — bradou Starbuck aos homens enquanto percorria lentamente a frente da linha irregular de escaramuceiros. Mais um minuto, pensou, e os escaramuceiros nortistas estariam ao alcance deles. — Estás a ver aquele sacana ruivo de espada curva, Will? — perguntou Starbuck a Tolby, um dos melhores atiradores da Legião. — É todo teu. Mata o filho da mãe.

— Eu trato dele, capitão! — Tolby puxou o cão da espingarda.

Starbuck viu os canhões inimigos desaparecerem atrás de uma nuvem de fumo branco-acinzentado e antecipou uma nova chuva de granadas por cima deles, mas, em vez disso, os projéteis caíram no campo em redor dos homens de Starbuck. Um dos sargentos de Medlicott foi atirado para trás, com o sangue a pulverizar momentaneamente o ar quente. Um fragmento de granada foi bater no armão partido, que ostentava uma legenda a indicar que o veículo pertencia à 4ª de Artilharia dos EUA, prova de que os rebeldes tinham feito recuar os ianques pelo vale antes de serem rechaçados na mata distante. Ou talvez o armão tivesse sido capturado num momento anterior da guerra, pensou Starbuck, já que parecia que pelo menos metade do equipamento dos rebeldes era de origem nortista. Uma bola sólida caiu perto de Starbuck e depois ricocheteou. A proximidade do tiro fê-lo interrogar-se porque estariam os artilheiros ianques a apontar a uma linha de escaramuceiros dispersa quando poderiam estar a disparar contra a maior força da Brigada Faulconer. Essa curiosidade levou-o a procurar os reforços prometidos por Swynyrd.

Mas o coronel desaparecera e com ele toda a Brigada Faulconer, deixando Starbuck e Medlicott sozinhos no campo. Starbuck virou-se outra vez. Os escaramuceiros nortistas estavam agora mais perto, o suficiente para que Starbuck visse que tinham fardas elegantes, sem estarem remendadas com tecido castanho e cinzento, como as dos rebeldes. Os nortistas avançavam com um bom estilo, com o sol a refletir-se nas fivelas dos cintos e nos botões de latão. Por trás da linha de escaramuceiros, um batalhão pisoteou uma fila de caules de milho. Havia meia dúzia de oficiais montados na retaguarda da formação ianque, prova de que pelo menos um dos regimentos a atacar era novo na guerra. Os oficiais veteranos não chamavam a atenção dos atiradores ficando montados nas suas selas. Claro que duas Companhias de escaramuceiros também não procuravam lutar contra toda uma brigada ianque.

— Fogo! — vociferou Truslow e os escaramuceiros da Legião deram início à batalha. Os homens estavam aos pares, com um deles a disparar e depois a recarregar enquanto o companheiro procurava perigo. O ianque ruivo já estava no chão, agarrado ao peito.

Truslow correu até junto de Starbuck.

— Nunca fui um homem religioso — admitiu o sargento enquanto empurrava uma bala pelo cano da espingarda —, mas não há uma história na Bíblia sobre

um rei filho da mãe que envia um homem para que morra em combate, só para poder ficar com a esposa desse homem?

Starbuck espreitou pelo véu de fumo de espingarda, viu um ianque a apoiar-se num joelho para apontar e disparou contra ele. Uma bala nortista rasgou o ar alguns centímetros à sua esquerda. Atrás da sua linha de escaramuceiros, a brigada nortista avançava continuamente à sombra das bandeiras garridas. Ouvia as botas dos soldados a esmagarem os caules de milho e sabia que assim que a linha em marcha chegasse ao extremo do campo de trigo, eles parariam para apontar, após o que uma salva mortal atravessaria o campo, estando cada bala destinada às duas Companhias isoladas da Legião. Não havia nada que detivesse os ianques no campo aberto. Não havia canhões rebeldes a disparar, nada de granadas a rebentar ou leques de metralha que salpicassem de vermelho o campo de trigo. Tom Petty, um rapaz de dezoito anos da Companhia de Starbuck, virou-se de boca aberta e olhos arregalados. Abanou a cabeça sem acreditar e depois caiu de joelhos. Viu os olhos de Starbuck fitos em si e obrigou-se a exhibir um sorriso corajoso.

— Estou bem, meu capitão! Só magoado! — Conseguiu levantar-se e encarar o inimigo.

— O rei David — disse Starbuck em voz alta. O rei David enviara Urias, o hitita, para a linha da frente da batalha, para que Betsabé enviuvasse. — “Coloca Urias na frente, onde o combate for mais aceso” — recordou Starbuck o versículo — “e não o socorras, para que ele seja ferido e morra.” — Maldito fosse Faulconer, que mandara Swynyrd colocar Starbuck na frente, onde o combate era mais aceso, para que fosse ferido e morresse. — Vamos sair daqui! — gritou Starbuck ao capitão Medlicott.

Embora oficialmente no comando, Medlicott ficou grato pela liderança do homem mais jovem.

— Para trás! — ordenou à Companhia G.

Os ianques aplaudiram e troçaram ao verem a retirada dos poucos escaramuceiros.

— Estão a gostar da tarefa, rapazes? — gritou um nortista. — Continuem a fugir! Nós vamos atrás de vocês! — bradou outro, enquanto um terceiro enviava os sentimentos ao Parede Jackson. — E digam-lhe que o vamos enforcar com jeitinho!

— Firmes! — disse Starbuck aos seus homens. Mantinha-se de costas para o inimigo, concentrando-se na sua Companhia. — De volta às árvores! Firmes, sem correr! — Não se via mais ninguém da Brigada. Swynyrd ou Faulconer deveriam ter levado toda a Brigada de volta às árvores, abandonando Starbuck e Medlicott ao inimigo. Mas porque não teria Bird protestado? Uma granada caiu mesmo atrás de Starbuck, empurrando-o com uma onda de choque de ar quente. Virou-se e viu os escaramuceiros ianques a correrem na sua direção. — Passo acelerado para a mata! — bradou, permitindo assim aos seus homens que abandonassem a retirada lenta e firme. — Faça-os formar junto à estrada, sargento! — ordenou a Truslow.

Mais troças e uma mancheia de balas nortistas seguiram a retirada apressada dos escaramuceiros. Os ianques estavam animados. Tinham esperado muito tempo para dar uma lição ao Parede Jackson e agora brandiam com força o chicote. De volta às árvores, os homens de Starbuck arquejavam enquanto se acocoravam e olhavam nervosamente para o superior que, por sua vez, estava a observar as sombras a estenderem-se sobre o campo de trigo. Dava também atenção à distante linha de árvores, onde tinham surgido ainda mais canhões e infantaria. Os ianques saíam triunfantes e os rebeldes estavam derrotados.

— Se aqui ficarmos — Medlicott regressara para junto de Starbuck —, é mais do que certo que seremos feitos prisioneiros.

— O Swynyrd entregou-lhe o comando — fez Starbuck questão de lembrar.

Medlicott hesitou, sem vontade de assumir a responsabilidade, e depois sugeriu a medo que as duas Companhias deveriam retirar-se ainda mais para o meio das árvores. A leste da casa de portagem, uma batalha furiosa de artilharia enchia o ar do final da tarde com um barulho ensurdecedor. O fumo descia a encosta onde as peças rebeldes estavam posicionadas, mas esses canhões de nada serviam aos soldados derrotados a ocidente da estrada, onde a linha ianque esmagara o milho ainda de pé para empurrar a infantaria de Jackson de volta ao armão na cumeada sul do vale. As peças de artilharia nortistas tinham agora as árvores sob mira e as matas verdejantes enchiam-se com a ameaça da metralha. Starbuck interrogou-se quanto ao destino do regimento da Geórgia e onde estaria escondido o resto da Brigada.

— Não consigo ver a Brigada! — exclamou o desesperado Medlicott. Uma salva de granadas rebentou à frente dos escaramuceiros, enchendo as árvores de

fragmentos de metal quente. Os homens que abriam a retirada tinham seguido o carreiro sinuoso até uma pequena depressão, onde se agacharam instintivamente, recusando-se a deixar a escassa proteção para entrar naquela zona de fogo. Perplexo e assustado, o capitão Medlicott parecia contentar-se em deixá-los descansar. — Talvez devêssemos enviar uma patrulha à procura da Brigada? — aventou a Starbuck.

— Enquanto os restantes aqui ficam para serem capturados? — indagou Starbuck, num tom sarcástico.

— Não sei — admitiu Medlicott. O moleiro ficara de súbito desprovido de confiança e de iniciativa. A expressão no rosto mole era a de uma criança magoada por ter sido castigada por uma asneira que não fizera.

— Ianques! — alertou Truslow, apontando para oeste, onde se viam fardas azuis entre as árvores.

— Fiquem quietos! — gritou Medlicott, num pânico repentino. — Baixem-se!

Starbuck teria continuado a retirada, na esperança de se juntar à reserva confederada, mas Medlicott vira-se obrigado pelo pânico a tomar uma decisão, o que levou os homens gratos a agacharem-se nas sombras. Dois dos elementos da Companhia de Starbuck pousaram o corpo que transportavam.

— Enterramo-lo? — perguntou um dos dois homens a Starbuck.

— Quem é? — Estava escuro no meio das árvores e a noite aproximava-se.

— O Tom Petty.

— Meu Deus — exclamou Starbuck. Vira Petty ferido, mas pensara que ele sobrevivesse, algo que merecia, pois era um menino e não um homem. Costumava barbear-se todos os dias, mas a lâmina não fizera qualquer diferença nas faces. Só a usara para explicar a falta de barba, mas fora um bom soldado, alegre e voluntarioso. Starbuck tencionava promovê-lo a cabo, mas agora teria de ser Mellors, que não era tão inteligente. — Abram-lhe uma cova rápida — concordou Starbuck — e o cabo Waggoner que faça uma oração.

Os gritos dos nortistas intensificaram-se à volta deles. A mata enchia-se de granadas ruidosas, tantas que por vezes as folhas arrancadas lembravam uma neve verde a cair pelo ar morno do fim da tarde. As árvores ecoavam os gritos patéticos dos moribundos. O tenente Coffman agachou-se ao lado de Starbuck, o rosto pequeno espantado por os seus amados rebeldes estarem a ser fustigados, por o Norte estar a ganhar e por nada fazer sentido no mundo.

O reverendo Elial Starbuck partilhou a alegria quando o quartel-general ianque se apercebeu da vitória. E que vitória se revelara! Os prisioneiros tinham confirmado que o comandante inimigo era, deveras, o afamado Parede Jackson.

— Esta noite, o maldito não vai buscar o jantar aos meus carros de suprimentos! — gabou-se o general Banks. Era verdade que o inimigo ainda se mantinha firme nas encostas da montanha Cedar, mas o estado-maior de Banks ia trazendo mensagem atrás de mensagem que davam conta de como a ala direita federal, às ordens do general Crawford, empurrava os rebeldes pelo vale, até às matas mais além. — Agora vamos flanqueá-los! — exclamou Banks, gesticulando de forma extravagante para mostrar como pretendia levar a ala direita do exército a contornar a montanha e assim cercar o que restava do exército confederado. — Talvez esta noite tenhamos o Jackson como convidado ao jantar!

— Duvido que tenha grande apetite depois desta coça — observou um major de artilharia.

— Seja como for, diz-se que o homem tem apetites estranhos como o diabo — comentou um ajudante-de-campo, que logo enrubesceu por ter praguejado à frente do reverendo Starbuck. — Segundo ouvi dizer, só come pão duro e couve picada.

— Podíamos picar-lhe couves, ein, Starbuck? — O general Banks atraía assim o seu convidado de honra para a animada conversa.

— Dar-lhe-ia a comer o que comem os escravos! — declarou o reverendo Starbuck.

— Acho que ele come pior do que qualquer escravo! — gracejou Banks. — Se obrigássemos um escravo a comer a habitual refeição do Jackson, tínhamos o mundo à nossa perna por sermos inumanos. Se calhar devíamos castigar o homem com uma refeição decente. Ostras e faisão, o que me dizem?

Os ajudantes-de-campo de Banks riram-se e o general devolveu a atenção ao fumo da batalha que já revelava a leve coloração rosada do sol do fim da tarde. Banks parecia soberbo à luz inclinada: de costas hirtas e rosto severo, era a imagem de um verdadeiro soldado, e de repente, depois de meses de desilusões, era assim que o político finalmente se sentia, como um soldado. Banks admitia modestamente para consigo que se adaptara ao trabalho e estava agora pronto para as batalhas que se seguissem. Isso porque, pesasse embora a grande vitória

daquele dia, haveria mais batalhas a travar. Com a derrota de Parede Jackson, o general Robert Lee, que protegia Richmond do exército de McClellan, seria obrigado a avançar para norte, mesmo que tal movimentação abrisse a capital rebelde às forças do general nortista. McClellan derrotaria prontamente as defesas de Richmond, Pope esmagaria Lee e depois, à parte algumas limpezas no Mississippi e incursões no Sul profundo, a guerra chegaria ao fim. Ainda melhor, seria ganha. Só restavam algumas batalhas, a rendição rebelde e a marcha da vitória federal, e, acima de tudo, a necessidade absoluta de o presidente Lincoln e os patetas do Congresso dos Estados Unidos perceberem que fora Nathaniel Prentiss Banks a acelerar o processo. Por Deus, pensou Banks, agora haveria quem quisesse roubar-lhe a glória! Sem dúvida que John Pope o tentaria e de certeza que George McClellan escreveria a todos os editores de jornais possíveis e imaginários, o que fazia com que o despacho sobre a vitória daquela noite tivesse de ser redigido com firmeza e clareza. Banks tinha noção de que o despacho desse serão viria a dar forma aos livros de História dos anos vindouros, mas ainda mais importante, as palavras que fosse escrever angariariam votos para o que lhe restasse da carreira.

Os oficiais nortistas reuniram-se para felicitar o general. O comandante dos guarda-costas de Banks, um zuavo alto da Pensilvânia, entregou ao general um frasco de prata de brandy.

— Um brinde ao seu triunfo, meu general — proclamou o zuavo. Uma fila irregular de prisioneiros desconsolados passou pelo grupo de cavaleiros. Um ou dois dos secessionistas capturados lançou um olhar carrancudo ao general do Norte, e um dos rebeldes cuspiu na direção dele, mas, naquela noite, pensou Banks, teria o mais valioso de todos os prisioneiros como convidado ao jantar. Trataria o general Jackson com cortesia, como seria próprio de um soldado galante, e o mundo ficaria pasmo com a modéstia do vencedor. Depois Banks imaginou-se numa outra mesa de jantar, num lugar muito mais distinto em Washington, uma mesa reluzente com as pratas presidenciais, e na sua mente viu os diplomatas estrangeiros e as suas esposas ornamentadas com joias a chegarem-se à frente para lhe beberem as palavras. Presidente Banks! E porque não? Talvez George Washington tivesse criado aquele país, mas fora preciso Nathaniel Banks para o salvar.

Quilómetro e meio a sul de Banks, numa faixa arborizada onde os fogos ateados pelas granadas torturavam os feridos, havia homens que gritavam, combatiam e morriam. O contra-ataque ianque estava a ser atrasado pela vegetação rasteira e pela oposição teimosa dos atiradores sulistas, cujas chamas dos disparos fendiam as sombras fumarentas. Granadas rasgavam as copas das árvores, desfazendo ramos e fazendo estremecer o céu com as explosões. O sangue e o fumo deixavam o seu fedor no ar, um homem chamou a mãe com a voz de uma criança, outro amaldiçoou Deus, mas o Norte nunca deixou de avançar, metro a metro, mergulhando no inferno na sua busca pela paz.

— Não adianta nada — comentou o general Washington Faulconer num tom gelado — dividir a Brigada em destacamentos pequenos. Vamos entrar em combate unidos.

— Se ainda restar alguma batalha — replicou Swynyrd com uma satisfação demoníaca. Parecia estar a apreciar o pânico que infestara o lado ocidental da batalha de Jackson.

— Cuidado com a língua, coronel — alertou Faulconer bruscamente. Estava mais desagradado do que o habitual com o seu segundo comandante, que já perdera um quarto da Legião, em vez de se ter livrado unicamente da Companhia de Starbuck. O que restava da Brigada tinha de ser reunido e não desperdiçado por se dedicar à batalha em fragmentos. Faulconer afastou-se de Swynyrd e olhou para a mata de cima do cavalo. As árvores estavam cheias de fumo e agitavam-se à passagem das granadas e dos dardos nortistas. Só Deus sabia o que se teria passado no vale amplo além da mata, mas até ali onde ele se encontrava, muito atrás do ponto onde o combate tivera lugar, os sinais de um desastre iminente eram mais do que óbvios. Os feridos afastavam-se das árvores, a cambalear; alguns eram ajudados por amigos, outros rastejavam ou coxeavam em sofrimento até onde os cirurgiões retalhavam, serravam e cosiam. Muitos dos fugitivos não estavam feridos de todo, sendo apenas homens assustados que tentavam escapar ao avanço ianque.

Faulconer não pretendia deixar que esse avanço lhe colhesse a Brigada.

— Quero a 65^a à direita — bradou Faulconer a Swynyrd, referindo-se à 65^a da Virgínia, o segundo maior regimento da Brigada Faulconer a seguir à Legião —, os homens do Arcansas ao centro e a 12^a da Florida à esquerda. Todos os outros ficam na reserva, duzentos passos atrás. — Isso significava que as

restantes seis Companhias da Legião, naquele momento o batalhão mais avançado da Brigada, tornar-se-iam a linha mais recuada de Faulconer. Essa nova distribuição não era necessária, mas deslocar a linha da frente para a retaguarda servia para matar alguns instantes preciosos, enquanto Faulconer tentava determinar os desastres que tinham lugar além da mata. — E coronel! — chamou Faulconer. — O Bird que vá fazer o reconhecimento do terreno. Ele que me venha apresentar o relatório daqui a meia hora!

— O coronel Bird já cá não está — indicou Swynyrd. — Foi buscar os escaramuceiros dele.

— Sem ordens? — indagou Faulconer, com raiva na voz. — Então ele que se venha explicar assim que chegar. Agora vá-se embora!

— Meu general? — interveio nervosamente o capitão Thomas Pryor, um dos novos ajudantes-de-campo de Washington Faulconer.

— Sim, capitão? — respondeu Faulconer.

— As ordens do general Jackson foram bem claras, meu general. Temos de avançar rapidamente com as unidades disponíveis, meu general. Para as árvores, meu general. — Pryor apontou nervosamente para a mata.

Faulconer, no entanto, não pretendia avançar rapidamente. As árvores pareciam estar vivas com fumo e chamas, quase como se a própria terra se agitasse com os espasmos de um combate mítico. As espingardas crepitavam, os homens gritavam e os canhões enchiam o ar húmido com as suas explosões ribombantes. Faulconer não pretendia mergulhar nesse turbilhão. Queria ordem e sentido, e uma certa dose de segurança.

— O general Jackson — explicou a Pryor — está em pânico. Não vamos ajudar em nada se nos formos meter aos bocados. Avançamos de forma ordeira, ou não avançamos de todo. — Virou costas à batalha e regressou ao ponto onde a segunda linha se viria a formar. Essa linha de reserva era composta pelas seis Companhias restantes da Legião e toda a 13ª da Florida, dois regimentos que Faulconer pretendia manter afastados até que a primeira linha estivesse totalmente empenhada no combate. Só se essa primeira linha se quebrasse e fugisse é que a segunda entraria em ação, e mesmo então só para servir de proteção à primeira linha em fuga. Washington Faulconer dizia para consigo que estava a ser prudente e que tal cautela poderia vir ainda a significar a diferença entre uma derrota e um massacre.

Interrogou-se quanto ao paradeiro de Starbuck e sentiu a habitual chama do ódio. Faulconer culpava Starbuck por tudo o que lhe correra mal. Fora Starbuck que o humilhara em Manassas, Starbuck que subornara Adam, e Starbuck que o desafiara ao permanecer na Legião. Faulconer estava convencido de que se pudesse livrar-se de Starbuck, seria capaz de transformar a Brigada na unidade mais eficiente de todo o exército confederado, razão pela qual ordenara a Swynyrd que deixasse uma Companhia de escaramuceiros bem adiantada em relação à posição da Brigada. Esperara que Swynyrd soubesse ao certo qual a Companhia a ser sacrificada, mas não pensara que o idiota ébrio desperdiçasse ambas as Companhias. Claro que até essa perda valeria a pena, refletiu Faulconer, caso Starbuck se encontrasse entre as baixas.

À esquerda de Faulconer, uma coluna de tropas rebeldes avançava em passo acelerado, enquanto outra, que marchava com a mesma rapidez, se dirigia para a mata à direita da Brigada. Era óbvio que estavam a chegar reforços ao combate, o que significava, segundo decidiu, que não teria de fazer avançar os seus homens num pânico desesperado. Seria a lentidão e a firmeza que venceriam aquela luta, e tal cautela natural foi reforçada ao ver um cavalo sem cavaleiro, de flanco coberto de vermelho, a coxear estrada abaixo com as rédeas a arrastarem pela terra e os estribos a pingar sangue.

A Brigada Faulconer formou atarefadamente as novas linhas de batalha. Na primeira ala estavam a 65^a da Virgínia, os homens de Haxall do Arcansas e a 12^a da Florida. Os três regimentos ergueram as bandeiras empoeiradas, com as cores garridas já desbotadas pelo excesso de sol e rasgadas por inúmeras balas. Os estandartes pendiam no ar parado. O coronel Swynyrd entregou o cavalo a um dos seus dois escravos receosos e assumiu o lugar ao centro da primeira linha. O desejo sobrepôs-se finalmente à cautela e levou-o a tirar um frasco de uma bolsa que tinha no cinto.

— Estou a ver que o nosso galante coronel está a inocular-se contra os riscos da batalha — comentou sardonicamente o general Faulconer com o capitão Pryor.

— Bebendo água, meu general? — indagou Pryor, confuso. Thomas Pryor era novo na Brigada. Era o filho mais novo de um banqueiro de Richmond que fazia bastantes negócios com Washington Faulconer, e o financeiro suplicara ao general que aceitasse o filho. “O Thomas é um rapaz de boa índole,” escrevera o

banqueiro, “talvez demasiado, pelo que provavelmente uma época de guerra poderá ensinar-lhe que a humanidade não é honesta por natureza.”

A sugestão ingênua de Pryor de que Swynyrd estaria a beber água foi recebida por um instante de silêncio, após o que as gargalhadas varreram o quartel-general da Brigada.

— A água de Swynyrd — informou Faulconer — é aquela que dá coragem, adormece os homens e os faz acordar com dor de cabeça. — O general sorriu com o seu dito espirituoso e depois virou-se, indignado, quando um homem montado galopou na sua direção vindo da estrada.

— O meu general tem de avançar! — gritou o oficial, que vinha de espada desembainhada na mão direita.

Faulconer não se mexeu, esperando que o oficial parasse o cavalo. O animal ergueu a cabeça e bateu nervosamente as patas. Estava salpicado de suor e revirava os olhos.

— Tem ordens para mim? — perguntou Faulconer ao oficial excitado.

— Do general Jackson, meu general. O meu general tem de avançar com as outras brigadas. — O ajudante-de-campo gesticulou na direção da mata, mas Faulconer continuou sem se mexer, limitando-se a estender a mão. O oficial ficou de boca aberta. Mais ninguém naquele campo exigira ordens escritas, pois decerto ninguém poria em causa a urgência do assunto. Se os Ianques vencessem ali, não haveria nada que os impedisse de atravessar o Rapidan e interromper a ligação ferroviária de Richmond com o vale do Shenandoah, nem que os impedisse, com efeito, de avançarem sobre a capital rebelde. Não era altura para ter ordens escritas, mas sim para que os homens do Sul lutassem como heróis na proteção do país. — O general Jackson envia os seus cumprimentos, meu general — disse o ajudante-de-campo num tom que mal conseguia disfarçar a insolência —, e lamenta não ter tido tempo para escrever as ordens, mas ficaria muito agradecido se o senhor avançasse com a sua Brigada até às árvores e ajudasse a deter o inimigo.

Faulconer olhou para a mata. Os fugitivos continuavam a sair das sombras, mas a maioria era agora composta por feridos e não por homens assustados em busca de segurança. Perto da Brigada, duas pequenas peças de artilharia estavam a ser dispostas junto à estrada, mas os canhões pareciam uma força miserável para deter o barulhento assalto nortista que agitava as sombras das árvores.

Eram sombras compridas, projetadas pelo sol que ia ficando cada vez mais vermelho a oeste. Os fogos ateados pelas chamas das granadas tremeluziam nas profundezas da mata, onde as espingardas crepitavam furiosamente.

— Transmito ao general Jackson que o meu general não vai avançar? — perguntou o oficial montado numa voz temperada pela proximidade do desespero. Não indicara o seu nome, nem anunciara a sua autoridade, mas a urgência do tom e a espada que empunhava eram toda a autoridade de que precisava.

Faulconer desembainhou a sua própria espada. Não queria avançar, mas sabia que agora não lhe restava qualquer alternativa. A reputação e a honra dependiam da sua entrada naquela mata terrível.

— Coronel Swynyard! — chamou, mas as palavras pouco mais eram do que um gemido rouco. — Coronel! — voltou a gritar, desta vez mais alto.

— Meu general! — Swynyard voltou a guardar o frasco de uísque na bolsa.

— Faça avançar a Brigada! — ordenou Faulconer.

Swynyard desembainhou a espada, com a lâmina a trespassar a derradeira luz do dia. À frente dele viam-se fogos a arder entre as árvores, as suas chamas brilhantes nas sombras escuras onde havia homens a lutar e a morrer.

— Avançar! — gritou Swynyard.

Avançar para o inferno onde a mata ardia.

Para a batalha.

BIOGRAFIA



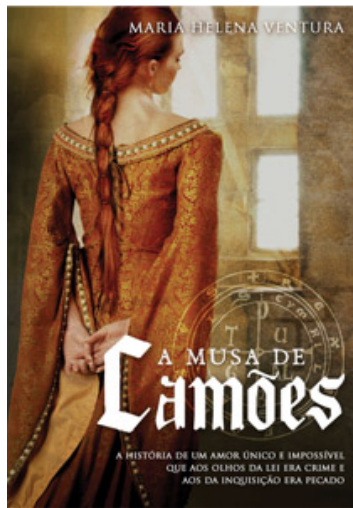
BERNARD CORNWELL nasceu em Londres e cresceu em Essex. Trabalhou para a BBC antes de conhecer a sua esposa americana, tendo-se mudado para os EUA onde iniciou a sua carreira de escritor. O seu primeiro romance, *Sharpe's Eagle*, sobre um soldado nas Guerras Napoleónicas, tornou-se um sucesso e originou uma série com mais de vinte livros e subsequente adaptação televisiva. É também o autor de várias séries históricas como *As Crónicas de Nathaniel Starbuck*, *A Trilogia dos Senhores de Guerra* e outros thrillers e romances de grande reputação.

[Mais informações em
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM](http://WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM)

PUBLICIDADE

A Musa de Camões

MARIA HELENA VENTURA



A história de um amor único e impossível, que aos olhos da lei era crime e aos da Inquisição era pecado

A Musa de Camões recua até ao séc. XVI, para a Lisboa de onde partem as caravelas que descobrem o mundo e chegam as especiarias que maravilham a Europa. No paço real vive a mais bela e rica princesa da cristandade: a Infanta D. Maria. Nas ruelas tortuosas aventura-se o mais talentoso poeta da época: Luís de Camões. Mas Lisboa não tem só encantos. A Infanta, invulgarmente culta e graciosa, retratada por pintores e cantada por poetas, vive asfixiada por uma corte que conspira para que não case nem leve o dote mais cobiçado da Europa. E Camões, invejado pelo talento único e odiado por maridos cujas mulheres cantou e encantou, é um desafortunado que até El Rei pretende exilar para longe. Um dia os seus olhares cruzam-se. Tão diferentes de nascimento e posição, as suas almas desencantadas parecem gémeas. Uma deseja atenção, a outra anseia por uma musa, ambas encontram o amor. Trazendo à vida uma época gloriosa e personagens fascinantes, Maria Helena Ventura conta-nos a história de um amor único e impossível, que aos olhos da lei era crime e aos da Inquisição era pecado.

[Mais informações em
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM](http://WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM)